



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Patrícia Medeiros de Lima

O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil:
carreira profissional e construção de identidade

Florianópolis
2021

Patrícia Medeiros de Lima

O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil:
carreira profissional e construção de identidade

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do título de doutora em Jornalismo.

Orientadora: Prof.(a) Rita de Cássia Romeiro Paulino,
Dr.(a)

Coorientador: Prof. Fábio Henrique Pereira, Dr.

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lima, Patrícia

O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil :
carreira profissional e construção de identidade /
Patrícia Lima ; orientador, Rita de Cássia Romeiro
Paulino , coorientador, Fábio Pereira , 2021.

426 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa
de Pós Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalistas de Dados . 3. Carreira .
4. Identidade . 5. Mundos Sociais . I. Romeiro
Paulino , Rita de Cássia. II. Pereira , Fábio . III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Jornalismo. IV. Título.

Patrícia Medeiros de Lima

O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil:
carreira profissional e construção de identidade

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Daiane Bertasso Ribeiro, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Márcio Carneiro dos Santos, Dr.
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Florence Le Cam, Dra.
Université Libre de Bruxelles

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Jornalismo pelo programa em Pós-Graduação em Jornalismo.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Rita de Cássia Romeiro Paulino Dr.(a)
Orientadora

Florianópolis, 2021.

Aos meus pais, irmãos, irmã e sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi uma tarefa fácil, mas foi especial, pois tive pessoas maravilhosas nesta jornada! Agradecer é um ato de reconhecimento a todas, todos e todes que contribuíram e tornaram mais leve a caminhada do doutorado. Devo dizer que escrever os agradecimentos me enche de variados sentimentos, e a alegria é o maior deles!

Primeiro quero agradecer aos profissionais envolvidos generosamente nesta pesquisa. Pessoas que se dispuseram a me ouvir, a contribuir e que acreditaram na seriedade desta tese: vocês são, de fato, os atores sociais que possibilitaram este trabalho.

Eu sou a menina do interior paraibano, de família pobre, de pais analfabetos, dos irmãos que não tiveram a mesma oportunidade, mas que é feita de coragem e força como toda e boa filha de Iansã! Nunca desistimos! Somos fortes, resistentes e persistentes! Agradecer aos meus é mais que dizer obrigada, é um ato de partilha. Sendo assim, quero dizer gratidão à Dona Josefa Alves e ao seu José Luiz pelas oportunidades, pelo encorajamento e pela fé na sua filha! Gratidão, Valdir Medeiros e Vanduí Medeiros, meus queridos irmãos e, gratidão à forte e guerreira irmã, Gorete Medeiros.

Meire Lopes, você foi essencial nesta jornada! O apoio, o carinho, a escuta, o incentivo! Foi você quem me disse tantas vezes: você consegue! Obrigada por trilhar comigo este momento! Te amo! Junto com você, ganhei alguém especial e quero dizer: valeu por toda força e partilha, Michel Lopes.

Emanuella Santos, você não poderia ficar fora destes agradecimentos. A pessoa que mais me diz: você é grande! Vai lá amiga, tu consegue! Não desiste! Minha parceira no mestrado e na vida, eu te devo tanto, que nem sei explicar! Te amo, minha amiga!

Morar em Brasília e cursar doutorado em Florianópolis, a partir daí já se pode imaginar a rede de acolhimento que recebi. Pessoas que nem imaginava conhecer, mas que a vida acadêmica generosamente me deu: Nayane Rodrigues, eu devo dizer que você é a mais especial delas! Sangue nordestino, quando se encontra, se acolhe! Obrigada por tanto! Por me receber em sua vida, por me ouvir em tantas madrugadas e me abraçar quando precisei! A minha turma amada de doutorado, especialmente, Rafa, Jana e Maga, foi um prazer! Para além dessa turma linda, preciso agradecer aos colegas que os corredores do PPGJor, jornadas discentes e aulas me proporcionaram conhecer e que, de alguma maneira, estiveram presentes na árdua, mas gostosa jornada da pós-graduação.

Professora Rita Paulino, gratidão por tudo! Você me acolheu, respeitou minhas escolhas de pesquisa, me deu força, acalmou e especialmente me deu atenção! Sem sua

generosa orientação eu não teria chegado aqui! Saiba que você foi uma excelente orientadora! Sem me causar sofrimentos e angústias, ao contrário disso, me ouviu e na reta final suas palavras foram fundamentais: “não torne o doutorado um sofrimento, descanse e retorne, pois vai dar tudo certo!” Seu acolhimento é de uma grandeza imensa! Obrigada, muito obrigada!

Professor Fábio Pereira: você é inspiração, seriedade e exemplo de um bom pesquisador! Minha primeira ida à Universidade de Brasília, lá em 2015, para participar de uma escola de verão me trouxe uma grata surpresa: você! As disciplinas como aluna especial, os grupos de pesquisa, as orientações sobre objeto de estudo, os pesquisadores maravilhosos que tive oportunidade de conhecer e conviver, dentre tantos, Florence Le Cam, Olivier Trédan e Denis Ruellan foram essenciais para esta tese. Você fez pontes, me proporcionou orientações com esses pesquisadores, me abriu as portas para o doutorado, me ajudou a voar! Obrigada pela generosidade, paciência, orientações, prumos de rotas científicas e, especialmente, por ter sido meu coorientador!

Aos queridos professores do PPGJor, de maneira bem especial, Samuca Lima, que prontamente respondeu um e-mail de uma desconhecida, dizendo que seria muito bem-vinda ao programa. Obrigada, Samuca! A resposta acolhedora daquele e-mail me deu coragem! Gislene Silva, você tornou minha ponte área mais divertida e leve! As aulas de metodologia e estágio docência com você foram de grande aprendizagem. Você é icônica, inteligente, admirável! Me senti acolhida e quero te dizer: obrigada!

Agradeço aos meus colegas de trabalho e aqueles que tornaram-se meus amigos, Alex Medrado, Thiago Maroca, Josyane Lannes e Denis Lopes! Foi na Estácio que tive minha primeira oportunidade de entrar em sala aula, foi na Estácio que formei jornalistas e publicitários, foi na Estácio que chorei de emoção por ser paraninfa e homenageada pelos meus queridos alunos, alunas e alunes. Foi lá que dividi tantas dores, superação e conquistas com aqueles que sonham com o diploma de ensino superior! Tantas histórias parecidas com a minha. Obrigada, Estácio por esta oportunidade e pela bolsa de incentivo à formação docente, que me deu condições de finalizar essa trajetória.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao meu axé. A minha irmã de candomblé e da vida, Magdala Paz, que, por tantas vezes, pegou na minha mão, me acalmou e acreditou em mim. A minha amada Yalorixá, Mãe Fátima de Ossain, que me ensina tanto com seu sábio silêncio e precisão em falar quando chega a hora certa. Obrigada por cuidar de mim! Que Iansã e Oxossi nos deem força e prosperidade sempre! Kolofé Olorum! Fecho por aqui com felicidade no coração e com um ditado da cultura iorubá que diz muito sobre este momento: Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”.

RESUMO

O objetivo desta tese é analisar a carreira dos jornalistas de dados brasileiros. Para isso, observamos a carreira no jornalismo e como o Jornalismo de Dados (JD) se configura na trajetória profissional dos entrevistados. Trata-se de indivíduos que, no percurso da carreira, ingressaram no micromundo do JD, espaço situado entre mundos sociais distintos. O Jornalismo de Dados integra o mundo dos jornalistas, por se utilizar de um conjunto de convenções tanto associadas às práticas e valores tradicionais da produção jornalística, como a de bandeiras ideológicas advindas das Ciências da Computação, entre outros mundos. Diante de mudanças significativas causadas pela lógica da comunicação em rede, o Jornalismo de Dados surge sustentado na oferta de dados digitais e do fenômeno da *Big Data*. As crenças, valores, práticas e os processos interacionais que sustentam esse espaço, despertou o interesse de desenvolvimento desta pesquisa. O estudo se estrutura a partir de conceitos oriundos do Interacionismo Simbólico, como o de Mundos Sociais para investigar o fenômeno. O percurso metodológico se sustenta como uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa. A realização de entrevistas abertas em profundidade, a observação participante e o método de análise das histórias de vida, nos permitiram investigar a construção de carreiras dos atores sociais entrevistados. A pesquisa, então, se desenvolve também com o propósito de discutir e compreender a prática do Jornalismo de Dados a partir dos próprios sujeitos. Como conclusão, reflete-se que o micromundo do JD é um dos espaços de atuação profissional que se encontra no âmbito dos processos de transformação e segmentação que afetam o jornalismo. A partir disso, foi possível analisar e entender como a carreira e a identidade desses atores se constrói diante dos variados processos interativos que ocorrem no micromundo estudado.

Palavras-chave: jornalistas de dados; carreira; identidade; mundos sociais; micromundo.

ABSTRACT

The aim of this thesis consists in analyzing the career of the Brazilian data journalist. For this purpose, we investigated this career as well as how Data Journalism (DJ) is explored during the interviewees' professional trajectory. During their careers, data journalists joined the DJ microworld, which is placed between different social worlds. By allowing journalists to use a set of conventions, both associated with traditional practices and values of journalistic production and ideological banners from computer sciences, among other worlds, DJ is part of the journalists' world. Faced with significant changes caused by the logic of network communication, DJ has been supported by the offer of digital data and the Big Data phenomenon. The beliefs, values, practices, and interactional processes that sustain this space aroused the interest in developing this research. This study is based on concepts from Symbolic Interactionism, such as Social Worlds, to investigate the phenomenon. The methodological path used is an exploratory survey with a qualitative approach. Conducting in-depth open interviews, participant observation, and analyzing life stories methods allowed us to investigate the construction of careers of the interviewed social actors. This research also aims to discuss and understand the DJ practices from the perspective of journalists themselves. In conclusion, it is reflected that the DJ microworld is one of the spaces for professional performance that is within the scope of the transformation and segmentation processes that affect journalism. From this analysis, it was possible to analyze and understand how the career and identity of these journalists is built in the face of the various interactive processes that take place in the microworld studied.

Keywords: data journalists; career. identity; social worlds; microworld.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Proposta de fluxo de trabalho de Lorenz (2010)	33
Figura 2 - Diagrama “asa de morcego” de Florence Nightingale	36
Figura 3 - Reprodução de reportagem de Philip Meyer	39
Figura 4 - Pirâmide invertida do Jornalismo de Dados	45
Figura 5 - Etapas de pesquisa e marco temporal.....	91
Figura 6 - Idade dos respondentes	131
Figura 7 - Gênero dos respondentes	132
Figura 8 - Formação dos respondentes	132
Figura 9 - Há quantos anos trabalha na área do Jornalismo de Dados	134
Figura 10 - Empresa em que trabalha atualmente	135
Figura 11 - Cargo ocupado.....	136
Figura 12 - Você conhece o processo (etapas) de análise de dados?	138
Figura 13- Qual processo você utiliza no contexto de uma investigação jornalística?	139
Figura 14 - Das áreas citadas acima, qual (ais) você tem FACILIDADE de atuação	140
Figura 15 - Das áreas citadas acima, em qual (ais) você tem mais DIFICULDADE em atuar?	141
Figura 16 - Saber manusear ferramentas de visualização	142
Figura 17 - Saber fazer análise de dados	142
Figura 18 - Saber fazer raspagem de dados	143
Figura 19 - Saber fazer conversão de dados	143
Figura 20 - Saber interpretar dados	144
Figura 21 - Saber analisar, buscar e cruzar informações com novo viés até então não publicado.....	144
Figura 22 - Saber sistematizar os procedimentos de apuração com rigor investigativo até que a história esteja confirmada	145
Figura 23 - Saber planejar uma história e um método para depois publicar uma investigação	146
Figura 24 - Uma produção que contemple grau de confiança do banco de dados	146
Figura 25 - Relevância jornalística das Informações contidas no banco de dados	147
Figura 26 - Exatidão das análises dos dados	147
Figura 27 - Utilização de ferramentas e linguagens como visualização	148

Figura 28 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à conversão de dados?	149
Figura 29 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à raspagem de dados?	150
Figura 30 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à coleta de dados?	150
Figura 31- Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à limpeza de dados?	151
Figura 32 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à análise de dados?	151
Figura 33 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à visualização de dados?.....	152
Figura 34 - Como você se atualiza em relação às competências e ferramentas necessárias ao uso do JD?	153
Figura 35- A empresa que você trabalha investe em cursos de formação na área do JD ou por conta própria você investe em sua formação?	154
Figura 36 - Etapa de coleta de dados de Bradshaw	212

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de artigos sobre Jornalismo de Dados publicados por ano	58
Gráfico 2 - Número de dissertações sobre Jornalismo de Dados por ano de defesa	60
Gráfico 3 - Número de teses sobre Jornalismo de Dados por ano de defesa	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mapeamento dos núcleos de JGD no Brasil	51
Quadro 2 - Autores e instituições ligados aos artigos	57
Quadro 3 - Dissertações que trabalharam o Jornalismo de Dados	59
Quadro 4 - Teses que trabalharam o Jornalismo de Dados	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de Organizações de Jornalismo de Dados por Cidades	50
Tabela 2 - Tipos de Organização de Mídia	50
Tabela 3 - Periódicos de Comunicação que publicaram artigos sobre Jornalismo de Dados	57
Tabela 4 - Entrevistados pré-campo	108
Tabela 5 - Entrevistados pré-campo 2	110
Tabela 6 - Entrevistas de campo	111
Tabela 7 - Segmentos midiáticos	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

Abraji Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

CAR *Computer Assisted Reporting*

Coda.Br Conferência Brasileira de Jornalismo de Dados e Métodos Digitais

EJC *European Journalism Centre*

EUA Estados Unidos da América

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JD Jornalismo de Dados

JDBD Paradigma Jornalismo Digital em Bases de Dados

JGD Jornalismo Guiado por Dados

JP Jornalismo de Precisão

LAI Lei de Acesso à Informação

RAC Reportagem Assistida por Computador

TIC Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 DIVISÃO DOS CAPÍTULOS.....	24
2 CAMINHOS E DEFINIÇÕES DO JORNALISMO DE DADOS	26
2.1 JORNALISMO DE DADOS: ALGUNS INDÍCIOS.....	27
2.1.1 Breve incursão: o uso dos dados e o JD	34
2.2 ENTRE JORNALISMO INVESTIGATIVO E COOPERAÇÃO	36
2.3 EMBATES CONCEITUAIS, MAS UMA SÓ PRÁTICA?.....	41
2.4 JORNALISMO DE DADOS NO BRASIL.....	48
3 APORTES TEÓRICOS: ESTUDOS DAS PROFISSÕES E DOS MUNDOS SOCIAIS.....	64
3.1 PROFISSÕES E OCUPAÇÕES.....	64
3.1.1 Perspectiva funcionalista.....	67
3.1.2 O paradigma interacionista	69
3.1.3 Perspectivas teóricas mistas dos estudos das profissões.....	72
3.2 A CONCEPÇÃO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO	73
3.2.1 Profissionalização dos jornalistas.....	75
3.3 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE	78
3.3.1 Identidade profissional dos jornalistas	79
3.4 MUNDOS SOCIAIS E ATIVIDADE COLETIVA.....	82
3.5 O JORNALISMO COMO MUNDO SOCIAL	85
3.5.1 O mundo dos jornalistas.....	86
3.5.2 A construção de micromundos	87
4 PERCURSO METODOLÓGICO	89
4.1 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	91
4.1.1 I Pré-campo: Conhecendo a comunidade de Jornalismo de Dados	95
4.1.2 II Pré-campo: Jornalismo de Dados na prática	99

4.2 PESQUISA DE CAMPO: ESCOLHA DOS ENTREVISTADOS	106
4.3 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	107
4.4 ENTREVISTAS	117
4.5 ESTUDO DAS CARREIRAS EM ARCO TEMPORAIS	118
4.6 HISTÓRIAS DE VIDA	119
4.7 CODIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CATEGORIAS DE ANÁLISE	120
5 PRELÚDIO DA ANÁLISE	122
5.1 MAPEANDO O MICROMUNDO	122
5.2 COMPETÊNCIAS IMPORTAM?	126
6 OS JORNALISTAS DE DADOS BRASILEIROS: PERSPECTIVA DA CARREIRA PROFISSIONAL.....	158
6.1 A ESCOLHA DA PROFISSÃO	161
6.2 FORMAÇÃO: A UNIVERSIDADE NÃO ME ENSINOU, EU APRENDI POR CONTA PRÓPRIA	170
6.3 O GOSTO E A ADESÃO PELO MICROMUNDO DO JORNALISMO DE DADOS: O INGRESSO NO JD.....	176
6.3.1 O aspecto <i>hackativista</i>: transparência das informações e colaboração..	182
6.4 A DIMENSÃO COLETIVA NA PERSPECTIVA DA CARREIRA.....	187
6.4.1 O Jornalismo de Dados foi um <i>twist</i> na minha carreira: as mudanças na carreira	188
6.5 O MICROMUNDO DO JD E SUAS SEGMENTAÇÕES	191
6.5.1 Os jornalistas pioneiros	193
6.5.2 Jornalistas experientes/atuentes.....	197
6.5.3 Jornalistas iniciantes.....	201
6.6 AS COMPETÊNCIAS	208
6.7 NEGOCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.....	214
6.7.1 As fontes.....	215
6.7.2 Os valores tradicionais do jornalismo.....	218

6.8 IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO.....	222
6.9 AVALIAÇÃO DE CARREIRA.....	228
7 CONCLUSÕES.....	233
REFERÊNCIAS	240
APÊNDICE A –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	254
APÊNDICE B – ENTREVISTAS PRÉ-CAMPO I	257
APÊNDICE C – ENTREVISTAS PRÉ-CAMPO II.....	267
APÊNDICE D – ENTREVISTAS CAMPO.....	276

1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo de Dados (JD) é discutido no âmbito acadêmico como um tipo de prática emergente que surge dentro do espaço jornalístico digital, ou das mudanças advindas com as inovações técnicas da Web. Decorrente de um conjunto de práticas da tradição da Reportagem Assistida por Computador (RAC) e do Jornalismo de Precisão (JP), o JD é potencializado pelo desenvolvimento da informática e também pelas mudanças do modelo midiático que predominou no século XX.

Com aplicação de técnicas computacionais e científicas no processo produtivo jornalístico, especialmente na apuração, na edição e na publicação, o Jornalismo de Dados passou a se configurar como um tipo de prática que amplia a capacidade investigativa de fiscalização e de transparência do jornalismo.

Derivado de uma combinação de elementos e mecanismos de mundos sociais distintos, surge um segmento que manifesta crença na capacidade das técnicas das Ciências Sociais e da Informática às rotinas produtivas jornalísticas com o objetivo de substituir o jornalismo declaratório, por fontes baseadas em bancos de dados, com procedimentos de transparência. Nesse contexto, a nova prática é rapidamente legitimada, combinando valores, mitos e discursos profissionais advindos da cultura hacker e do jornalismo da Web, e os profissionais passam a discutir e defender a capacidade do jornalismo de reafirmar sua função democrática.

Ao longo dos anos 2000, os debates sobre o Jornalismo de Dados se expandiram dentro das redações, nas pesquisas acadêmicas e no próprio mercado de trabalho. Em um movimento que ganhou investimento pelas empresas de mídia em um primeiro momento e logo depois passou a se configurar como uma prática defendida pela própria comunidade profissional, o JD nos permite olhar para algumas dinâmicas do jornalismo contemporâneo.

Vivenciamos em contexto mais recente o que potencialmente o Jornalismo de Dados pode oferecer. Em meio a um processo pandêmico mundial, o jornalismo se deparou com desafios de uma cobertura marcada por um grande fluxo informacional e da chamada desinformação.

Os dados públicos neste âmbito são de extrema importância para o trabalho jornalístico e foram, no caso do Brasil, represados pelos governos, o que acabou gerando um movimento inédito em que equipes dos maiores veículos de mídia do país, entre eles, *Globo*, *Folha de S. Paulo* e *UOL*, dividiram tarefas de apuração e compartilhamento de informações para levar em tempo real os dados consolidados sobre mortes, infectados e evolução do contágio pela Covid-19. A ideia do chamado consórcio de comunicação formado pelos

veículos desenvolveu um trabalho colaborativo entre eles com defesa da transparência dos dados e da disponibilização dos bancos de dados públicos. O movimento surgiu em resposta à decisão do Governo Federal em barrar o acesso a dados sobre a pandemia pela a imprensa, levantando as discussões dos princípios defendidos pelos jornalistas de dados.

Isso tudo é resultante do que presenciamos ao longo dos séculos com surgimento de novos formatos e segmentos no mundo do jornalismo: práticas perpassadas pelas crenças e pelos valores do jornalismo tradicional e de outras culturas e movimentos advindos da *Web*. No cenário das chamadas novas práticas ou mudanças, o desenvolvimento tecnológico e a chegada da internet causaram impactos na rotina profissional.

Juntamente com o acesso livre aos dados e a uma gama de informações em rede, os computadores, os celulares e os *tablets* passaram a fazer parte do dia a dia do jornalista como ferramentas de trabalho.

A rede telemática de computadores cresceu rapidamente e a quantidade de dados disponíveis e circulando no ambiente digital possibilitou aos jornalistas outras fontes de informação, outros espaços produtivos, além do uso de outras linguagens.

A disponibilização dos bancos de dados digitais e a programação dos algoritmos já eram apontadas no ano de 2013 por Chris Anderson, Emily Bell e Clay Shirky, no dossiê *Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos*, como um dos principais desafios da realidade cotidiana do jornalista.

Feeds de informações entregues em tempo real – um *Twitter* de dados – terão um papel maior em decisões editoriais e em matérias. Caberá ao jornalista definir a quem pertencem esses dados, determinar o que pode ser terceirizado para outras tecnologias comerciais e o que precisa ser mantido. (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 53).

O Jornalismo de Dados se localiza nessa profusão informacional de dados digitais que é fortificada pela adoção de políticas de acesso à informação e transparência por governos de todo o mundo. Compreendidos como políticas de dados abertos (*open data*) ou transparência pública (*open government*), esses mecanismos causaram um movimento dentro da internet, pois agora os dados que, antes, não podiam ser obtidos, estavam disponíveis (ANGÉLICO, 2012).

A abertura dos bancos de dados públicos no Brasil é marcada pela Lei de Acesso à Informação (LAI). Com diretrizes para a divulgação de informações, independentemente de solicitações e fomento à transparência na administração pública, a lei possibilita a

participação cidadã. Neste contexto, a imprensa é que toma a linha de frente na publicização das ações administrativas públicas.

Assim, o compartilhamento informacional em rede a partir dos dados abertos apresenta mais um espaço para a produção jornalística. Nesse ponto, a linguagem ganha também forma própria com narrativas baseadas em visualização gráfica, audiovisual, infográfica, etc.

Retomando um pouco a linha temporal, o jornalista Philip Meyer foi o pioneiro na forma de trabalhar a informação por intermédio de base de dados. No jornal *Detroit Free Press*, Meyer produziu uma matéria sobre distúrbios raciais em Detroit. Utilizou um computador *mainframe* para analisar a demografia dos negros na cidade, fazendo uma junção entre computadores e ciência social. Foi o precursor da chamada *Computer-Assisted Reporting* (CAR) (LIMA JUNIOR, 2012).

Meyer publicou estudos defendendo a necessidade de o jornalista basear seu trabalho em técnicas científicas de apuração da notícia e no uso dos dados para fazer reportagens. Com a obra *Precision Journalism*, de 1973, ele sintetiza seu pensamento sobre o uso de instrumentos numéricos para realizar reportagens, como a coleta de dados a partir de pesquisa empírica com questionários impressos e entrevistando pessoas para obter informação. Recomenda ainda seis passos de como usar os dados de modo mais adequado, a saber:

1. Reúna-os. Querendo ou não você nunca tentará imitar cientistas em seus métodos de coleta de dados, você pode lucrar se souber alguns de seus truques. É sempre bom lembrar, como o professor H. Douglas Price me disse em Harvard, na primavera de 1967, que “os dados não vêm da cegonha”.

2. Armazene-os. Jornalistas à antiga armazenam dados em pilhas de papel em suas mesas, em cantos de seus escritórios, e, se eles são realmente bem organizados, em grampo-arquivos. Computadores são melhores.

3. Recupere-os. As ferramentas do jornalismo de precisão podem ajudá-lo a recuperar dados que você mesmo recolheu e armazenou, dados que alguém armazenou, ou ainda dados que alguém armazenou por motivos completamente alheios a seu interesse.

4. Analise-os. Análise jornalística muitas vezes consiste em fazer apenas a triagem para encontrar e listar os desvios interessantes, mas também pode envolver pesquisas para o nexos de causalidade implícita, para os padrões que sugerem que fenômenos diferentes variam juntos por razões interessantes.

5. Reduza-os. A redução de dados tornou-se tão importante no jornalismo quanto a coleta de dados. Uma boa notícia é definida pelo que deixa de fora, bem como pelo que inclui.

6. Comunique-os. Um relatório não lido ou não entendido é um relatório desperdiçado (MEYER, 1991, p. 33).

Com a quantidade dos dados digitais e o trabalho com máquinas cada vez mais potentes e rápidas, a função jornalística de fiscalizar as instituições públicas ou em nome do interesse público é ampliada no âmbito do Jornalismo de Dados. A dependência de fontes como autoridades, entre outras, para fornecer informações, ganha tônica diferente nesse contexto. O jornalismo declaratório, ou seja, o tipo de jornalismo que parte da prática de fazer produções jornalísticas com base apenas em declarações de fontes de informação perde sua força nesse espaço.

Para Parasie e Dagiral (2013b), as formas da prática do Jornalismo de Dados estão assentadas sobre a mudança nas relações entre os jornalistas e suas fontes. Todavia, é necessário pontuar que, embora essa relação tenha ganhado outras possibilidades e independência maior das declarações de autoridades, parte considerável das bases de dados utilizadas pelos repórteres são produzidas e disponibilizadas pelas mesmas instituições que os jornalistas costumam ouvir através de seus porta-vozes.

Os pesquisadores ainda afirmam que o Jornalismo de Dados e sua expansão nas redações, além de ser baseado na ampliação do número de fontes disponíveis, potencializa-se também pelo aumento das publicações de base de dados por parte das organizações. A desconexão entre informação e as estratégias de relações das organizações públicas possibilitam o acesso, a análise direta dos dados pelos jornalistas e a redução de custos de investigação, já que estes não se deslocam por grandes períodos de tempo para averiguar os arquivos, além da disponibilidade de softwares gratuitos e eficazes para realizar as análises.

Neste cenário, o jornalista se depara com modos de produção até então não realizados, o que traz desafios, novas competências e novas formas de atuação e de construção de carreira. Assim, esta pesquisa enxerga o Jornalismo de Dados como um micromundo, ou o que alguns estudiosos denominam de “segmento” e, que faz parte do mundo dos jornalistas, apresentando-nos um fenômeno interessante de análise em termos de carreira e identidade.

Filiada ao Paradigma do Interacionismo Simbólico a partir do conceito de Mundos Sociais (BECKER, 1982; STRAUSS, 1992) e de Micromundo (TRÉDAN, 2015), a tese defende que o JD surge dentro de um processo de construção de uma base convencional distinta no interstício de diferentes mundos sociais.

Este trabalho trata-se, portanto, de um estudo de carreiras a partir de um aporte teórico da sociologia profissional interacionista, o que nos possibilita analisar a carreira dos

entrevistados desta pesquisa em uma perspectiva móvel em que o indivíduo olha para sua vida como um todo e assim interpreta os significados das ações que acontecem. Também nos favorece levar em consideração todos os atores que fazem parte do sistema organizacional como integrantes importantes na realização da atividade fim (BECKER, 2009).

Dessa forma, tomamos a concepção de carreira a partir do pensamento do sociólogo estadunidense Howard Becker, o qual destaca a dualidade das dimensões individuais e coletivas de uma carreira. De acordo com Becker (2009), o desenvolvimento de carreiras depende da infinidade de escolhas feitas pelo indivíduo no decorrer de sua trajetória a partir das interações com outros atores.

Para estudar uma carreira, é necessário analisar a trajetória de quem pratica certa atividade, mas também as práticas dos atores sociais responsáveis por defini-la. Neste sentido, este estudo se baseia na perspectiva da profissão em seus aspectos negociais e evolutivos.

Assim, o objeto de estudo se dedica a discorrer sobre a carreira no âmbito do jornalismo.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a carreira dos jornalistas de dados brasileiros. Para isso, a investigação parte das trajetórias individuais e dos processos de escolha ao longo das histórias de vida dos profissionais. O estudo das carreiras revela para além do engajamento nas trajetórias pessoais, e propicia, também, a visualização de um engajamento no trabalho e no mundo profissional, o que nos proporciona discutir sua estrutura, organização e mobilidade. Os objetivos específicos são: 1) observar o micromundo do Jornalismo de Dados a partir das redes de cooperação do mundo dos jornalistas, que conta com a participação de atores, instituições e convenções de outros mundos sociais, e 2) abordar a construção identitária dos atores sociais do micromundo do Jornalismo de Dados.

O problema de pesquisa parte da seguinte questão: como o Jornalismo de Dados, enquanto um segmento do mundo dos jornalistas, configura-se no contexto das carreiras dos profissionais que nele ingressam? Esse questionamento possibilita fazer uma análise da trajetória profissional dos atores, bem como compreender as dinâmicas da prática jornalística de dados.

Para isso, o percurso metodológico adotado parte de uma triangulação de procedimentos que nos deram condições de estruturar a pesquisa, responder à questão central e cumprir os objetivos. Para realizar este trabalho, utilizamos o método de histórias de vida. Os entrevistados fazem seus relatos a partir da gestão biográfica. Os dados foram coletados por meio da técnica de entrevista aberta em profundidade.

O caminho metodológico foi percorrido, em um primeiro momento, por dois pré-

campo de pesquisa, com a realização de entrevistas com jornalistas de dados, observação participante, aplicação de questionário, pesquisa documental e diário de campo. Essa fase foi de suma importância, pois a partir dela traçamos a estrutura da metodologia a ser utilizada e tínhamos em mão os dados necessários para conduzir a etapa final da pesquisa.

O campo de pesquisa em si contou com a realização de mais entrevistas com profissionais do Jornalismo de Dados. Essa etapa sustentou nossa análise e o objeto de estudo. Trazemos para este trabalho conceitos oriundos da sociologia qualitativa, com inspiração em técnicas de pesquisa etnográfica, o que nos auxiliou a desenvolver a proposta desta tese.

Protagonizado por profissionais de mundos distintos, como jornalistas, programadores, cientistas sociais, estatísticos, entre outros, o Jornalismo de Dados nos permite um campo fértil de análise que além das carreiras e identidade profissional, possibilitar discutir os contextos de mudanças e permanências do jornalismo ao longo do processo do advento da informatização das redações.

Este estudo justifica-se, acreditamos, pela relevância em discutir uma das variadas formas de “ser jornalista”, partindo de uma análise em que a carreira é um ato de realização individual, mas também coletiva. Tomamos a carreira como um fenômeno social, institucional e individual.

O *corpus* da pesquisa é composto por entrevistas com 29 profissionais que trabalham ou trabalharam com Jornalismo de Dados, seja em veículos de mídia, agências de dados, associações e como freelancers. A pesquisa não levou em consideração somente os jornalistas como possíveis entrevistados, por se tratar de um trabalho fincado em uma abordagem interacionista a partir dos mundos sociais outros atores fazem parte do corpus, contexto que apresentamos na análise da pesquisa.

1.1 DIVISÃO DOS CAPÍTULOS

A tese está dividida em duas partes: a primeira é dedicada aos aportes teóricos, revisão de estudos e bases metodológicas. A segunda contempla a parte empírica do trabalho. A divisão facilitou a organização das diferentes fases da pesquisa como já apresentado, pois o volume de dados coletados em momentos distintos de campo representam fases e percursos que sustentam a tese.

Assim, no segundo capítulo, apresentamos a revisão de estudos no que tange o Jornalismo de Dados. Surgimento, expansão, prática no contexto mundo e Brasil. O terceiro capítulo é pensado em duas partes, nas quais tratamos dos aportes teóricos que sustentam o trabalho. Na primeira parte, tratamos da Sociologia das profissões – trazemos um panorama

dos principais paradigmas, destacando nossa aderência a sociologia interacionista –, abordamos o jornalismo enquanto profissão e a construção de identidade. Na segunda parte, versamos sobre o conceito de mundos sociais e micromundos e, o jornalismo a partir desta perspectiva.

No quarto capítulo, traçamos o percurso metodológico do trabalho, explorando as escolhas de método e técnicas utilizadas para estruturar a tese, que parte de uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa.

O quinto capítulo é dedicado ao que intitulamos “prelúdio da análise”, parte importante que antecede o capítulo analítico e trata de apresentar as etapas da pesquisa que foram primordiais para delimitar o objeto de estudo. Acreditamos que o espaço preambular a análise mostra a dimensão e esforços empreendidos ao longo do desenvolvimento desta tese.

Por fim, no sexto capítulo nos debruçamos na análise da pesquisa. Nesse escopo do trabalho, as carreiras dos jornalistas de dados são discutidas. As falas dos entrevistados é o recorte principal que sustenta as discussões às quais a tese se propôs. É a partir da trajetória dos atores que enxergamos o micromundo do Jornalismo de Dados e o mundo dos jornalistas.

2 CAMINHOS E DEFINIÇÕES DO JORNALISMO DE DADOS

Este capítulo trata sobre o desenvolvimento do Jornalismo de Dados (JD) no mundo e no Brasil. A proposta é traçar a partir de um debate teórico as definições mais recorrentes da área no âmbito de uma revisão de estudos que tratam sobre a temática a qual esse trabalho se filia. O intuito é situar o objeto de estudo desta pesquisa no contexto das principais discussões sobre o tema.

É importante deixar evidenciado porque optamos em utilizar o termo Jornalismo de Dados ao invés de outros, como Jornalismo Guiado por Dados ou Jornalismo Computacional. É recorrente para os pesquisadores da área se depararem com expressões variadas, mas que falam basicamente do mesmo tipo de prática jornalística. Marcado por embates conceituais como trataremos neste capítulo, existe certa dificuldade, se assim podemos afirmar, em relação a uma definição mais estruturada, levando em consideração que os dados sempre fizeram parte do trabalho jornalístico. Embora saibamos que falamos de um mesmo fenômeno independentemente do termo usado, chegamos à conclusão, no contexto desta pesquisa, que utilizar a nomenclatura Jornalismo de Dados é, para nós, mais próximo do que acreditamos ser esse tipo de prática, especialmente diante do que averiguamos no campo de pesquisa.

A realização das entrevistas com profissionais, a observação participante e as conversas informais com jornalistas nos conduziram a usar o termo Jornalismo de Dados, pois este se posiciona mais próximo do que os nossos entrevistados enxergam e defendem como prática ou área de atuação. As falas enfatizam o termo como o mais concreto e fácil de assimilação quando se discute a visão dos atores sociais que fazem parte do que chamamos de micromundo do Jornalismo de Dados.

Para nos aproximarmos da visão dos profissionais, resolvemos utilizar o termo, embora não divergimos com a utilização de outras nomenclaturas da área. Percebemos, na verdade, que todas de alguma maneira buscam analisar as nuances das reconfigurações do trabalho jornalístico a partir da ambiência da profusão dos dados digitais. Como discutiremos nos tópicos a seguir, as visões teóricas para abordar o tema são aqui revisitadas e analisadas cada qual em sua proposta.

Assim, temos consciência de que no âmbito da academia existe o uso mais recorrente do termo “Jornalismo Guiado por Dados”, mas compreendemos que as definições convergem para um mesmo entendimento e não causam prejuízos à proposta da tese utilizar o termo “Jornalismo de Dados”.

Ainda em construção ou consolidação no que tange às pesquisas acadêmicas, visitar as temáticas e abordagens mais comuns em termos de referenciais teóricos e

metodológicos nos permite visualizar a área, que notoriamente ganha mais expansão com o aumento de trabalhos publicados desde o ano de 2009.

2.1 JORNALISMO DE DADOS: ALGUNS INDÍCIOS

Consideramos relevante iniciar o capítulo a partir do movimento que acreditamos ser um dos mais importantes no âmbito do Jornalismo de Dados e que nos auxilia a compreender esse tipo de jornalismo, que é a cultura dos dados abertos na *Web*. Apresentamos, neste tópico, os passos do que trouxe para o jornalismo a perspectiva da produção a partir de dados digitais ou das configurações advindas da internet.

Em muitos países, esse movimento gerou a tendência do princípio democrático dos dados governamentais abertos ou Open Government, que também são conhecidos como as políticas de Open Data, ou seja, bases de dados antes difíceis de serem obtidas, nos últimos anos estão disponíveis na internet. Neste contexto, os jornalistas têm a matéria-prima e as ferramentas à disposição para desempenhar investigações jornalísticas (ANGÉLICO, 2012).

Trédan (2015) pontua que o governo de Barack Obama iniciou esse movimento nos Estados Unidos¹, em janeiro de 2009. Posteriormente, veio a contribuição da Grã-Bretanha, que disponibilizou cerca de 5.600 bases de dados no início do ano de 2011. Na sequência, a Nova Zelândia, a Austrália e o Brasil aderiram ao movimento.

Para Mancini e Vasconcellos (2016), a cultura do *Open Government* e a adoção da Lei de Acesso à Informação (LAI) trazem um cenário realmente novo para o jornalismo, que associado à busca on-line e a novos softwares de análise e visualização, amplifica o campo de investigação jornalística.

A transparência pública digital, ou seja, a participação de Estados e governos, entidades do terceiro setor, representantes da sociedade civil e outras, junto a ampliação do uso da internet impactou em marcos regulatórios, dentre os quais Mastrella (2020, p. 46) destaca:

1) disseminação de leis de acesso à informação em vários países, como Índia e Alemanha (2005), Suíça (2004), México (2002), Bulgária (2000), Brasil (Lei nº 12.527/2011), entre outros (MICHENER, 2011; BERLINER, 2014).

2) a adesão política de 70 países, incluindo o Brasil, à Declaração de Governo Aberto.

¹ Vale destacar o *Freedom Of Information* (FOIA) norte-americano adotado nos Estados Unidos, que serviu como precursor para o desenvolvimento do direito fundamental à informação do cidadão norte-americano de garantia individual e para o aperfeiçoamento da democracia.

Conhecida como *Open Government Partnership* (OGP), a iniciativa foi iniciada em 2011 e as nações signatárias prometem, entre outras coisas, aumentar a transparência pública e combater a corrupção;

3) a incorporação, em ordenamentos jurídicos, da ideia de informação como bem público e como um direito humano fundamental (MENDEL, 2009);

4) a difusão e intensificação do ativismo em torno dos princípios dos dados abertos (EAVES, 2009).

As políticas de transparência digital foram elementos catalisadores para o surgimento do tipo de jornalismo que hoje denominamos Jornalismo de Dados. A digitalização de grandes volumes de informação é outro ponto importante para se destacar. Nesse processo, frisam Parasić e Dagiral (2013), jornalistas com domínio em linguagem básica de programação iniciaram pequenos experimentos para criar e lançar aplicativos de notícias. No ano de 2010, com a criação dos primeiros núcleos de dados nos jornais *The New York Times*, *Chicago Tribune* e *The Guardian*, tivemos um momento de alastramento do Jornalismo de Dados (USKALI & KUUTTI, 2015).

Diante dessa conjuntura, o trabalho do jornalista ganha novas possibilidades, pois é nesse espaço das políticas de transparência digital que o Jornalismo de Dados começou a surgir. A informação agora é abundante e seu processamento tornou-se mais importante, diferentemente de quando os esforços do jornalista se concentravam em procurar e reunir dados, pois a informação era escassa (FLEW et al., 2012).

Os dados dos portais públicos de transparência e as histórias que estes podem esconder atrás dos números e as ferramentas de monitoramento, por exemplo, trouxeram ao campo da comunicação de acordo com Santos (2019) uma cadeia de novos problemas, que certamente impactam na necessidade de novas habilidades dos profissionais que trabalham com algoritmos, bases de dados, etc. Visualizamos esse impacto também na esfera do jornalismo.

Temos, nesse sentido, a exigência de maior qualificação profissional. Dentro do aspecto para além do jornalismo, geram-se discussões sobre o papel da imprensa no âmbito democrático, já que os dados estão abertos e disponíveis para checagem.

No ano de 2012, foi lançado pela *European Journalism Center* e pela *Open Knowledge Foundation*, o *The Data Journalism Handbook*, o primeiro guia sobre Jornalismo de Dados – frisamos que aqui tratamos de um livro dedicado a discutir os conceitos e práticas do JD, embora saibamos que a obra *Precision Journalism*, de Phillip Meyer (2012), é considerada um dos primeiros marcos da linha histórica do Jornalismo de Dados, o que

retomaremos em outro tópico do capítulo. A finalidade foi apresentar o entendimento sobre a prática que vinha se disseminando e ganhou adesão em redações e *sites* no mundo inteiro. O estudo apresenta análises e pesquisas de especialistas de vários países sobre a temática, e tornou-se o manual basilar quando se trata de compreender o que as bases de dados abertas provocaram no campo do jornalismo.

Com tradução para vários idiomas, inclusive o português, é nesse manual que encontramos as discussões iniciais dos princípios do Jornalismo de Dados. Bradshaw (2014), na seção do *Handbook*, que é dedicada a definir o que é Jornalismo de Dados, afirma que “jornalismo” e “dados” são termos problemáticos, pois no ambiente digital os dados não são qualquer tipo de números reunidos em uma planilha. Fotos, vídeos, documentos confidenciais e áudios podem agora também ser retratados em números e especificamente em leitura binária.

Ainda conforme o autor, a limitação que cerca a definição do Jornalismo de Dados certamente se encontra na diferenciação do jornalismo feito e acostumado apenas com tabelas numéricas para o jornalismo que combina o tradicional faro jornalístico e a habilidade de contar uma história envolvente, com o alcance e escala absolutos da informação digital agora disponível. Ele afirma que o Jornalismo de Dados se difere não pelo uso dos dados em si, mas pelas novas possibilidades de junção de práticas tradicionais do jornalismo com o alcance informacional proporcionado pelo ambiente digital.

A utilização de dados por si só apresenta uma imprecisão conceitual, pois essa utilização não é novidade na produção jornalística, logo, geram-se discussões quando ao se pensar o termo/expressão Jornalismo de Dados, pois os dados são indispensáveis para caracterizar o que vem a ser esse tipo de jornalismo. Seguindo o argumento de Bradshaw (2014), o entendimento da prática jornalística de dados se definiria mais pela associação dos termos “jornalismo” e “dados”, com um terceiro termo/expressão que é o das novas tecnologias ou ferramentas que possibilitam ao jornalista potencializar processos, fazer análise, apuração e associações complexas entre a infinidade de documentos disponíveis.

No contraponto crítico dessa visão, Anderson (2015) defende que não é apenas o uso de dados e a simples apropriação tecnológica que define o Jornalismo de Dados. Para o autor, devemos debater as diferentes maneiras pelas quais as reportagens utilizam dados muito antes do aperfeiçoamento do aparato tecnológico. Esse pensamento deriva exatamente do entendimento do jornalismo pela ótica do que ele envolve, que é a reunião de informações de materiais humanos e sociais que, segundo Anderson, estão presentes nos documentos, entrevistas e dados. Assim, o Jornalismo de Dados tem seu contexto histórico não em uma

ordem cronológica de aprimoramento, como é defendido na visão tecnológica. Para o autor, há, na verdade, passagens descontínuas que ocorrem com as mudanças na compressão do que é o JD e das técnicas que por ele são utilizadas para construir conteúdos com dados.

Em seu livro *Apostles of Certainty: Data Journalism and the Politics of Doubt*, lançado em 2018, Anderson traça a genealogia do Jornalismo de Dados e seus fundamentos materiais e tecnológicos. Para isso, utiliza a análise genealógica defendida por Michel Foucault, que não procura uma origem única e ininterrupta de práticas ou ideias no passado, nem tenta entender os conceitos desenvolvidos em uma linha contínua e evolutiva de ontem para hoje. Em vez disso, concentra-se mais na descontinuidade e nas mudanças inesperadas do que na presença do passado no presente.

Para entender a história do Jornalismo de Dados, Anderson (2018) argumenta que o uso de dados em reportagens está inevitavelmente entrelaçado com a política nacional, a evolução dos bancos de dados computáveis e a história dos campos científicos profissionais. Para ele, é quase impossível entender os usos jornalísticos dos dados sem entender também as relações frequentemente contenciosas entre Ciências Sociais e Jornalismo.

Para o autor, também é praticamente impossível separar formas empíricas de dizer a verdade em público sem antes entender a crença progressiva e extraordinariamente persistente de que a publicação de informações empiricamente verificáveis levará a um mundo mais justo e próspero. Quanto a esse ponto, os “apóstolos”, como ele intitula os jornalistas de dados, ou mesmo os “apóstolos da certeza”, como são chamados no livro, concluíram que a interseção de tecnologia e profissionalismo levou a um jornalismo melhor, mas não necessariamente a uma política melhor. No processo de compreender de forma mais prática as nuances da era digital, o jornalismo deve estar mais à vontade para expressar dúvidas empíricas e certezas. Anderson (2018) defende que, ironicamente, esse abraço da dúvida poderia levar o jornalismo a se parecer mais com a ciência, e não menos.

Apresentando uma perspectiva de linha do tempo baseada em três períodos distintos do desenvolvimento do Jornalismo de Dados nos Estados Unidos da América (EUA), com interrupções nas décadas de 1910, 1960 e a atual, a obra de Anderson situa o movimento que surge nos EUA e se estende pelo mundo, inclusive no Brasil. A primeira é a chamada Era Progressista, que foi um período de ascensão política liberal, acompanhado pela crença de que tanto o Estado quanto os cidadãos comuns, informados pelas melhores estatísticas disponíveis, poderiam tornar o mundo um lugar mais justo e humano.

O segundo momento se refere às décadas de 1950 e 1960, quando alguns inovadores do jornalismo começaram a considerar as Ciências Sociais quantitativas, particularmente as

Ciências Políticas e a Sociologia, como uma possível fonte de novas ideias e métodos para tornar o jornalismo mais empírico e objetivo. Os jornalistas seriam auxiliados nessa busca por um novo conjunto de bancos de dados cada vez mais acessíveis e computadores poderosos.

O terceiro momento, segundo Anderson (2018), é o início dos anos 2010, quando a vanguarda do Jornalismo de Dados foi complementada pelo Jornalismo Computacional ou Estruturado.

O jornalismo de dados não se tornou jornalismo de dados por razões jornalísticas totalmente profissionais, nem esse processo pode ser analisado apenas por meio de uma análise do discurso jornalístico ou da “conversa interna”. Em vez disso, o tipo de conhecimento que na década de 1960 começou a ser chamado de jornalismo de dados pode só ser entendido de maneira relacional, examinando a maneira pela qual os jornalistas de dados reagiram e interagiram com seus irmãos (mais autoritários e poderosos) em ciências sociais. Além disso, esse processo não pode ser entendido apenas em termos das ações e lutas dos seres humanos, isoladamente ou em grupos. A experiência, de acordo com o modelo apresentado em *Apostles of Certainty*, é um fenômeno em rede no qual grupos profissionais lutam para estabelecer jurisdição sobre uma ampla variedade de artefatos discursivos e materiais. (ANDERSON, 2018, p. 20 - tradução livre)²

A visão associada à capacidade investigativa e às possibilidades da tecnologia para conceituar o Jornalismo de Dados é uma defesa de alguns pesquisadores também no âmbito brasileiro. Träsel (2013) situa o JD com base nas técnicas produtivas, no tratamento e no cruzamento de grandes quantidades de dados, que permitem maior eficiência na recuperação da informação, na apuração a partir de dados, além da circulação em variadas plataformas e na geração de visualização. Nessa corrente, Barbosa (2006) defende que a automatização nos processos de apuração e mensuração de dados é o que permite a prática do Jornalismo de Dados.

Partindo da prerrogativa do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), Lima Junior (2011) apresenta a conceituação do Jornalismo Computacional, que se evidencia no contexto da *Big Data*. Para ele, o que seria o motivo para balizar uma transformação no tipo de habilidades dos futuros jornalistas ou, segundo o pesquisador, os *hacking journalism*, que têm a capacidade de explorar as tecnologias, trabalhando as informações e transformando-as em formato visual.

²Data journalism did not become data journalism for fully professional journalistic reasons, nor can this process be analyzed solely through an analysis of journalistic discourse or “internal conversation”. Instead, the kind of knowledge that in the 1960s began to be called data journalism can only be understood relationally, by examining the way in which data journalists reacted and interacted with their (more authoritarian and powerful) brothers.) in social sciences. Furthermore, this process cannot be understood only in terms of the actions and struggles of human beings, alone or in groups. Experience, according to the model presented in *Apostles of Certainty*, is a networking phenomenon in which professional groups strive to establish jurisdiction over a wide variety of discursive artifacts and materials.

O termo Jornalismo computacional é utilizado por Hamilton e Turner (2009), que o entendem como a combinação de algoritmos, dados e conhecimento das Ciências Sociais. Já Diakopoulos (2012), Stavelin (2013) e Coddington (2014) defendem que o Jornalismo Computacional estabelece um conjunto de processos concebido com base num pensamento computacional.

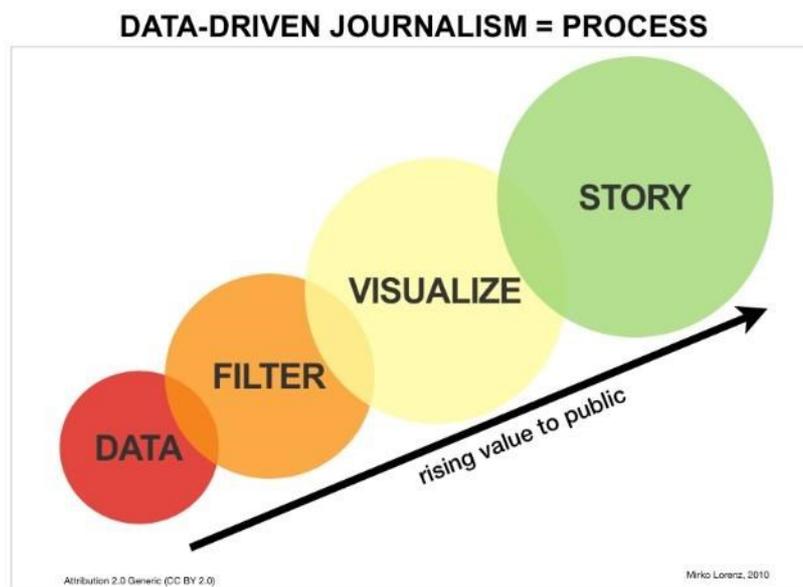
A adoção de bandeiras ideológicas também está presente no emaranhado conceitual do Jornalismo de Dados, acrescida da defesa do código-aberto, que é discutida por Lewis e Usher (2013), que enxergam no Jornalismo de Dados uma nova forma de identificar e contar histórias. Parasić e Dagiral (2013) analisam a aproximação entre jornalistas e programadores nas redações de Chicago (EUA), o que gera novos títulos profissionais: jornalista-programador, desenvolvedor de aplicativos de notícias e *hacker*-jornalista. Deak e Foletto (2011) também pesquisaram o surgimento de jornalistas-programadores e jornalistas de bancos de dados. No tópico sobre os embates conceituais, retomamos algumas das visões dos autores até agora citados.

Lançada em 2018, a segunda edição do *The Data Journalism Handbook*, a obra apresenta em sua introdução a expansão do Jornalismo de Dados e a forma como tem crescido o número de redações que estão trabalhando a partir da perspectiva defendida pela prática do JD.

Mirko Lorenz (2018), no capítulo em que trata sobre *Por que os jornalistas devem usar dados?*, argumenta que os dados devem ser usados como uma oportunidade de revelar alguma ameaça abstrata, como o desemprego, por exemplo, afeta as pessoas com base em idade e educação. O uso de dados, portanto, transforma algo abstrato em algo que todos podem compreender e relacionar.

Mirko Lorenz, ainda em 2010, apresentou sua proposta de como seriam as novas fases de fluxo de trabalho jornalístico diante do Jornalismo de Dados. Convidado para uma mesa redonda sobre os processos de trabalho a partir do JD durante o *European Journalism Centre* (EJC), ele apresentou que esse processo de contar uma narrativa deveria seguir:

Figura 1 - Proposta de fluxo de trabalho de Lorenz (2010)



Fonte: Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Data_driven_journalism_process.jpg

O esquema de Lorenz (2010) determinou quatro etapas para o processo produtivo: *data* (a coleta dos dados), *filter* (a filtragem dos dados), *visualize* (a visualização dos dados) e *story* (a construção da notícia baseada nos dados). Uma estrutura simples apresentada pelo autor considera um aspecto importante no fluxo de trabalho jornalístico com dados a partir da indicação, *value to public*. Com isso é possível afirmar que o avanço no processo de refinamento, de apuração dos dados, feito pelo jornalista, aumenta o valor que a história a ser contada terá para o público, de acordo com o autor.

Sobre a expansão do Jornalismo de Dados dentro das redações, De Maeyer *et al.* (2014), destacam que depende do contexto de cada país e as causas são variadas. Os autores citam casos de ascensões modestas do Jornalismo de Dados, como por exemplo, na Noruega, identificadas a partir dos estudos de Maeyer *et al apud* KARSEN e STAVELIN (2014) e outros países com uma tendência mais acentuada, como é o caso da Holanda em que vários veículos produzem a partir do Jornalismo de Dados, evidenciados na pesquisa de Maeyer *et al apud* SMIT, DE HAAN E BUIJJS (2013). Certamente esse cenário já sofreu alterações, mas concordamos com os pesquisadores quando ponderam que a expansão do JD tem processos próprios para cada país, como é o caso do Brasil.

O que chama atenção agora são os questionamentos que os pesquisadores e jornalistas da área têm levantado. Em um salto desde que surgiu o movimento do uso de dados digitais pelas redações, em 2019, há uma virada de pensamento em relação à neutralidade e à garantia dos dados disponíveis. Como todo fenômeno, há euforia para se

compreender e fazer os primeiros voos, mas há o tempo de maturação e, quando se trata do jornalismo, os questionamentos são sempre necessários para o entendimento das mudanças em suas práticas. Jonathan Gray e Liliana Bounegrou (2018) apresentam perguntas que possivelmente permeiam hoje o Jornalismo de Dados e que requerem necessidade de reflexão.

Se esse momento de “pós-verdade” é tomado como evidência de falha ou como apelo à ação, uma coisa é clara: os dados não podem mais ser tomados como garantidos e nem o jornalismo de dados. Os dados não fornecem apenas representações neutras e diretas do mundo, mas estão bastante envolvidos com política e cultura, dinheiro e poder. Instituições e infraestruturas que sustentam a produção de dados – de pesquisas a estatísticas, ciências climáticas e plataformas de mídia social – foram questionadas. Assim, pode-se perguntar: Quais dados, de quem e por que meios? Dados sobre quais problemas e com que finalidade? Quais tipos de problemas são ricos em dados e quais são pobres em dados? Quem tem a capacidade de se beneficiar disso? Que tipos de público os dados reúnem, que tipos de capacidades eles suportam, que tipos de política eles promulgam e que tipo de participação geram? (GRAY; BONEGROU, 2018, p. 5 – tradução nossa/livre)³

Os autores seguem a noção de prática de dados críticos a partir da proposta de prática técnica crítica de Philip E. Agre (1997). É preciso um pé sustentado ou plantado no trabalho artesanal de design e outro pé plantado no trabalho reflexivo da crítica. A intenção é compreender como o compromisso crítico com os dados pode modificar as práticas de dados, possibilitando abrir espaço para a imaginação do público e intervenções em torno da política de dados.

Nesse sentido, o ponto catalisador deste capítulo é apresentar não apenas as maneiras pelas quais os dados são vistos, analisados e usados no âmbito do jornalismo, mas como o Jornalismo de Dados se constitui em um micromundo em expansão.

2.1.1 Breve incursão: o uso dos dados e o JD

É importante, mesmo que de maneira resumida, destacar os antecedentes que marcam o uso dos dados no jornalismo e como isso contribui para o percurso do Jornalismo de Dados. Embora a trajetória do JD seja marcada a partir dos anos 2000 com debates e reconhecimento como um segmento do jornalismo, existe, antes de tudo isso, um caminho de

³ Whether this moment of “post-truth” is taken as evidence of failure or a call to action, one thing is clear: data can no longer be taken for granted and neither can data journalism. Data not only provide neutral and straightforward representations of the world, but are heavily involved in politics and culture, money and power. Institutions and infrastructure that support data production – from research to statistics, climate science and social media platforms – were questioned. Thus, one can ask: What data, from whom and by what means? Data on what issues and for what purpose? What types of problems are data rich and which ones are data poor? Who has the ability to benefit from this? What kinds of audiences does the data bring together, what kinds of capabilities do they support, what kinds of policies do they enact, and what kinds of participation do they generate?

anteriores analógicos.

Anderson (2018) frisa que o jornalismo utiliza dados para evidenciar o factual desde o início da prática jornalística. Sendo assim, utilizar dados para produzir notícias não é nenhuma novidade para o jornalismo. Para ele, o diferencial do uso dos dados no contexto do JD é o foco que os dados recebem, ou seja, a compreensão e interpretação de evidências quantitativas, que ao longo tempo foi se modificando no trabalho jornalístico.

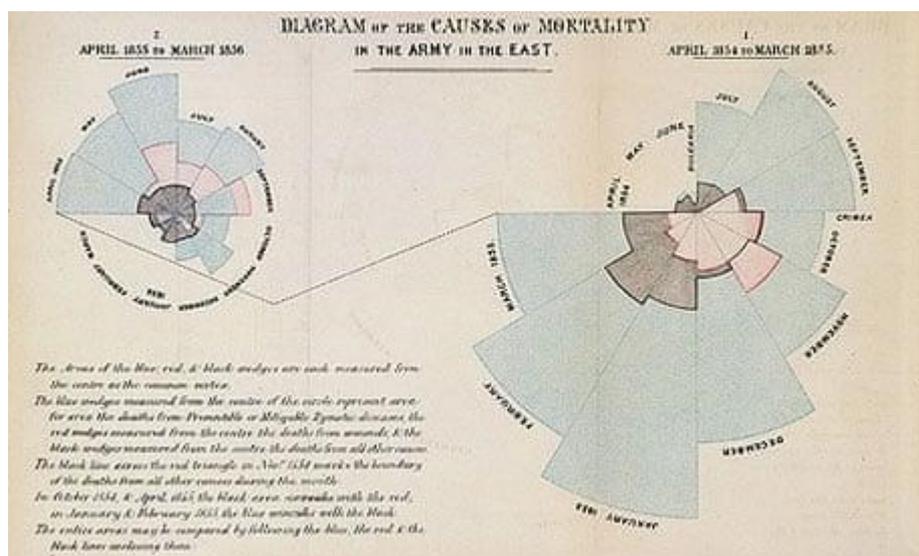
Durante os séculos XVIII e XIX muitos jornais usavam fórmulas estatísticas para noticiar. Os gráficos, os dados numéricos brutos sobre economia, doenças, clima e guerras protagonizaram os espaços informativos. Ainda em 1884, a *Dow Jones & Company* começou a publicar as cotações do mercado de ações em jornais (HOWARD, 2014).

Para Rogers (2013), a reportagem do *Manchester Guardian*, hoje *The Guardian*, pode ser considerada um dos primeiros exemplos do uso de dados no jornalismo. A reportagem traz o levantamento do número de crianças que frequentavam escolas públicas nas cidades de Manchester e Salford. Usando tabelas para confrontar os mapeamentos divulgados pelo clero, o qual era o responsável por aferir esses dados, o jornal revelou o real número de crianças atendidas pelo sistema de ensino público e ainda quantas crianças eram negligenciadas pelo mesmo sistema.

Ainda segundo Rogers (2013), já em 1854, o jornal utilizou visualização de dados para explicar o que estava causando uma epidemia de cólera no bairro Soho, em Londres, a partir de documentos repassados ao jornal pelo médico obstetra Jon Snow. A reportagem parte de um mapa da região onde foram identificados os imóveis com registro de contaminação. Foi verificado que estes estavam próximos a bombas d'água. O médico explicava as razões da contaminação, contrariando o senso comum que na época atribuía outra explicação para a transmissão da doença. A partir da investigação de Snow e do jornal, foi descoberto que uma mulher lavava as fraldas de seu filho próximo a um dos poços de abastecimento da região, causando a contaminação.

Em 1858, o *The Guardian* publicou um gráfico que apresenta o resumo dos relatórios da enfermeira e estatística britânica Florence Nightingale, sobre as condições sanitárias de hospitais que recebiam soldados que lutaram na Guerra da Crimeia. O relatório da enfermeira com o auxílio de gráficos e estatística aplicada, mostravam que os hospitais poderiam ser mais mortais que os próprios ferimentos causados em combate.

Figura 2 - Diagrama “asa de morcego” de Florence Nightingale



Fonte: Disponível em <https://www.theguardian.com/news/datablog/2010/aug/13/florence-nightingale-graphics>

A partir destes contextos, teremos, já na década de 1960, o Jornalismo de Precisão e posteriormente a Reportagem Assistida por Computador, movimentos que marcam a trajetória do Jornalismo de Dados. São momentos ou fatos que nos auxiliam a compreender o percurso temporal do JD. Marcam os primeiros passos do entrelaçamento do jornalismo com procedimentos metodológicos das Ciências Sociais, que traz em de certa forma o uso de métodos e dados com o foco diferenciado para o jornalismo, como pontuou Anderson (2018).

2.2 ENTRE JORNALISMO INVESTIGATIVO E COOPERAÇÃO

O Jornalismo de Dados está, se assim podemos dizer, afiliado a crenças do jornalismo investigativo como também a áreas distintas do jornalismo. Parasie e Dagiral (2013a) mostraram em seus trabalhos que nos Estados Unidos isso foi bem comum e se alastrou pela Europa e, posteriormente, para todo o mundo. Seguindo a proposta da Reportagem Assistida por Computador, a nova forma de redação jornalística ganha características que se sustentam pelo uso de métodos de trabalho e de colaboração entre jornalistas, técnicos de informática e outros.

Juliette Charbonneaux e Pergia Gkouskou-Giannakou, em um estudo sobre o Jornalismo de Dados como uma prática de investigação com ênfase na Alemanha e Grécia, apontam que os discursos sobre o Jornalismo de Dados possivelmente aproveitam a herança do jornalismo de investigação. “Com a retórica da visualização, percebe-se no discurso do jornalismo de ‘dados’ que a dimensão inédita não se refere apenas ao volume ou à qualidade

da informação ‘revelada’ – como acontece no jornalismo investigativo –, mas sobretudo, à maneira como essa informação será apresentada” (CHARBONNEAUX; GKOUSKOU-GIANNAKOU, 2015, p. 283).

Para as pesquisadoras, o Jornalismo de Dados como uma nova maneira de prática jornalística colaborativa passa pela afirmação de discurso de um coletivo jornalístico ampliado pelo ingresso de novas competências, como também de novas profissões nas redações. Citam o caso dos espaços redacionais de dados que contam com técnicos de informática, *designers* e programadores, ou ainda, pela associação entre uma mídia e uma estrutura bem especializada.

O discurso cooperativo integra os elementos constitutivos do JD, em que a colaboração aliada à crença do jornalismo investigativo é ampliada e melhorada pela utilização de práticas redacionais adequadas à mídia informatizada e de base de dados.

Quando se trata da utilização ou emprego de bases de dados no jornalismo, Nora Paul (1999) salienta que foram elas as grandes responsáveis por trazer as doses da revolução da informação para o jornalismo no final dos anos de 1970, como também fundaram a *Computer-Assisted Reporting* – CAR – Reportagem Assistida por Computador (RAC). Garrison (1998) pontua que:

Os primeiros softwares de bases de dados só foram introduzidos no início dos anos 80, quando surge a computação pessoal (uso de *mainframes* e mini-computadores), que só no início da década de 90 é incorporada de forma mais abrangente pelas empresas informativas e, assim, os jornalistas passam a dispor de mais ferramentas em suas mãos. Os seus até então limitados terminais (chamados *dumb terminals*) podem fazer mais agora: escrever histórias, checar bases de dados públicas (dos governos) e comerciais (de empresas como Lexis/Nexis e Dialog, Dow Jones News Retrieval), e também permitem criar suas próprias BDs, analisar planilhas eletrônicas, e outros programas. (GARRISON, 1998, p.20-21)

A utilização das bases de dados para a estruturação e a organização das informações traz perspectivas de mudanças em relação aos modos de fazer jornalismo no âmbito digital (BARBOSA, 2007). A pesquisadora afirma que as bases de dados aliada à tecnologia da internet e ao desenvolvimento de linguagens dinâmicas, como a XML⁴ (*eXtensible Markup Language*), permitem a estruturação das informações de forma combinatória, possibilitando

⁴ Segundo Sousa (2002, p.07), a XML é uma (meta) linguagem de marcação de documentos completamente independente das plataformas *hardware* e *software* que a utilizam, sendo um padrão aberto. A XML é a linguagem que torna possível, por exemplo, a troca de dados entre aplicações heterogêneas, fundamentalmente na internet, pois foi projetada para os requerimentos da WWW. Por isso, ela é apontada como novo *standard* para a representação e a permuta de dados na rede tendo sido proposta pelos pesquisadores do W3C – World Wide Web Consortium.

uma experiência mais flexível e de acordo com os comandos do usuário.

Os bancos de dados são vistos como essenciais para o emprego no jornalismo no contexto digital e se expandem no Jornalismo de Dados, o que representa um diferencial em relação às formas tradicionais de jornalismo (COLLE, 2002; FIDALGO, 2003; MACHADO, 2004; BARBOSA, 2004; QUADROS, 2004; LIMA JÚNIOR, 2004).

Nesse sentido, Trédan discute a reativação de mitos pelos dados. Segundo o pesquisador, algumas investigações marcantes de Jornalismo de Dados “contribuíram para reativar os mitos profissionais baseados na investigação e também a promover a possibilidade de associar o público na realização das investigações datajornalísticas” (TRÉDAN, 2015, p. 291). Para ele, surge um novo *savoir-faire* na relação com o público. Investigação e participação, nesse caso, geram um discurso dos praticantes do JD para não reduzir a prática ao simples desenvolvimento de interfaces de visualizações de dados, reafirmando a dimensão mais jornalística do que a infográfica (TRÉDAN, 2015).

Para Davidson e Meyers (2015), as novas tecnologias digitais estão remodelando aspectos essenciais do trabalho jornalístico. Eles apontam que o jornalismo perdeu parte de sua coesão e se fragmentou em tribos de profissionalismo praticado por um conjunto diversificado de atores, o que vem dando origem a novas *expertises* no jornalismo. O Jornalismo de Dados se encontra nesse contexto.

Afiliado à prática do Jornalismo de Precisão, que depois foi denominada Reportagem Assistida por Computador (RAC), o Jornalismo de Dados herda dos jornalistas investigativos estadunidenses, desde o fim dos anos 1960, o uso dos computadores nas apurações das investigações jornalísticas. Isso se desenvolveu sob o impulso do repórter Philip Meyer, que utilizou técnicas das Ciências Sociais e da Computação para investigar um período de distúrbios sociais relacionados à fúria e turbulência, com ataques violentos que tomaram conta da cidade de Detroit, no ano de 1967.

Meyer havia acabado de passar um ano estudando Ciências Sociais, e, a partir de uma licença de seus superiores, resolveu participar da cobertura dos casos em Detroit. Aplicou um questionário baseado numa amostra representativa dos bairros afetados pela onda de violência para investigar a identidade e a atitude política dos revoltados. Com a ajuda do processamento dos dados por computadores, Meyer publicou pelo *Detroit Free Press* e outros jornais o relatório com duas descobertas principais: a) não existia correlação entre condição econômica e participação nos distúrbios; b) nativos da cidade eram três vezes mais propensos a ter participado de saques, agressões, homicídios e incêndios do que imigrantes do Sul.

Meyer ainda descobriu que as razões principais para os ataques e motins foram a

truculência policial, as péssimas condições de habitação e a escassez de emprego, e que os participantes dos distúrbios eram pequenos subgrupos que não representavam o posicionamento da comunidade negra em geral. Com esses esclarecimentos, o trabalho jornalístico realizado por Meyer e sua equipe causou uma diminuição de ataques em Detroit. O trabalho rendeu à equipe do *Detroit Free Press* um prêmio Pulitzer.

Figura 3 - Reprodução de reportagem de Philip Meyer

The Non-Rioters: A Hopeful Majority

BY PHILIP MEYER
Free Press Staff Writer

Despite the recent week of rioting, Detroit's Negro community is basically stable and committed to traditional American values.

The rioters were a small and deviant minority—protesting not only against society in general, but against prevailing Negro social standards.

These are the basic findings from a survey research project in the central riot areas of east and west Detroit. The study, based on interviews with a representative sample of 432 Negroes, was sponsored by the Urban League with assistance from the Free Press. Two University of Michigan faculty members acted as consultants.

The findings bear out, to a surprising degree, many of the views of Detroit race relations that were widely held before the riot: Detroit Negroes agree that they are as well off as or in better position than Negroes in other northern cities.

They have many problems but these are not, for the most part, overwhelming. And in seeking solutions, most Detroit Negroes look to the established social structure rather than the revolutionary ideology of black nationalism.

THE PEOPLE BEYOND 12TH STREET

12TH

Rioters stand in sharp contrast to majority of Detroit Negroes. Page 1B.

Police brutality cited as the No. 1 cause of Negro discontent. Page 4B.

Many rioters were settling old grievances. Page 4B.

There was not a basic or lasting breakdown of respect for law and order. The vast majority of Negroes interviewed think of looting, burning and shooting as crimes. They favor fines or jail for looters and jail for the more serious offenses.

Only a few Detroit Negroes see themselves as worse off in terms of education, income and jobs than Negroes in other northern cities.

Of those who see any difference at all, far more see Detroit Negroes as better off—25 percent of those surveyed think Detroit Negroes have more education compared to 10 percent who think they have less.

Forty-six percent think Detroit Negroes have more income, only eight percent think they have less. Thirty-nine percent think Detroit Negroes have better jobs, only eight percent think Detroit Negroes have worse jobs.

There are grievances, of course. And these grievances are related to rioting. But the pattern suggests that they did not constitute an explosive potential that demanded release. The riot could well have been an unlucky accident.

These points are explored more fully in the articles beginning on Page 1B of today's Free Press.

Fonte: Disponível em: https://simonrogersdotnet.files.wordpress.com/2015/10/freepress_article.png

Passados seis anos dessa investigação, Philip Meyer, publicou o livro *Precision Journalism*. A obra que se tornou um manual para alguns repórteres, especialmente nos Estados Unidos, e nele o autor defende e explica como as técnicas de Ciências Sociais e Computação podem ser usadas pelos jornalistas e como isso pode contribuir para que os profissionais cometam erros com menos frequência.

O Jornalismo de Precisão, de acordo com García e Fernández (1993), revela um método jornalístico cuja origem é pensada a partir de autocrítica sobre a forma de o jornalismo detectar, selecionar, classificar e priorizar qualquer atualidade relevante.

Defleur (1997) afirma que o uso da tecnologia não era o aspecto mais importante no Jornalismo de Precisão, mas a abordagem jornalística preocupada em coletar o maior número de evidências possíveis sobre os fatos. Nesse sentido, deve-se seguir protocolos reprodutíveis e claros das Ciências Sociais para trazer e revelar a verdade sobre um determinado fato social.

A era da informação criou um burburinho tão confuso de vozes que nos tenta a todos sacrificar qualquer coisa em nome da atenção – incluindo a verdade –. O que os praticantes da RAC têm buscado – conscientemente ou não – é um padrão mais elevado de veracidade. Nossa resposta à era da informação tem sido aprender a gerenciar grandes volumes de informação em ferramentas analíticas cada vez mais poderosas, levando a uma definição mais exata da verdade. Por acaso o computador em si não é o objetivo, nem define o que estamos tentando fazer. Nós estamos

tentando empurrar o jornalismo em direção à ciência. (MEYER, 1999, p. 50 - tradução livre)⁵

O uso da tecnologia, para Meyer, não é o cerne da questão do Jornalismo de Precisão. A preocupação na verdade centrava-se em coletar evidências sobre os fatos, tendo como base protocolos nítidos e reproduzíveis, vindos das Ciências Sociais. Ele afirma que quando a informação era insuficiente, a maioria dos esforços dos jornalistas eram dedicados a caçar e coletar. Agora que a informação é abundante, o processamento é bem mais importante (MEYER, 2012).

Os computadores, nesse contexto, além de acelerar o trabalho jornalístico, também evitariam erros humanos, proporcionando mais transparência. Acompanhando a proposta do Jornalismo de Precisão, o Jornalismo de Dados segue os princípios da aplicação da tecnologia, de métodos e ferramentas do âmbito da Computação, tendo como olhar conduzir o jornalismo para longe do senso comum.

Planilhas eletrônicas e ferramentas de visualização de dados permitem enxergar “a olho nu” correlações e tendências presentes em grandes volumes de dados, como todos os crimes cometidos numa grande metrópole durante o ano inteiro, ou pagamentos realizados por um governo estadual. É possível encontrar uma agulha num palheiro sem ajuda de nenhuma ferramenta, caso o sujeito disponha de tempo, mas ninguém poderá negar que o uso de uma peneira ou um soprador para agilizar o processo produza um resultado diferente – uma agulha. Da mesma forma, as ferramentas de computação agilizam o trabalho de correlacionar dados brutos, sem prejuízo para o resultado final em termos jornalísticos, ou, antes qualquer prejuízo ao resultado final é tão atribuível ao uso de computadores quanto uma notícia mal redigida é atribuível ao fato de ter sido digitada numa máquina de escrever. O JGD seria, portanto, para seus advogados, uma forma de salvar a essência do jornalismo, isto é, a objetividade a serviço do interesse público no contexto de um Estado democrático. (TRÄSEL, 2013, p. 103)

As planilhas eletrônicas e as bases de dados seriam ferramentas de ampliação do faro jornalístico investigativo. O Jornalismo de Dados, ao que parece, sustenta-se da mesma área de atuação e modo operacional do Jornalismo Investigativo: a pesquisa. Há, nesse sentido, uma maneira de destinar os procedimentos de investigação na contribuição da valorização da atividade profissional e de forma intrínseca no papel que o jornalista de dados deve ocupar na sociedade.

⁵ The information age has created such a confused hubbub of voices that it tempts us all to sacrifice anything in the name of attention – including the truth –. What RAC practitioners have been seeking – consciously or not – is a higher standard of truthfulness. Our response to the information age has been to learn to manage large volumes of information in increasingly powerful analytical tools, leading to a more accurate definition of the truth. It turns out that the computer itself is not the goal, nor does it define what we are trying to do. We are trying to push journalism towards science.

Herdado das práticas do Jornalismo de Precisão, o Jornalismo de Dados teve grande influência também das práticas da Reportagem Assistida por Computador (RAC), que é compreendida como um tipo de investigação jornalística auxiliada pelas ferramentas da informática. Em seguida ao Jornalismo de Precisão no fim dos anos de 1960, nos Estados Unidos, a RAC adentrou nas rotinas do trabalho jornalístico no contexto da incorporação definitiva dos computadores dentro das redações (DEFLEUR, 1997).

Bounegru (2012) destaca que nasce, com a RAC, a primeira tentativa de fato organizada utilizando computadores para coletar e fazer análise de dados com o objetivo de aprimorar a notícia. De acordo com a autora, a Reportagem Assistida por Computador foi usada pela primeira vez no ano de 1952 pela rede de TV dos Estados Unidos, *CBS*, para presumir o resultado das eleições presidenciais da época.

O Jornalismo de Dados advém desses movimentos que estão calcados em métodos das Ciências Sociais, das ferramentas computacionais, do jornalismo investigativo, da cooperação de áreas ou como alinhamos nesta tese, de mundos sociais distintos. Vale salientar, no entanto, que embora a atitude investigativa do jornalismo esteja fortemente pautada no Jornalismo de Dados, como também dos movimentos citados, o JD não é apenas um braço ou uma variação semântica destes.

2.3 EMBATES CONCEITUAIS, MAS UMA SÓ PRÁTICA?

Quando a discussão conceitual é o Jornalismo de Dados, deparamo-nos com uma multiplicidade de conceitos. Isso causa de certa forma uma imprecisão na área, pois não há uma definição consensual sobre o tema. Obviamente esse movimento não auxilia na formação de um corpo teórico mais conciso e estruturado (USKALI E KUUTTI, 2015). Aqui vamos apresentar os variados conceitos que circundam a área. A intenção não é apontar o conceito correto, pois todos convergem para definições parecidas, mas sim apresentar as vertentes a partir dos pesquisadores em suas propostas conceituais.

Ao buscarmos uma definição para o termo Jornalismo de Dados, como já destacado, nos deparamos com alguns conceitos que perpassam desde a Reportagem Assistida por Computador (RAC), ao Jornalismo de Precisão, Jornalismo Computacional, Jornalismo Guiado por Dados e Jornalismo de Dados.

O termo Jornalismo de Dados é utilizado por pesquisadores como Gray, Chambers e Bounegru (2012); Parasić e Dagiral (2013); Mancini e Vasconcellos (2016). Leonardo Mancini e Fábio Vasconcellos, no artigo intitulado *Jornalismo de Dados: conceito e categorias* (2016), discutem as possibilidades de classificação do Jornalismo de Dados no

âmbito do que é praticado no Brasil. Eles observaram o uso de dados quantificáveis em produções de *sites* de notícia e propõem uma classificação do que seria o Jornalismo de Dados.

Os autores seguem a lógica de que os dados guiam a construção da narrativa para abordar a possível classificação. Mancini e Vasconcellos (2016), na seção *Jornalismo com Dados ao Jornalismo de Dados*, apresentam argumentos para a compreensão do que seja Jornalismo de Dados. Corroboram com o pensamento de Anderson (2015), ao afirmar que o entendimento do Jornalismo de Dados muda em função do modo como se define os dados, no que se refere a números e *bits*, e da forma pela qual se trabalha com eles, ou seja, de acordo com a técnica. A prática não estaria atrelada necessariamente à aplicação ou por conta de uma determinada tecnologia.

Uma matriz com dimensões básicas para pensarmos o que é JD ajudaria, inclusive, a dimensionarmos melhor algumas questões, como, por exemplo, se todo uso de dados pelo jornalismo é necessariamente JD. Há uma diferença, a nosso ver, entre reportagens COM e reportagens DE dados. Enquanto o primeiro contemplaria reportagens que se apropriam de dados de forma ilustrativa, no segundo caso, os dados seriam a própria razão da reportagem. No primeiro caso, o dado quantitativo teria o papel de auxiliar a ilustrar uma reportagem; no segundo, o dado seria o próprio fundamento da pauta e a história das relações entre os dados conduziria, neste caso, a reportagem. (MANCINI; VASCONCELLOS, 2016, p. 76)

A imprecisão de definir a prática pelo termo “dados” é problemática, mas a percepção determinística tecnológica certamente não explica por si só o Jornalismo de Dados. Para os autores, a melhor maneira de compreender o que é e como feito o Jornalismo de Dados parte de três dimensões:

É construir uma matriz que leve em consideração três dimensões, que dizem respeito às competências que o jornalismo pode ou não adotar: a dimensão investigativa (atuação proativa na busca de dados e revelações), a interpretativa (capacidade ou interesse em expor relações de causas ou consequências entre os dados) e a dimensão comunicativa (a centralidade da visualização do dado, compreendido aqui como um componente que ajuda o leitor a entender por imagens as relações entre os dados). (MANCINI; VASCONCELLOS, 2016, p. 81)

Seguindo a perspectiva mais ambientada no uso das tecnologias, alguns autores brasileiros alinham suas definições sobre esse tipo de prática jornalística. Barbosa (2007) aponta que a automatização dos processos de apuração e de mensuração de dados é o que permite a prática do JD. Para a autora, as bases de dados podem ser consideradas definidoras da estrutura e da organização do trabalho jornalístico.

Apresentando a denominação Paradigma Jornalismo Digital em Bases de Dados, ou

Paradigma JDBD, Barbosa defende que este se configura como um jornalismo no qual as bases de dados definem a organização e a estrutura das redações, além da maneira como são apresentados os conteúdos jornalísticos. Em 2013, a pesquisadora passou a defender que não fazia sentido manter o termo digital no conceito, pois as rotinas de produção pressupõem o emprego de *softwares* e de base de dados, por exemplo. Com a redefinição, o termo ficou Paradigma Jornalismo em Base de Dados.

Nessa vertente do jornalismo em base de dados, Marcelo Träsel referencia o Jornalismo Guiado por Dados (JGD) e defende:

Jornalismo guiado por dados compreende variadas práticas profissionais, cujo ponto em comum é o uso de base de dados como principal fonte de informação para produção de notícias. As práticas de JGD envolvem técnicas de reportagem assistida por computador (RAC), visualização de dados, infografia, criação e manutenção de bases de dados e a política de acesso à informação e transparência pública de governos. (TRÄSEL, 2013, p. 108)

Para ele, no que tange às práticas definidoras do Jornalismo Guiado por Dados existe um objetivo. Seria a produção, o tratamento e o cruzamento de grande quantidade de dados o que permite eficácia na recuperação de informações e na apuração de reportagens, partindo de um conjunto de dados. Nessa perspectiva, seria permitido ao jornalista encontrar informações com valor noticioso em base de dados com milhares de registros. O que sem a ajuda de computadores seria muito difícil de ser realizado (TRÄSEL, 2013). O pesquisador conclui que a diferença central entre a Reportagem Assistida por Computador e o Jornalismo Guiado por Dados, por exemplo, “é a introdução da criação de algoritmos nas rotinas produtivas das redações” (TRÄSEL, 2013, p. 119).

O Jornalismo Guiado por Dados é tido como uma evolução conceitual dos termos Jornalismo de Precisão e Reportagem Assistida por Computador, corroborando o pensamento de Bounegru (2012), em que a perspectiva é considerar o Jornalismo de Dados como parte de uma tradição mais antiga. A discussão não é se o Jornalismo de Dados é novo, mas sim sobre a combinação do JD com ferramentas avançadas centralizadas no usuário, o que possibilita responder às novas condições e circunstâncias.

Assim sendo, conforme Träsel, o Jornalismo Guiado por Dados “é a aplicação de computação e dos saberes das Ciências Sociais na coleta, processamento, interpretação e apresentação de dados, com o objetivo de ampliar a função da imprensa como defensora do interesse público” (TRÄSEL, 2013, p. 119). Para o estudioso, o termo se refere ainda à

aplicação da tecnociência às rotinas de produção do jornalismo informativo dentro da comunicação em rede. Isso tem um intento, que seria o de estabelecer exigências de autoridade profissional.

Lima Junior (2011) segue o ponto de vista de que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é o elemento principal do intitulado Jornalismo Computacional. O cenário *Big Data* seria a razão fundamental para a transformação no tipo de habilidades dos futuros jornalistas.

Esse jornalismo surge em função da evolução tecnológica no âmbito da mídia e, segundo o autor, provoca mudanças na atuação profissional. Além do pensamento computacional, o jornalista deve ter habilidades de programação para que possua capacidade de realizar o seu trabalho, que se sustenta em revelar informações não triviais, e transformá-las em narrativas visuais.

A “Era do Big Data” fortalece o conceito de hacking journalist. Tal configuração profissional tem se consolidado devido à compreensão sobre as novas habilidades funcionais que o produtor de conteúdo informativo de relevância social deve ter para atuar em um novo ecossistema midiático, suportado por máquinas computacionais conectadas em redes telemáticas. Para o site guia deste tipo de profissional, o Hacks/Kackers, as tecnologias e os jornalistas se fundem. (LIMA JUNIOR, 2011, p. 51).

Para Lima Junior, o jornalista precisa manter princípios deontológicos da profissão, mas também obter habilidades que estejam no contexto do funcionamento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), além de possuir pensamento computacional e construir sistemas que contenham conteúdos baseados em dados.

Neste sentido, o Jornalismo Computacional altera a produção das notícias. Nisso, estão a maneira como elas são descobertas e monetizadas, por exemplo (COHEN, HAMILTON e TURNER, 2011).

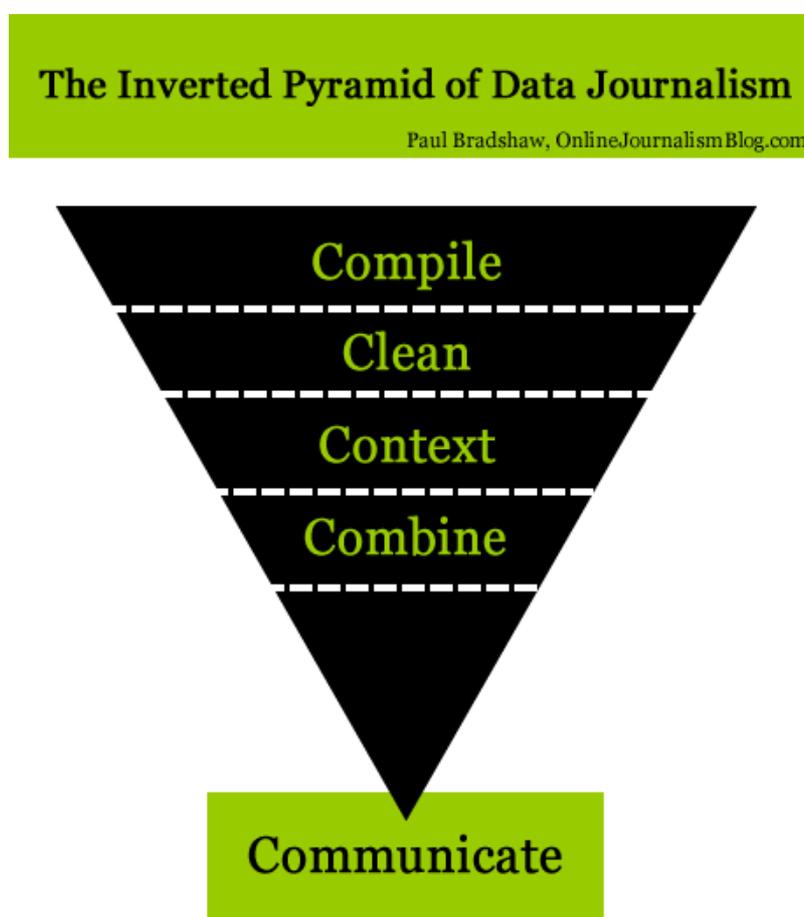
Bounegru (2012) pontua que a primeira referência ao termo *Data Journalism*, que derivou no *Data-Driven Journalism*, foi realizada pelo programador Adrian Holovaty. Em 2006, Adrian publicou um artigo em seu *website* pessoal⁶ no qual propõe que as técnicas de gerenciamento de bases de dados sejam acionadas no cotidiano das redações. Isso facilitaria o reaproveitamento das informações coletadas no trabalho rotineiro de reportagem.

⁶ O título do artigo é *A fundamental way newspapers sites need to change*.

O texto de Paul Bradshaw, *The inverted pyramid of data journalism*, publicado em 2011, no seu *weblog*, é importante nesse cenário de conceituação quando se trata do âmbito produtivo do Jornalismo de Dados. Ele propõe uma pirâmide invertida do Jornalismo de Dados, que se daria na descrição da rotina produtiva.

De acordo com o autor, no processo inicial da produção existem quatro etapas, a saber: a) compilação; b) limpeza; c) contextualização e d) combinação. Estas são etapas relacionadas às rotinas produtivas.

Figura 4 - Pirâmide invertida do Jornalismo de Dados



Fonte: Disponível em: <https://onlinejournalismblog.com>

A *compilação* diz respeito ao trabalho de coleta de dados. Para Bradshaw, o Jornalismo de Dados pode começar de duas maneiras, que permeiam na centralidade de uma pergunta que exige dados, ou de dados que exigem investigação. Segundo ele, a compilação é o que define uma ação de Jornalismo de Dados.

A *limpeza* se relaciona à precisão da base de dados. O objetivo na limpeza das bases de dados é a eliminação de erros humanos, por exemplo, na forma de expressar os dados.

A *contextualização* compreende o processo avaliativo da credibilidade da base de dados. Para o autor, os dados não falam por si só. É sempre necessário fazer uma análise criteriosa sobre a validade destes. É interessante contextualizar os números, fazendo comparações de níveis numéricos.

A etapa *combinação* de dados tem a intenção de produzir novos conhecimentos. A combinação seria o cruzamento de informações e o fim da fase de apuração.

A última etapa, intitulada *comunicação* dos resultados, contempla seis características ou possibilidades, que seriam: a) visualização; b) narração; c) comunicação social; d) humanização; e) personalização e f) utilização. Em ordem de ‘a’ para ‘f’ essas possibilidades estariam no trabalho de criar narrativas gráficas com mapas e infografias, por exemplo.

A visualização é a forma de narrar ou contar; a comunicação social é o compartilhamento de resultados com a audiência; a humanização se dá através de entrevistas com pessoas que ilustrem as informações obtidas no processamento dos dados; a personalização deve possibilitar a interação com o leitor; a utilização envolve desenvolvimento de ferramentas ou serviços de informação a partir dos dados coletados.

Podemos dizer que existem desde as conceituações mais instrumentais sobre esse tipo de jornalismo, como também as que perpassam a produção, como foi destacado. As competências e os valores profissionais também estão no escopo (TRÄSEL, 2014, 2016; ECHT, 2014; FELLE, 2016).

Silver (2014) é referência quando se trata de definir as competências exigidas para essa prática jornalística. Jornalista do *The New York Times* até o ano de 2013, ele fundou, no ano seguinte, o *Site five Thirty Eight*, que tem como objetivo produzir Jornalismo de Dados. A tentativa é apresentar formas de fazer Jornalismo de Dados com base mais estatística, embora não signifique que se deva usar números no lugar de palavras de acordo com ele. A proposta envolve os processos para a produção: coleta, organização e exploração de dados.

No primeiro procedimento, o jornalista de dados coleta informações com uma combinação de pesquisas, experimentos ou extração de dados na internet, diferentemente do jornalismo tradicional, que compara entrevistas a documentos ou à observação pessoal.

O segundo procedimento é a organização. Enquanto no jornalismo tradicional a organização se traduz em narrar uma história de forma cronológica, por ordem da pirâmide invertida, os jornalistas de dados, nesse ponto, organizam as informações com a descrição estatística dos dados. O ponto importante é a relação entre eles ou por meio de visualizações.

O terceiro procedimento corresponde à exploração. No JD seria apresentada a explanação a partir das técnicas estatísticas para comprovar ou verificar relações entre os

dados. No jornalismo tradicional seria pensar na identificação de quem, o quê, quando, onde, como e por quê.

O jornalista ainda aborda um quarto procedimento ou etapa, que seria a generalização, a qual consiste em utilizar dados e análises de eventos passados para entender como estes se comportam no futuro. Parte-se do conhecimento estatístico e não intuitivo para a verificação de hipóteses e apresentação de previsões (SILVER, 2014).

A tentativa de Holovaty (2006), Bradshaw (2011) e Silver (2014) é apresentar como a prática do Jornalismo de Dados afeta as rotinas de produção e, conseqüentemente, a cultura profissional. Os jornalistas, neste contexto, são responsáveis pela operação de *softwares*, produção do conteúdo e publicação do material, passando a ter centralidade maior no processo produtivo.

Deutsch e Hellerstein (2014) também enfatizam o trabalho a partir dos dados. São três etapas, a saber: preparar, analisar e aplicar. Os dados envolvem preparação e que passam pela função de levantar questionamentos, organizar e limpar as bases. A etapa de análise requer um trabalho de filtragem dos dados, calculá-los, resumir, etc. O estágio de aplicação é o compartilhamento dos resultados e da visualização dos dados.

As nuances conceituais do Jornalismo de Dados se cruzam evidentemente com o surgimento das práticas do Jornalismo de Precisão e da RAC. O termo ganha variações na tentativa de melhor formular a prática e gera formas de conceituação que tentam evitar as cacofonias que envolvem a terminologia “dados”, já que o jornalismo desde sua origem trabalha com dados.

As abordagens que se desdobram nos estudos sobre o Jornalismo de Dados estão centralizadas, ou melhor, estão distribuídas nas perspectivas das práticas e expansão do Jornalismo de Dados (PARASIE e DAGIRAL, 2013; PARASIE, 2015; FINK e ANDERSON, 2015; VASCONCELLOS e MANCINI, 2016; DE MAEYER *et al.*), valores profissionais (TRÄSEL 2014; FELLE 2016;), competências, habilidades e colaboração entre mundos de trabalho (TRÉDAN, 2015; PARASIE e DAGIRAL, 2013;), e os discursos dos jornalistas de dados e as rotinas (TRÄSEL, 2014; DICK, 2014) estão no arcabouço do que podemos considerar um quadro de diversidades de temas e interesses de pesquisa. As potencialidades das áreas da computação, fenômenos como *Big Data* e uso de algoritmos na produção jornalística, que seria a vertente do Jornalismo computacional (COHEN, HAMILTON e TUNER, 2011; LIMA JUNIOR, 2011; DIAKOPOULOS, 2012; LEWIS e USHER 2013, 2014; CODDINGTON, 2014), também deve ser destacada.

Aqui citamos alguns pesquisadores dessas abordagens, mas salientamos que

certamente esse quadro é maior. No limite da revisão de estudos desta pesquisa, fizemos buscas por artigos, dissertações e teses na plataforma de periódicos da Capes usando as palavras-chave: Jornalismo de Dados, Jornalismo Guiado por Dados, Jornalismo Computacional e seus correspondentes em língua inglesa, *Driven Journalism*, *Data Journalism*, *Computational Journalism*, partindo do uso desses termos no título e no resumo das produções como mecanismo de levantamento para melhor fundamentar este capítulo e a pesquisa em todo o seu escopo.

Por fim, corroboramos com as conceituações que convergem a partir da compreensão do Jornalismo de Dados como uma prática que utiliza de métodos científicos e ferramentas computacionais para a produção jornalística. Os dados são, neste âmbito, a fonte primária do jornalista. Assim, temos, a partir do Jornalismo de Dados, novas práticas de trabalho.

2.4 JORNALISMO DE DADOS NO BRASIL

No Brasil, a prática do Jornalismo de Dados tem crescido, mas com um caminho ainda em construção, podemos afirmar. Iniciativas em ascensão e independentes, agências especializadas e redações de jornais tradicionais do país configuram esse cenário. O ano de 1991 é o marco, pode-se dizer, da primeira produção de uma reportagem de Jornalismo de Dados pelo jornalista Mário Rosa, quando repórter do *Jornal do Brasil* (TRÄSEL, 2014).

Mário Rosa conseguiu uma senha para acessar o Sistema Integrado de Administração Financeira (Siafi) e verificou a compilação de registros de gastos do governo federal. A partir da apuração e pesquisa diante do material, ele constatou que parte do orçamento da entidade Legião Brasileira de Assistência (LBA), administrada por Rosane Collor, esposa do então presidente Fernando Collor de Melo, foi desviado para entidades beneficentes de fachada.

A partir da reportagem de Rosa, o Brasil iniciou seus passos no JD, vale destacar, muito mais pela iniciativa de jornalistas que se aperfeiçoaram em ferramentas e linguagens para produção jornalística de dados. Nesse escopo, temos os jornalistas Fernando Rodrigues e José Roberto de Toledo, que são considerados uns dos precursores das técnicas de investigação jornalística com auxílio do computador (RAC).

Quando se trata dos núcleos de dados que iniciaram a prática no país, o *Estadão Dados* foi protagonista. Liderado pelo jornalista José Roberto de Toledo, desde o ano de 2012, o jornal apostou no “novo” tipo de produção jornalística e pouco a pouco tornou-se referência, sendo muitas vezes estudo de caso de algumas pesquisas brasileiras, como a tese de doutoramento de Marcelo Träsel. Hoje, o núcleo de dados do jornal não existe mais.

Outras redações de jornais tradicionais resolveram apostar no Jornalismo de Dados,

e, assim como o *Estadão*, produzem textos jornalísticos e grandes reportagens de dados com temas que envolvem, principalmente, as editorias de educação, saúde e segurança. A *Folha de S. Paulo (Deltafolha)*, *Globo (blog Na Base de Dados)*, *Zero Hora*, *Portal Metrôpoles* são alguns jornais que se destacam neste cenário.

As iniciativas não vêm somente das empresas que são consideradas tradicionais do jornalismo brasileiro, mas ao longo dos anos 2000, vimos surgir jornais com produções baseadas em Jornalismo de Dados. Iniciativas independentes, como por exemplo, o *Jornal Nexo* e a revista *Gênero e Número*.

O surgimento de agências de dados também faz parte desse processo. A *Volt*, e a *iNFRA* são destaques neste contexto. Durante a aplicação de um questionário sobre competências profissionais dos jornalistas de dados brasileiros – que consta no prelúdio da análise – foi possível perceber o quanto as agências de dados cresceram. Essas iniciativas vendem histórias baseadas em dados para outros veículos de mídia.

Uma parcela da trajetória do JD no Brasil se deve às organizações, que neste contexto oferecem cursos especializados. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), a Escola de Dados e o Centro Knight para o Jornalismo nas Américas estão entre elas. A Abraji é uma das responsáveis pela disseminação da prática no país e tem levantado a bandeira de um jornalismo mais transparente e focado em bases de dados públicas. Empresas como a Google também entram nesse escopo, embora não as possamos classificar junto às organizações citadas.

Um projeto de mapeamento de iniciativas de Jornalismo de Dados no Brasil, realizado no primeiro semestre de 2019 pelo doutorando e pesquisador da Universidade de Navarra, Mathias Felipe de Lima Santos, mapeou 52 iniciativas espalhadas pelo país. O resultado do mapeamento mostra, assim como constatado pelo questionário aplicado para esta pesquisa, uma concentração de iniciativas na região Sudeste do país e nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro.

A presença massiva de organizações nas duas maiores capitais, São Paulo (23 empresas) e Rio de Janeiro (13), mostram que o jornalismo de dados ainda não está consolidado no país. A limitação dessa prática nas capitais pode ter reflexo no papel fundamental do jornalismo na atualidade. No nosso entendimento o papel da imprensa como cão de guarda para sociedade pode ser influenciado por essa falta de desenvolvimento do jornalismo de dados. (SANTOS, 2019, p. 13)

O mapeamento de Santos (2019) mostra a distribuição das organizações da seguinte forma:

Tabela 1 - Número de Organizações de Jornalismo de Dados por Cidades

<i>Cidades</i>	<i>Total de organizações</i>
Brasília	3
Campo Grande	1
Curitiba	2
Florianópolis	2
Fortaleza	1
Porto Alegre	1
Recife	2
Rio Claro	1
Rio de Janeiro	13
Salvador	1
São José dos Campos	1
São Paulo	23
Vitória	1
<i>Total de organizações</i>	52

Fonte: Santos (2019, p. 12).

Outro dado interessante da pesquisa é em relação ao tipo de organização de mídia que atua na área do Jornalismo de Dados, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 - Tipos de Organização de Mídia

<i>Tipo de Organização</i>	<i>Organização de mídia</i>
Mídia Tradicional	19 (36,5%)
Nativa Digital	27 (51,92%)
Organização não-midiática	4 (7,69%)
Outros	2 (4%)
<i>Total</i>	52

Fonte: Santos (2019, p. 11).

Os dados da pesquisa de Santos convergem com os resultados do questionário aplicado para este trabalho. Há protagonismo de iniciativas nativas digitais, mas a presença da mídia tradicional ainda apresenta números relevantes. Assim como em outros países, a Lei de Acesso à Informação, aprovada no ano de 2011 no Brasil, alavancou o movimento do Jornalismo de Dados. A lei assegura o direito de acesso aos dados produzidos por órgãos e entidades da União, estados e municípios, o que auxilia na crescente atuação, tanto de organizações nativas digitais quanto de veículos tradicionais.

Mastrella (2020) também realizou um mapeamento que consideramos relevante observar, pois é recente. Percebemos que os levantamentos da pesquisadora convergem tanto com a pesquisa de Santos (2019) quanto com o nosso questionário. Mastrella dimensionou o nível de difusão do Jornalismo de Dados no Brasil. O critério que norteou a seleção de iniciativas ou entidades que publicam conteúdos ou projetos de dados foi a frequência dessas

publicações. Foram selecionados tanto veículos de mídia tradicionais, como jornais e revistas, quanto entidades sem fins lucrativos, projetos de jornalismo independente, que ela considera como sem ligação com conglomerados de mídia ou grupos políticos, por exemplo, e iniciativas financiadas por organizações internacionais. Ela ainda classificou separadamente os veículos que fazem parte de um mesmo conglomerado sem um vínculo entre si, como é o caso da *TV Globo* e o *Portal G1* e a *TV Record* e o *Portal R7*.

A pesquisadora ainda incluiu veículos que não possuem editorias ou núcleos de Jornalismo de Dados, mas que publicam materiais produzidos em colaboração com outras entidades ou por profissionais *freelancers*, caso do *The Intercept Brasil* e a *BBC Brasil*. O quadro a seguir, retirado da pesquisa de Mastrella (2020), apresenta a compilação do levantamento:

Quadro 1 - Mapeamento dos núcleos de JGD no Brasil

(continua)

	Veículo / Entidade	Mídia tradicional	Veículo independente	Veículo nativo digital
São Paulo	Deltafolha / Folha de S Paulo	x		
	Estadão Dados / O Estado de S Paulo	x		
	Revista Piauí	x		
	Nexo Jornal		x	x
	Fiquem Sabendo		x	x
	Painel Jornalismo de Dados		x	x
	UOL	x		

Quadro 1 - Mapeamento dos núcleos de JGD no Brasil

(continuação)

	Veículo / Entidade	Mídia tradicional	Veículo independente	Veículo nativo digital
São Paulo	Volt		x	x
	InfoAmazônia		x	x
	Valor Econômico	x		
	Portal G1	x		x
	El Pais	x		
	BBC Brasil	x		
	Portal R7	x		x
	Repórter Brasil		x	x
	Abraji		x	x
	TV Record	x		
Rio de Janeiro	TV Globo	x		
	Na base de dados / O Globo	x		
	DataLabe		x	x

Quadro 1 - Mapeamento dos núcleos de JGD no Brasil

(continuação)

Veículo / Entidade	Mídia tradicional	Veículo independente	Veículo nativo digital	Veículo / Entidade
Rio de Janeiro	Agência Lupa		x	x
	Globo News	x		
	TV Globo	x		
	Dadoscope / Revista Fórum	x		
	Aos Fatos		x	x
	Gênero e Número		x	x
	The Intercept Brasil		x	x
	Colaborados		x	x
Espírito Santo	G Dados / Gazeta online	x		
Brasília	Jota	x		x
	Metrópoles	x		x
	Poder360	x		x

Quadro 1 - Mapeamento dos núcleos de JGD no Brasil

(conclusão)

Veículo / Entidade	Mídia tradicional	Veículo independente	Veículo nativo digital	Veículo / Entidade
Santa Catarina	Caixa de Dados / Notícias de SC	x		x
	Diário Catarinense	x		
Rio Grande do Sul	Jornal Extra Classe	x		
	Afonte		x	x
	Zero Hora	x		
Paraná	InfografiaGP / Gazeta do Povo	x		
	LivreJor		x	x
Alagoas	Agência Tatu		x	x
Bahia	Correio 24h	x		
Ceará	O Povo	x		
	Diário do Nordeste	x		
Pernambuco	Marco Zero		x	x
	Jornal do Commercio	x		
Sergipe	InfoSãoFrancisco		x	x
Total	46	28	18	24

Fonte: Matrella (2020).

O mapeamento mostra que ainda há poucas iniciativas de Jornalismo de Dados no Brasil e uma centralização maior nas regiões Sul e Sudeste do país. De acordo com o levantamento, na região Norte não existem iniciativas desse tipo. Observamos que os dados obtidos por Mastrella (2020) convergem mais uma vez com os dados encontrados na aplicação do questionário que realizamos durante o pré-campo, como também aos dados da pesquisa de Santos (2019), a qual aponta que os veículos nativos digitais são o berço do Jornalismo de Dados.

O mapeamento da pesquisadora inclui mais categorias ou iniciativas, ou seja, é mais amplo em abrangência de práticas, pois além das agências de JD e jornais, por exemplo, ela considera na busca as agências de *fact-checking*, uma vez que estas desenvolvem projetos a partir de verificação com base em dados massivos. Quando perguntamos aos respondentes do nosso questionário sobre o local de trabalho em que atua, as agências de *fact-checking* também aparecem, apontando que são espaços de práticas de Jornalismo de Dados.

Outra faceta do Jornalismo de Dados brasileiro a qual deve ser lembrada são os prêmios conquistados em importantes eventos do gênero no cenário internacional e nacional. Um bom parâmetro para constatar que a prática é notória no país. A equipe do *Estadão Dados* já ganhou o Prêmio ExxonMobil de Jornalismo, antigo Prêmio Esso, um dos mais importantes no campo jornalístico. Com a reportagem “Farra no Fies”, dos jornalistas José Roberto Toledo, Rodrigo Burgarelli e Paulo Saldaña, a reportagem foi a vencedora da categoria principal do prêmio. Foi a primeira vez que uma produção de Jornalismo de Dados recebeu essa premiação.

Os projetos brasileiros também se destacaram em seis edições do *Data Journalism Awards*, maior premiação da área. Na primeira edição do prêmio, em 2012, três trabalhos ganharam destaque, entre eles a série de reportagens “Mil Vidas”, produzida pelo *Jornal Correio*, de Salvador. A série faz um balanço dos homicídios registrados na capital da Bahia. Em 2017, a *News app*, *Ranking de Eficiência dos Municípios*, produzida pela *Folha de S. Paulo*, foi uma das finalistas do mesmo prêmio. O jornal fez um levantamento de indicadores de mais de 5 mil municípios brasileiros para constatar “Quem entrega mais saúde, educação e saneamento básico gastando menos recursos”.

No âmbito brasileiro, foi criado o *Prêmio Cláudio Weber Abramo de Jornalismo de Dados*. Indo para sua terceira edição até o fechamento desta tese, a premiação é concedida para os melhores trabalhos de Jornalismo de Dados do país. A ideia é que as produções participantes adotem práticas de transparência ativa, com publicações de metodologias, códigos e dados usados na apuração.

O prêmio surgiu em homenagem ao jornalista e matemático Cláudio Weber Abramo, que faleceu em agosto de 2018. Abramo foi cofundador da página *Transparência Brasil*, tida como uma das primeiras ferramentas digitais voltadas ao combate à corrupção no Brasil, e idealizador do portal *Às Claras*, plataforma digital que compilava gastos das eleições e possibilita cruzamento com outras bases de dados.

Eventos também marcam a trajetória do Jornalismo de Dados brasileiro. A *Conferência Brasileira de Jornalismo de Dados e Métodos Digitais (Coda.Br)* está nesse bojo, assim como o *Cerveja com Dados* e são, inclusive, uma forma de fortalecimento da comunidade, ponto que vamos discutir melhor no capítulo de análise. Neste cenário, cursos em nível internacional merecem ser citados, pois auxiliam profissionais no processo de aprendizagem em coleta, limpeza, análise e visualização. O programa de cursos oferecidos pelo *Knight Center* é um bom exemplo.

Com expansão no Brasil e no mundo, o Jornalismo de Dados tem se evidenciado no país pelos movimentos de iniciativas que acendem tanto no jornalismo tradicional quanto de nativos digitais. Há um reconhecimento dessa prática por parte dos profissionais que buscam aperfeiçoamento, como pudemos constatar nos pré-campo realizados durante os dois primeiros anos de pesquisa. É notória a busca de jornalistas e outros profissionais que desejam atuar na área se preparando por meio de cursos sobre ferramentas, linguagens e metodologias para a produção jornalística de dados. A crença em um jornalismo transparente caracteriza e molda a visão de quem defende o JD. Assim como em outros países, a *Cultura Open Data* ajudou nessa propagação.

As produções acadêmicas sobre a temática também têm aumentado no Brasil: Barbosa (2006); Lima Junior (2011); Träsel (2013) (2014); Rodrigues (2014); Gehlen (2016); Mancini e Vasconcellos (2016), são alguns dos pesquisadores brasileiros que merecem destaque pelos estudos empreendidos com o objetivo de discutir e compreender o fenômeno do Jornalismo de Dados no país, além de recentes pesquisas que surgem em nível de graduação, mestrado e doutorado, como é caso da pesquisa de Mastrella (2020).

Sobre as produções acadêmicas, Bazzo, Martins e Barbosa (2020), apresentam uma revisão sistêmica de artigos, dissertações e teses sobre Jornalismo de Dados publicados no Brasil. O mapeamento parte dos principais estudos, abordagens, autores, grupos, projetos e instituições acerca do tema. Para os autores, os resultados do mapeamento indicam que as pesquisas sobre JD são incipientes e recentes, com aumento no número de publicações nos anos de 2016 e 2017.

Na tabela é apresentado o número de artigos publicados em periódicos na grande área da Comunicação sobre a temática.

Tabela 3 - Periódicos de Comunicação que publicaram artigos sobre Jornalismo de Dados

ISSN	Periódicos	Qualis	Nº de artigos
1808-4079	<i>Brazilian Journalism Research</i>	A2	1
1808-2599	E-compós	A2	1
1519-311X	Galáxia	A2	1
2175-7755	Comunicação & Sociedade	B1	1
1809-9386	Contemporânea	B1	1
1807-8583	Intexto	B1	1
1807-1236	Organicom	B1	1
1984-8226	Revista Fronteira	B1	1

Fonte: Bazzo, Martins e Barbosa (2020).

O quadro a seguir apresenta os resultados dos autores e instituições que produziram sobre temas no contexto do JD.

Quadro 2 - Autores e instituições ligados aos artigos

(continua)

Autores	Instituições
BARBOSA, Suzana Oliveira. Autora Principal A	UFBA
TORRES, Vitor. Coautor A	UFBA
MANCINI, Leonardo. Autor principal B	ESPM-RJ
VASCONCELLOS, Fabio. Coautor B	ESPM-RJ e UERJ
RENOÁ, Luciana. Autora principal C	USP e Unesp

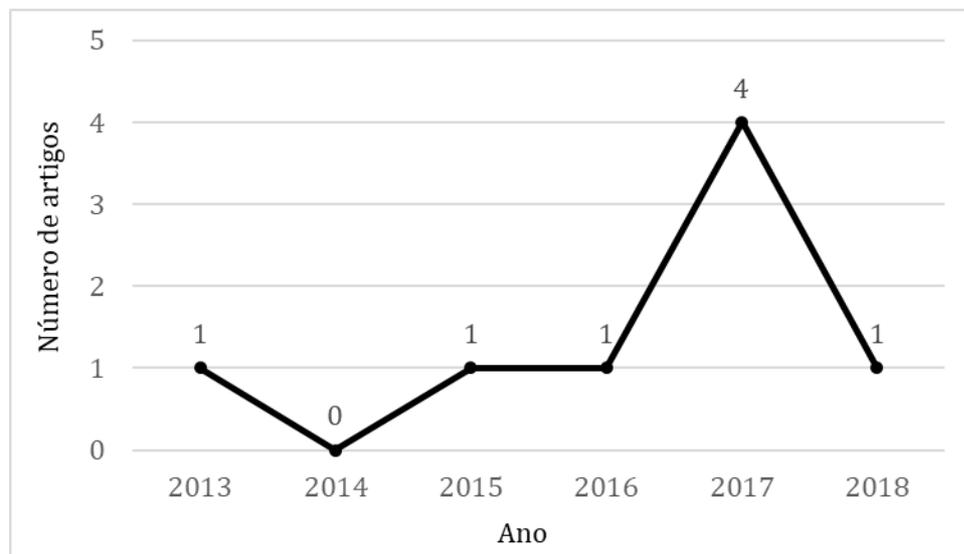
Quadro 2 - Autores e instituições ligados aos artigos
(conclusão)

RENOÁ, Denis Porto. Coautor C	Unesp, USC e UCM
CORRÊA, Elizabeth Saad. Coautora C	USP
GEHRKE, Marília. Autora principal D	UFRGS
MIELNICZUK, Luciana. Coautora D	UFRGS
CHARBONNEAUX, Juliette. Autora principal E	Sorbonne (FR)
GKOUSKOU-GIANNAKOU, Pergia. Coautora E	Clermont Auvergne (FR)
MIELNICZUK, Luciana. Autora principal F	UFRGS
TRÄSEL, Marcelo. Coautor F	UFRGS
ZIBORDI, Marcos Antônio. Autor G	USP e FCL
RADCLIFFE, Damian. Autor H	UO (EUA)

Fonte: Bazzo, Martins e Barbosa (2020).

Os autores ainda apresentam um gráfico com uma linha temporal das publicações desde o ano de 2013 até o ano de 2018.

Gráfico 1 - Número de artigos sobre Jornalismo de Dados publicados por ano



Fonte: Bazzo, Martins e Barbosa (2020)

No âmbito das pesquisas em nível de mestrado, Bazzo, Martins e Barbosa (2020), apresentam os seguintes resultados:

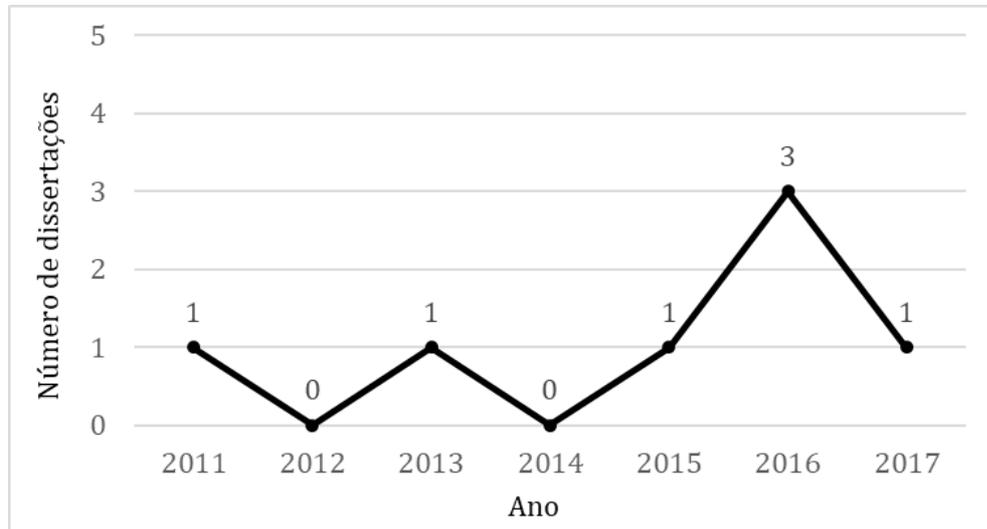
Quadro 3 - Dissertações que trabalharam o Jornalismo de Dados

Título	Autor(a)	Orientador(a)	Universidade
O curador de informação em produtos agregadores de notícias	Vitor Torres	Suzana Oliveira Barbosa	UFBA
A reportagem com base na extração, análise e visualização de dados	Anna Barbara Medeiros	Rita de Cássia Romeiro Paulino	UFSC
Organização e gerenciamento de conteúdos jornalísticos na <i>web</i> semântica	Iuri Lammel Marques	Luciana Pellin Mielniczuk	UFSM
Siga os números: introdução ao uso de dados no jornalismo de finanças e negócios	Mariana Segala	Ana Cristina Menegotto Spanenberg	UFU
Jornalismo de dados na <i>web</i> : estudo da produção de sentido na infografia do Blog do <i>Estadão Dados</i> e do <i>La Nación Data Blog</i>	Kelly de Conti Rodrigues	Eliza Bachega Casadei	Unesp
Processos no jornalismo digital: do <i>Big Data</i> à visualização de dados	Mayanna Estevam	Elizabeth Nicolau Saad Correia	USP
Usos e apropriações de tecnologias no cotidiano do jornalismo guiado por dados	Matias Sebastião Peruyera	Luiz Ernesto Merkle	UTFPR

Fonte: Bazzo, Martins e Barbosa (2020).

O levantamento traz a série histórica sobre o número de dissertações com a temática do Jornalismo de Dados.

Gráfico 2 - Número de dissertações sobre Jornalismo de Dados por ano de defesa



Fonte: Bazzo, Martins e Barbosa (2020).

Por último, os pesquisadores trazem o mapeamento das teses e também a série histórica.

Quadro 4 - Teses que trabalharam o Jornalismo de Dados

(continua)

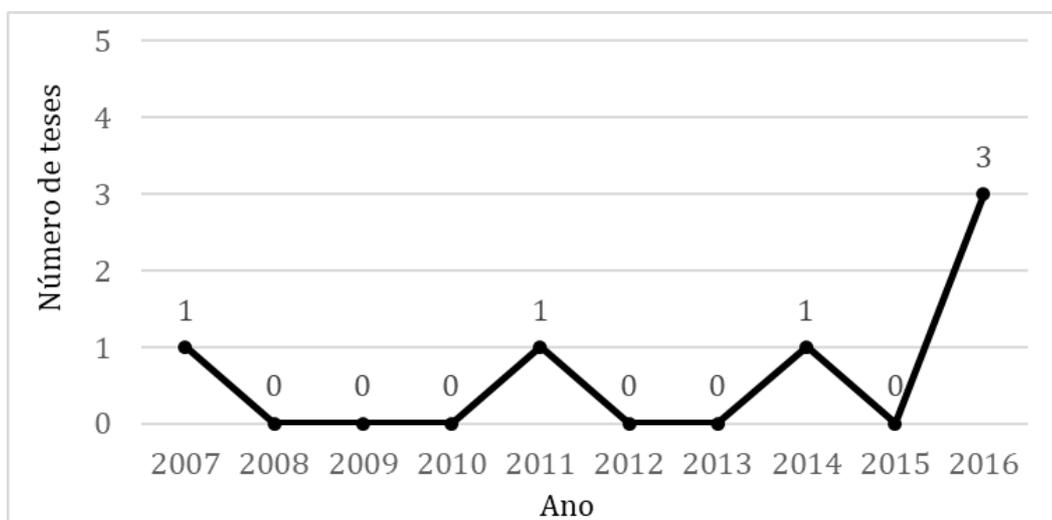
Título	Autor	Orientador	Universidade
Jornalismo digital em base de dados (JDBD): um paradigma para produtos digitais dinâmicos	Suzana Oliveira Barbosa	Marcos Silva Palacios	UFBA
Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do <i>ethos</i> de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil	Marcelo Ruschel Träsel	Francisco Rüdiger	PUCRS

Quadro 4 - Teses que trabalharam o Jornalismo de Dados

			(conclusão)
Jornalismo de (im)precisão: o conhecimento matemático e a apuração de números	Marco Antônio Gehlen	Beatriz Corrêa Pires Dornelles	PUCRS
A colaboração no jornalismo: do <i>Arizona project</i> aos <i>Panama papers</i> .	Carla Miranda B. de Freitas	Cecilia Almeida Salles	PUC-SP
Formato: condição para a escrita do jornalismo digital de bases de dados. Uma contribuição da semiótica da cultura.	Daniela Osvald Ramos	Elizabeth Nicolau Saad Corrêa	USP
Jornalismo transnacional: prática, método e conceito.	Ben Hur Demeneck	Eugênio Bucci	USP

Fonte: Bazzo, Martins e Barbosa (2020).

Gráfico 3 - Número de teses sobre Jornalismo de Dados por ano de defesa



Fonte: Bazzo, Martins e Barbosa (2020).

Consideramos relevante apresentar os dados obtidos a partir da revisão sistêmica dos pesquisadores, pois eles nos mostram o quadro atual do que vem sendo desenvolvido no país quando o assunto é produção científica com os temas que atravessam o Jornalismo de Dados. Os autores pontuam em suas considerações que o Brasil está em sintonia com o cenário internacional quando se trata do aumento de iniciativas em JD. Isso também faz paralelo com o Jornalismo Investigativo, com as demandas por mais acesso à informação e mais transparência dos dados públicos. Por fim, existe uma consolidação da produção acadêmica e científica sobre Jornalismo de Dados no país (BAZZO, MARTINS e BARBOSA, 2020).

Podemos constatar que o caminho da prática jornalística de dados no Brasil vive desde a década de 1990 um processo de consolidação crescente. Percebemos um movimento por parte dos profissionais em ampliar a prática no país, ponto relevante que discutimos na análise do trabalho. O movimento de núcleos de dados dentro de redações de jornais tradicionais e de iniciativas nativas digitais só aumenta, mas ainda carece de mais discussões quando se trata do tipo de produção, as bases de dados utilizadas e processos realizados, e o que de fato chamamos e consideramos Jornalismo de Dados no âmbito do jornalismo brasileiro.

Considerações do capítulo

Neste capítulo buscamos realizar uma revisão de estudos a partir dos tópicos tratados. Nossa intenção foi apresentar os principais caminhos de pesquisas e indícios sobre a prática do Jornalismo de Dados no mundo e no Brasil. Assumimos que certamente não demos conta de trazer um levantamento que abrange fielmente o contexto da expansão do JD quando se trata do contexto mundo, ou podemos ter deixado alguma pesquisa brasileira fora do escopo aqui apresentado, mas dentro do que nos foi possibilitado, acreditamos que o capítulo traz uma contribuição importante para se observar tanto a polifonia conceitual, como também a ascensão e outras nuances do Jornalismo de Dados.

Um tipo de jornalismo que está atrelado ao movimento de dados governamentais abertos, com expansão da prática dentro de redações, surgimento de agências e organizações que adotaram produções a partir do Jornalismo de Dados. Ligado a crenças do jornalismo investigativo, da cultura *hacker* e de valores de mundos sociais distintos, o JD nos apresenta um cenário interessante para analisar e discutir o jornalismo na esfera digital.

Derivado de práticas do Jornalismo de Precisão, da Reportagem Assistida por Computador (RAC), a linha temporal do Jornalismo de Dados se apresenta com configurações rápidas em termos de utilização de máquinas computadorizadas, *Big Data*,

algoritmos, etc. Tudo isso traz mudanças quando olhamos para as dinâmicas produtivas e consequentemente para os profissionais.

Interessa-nos, nesta tese, a partir do âmbito do Jornalismo de Dados, analisar o mundo profissional, especificamente a carreira daqueles que fazem parte deste micromundo. O JD tem particularidades próprias, crenças, valores e uma comunidade em ascensão no Brasil. Tudo isso faz parte do escopo da pesquisa, assim como apresentar a revisão de estudos, surgimento e discussões acerca da temática dá embasamento para os capítulos que seguem.

3 APORTES TEÓRICOS: ESTUDOS DAS PROFISSÕES E DOS MUNDOS SOCIAIS

Este capítulo concentra-se em trazer às reflexões sobre os estudos das profissões (RUELLAN, 1993; DUBAR, 1999; FIDALGO, 2005; CHAMPY, 2012), destacando a abordagem do Interacionismo Simbólico a qual esta pesquisa se filia e dos Mundos Sociais (BECKER, 1982; STRAUSS, 1978, 1992), conceito que fundamenta nosso trabalho. Apresentamos, na primeira parte do capítulo, os pressupostos teóricos sobre as profissões e construção identitária e, na segunda parte, os estudos sobre mundos sociais e micromundos.

No mundo contemporâneo, posterior ao processo de industrialização e de especialização, os indivíduos passaram a compreender o seu “lugar no mundo” a partir da perspectiva da “profissionalização” das atividades que exerciam. O lugar que ocupamos na esfera do espaço laboral atribui *status* e significações sobre e para si. Dessa forma, essa reflexão baseia parte deste capítulo a partir das contribuições trazidas pela sociologia das profissões, seja no paradigma funcionalista ou interacionista (PARSONS, 1939; FREIDSON, 1996; CHAMPY, 2012) no que se refere à socialização pelo ambiente profissional como elemento constitutivo das identidades sociais (DUBAR, 1999).

Neste contexto, abordamos o jornalismo como profissão e seu processo de profissionalização. Assim, trabalhamos com o conceito de “profissão de fronteira” definido por Ruellan (1993), pois corroboramos com o pesquisador ao afirmar que o jornalismo é uma área que não possui limites rígidos de acesso e controle.

3.1 PROFISSÕES E OCUPAÇÕES

Para Champy (2012), as profissões são compreendidas enquanto ofícios caracterizados por um alto nível de educação, ou seja, formação especializada, com uma autonomia na direção do trabalho e com estatuto particular que seja baseado em saberes estabelecidos. Assim sendo, nessa concepção, as profissões existem perante um conjunto de ofícios aos quais uma competência exclusiva é estabelecida e reconhecida no que tange ao desenvolvimento de determinadas tarefas. Isso não se aplica a uma ocupação, assumida ou exercida diante de certas circunstâncias. O diferencial entre os dois contextos está na autonomia que é atribuída aos profissionais (PARSONS, 1939).

A conceituação do termo “profissão” assume diferentes conotações nos estudos da Sociologia Profissional, pois depende da esfera e do idioma em que é utilizado. Para a Sociologia anglo-saxã, o conceito é compreendido a partir das profissões consideradas sábias,

ou seja, que pressupõe uma formação universitária, o que distingue do âmbito das ocupações, o conjunto dos empregos (DUBAR, 1997). Diferentemente da língua francesa, em que o termo “profissão” assume ambos os significados: profissões sábias e o conjunto dos empregos, que são reconhecidos nas classificações dos recenseamentos promovidos pelo Estado (DUBAR, 1997).

Dessa forma, o termo “profissão” tem referências mais abrangentes no francês, o que ocorre também no português. Neste contexto, na Europa os grupos profissionais despertam o interesse de estudos a partir da década de 1970. Dubar e Tripier (1998 *apud* FIDALGO, 2005) estabelecem três instâncias de significação para a palavra:

(1) “qualquer coisa que se enuncia publicamente e que está ligado a crenças político-religiosas” (é a chamada ‘profissão de fé’, o ‘professar certas crenças ou valores’), como (2) “o trabalho que se faz, na medida em que nos permite viver graças ao rendimento que dele retiramos” (esta acepção é próxima da ‘ocupação’ e costuma incluir-se nos elementos básicos de identificação de uma pessoa, a par de nome, estado civil, naturalidade, residência...), ou finalmente como (3) “conjunto de pessoas que exercem o mesmo ofício” (e o sentido, aqui, é próximo do de ‘corporação’ ou de ‘grupo profissional’). Dubar e Tripier acrescentam a estes três sentidos tradicionais um quarto, mais recente, de profissão “como função” ou como “posição profissional num organigrama”. (FIDALGO, 2005, p. 3)

Em língua portuguesa, os sentidos são bem similares em que o uso da palavra “profissão” se relaciona diretamente aos itens 2 e 3, ou seja, refere-se à atividade remunerada que permite o custeio das necessidades básicas, como também, o grupo que desenvolve as mesmas tarefas. Fidalgo (2005), em paralelo a esses quatro sentidos, ainda destaca quatro pontos de vista em relação ao trabalho de uma pessoa, no que tange à profissão, que são:

- 1) declaração (aponta para uma “identidade profissional”);
- 2) emprego (corresponde a uma “classificação profissional”);
- 3) ofício (pressupõe uma “especialização profissional”);
- 4) função (significa uma “posição profissional”).

Para ele, essa classificação nos permite enxergar as perspectivas políticas, ético-culturais e econômicas que se verificam nos estudos das profissões, na área da Sociologia, ao longo do século XX.

Ao problematizar a distinção entre as “profissões sábias” e os “ofícios”, Dubar (1997) coloca em evidência a origem comum, antes da expansão das universidades, as corporações, ou seja, os artistas e os artesãos, os intelectuais e os trabalhadores manuais originavam-se de um mesmo tipo de organização corporativa que “assumia a forma de

“ofícios juramentados”, onde ‘se professava uma arte’.

O autor ainda destaca que a oposição semântica está atrelada a uma oposição que é associada a “um conjunto de distinções socialmente estruturantes e classificadoras que se reproduziram através dos séculos: cabeça/mão, intelectuais/manuais, alto/baixo, nobre/vilão, etc.” (Dubar, 1997, p. 124). Para ele, temos então, uma disputa de poder dentro da sociedade, que se classifica como uma luta ideológica e política pela distinção e classificação. Tal oposição tem origem na expansão das universidades.

Para Tripier (1998), podemos considerar que o *Taft Hartiey Act*, promulgado em 1947, nos EUA, foi em grande parte, o responsável pela diferenciação, ao distinguir por lei, as “profissões” das “meras ocupações”. Dessa forma, as ocupações tinham o direito à organização sindical, já as profissões contemplavam um estatuto próprio e o direito de organização em “associações profissionais”.

De acordo com Fidalgo (2005), o estudo sistêmico das profissões, especialmente no universo anglo-saxónico, há muito tempo faz distinção entre profissões e ocupações. O atributo de profissão está alinhado às atividades que preenchem requisitos que se associam às profissões liberais, ou seja, com concessão aos membros, direitos particulares, formação, etc. As ocupações, em contrapartida, não têm reconhecimento ou regalias.

Neste contexto, os grupos profissionais tentam garantir um espaço de atuação ou mercado, monopólio da atividade, reconhecimento e remuneração. No início do século XX, os estudos vão destacar a “cultura do profissionalismo”, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. O processo de industrialização e a expansão dos mercados trouxeram às profissões o estabelecimento dos primeiros estudos entre pesquisadores anglo-saxões.

Os estudos sociológicos das profissões entre as décadas de 1920 e 1960, segundo Dubar (1999), concentraram-se na perspectiva funcionalista. Aqui, as profissões, a partir da imagem das profissões liberais, como um modelo completo e superior às ocupações, predominou.

Maria Rodrigues (2002) na obra *Sociologia das profissões*, frisa, neste contexto, que é na perspectiva funcionalista que estão as mais frequentes classificações sobre as atividades de trabalho a partir de um tipo-ideal de profissão, sendo as ocupações consideradas “quase-profissão” ou “semi-profissão”.

3.1.1 Perspectiva funcionalista

Os primeiros estudos sobre as profissões – o imaginário das profissões liberais – foi visto como um modelo superior e completo quando se trata de compreender o restante das “ocupações” que não alcançaram o mesmo modelo. O paradigma funcionalista, neste sentido, classifica as atividades de trabalho que podem ser consideradas profissão, aquelas que tenham, um conjunto exato, ou seja, específico de atributos. Desse modo, um ideal-tipo de profissão surge, sendo que as ocupações são vistas somente para satisfazerem alguns dos atributos e passam a ser consideradas “quase-profissão”, ou mesmo uma “semi-profissão” (FIDALGO, 2005).

Os trabalhos de Carr-Saunders e Wilson (1933), na Inglaterra, e Parsons (1939) e Merton (1958), nos Estados Unidos, são referenciais no início dos estudos funcionalistas sobre as profissões, uma vez que procuram descrever e observar a influência das organizações profissionais no contexto das sociedades modernas. Dubar e Tripier (1998, p. 68) resumem três proposições para as abordagens funcionalistas:

1. O desenvolvimento, a restauração e a organização das profissões estão no cerne do desenvolvimento das sociedades modernas,
2. porque elas asseguram uma função essencial: a coesão social e moral do sistema social,
3. e representam, por esse fato, uma alternativa à dominação do mundo dos negócios, do capitalismo concorrencial e da luta de classes.

Observamos que os pesquisadores do paradigma funcionalista desenvolveram uma relação de atributos que definiram uma determinada atividade como profissão. Assim, as atividades que não atendiam a tais critérios eram excluídas (DUBAR, 1999). Nesse escopo, é relevante destacar no âmbito do paradigma funcionalista nas Ciências Sociais, o pensamento de Émile Durkheim, que segundo Dubar e Tripier (1998), teve grande influência e dominou boa parte da Sociologia das Profissões até o fim da década de 1960. O francês é considerado o primeiro sociólogo a defender argumentos sobre a evolução das atividades econômicas e as formas de organização social.

Parsons (1939) afirma que a autoridade profissional sempre propicia uma estrutura sociológica particular, certamente por ser um resultado de uma “competência técnica”, que é concebida ao “homem profissional”. Sendo assim, essa autoridade é exercida diante da sociedade e dos clientes, por exemplo, ou até mesmo diante dos superiores hierárquicos que

pertençam a uma estrutura organizacional.

Para o autor, isso se dá porque essa estrutura é definida a partir de critérios técnicos que são previamente definidos e acordados pelo campo de atuação. Ainda para ele, os profissionais portam valores racionais do conhecimento técnico os quais dominam o conhecimento prático e também teórico que possibilitam habilidades para prestar serviços para toda a coletividade.

Até a década de 1960, o paradigma funcionalista aponta Franzoi (2006), apresentava os grupos profissionais da seguinte forma: (a) comunidades homogêneas que se reuniam em torno dos mesmos valores e de um mesmo código de ética; (b) são detentores de um poder assentado sobre um conhecimento científico considerado como absoluto e dado. É a partir desta década que grande parte da literatura começou a esclarecer o caráter histórico e social do processo de hierarquização dos grupos profissionais (FRANZOI, 2006).

A partir disso, as novas abordagens passam a compreender a formação dos grupos profissionais. Aqui ocorrem as disputas de mercado e o caráter “mais” ou “menos científico” do conhecimento monopolizado por cada grupo profissional, é entendido não como dado, mas é socialmente construído.

Entenda-se: o conhecimento formal e o papel legitimador que a ciência assume nas sociedades modernas são definidores da “relação entre criação, transmissão e aplicação do conhecimento formal e o poder”. As profissões “são ocupações nas quais a educação é pré-requisito para o emprego em determinadas posições”. Este sistema de credenciamento funciona como mecanismo de reserva de mercado de trabalho para os membros da profissão e exclusão dos demais. “As diferentes formas de acesso/controlado do saber produzem as diferenças entre o profissional e o leigo e hierarquias no interior do grupo profissional”. (FRANZOI, 2006; *apud* FREIDSON, 1998, p. 101)

Dentro da autoridade profissional, as associações profissionais, por exemplo, são estruturas importantes para a manutenção do monopólio dos saberes de cada profissão. Se situam aqui as formas de ingresso, a transmissão das competências pelo ensino e as formas de conduta, pautadas pelos códigos deontológicos. As entidades de classe têm o dever legítimo de defesa de um mercado de trabalho, remuneração a partir do que o grupo acredita ser adequada e especialmente defender a credibilidade da categoria profissional perante a coletividade (MERTON, 1958).

Desse modo, Fidalgo (2005) destaca que foi a partir das teorias funcionalistas que ocorreu o desenvolvimento da noção de *profissionalização*, compreendida inicialmente, segundo o autor, com o estudo da maneira como, em determinados momentos e

circunstâncias, uma “ocupação” profissional pode passar ao estatuto de “profissão”. Isso implica uma listagem de atributos distintivos da profissão. Pela perspectiva funcionalista, “implica qualificação teórica e competência técnica, experiência e ‘*expertise*’ prática, ideal altruísta de serviço como condição de reconhecimento e legitimidade social” (FIDALGO, 2005, p. 7).

Por fim, os estudos funcionalistas analisam as profissões a partir de um conjunto de atributos que são restritos e que caracterizam os grupos profissionais, elevando uma ocupação ao status de profissão. Os funcionalistas tiveram bastante relevância nos estudos sobre as profissões, mas se dedicaram às profissões estáveis, como o direito e a medicina, por exemplo. Essa perspectiva recebeu críticas a partir da segunda metade do século XX por outras abordagens de debates sobre as profissões. Uma delas e certamente a mais contundente foi a do paradigma interacionista.

3.1.2 O paradigma interacionista

O paradigma interacionista marca o segundo momento dos estudos das profissões. Com origem na Escola de Chicago, em 1950, nos Estados Unidos, a linha de estudos aplicada às profissões rompe com a visão funcionalista. As análises ligadas à corrente teórica do Interacionismo Simbólico tinham como preocupação a lógica do processo. O mais relevante não era definir o que é uma profissão, mas seria, de acordo com Rodrigues (2001, p. 16) “identificar as circunstâncias segundo as quais as ocupações se transformam em profissões”.

Os atributos que em princípio caracterizariam uma profissão, em uma perspectiva de modelo, não fazem parte da lógica percebida pelo paradigma interacionista. A perspectiva sugere estudar todas as atividades do mesmo modo e não somente as profissões consideradas estáveis.

Reconhecido com uma das maiores referências do interacionismo sobre profissões, Everett Hughes (1960) afirma que, no contexto dos seus estudos, passou da falsa questão de indagar: se uma ocupação é uma profissão para uma questão que ele considera mais fundamental: quais as circunstâncias pelas quais os indivíduos que têm uma ocupação buscam ou tentam torná-la uma profissão, e a si próprios em profissionais? Quais são passos pelos quais se buscam criar uma identificação com os seus modelos de valores? (RODRIGUES, 2001).

Para Fidalgo (2005), o estudo das profissões é alargado para um quadro muito mais vasto das atividades, partindo do pressuposto de que a divisão do trabalho resulta das

interações e dos variados processos de construção social, diferentemente do paradigma funcionalista que leva em conta uma simples capacidade técnica de dar respostas às necessidades sociais.

O autor frisa que a partir da perspectiva de Hughes, a especificidade do trabalho está nas condições de fato concretas do exercício profissional, como a existência de carreiras enquanto espaços de hierarquização, mas também enquanto espaços de socialização, existência de autorização legal e de saberes, por exemplo. O trabalho, enquanto espaço de socialização, está associado a uma filosofia e uma visão de mundo.

Neste sentido, o percurso da profissionalização é compreendido como um processo de afirmação de ocupações por oposição dos modos amadores de desenvolvimento de uma atividade (FIDALGO, 2005). A exigência de uma formação especializada é tomada na perspectiva interacionista menos como um atributo das profissões e muito mais como um meio, ou mesmo um recurso para o processo de profissionalização. O aumento do nível de qualificação é de suma importância nos conflitos e disputas de áreas e nas respectivas fronteiras, como postula Ruellan (1997).

No paradigma interacionista, no âmbito dos grupos profissionais há dois conceitos-chave, os de *licença*, que consistem na autorização legal para que se possa exercer uma determinada atividade, o que dificulta outros indivíduos a exercê-la e, de *mandato*, ou seja, a correlativa obrigação de prestar serviço à sociedade com sujeição a regras de conduta (FIDALGO, 2005). Assim, a estrutura não é o primordial, mas sim a ação, o contexto de como as pessoas agem.

O trabalho de Howard Becker (1970) merece destaque quando se trata dos estudos interacionistas das profissões. Ao criticar o termo “profissão”, o estudioso pontua que o esse conceito vinha sendo carregado de valorização positiva, como se uma atividade estivesse em estágio superior e servindo de modelo às demais. Becker propõe, então, outra via de percepção para estudar as profissões quando observa o modo como elas se relacionam a partir das características que lhes são próprias. Ele busca saber o que os indivíduos têm em mente quando afirmam que uma ocupação é uma profissão ou que não é.

Para Angelini (2010), a abordagem interacionista levantou três críticas principais aos estudos funcionalistas. A primeira foi por considerar que o paradigma funcionalista replica os discursos dos indivíduos que estão diretamente envolvidos com certo excesso e entusiasmo; a segunda, pelo fato de os estudiosos funcionalistas defenderem os mesmos caminhos de defesa

do mercado de atuação que os profissionais desenvolveram; e, a terceira crítica é pelo fato de os funcionalistas estabelecerem as análises com unidade e estabilidade do tempo presente, não levando em consideração as perspectivas históricas e o recorte cultural de cada região onde as profissões se desenvolveram.

Os interacionistas estenderam suas análises a partir da compreensão da profissão enquanto uma atividade cooperativa e aqui surge a noção de mundo social, conceito proposto com Becker (1982), que pressupõe uma rede de cooperação a partir de uma ordem negociada entre os atores que fazem parte do campo de atuação. Segundo Pereira (2009, p. 222), “a participação dos indivíduos não depende de um pertencimento institucional. Ela está associada apenas às formas convencionais de atuar na realização dessa atividade”.

Já o paradigma funcionalista se debruçou em classificar a profissão em um “tipo ideal”, realizando uma distinção e excluindo as ocupações que não se enquadram nesse tipo ideal, gerando uma categorização de “quase profissão”, “semi-profissão” ou “profissões marginais” (CHAMPY, 2012). Os interacionistas não centram seus estudos em definir “o que é uma profissão”, pois consideram mais relevante identificar as circunstâncias nas quais e também pelas quais as ocupações se transformam em profissões.

Dubar (1997), E. Hughes e os sociólogos da Escola de Chicago tiveram o grande e válido mérito de relacionar estreitamente o universo do trabalho aos sistemas da socialização.

Definindo-o como um “drama social” (*social drama of work*), Hughes enfatizava o fato essencial de que o “mundo vivido do trabalho” não podia ser reduzido a uma simples transação econômica (a utilização da força de trabalho em troca de um salário): ele mobiliza a personalidade individual e a identidade social do sujeito, cristaliza suas esperanças e sua imagem de Si, engaja sua definição e seu reconhecimento sociais. (DUBAR, 1997, p. 187)

Ainda para Dubar, a abordagem interacionista se mostra fecunda, tendo em vista que obrigava a sair de uma análise sincrônica da “situação de trabalho” ou mesmo do “sistema social”, para as observar em uma perspectiva diacrônica com ênfase na carreira. Aqui, destacamos os trabalhos de Becker (1982) e Strauss (1982) que partem do duplo sentido de planos de carreiras e de trajetórias socioprofissionais.

Ressaltamos a importância dos estudos interacionistas sobre as profissões, abordagem a qual este trabalho se utiliza. A perspectiva do interacionismo simbólico para perceber e analisar as profissões nos permite colocar a socialização profissional no cerne da nossa análise ao nos debruçarmos na carreira dos jornalistas de dados no contexto brasileiro.

3.1.3 Perspectivas teóricas mistas dos estudos das profissões

De acordo com Fidalgo (2005), a Sociologia das Profissões teve um terceiro momento, entre as décadas de 1970 e 1980, com estudos e abordagens teóricas mistas. Chama-se de mista o que se desenvolveu nessas décadas de pontos de confluência e complementação entre os paradigmas funcionalista e interacionista. Surgem novas dimensões e algumas se sobressaem, como a que busca destacar o papel dos **mecanismos econômicos** e do **controle** dos mercados no contexto das sociedades modernas. Segundo o autor, as contribuições teóricas de Marx em alguns contextos e de Max Weber em outros têm como objetivo discutir a questão do **poder** das profissões e as estratégias dos grupos profissionais que buscam conquistas e preservação de poder.

Rodrigues (2001) pontua que a partir da perspectiva funcionalista, o fenômeno das profissões se centra sobre os critérios de legitimidade social; na perspectiva interacionista, nas relações de negociação e dos variados conflitos desenvolvidos pelas as ocupações; agora os debates e explicações para os fenômenos estão nos critérios relacionados com o poder, tanto o poder profissional, quanto o poder econômico, social e político dos próprios grupos.

Autores como Eliot Freidson e Magali Larson marcaram os estudos desse período ao analisarem as abordagens do considerado **“paradigma do poder”**. A visão é perceber o profissionalismo sobretudo como um verdadeiro sistema de justificações que está ligado às estratégias políticas e não a exigências funcionais ou configurações relacionais (FIDALGO, 2005).

Para Rodrigues (2001), duas mudanças metodológicas centrais ocorrem. A primeira, diz respeito ao fato de as profissões não serem mais analisadas a partir de tipos ideais e passam a ser vistas no processo mais dinâmico de obtenção de um estatuto profissional, e a segunda diz respeito ao fato de os discursos sobre as profissões estimulam o interesse de construção de estratégias de legitimação social ao destacar o estatuto profissional como material simbólico.

Ao levantar sua crítica ao paradigma funcionalista, Freidson (1996) não considera o “ideal de serviço” como o sistema que garante estatuto de autonomia do profissional diante dos leigos. Ele ainda critica o fato de algumas profissões, como é o caso da medicina, terem sido consideradas como parâmetro estabelecido, ou seja, modelo de profissionalismo. Com influência do Interacionismo Simbólico, o autor buscou analisar os contextos históricos e

também culturais no desenvolvimento das profissões. Nesse escopo, encontramos grandes diferenças entre nações como por exemplo, Estados Unidos e os países europeus.

O crescimento dos estudos sobre as profissões a partir da década de 1970 se deu em decorrência da relevância que as profissões e profissionais ganharam em países notoriamente industrializados, como também o elevado número de ocupações com cursos universitários (FREIDSON, 1996). O novo conceito de classe advindo dos neomarxistas é fortemente criticado pelo autor. Para ele, tanto os trabalhos de profissões quanto os de ofício são de caráter extremamente criterioso, mas a percepção de distinguir atividades manuais e intelectuais é fraca, como também insuficiente.

Champy (2012) frisa os estudos de Larson, que têm influência marxista e contribuições weberianas. A profissionalização é o mecanismo para a conquista de prestígio, renda e poder. Para a autora, é a partir dos processos de estabelecimento de limites sociais e da standardização das práticas, que as profissões são complemento à burocracia na tarefa de organizar e controlar o trabalho. O controle de sustentação do saber e do ensino, como também as condições para acessar ao mercado de trabalho são elementos fundamentais para alicerçar o poder profissional.

Existe um ponto em comum entre as três perspectivas, quando analisaram as diferenças socio-históricas entre as nações dando relevância ao papel do Estado já que o mesmo é quem permite às profissões serem reconhecidas e terem estatutos. A evolução dos estudos acompanhou o processo como as profissões conseguiram um lugar de destaque na sociedade contemporânea. Dessa forma, as profissões contribuem para definir as identidades individuais.

3.2 A CONCEPÇÃO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

Quando no âmbito do jornalismo pensamos a sua construção como uma profissão, deparamo-nos com a colaboração de algumas correntes teóricas que se enquadram na história dos estudos da Comunicação. O jornalismo conta com um arcabouço de estudos iniciados nos Estados Unidos e pertencentes a uma “sociologia dos emissores” (WOLF, 1999). Esse autor questionou por que as notícias são como são, qual o papel do jornalismo perante a sociedade e qual o papel dos jornalistas na produção noticiosa.

O modelo do profissionalismo jornalístico estava centrado no selecionador, ou seja, do *gatekeeping*. Termo postulado por Kurt Lewin, em 1947, a partir de uma pesquisa sobre a

possibilidade de mudanças de hábitos alimentares de uma população. Na mesma perspectiva, em 1950, os estudos de David White, no célebre artigo *The "Gatekeeper"* marcam as discussões no campo da comunicação para tentar compreender como ocorrem os filtros das notícias nas redações.

Dentro da corrente de estudos que analisa os processos de produção da notícia, os textos de Guy Tuchman como *Making news by doing work: routinizing the unexpected* (1973) e *Making news. A study in the construction of reality* (1978) merecem destaque.

Nas décadas seguintes, 1960 e 1970, temos o surgimento do modelo do *advocate* ou defensor e, logo depois os estudos dos processos de produção das notícias, o *Newsmaking*. Os três modelos do profissionalismo não se sobrepõem um ao outro e estão correlacionados às correntes das pesquisas em comunicação, que são: a funcionalista, a crítica e a interpretativa (ALSINA, 2009).

Alsina (2009) destaca que as pesquisas americanas que ganharam importância surgem com influência do paradigma funcionalista e de bases positivistas que nas primeiras décadas do século XX dominavam as pesquisas. O jornalista é compreendido como o selecionador dos acontecimentos. Na perspectiva crítica, o papel político dos meios de comunicação é o foco, ou seja, além de transmitir informações, são agentes políticos. No contexto da perspectiva interpretativa a análise é da realidade social. O jornalista é visto como um tipo de construtor da realidade a partir de uma institucionalização do seu próprio papel e de determinados mecanismos de produção.

Para Hall *et al* (1999) a produção social das notícias alcança três fatores: a organização burocrática da mídia, a estrutura de valores-notícia e o momento da construção da própria notícia. Os pesquisadores salientam que os jornalistas e os meios de comunicação não criam as notícias de forma autônoma, mas segundo as pressões internas do processo produtivo e da rotinização em que as fontes, especialmente as ligadas aos poderes político e econômico, assumem uma posição fundamental no estabelecimento do enquadramento e até mesmo na definição do que vem a se tornar notícia.

De acordo com Wolf (1999), a abordagem do *Newsmaking* se congrega nos limites da cultura profissional e da organização do trabalho, como também dos processos produtivos. A cultura profissional está sustentada no conjunto de hábitos, regras e convenções que são entre os profissionais compartilhados.

O paradigma funcionalista é considerado insuficiente quando se analisa o jornalismo.

Neveu (2006) levanta esses questionamentos ao indagar se o jornalismo poderia ser enquadrado como uma profissão organizada a partir da perspectiva funcionalista já que parte das condições formais de acesso à atividade. No caso da França, por exemplo, não existe a exigência de curso superior para o exercício profissional. Isso gera sobre a atividade e para o mercado de trabalho um espaço frágil. No Brasil, isso ocorre com a queda da exigência do diploma no ano de 2009, quando o Supremo Tribunal Federal decidiu que o diploma de jornalismo não seria obrigatório para exercer a profissão. Ainda para Neveu, nem um estatuto jornalístico, com um compilado de critérios éticos compartilhados entre os pares, garante na prática uma atuação regular.

Desse modo, o termo profissional no contexto do jornalismo é usado para atribuir uma explicação ou sentido de qualidade ao trabalho daqueles que podem ser considerados jornalistas dos “não-jornalistas”. O reconhecimento de um jornalista como profissional passa pela afirmação de que este indivíduo segue, ou seja, respeita às formas de produzir e detém os saberes do como fazer ou *savoir-faire* (RUELLAN, 1993).

3.2.1 Profissionalização dos jornalistas

Foi a partir da Revolução Francesa, no final do século XVIII, quando que a participação popular se fortalecia, que o jornalismo assumiu e também ganhou força na conjuntura de mediar e tornar público o que vinha ser de interesse da sociedade. O interesse e acesso à comunicação tornou-se uma necessidade constitutiva da nova democracia de acordo com Breton e Proulx (2006). Mas antes mesmo desse cenário, as primeiras atividades jornalísticas surgem entre os séculos XV e XVI na chamada Europa pré-industrial. Os impressos de maneira geral foram os responsáveis pela circulação políticas e comerciais. A imprensa passa a ocupar um espaço de relevância dentro da sociedade em que o registro e a distribuição da informação fortalece o debate político, por exemplo.

Para Breton e Proulx (2006), com o processo de industrialização da mídia passam os fatores econômicos influenciarem o desenvolvimento de produtos midiáticos, aumentando a produtividade e competitividade. Esse processo de forma geral que marca o século XIX impacta diretamente a atividade jornalística com o progresso técnico, desenvolvimento e papel da publicidade, além do circuito mercantil que passam os jornais.

É nesse período que as empresas de mídia se organizam e os jornais vendem notícias. O jornalismo passa a ser um negócio. É aqui também que assume definitivamente o papel de

mediação, fazendo a ponte entre público e a “realidade” da vida cotidiana (TRAQUINA, 2004). Temos a passagem da imprensa de opinião à factual, marcada pela comercialização da informação e a profissionalização.

O jornalismo passa a ser uma atividade remunerada e socialmente reconhecida. Com isso, novos formatos de produção são exercidos com foco e objetivo na rentabilidade e na conquista de audiências.

A profissionalização do jornalismo adota a formação de associações de classe, ensino da atividade e códigos deontológicos. As dificuldades para área estão na delimitação de um território profissional, que tenha diversidade quando se trata de formas de acesso. No campo das conquistas, o reconhecimento do sigilo profissional entre fonte e jornalista é uma das maiores. Nesse escopo, se enquadra-se a defesa por um mercado de atuação, linguagens, rotinas e rituais, discursos ideológicos como defesa de um “quarto poder” e “imprensa livre”, além da busca por um *ethos* profissional (TRAQUINA, 2000).

A consolidação em definitivo do jornalismo como atividade empresarial ocorre nos Estados Unidos. O modelo americano foi adotado na maior parte dos países ocidentais. O processo de desenvolvimento do capitalismo e a alfabetização em massa podem ser considerados dois dos fatores sociais importantes no tocante ao crescimento do número de leitores e conseqüentemente da ampliação da imprensa (NEVEU, 2006). O autor ainda destaca como um marco importante a liberdade de imprensa consolidada nos Estados Unidos em 1791, na Grã-Bretanha em 1830 e na França em 1881, o que possibilitou segurança jurídica para o surgimento de uma imprensa mercantil e sem sanções.

Para Marcondes Filho (2009), surge também o profissional jornalista que logo teve que se adaptar ao processo industrial, de divisão do trabalho, com rotinização da produção como em qualquer outra profissão. Agora o texto jornalístico é produzido dentro das pressões de tempo e da lógica comercial em que os critérios da objetividade e da imparcialidade também aparecem.

Moretzsohn (2007) afirma que ao longo do século XIX, a constituição do jornalismo como uma atividade industrial viria a profissionalizar a prática e submetê-la às demandas do mercado. Já no século XX, o processo de globalização, junto ao avanço das novas tecnologias da informação, fez surgir os conglomerados midiáticos, dos quais o jornalismo é somente mais um dos vários negócios que visam o entretenimento, a propaganda, etc.

Marialva Barbosa (1996) destaca que no início do século XX, muitos veículos já

apelavam às ideias de objetividade e de imparcialidade, principalmente na construção de sua autoimagem, porém, nos anos 1950, essa estratégia de legitimação foi finalizada por meio de mudanças de sentido mais prático, tais como a uniformização dos textos jornalísticos.

Para entender a atuação do jornalismo contemporâneo, é preciso fazer um retrospecto dos processos e discursos de autolegitimação, ou seja, de instituição que compre um decisivo papel e tarefa de convencer a todos de que o mesmo é uma instituição importante e necessária para toda a sociedade, pois deve ser protegida pelos cidadãos, como também pelo Estado (GOMES, 2009).

Como se ainda estivéssemos dois dias antes das revoluções burguesas, o jornalismo continua falando de opinião pública, liberdade de imprensa e de interesse público praticamente no mesmo sentido em que essas categorias eram usadas há duzentos anos. Parecem vozes de outro tempo e de outro jornalismo: o elogio da opinião pública, a afirmação do jornalismo como a única mediação confiável entre a esfera civil e o Estado, a função do jornalismo adversário da esfera governamental, tudo isso se mantém no imaginário e no discurso por uma estranha e inquietante inércia discursiva. (GOMES, 2009, p. 76).

As relações do jornalismo ocorrem com outros campos, como o político e cultural, por exemplo, e, sendo assim, não é autônomo. Existem âmbitos que influenciarão no produto jornalístico. Neveu (2006) destaca três desses aspectos os quais ele considera centrais para compreender as pressões que diretamente influenciam no jornalismo, a saber: os limites impostos pela a própria rotina do trabalho jornalístico, como as relações de tempo e espaço e com as fontes; as estratégias comerciais da organização jornalística e as pretensões empresariais; a narração e o estilo do texto, que estão centrados no meio e na plataforma, na política editorial e até mesmo nas diferenciações entre editorias.

Ainda para Neveu (2006), o “jornalismo de mercado” que se destina à busca pela rentabilidade máxima redefine a prática jornalística na passagem do jornalismo pelo processo mercantil e na estruturação do jornalismo enquanto uma atividade empresarial. A busca pela rentabilidade incide sobre o tratamento dado ao profissional que passa a vivenciar a máxima exigência do mercado por um jornalista multitarefa e do processo crescente da precarização, entre outros fatores. O autor frisa que esses complexos atingem o inconsciente dos próprios jornalistas, que acabam interiorizando as pressões como competências do próprio trabalho.

Nicoletti (2019) pontua, no contexto apresentado por Neveu, que a sociedade flexível, das agilidades, habilidades e adaptação a diferentes funções e ambientes, torna-se ao profissional do jornalismo, de maneira especial, um imperativo. O jornalista adapta-se a esses

processos, que são marcados pela autogestão, o que passa a ser diferenciais competitivos.

Os padrões de formação técnica e de ensino superior fazem parte do bojo de desenvolvimento do profissionalismo ao longo do tempo. Esse mecanismo serve para controlar o conhecimento e a partir daí existir como profissão. De acordo com Soloski (1999, p.92) uma profissão exige:

1) que um conjunto de conhecimentos esotéricos e suficientemente estáveis relativamente à tarefa profissional seja ministrado por todos os profissionais, e

2) que o público aceite os profissionais como sendo os únicos capazes de fornecer os serviços profissionais.

Para além da competência técnica, o reconhecimento de uma profissão pela coletividade permite a identificação de um território, ou seja, de um conjunto de atividades que são praticadas por seus membros. Há estratégias, de acordo com Ruellan (1993), para que seja conservado o controle da própria atividade. São elas: a formação, o controle da atividade e a delimitação de fronteiras, e a extensão.

Na extensão, o pesquisador frisa a conquista de novos territórios e a ampliação do mercado de atuação. Para Ruellan (1993), o modelo de profissionalismo do jornalismo é impreciso. Utilizando o conceito de fronteira como recurso de delimitação dos espaços conquistados ou apropriados, a noção do jornalismo como uma profissão de fronteira, revela sua dimensão móvel, de limites imprecisos. As fronteiras são móveis, o que confere à atividade uma permanente luta por legitimação.

O jornalismo trava uma batalha por legitimação, ou seja, reconhecimento, controle de acesso e de aprendizagem. O que destaca Ruellan (1993) é relevante para compreendermos o que o autor chama de profissão de fronteiras, pensamento com o qual corroboramos. Por fim, o sinônimo do considerado “jornalista profissional”, que está relacionado ao domínio das técnicas, foi o repórter, considerado o principal profissional ou o primeiro. (RUELLAN, 1993).

3.3 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Dubar (1999) trata da identidade social e explica que, nesse quesito, passamos por diferentes etapas, a “primeira identidade social”, que herdamos da geração precedente; depois adquirimos a “identidade virtual”, que ocorre na socialização primária, ou experiências

escolares; e posteriormente chegamos às “identidades possíveis”, aquelas adquiridas na nossa segunda fase de socialização. Aqui as profissões desempenham influência basilar.

Na sociedade contemporânea, a profissão, de acordo com Champy (2012), tem um papel importante nas identidades sociais dos indivíduos, gerando *status*, reconhecimento e reputação. Vale salientar que antes de se identificar com um grupo profissional social, as pessoas têm uma herança identitária de classe social, de gênero, de etnia, etc.

Desse modo, Dubar (1999) expõe que a construção da identidade se articula em duas ordens. A primeira é diacrônica, que o pesquisador intitula de “transação biográfica” e o objetivo é manter a coesão de si ao longo do tempo. A segunda é sincrônica, chamada de “transação relacional”, que por meta tem a combinação entre identidade autopercebida e a identidade atribuída. Pertencer a uma categoria profissional gera rótulos que enquadram o sujeito na vida social.

Assim, temos dois processos de construção da identidade. Um é individual, que buscamos uma definição daquilo que somos ou gostaríamos de ser. O segundo ocorre a partir de cenários ou quadros de identificação, nesse âmbito está como a gente diz quem é ou como se define (DUBAR, 1998).

Na perspectiva da Escola de Chicago, a partir dos estudos de Howard Becker e Everett Hughes, a noção de identidade é sempre articulada entre os quadros sociais de identificação, de forma especial o das profissões em que as trajetórias individuais também ganham articulação. No contexto do jornalismo, a identidade, segundo Le Cam (2006), assume um caráter coletivo. Isso ocorre pela assimilação que os atores fazem dos atributos que definem o grupo profissional.

Pode-se afirmar, a partir de Ruellan (1997), que a identidade jornalística não se limita a uma categoria simbólica, advinda de representações dominantes, ao contrário, é carregado de uma heterogeneidade estrutural. Tratamos, no tópico a seguir, sobre a identidade jornalística. A base de perspectiva teórica deste trabalho é seguida junto ao paradigma interacionista como já destacado, sendo assim, de visada da identidade jornalística que se centra nas constantes transformações (RUELLAN, 2006).

3.3.1 Identidade profissional dos jornalistas

A partir do pensamento de Le Cam (2006), percebemos a identidade no jornalismo como coletiva e resultante de uma identidade reivindicada, ou seja, aquela à qual o grupo se

associa e defende para si em um processo de negociação com a identidade atribuída pelos demais atores sociais. Os jornalistas sustentam na forma identitária uma maneira de ser e principalmente, existir como um grupo de “profissionais”.

Ainda corroborando com o que defende Le Cam (2006), quando afirma que a própria “vocação” jornalística compartilha de atributos comuns, como a defesa da liberdade de expressão e a liberdade de imprensa, o espírito de um trabalhador “sem hora”, comprometido com a “verdade” e a informação, um apaixonado pela atualidade. Acreditamos que a identidade profissional dos jornalistas é construída intimamente com o trabalho desenvolvido, ligado às rotinas de produção, relações entre atores, compartilhamento de valores e discursos, etc.

Ruellan (1993) apresenta quatro processos quando se trata da identidade jornalística:

- (1) a construção histórica de grupo;
- (2) as interações entre a equipe, com o ambiente externo, com as variáveis que percorrem o caminho do profissionalismo;
- (3) a tentativa de construção e defesa de fronteiras, mesmo que móveis ou imprecisas;
- (4) os processos de socialização, com instâncias de discursos e de regulação.

O que se pode verificar é que a identidade social no âmbito do jornalismo é imprecisa, mas isso não impede que os jornalistas sejam reconhecidos e respeitados.

Nossa concepção é baseada nos pesquisadores apresentados. Isso nos conduz a afirmar que no campo da construção identitária a profissão jornalística é perpassada por processos contínuos de conquistas, de partilha entre os pares, de fortes transformações em seu território. As mudanças fazem parte do contexto profissional do jornalismo e são consideradas e analisadas por alguns pesquisadores como mudanças estruturais do jornalismo, que estão situadas no que Charon e Bonville (2016) discutiram como *paradigma jornalístico*. A abordagem sociológica dos autores situa-se, no jornalismo, como um sistema normativo que é formado de esquemas de interpretação, valores, postulados e de modelos que uma comunidade profissional se identifica, une-se e legitima sua prática (Moura *et al*, 2018).

Charon e Bonville (2016) identificam uma relação funcional entre organização social e os quatro tipos de jornalismo historicamente adaptados com os modelos das sociedades, a saber:

1. *Jornalismo de transmissão*. Surge no século XVII com o objetivo de transmitir informações das fontes diretamente ao seu público;

2. *Jornalismo de opinião*. Aparece no início do século XIX e se coloca a disposição das lutas políticas;

3. *Jornalismo de informação*. Emerge no fim do século XIX e acompanha o modelo de coleta de notícias sobre a atualidade;

4. *Jornalismo de comunicação*. Aparece nas décadas de 1970-1980 e se caracteriza pela diversificação e pela subordinação da oferta a partir das preferências do público que se deseja alcançar.

Os autores propõem um paradigma por meio do qual se pode compreender o jornalismo na atualidade. Nesse escopo, a geração de *jornalistas de comunicação*, advém das lógicas e demandas comerciais e da hiperconcorrência entre publicações, mensagens e suportes (ADGHIRNI, 2005). Assim, para a autora, o jornalista é um profissional híbrido e com identificação entre as rotinas de produção e as novas funções que são distintas do perfil mais tradicional do jornalista de redação.

Nos aspectos do *jornalismo de comunicação*, teríamos um jornalista que lida com intensa atuação dos sistemas midáticos e de modelo americanizado, e do *jornalismo de informação*, o que percebemos que não desapareceu, pois é possível verificá-lo nos discursos dos profissionais, especialmente quando os valores de defesa da democracia, liberdade de expressão e direito à informação fazem parte das crenças profissionais e como continuidade ao longo dos séculos. Tal fato pôde ser analisado a partir das entrevistas realizadas com os jornalistas de dados nesta pesquisa.

Tratando-se disso, Deuze (2005) destaca cinco elementos da ideologia do jornalismo que são regulares no espaço e no tempo. O primeiro é a compreensão do jornalismo como um serviço público; o segundo elemento é a noção de objetividade e imparcialidade; o terceiro, a autonomia no exercício do trabalho e por último, a temática da ética, que acaba por validar a profissão. O jornalismo passou por mudanças desde o último século, mas nos parece que esses elementos permanecem presentes nos discursos e embates no contexto do atual jornalismo. Para Deuze, o jornalista profissional que antes podia determinar o que o receptor iria ler, ver ou ouvir sobre os acontecimentos, ao se deparar com as redes tecnológicas, tem essa posição revista.

A construção da identidade profissional é importante para compreender uma

atividade, que se insere no âmbito das transformações sociais, o que para nossa pesquisa torna-se relevante.

Fechando a primeira parte deste capítulo, na qual nos dedicamos a abordar os estudos sobre as profissões e identidades, de forma particular no jornalismo, passaremos para a segunda parte ao apresentar a visada teórica que embasa e sustenta esta tese: o estudo dos Mundos Sociais, conceito trabalhado pelo sociólogo interacionista Howard Becker (1982), e também por Anselm Strauss (1992).

3.4 MUNDOS SOCIAIS E ATIVIDADE COLETIVA

A abordagem interacionista estuda as estruturas como uma ordem negociada. Tais negociações derivam das interações individuais, entre instituições e grupos sociais, por exemplo. Nesse contexto, os mundos sociais de acordo com Pereira (2008, p. 60) constituem um modelo analítico:

Os mundos sociais traduzem essa relação em um conjunto de conceitos e procedimentos, que abrangem a identidade e as práticas individuais às mudanças de ordem estrutural. Constituem-se, portanto, em um modelo analítico com a mesma ambição da teoria dos campos, sem se prenderem, entretanto, apenas nas relações de dominação. (PEREIRA, 2008, p. 60)

Strauss (1992) afirma que um mundo social trata de uma rede de pessoas envolvidas na realização de uma atividade colaborativa. Essa rede, segundo Becker (1982), não se limita ao “*âmago*” (*core*) de um mundo social, o qual seria o conjunto restrito de uma atividade, mas que se estende aos diferentes espaços. Em sua origem, a abordagem dos mundos sociais foi desenvolvida para analisar uma variedade de objetos que sejam de interesse da Sociologia. Aqui encontram-se e são analisadas as composições e as coordenações no interior dos grupos sociais (LANGONNÉ *et al*, 2019).

Os pesquisadores destacam que o conceito se aproxima de um quadro teórico, que permite interpretar as atividades coletivas e possibilita, de acordo com o universo estudado, analisar convenções, carreiras, negociações, segmentos, redes de cooperação, entre outros. O conceito permite entender os atores sociais e suas dinâmicas em que a proposta é enxergar os objetos de maneira distinta das demais abordagens que tenham orientações já pré-estabelecidas.

Becker (1982) pontua que os atores sociais se envolvem em atividades coletivas que

se baseiam em redes de cooperação e que são organizadas em volta das convenções. O pesquisador utilizou o conceito para analisar o mundo das artes a partir de todos os indivíduos que, de certa maneira, possuam atividades que sejam necessárias para a produção das obras.

Dessa forma, as atividades coletivas geram sistemas de interações que podem ser enfatizadas a partir das dinâmicas de segmentação e de cruzamento entre mundos distintos, como é o caso do Jornalismo de Dados, que reconhecemos como um micromundo. Strauss (1978) ressalta que no interior de cada mundo social, atores de micromundos negociam, disputam e debatem tendo como base as questões de interesse. Desse modo, as atividades de rotina estabelecem mecanismos de interações que são relativamente estáveis e são referências a guiarem as ações futuras (GILMORE, 1990).

Para Langonné *et al* (2019), a perspectiva dos mundos sociais oferece uma dupla leitura aos pesquisadores, pois pode ser utilizada para analisar um espaço de representações compartilhadas quando se trata de relações em uma atividade comum, mas também pode explicar um conjunto de atividades desenvolvidas no contexto das interações entre os seus participantes. Os autores apresentam as abordagens de mundos sociais, tanto na visada beckeriana, em que os estudos podem observar as práticas, como também pode utilizar a leitura straussiana, colocando os mundos sociais como uma arena onde distintos grupos ou segmentos negociam sua participação a partir das práticas e de uma “representação” de identidades. As duas abordagens, entretanto, não se excluem:

Ora, essas duas abordagens não se excluem. Pelo contrário, as duas dimensões podem ser situadas no continuum que caracteriza o mundo social. Escolher entre uma e outra revela sobretudo a posição de quem observa uma prática social, a forma como ele/a constrói seu campo de pesquisa: pela coleta dos discursos dos atores sociais ou na observação *in situ* de suas práticas. Na verdade, não faz sentido em distinguir as práticas de suas representações, os mundos estabelecidos dos emergentes, todos são parte de um mesmo processo social. (LONGONNÉ *et al*, p. 14, 2019)

Os autores afirmam ainda que tentar conciliar os dois elementos no contexto de mundos sociais “significa encontrar um ponto de equilíbrio entre os constrangimentos impostos pelas organizações coletivas e as margens de manobra individuais” (LONGONNÉ *et al*, p. 15, 2019). Partindo do olhar de Becker (1982), temos os sistemas de convenções e carreiras e com Strauss (1978) a ordem negociada. Esses conceitos juntos podem evidenciar a “natureza processual e organizada de uma atividade”.

Dessa forma, não podemos deixar de apresentar os quatro níveis de análise quando

articuladas ao conceito de mundos sociais e suas diversas aplicações em estudos de coletividades, entre eles o jornalismo, que Langonné *et al* (2019, p. 15) expõem:

1. *As práticas individuais*, as atividades partilhadas e organizadas segundo formas convencionais de se fazer algo conjuntamente;

2. *As representações*, que formam universos de discurso e códigos culturais **específicos a um mundo social**;

3. *Os sítios de atividade*, incluindo, é claro, os espaços físicos, mas também os dispositivos técnicos nos quais uma atividade coletiva é enquadrada e organizada; e

4. *A diversidade de atores sociais* que colaboram com um mundo social, potencialmente constituindo-se em diferentes segmentos de cooperação e de negociação.

Combinando os quatros níveis de análise, temos variadas maneiras de se pesquisar os mundos do jornalismo, ao ser considerado uma atividade coletiva que necessariamente não depende somente de jornalistas, mas também de outros atores sociais que participam desse mundo.

Para um estudo como o nosso, a perspectiva dos mundos sociais é de suma importância, pois nos possibilita analisar a rede de trajetórias de carreiras dos jornalistas de dados, que ocorrem nas dimensões dos indivíduos e dos processos do trabalho jornalístico. Os autores nos auxiliam nesse âmbito quando afirmam:

Aplicar o conceito de carreira significa não só considerar a diversidade dessas trajetórias, os múltiplos caminhos para se tornar jornalista e vincular aos mundos do jornalismo como uma ocupação, mas também, de modo mais geral, a dimensão diacrônica dos mundos sociais. Além disso, um estudo mais integrado dos mundos sociais abre a possibilidade de incorporar objetos e suas práticas associadas ao esquema analítico, levando seriamente em consideração a materialidade de qualquer atividade social. (LONGONNÉ *et al*, p. 14, 2019)

Ao nos propormos a analisar a carreira dos jornalistas de dados a partir dos mundos sociais, compreendemos que os laços cooperativos entre os atores devem ser percebidos, pois os participantes dos distintos mundos que formam o Jornalismo de Dados alinham suas práticas por meio das convenções e das cooperações.

Nossa sustentação, a partir da proposta interacionista, permitiu a pesquisa uma observação etnográfica, realização de entrevistas no âmbito de uma abordagem qualitativa para analisarmos as dinâmicas entre os atores. O que expomos na análise do trabalho. No tópico a seguir tratamos de como o jornalismo pode ser percebido na perspectiva interacionista dos mundos sociais.

3.5 O JORNALISMO COMO MUNDO SOCIAL

O conceito de mundos sociais já foi utilizado por alguns pesquisadores brasileiros para analisar os fenômenos que envolvem o jornalismo. Os trabalhos de Isabel Travancas, na obra *O mundo dos jornalistas* (1993) e Fábio Pereira, em sua tese de doutoramento sobre os *jornalistas intelectuais* (2008), são considerados, por nós, os mais importantes, pois se debruçaram em analisar os estudos do jornalismo a partir de uma perspectiva que não seja a Sociologia Funcionalista, a Teoria Bourdieusiana ou a aplicação das teorias da Linguística, como a Análise do Discurso tão utilizadas nas pesquisas brasileiras, como pondera Pereira (2008). Não que consideremos tais linhas inválidas ou algo do tipo, mas acreditamos que assim como outras abordagens, a visada interacionista na perspectiva dos mundos sociais seja válida para enxergar as dinâmicas profissionais do jornalismo.

Assim, recorrer ao conceito no contexto do jornalismo resulta em três contribuições de acordo com Langonné *et al* (2019): a primeira pode ser proposta em uma visão beckeriana, de quem faz o que nos mundos do jornalismo ou quem faz o que a partir das convenções? Sendo assim, todos os atores integram-se a uma rede em que cada um coopera de acordo com as convenções. Delimitar “quem faz o quê” possibilita descrever os mundos do jornalismo.

A segunda abordagem compreende reconhecer que as convenções jamais são rígidas e imutáveis. Assim, a abordagem destaca as dinâmicas de segmentação e de entrelaçamento entre os distintos mundos. Nessa perspectiva, filia-se nossa pesquisa, pois tomamos o Jornalismo de Dados como uma segmentação ou como preferimos usar, um micromundo.

Os jornalistas precisam lidar com amadores (Ferron, Harvey, Trédan, 2015); fazer arranjos com hackers (Dagiral & Parasié, 2011), mas também com escritores, acadêmicos e intelectuais (Pereira, 2011); colaborar com tipógrafos (Langonné, 2014), com os motoristas do jornal (Moretzsohn, 2011) e com outros “Invisíveis do Jornalismo” (Charron, Damian-Gaillard & Travancas, 2014); eles devem organizar o seu trabalho a partir das dinâmicas das mídias sociais, dos dados, dos algoritmos (Lewis & Zamith, 2017); adequar-se à otimização dos motores de busca (Sire, 2014) ou a um mercado de trabalho específico (Pilmis, 2013). Enfim, atores mais ou menos “integrados” lidam com outros atores de outros campos – o que Becker (1983) chama de “dissidentes” (“mavericks”) – e é na descrição dessas modalidades de cooperação que é possível testemunhar as evoluções dos mundos do jornalismo. Trata-se, de certa forma, de descrever essa evolução, no passado e presente: mundos que inovam, evoluem, crescem, continuam estagnados, ou até desaparecem na medida em que entram em contato com outros mundos sociais, outras entidades – outras “cosmoses”, como diria Latour (2006). Eles se transformam em resposta à emergência de novas formas de fazer (novas técnicas, dispositivos e habilidades) e de novas formas de ver (as normas sociais e as ideologias). (LONGONNÉ *et al*, p. 14, 2019)

A terceira abordagem frisa que aplicado aos estudos do jornalismo, o conceito leva em consideração o papel dos consumidores de notícias, pois estes como atores são levados em consideração nas próprias modalidades de mudanças. A versatilidade do conceito proporciona segundo os autores ir além de algumas ortodoxias teóricas e, é capaz de apresentar as riquezas da prática jornalística.

3.5.1 O mundo dos jornalistas

Pereira (2011) parte do princípio que considerar o jornalismo como social, o mundo dos jornalistas, designa empreender uma análise de todas as pessoas que de alguma maneira participam dessa atividade coletiva. Nessa conjuntura, estão todos que colaboram com a produção do noticiário, considerado o ato social de maior importância e que depende da organização do coletivo de atores, escolhas e negociações. (PEREIRA, 2011, *apud* CHARRON, DAMIAN e TRAVANCAS, 2014).

O mundo dos jornalistas é sistematizado com base nas convenções que se formalizam pelos códigos deontológicos, leis, manuais, etc. São mutáveis e também existem de maneira menos formal e partilhada por aqueles que participam da atividade. Becker (1982) afirma que as convenções representam ajustes contínuos das partes que cooperam. Quando as condições às quais as práticas ocorrem mudam, os atores também mudam, ou seja, o mundo dos jornalistas sofre mudanças e se adapta aos processos sociais.

Aqui deve-se destacar a relação direta que o ator faz com o mundo social, que se dá nas escolhas realizadas e vivenciadas tanto por ele, como por todos os participantes. As escolhas estão na dimensão das interações que ocorrem entre os atores sociais no exercício das atividades cooperativas. Pode-se dizer que é a partir das escolhas que o sistema de convenções é posto em prática. Um exemplo é a produção e posterior veiculação de um produto jornalístico, que parte da escolha da pauta, da edição, fontes, no caso do Jornalismo de Dados, métodos, base de dados, etc.

No mundo dos jornalistas existem as práticas que os profissionais consideram principais, como a apuração e redação, as quais já mencionamos que Becker (1982) chama de “âmago” do mundo social. A prática jornalística, no entanto, também depende de outras atividades que são desenvolvidas por outros indivíduos que estão inseridos nas atividades. Sobre isso, Travancas (1993) destaca em sua pesquisa vários exemplos de atores que fazem parte do mundo social dos jornalistas, como os gerentes, diretores, técnicos e seguranças. A

esse grupo, Pereira (2008) acrescenta as fontes, o público, os anunciantes, etc.

Ao olhar para o Jornalismo de Dados é possível averiguar os atores que também são de mundos sociais diferentes de outras práticas sociais. Isso acaba nos proporcionando um quadro de análise do interior do mundo social com suas dinâmicas de negociações, escolhas, disputas e organização também de micromundos, que tratamos no tópico seguinte.

3.5.2 A construção de micromundos

Este tópico do capítulo é fundamental para nossa pesquisa, pois aqui nos debruçamos sobre o termo que serve de sustentação para nossa análise. Tomamos o Jornalismo de Dados como um micromundo, ou seja, que estabelece com outros mundos sociais uma construção de partilha da base convencional.

O mundo dos jornalistas opera com outros mundos sociais. Becker (1982) usa, para esse fenômeno, o termo “segmentos” em que as práticas estão situadas nas fronteiras entre dois mundos. Nesta pesquisa escolhemos utilizar o termo micromundo que também faz referência ao lugar de especificidades e por vezes autonomia em que grupos de atores tem em relação ao interior do mundo dos jornalistas (PEREIRA, 2020).

Ao utilizar o termo micromundo, Olivier Trédan (2015) discute como o Jornalismo de Dados se situa no interstício dos mundos do jornalismo e da *open data*. Para ele, o JD emprega um conjunto de convenções que de forma geral estão associadas às práticas tradicionais do jornalismo, como também de transparência ou dos valores do mundo da programação.

O surgimento de um micromundo não é somente resultado dos processos de inovação, como no caso do jornalismo. Os micromundos emergem, em alguns casos, historicamente e se firmam no interior do espaço laboral, como demonstra Pereira (2014) no caso dos professores de jornalismo. O pesquisador evidencia um processo de dualidade que marca a carreira dos atores sociais desse micromundo, que é caracterizado por professores que têm experiência e conhecimento do mundo do jornalismo com suas práticas e convenções e, que ao entrarem na carreira acadêmica se deparam com um conjunto de requisitos que precisam ser adquiridos, como linguagem acadêmica, técnicas de ensino entre outras.

Destacamos que analisar um micromundo não consiste em investigar somente as práticas ou linguagens, mas vai além disso. Estudar um micromundo requer olhar para as formas convencionais de cooperação entre os atores, os interesses de aproximação e a

delimitação entre estatutos, conflitos e proximidade, por exemplo. Para Pereira (2020), essa análise possibilita um quadro de análise profícuo para compreender a maneira como os atores e coletividades se inscrevem no interior das carreiras, como partilham convenções no mundo dos jornalistas.

Nossa escolha em situar o Jornalismo de Dados no contexto de um micromundo se dá exatamente pelas possibilidades que o estudo nos proporciona em termos de análise das carreiras dos indivíduos que fazem parte desta prática jornalística. Alinhamos a pesquisa à abordagem interacionista a partir dos estudos dos mundos sociais e, com isso, geramos um quadro de análise na perspectiva do micromundo.

Para fechar este capítulo, é relevante dizer que nosso percurso metodológico, o quadro de análise e o estudo como o todo que defendemos nesta tese de doutoramento têm sustentação nos estudos e premissas do Interacionismo Simbólico sobre as profissões e carreiras.

Não fechamos aqui as incursões desta perspectiva teórica, mas deixamos para o capítulo de análise parte das contribuições do paradigma interacionista a esta pesquisa. Resolvemos neste capítulo trazer, de maneira sucinta, os caminhos teóricos que nos embasam e fazer uma linha direta com aspectos discutidos na análise.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, abordamos o percurso metodológico empreendido na pesquisa. Destacamos que o olhar para as carreiras dos entrevistados sustenta-se na abordagem interacionista. O elo entre o corpo teórico, os dados empíricos e o aporte metodológico subsidiam o percurso da pesquisa.

O referencial teórico do trabalho sobre o micromundo do Jornalismo de Dados e os aportes temáticos abordados permitiram estruturar este capítulo. Foram utilizadas fontes já publicadas como livros, artigos científicos, além de teses de doutorado e dissertações de mestrado na área dos estudos em Comunicação e Sociologia Interacionista. Materiais publicados em *sites* especializados em Jornalismo de Dados, revistas, jornais e as entrevistas realizadas com profissionais que trabalham na área do JD, como também os estudos pré-campo, fazem parte do caminho e esforço para apreender o fenômeno analisado.

Fizemos um movimento entre referencial teórico e dados colhidos nos estudos pré-campo, em que a teorização e observação empírica andaram juntas. O objetivo dos pré-campo foi guiar-nos à teorização e à estruturação do trabalho, como também afinar o problema de pesquisa, construir a amostragem e definir o campo de trabalho.

Assim, o percurso metodológico se constrói em uma pesquisa exploratória quanto aos seus objetivos e especificidades de problema e objeto de estudo. De acordo com Bonin e Rosário (2013), a pesquisa exploratória é o meio pelo qual conseguimos, como pesquisadores, gerar elementos concretos do âmbito da empiria, que diretamente participam no processo de elaboração da proposta de investigação, especialmente, quando são postos em relação com o polo teórico-metodológico da pesquisa.

Seguindo os pressupostos teóricos da pesquisa exploratória, acredita-se que o percurso metodológico ganha facilidade na formulação e no desenvolvimento do objeto investigado. Para Maldonado, Bonin e Rosário (2009), os procedimentos exploratórios têm natureza variada e auxiliam objetos de estudo no campo da comunicação, e tomamos a mesma visão para pesquisas no contexto do jornalismo. Para os autores, a natureza exploratória pode incluir imersões diretas, levantamento de dados já existentes, entrevistas com informantes-chave, aplicação de questionários, observação direta de produtos de mídia, o que nesta pesquisa foi realizado no que tange às entrevistas com informantes-chave, observação em campo e aplicação de questionário.

A pesquisadora Aline Strelow, em sua obra *Análise Global de Processos*

Jornalísticos: uma proposta metodológica, afirma que na pesquisa em jornalismo, por mais que as narrativas tenham como caminho a objetividade e a imparcialidade, elas também têm características de espaços de subjetividade norteadas por crenças e pontos de vista dos profissionais. Nesse sentido, este trabalho é orientado pelas narrativas da construção de carreira dos profissionais.

Por ter como base a pesquisa exploratória no âmbito dos seus objetivos, foi permitida a experimentação dos procedimentos, abordagem e formatação das especificidades do objeto de estudo, além do delineamento da investigação e dos dados garimpados durante a busca do objeto. Na fase exploratória, acompanhamos congressos da área do Jornalismo de Dados, eventos que nos proporcionaram participar de oficinas, palestras, momentos de confraternização e realizar entrevistas. Fizemos acompanhamentos sistematizados em um grupo do aplicativo de mensagens WhatsApp, do qual a pesquisadora foi convidada a participar⁷ e que possibilitou apreender momentos e o perfil colaborativo dos atores.

Neste capítulo tratamos sobre os métodos que usamos. Adotamos uma triangulação de métodos a fim de conseguir, por meio de um conjunto de técnicas, fornecer caminho profícuo para a pesquisa. Foram realizadas 29 entrevistas entre pré-campo e campo de pesquisa.

As entrevistas biográficas foram conduzidas entre os anos de 2018 e 2019 para os pré-campo e entre os anos de 2020 e 2021 para o campo. Os entrevistados narram suas histórias de vida. A construção de carreira, escolhas e justificativas são parte das narrativas.

Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa que nos permitiu ter uma representatividade de campo no que se refere ao número de entrevistados. Destacamos que o objetivo não é traçar um perfil estatístico dos jornalistas de dados, mas seguimos uma abordagem qualitativa a partir da condução e olhar sobre as entrevistas, visando descrever crenças, motivações. Desta forma, acreditamos que o número dos entrevistados seja representativo em relação à comunidade analisada, pois as narrativas não buscam apresentar

⁷ A entrada no grupo de WhatsApp possibilitou a autora acompanhar diariamente as trocas de mensagens entre os componentes. Mais de 220 participantes de todo o país, que atuam nas mais diversas frentes do Jornalismo de Dados, fazem parte do grupo. Na realização do primeiro pré-campo em 2018, um dos administradores do grupo convidou a autora para participar do grupo, pois acreditava que tudo que fosse ligado ao movimento e fortalecimento da área do JD deveria ser conhecido. A ideia foi monitorar as trocas de mensagens na tentativa de compreender o intuito do grupo. Não utilizamos os dados observados, pois o fluxo de informações é gigantesco, em torno de 300 mensagens por dia e necessitaríamos da autorização de todos os membros para utilizar os dados. Tal monitoramento nos auxiliou a constatar o perfil colaborativo da comunidade e como os indivíduos se ajudam em produções, uso de ferramentas, pedidos por meio da Lei de Acesso à Informação, etc. Até a finalização deste trabalho, acompanhamos o grupo.

um perfil como já salientado, mas realizamos o que Pereira (2012) chama de restituição das entrevistas.

Antes de discorrer sobre a geração de dados da pesquisa, apresentamos um marco temporal das fases do percurso metodológico que posteriormente nos encaminhou para a elaboração, especialmente, deste capítulo, do prelúdio da análise e da análise em si.

Figura 5 - Etapas de pesquisa e marco temporal



Fonte: Elaborada pela autora.

Discorreremos, a seguir, sobre as estratégias de geração de dados que utilizamos: a) observação participante (pré-campo); b) pesquisa de campo: escolha dos entrevistados; c) *corpus* da pesquisa; d) entrevistas; e) estudo das carreiras em arcos temporais; f) histórias de vida.

4.1 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante permite ao pesquisador captar os aspectos fundamentais de determinado fenômeno para posteriormente analisá-lo dentro do contexto empírico. Devemos destacar que este trabalho tem inspiração etnográfica quando se trata dos seus passos metodológicos. Não podemos dizer que foi realizada uma etnografia, mas nos inspiramos em suas técnicas metodológicas quando se trata do trabalho de campo

desenvolvido. Certamente aqui não realizamos um mergulho profundo na etnografia. Utilizamos-nos dos instrumentos etnográficos como entrevistas abertas, caderno de campo e observação participante.

O objetivo desse olhar etnográfico foi de observar a cultura do grupo estudado. Isso ocorreu em participações em eventos e momentos de encontros informais entre os jornalistas de dados, o que exigiu coleta de dados, análise e interpretação diante dos dados observados. A partir da observação participante, podemos ir além de uma básica constatação dos fatos.

A observação foi importante na fase de coleta de dados como também no processo de análise e interpretação do fenômeno no fim do primeiro ano de doutorado. Como pontua Gil (1999), empreender a observação nos possibilitou obter elementos importantes para definição do problema pesquisado e facilitou nosso contato com os sujeitos.

Nosso primeiro movimento nesse sentido foi participar de eventos na área do Jornalismo de Dados. O intuito, além de observar o universo pesquisado, foi se aproximar da comunidade jornalística. Ainda em fase de apreender melhor o objeto de pesquisa, decidimos nos debruçar no universo do Jornalismo de Dados, compreendendo tanto o âmbito dos estudos que já apontavam do que se tratava o fenômeno, como também mergulhar no contexto de quem são os profissionais que atuam na área, veículos de mídia que investem no JD e, por fim, como se configurava este tipo de jornalismo no país. Essas eram algumas de nossas empreitadas na tentativa de compreensão do objeto de estudo.

Realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental, que foram etapas indispensáveis no norteamento dos questionamentos, como também nos auxiliou no desenvolvimento do trabalho, pois são excelentes bússolas para evitar determinados erros. A partir da literatura já disponível, partimos para o campo de pesquisa.

Na pesquisa bibliográfica, realizamos um apanhado geral sobre os trabalhos já desenvolvidos e publicados, primeiramente em âmbito internacional e, posteriormente, na esfera brasileira. Conseguimos dados atuais e relevantes sobre a temática. Nessa etapa, foram realizadas pesquisas sobre temas como: rotinas produtivas, Lei de Acesso à Informação (LAI) e transparência, jornalismo investigativo, jornalismo de precisão, reportagem assistida por computador, bases de dados, etc.

A pesquisa documental, conforme Gil (1999), é muito semelhante à pesquisa bibliográfica. O que diferencia as duas está na natureza das fontes. Segundo o autor, a pesquisa bibliográfica se utiliza da contribuição de variados autores, e a documental se apoia

em materiais que não foram ainda tratados analiticamente. Nessa perspectiva, coletamos informações sobre os jornalistas pioneiros no Jornalismo de Dados no Brasil e suas trajetórias. Recolhemos material na rede LinkedIn, jornais, páginas pessoais, além de varredura em linhas gerais na internet. Foram realizadas buscas também em materiais biográficos dos jornalistas e produções no JD.

A pesquisa documental nos apontou que a comunidade jornalística de dados anualmente realiza encontros formativos na área. O Coda.Br (Conferência Brasileira de Jornalismo de Dados e Métodos Digitais) é o maior evento pensado para os profissionais da área do Jornalismo de Dados e conta com a participação de conferencistas do mercado de dados digitais. Promovido pelo *Open Knowledge Brasil*⁸, o evento tem participação de muitos jornalistas e outros profissionais que buscam se aperfeiçoar na área.

Nosso ponto de partida seria participar do evento, mas no mesmo ano de 2018, antes da data de realização do Coda.Br, aconteceria o 13º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, realizado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) que teve como uma das temáticas principais as práticas de Jornalismo de Dados. Vimos ali uma excelente oportunidade de observar e apresentar a pesquisa aos participantes do evento durante momentos específicos de trocas de experiências.

Em observação participante, realizamos dois pré-campo: I) no Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo e II) no Coda.Br, ambos no ano de 2018. Nesses dois momentos, utilizamos o diário de campo. O objetivo de registrar as impressões sobre os entrevistados e sobre os momentos de interação e percepções da pesquisadora durante participação nos eventos motivaram a escolha. O diário foi usado como modo de apresentação e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos.

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo e intimista. (MACEDO, 2010, p. 134)

⁸ A Open Knowledge Brasil (OKBR), também chamada de Rede pelo Conhecimento Livre, é o capítulo da Open Knowledge Internacional no Brasil. Ela é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) sem fins lucrativos e apartidária. Utilizam e desenvolvem ferramentas cívicas, projetos, análises de políticas públicas, jornalismo de dados e promovem o conhecimento livre nos diversos campos da sociedade. Na esfera política, buscam tornar a relação entre governo e sociedade mais próxima e transparente.

As anotações forneceram informações complementares dos entrevistados que não foram possíveis de captar nas gravações das entrevistas. Ainda sobre o uso do diário de campo, partimos da proposta Wolfinger (2002), segundo a qual os registros possibilitam reconstruir textualmente o que foi vivenciado pelo pesquisador no decorrer da pesquisa de campo.

Ambas as atividades se estenderam por três dias seguidos, permitindo a presença *in loco* da pesquisadora. Realizamos a observação participante e entrevistas abertas e de forma espontânea. Nos três dias de participação nos eventos, realizamos um mergulho profundo de ida a campo.

Na realização das entrevistas, o tema pautado nas falas variou entre prática jornalística, mercado de trabalho, formação, competências profissionais e construção de carreira a partir do tema geral que foi o desenvolvimento do Jornalismo de Dados no país. Ao surgir a possibilidade de realizar as entrevistas, resolvemos partir de uma temática geral.

Como as entrevistas não estavam previstas ou pré-elaboradas, foi decidido seguir a perspectiva de entrevista aberta para coleta de dados. As respostas foram dadas tendo como base uma conversa informal na qual a postura da pesquisadora foi ouvir sem interromper o entrevistado, deixando fluir a resposta (DUARTE, 2017).

Segundo o entendimento de Gil (1999), a técnica de entrevista não se limita a recolher apenas dados importantes, mas busca principalmente captar crenças, sentimentos e desejos. Sendo assim, parte-se da percepção da entrevista como uma técnica frutífera em que os papéis de entrevistador e entrevistado não devem seguir um procedimento formalizado.

Conforme Becker (1982), o entrevistador deve usar sua experiência pessoal e deixar que o entrevistado não sinta que sua fala é mais importante e assim expresse espontaneamente suas vivências.

Järvinen (2003) pontua que a entrevista é processo de negociação de identidade entre quem entrevista e quem é entrevistado. O autor realiza um estudo com imigrantes que vivem em instituições para sem-teto, como denominado por ele. A partir de entrevistas de história de vida, o foco é que os entrevistados falem sobre suas visões e tentativas em lidarem com uma posição estigmatizada.

Tomamos a entrevista como processo de interpretação das situações do presente e do passado. Nas falas foi possível perceber a construção e reconstrução das experiências, escolhas e a ordenação da narração e interpretação dos fatos. Obviamente, nas narrativas há

estratégias dos atores e remodelagem diante da interação com a entrevistadora.

4.1.1 I Pré-campo: Conhecendo a comunidade de Jornalismo de Dados

A decisão de fazer campo de pesquisa já estava delineada desde o primeiro ano de doutorado. Queríamos compreender o objeto na perspectiva das falas e vivências dos profissionais. A perspectiva interacionista fez parte da construção acadêmica da pesquisadora desde a estrutura inicial do trabalho. A intenção de empreender um objeto de estudo sobre carreiras já existia e foi se moldando no contexto do Jornalismo de Dados. Assim, ir a campo, realizar entrevistas e observação já estavam no percurso metodológico desta tese.

A partir disso, decidimos que era necessário conhecer a comunidade a ser estudada. Denominamos essa primeira fase da pesquisa de pré-campo, pois aqui dávamos os primeiros passos de apreensão do objeto. A nossa primeira ida ao pré-campo foi durante o 13º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo⁹. Fomos para o evento com uma pergunta norteadora: Quem são os jornalistas de dados brasileiros?

Durante os três dias de contato com participantes do evento e observação nas oficinas e palestras, foi possível averiguar e avançar no recorte do objeto de pesquisa. A realização do primeiro pré-campo nos fez verificar que a área do Jornalismo de Dados no país tinha desbravado espaço nas redações, como também atraído profissionais para o campo de atuação jornalístico de dados.

Um dos entrevistados relatou como iniciou sua atuação no JD. O entrevistado é reconhecido na área e considerado um dos jornalistas mais atuantes por parte dos seus pares. Na fala, ele destaca que iniciou seu trabalho jornalístico de dados sem nem saber que se chamava Jornalismo de Dados. Na realização dos pré-campo nos deparamos com falas parecidas nesse sentido, quando se trata, especialmente de profissionais que estão na área há mais tempo:

Eu comecei a trabalhar com Jornalismo de Dados em 2011 sem saber ainda que era Jornalismo de Dados. Eu fiz Administração, sempre fui muito chato, sempre gostei de planilhas. Em 2011 a Secretaria de Segurança da Bahia começou a divulgar dados dos homicídios por dia com sexo, bairro, idade e outros dados e eu tive a ideia de fazer uma tabela de informações dos homicídios, era um banco de dados riquíssimo. Decidimos que ao invés de jogar esses dados em matérias, nós íamos fazer uma série de reportagens. Essa série de reportagens foi finalista do Esso. Isso em 2011, que eu

⁹ O Congresso foi realizado em agosto de 2018, na cidade de São Paulo. Contou com uma programação em que o Jornalismo de Dados, polarização e notícias falsas, empreendedorismo e inovação foram os temas principais, envolvendo oficinas, painéis, etc.

nem sabia que o nome era Jornalismo de Dados. Foi finalista de outro prêmio americano chamado Kurt Schork Awards e do Data Journalism Awards. Quando ganhamos esse último a ficha caiu. Estamos fazendo Jornalismo de Dados. Por conta desse prêmio fui para uma conferência e comecei a trabalhar e me especializar na área. Eu me identifico como jornalista de dados e iniciei uma atuação mais forte. Eu era editor de cidades, eu não era de tecnologia, eu comecei a entrar mesmo na programação, na tecnologia a partir do Jornalismo de Dados e isso me levou a desenvolver expertises. Eu acabei me apropriando e sou o único na redação. (ENTREVISTADO 2, 2018)

A fala do entrevistado destaca como a relação com a área do Jornalismo de Dados se dá. Há uma adesão com o trabalho desenvolvido. É o profissional que de alguma forma se identifica com áreas como a de tecnologia, infografia, visualização, computação, etc. Há um reforço da adesão aos processos produtivos da área como forma de identificação e permanência. Sobre o conceito de adesão, seguimos o entendimento de Isabel Travancas (1993).

Inspirada em Becker (1997), que utiliza a ideia de adesão a partir de análises sociológicas do comportamento individual e organizacional dos sujeitos, Travancas utiliza o termo em sua pesquisa sobre o mundo dos jornalistas. Ela afirma que ocorre uma adesão à profissão de jornalista, um movimento de abrangência na carreira em relação aos outros âmbitos da vida do sujeito. O termo é usado para compreender “o fato de determinadas carreiras significarem bem mais do que uma atividade ou emprego na vida de seus profissionais, gerando um envolvimento que resultará num *estilo de vida* e numa *visão de mundo* específicos” (TRAVANCAS, 1993, p. 108).

Utilizado também por Pereira (2020), em seu trabalho sobre carreiras profissionais no jornalismo brasileiro, a adesão é empregada pelo pesquisador para entender como os indivíduos querem ser jornalistas. Como observado em seu estudo, existem variados motivos. Ele destaca, a partir dos estudos de Becker (2006), Le Cam e Ruellan (2017) e Travancas (1992), que a noção de adesão é em geral usada para explicar a permanência na profissão. O autor destaca ainda que a adesão a um estilo de vida ou mesmo as representações sobre a prática profissional participam do processo de escolha da profissão.

O que me parece interessante neste estudo é ver como a adesão a um estilo de vida – percebido por meio das representações sobre a prática e a vida dos jornalistas – também participa do processo de escolha da profissão, motivação que será confirmada, reforçada, adaptada ou alterada no decorrer da carreira. E, nesse caso, mais importante do que a “vocação” ou o chamado para uma “missão”, a vivência no jornalismo parece se construir em uma dialética entre os imaginários e o apego em relação à carreira e à prática das redações. (PEREIRA, 2020, p. 53)

Os profissionais entrevistados no primeiro pré-campo demonstram nas falas que além da adesão que certamente se estreita à prática e a relação de carreira, existem também outras motivações, como gosto e competências adquiridas. No que se refere a esse contexto, devemos destacar o papel das entidades que reforçam e propagam o conhecimento no âmbito do JD. Há uma rede formativa para jornalistas e outros profissionais que desejam ingressar e se aperfeiçoar para atuação, tanto no JD, como em áreas afins, como Ciência de Dados, *Design* e outras.

Existe uma prevalência nas falas dos entrevistados quando se trata do primeiro contato com o Jornalismo de Dados. Eles destacam cursos e congressos realizados pela Abraji, Knight Center, Open Knowledge Brasil-Escola de Dados. Com destaque para os cursos grátis oferecidos pelo Knight Center e pela Abraji¹⁰.

Eu sempre gostei de infografia, não necessariamente de dados. No segundo ano de faculdade, eu fiz um curso do Knight Center, de introdução à infografia e visualização de dados, com o Alberto Cairo. Nesse curso tinha um módulo de infografia baseado em dados. Coletar dados, fazer infografia a partir de uma base, criar narrativas. Eu achei um máximo. Aquilo explodiu minha cabeça. Pensei nas possibilidades que eu poderia proporcionar ao leitor. A partir disso fui me especializando cada vez mais e me ajudou muito. Não acho que sou um jornalista tradicional horrível, eu sei escrever bem, sei fotografar, entrevistar, mas eu sou muito melhor com o que eu faço hoje do que com as tarefas tradicionais. Eu sei programar, é uma habilidade que tenho a mais, que me ajuda a fazer coisas mais complexas. Para ser jornalista de dados não precisa saber programar, mas ajuda. O Jornalismo de Dados me auxiliou a pensar no público, pois acho que escrevemos muito para os pares, então trabalhar com designers como eu faço é muito interessante porque é outra maneira de pensar o produto ou de pensar o próprio jornalismo. (ENTREVISTADO 3, 2018)

Os eventos e cursos são destacados como importantes nos passos iniciais para os jornalistas que queiram atuar no JD, mas, nesse sentido, as falas dos entrevistados também revelam que os profissionais carregam consigo uma adesão, como já destacado, com práticas de áreas como estatística, computação, entre outras. Os entrevistados reforçam que “gostam” de determinada área ou de desenvolver atividades para além das expertises próprias do jornalismo.

¹⁰ Estas entidades são responsáveis por grande parte dos cursos disponibilizados para profissionais que desejam adquirir competências para atuar no Jornalismo de Dados, como em outras áreas que transversam a prática. A Abraji é pioneira no Brasil na realização de cursos e encontros formativos para profissionais no que abrange Lei de Acesso à Informação, linguagens de programação, infografia, visualização, etc. Formou os primeiros jornalistas de dados do país. Knight Center, Open Knowledge Brasil – Escola de Dados também são reconhecidas como apoiadoras da expansão de práticas jornalísticas de dados e Ciência de Dados.

Os jornalistas que estão hoje nos núcleos de dados do país têm competências e habilidades que não são só mais aquelas habilidades que você saia da graduação. São jornalistas que têm uma especialização em Ciências de Dados, que sabem programar, que têm habilidades com matemática e estatística. Os cursos de graduação oferecem raramente matérias com esse eixo, então temos que ir em busca. (ENTREVISTADO 4, 2018)

Os entrevistados narram que competências são importantes para atuar no JD, como também ter noções básicas de estatística, probabilidade, trabalhar com planilhas, ter olhar acurado para tratar os bancos de dados e saber o que tirar destes.

As ferramentas também são destacadas como fortes aliadas do processo produtivo. É necessário procurar manusear e conhecer ferramentas que facilitem o trabalho. A colaboração entre os pares é reforçada nas falas e defendida como necessária dentro dos espaços redacionais e dentro da comunidade. Tais aspectos emergem das narrativas nas observações de campo e nas entrevistas.

Nós acabamos prestando uma consultoria na redação. As outras áreas nos procuram, por exemplo, um jornalista de economia que nunca fez uma matéria de dados se deparou com uma pauta em que precisava da ajuda do núcleo de dados. Porque ele desenvolve uma pergunta mal elaborada e não consegue responder ela apenas com apuração normal, então ele pede nossa ajuda. E nós direcionamos, talvez o melhor caminho que é fazer um pedido por Lei de Acesso à Informação. Eu sei o escopo de raspagem de dados e sei fazer algumas coisas, mas o programador ajuda bastante. Ser jornalista de dados é sempre fazer duas coisas. Uma é descobrir a pauta e a outra como fazer essa pauta. É um jornalista de perfil de colaboração. Ele sabe que não vai ter resposta para tudo. (ENTREVISTADO 1, 2018)

Observamos no pré-campo que as interações entre os indivíduos são simbolicamente mediadas. Strauss (1992) destaca que no contexto das interações os indivíduos envolvidos fazem representações de si, do outro e do contexto da interação. Isso se dá na realidade social, ou seja, na rede de interações entre os grupos sociais, como se pode notar.

Emergem na observação e nas entrevistas um discurso de fortalecimento e notoriedade da comunidade a partir de um espírito colaborativo. Os profissionais da área reforçam em suas falas a necessidade de mais jornalistas trabalhando com bancos de dados, sejam em redações tradicionais ou iniciativas jornalísticas independentes.

A consolidação da rede ocorre por formação de grupos de aplicativos de celular, encontros anuais, participação em cursos, etc. Nos citados espaços são compartilhadas informações sobre produções dos pares, ferramentas, base de dados, pedidos por LAI, entre outros.

O primeiro contato com o campo nos proporcionou aproximação com a comunidade dos profissionais do Jornalismo de Dados – aqui vale ressaltar que a área também é protagonizada por atores de outros campos do saber. Biólogo, advogado, cientista de dados, estatístico, programador, *designer*, cientista político são alguns dos profissionais que nos deparamos ao realizar o pré-campo – os quais estão diretamente ligados à produção jornalística de dados.

Consideramos na pesquisa os jornalistas de dados como protagonistas das dinâmicas que envolvem o Jornalismo de Dados, mas entendemos que não são os únicos atores, pois existem outros que são peças fundamentais da rede que compõe o micromundo do Jornalismo de Dados, e participam das mudanças, das continuidades e do crescimento que atinge esse espaço jornalístico.

Diante da pergunta norteadora do primeiro pré-campo, percebemos que essa indagação nos direcionou para mais indagações, mas também nos lançou à possibilidade de investigar sobre a identidade dos jornalistas, as competências, as afinidades e os gostos de atuação profissional, e conseqüentemente como se emerge o micromundo. Embora não fosse suficiente para sistematizar o objeto pesquisado, a observação participante, o diário de campo e as entrevistas realizadas nos deram condições para apreender melhor o objeto de pesquisa em um primeiro momento.

A oportunidade de entrevistar profissionais surgiu durante uma oficina do evento. A partir da disponibilidade, os jornalistas foram indicando outros. Foi solicitado que os entrevistados indicassem um colega de profissão. Por se tratar de ambiente de congresso, com fluxo de atividades intenso, conseguimos realizar quatro entrevistas, embora mais pessoas tenham se disponibilizado, algumas deles não conseguiram comparecer ao encontro marcado.

Mesmo com o escopo pequeno e que de fato não representaria a pesquisa, as entrevistas, por serem realizadas em um pré-campo que teve por objetivo apreender melhor o objeto pesquisado, são importantes e válidas dado o momento do desenrolar do campo de pesquisa. Foi relevante para apontar direcionamentos do objeto, percepções da pesquisadora e percursos a serem seguidos.

4.1.2 II Pré-campo: Jornalismo de Dados na prática

Diante dos resultados e dos dados gerados no primeiro pré-campo, decidimos realizar um segundo pré-campo em outro evento no mesmo ano de 2018, mais direcionado para o

Jornalismo de Dados. O Coda.Br (Conferência Brasileira de Jornalismo de Dados e Métodos Digitais) é um evento pensado para os profissionais da área do Jornalismo de Dados, pesquisadores da área digital, estudantes, ativistas e comunicadores populares que conta com a participação de conferencistas do mercado de dados digitais. Promovido pelo Open Knowledge Brasil, o evento tem participação de muitos jornalistas e outros profissionais que buscam se aperfeiçoar na área com o objetivo de adquirir novas competências, conhecer ferramentas e iniciar atuação na área.

A participação no Coda.Br nos possibilitou realizar entrevistas, fazer observação e ter momentos de troca de experiências com os profissionais. Assim como no primeiro pré-campo, foi possível perceber comportamentos, atitudes, diálogos, construções de ambientes e as relações entre os atores. A realização de mais quatro entrevistas nos fez apreender as percepções de alguns jornalistas que estão atuando no Jornalismo de Dados e como constroem suas trajetórias pessoais e profissionais. Foi possível participar dos *workshops* sobre dados governamentais abertos, visualização, investigação jornalística de dados, inovação, exploração de bancos de dados, estatística, Open Source Intelligence, ferramentas, entre outras temáticas.

Um dos momentos importantes nesse contexto foi o Cerveja com Dados. O evento é voltado a quem trabalha com dados abertos, programadores, jornalistas e outros públicos interessados. O Cerveja com Dados é organizado pela Escola de Dados desde o ano de 2017. O evento se dá em forma de encontros locais em diferentes regiões do país para pessoas interessadas no trabalho com dados, em que são compartilhadas metodologias de trabalhos realizadas em produções desenvolvidas pelos participantes. No ano de 2018 o evento abria as atividades do Coda.Br e resolvemos participar na tentativa de estreitar contatos e perceber o ambiente e as interações que ali ocorriam.

O evento nos proporcionou conhecer jornalistas da área e realizar contato. Aqui utilizamos o diário de campo, que foi aliado importante na garimpagem de informações e impressões. As conversas informais durante o evento e as aproximações com indivíduos de variadas áreas nos possibilitou apresentar a proposta da pesquisa e abriu caminhos com a comunidade do JD. No Coda.Br, manter contato com os participantes foi mais fácil depois da participação no Cerveja com Dados. A indicação de um jornalista a outro para a participação na pesquisa nos possibilitou abertura de contatos durante o evento.

No Cerveja com Dados, percebemos que havia um esforço de fortalecimento da comunidade para além do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Essa percepção surgiu da observação durante as oficinas. Os ministrantes, ou jornalistas protagonistas da área, reforçaram em suas falas que é preciso o fortalecimento do JD em redações menores e fora do eixo Sudeste do Brasil. O movimento de trabalhar com bases de dados governamentais abertas em redações espalhadas pelo país é algo defendido pelos atores que já estão no JD.

Os dois eventos buscavam reforçar esse desejo de que em mais regiões do país, seja em iniciativas independentes ou núcleos redacionais, a prática do JD se fortifique. Nesse espaço, é evidente o discurso de defesa da democratização dos dados no Brasil. O uso de portais de transparência governamental com o objetivo de conduzir produções investigativas sobre realidades tanto nacionais, mas também locais, e temas como educação, saúde e segurança estão entre as principais discussões durante os eventos. Ferramentas, metodologias, dicas e experiências também marcam esses tipos de encontros.

Durante a participação no Cervejas com Dados e diante das informações coletadas, percebemos que a área não interessa somente aos jornalistas, mas a tantos outros profissionais que desejam trabalhar no campo, seja em redações ou iniciativas que desenvolvem práticas de conhecimento livre, transparência e dados abertos. O jornalismo é um desses campos de atuação. Em conversas informais com alguns profissionais durante o encontro, ficou visível que o JD é um espaço no âmbito dessa atuação, e que não é tomado como área que pode somente ser praticada por jornalistas.

Uma cientista de dados nos deixou evidente que compreender as técnicas jornalísticas, como a pirâmide invertida, não é algo complexo para ela, desde que se tenha o objetivo claro da base de dados que se quer trabalhar ou o que se quer tirar dela. Essa percepção foi recorrente em mais cinco conversas com profissionais que não são jornalistas. Há um reforço nas falas sobre a *expertise* para se trabalhar com bancos de dados e ferramentas, que, aliadas ao jornalismo, não impossibilita que esses profissionais atuem na área.

Realizar entrevistas com atores que não tinham formação em jornalismo já estava nos objetivos da pesquisa, uma vez que o Jornalismo de Dados não é protagonizado somente por jornalistas, mas se articula entre variados profissionais. Acreditamos ser importante entrevistar esses atores, já que partimos de uma concepção interacionista das profissões. Compreendemos que a identidade jornalística acontece de modo fluido na abertura e

fechamento de suas fronteiras. Isso ocorre no contexto das diferentes trajetórias de profissionalização. As identidades são negociadas e reconstruídas constantemente em contextos culturais distintos (RINGOOT; RUELLAN, 2007).

Paul e Christofolletti (2020) discutem os valores morais em disputa entre jornalistas e não-jornalistas a partir de entrevistas realizadas com sujeitos de dois coletivos cariocas, engajados na produção e disseminação de informações. Os pesquisadores apontam que existe um compartilhamento relativo dos mesmos valores românticos do jornalismo.

Nosso artigo identificou disputas morais entre jornalistas e não-jornalistas que compartilham relativamente dos mesmos valores românticos. Contudo, não profissionais idealizam a prática jornalística apenas sob determinados parâmetros normativos e conflitam com valores deontológicos. Jornalistas constroem para si a imagem de profissionais orientados por uma racionalidade técnica (ao contrário dos não-profissionais “passionais”), acompanhada de discursos sobre preocupações éticas em suas práticas. Esses tensionamentos não só ilustram as disputas morais, mas também exibem dinâmicas cada vez mais comuns nos processos de comunicação. (PAUL; CHRISTOFOLETTI, 2020, p. 15)

Träsel (2014) salienta uma colonização do *ethos* jornalístico pelos valores da cultura *hacker*. Isso se manifesta nas funções exercidas pelos atores do Jornalismo de Dados, que exigem conhecimentos técnicos e colaboração entre os variados profissionais de áreas distintas. Para o pesquisador existe um *ethos* romântico entre o Jornalismo de Dados e cultura *hacker*, o que seria um ponto de articulação entre as duas culturas.

Possivelmente esse ponto de articulação possibilita uma adesão por parte dos jornalistas aos valores da cultura *hacker* e dos profissionais de áreas distintas do jornalismo atuantes no JD aos valores jornalísticos. Percebemos que os entrevistados partilham de valores. Transitam muito bem no espaço do Jornalismo de Dados, pontos que serão retomados no capítulo sobre carreira.

O pré-evento ao Coda.Br nos ajudou em algumas percepções e inquietações de pesquisa que já existiam desde o primeiro campo, como por exemplo, competências profissionais e atores que atuavam na área. Contextos que para além das nossas inquietações de pesquisa se mostravam nos pré-campo.

Dos quatro entrevistados, três têm forte atuação no JD e são reconhecidos pela experiência, a outra entrevistada é uma jornalista do Estado do Espírito Santo, que, na data da realização da entrevista, trabalhava em uma pequena redação e buscava se atualizar sobre ferramentas e métodos, mesmo não havendo incentivo financeiro e formativo do veículo para

que ela buscasse tal aperfeiçoamento.

A partir de nossas observações, o Coda.Br é marcado pela desmitificação do Jornalismo de Dados para aqueles que nunca atuaram na área, que buscam conhecer ferramentas, manter contato com outros profissionais, entender os caminhos para lidar com bancos de dados, Lei de Acesso à Informação, etc., como também para aqueles que buscam se atualizar sobre a área.

A aquisição de competências é um movimento se sobressai nesse contexto embora haja uma fala entre a comunidade de jornalistas de dados, que se reforça posteriormente nas entrevistas de campo da análise, de que os jornalistas não precisam saber programar, ou fazer visualização de dados para *ser* e *fazer* Jornalismo de Dados. Para alguns, apenas uma boa pauta e apuração para saber o que tirar de um banco ou de uma base de dados já é o suficiente. Mesmo diante dessa defesa, fica notório que os profissionais iniciantes na prática fazem e reforçam a necessidade de obter competências e expertises em linguagem de programação, *design* e estatística, mesmo que em nível básico¹¹.

Eu acho que cada especialista de dados se especializa em um pedacinho, mas o que em geral é preciso que todo mundo tenha é uma noção de estatística, de matemática (mas não é uma matemática avançada, de quarta série, que a gente esqueceu), um pouquinho de *design* (para a questão da visualização). O resto são as habilidades jornalísticas do geral: curiosidade, precisão... Eu tenho facilidade com números. Muita gente que entrou no jornalismo foi porque não tinha matemática no curso. Eu falei: “Eu não tenho um texto excepcional, eu não tenho um bando de coisas que jornalistas geralmente têm, mas eu lido muito bem com números”. Então, eu achei nisso um nicho para eu me diferenciar e também para eu me colocar no mercado. (ENTREVISTADO 3, 2018)

A jornalista destaca a necessidade de se especializar para atuar no JD. É preciso ter uma noção de estatística, matemática e *design* e o resto é com o que se aprendeu no jornalismo. Nesse sentido, o Jornalismo de Dados é tido ou visto para alguns profissionais iniciantes como um caminho possível de investimento de carreira por motivos como afinidade

¹¹ Decorridos três anos dessa observação, pode-se constatar que é sempre salientado que para ser jornalista de dados não precisa saber programar ou criar visualizações, mas sim ter um bom faro jornalístico, uma boa pauta e uma boa apuração e conhecer ferramentas básicas de tratamento de dados. Mas os profissionais iniciantes na área sempre reforçam a necessidade de buscarem competências. Não se sentem seguros ou preparados para atuarem e alinham isso ao fato de não terem perícia, conhecimento, saber fazer. Participando de um Masterclass no mês de março de 2021 sobre Jornalismo de Dados, promovido pela embaixada dos Estados Unidos no Brasil, esse ponto permanece forte. Jornalistas atuantes defendendo competências básicas do jornalismo para atuar no JD e jornalistas iniciantes ávidos por adquirir novas competências. Um paradoxo evidente entre é preciso antes de tudo ser bom jornalista para atuar no JD e o já sei ser jornalistas, quais as competências que preciso ter para atuar no JD?

com a cultura *hacker*, áreas para além das atrelada a escolha pelo jornalismo.

Um dado que é importante destacar neste tópico trata-se sobre carreira, pois ao buscar conhecer o Jornalismo de Dados, muitos participantes do evento evidenciam que um dos pontos de buscarem entender o JD e como atuar é porque acreditam que há uma possibilidade de prospecção de carreira.

Quando perguntado sobre carreira, um dos entrevistados destacou que vê o Jornalismo de Dados como um investimento para a carreira no jornalismo e que os profissionais vão precisar fazer esse caminho, pois segundo ele, a informação cada vez mais está em base de dados digitais.

Com certeza! Cada vez mais, as pessoas vão precisar fazer isso, porque a informação funciona assim hoje. Você vê o exemplo das eleições de 2018. Sempre houve uma cobertura de eleição tradicional, de você ficar atrás dos candidatos e de você monitorar, por meio dos advogados. Mas tem um tempo, e cada vez mais, você tem que saber lidar com as bases de dados do Tribunal Superior Eleitoral (eles foram disponibilizando mais dados e melhorando as bases). Nesse ano, especificamente, teve um outro fenômeno, que em 2014 não se via tanto, que era uma cobertura focada só em redes sociais. Isso demandava muito você entender alguma coisa de dados, pelo menos, para você saber qual era o nível de engajamento de uma página, se aquela página era verdadeira ou não, quem estava compartilhando conteúdo de determinada página, se aquilo estava favorecendo um candidato ou não – coisas que a gente precisou fazer, mas que era um fenômeno que muita gente nem estava de olho. Cada vez mais isso vai aparecer! Cada vez mais coisas que demandam um conhecimento de dados vão ser necessárias para que você consiga produzir pautas, produzir matérias e questionar cada vez mais aquilo que a gente está fazendo. (ENTREVISTADO 4, 2018)

Outro entrevistado também reforça esse aspecto ao afirmar que o Jornalismo Dados está se expandindo e muitos profissionais estão buscando o JD.

Eu acho que é um campo que está se expandindo e, provavelmente, a tendência é que ganhe mais preponderância diante da quantidade de informações que estão se tornando públicas e que se pode ter acesso. Naturalmente, a gente vai precisar saber ler e interpretar esses dados para compreender o mundo em que a gente vive hoje. Então, eu vejo minha carreira para essa área e acho que mais jornalistas irão. (ENTREVISTADO 2, 2018)

Em nossas vivências durante o Coda.Br, averiguamos que, além da questão de muitos jornalistas buscarem compreender o Jornalismo de Dados, outro aspecto se fazia constante nas falas informais dos participantes: o que faz um jornalista de dados ou o que define um jornalista de dados. Esse questionamento também permeou nossas indagações para os profissionais com que tivemos contato, tanto durante os cafés e almoços, como nas entrevistas. Na busca de conhecer melhor o objeto de pesquisa, nosso objetivo nos pré-campo

foi, por meio de questionamentos, encontrar respostas para delinear o percurso da investigação.

Questionados sobre como se reconhecem, alguns entrevistados apresentam indecisão e receios em confirmar para a pesquisadora quando indagados se são jornalistas de dados.

Eu falo que eu sou uma jornalista, que me especializei em dados, mas que eu não faço só isso. Eu tento usar os dados e essa expertise que eu tenho em tudo o que eu faço. Eu não trabalho só com dados e eu trabalho com várias coisas em que eu posso usar dados e é importante, para mim, ter essa expertise. Mas é o que eu te falei: ainda é nebuloso o que é um jornalista de dados. (ENTREVISTADO 1, 2018)

A entrevistada ainda falou sobre esse ponto, destacando que o país caminha para o crescimento do JD dentro das redações, e que cada vez mais a comunidade cresce e se reconhece dentro de suas expertises. Para ela, o termo Jornalista de Dados era nebuloso, pois existem diferentes tipos de jornalistas de dados.

A gente tem iniciativas dentro de redações, a gente tem editorias específicas para dados (G1 Dados, Estadão Dados), com jornalistas que têm conhecimentos específicos. Hoje em dia, a gente tem muito mais cursos do que tinha antes no Brasil. Eu mesma tive que fazer fora, porque aqui não tinha. Hoje, por exemplo, a gente tem congresso, como o Coda. Então, acho que a gente se reconhece. O que eu acho que ainda é nebuloso é que existem tipos diferentes de jornalistas de dados: tem jornalista de dados que programa, tem jornalista de dados que não programa, tem jornalista de dados que trabalha com infografia, outros que trabalham na redação com texto. (ENTREVISTADO 1, 2018)

Essa problemática é parte relevante e interessante que se estende no JD. Vamos encontrar jornalistas que se consideram jornalistas de dados por terem determinada competência, outros que se declaram e se reconhecem como jornalistas e reforçam que Jornalismo de Dados é jornalismo, então não tem por que se diferenciar. Outros que não se reconhecem porque não tem determinada *expertise*, mas atuam na área. Vemos, no pré-campo, uma identidade em construção.

Outro ponto relevante que o pré-campo nos revelou sobre micromundo do Jornalismo de Dados é que temos segmentação com relação aos profissionais que formam esse espaço: jornalistas pioneiros, jornalistas experientes/atuentes, jornalistas iniciantes. Nas entrevistas, os participantes destacaram os pares dentro deste âmbito. As indicações eram feitas na perspectiva de *você deve falar com o jornalista tal que é pioneiro na área, ou falar com fulano porque ele é experiente no JD, é bom ouvir os profissionais iniciantes no campo.*

Esse ponto será abordado na análise do trabalho.

O segundo pré-campo nos direcionou para uma análise sobre o micromundo do Jornalismo de Dados em que os aspectos de profissão se destacam e se alinham ao objetivo inicial da tese. A proposta da pesquisa desde seu primeiro formato foi discutir e compreender o JD a partir da perspectiva profissional, ou seja, a partir de quem atua.

Os atores sociais são o foco desta pesquisa e sustentamos este estudo na perspectiva interacionista sobre profissão partindo, para isso, do conceito de Mundos Sociais. Percebemos o Jornalismo de Dados como um micromundo que traz possibilidades para enxergar muitas perspectivas do jornalismo na atualidade, aqui vista pelo prisma dos estudos do jornalismo como profissão.

4.2 PESQUISA DE CAMPO: ESCOLHA DOS ENTREVISTADOS

A escolha dos entrevistados partiu do que já havia nos apontando os pré-campo de pesquisa. Ao realizar entrevistas e fazer as observações, percebemos que dentro da comunidade há uma segmentação dos atores. Indutivamente construímos três grupos: os *jornalistas pioneiros* da área, os *jornalistas experientes/atuentes*, e os *jornalistas iniciantes*. A partir da segmentação tivemos como objetivo escolher os entrevistados que não necessariamente precisavam ser jornalistas por formação.

Como já apontamos neste capítulo, embora a pesquisa tenha como foco tratar sobre os jornalistas de dados, há no JD uma diversificação de atores que ocupam posições no âmbito da prática jornalística de dados. Neste sentido, tendo como base uma abordagem interacionista a partir de Mundos Sociais, entrevistamos profissionais que fazem parte do micromundo do JD. Um mundo social, segundo Becker (1982), é formado por uma rede de pessoas envolvidas na realização de uma atividade cooperativa. Há uma coordenação de práticas partindo de interesses e entendimentos que são necessários para a realização de um ato social maior, ou seja, há uma rede de colaboradores que realizam suas atividades de forma cooperada que implicam na atividade fim.

Os entrevistados são diversificados em seus perfis. Não houve uma escolha fechada de quem seriam, mas de maneira preliminar houve uma seleção a partir do que os pré-campo nos apontavam. Tínhamos como objetivo entrevistar profissionais pioneiros, experientes/atuentes e iniciantes. Neste escopo, temos jornalistas por formação e profissionais de outras áreas.

Antes do mapeamento já havia sido realizado contato com um dos jornalistas pioneiros, o qual acabou indicando outros jornalistas. A primeira entrevista foi apresentada no texto para o exame de qualificação da tese dentro da proposta do capítulo de análise sobre carreira. A entrevista será utilizada junto às demais realizadas na segunda fase da pesquisa por se tratar de um profissional pioneiro do JD no Brasil.

Após a realização dos pré-campo e feito o mapeamento dos possíveis entrevistados, entramos na segunda fase da pesquisa que foi fazer contato com os profissionais indicados. O projeto passou pelo Comitê de Ética da Universidade para aprovação da realização das entrevistas. Após a aprovação no Comitê, iniciamos a etapa que perdurou mais de seis meses entre remarcações de dias e fechamento das entrevistas. Estas são apresentadas no capítulo sobre carreira.

Como frisado em tópicos anteriores deste capítulo, não temos a intenção de apresentar um perfil estatístico dos jornalistas de dados, mas a partir das entrevistas, restituir e analisar a maneira como os atores do micromundo do JD integram sua rede de cooperação, posicionam-se e atribuem *status* às suas atividades. Seguindo uma perspectiva interacionista e uma pesquisa de procedimentos qualitativos em sua fase final¹², a quantidade de entrevistados parte do conjunto de indivíduos considerando um número representativo do grupo analisado.

4.3 CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* da pesquisa é composto por entrevistas com 29 profissionais que trabalham ou trabalharam na área do Jornalismo de Dados no Brasil¹³. Como já mencionado no tópico anterior, são atores com formação acadêmica em jornalismo e em outras áreas, que trabalham em organizações jornalísticas ou fora delas, mas que atuam no JD.

A partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa, assinado pelos participantes, seguimos o sigilo e privacidade da identidade dos entrevistados e não fazemos a identificação nominal destes.

Utilizamos uma identificação numérica para citar as falas de acordo com a ordem

¹² Durante os dois primeiros anos de pesquisa, realizamos após os pré-campo aplicação de um questionário para os jornalistas de dados do Brasil. Isso nos conduziu no primeiro momento a alinhar procedimentos qualitativos para a pesquisa, e que foi apresentado no exame de qualificação. Esse escopo é discutido no prelúdio da análise, pois consideramos parte importante do trabalho. Na segunda fase do estudo e na fase final, tomamos procedimentos metodológicos qualitativos já com o delineamento das análises que são conduzidas pelas entrevistas de campo.

¹³ Há uma entrevistada que durante o processo de entrevista mudou-se para os Estados Unidos para trabalhar com JD. A fala da informante permanece na pesquisa, levando em consideração sua atuação no Brasil e sua transição para os EUA.

cronológica da realização das entrevistas. O nome dos veículos em que os participantes trabalhavam até o fechamento da entrevista também não são mencionados.

Para apresentar os entrevistados, mesmo sem identificá-los, fizemos uma divisão dos pré-campo e do campo para melhor organização dos participantes.

Nas tabelas a seguir apresentamos os participantes primeiro dos pré-campo e, em seguida, do campo.

Entrevistamos 29 profissionais que atuam no Jornalismo de Dados até o fechamento deste estudo. As entrevistas foram conduzidas entre os anos de 2018 e 2021. São 8 entrevistas durante os pré-campo em 2018. Uma entrevista com um jornalista pioneiro em 2019 no fechamento do trabalho para o exame de qualificação, e 20 entrevistas entre os anos de 2020 e 2021, que fazem parte do escopo do campo e da segunda fase da pesquisa.

Seguimos, neste aspecto, uma construção de narrativa sobre as trajetórias de ordem pessoal, as motivações pela escolha do jornalismo e a estrutura da carreira. Acreditamos, mais uma vez, que o número de entrevistados seja suficiente dentro da perspectiva metodológica do trabalho.

Tabela 4 - Entrevistados Pré-campo

(continua)

Identificação	Idade e formação	Estado	Gênero	Atuação profissional no JD
Entrevistado 1	30 anos, graduação em Jornalismo	São Paulo	Feminino	Jornalista de dados

Tabela 4 - Entrevistados pré-campo

(conclusão)

Identificação	Idade e formação	Estado	Gênero	Atuação profissional no JD
Entrevistado 2	35 anos, graduação em Jornalismo e Administração. especialização em Jornalismo de Dados	Bahia	Masculino	Gerência de Estratégia digital
Entrevistado 3	25 anos, graduação em Jornalismo e especialização em Jornalismo de Dados	São Paulo	Masculino	Jornalista de dados e consultoria de <i>data storytelling</i>
Entrevistado 4	36 anos, graduação em Jornalismo e mestrado em Comunicação	Ceará	Feminino	Jornalista de dados

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 5 - Entrevistados pré-campo 2

(continua)

Identificação	Idade e formação	Estado	Gênero	Atuação profissional no JD
Entrevistado 1	24 anos, graduação em Jornalismo	Espírito Santo	Feminino	Jornalista investigativa
Entrevistado 2	30 anos, graduação em jornalismo e especialização em Jornalismo investigativo, Jornalismo de Dados e Visualização	São Paulo	Feminino	Jornalista de dados, consultoria e gerência de projetos em dados tecnologia e comunicação
Entrevistado 3	26 anos, graduação em jornalismo, especialização em Ciência Política e mestrado em Administração Pública e Governo	São Paulo	Masculino	Jornalista investigativo e de dados

Tabela 5 - Entrevistados Pré-campo 2

(conclusão)

Identificação	Idade e formação	Estado	Gênero	Atuação profissional no JD
Entrevistado 4	29 anos, graduação em Jornalismo e mestrado em Comunicação	São Paulo	Masculino	Jornalista de dados e <i>Program Manager</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

Apresentamos, na tabela 6, os entrevistados de campo da segunda fase da pesquisa, em um total de 21 entrevistas realizadas entre os anos de 2020 e 2021.

O primeiro entrevistado fez parte do processo inicial da segunda fase da pesquisa, entrevista realizada no ano de 2019 para o exame de qualificação.

Tabela 6 - Entrevistas de campo

(continua)

Identificação	Idade e Formação	Estado	Gênero	Atuação profissional no JD
Entrevistado 1	53 anos, graduação em Jornalismo	São Paulo	Masculino	Jornalista de dados, especialista em Reportagem Assistida por Computador (RAC)

Tabela 6 - Entrevistas de campo

(continuação)

Identificação	Idade e Formação	Estado	Gênero	Atuação profissional no JD
Entrevistado 2	43 anos, graduação em Jornalismo, especialização em Opinião Pública e Inteligência de Mercado	São Paulo	Masculino	Jornalista, professor, empresário de dados e estrategista de público
Entrevistado 3	32 anos, graduação em Jornalismo, especialização em Regulamentação de Lei de Acesso à Informação nos Municípios, especialização em Probabilidade e Estatística, Exploração de Dados, Análise Exploratória e Visualização.	São Paulo	Feminino	Jornalista de dados e gerente de jornalismo e distribuição
Entrevistado 4	38 anos, graduação em Ciências Biológicas. especialista em Linguagem de Programação R	São Paulo	Masculino	Jornalista de dados

Tabela 6 - Entrevistas de campo

(continuação)

Identificação	Idade e Formação	Estado	Gênero	Atuação profissional no JD
Entrevistado 5	27 anos, graduação em Jornalismo e Letras, especialização em Jornalismo Cultural e Técnico em Administração	São Paulo	Feminino	Jornalista de dados
Entrevistado 6	36 anos, graduação em Jornalismo, mestre em Relações Internacionais e Ciências Sociais, especialista em Empreendedorismo, Comunicação e Jornalismo	São Paulo	Masculino	Jornalista
Entrevistado 7	24 anos, graduação em Jornalismo	Rio de Janeiro	Masculino	Jornalista de Dados
Entrevistado 8	29 anos, graduação em Jornalismo e Estatística. Especialista em Linguagem de Programação R	São Paulo	Feminino	Jornalista de dados e analista de dados

Tabela 6 - Entrevistas de campo

(continuação)

Identificação	Idade e Formação	Estado	Gênero	Atuação profissional no JD
Entrevistado 9	30 anos, graduação em Jornalismo, mestrado em Comunicação e doutorado em Comunicação	São Paulo	Masculino	Pesquisador na área de internet e Política
Entrevistado 10	27 anos, graduação em Jornalismo e técnico em Administração. mestrando em <i>Design Gráfico</i>	São Paulo	Masculino	Jornalista visual
Entrevistado 11	28 anos, graduação em Jornalismo e especialização em Gestão de Conteúdo em Comunicação	Alagoas	Feminino	Jornalista de dados
Entrevistado 12	32 anos, graduação em Direito, Estatística e doutorado em Direito	São Paulo	Masculino	Cientista Político, Cientista de Dados e Editor de Dados

Tabela 6 - Entrevistas de campo

(continuação)

Entrevistado 13	51 anos, graduação em Jornalismo	São Paulo	Masculino	Jornalista especializado em Jornalismo de Dados
Entrevistado 14	33 anos, graduação em Gestão de Sistemas de Informação e Jornalismo	Alagoas	Masculino	Direção de Tecnologia e Jornalismo de Dados
Entrevistado 15	33 anos, graduação em Engenharia de Telecomunicações	Paraná	Masculino	Desenvolvedor de <i>software</i> livre, programação de dados
Entrevistado 16	43 anos, graduação em Jornalismo, especialização em Jornalismo Econômico. Cursos extensivos em Matemática Financeira, Relações Internacionais, Hipermídia e Redes Sociais	São Paulo	Masculino	Gestão de projetos em JD
Entrevistado 17	45 anos, graduação em Jornalismo, mestrado em Comunicação Social e doutorado em Ciência Política	Rio de Janeiro	Masculino	Jornalista de dados, professor e cientista político

Tabela 6 - Entrevistas de campo

(conclusão)

Identificação	Idade e Formação	Estado	Gênero	Atuação profissional no JD
Entrevistado 18	35 anos, graduação em Jornalismo e mestrado em Comunicação e Informação	Santa Catarina	Masculino	Jornalista de Dados
Entrevistado 19	25 anos, graduação em Ciências Sociais e mestrado em Ciência Política	São Paulo	Masculino	Cientista de dados e editor gráfico
Entrevistado 20	36 anos, graduação em Jornalismo, especialização em Jornalismo de Dados e Liderança de Competitividade Global em Educação Executiva	São Paulo	Masculino	Coordenação de projetos em Jornalismo de Dados
Entrevistado 21	26 anos, graduação em Jornalismo, especialização em Administração de Negócios Internacionais e Jornalismo de Dados	São Paulo	Feminino	Repórter gráfica/Jornalista visual

Fonte: Elaborada pela autora

4.4 ENTREVISTAS

Foram realizadas, no total, 29 entrevistas abertas durante os pré-campo e campo de pesquisa. Como as entrevistas de pré-campo já foram abordadas em tópicos anteriores, nos debruçamos aqui em trazer as entrevistas de campo. Estas foram realizadas de maneira virtual¹⁴ via vídeo-chamada por meio de aplicativos de conversas on-line com 20 profissionais da área do JD.

De acordo com Heinz e Krüger (2001), a entrevista revela a maneira como o indivíduo buscou lidar com situações ao longo de sua trajetória. A partir do objetivo da pesquisa, as entrevistas foram importantes para verificar como os entrevistados organizam subjetivamente suas experiências.

Becker (1997) destaca que a entrevista permite captar sentimentos, desejos e crenças dos sujeitos. A possibilidade de construir interações onde as experiências de quem entrevista e de quem é entrevistado estão presentes a todo tempo e requer habilidade para se obter informações (PEREIRA, 2012).

Os entrevistados são de diferentes locais do país e uma das entrevistadas foi para fora do Brasil durante a realização do campo. São profissionais que exercem diferentes funções e possuem formações diferentes, como já demonstrado anteriormente.

Tomamos as falas dos entrevistados a partir de um diálogo com os processos que envolvem as convenções, as segmentações e as transformações no mundo do trabalho do jornalismo (BECKER, 1982). O anseio não é colocar os jornalistas de dados como únicos protagonistas das dinâmicas que envolvem o Jornalismo de Dados, mas entender como esses atores, enquanto peças fundamentais da rede que compõe o micromundo do Jornalismo de Dados, participam das mudanças, das continuidades e do crescimento que atinge esse espaço jornalístico.

A escolha pela entrevista aberta se deu para que os entrevistados falassem de forma livre, sem interferências da entrevistadora, permitindo-lhes total liberdade em suas respostas. Tivemos um tema central, que foi a escolha pelo jornalismo. A partir dessa temática, a entrevista se moldava, sendo priorizado o espaço do entrevistado. Boni e Quaresma (2005) consideram que a entrevista aberta tem perfil exploratório e possibilita ao entrevistador um

¹⁴ ambiente virtual nos aspectos de ambiente privativo e silencioso, plataforma e horário escolhidos pelo entrevistado.

entendimento do fenômeno pesquisado.

Pereira (2013) ressalta que a entrevista de pesquisa com jornalistas é fundamentalmente estruturada a partir dos papéis do entrevistador e entrevistado e dos estatutos de pesquisador e de jornalista. Sendo assim, a entrevista nesta pesquisa é compreendida como uma interação, como destaca Strauss (1992). Para o autor há, nesse processo, a negociação de estatutos e papéis sociais que remetem a significados construídos socialmente.

Os elementos das interações como local, intervenções, tempo, situações de entrevista e falas serão recuperados na análise. Utilizamos, durante as entrevistas, recursos de registro das interações, como caderno de notas; além disso, as entrevistas foram realizadas por meio de aplicativo virtual, que permite a gravação de voz e imagem, o que nos possibilita ampliar o olhar de análise no material. Por terem sido realizadas de forma virtual, o desafio foi fazer entrevistas que não tivessem longa duração, devido à fadiga de exposição em tela e familiaridade tanto da parte da entrevistadora como do entrevistado com a plataforma de gravação.

4.5 ESTUDO DAS CARREIRAS EM ARCO TEMPORAIS

Neste trabalho realizamos a análise a partir da leitura indutiva das entrevistas, levando em consideração as motivações e as trajetórias individuais dos entrevistados, como também a perspectiva coletiva e de estrutura do micromundo do Jornalismo de Dados. Assim, a carreira é analisada por meio de arcos temporais. Os arcos são o que constituem as fases ou momentos de uma trajetória (STRAUSS *et al.*, 1992).

Os arcos balizam nossa compreensão sobre os momentos da carreira dos entrevistados em suas dimensões individuais e coletivas. Aqui o JD pode ser analisado no âmbito da construção da carreira no jornalismo e em que momento se configura na vida profissional.

Processos de escolha, transformações e segmentações são os aspectos que discutimos na análise do trabalho. Os momentos em que os atores escolhem pelo jornalismo, os papéis, o gosto e o ingresso no JD são pontos importantes neste estudo, percebidos pelos arcos da carreira.

Para Pereira (2020), os estudos de carreira a partir dos arcos temporais permitem discutir a relação entre continuidade e mudanças. Conseguimos analisar a maneira como um

ator se insere em uma certa carreira, como também os processos sociais que explicam as diferentes formas de ser e de se tornar jornalista.

Esses arcos não devem ser vistos como fases ou etapas a serem obrigatoriamente seguidas. Um arco é a materialização de processos de negociação entre as escolhas e as motivações individuais que emergem em determinados momentos da carreira e de um conjunto de convenções e de definições coletivas sobre a profissão (a cultura profissional), incluindo aceções de ordem normativa, como ter sucesso, fracasso, conseguir um bom emprego, estar em uma posição de prestígio, estagnar-se. (PEREIRA, 2020, p. 263)

A partir dos estudos de Darmon (2006), Strauss *et al.* (1992) e Becker (2009), o autor identifica os processos centrais que organizam as carreiras e os elementos que dão ritmo a esses processos. Para ele, os arcos permitem pensar a passagem pelo jornalismo e a maneira com as trajetórias evoluem em suas dimensões individuais e do próprio sistema organizacional. Para esta pesquisa, os arcos temporais nos ajudam a analisar os mecanismos de construção da carreira e como o JD se configura neste processo.

4.6 HISTÓRIAS DE VIDA

O estudo utiliza o método de análise das histórias de vida. O método nos sustenta na perspectiva da interpretação dos dados já que leva em consideração a relevância da coleta de narrativas orais, como as entrevistas. Becker (1997) aponta que o método foi desenvolvido no período da idade de ouro da Sociologia em Chicago, tido como um dos mais multifacetados das Ciências Sociais.

O estudo a partir das histórias de vida possibilita a utilização de técnicas de pesquisa diferentes no contexto qualitativo. Na análise deste trabalho, as entrevistas, o diário de campo e a pesquisa documental foram caminhos para coletar material. Blumer (1969) afirma que as histórias de vida permitem flexibilidade ao pesquisador diante da totalidade dos dados coletados sem necessariamente ter que encaixar em um modelo hipotético.

Para Becker (1997), o método proporciona a análise da visão dos sujeitos diante processos institucionais, além dos aspectos de interação. Assim, auxilia-nos a analisar os atores a partir de suas falas no que diz respeito ao gerenciamento das escolhas no âmbito da carreira. O autor destaca que a história de vida não é uma autobiografia convencional mesmo que compartilhe com a autobiografia, mas antes de tudo é uma forma narrativa, vista na primeira pessoa e que apresenta a subjetividade.

O método se alinha nesta tese às entrevistas com os sujeitos pesquisados, fornecendo interpretação aos questionamentos de pesquisa e da proposta de análise. Os materiais coletados nos pré-campo e no campo foram fundamentais para o alinhamento do uso do método.

As experiências adquiridas pelos atores sociais nas interações fazem parte dos relatos e da partilha a partir da construção da carreira e do gerenciamento dos estatutos diante da apresentação de si e das relações com o outro que pertence ao micromundo do Jornalismo de Dados.

4.7 CODIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CATEGORIAS DE ANÁLISE

Na análise sobre as carreiras dos entrevistados, tentamos verificar a forma como eles descreviam as dimensões pessoal e profissional. Para isso, realizamos um movimento de codificar e construir as categorias de análise a partir das entrevistas.

Sendo assim, as categorias analisadas são:

- A escolha pela profissão (BECKER, 2009; STRAUSS, 1992; TRAVANCAS, 1993, PEREIRA, 2020), na qual os entrevistados falam sobre como optaram pelo jornalismo e relacionam os variados motivos pelos quais o fizeram. Algumas das motivações vão desde as dimensões do mito da profissão, das experiências individuais e do papel do outro.
- O período de formação universitária (MIELNICZUK & TRÄSEL, 2017; SILVA & MARTINS, 2019) é uma das codificações que conseguimos identificar durante a indução das entrevistas. Nessa categoria, os atores entrevistados nos revelam como a passagem pela universidade¹⁵ é um fator importante quando se trata da construção das histórias de vida e da carreira.
- O gosto e a adesão (BECKER, 2006; TRÄSEL, 2014; TRAVANCAS, 1993) ao micromundo do Jornalismo de Dados é outro aspecto relevante que aparece nas falas e que trabalhamos na análise. É possível observar como os entrevistados justificam os motivos para atuarem no JD, que vão desde o gosto pela tecnologia, como também pelo tipo de produção jornalística.

¹⁵ Aqui pode-se entender a formação universitária em qualquer instituição de ensino superior. A utilização da palavra universidade de maneira ampla para se referir a formação ou passagem pelo período acadêmico é usada como forma de facilitar nosso texto e referenciar a formação seja em instituições públicas, particulares, faculdades ou centros universitários.

- Mobilidades e mudanças estatutárias (BUCHER; STRAUSS, 1992; PARASIE e DAGIRAL, 2013; ROYAL, 2010; TRÉDAN, 2015) é um movimento presente no micromundo do Jornalismo de Dados. Constatamos o estabelecimento de relações colaborativas a partir das práticas e da partilha de convenções, discursos e bases ideológicas.

Quando refletem suas trajetórias e imaginam os passos futuros na profissão, os entrevistados realizam uma avaliação de carreira (BECKER, 2006; PEREIRA, 2020), que é sustentada na dimensão individual. Nessa categoria, a construção da carreira no jornalismo é considerada a partir da evolução da história de vida dos entrevistados.

Realizamos ainda, na análise, um paralelo entre o micromundo do Jornalismo de Dados e a carreira no jornalismo (BECKER, 1982). Notamos que o JD viabiliza a construção de um novo espaço de atuação.

A segmentação dentro do próprio Jornalismo de Dados (TRÄSEL, 2014) é uma categoria que tratamos e analisamos. Ao nos debruçarmos sobre as entrevistas, verificamos que os atores segmentam o espaço do JD entre jornalistas pioneiros, jornalistas experientes/atuantes e jornalistas iniciantes, como já destacado. Sendo assim, quando tratamos sobre a carreira dos entrevistados, construímos categorias a partir das entrevistas e do que no revelou o campo de pesquisa.

5 PRELÚDIO DA ANÁLISE

No presente capítulo, trazemos o que intitulamos ser o prelúdio da análise. A proposta é apresentar como caminhamos na primeira abordagem do objeto de pesquisa. O objetivo é examinar o objeto sob a perspectiva do Micromundo do Jornalismo de Dados. A sistematização da análise se deu a partir dos pré-campo realizados, já apresentados no capítulo metodológico. Aqui trazemos um mapeamento da rede profissional e a aplicação de questionário. Isso possibilitou um olhar mais assertivo na apreensão do objeto e da proposta que o estudo visa discutir. Fazer um prelúdio para embasar os dados obtidos durante os pré-campo e campo de pesquisa é para nós de suma importância, pois consolida a construção da pesquisa. A intenção é que o prelúdio antecipe nossa análise, apontando o percurso percorrido pela pesquisadora e como o objeto de pesquisa ganha estrutura no estudo.

5.1 MAPEANDO O MICROMUNDO

Parte importante do processo de compreensão do objeto pesquisado foi realizar o mapeamento do que chamamos de micromundo do Jornalismo de Dados. Como o JD é um espaço heterogêneo de profissionais com formações variadas e que, pela fala dos entrevistados, esses profissionais devem ter competências diferenciadas – que percebemos ter influência fortemente na autodeclaração desse indivíduo –, resolvemos realizar um levantamento com o objetivo de desenhar um panorama do território de atuação a partir da autodeclaração dos profissionais. A realização do mapeamento ocorreu durante dois meses na rede profissional on-line LinkedIn, que reunia no período do levantamento¹⁶, de acordo com a própria Microsoft, mais de 500 milhões de usuários, e é tida como a maior rede on-line de perfil profissional do mundo.

A escolha pela rede se deu porque nela é possível encontrar uma base de dados para mapeamento de profissionais. Os dados nos revelam, além dos indivíduos, os cargos exercidos no mercado de trabalho, que no caso da pesquisa, a literatura ainda não tinha apontado e discutido no âmbito dos nossos levantamentos à época; a formação acadêmica, cursos na área do JD e a descrição do perfil profissional formam parte dos dados disponibilizados.

No primeiro momento, foi realizado um levantamento pelo filtro jornalistas de dados, o que nos rendeu o achado de profissionais que se autodeclaram jornalistas de dados,

¹⁶ O mapeamento foi realizado no período de 21/06/2019 a 21/08/2019.

independentemente da formação. Após a realização da primeira busca, partimos para a segunda, que foi o filtro Jornalismo de Dados. Realizamos um levantamento da quantidade de vagas de trabalho por período na área do JD.

A proposta dessa abordagem na perspectiva de melhor entender o espaço do JD foi verificar um número aproximado de jornalistas de dados que há no país e as ofertas de emprego para esses profissionais. Compreendemos que há limites no mapeamento a partir do uso de uma rede profissional, sendo assim, os dados desse levantamento foram utilizados como adicionais às entrevistas realizadas e aos pré-campo. Cruzar os dados quantitativos e qualitativos foi bastante relevante no referido momento da pesquisa, pois a proposta empreendida nos revelou características e movimentos do micromundo analisado.

Consideramos importante trazer neste prelúdio os aspectos que foram se apresentando ao longo da análise como forma de abordar todas as nuances surgidas, pois acreditamos que apontam para direcionamentos do percurso da pesquisa e nos auxiliam para encaminhamentos do objeto analisado.

Na busca pelo filtro *jornalistas de dados*, obtivemos um resultado de 614 pessoas encontradas e 411 resultados para *jornalismo de dados*, ou seja, 411 resultados de vagas de emprego relacionadas ao filtro. Nas primeiras buscas, quando os filtros foram procurados, surgiram outras nomenclaturas sinônimas da principal, como *Jornalista Computacional*, *Cientista de Dados e Analista de Dados*. Outro aspecto interessante nesse sentido são as funções exercidas, que, na busca, nos revelaram dados importantes para pensar as configurações de atuação e desdobramentos do Jornalismo de Dados. Funções como *Redator de Dados e Editor de Dados* foram frequentes. Ao buscar jornalistas de dados, redator e editor se agregam como sinônimos de atuação na área. O Jornalismo de Dados simboliza ligações que se constroem entre os mundos do jornalismo e da *Web*. Isso certamente compõe uma prática que interroga a função da inovação no contexto do trabalho jornalístico.

O número expressivo de 614 indicações representaria um campo de atuação consolidado e crescente de profissionais em exercício. Mas, ao realizar a checagem e limpeza dos dados¹⁷, logo foi possível perceber as discrepâncias que ocorrem. Ao colocar o filtro jornalista de dados, a plataforma traz variados profissionais que em seu texto de perfil da rede usam os termos: Dados digitais, Jornalismo de dados, Ciência de dados, Núcleo de dados, Jornalismo investigativo, Jornalismo computacional, que trabalham tanto na área da

¹⁷ Para limpeza e edição da base de dados foi utilizado o software <https://openrefine.org>

Comunicação e do jornalismo em específico, ou afins como Tecnologia da Informação, *Design*, Estatística e Consultoria.

Com o resultado da busca inicial, foi realizada a checagem e a limpeza dos dados, como nome, formação, função exercida, empresa em que trabalhava, tempo de cargo e localidade. Esses dados nos mostraram quem são os profissionais que se autodeclaram jornalistas de dados nessa rede social, sua formação, a função exercida naquele momento do levantamento, o tempo que estão nesse emprego e em que região do país atuam. Para essa análise, foram considerados os profissionais que se autodeclaram jornalistas de dados e que estão atuando na área. A garimpagem dos dados foi minuciosa na perspectiva de uma leitura cuidadosa dos perfis, fazendo uma separação pelo filtro delimitado nesse primeiro momento de busca da pesquisa.

Há correlações de nomenclaturas, embora Jornalista de Dados predomine, outras declarações aparecem. Isso nos apontava e ainda prevalece a percepção que a área de atuação do JD é expansiva e de fato nos leva a corroborar com o que Trédan (2015) enfatiza ao afirmar que o Jornalismo de Dados é uma prática coletiva associando jornalismo e tecnologia. Isso nos levou a uma base imensa que a plataforma puxou, mas que depois da limpeza apresentou o resultado de apenas 17 profissionais que se declararam jornalistas de dados e a função está diretamente ligada ao desempenho de função na área. Com um resultado volumoso de 614 profissionais da busca inicial até o resultado a que chegamos, averiguamos dois pontos importantes.

O primeiro ponto se refere à ambivalência do termo. Há certamente uma imprecisão do que chamamos ou compreendemos como jornalista de dados. O termo se conecta a variadas atuações, como observamos durante o mapeamento. A base de dados gerada a partir do filtro nos interligou a vários campos de atuação profissional, como *Marketing*, Produção de Conteúdo e Ciência de Dados.

Mancini e Vasconcellos (2016) já haviam afirmado que há uma imprecisão em definir a prática do jornalismo pelo uso agregado do termo dados. Os variados fatores dessa imprecisão que vão desde a quantificação dos dados, que não é nova no jornalismo, e o contexto tecnológico, não são suficientes por si só para conceituar ou explicar a prática, de acordo com os autores. Nesse sentido, são poucos os profissionais que se autodeclaram jornalistas de dados no escopo da busca. Isso indicava, na época do mapeamento, que essa autodeclaração perpassa por outros contextos de atuação profissional. O editor, o diretor e o

analista de dados se inter cruzam com a identificação de jornalista de dados.

O segundo ponto se relaciona à própria plataforma utilizada para realizar o mapeamento. Apontamos a limitação dessa plataforma e a dificuldade de filtragem, já que houve interligação de componentes semânticos quando realizada a busca. Isso dificultou o mapeamento e gerou uma base de dados caótica. Ainda sobre o segundo ponto, foi observado, durante o levantamento, que jornalistas que são reconhecidos no campo de atuação do JD no país não se autodeclararam como jornalistas de dados em seus perfis na rede utilizada para as buscas.

Esse dado é interessante, pois assim como ficou perceptível durante as entrevistas realizadas nos pré-campo, alguns jornalistas não se reconhecem com essa nomenclatura, mas simplesmente como jornalistas, embora atuem na área e sejam reconhecidos pelos pares como jornalistas de dados. Essa percepção parte, como revelado por um dos entrevistados, da crença de que o JD não se difere do jornalismo tradicional; mas essa prática, na verdade, é o próprio desenvolvimento do jornalismo diante das mudanças tecnológicas que o mundo contemporâneo vem passando.

Um dado da época do levantamento que merece destaque é o fato de profissionais que trabalham em áreas como Assessoria de Comunicação, Consultoria e *Marketing* se autodeclararem jornalistas de dados em seus perfis. Ao realizar a análise desses perfis, pôde-se constatar que não há evidências de produções ou atuações no JD. As empresas em que trabalham não são redações e nem atuam nesse campo profissional. Analisamos o campo de formação para verificar se a autodeclaração se interliga, mas não encontramos informações que revelassem alguma interligação com o campo. Sendo assim, podemos perceber que profissionais de áreas que não são necessariamente correlatas à prática do JD se declaram jornalistas de dados, possivelmente para chamar a atenção para visualizações no seu perfil, ou não compreendem o que de fato é Jornalismo de Dados e o tipo de atuação realizada nesse campo.

Quando utilizado o filtro *Jornalismo de Dados*, obtivemos na época o resultado de 411 itens. Esse número é um saldo que interliga variáveis que a própria rede faz. A busca apontou três categorias: vagas de emprego, pessoas e empresas. Como já havíamos analisado a base de dados das pessoas, fizemos a limpeza para realizar a análise das vagas de emprego e empresas. Ao descartar a base de pessoas, o número caiu expressivamente e ficamos com 71 resultados. Dentro do resultado final ainda percebemos discrepâncias em relação ao filtro

utilizado. A maioria das vagas não apresentava correlação com a atuação no JD, pois a rede busca qualquer relação da palavra como, por exemplo, a área de *Marketing* ficou correlata ao JD, certamente porque as empresas fazem esse paralelo entre esses campos.

Ao realizarmos a limpeza e análise não encontramos nenhuma redação jornalística nas ofertas. As empresas se destacam no ramo da educação e tecnologia. Na base ainda surgiram as vagas de estágio, que também seguem os mesmos parâmetros. Há certamente uma confusão de nomenclatura e âmbito de atuação. As ofertas mesclam conhecimentos de tratamento de base de dados, *marketing*, publicidade e exigem formação em jornalismo. A faixa de salário não aparece, mas alguns benefícios das vagas, como plano de saúde e plano odontológico, bônus semestrais e cursos.

Os resultados trazem pontos importantes, pois revelavam que o campo de atuação do JD se correlaciona diretamente com áreas que já são esperadas, como tecnologia e análise de dados digitais, mas surpreendeu pelas relações diretas com a área de *Marketing*, que certamente trabalha com bases de dados para as mais variadas produções na área. Com base nesse resultado, buscamos as especificidades da área, que vão desde a atuação no *Marketing Digital* à Produção de Conteúdo Digital. As empresas entendem que o profissional do jornalismo consegue atuar desde a produção de conteúdo digital, a análise de bancos de dados, a *social media*, além de experiência com escrita, tratamento de dados e criação publicitária. Nesse contexto, a prática do Jornalismo de Dados se entrelaça com variadas nuances de conhecimento e atuação.

Salientamos que tudo isso se situa no âmbito da busca realizada no LinkedIn, ou seja, há limitações, mas nos auxiliou no momento de compreensão do objeto de estudo e dos caminhos que a pesquisa poderia seguir. Mesmo diante de uma base emaranhada de informações que, por vezes, era confusa, o mapeamento nos apontou percursos, por exemplo, sobre as competências profissionais. Os perfis analisados tinham em comum o destaque para o saber fazer, saber ser e agir. Diante desses dados, resolvemos aplicar um questionário em que o ponto chave foram as competências profissionais dos jornalistas de dados, tratado no tópico a seguir.

5.2 COMPETÊNCIAS IMPORTAM?

Como já havíamos detectado no primeiro pré-campo, um dos temas que cruza os estudos do JD e está presente nas falas de profissionais da área são as competências. Conceito

compreendido neste estudo como a prática de uma ação ou movimento a partir do conhecimento e desenvolvida conforme a necessidade do profissional para melhorar o desempenho em suas atividades. De acordo com Zarifian (2001), a competência seria a combinação de conhecimentos, desde o saber fazer até os comportamentos e experiências que se exercem em um determinado contexto preciso. As competências, para o autor, dizem respeito às habilidades e as atitudes dos indivíduos no contexto do mercado de trabalho, que é historicamente negociado e construído.

Assim, as dimensões das competências profissionais estão no conhecimento, nas habilidades e nas atitudes (SAUPE, 2006). No conhecimento está o conjunto de informações obtidas pela leitura que possibilita ao profissional o domínio do *saber*, como também a capacidade de tomada de decisão e a resolução de problemas. Nas habilidades está o conjunto de experiências adquiridas por repetição que geram ao profissional o domínio do *saber fazer* e a capacidade de tomar decisões e resolver problemas. Nas atitudes está o conjunto de comportamentos adquiridos pela observação que afere ao profissional o domínio ético e também afetivo do *saber ser* e do *saber conviver*, além disso a capacidade de tomar decisões e resolver problemas.

Quando se trata de competências no mundo do trabalho jornalístico, especialmente diante da inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), pesquisadores como Kalume Maranhão (2017) nos evidenciam que mudanças ocorreram e ocorrem com o jornalismo, pois este sofreu os impactos com as transformações nas dimensões organizacional, estrutural, cultural, humana e tecnológica quando as TICs adentram o espaço das redações. Isso se reflete diretamente no exercício da profissão que ganha contornos diferentes a partir das novas competências que este ambiente gera.

A partir de uma amostra composta por 993 jornalistas brasileiros, Kalume Maranhão (2017) confirma que as TICs provocaram mudanças na produção jornalística. Os jornalistas envolvidos na pesquisa da autora sobre convergência tecnológica e competências profissionais afirmam que há um novo fluxo de trabalho e novas competências surgem e são necessárias nas rotinas produtivas.

As tendências apontadas pela percepção dos profissionais que fizeram parte da amostra coletada levam à confirmação de que a mudança no modelo de negócio, a partir da convergência tecnológica e dos investimentos em infraestrutura em Tecnologia da Informação, oferta de novos produtos e busca pela redução dos custos finais de produtos oferecidos pela indústria jornalística, confirma a hipótese de

metamorfose da profissão e enfatiza a necessidade de jornalistas com conhecimentos tecnológicos (KALUME MARANHÃO, 2017, p. 312)

A pesquisa mostra que é nesse contexto que o papel e as competências exercidas pelo jornalista brasileiro assumem novos significados. Em um mercado profissional em constante transformação, como foco em diferentes produtos associados e serviços, segundo Kalume Maranhão (2017), o jornalista se vê de maneira quase invariável em um contexto de mudança organizacional em que as competências são uma das centralidades. Para a autora, cria-se um novo modelo de reter valor tendo como base o desenho de novas competências.

Cria-se, assim, um novo modelo de captura de valor com base no desenho de novas competências, responsabilidades e opções sociolaborais que inserem o jornalista em um futuro que já começou há alguns anos. A área de Tecnologia da Informação não está mais ligada unicamente ao maquinário do parque gráfico, mas ganha ênfase em um modelo de atuação que utiliza a computação em rede e o armazenamento na nuvem como estratégia de acesso à informação (KALUME MARANHÃO, 2017, p. 27)

A partir desse âmbito, Ana Paula Oliveira e Alan César Angeluci (2019) evidenciam em seu trabalho sobre *"Competências e habilidade no Jornalismo de Dados: percepções sobre o perfil profissional brasileiro"*, que o JD se “debruça sobre um cenário no qual as práticas de descoberta, coleta, classificação e uso das informações na apuração, elaboração e visualização de notícias se redesenham em um ambiente digital intermitente (OLIVEIRA e ANGELUCI, 2019, p. 399). Neste contexto, os autores destacam o desenvolvimento de competências e habilidades em uma perspectiva de especialização jornalística fluida, multiplataforma, computacional e mais interdisciplinar.

Os autores entrevistaram profissionais divididos em dois grupos: “grupo mercado” e “grupo academia”. Foram geradas categorias e uma matriz de competências e habilidades com os dados obtidos na análise realizada. São seis categorias entre currículo, cultura de programação, narrativas de apuração, projetos, equipes e aprendizado autodirecionado.

Sobre o currículo, os entrevistados dos dois grupos apontam que as grades curriculares precisam se adequar ao cenário tecnológico e de bancos de dados. Que os graduados saiam da graduação com formação mínima para lidar com perspectivas sobre técnicas analíticas. Quanto à base para cultura de programação, os entrevistados de mercado afirmam que os profissionais devem ter uma profundidade em programar. Linguagem R, Python e saber manipular bases de dados, como também ter recursos e conhecimentos para gerar visualizações a partir das análises. No grupo de acadêmicos, há uma preocupação maior

em bases de raciocínio lógico, matemática e estatística para alunos em seu desenvolvimento de competências e habilidades.

A pesquisa revela que narrativas de apuração e visualização são tidas como importantes pelos os dois grupos no âmbito de ter habilidades de aprimorar a qualidade do conteúdo a partir da utilização do volume de dados, uso de gráficos interativos e recursos multimídia. Projetos e parcerias também são tidos como relevantes pelos dois grupos de entrevistados como forma de desenvolver iniciativas conjuntas sobre Jornalismo de Dados. Capacitações e treinamentos para alunos, professores e profissionais.

Nas categorias criadas por Oliveira e Angeluci (2019), as equipes híbridas também são consenso entre os entrevistados. Há concordância que equipes multidisciplinares, com jornalistas e programadores, por exemplo, podem e têm mais condições de criar narrativas mais interessantes e dinâmicas. A última categoria é aprendizado autodirecionado, que aparece como uma habilidade que o profissional de jornalismo de dados precisa ter para desenvolver seu trabalho. O jornalista necessita buscar formação para além da graduação, ter um perfil direcionado a partir de novas competências.

Os autores chegam à conclusão a partir das entrevistas que o jornalista com competências e habilidades em JD “consegue aliar, de forma muito mais coerente, sua visão sociológica voltada ao interesse público a uma abordagem mais analítica e precisa, fundamentada em dados” (OLIVEIRA e ANGELUCI, 2019, p. 414).

As competências fazem parte das discussões desta pesquisa quando se trata de Jornalismo de Dados. Nessa perspectiva, aplicamos um questionário que possibilitou responder a algumas inquietações no que se refere às competências dos jornalistas de dados. O campo de trabalho, formação, idade e outras informações também fazem parte das perguntas. O aspecto central do objetivo da aplicação do questionário se refere às competências, mas aproveitamos o ensejo para trazer outros dados sobre os participantes.

O questionário foi aplicado no período de 29/07/2019 até 31/10/2019. Obtivemos 39 respostas. Houve divulgação em redes sociais, grupo de WhatsApp e por e-mail. Embora objetivamos ter uma base maior, os dados coletados serviram para o momento que a pesquisa vivia e nos deram suporte e visão no que tange ao aspecto de competências no JD, uma indicação inicial.

Dividimos o questionário em três partes: a) perfil: em que há informações sobre nome, e-mail, idade, gênero, formação, anos de atuação na área, empresa em que atualmente

trabalha e cargo ocupado; b) a segunda parte trata dos processos que envolvem o trabalho, como análise de dados, pesquisa e apuração dos dados, dificuldades e facilidades de realizar determinadas técnicas; c) uma terceira parte abrange as competências para o exercício do Jornalismo de Dados. Nessa parte, os participantes são convidados a responder questionamentos sobre manuseio de ferramentas, utilização de *softwares* e sobre a capacitação. Deixamos uma pergunta aberta sobre ferramentas que os profissionais utilizam no dia a dia e que, eventualmente, poderiam não estar contempladas no questionário.

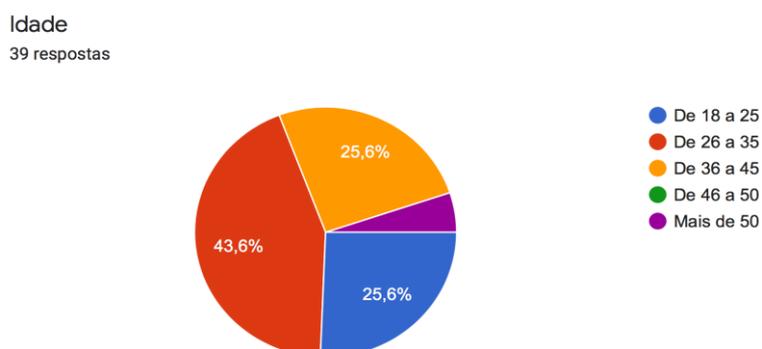
As respostas do questionário apontaram para dados importantes quando se trata de compreender perfil e competências. Assim como outras bases, consideramos 39 respondentes pouco e não estatisticamente representativos do campo do JD em sua dimensão ampla e total, mas o questionário deu suporte para a pesquisa no que tange o perfil e às competências. Os resultados do questionário nos conduziram e auxiliaram na segunda fase da pesquisa.

Vale salientar que nossa intenção não foi e nem é traçar um perfil profissional demográfico. Pesquisas nesse sentido já foram realizadas e nos revelaram um quadro importante sobre o perfil do jornalista brasileiro.

Neste sentido, Jacques Mick e Samuel Lima, ainda em 2013, nos apontavam as mudanças que a profissão do jornalismo passava no que se refere à política de expansão do ensino superior, da transformação na regulamentação profissional, além das metamorfoses como destacam os autores no estudo sobre o perfil do jornalista brasileiro, nas áreas de atuação, competências e habilidades. Os pesquisadores destacam que, dentro das características gerais do trabalho jornalístico, “o acesso às oportunidades de trabalho parece se ampliar nos processos de seleção baseados em algum tipo de aferição de competência, hoje tão expressivos quanto às estratégias de ingresso que privilegiam as redes de relacionamentos (MICK e LIMA, 2013, p. 48).

Os dados do primeiro bloco de perguntas do questionário: a) *perfil* – tratou de informações sobre nome, e-mail, idade, gênero, formação, anos de atuação na área, empresa em que atualmente trabalha e cargo ocupado.

Figura 6 - Idade dos respondentes



Fonte: Elaborada pela autora.

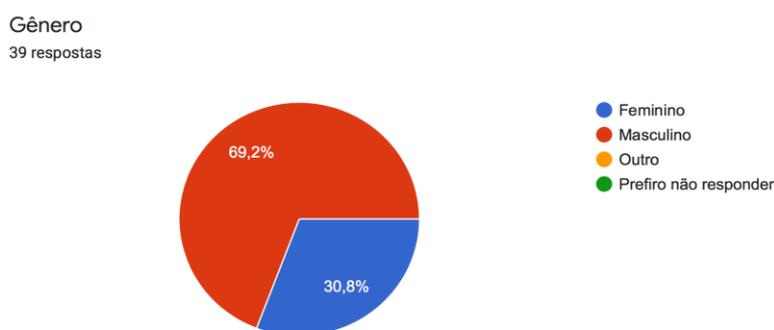
Os dados apontam que a maioria dos respondentes (17 dos 39) se situava na *faixa etária* de 26 a 35 anos de idade.

Tivemos o mesmo número de respondentes na faixa de 18 a 25 anos e de 36 anos a 45 anos. E dois respondentes se situam na faixa etária de 50 anos ou mais. As respostas revelavam que a maioria dos que atuam no Jornalismo de Dados são jovens e jovens adultos, seguidos de adultos. Esse dado é compatível com a idade dos entrevistados nos pré-campo e depois se confirmou nas entrevistas de campo para análise. A maioria se enquadra na faixa jovens adultos que, de acordo com suas falas, acreditam que a área é promissora em termos de progressão de carreira e de manter-se na atuação do jornalismo.

A juvenilização dos jornalistas brasileiros é apontada na pesquisa de Mick e Lima (2013). Eles destacam que a categoria é jovem e na faixa de até 30 anos. Os dados dos autores revelam que 59% dos jornalistas envolvidos no estudo, que teve na época, a partir de uma enquete espontânea, 2.731 respostas.

O resultado aponta para o crescimento das ofertas de vagas e dos cursos superiores. A pesquisa revela que parcela expressiva dos estudantes se engajam cedo na vida profissional, seja pelas oportunidades de estágio, entre outras. Podemos afirmar que, no que diz respeito ao Jornalismo de Dados, diante dos dados obtidos, a juvenilização permanece. Encontramos jovens e jovens adultos jornalistas no mercado pelos fatores de crescimento de vagas no setor, mas também pela demanda de trabalho *freelancer*, estágios e consultorias, seja com carteira assinada ou não.

Figura 7 - Gênero dos respondentes

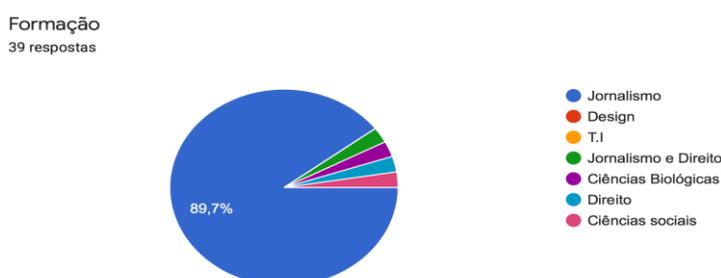


Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto ao *gênero* dos respondentes, há predominância masculina, com 27 respostas, correspondendo a 69,2%. Pouco mais de 30% são mulheres, o que representa 12 respostas. Na perspectiva desta pesquisa, a presença das mulheres tem crescido quando também trazemos os dados dos pré-campo e campo de pesquisa. A participação feminina também é expressiva nos eventos direcionados para a área, o que foi possível constatar em dois deles direcionados para atuação no JD.

Quando se trata da categoria jornalista, Mick e Lima (2013) evidenciaram que majoritariamente as mulheres estão em expansão na área com 63,7% de presença na categoria. Percebemos também um crescimento neste sentido no JD.

Figura 8 - Formação dos respondentes



Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação à *formação* dos participantes, expressivamente 89,7% são jornalistas por formação. Entre os jornalistas, há profissionais formados em duas áreas, como Jornalismo e Direito, pessoas vindas da área de Ciências Sociais, Ciências Biológicas e Direito. A escolha

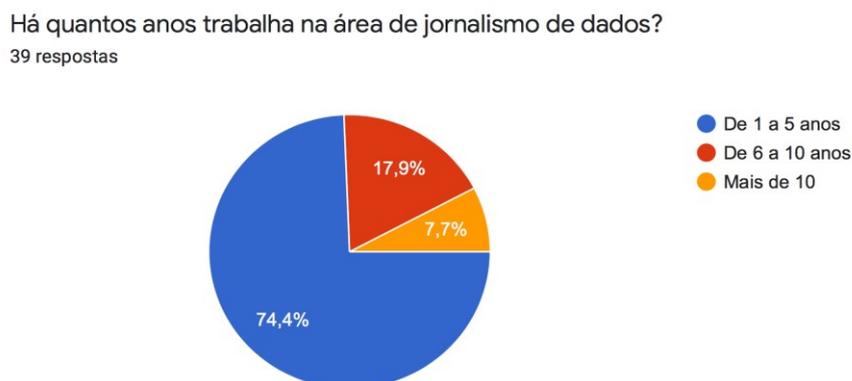
da disposição das opções na pergunta sobre formação se deu pela leitura de produções acadêmicas sobre a temática pesquisada em que profissionais de outras áreas também atuam no âmbito do Jornalismo de Dados.

Um dado curioso nas respostas é a formação na área de Tecnologia da Informação. As produções científicas apontam uma integração ou participação deste profissional na área do Jornalismo de Dados. Entre os respondentes não havia profissionais formados em TI. A pesquisa tem revelado ao longo dos dois anos e com os campos realizados, que há, na verdade, uma busca maior de formação complementar dos jornalistas na área da Computação do que os profissionais da computação presentes no jornalismo. É frequente a busca de jornalistas de dados por cursos de programação, especialmente. O que de certa forma constatamos nas respostas do questionário.

As áreas de formação em Direito, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Jornalismo e Direito foram representadas por um profissional cada. O que podemos verificar é que na atuação do JD as competências necessárias para atuar são importantes, mas não necessariamente ser formado (a) em jornalismo. Participando de cursos na área, percebemos que ter competências é relevante, mas não um ponto que gere impedimento para atuar, como por exemplo, saber programar.

Um profissional que, a princípio, integraria o grupo profissional é o *webdesigner*, que não consta dentre os respondentes. É perceptível que embora outras áreas também protagonizem a prática jornalística de dados, os jornalistas predominam. Uma característica preponderante é a busca por atualização e a formação em campos distintos do jornalismo, como Estatística, TI e *Design*.

Figura 9 - Há quantos anos trabalha na área do Jornalismo de Dados



Fonte: Elaborada pela autora.

No primeiro bloco de perguntas foi indagado sobre os anos de *atuação* na área do Jornalismo de Dados. Constatamos que a maioria, ou seja, 74,4% dos profissionais estão na área entre 1 e 5 anos. A prática do Jornalismo de Dados é recente no Brasil. Entre os participantes da pesquisa, 17,9% afirmam que se encontram em atuação de 6 a 10 anos. Fazendo um paralelo com alguns dados gerados a partir do pré-campo 2, constata-se que há profissionais que protagonizam a atuação no Brasil e propagam a prática do Jornalismo de Dados.

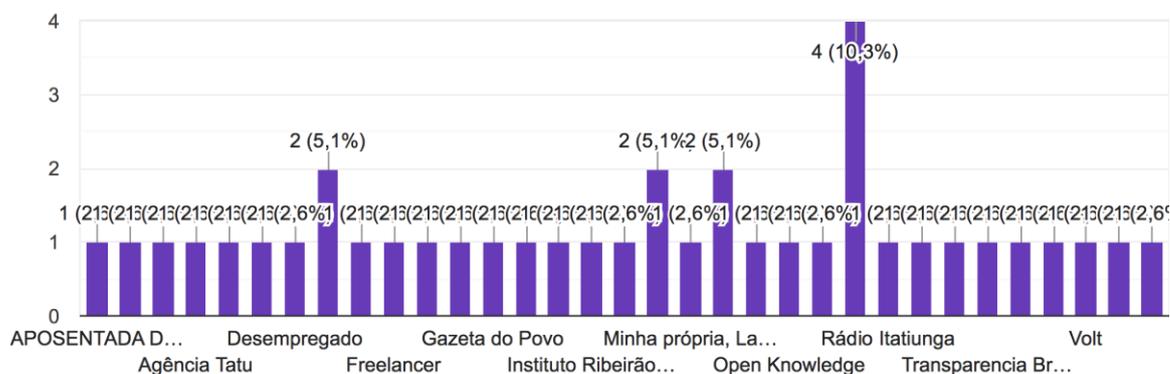
São protagonistas em organizar cursos, produzir eventos e participar de coletivos *hackers* e em defesa de bancos de dados abertos. São profissionais que defendem a Lei de Acesso à Informação e disseminam a prática jornalística de dados como democrática. O percentual de 7,7% dos respondentes afirma estar na área há mais de 10 anos. São jornalistas pioneiros na área, que difundiram o Jornalismo de Dados no país.

Ainda no contexto do primeiro bloco de perguntas, tivemos uma variedade de respostas sobre a *empresa em que os participantes trabalham*, englobando desde profissionais aposentados a desempregados. Os dados gerados por meio dessa pergunta são importantes para percebermos as características da abrangência de empresas que estão atuando no Jornalismo de Dados.

Figura 10 - Empresa em que trabalha atualmente

Empresa que trabalha atualmente

39 respostas



Fonte: Elaborada pela autora.

Elaboramos uma tabela para melhor visualização das respostas com os resultados dos segmentos midiáticos que mais aparecem quando se trata da empresa que os respondentes trabalham.

Tabela 7- Segmentos midiáticos

TV	Portais/sites de notícia	Agências	Associações	Freelancer	Institutos de dados	Professor
2	18	4	3	3	5	2

Fonte: Elaborada pela autora

Os segmentos jornalísticos, como evidenciado no questionário, dividem-se em TV, portais de notícia, associações, agências, *freelancers*, professores e institutos de dados, estes últimos são compostos de profissionais que trabalham com dados públicos a partir da Lei de Acesso à Informação.

Além dos dados evidenciados, tivemos duas respostas de participantes que se declararam desempregados. É um ponto curioso, pois contrapõe informações colhidas no primeiro pré-campo, em que a maioria das falas dos entrevistados e palestrantes sobre o mercado do Jornalismo de Dados reforçam a constatação da falta de profissionais,

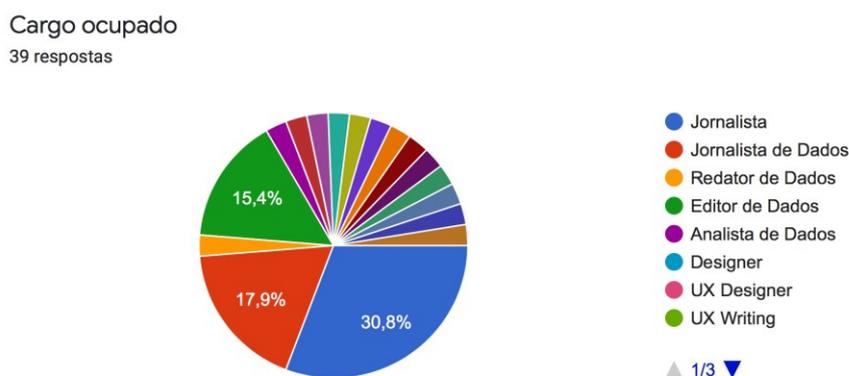
registrando-se muita oferta de emprego, isso na época da garimpagem dos dados.

Há ainda que se observar as competências dos jornalistas. A centralidade das contratações se configura nas competências profissionais, principalmente, em programação e visualização. Para essa pergunta obtivemos respostas de profissionais que atuam em associações, como a Abraji, em Institutos de Pesquisa sobre Dados Governamentais Abertos e Organizações, como a Open Knowledge.

A última questão tratada no primeiro bloco é sobre o *cargo ocupado*. Os entrevistados são em sua maioria jornalistas, com 30,8% das respostas, o que representa 12 profissionais. E 17,9% são jornalistas de dados.

Vale destacar que colocamos as duas opções de cargo ocupado porque durante as entrevistas, conversas e encontros com alguns profissionais, em sua autodeclaração, esses profissionais apresentam dualidade de cargos referidos. Há profissionais que se reconhecem somente como jornalistas, atuando na área e tendo competências nesse campo, e outros se reconhecem como jornalistas de dados.

Figura 11 - Cargo ocupado



Fonte: Elaborada pela autora.

Outro ponto que merece destaque é a dualidade também na ocupação de cargos nas empresas que criaram núcleos de dados, permitindo a nomenclatura de cargo para jornalista de dados. Esses dois fatores certamente influenciaram nas respostas.

O terceiro cargo mais referido foi o de editor de dados. No mapeamento realizado no LinkedIn, a função de editor de dados apareceu, como também perfis em que os indivíduos se declaram com ocupação e *expertise* nessa área.

A variedade de respostas aponta para cargos com os quais ainda não tínhamos deparado na literatura, como coordenador de dados e analista de transparência. Obtivemos respostas indicando cargos que vão desde infografista, programador, cientista de dados, autônomo, professor, coordenador de projetos e até mesmo estagiário, ou seja, os cargos se adequam à realidade das empresas nas quais os participantes trabalham.

O primeiro bloco de perguntas revelou aspectos sobre o perfil dos respondentes e apontou para a pesquisa perspectivas quanto aos atores. Realizando as entrevistas de campo nos meses seguintes e decorrido mais de um ano, agora na escrita deste prelúdio, verificamos que se mantêm as características dos dados coletados: predominância de jornalistas na atuação, mais homens que mulheres, presença de atores com formação em áreas distintas do jornalismo, atuação de jovens e que ocupam cargos em veículos tradicionais que contam com espaços de JD ou profissionais direcionados para essa área.

Outro ponto que se fortificou nesse período é a presença de agências de Jornalismo de Dados e iniciativas independentes, como o Painel Jornalismo¹⁸. Há também profissionais *freelancers*, que produzem ou trabalham com as bases de dados para veículos. Temos uma mescla de atuação entre indivíduos que trabalham em frentes diferentes no JD, que a partir dos dados coletados durante a pesquisa, concentram-se entre os eixos citados. Paulino e Lima (2015) afirmam que os dados locais têm se configurado também como uma área de atuação para os jornalistas de dados.

Os dados do segundo bloco de perguntas do questionário tratam dos *b) processos que envolvem o trabalho no JD*, como análise, pesquisa e apuração, dificuldades e facilidades com técnicas próprias da área. As perguntas foram desenvolvidas na perspectiva do que aborda a literatura sobre o trabalho jornalístico de dados e a partir das falas dos entrevistados para a pesquisa, como também das informações coletadas durante os pré-campo. A participação em oficinas, palestras e *workshops* são itens que constam no questionário.

A primeira pergunta aos respondentes buscava saber se estes conhecem ou não as etapas do processo de análise de dados. As respostas apontaram que 89,7% afirmam que têm conhecimento, ou seja, mais 35 pessoas das 39 que responderam. Apenas 4 responderam que não têm conhecimento, como mostra a figura 12.

Os bancos de dados precisam ser bem analisados, pois a maioria das informações são

¹⁸ Segundo o próprio *site* o Painel Jornalismo de Dados é um projeto de jornalismo independente que tem como proposta a produção de conteúdo de relevância social criado a partir de dados públicos, sejam obtidos nas plataformas governamentais ou via Lei de Acesso à Informação. Endereço-<https://paineljornalismo.com/>

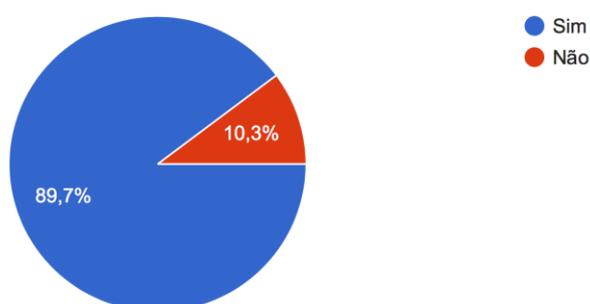
disponibilizadas de forma bruta. E não dizem nada quando estão assim. É necessário que o jornalista saiba analisar o que tem disponível e lance questionamentos diante das informações.

É na fase da análise que o profissional consegue construir material relevante. Embora a maioria das respostas sejam de concordância, é possível perceber que erros são recorrentes em produções jornalísticas de dados porque a etapa analítica não foi bem desenvolvida.

Ainda neste âmbito, foi perguntado sobre o processo utilizado no contexto de uma investigação jornalística. As opções eram: é realizada uma Pergunta ou Problema > Busca dos dados ou bases > Extração > Limpeza > Análise > Visualização na primeira opção. Na segunda opção se apresentava: o processo utilizado é Extração > Limpeza > Análise > Visualização > Narrativa.

Figura 12 - Você conhece o processo (etapas) de análise de dados?

Você conhece o processo (etapas) de análise de dados?
39 respostas



Fonte: Elaborada pela autora.

A figura 12 apresenta os percentuais das respostas dos participantes quando perguntados sobre os processos de produção.

Figura 13 - Qual processo você utiliza no contexto de uma investigação jornalística?



Fonte: Elaborada pela autora.

Possibilitou-se a opção *Outros* e *Adicionar Opção*, a que alguns participantes responderam, indicando os dois processos ou ambos, e ainda *adicionaram opção*. A proposta do processo foi a seguinte: Pauta > Apuração de bases e fontes humanas > Extração e Limpeza > Narrativa. Ainda se obteve uma resposta dizendo: *não uso um processo padrão*. A proposta adicionada foi realizada por um participante.

65,7% das pessoas que responderam que realizam o primeiro processo que inclui: Pergunta ou Problema > Busca dos dados ou bases > Extração > Limpeza > Análise > Visualização. Já 22,9% indicou a segunda opção: Extração > Limpeza > Análise > Visualização > Narrativa.

Ainda no contexto de processos, foi indagado sobre qual das áreas os respondentes tinham mais *facilidade*. 35 respostas apresentam dados interessantes em relação aos processos que envolvem a produção jornalística de dados. A maior facilidade na rotina dos profissionais é em relação à Análise dos Dados. Essa categoria recebeu 80% das respostas. Em seguida, temos a Busca de Dados ou em Bases de Dados, sendo que 65,7% dos participantes responderam ter facilidade nesse processo. Sobre Pergunta ou Problema, 54,3% afirmou ter facilidade. Sobre o processo de Limpeza, 42,9% não enfrentam dificuldade e 48,6% tem facilidade em construir narrativas. Resultaram com o mesmo percentual de indicação (34,3%) os processos de Visualização e de Extração de Dados.

Figura 14 - Das áreas citadas acima, qual (ais) você tem FACILIDADE de atuação



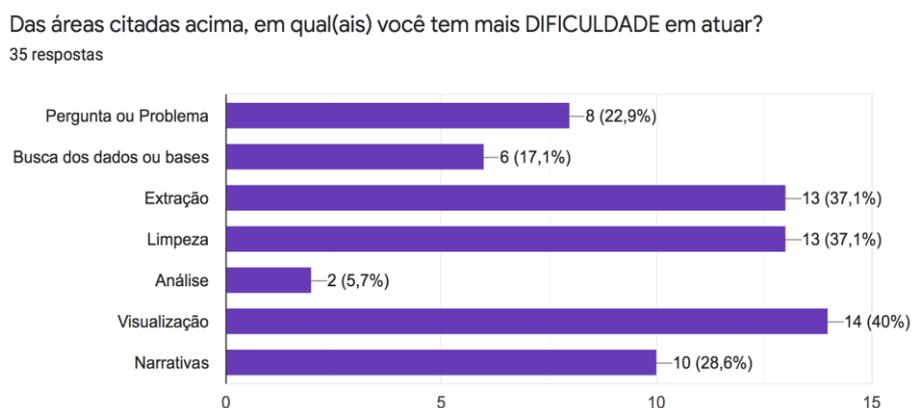
Fonte: Elaborada pela autora.

Os processos de visualização e de extração de dados seriam, dentro das respostas, os mais complexos de serem trabalhados na rotina jornalística de dados. Isso possivelmente ocorre em razão da falta de aderência ou conhecimento na área de Ciências da Computação e *Design*. Para realizar a visualização de dados, que é a representação gráfica das informações, usando elementos visuais, como mapas, gráficos e diagramas, o profissional precisa utilizar ferramentas e tecnologias no desenvolvimento de trabalhos. A extração também parece não ser o processo mais simples para jornalistas trabalharem. Nesse contexto não é somente acessar os dados, mas saber realizar a extração, que requer conhecimento prévio em *softwares* que usam algoritmos.

Seguindo as perguntas sobre processos, indagamos sobre as áreas em que os participantes enfrentam mais dificuldades. Foi possível perceber que a visualização se confirmou como a área de maior dificuldade de atuação, seguida de extração. Vale destacar que isso ocorre no âmbito dos respondentes do questionário.

A limpeza de bases de dados também é uma área em que os participantes enfrentam dificuldades de atuação. Nesse bloco ficou perceptível que expertises da área do *Design*, por exemplo, são as que os jornalistas mais enfrentam. Em complemento a esse dado que o questionário aponta, durante as entrevistas, a maioria dos entrevistados revelam que buscam cursos sobre visualização de dados, o que reforça os dados da aplicação do questionário.

Figura 15 - Das áreas citadas acima, em qual (ais) você tem mais DIFICULDADE em atuar?

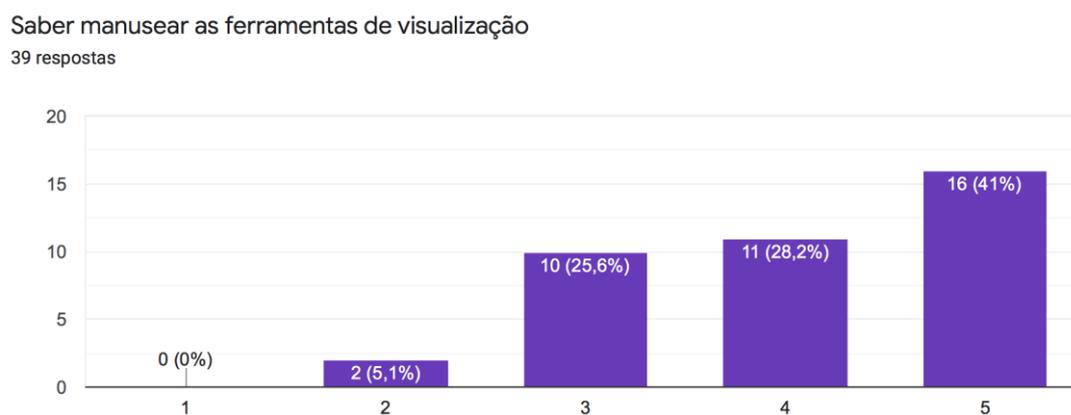


Fonte: Elaborada pela autora.

A terceira parte do questionário: *c) abrange as competências para o exercício do Jornalismo de Dados*. Nessa parte os participantes são convidados a responder questionamentos sobre manuseio de ferramentas, utilização de *softwares* e sobre capacitação. Analisamos qualitativamente os dados, que apontam para perspectivas importantes para pensar as competências profissionais a partir do que os participantes consideram, em uma escala Likert com três valores: de “nada importante” a “muito importante” saber para trabalhar no Jornalismo de Dados. A análise parte das respostas de acordo com a visão dos respondentes.

A primeira pergunta foi sobre as competências necessárias para o exercício do Jornalismo de Dados. Foi pedido para o respondente analisar a importância das competências listadas. A primeira competência analisada está relacionada ao saber manusear ferramentas de visualização. Sobre esse ponto, foi observado que dentre os 39 participantes, 41% acreditam ser muito importante saber manusear ferramentas de visualização, sendo que foi a área de maior dificuldade de atuação na pergunta da segunda parte do questionário. Na pergunta anterior, a dificuldade de trabalhar com visualização obteve 40% das respostas. Esse resultado pode se dar pela dificuldade que os jornalistas têm em trabalhar com ferramentas de visualização, como já demonstrado.

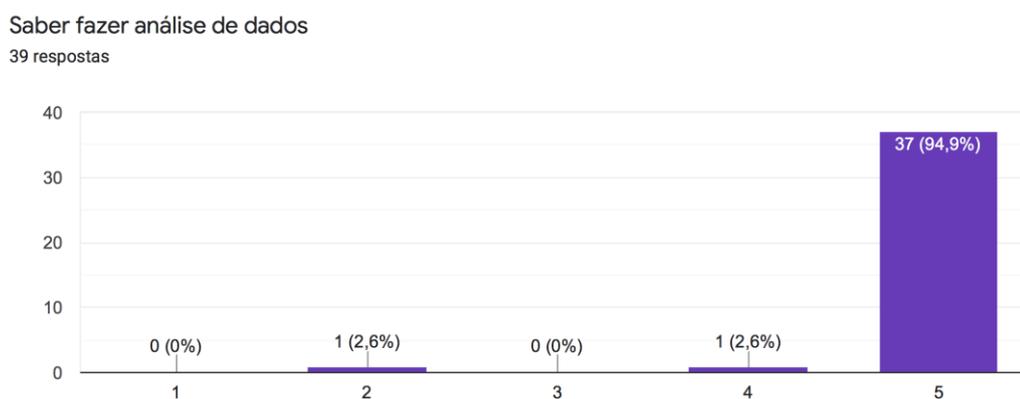
Figura 16 - Saber manusear ferramentas de visualização



Fonte: Elaborada pela autora.

Na sequência do bloco sobre competências, indagamos sobre saber fazer análise de dados. Em uma escala numérica de 1 a 5, os participantes respondiam do “nada importante” ao “muito importante”, em que o 5 sugere a importância máxima de saber manusear as ferramentas de visualização. As respostas considerando muito importante corresponderam a 94%. Apenas 2,6% não consideram importante saber analisar os dados. Esse resultado pode corresponder aos participantes que não estão dentro dos núcleos de dados ou em ambientes jornalísticos de dados.

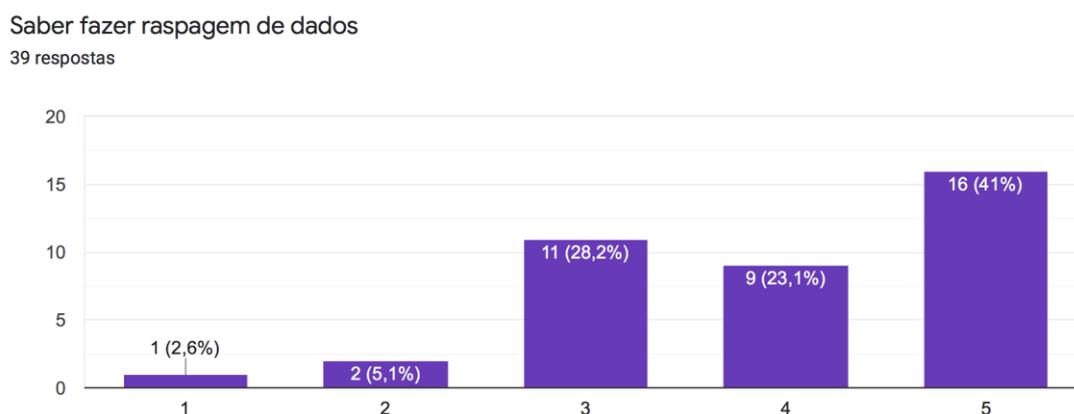
Figura 17 - Saber fazer análise de Dados



Fonte: Elaborada pela autora.

Quando perguntados(as) em relação à importância de saber fazer raspagem de dados, 41% das respostas indicaram na escala como “muito importante”, e apenas 2,6%, como “nada importante”. Essa técnica é tida como relevante no trabalho diário do JD. Ela extrai informações de determinada interface feita para leitura humana e vem sendo aplicada principalmente para extrair informações de páginas da internet e de documentos que não são estruturados de maneira organizada como PDFs. Ela auxilia no monitoramento de contas do governo, por exemplo.

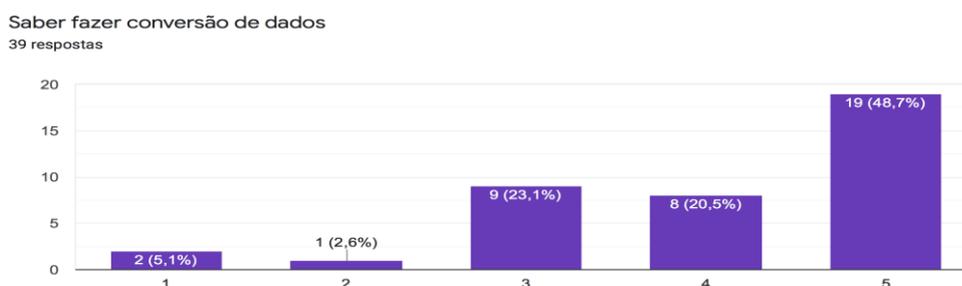
Figura 18 - Saber fazer raspagem de dados



Fonte: Elaborada pela autora.

A próxima pergunta é sobre a importância de saber fazer conversão de dados. 48,7% dos respondentes consideram essa habilidade muito importante. A conversão de dados é o processo de transferência dos dados, ajuda a avaliar os dados e tomar decisões em relação ao uso.

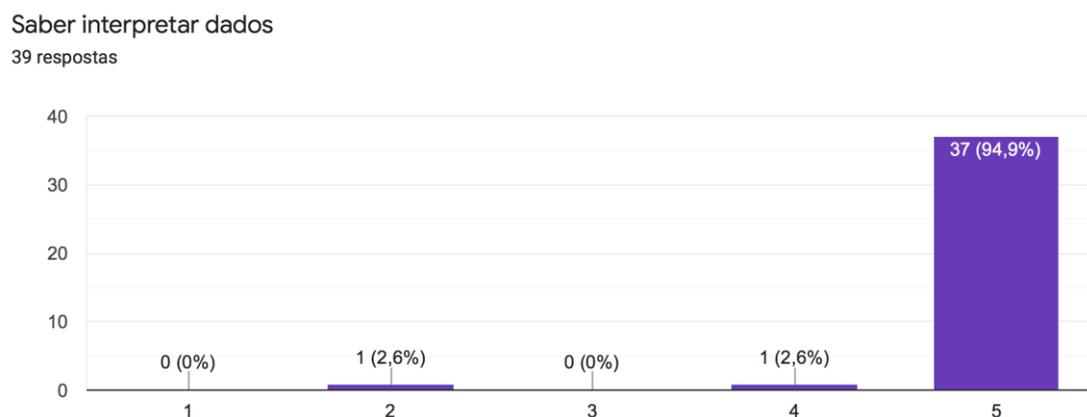
Figura 19 - Saber fazer conversão de dados



Fonte: Elaborada pela autora

A importância em saber interpretar dados obteve mais de 94,9% de respostas apontando essa ação como muito importante, e apenas 2,6% como importante, como pode ser observado na figura 20.

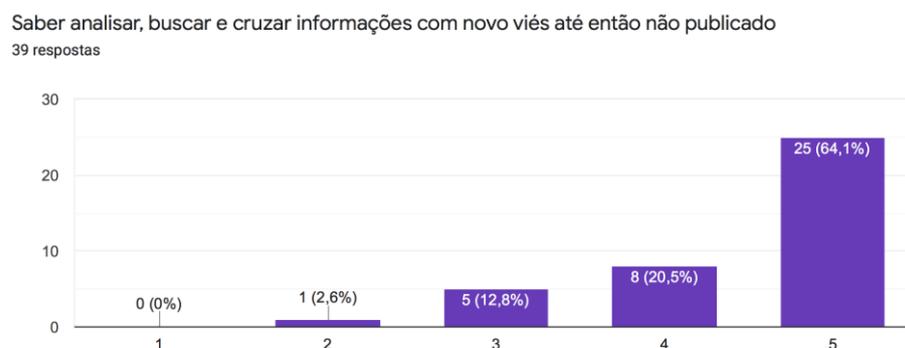
Figura 20 - Saber interpretar dados



Fonte: Elaborada pela autora.

Ainda no bloco de perguntas, a questão que trata da importância de saber analisar, buscar e cruzar informações com novo viés até então não publicado teve 64,1% dos respondentes considerando-a como muito importante.

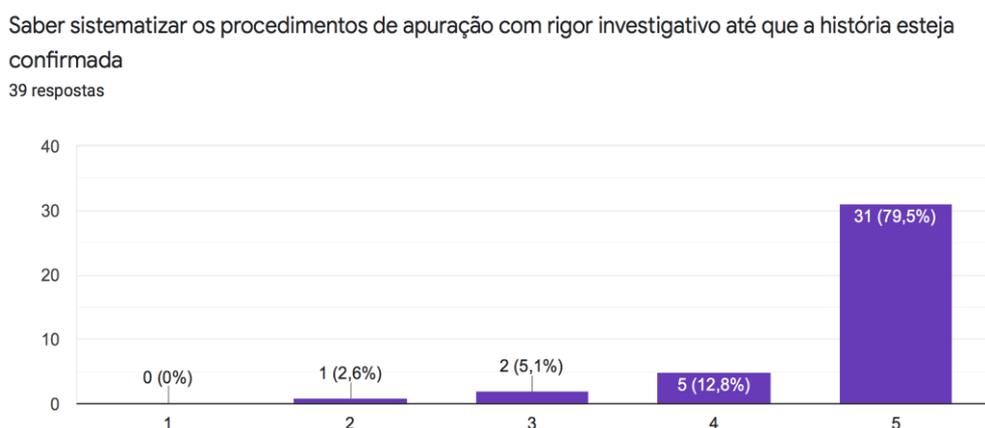
Figura 21 - Saber analisar, buscar e cruzar informações com novo viés até então não publicado



Fonte: Elaborada pela autora.

Uma das competências defendidas pelos jornalistas de dados é em relação ao desafio de trazer um olhar novo diante de dados que estão disponíveis, e não recebem a atenção necessária. Essa defesa esteve presente nas falas concedidas durante entrevistas com a pesquisadora.

Figura 22 - Saber sistematizar os procedimentos de apuração com rigor investigativo até que a história esteja confirmada



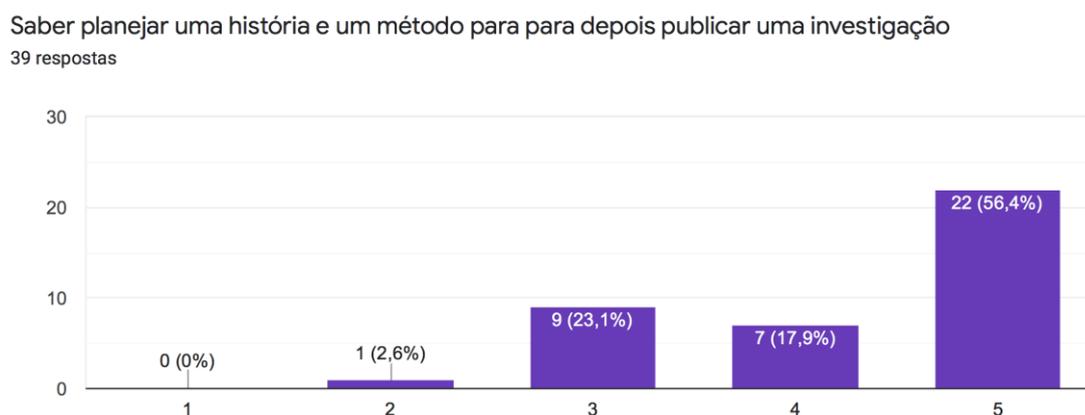
Fonte: Elaborada pela autora.

Saber sistematizar os procedimentos de apuração no tocante ao rigor investigativo até que a história esteja confirmada é outro ponto que é considerado de muita importância para os profissionais, apontado por 79,5%, ou seja, 31 participantes, como mostra a figura 22.

Em relação ao saber planejar uma história e ter um método para depois publicar uma investigação, para 66,7% isso é muito importante. Já para 17,9% é importante. Para 2,6% não é tão relevante planejar e ter um método para posterior publicar.

Para a maioria dos respondentes, planejar a história e ter um método é necessário e muito importante, pois como é defendido pelos jornalistas de dados pioneiros em falas para a pesquisadora, planejar é preciso, achar um método de trabalho diante da grande quantidade de informações de muitas bases de dados é imprescindível para tornar a tarefa mais rápida, segura e de qualidade para publicação.

Figura 23 - Saber planejar uma história e um método para depois publicar uma investigação

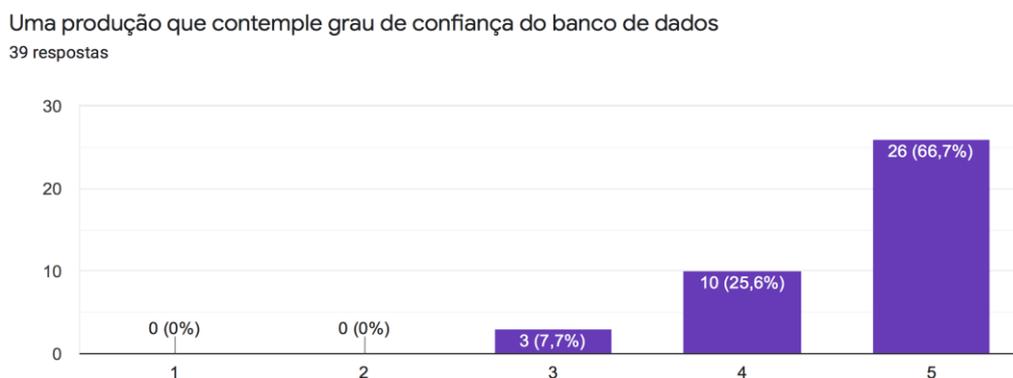


Fonte: Elaborada pela autora.

Listamos, ainda, no âmbito das competências, em modo de perguntas, pontos sobre o Uso de Base de Dados, Relevância das Informações em Banco de Dados, Exatidão das Análises de Dados e Utilização de Ferramentas.

A primeira pergunta se refere a uma produção que contemple grau de confiança do banco de dados. Quanto a isso, 66,7% dos participantes consideram muito importante a produção jornalística ter como base um banco de dados que seja de confiança em relação às informações. Para isso, defendem boa apuração e checagem do banco de dados.

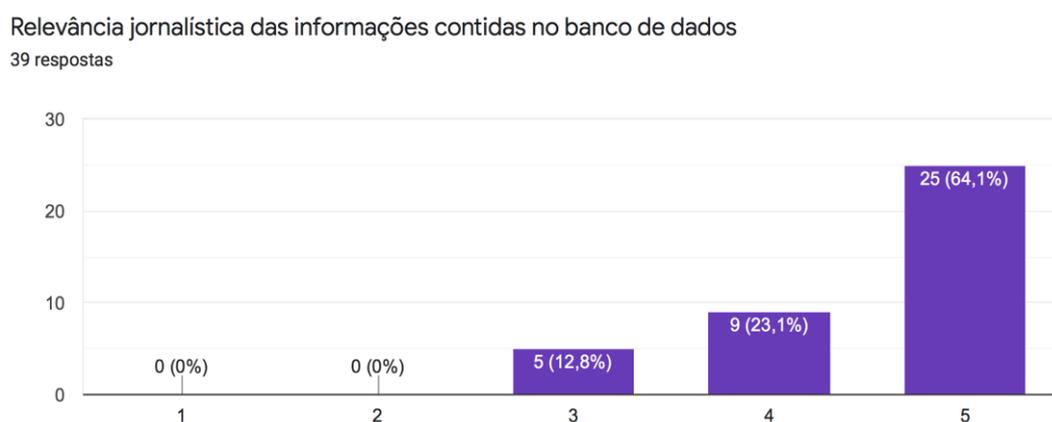
Figura 24 - Uma produção que contemple grau de confiança do banco de dados



Fonte: Elaborada pela autora.

A outra pergunta tratou da relevância jornalística das informações no banco de dados. Para 64,1% dos participantes é muito importante que os bancos de dados tenham informações de relevância.

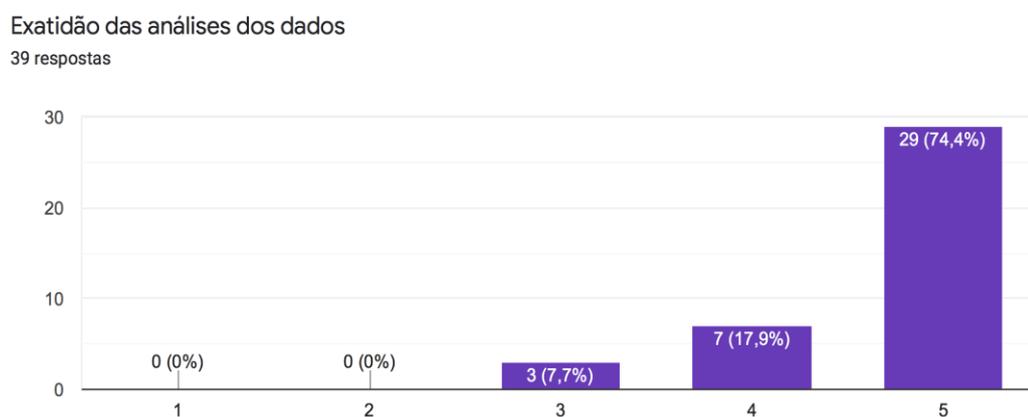
Figura 25 - Relevância jornalística das Informações contidas no banco de dados



Fonte: Elaborada pela autora.

Na sequência perguntamos sobre a importância da exatidão das análises de dados. Para 74,4% dos respondentes é muito importante que as análises realizadas sejam precisas, e 17,9% consideram tal ação como importante.

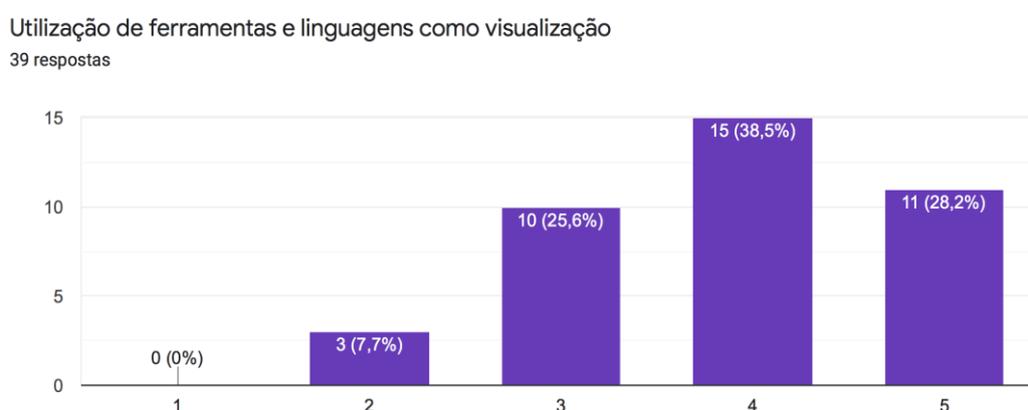
Figura 26 - Exatidão das análises dos dados



Fonte: Elaborada pela autora.

O uso de ferramentas na prática do Jornalismo de Dados é recorrente na rotina. Abrimos no questionário – contexto das competências – perguntas sobre a importância do uso de ferramentas para atividades na área. A primeira é relacionada à relevância do uso de ferramentas e linguagens como visualização. Pela primeira vez, a maioria dos respondentes não apontou a faixa do muito importante, mas o percentual mais alto ficou para importante, com 38,5% das indicações.

Figura 27 - Utilização de ferramentas e linguagens como visualização



Fonte: Elaborada pela autora.

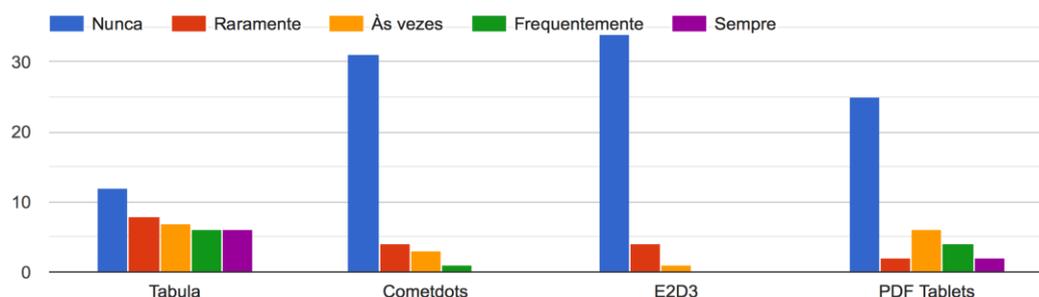
Perguntamos em seguida sobre a frequência do uso de algumas ferramentas. A escolha das ferramentas apresentadas no questionário teve por base a lista das 70 ferramentas propostas pela jornalista Natália Mazotte¹⁹, no evento CODA.Br, no qual realizamos o segundo pré-campo. No final desse bloco de perguntas, deixamos a oportunidade para os participantes dizerem se além das ferramentas citadas utilizam outras.

A primeira foi a frequência de utilização de ferramentas destinadas à conversão de dados. As respostas são dadas em uma escala de cinco opções: “nunca”, “raramente”, “às vezes”, “frequentemente” e “sempre”.

¹⁹ Disponível em: <https://caiquedourado.com.br/70-ferramentas-para-trabalhar-com-dados-em-90-minutos/>

Figura 28 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à conversão de dados?

Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à conversão de dados?



Fonte: Elaborada pela autora.

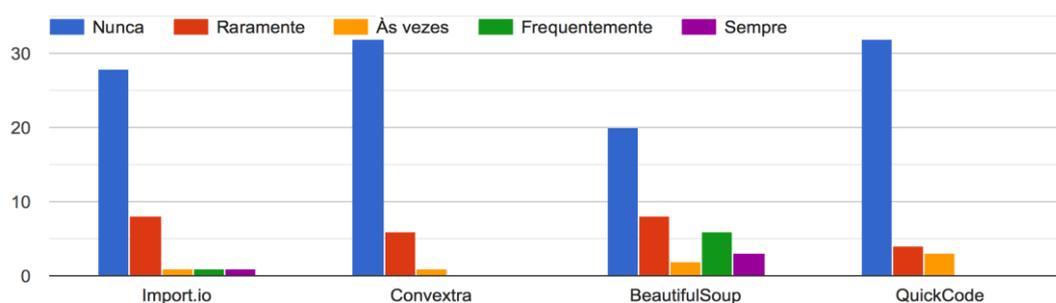
As respostas mostram que a ferramenta Tabula é utilizada com mais frequência pelos participantes quando se trata de conversão de dados. Foi a ferramenta que mais teve distribuição de respostas entre as opções de escolha. Foram 12 respostas para nunca usou, 9 para raramente usa, 7 às vezes utiliza a ferramenta, frequentemente e sempre receberam 6 respostas respectivamente.

A próxima pergunta foi referente à utilização de ferramentas destinadas à raspagem de dados. Constatamos que a ferramenta BeautifulSoup é usada com frequência pelos os participantes com 6 e 5 respostas para o uso frequente e sempre.

Alguns respondentes citaram ferramentas que utilizam na rotina de raspagem de dados, como Google Sheets e a IFTTT.

Figura 29 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à raspagem de Dados?

Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à raspagem de dados?

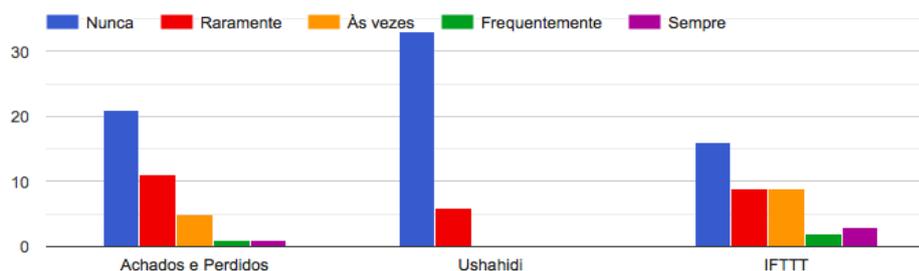


Fonte: Elaborada pela autora.

Essa mesma ferramenta aparece também como frequentemente usada quando se trata do uso de ferramentas destinadas à coleta de dados. A IFTTT manteve um equilíbrio entre as respostas e as opções de escolha com 9 e 6 respondentes.

Figura 30 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à coleta de dados?

Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à coleta de dados?

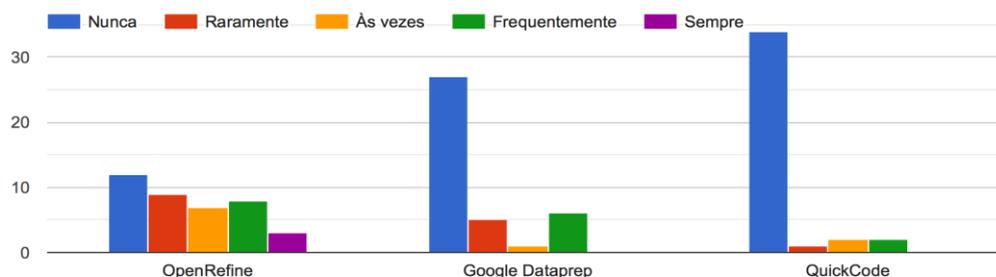


Fonte: Elaborada pela autora.

As próximas ferramentas foram as destinadas à limpeza de dados. A ferramenta OpenRefine é a que mais obteve equilíbrio de respostas, como podemos observar na figura.

Figura 31 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à limpeza de dados?

Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à limpeza de dados?

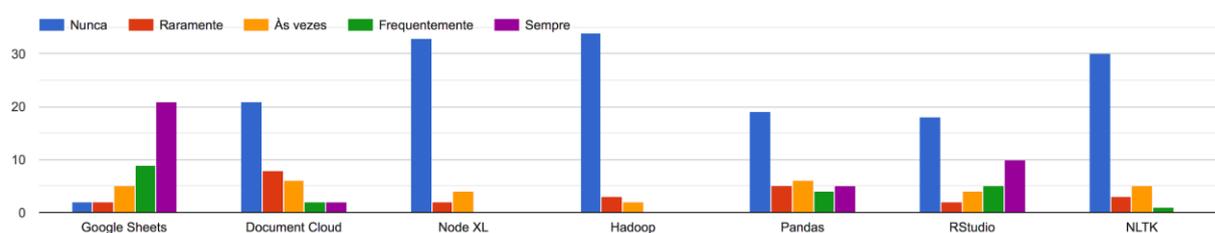


Fonte: Elaborada pela autora.

O OpenRefine é o usado com mais frequência, junto ao Google Dataprep. Perguntamos também sobre ferramentas utilizadas para realizar análise de dados.

Figura 32 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à análise de dados?

Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à análise de dados?



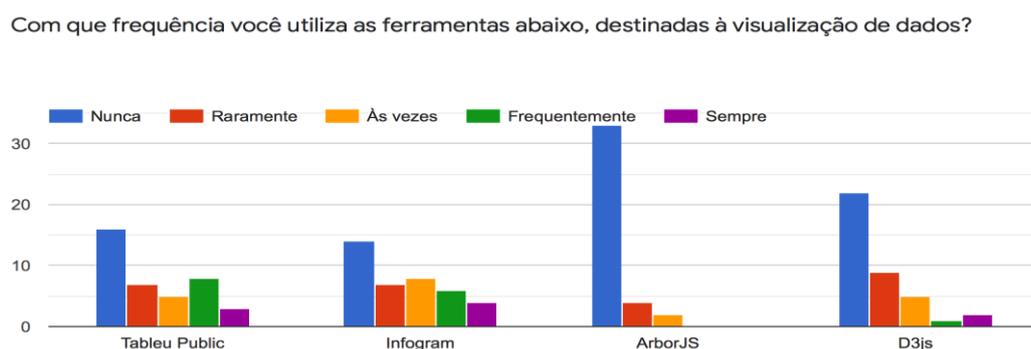
Fonte: Elaborada pela autora.

A ferramenta Google Sheets é a mais usada na rotina jornalística de dados quando se trata de realizar análise de dados. Os dados mostram que a ferramenta da Google é bastante utilizada pelos profissionais. Foram mais de 20 respostas para “sempre utilizo”. Sobre a presença da empresa Google no universo jornalístico de dados, percebe-se uma preponderância em eventos da área, parcerias e apoio em cursos oferecidos para profissionais

do campo e disponibilização de ferramentas para trabalhos diários.

A última ferramenta apresentada aos respondentes foi a destinada à visualização de dados. As ferramentas que mantiveram índices próximos foram Tableau Public e Infogram.

Figura 33 - Com que frequência você utiliza as ferramentas abaixo, destinadas à visualização de dados



Fonte: Elaborada pela autora.

Para fechar a etapa sobre ferramentas usadas na rotina jornalística e como forma de possibilitar aos participantes elencar outras além das disponibilizadas no questionário, colocamos uma questão aberta, possibilitando citar outras ferramentas e com que frequência eram usadas. O resultado mostra uma em especial, que é usada com bastante frequência, que não colocamos nas opções por acharmos básica na rotina jornalística de dados. O uso do Excel foi citado por 25 participantes, que o utilizam com frequência. SQL, Python e RStudio também aparecem com certa frequência, e na categoria às vezes, Illustrator, Raw e Flourish. Mas a ferramenta mais citada foi o Excel.

A escolha por estruturar a terceira etapa do questionário a partir da ferramenta proposta pela jornalista de dados Natália Mazotte, auxiliou para perceber algumas limitações de uso de determinadas ferramentas por parte da maioria dos profissionais que responderam o questionário. Essa limitação também foi percebida durante o segundo pré-campo. Muitos jornalistas têm dificuldades em usar ferramentas e com linguagem de programação.

Verificamos que são poucos os participantes que usam variadas ferramentas para cada etapa do processo jornalístico. Vale salientar, entretanto, que no segundo pré-campo, alguns dos entrevistados destacam que estão buscando se atualizar na área, principalmente, quando se trata de ferramentas, pois elas fazem parte da rotina e são necessárias, mas também

salientam as dificuldades enfrentadas, já que a maioria são do campo das Ciências da Computação e requerem programação básica ou intermediária.

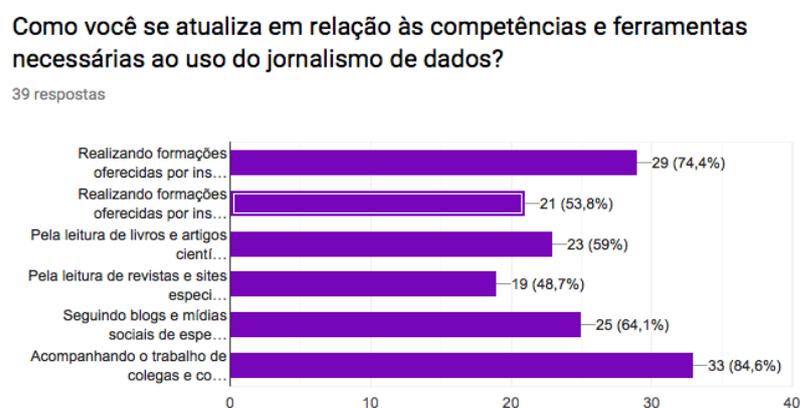
Neste sentido, a penúltima pergunta do questionário se refere a como os participantes se atualizam em relação às competências e ferramentas. Uma parcela considerável dos participantes, 84,6%, afirmaram acompanhar o trabalho de colegas e concorrentes.

Os participantes interagem bastante quando se trata de publicar reportagens feitas e qual método foi utilizado. Nesse item, 74,4% dos participantes responderam que realizam formações oferecidas por instituições brasileiras como Abraji e Escola de Dados. A Abraji é protagonista na propagação do jornalismo investigativo, com transparência e defende a prática do JD. É uma das instituições responsáveis pela sua disseminação no país. A Escola de Dados também faz parte desta fatia e tida no Brasil como referência na área.

Nessa questão, 64,1% afirma que se atualiza seguindo *blogs* e mídias sociais de especialistas sobre Jornalismo de Dados. Outros 59% optam pela leitura de livros e artigos científicos sobre JD. E 53,8% participa de oportunidades de formação oferecidas por instituições internacionais, enquanto 48,7% indica a leitura de revistas e *sites* especializados sobre JD.

Há de fato uma busca de atualização e formação na área, e os números são interessantes para percebermos como e onde os profissionais, especialmente os jornalistas, procuram se atualizar.

Figura 34 - Como você se atualiza em relação às competências e ferramentas necessárias ao uso do JD?



Fonte: Elaborada pela autora.

A última pergunta do questionário foi sobre a empresa na qual os participantes trabalham, se esta investe em cursos de formação na área do Jornalismo de Dados ou se a própria pessoa é quem investe na sua formação. A maioria investe por conta própria, 56,4%. O investimento pela empresa obteve 30,8% das respostas. Há empresas que investem, de acordo com as respostas, mas ainda pouco, como mostram 2,6% das respostas.

Figura 35 - A empresa que você trabalha investe em cursos de formação na área do JD ou por conta própria você investe em sua formação?



Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados trazidos nessa análise não cobrem todas as nuances dos aspectos que envolvem o Jornalismo de Dados, mas certamente revelam informações relevantes para perceber a prática jornalística de dados no Brasil e quem são os profissionais nos aspectos idade, gênero, formação, tempo de atuação no mercado do Jornalismo de Dados, empresa em que trabalham, cargo ocupado e suas percepções sobre processos produtivos, competência e investimentos na área.

Mesmo diante de uma base de 39 respondentes, o que certamente não representa a prática do JD em termos de Brasil, obtivemos respostas que foram fundamentais no primeiro momento da pesquisa e que nos conduziu a delinear o percurso analítico do estudo. Tomamos como relevante constar no prelúdio da análise, pois foram os dados dos pré-campo, da aplicação de questionário, do mapeamento em rede que conduziram o trajeto do segundo momento da tese.

Abrimos o tópico com a pergunta se as competências importam e a resposta é simples: sim, elas importam. Estão presentes nas falas dos profissionais, nas discussões da

área, são empreendidas em cursos, eventos e fazem parte da busca constante dos profissionais que desejam atuar no JD e dos que já trabalham.

De fato, não é preciso saber programar e visualizar dados para ingressar na área, mas como revelam os dados dos pré-campo e do questionário, é necessário saber fazer em algum aspecto do campo tarefas que por muito tempo não fizeram parte da formação jornalística. De acordo com a sondagem, as competências pairam na prática do JD e são primordiais quando analisamos o micromundo.

Considerações do capítulo

Este capítulo dedicou-se a apresentar o percurso do objeto de pesquisa, realizado durante os primeiros passos do campo estudado, aprofundando os variados contextos da prática do Jornalismo de Dados. Tomamos o capítulo como uma pré-análise que sustenta a análise desenvolvida na tese. Foi relevante para ampliar o olhar diante das nuances que o objeto oferece.

As etapas desenvolvidas na pesquisa aqui expostas nos conduziram a compreender que o Jornalismo de Dados carrega especificidades e potencialidades a partir da organização, das mudanças, das permanências e da circulação do jornalismo contemporâneo: as bases de dados disponíveis aos jornalistas, a mídia digital, a visualização e a densidade de informações, entre outras possibilidades transversais à prática.

Lima e Paulino (2017) colocam nesse cenário as novas projeções e possibilidades que o campo profissional do jornalismo vivencia diante da profusão dos dados digitais que exige do jornalista mais aprofundamento sobre ferramentas, sistemas e linguagens.

Os pré-campo nos permitiram constatar inquietações de pesquisa quando se trata de entender o universo profissional do JD, quem são os atores e o que buscam. Direcionando para outras etapas que foram tão necessárias quanto a vivência dos ambientes, cursos e contatos. Realizar mapeamentos tanto do campo profissional, como dos entrevistados ofereceu a pesquisa condução metodológica e estrutural do trabalho.

Nesta pesquisa, o Jornalismo de Dados é observado a partir do olhar de quem atua na área, daqueles que o compõem, participam e constroem o que chamamos de micromundo do JD, pois os atores aqui partilham uma base convencional. Partimos do pensamento de Trédan (2015) que utiliza o termo micromundo para analisar objetos e práticas que estão organizados nas fronteiras entre dois mundos profissionais.

Ouvir os atores sociais desse universo, no que tange a pré-análise, permitiu-nos amadurecer o objeto e sua perspectiva analítica que aqui é sustentada em uma análise sobre a carreira profissional. Todos os passos realizados na pesquisa de campo nos ajudaram a definir a estrutura da tese e que aspecto seria aprofundado para abordar o Jornalismo de Dados.

Partindo de um estudo sobre profissão, optamos em compreender o objeto sob a ótica dos estudos interacionistas, em particular do conceito de mundos sociais, o que possibilitou pesquisar sobre uma das diferentes maneiras de ser jornalista no atual contexto desta profissão.

Retomando os pré-campo, devemos destacar que estes foram essenciais para percebermos como o micromundo do Jornalismo de Dados se organiza e como os profissionais que nele atuam se percebem e se reconhecem. Nessa fase, identificamos que o JD se consolida como uma segmentação advinda das mudanças pelas quais o jornalismo tem passado ao longo do período digital. A inserção dos computadores nas redações e o avanço de bancos de dados digitais disponíveis na *Web* acrescentou tanto ao jornalismo, como também a outras práticas profissionais possibilidades de atuação.

Empreender os pré-campo nos possibilitou confrontar o campo teórico e o campo prático do JD. A fronteira entre mundos do trabalho, culturas profissionais e convenções fazem parte da construção do micromundo em análise. As entrevistas, os cursos realizados e os contatos informais nos proporcionaram um espaço de percepção sobre as mobilizações de novas competências, a reativação de mitos profissionais que são sustentados na investigação, a difusão livre de dados, a cooperação entre jornalistas e outros profissionais dentro de uma prática coletiva que associa jornalismo e tecnologia.

Foi de suma importância para a pesquisa a partir do mapeamento, embora a rede de busca tenha nos proporcionado uma base caótica de dados, observar como os profissionais do JD se autodeclaram e como as empresas entendem a área de atuação. Os dados foram valiosos e de grande suporte para nossa compreensão diante do objeto em análise. Os resultados nos apontam para uma imprecisão quando tentamos compreender o que é o Jornalismo de Dados e onde se pode atuar. A autodeclaração dos profissionais aponta campos de tensionamentos identitários.

Os dados gerados pelo questionário são de suma importância, pois trouxeram direcionamentos para o estudo. As competências profissionais, formação, idade e tantas outras informações nos conduziram à estruturação da tese. O JD é uma área em que jovens

profissionais atuam, com formações distintas, com maior participação masculina indo na contramão do que apontam pesquisas como a Mick e Lima (2013) em que o jornalismo se tornou majoritariamente uma categoria feminina²⁰.

As divergências de falas entre a necessidade de ter competências para atuar no Jornalismo de Dados é um ponto interessante que o questionário revela quando confrontamos as falas das entrevistas pelos os jornalistas atuantes na área. Os mais experientes e propagadores da prática defendem que, por exemplo, só é necessário ser “bom” jornalista para trabalhar com JD, mas as falas dos iniciantes ou que desejam atuar revelam a necessidade de ter competências específicas. Os cursos também revelam isso. Usar ferramentas, compreender linguagens de outros campos, extrair dados, entre outras, são processos básicos da área.

Os resultados obtidos nos percursos de pré-campo nos direcionaram para o caminho metodológico e de análise da pesquisa. O que se segue nos próximos capítulos resulta do que os pré-campo, mapeamento e aplicação de questionário nos trouxeram.

²⁰ O campo de amostragem das duas pesquisas é distinto em termos de número de respondentes, mas apontam contrapontos interessantes no que diz respeito a esse dado. O JD é uma prática recente e com presença fortemente masculina, embora o número de mulheres na atuação seja expressivo. Isso certamente nos levaria a mais discussões, sobre o campo de formação e gênero, mas não é o ponto central da pesquisa.

6 OS JORNALISTAS DE DADOS BRASILEIROS: PERSPECTIVA DA CARREIRA PROFISSIONAL

Este capítulo tem por objetivo tratar a perspectiva do conceito de carreira no âmbito do jornalismo. Para isso, sustentamo-nos no campo dos estudos da corrente sociológica do Interacionismo Simbólico. Essa ancoragem teórica nos possibilita analisar os aspectos negociais e de evolução das atividades de uma profissão, que discutimos a partir de um quadro analítico das processualidades da carreira jornalística.

As escolhas no decorrer da trajetória, os processos de negociação identitária e de estatutos, as mobilidades e a gestão em contexto individual e coletivo são percursos que sustentam nossa análise. Para isso, são utilizados, os trabalhos de Howard Becker (1982; 2009) e de Anselm Strauss (1992), entre outros pesquisadores interacionistas como Everett Hughes (1960).

Para os autores, a análise da carreira é vista como uma série de etapas inerentes a uma trajetória individual e evidenciada pelas redes de cooperações entre os atores de um mesmo espaço de trabalho. Tais redes são negociadas no contexto de um sistema organizacional, que nesta pesquisa se insere nos mundos sociais. Destacamos a pesquisa de Hughes (1960), quando considera que os pontos individuais de qualquer carreira profissional consentem uma perspectiva móvel a partir da qual os indivíduos assistem sua vida com um todo, orientam-se em relação a uma ordem social e dão significado e interpretação às ações e às coisas que acontecem ao seu redor.

O pesquisador Fábio Pereira, em trabalho mais recente no ano de 2020, sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro, enfatiza que a análise de uma carreira é se debruçar além da leitura do perfil ou de cenário.

A partir da fenomenologia de Schutz (1967), trata de estabelecer as experiências biográficas no movimento duplo de interpretação do passado e de projeção da ação do indivíduo em relação ao futuro. Temos assim, a descrição da ação de análise da avaliação da ação social em termos de causa e consequência.

Sobre isso, Pereira (2020) destaca que, na maioria das vezes em que um entrevistado narra a escolha de carreira, as interações são mediadas por si, pelo outro e pelo próprio contexto da interação simbólica.

Na maioria das vezes em que um entrevistado narra uma escolha de carreira – a opção pelo jornalismo, uma mudança de emprego ou de posição, a decisão de

permanecer em um veículo – esse ato é descrito de forma subjetivada, individualizada. As escolhas seriam justificadas por um conjunto de motivações individuais aplicadas a um determinado contexto ou situação. São esses dois aspectos que emergem das narrativas – motivações e contexto – que me permitem recuperar, mesmo que parcialmente, a dimensão das interações simbólicas, que atravessam o processo de escolha. De forma sucinta, o interacionismo simbólico situa a realidade social como uma rede complexa de interações entre indivíduos (e extensível aos grupos sociais). Tais interações são simbolicamente mediadas, ou seja, dependem das representações que as pessoas envolvidas fazem de si, do outro e do próprio contexto de interação. (PEREIRA, 2020, p. 32)

Analisamos as escolhas realizadas ao longo da carreira tanto no âmbito individual, quanto coletivo em termos de articulação da vida pessoal e profissional. Salientamos que nossa visão neste trabalho é a construção da carreira profissional no jornalismo a partir da análise sobre uma segmentação ou micromundo. O que nos possibilita estender sobre os projetos de carreira dos entrevistados e sua relação com o espaço laboral.

O quadro analítico tem como intuito discutir e entender a maneira como os atores se inserem no interior de suas carreiras a partir das proximidades entre estatutos e práticas, negociações e partilha de convenções. Sendo assim, o ingresso no Jornalismo de Dados é tido como um momento importante na nossa análise, já que marca a carreira em um processo de ruptura, que para nós é central na compressão das identidades, do conjunto de convenções adquiridas e negociadas junto a mudos sociais distintos para que ocorra o que pode-se chamar de reconversão da carreira.

Trédan (2015) enfatiza que o Jornalismo de Dados é percebido como um interstício entre os mundos do jornalismo e da programação ou *open data*. Nesse sentido, abordamos na análise um micromundo que integra tanto o mundo dos jornalistas, que se utiliza das convenções, como técnicas de apuração advindas do jornalismo tradicional, entre outras, como também a defesa dos discursos e práticas ligadas à transparência, bancos de dados abertos e acesso livre à informação. É nesse micromundo que nos debruçamos a partir das imbricações da carreira dos atores entrevistados.

A profissão de jornalista está quase sempre ligada a uma escolha profissional em que os indivíduos a justificam pelo gosto da escrita, investigação, defesa da democracia e certas práticas que envolvem a profissão. O gosto por trabalhar com números, estatística ou tarefas que requeiram resoluções a partir de metodologias científicas é de longe uma das predileções de quem escolhe o jornalismo como profissão. Assim, buscamos posicionar o ingresso no Jornalismo de Dados como parte do processo de escolhas que faz direta relação com a carreira no jornalismo, seja por aderência à técnica ou estabelecimento com outros mundos sociais.

Com relação aos estudos sobre carreiras jornalísticas no âmbito brasileiro, a partir do levantamento bibliográfico de Pereira (2020), existe uma certa escassez de pesquisas empíricas específicas sobre a temática e ainda a carreira é analisada de maneira transversal em estudos com abordagem sobre o perfil do jornalista (WEAVER; WILHOIT, 1997; WEAVER *et al.*, 2009); competências e atributos no exercício da profissão (COOPER; TANG, 2010; FRITH; MEECH, 2007; HUANG *et al.* 2009; KALUME MARANHÃO, 2014); papéis profissionais (CASSIDY, 2005; WEAVER *et al.*, 2009); e sobre a satisfação com a profissão (OLSON, 1989).

O levantamento do pesquisador é de suma importância, pois revela para nós que as pesquisas no universo da Sociologia interacionista dentro do jornalismo ainda são poucas, com ressalvas para os trabalhos do próprio Pereira (2020), de Rosenberg (2017) e de Bastin (2003). Dessa forma, acreditamos que esta pesquisa seja uma contribuição no contexto de estudos de carreiras a partir da perspectiva interacionista.

Realizadas entrevistas com indivíduos do micromundo do Jornalismo de Dados, o capítulo é construído com a estruturação da carreira em arcos temporais. Para Pereira (2020), nesses tipos de estudo, a análise deve ser realizada a partir da leitura indutiva das entrevistas e, na sequência, deve-se realizar uma organização da compressão das carreiras em arcos temporais, que conduza a vincular as motivações e trajetórias individuais com a dimensão coletiva do mundo que se pesquisa. Neste sentido, o capítulo segue inicialmente tratando da dimensão das trajetórias individuais e dos processos de escolha e depois aborda o âmbito da dimensão coletiva, ou seja, as transformações, as segmentações, etc.

Tratamos as motivações dos entrevistados ao ingressarem no JD a partir da perspectiva de dimensão individual: a) escolha da profissão, b) formação, c) ingresso no Jornalismo de Dados.

Sobre a dimensão coletiva, tratamos a) do micromundo do Jornalismo de Dados, b) da segmentação no JD, c) das competências.

Por termos entrevistado profissionais jornalistas e não-jornalistas, chegamos a duas ramificações distintas de carreira. Sendo assim, o capítulo é estruturado nos movimentos de carreira dos dois grupos que compõem o micromundo do Jornalismo de Dados. Existem entre eles percursos acadêmicos e profissionais distintos, como também motivações próprias para ingressar no JD.

Apresentamos um paralelo entre as falas, especialmente quanto ao ingresso no

micromundo, escolhas e motivações, evidenciando como são construídas as carreiras, ou seja, os atores aparecem nos mesmos tópicos do capítulo, sendo que destacamos os processos no contexto de cada indivíduo ou, como denominamos, de cada ramificação de carreiras. No escopo dos 21 entrevistados, temos 4 profissionais que não são jornalistas (4, 12, 15 e 19), 2 profissionais com duas formações distintas, sendo uma em jornalismo e em outra em área ou vice-versa (8 e 14), os demais entrevistados são jornalistas.

Além da carreira, abordamos, no fim do capítulo, a construção ou negociação identitária e o que intitulamos de movimentação reflexiva a partir da avaliação de carreira. Consideramos relevante discutir outros aspectos que também surgiram nas entrevistas e que julgamos dados valiosos do campo de pesquisa. Esses movimentos não são ou estão dentro dos arcos de carreira, mas reiteramos, são aspectos que tem significância no âmbito da pesquisa e que emergiram ao longo das entrevistas. Resolvemos discorrer no capítulo como maneira de apresentar todos os dados revelados a partir das histórias de vida dos entrevistados.

6.1 A ESCOLHA DA PROFISSÃO

A abordagem interacionista é seguida neste trabalho para discutir a construção de carreira no jornalismo e como o Jornalismo de Dados se situa no contexto das escolhas e das motivações dos indivíduos entrevistados. Pereira (2020) destaca que as “interações simbólicas são instâncias privilegiadas de observação dos processos de negociação de identidade e estatutos, bem como das escolhas realizadas ao longo das carreiras” (PEREIRA, 2020, p. 16).

Assim sendo, analisar as escolhas de carreira para o pesquisador, que têm por base os estudos de Becker (2009) e Strauss (1992), é trabalhar a relação entre “controle” e “contingência” ao longo da trajetória de um indivíduo e de grupos. Estes negociam e definem as atividades conectando-as a determinado momento da trajetória. Seguimos esse olhar, no intuito de a partir de um micromundo do Jornalismo de Dados analisar a carreira jornalística, que certamente passa por mudanças e continuidades.

A escolha pelo jornalismo como profissão pode se relacionar a variados fatores como os já conhecidos e propagados nos estudos sobre carreira no jornalismo. Se buscarmos na literatura o porquê de os indivíduos escolherem o jornalismo, vamos nos deparar com as dimensões do mito da profissão que se vincula ao exercício do “Quarto Poder”, da defesa da democracia ou gosto por determinada prática da área. Sobre a concepção da imprensa como um “Quarto Poder”, por exemplo, Medina (1982) afirma que se dá devido aos processos de

profissionalização do jornalismo no início do século XX. Para ela, esse processo leva os jornalistas a buscarem por modelos profissionais.

Adghirni (2017) pontua que a imagem do jornalista foi historicamente construída com o exercício da profissão e calcada sobre ideais nobres, como da democracia, da justiça e da liberdade, mas o século XX mudou essa realidade. O que temos agora não é a imagem nem do herói, nem do vilão, mas de guerrilheiros.

José Marques de Melo e Carlos Eduardo Lins da Silva, na obra *Perfis de Jornalistas* (1991) apresentam 20 entrevistas em que profissionais de várias áreas do jornalismo relatam porque se tornaram jornalistas. Os autores lançam algumas perguntas na obra a partir da imagem social dos jornalistas, que para eles nunca foi das melhores, pois o imaginário ficcional de livros e do cinema colocam os jornalistas na posição daqueles que só desejam poder, posição social e são idealistas.

Neste sentido, Gomes (2013) trata sobre a imagem do jornalista enquanto herói no contexto das representações do jornalismo no cinema. Os filmes apresentam os traços da profissão associando a figura do vocacionado, do herói, do jornalismo como missão, criando uma relação entre os imaginários com a escolha da profissão.

Senra (1997) também trata da imagem do jornalista no cinema e destaca que “face às outras atividades, o jornalismo parece desfrutar de uma posição privilegiada no que diz respeito à criação da imagem de seu profissional” (SENRA, 1997, p. 13).

Quando se trata de imaginários do jornalismo, Le Cam (2009) desenvolveu uma pesquisa em que aborda como os jornalistas no contexto de Quebec constroem coletivamente uma identidade particular para si. A pesquisadora traça os contornos históricos dessa identidade a partir dos discursos das associações de jornalistas. Sua pesquisa aponta que a história dos jornalistas de Quebec é muito singular. São profissionais que lutaram pelo reconhecimento de seu *status*, por exemplo.

O ponto da escolha pelo jornalismo recebe variadas explicações para os jornalistas entrevistados por Marques de Melo e Lins da Silva (1991). Eles destacam as motivações como “emoção de estar num conflito que não é seu” (p.6), “intervir na política através do jornalismo” (p.6), “não ter aptidão para outra coisa” (p.6), “contribuir para eliminar as desigualdades” (p.7), “gosto de escrever sobre o mundo” (p.7).

Um dos entrevistados na obra é o jornalista Ricardo Kotscho. Ele destaca que, quando alguém não tem nenhuma aptidão particular para qualquer coisa, ele segura uma pena

e posa de pessoa talentosa, reforça a explicação que a escolha pelo jornalismo é uma possibilidade quando o indivíduo não consegue adentrar em outra profissão. Kotscho diz que quando você não dá certo em nada na vida, vai ser jornalista.

Marques de Melo e Lins da Silva fazem indagações interessantes quando questionam:

O que move uma pessoa ao desejo de se tornar jornalista, se sua profissão é mal remunerada, exige uma quantidade de tempo de trabalho superior à média das demais e, ainda por cima, goza de prestígio social baixo? Por que tantos milhares de jovens se inscrevem todos os anos nos vestibulares das escolas de jornalismo se as perspectivas são tão desfavoráveis? (MELO e SILVA, 1991, p. 6)

As respostas são muitas e podem se associar aos projetos de vida, às escolhas diante da avaliação de como os indivíduos planejam seu futuro e as motivações individuais feitas em uma determinada situação. Para Strauss (1992), há uma tomada de decisão a partir da avaliação subjetiva que o sujeito faz diante do conhecimento que tem e que lhe dá condições sobre o processo de escolhas.

Os entrevistados desta pesquisa narram a escolha pelo jornalismo pelo fato de não ter opções de vestibular, pelos mitos e imaginários que a profissão carrega, gosto pela leitura e escrita e pela escolha diante do que a própria trajetória de vida conduzia. Há, nesse âmbito, as motivações e contextos das escolhas que se inserem no campo individualizado.

Dentro da perspectiva interacionista, as experiências que o indivíduo tem sobre si e sobre o mundo permitem avaliar os motivos, os valores, as crenças que envolvem a escolha das dimensões individuais e das possíveis reações do outro (STRAUSS, 1992).

Pereira (2020) nos mostra que a opção pelo jornalismo pode derivar de variados fatores como continuidade de uma carreira anterior, ou mesmo por circunstâncias específicas, quando, por exemplo, não conseguir passar no vestibular ou optar pela formação desejada. Assim, existem fatores que para além da escolha individual observa-se a dimensão contextual dos processos de escolha que fogem do controle dos indivíduos, mesmo que haja uma afirmação de que certas decisões foram realizadas de maneira natural.

A entrevistada 5 narra como e quais foram os fatores para escolher o jornalismo. Há um desejo que se atrela ao “sonho” de alguém ler o que ela escreveu.

Eu fiz o vestibular. Nesse último ano do ensino médio... Eu tive alguns professores de português muito bons durante todo o ensino médio. Alguns eu detestava, não gostava mesmo! Mas eles tinham um foco muito grande na escrita, em jornal, artigos, colunas, então eu lia muito sobre isso no ensino médio. Saí de lá falando que eu queria ser colunista. Era isso: eu queria ser colunista de jornal. Fiquei

pesquisando. “Como eu vou ser colunista de jornal?”. Eu achava que era fácil: alguém ia me chamar, me contratar e me colocar como colunista de jornal. Não tinha a menor ideia do que era o mercado e do que você tinha que fazer para ser colunista. Só pensava assim: “Eu quero ser aquela pessoa que vai escrever coisas legais. As pessoas vão chegar no domingo, abrir o jornal e elas vão dar de cara com um texto meu. Vai ser a leitura delas de domingo”. Eu falava isso para todo mundo! Eu prestei o vestibular. Fiquei muito na dúvida de qual curso eu faria: eu estava muito entre fazer o curso de Letras e o curso de Jornalismo. Fiquei nessa dúvida, tentei várias faculdades. Consegui passar para Letras e para Jornalismo. (ENTREVISTADA 5, 2020)

A entrevistada ainda enfatiza que sua escolha deriva de vários fatores individuais e coletivos que estavam ligados à vida financeira. Em outro momento da entrevista, é destacado que a família também teve um peso importante, pois antes de entrar na universidade, houve a escolha de fazer um curso técnico em administração como forma de ajudar a família.

Eu entrei em licenciatura em Letras, porque tinha toda uma questão financeira e era um curso que tinha mais vagas. Aí eu consegui passar. Lá dentro eu comecei a ter aulas de “técnicas para dar aula para ensino fundamental”. Eram oficinas, né? Eu ia para as aulas muito de saco cheio! “Isso é muito chato! Eu não quero lidar com isso!”. Não era para mim. Eu falei: “Chega! Eu não vou ficar aqui fazendo uma faculdade que, simplesmente, não tem nada a ver comigo”. Eu não queria perder tempo, então eu mudei para bacharel, fiz o curso e terminei a faculdade. Tive algumas experiências acadêmicas ruins. Aí pensei: “Não sei, cara, se eu quero continuar”. Mas terminei! “Não quero bem isso”. Eu acho que a faculdade de Letras não ensina para a profissão, em si, mas eu acho que sem ela eu não saberia muito coisa. Não que ela foi inútil, mas, ao mesmo tempo, eu não a vejo como algo que foi indispensável para chegar onde eu cheguei hoje. (ENTREVISTADA 5, 2020)

Travancas (1993) evidencia que o indivíduo moderno vive um conjunto de experiências diferentes que certamente influencia a trajetória e as mobilidades sociais. Determinadas vivências ou momentos de experiências como contato com dinâmicas do mundo profissional, rede de relações e oportunidades também fazem parte desse conjunto de escolhas. A entrevistada 3, por exemplo, relata que antes de fazer a graduação em jornalismo e decidir se de fato iria adentrar na formação, teve a oportunidade de contato com o mundo profissional.

Eu sou formada em jornalismo. Me formei em 2010. Mas nessa altura, quando eu me formei em jornalismo, eu já trabalhava em redação há algum tempo. Eu entrei na redação em 2006 e, em 2007, eu comecei a faculdade, um ano depois. Na época, eu já tinha começado uma carreira dentro da redação meio que improvisada: criaram uma vaga como secretária de redação no Mogi News, que não tinha, porque eu era muito nova e já queria fazer jornalismo. Eles falaram: “Olha, a gente está precisando de alguém para organizar o dia a dia da redação. Que tal juntar as duas coisas? Você

vem, vê se é o que você quer fazer mesmo, se é o que você gosta, e também já fica um pouco por dentro do que é o jornalismo”. Eu fui. (ENTREVISTADA 3, 2020)

O começo da carreira é moldado por ela antes da formação acadêmica. Poder observar e aprender na área mesmo sem ser jornalista fez parte das escolhas e do percurso profissional.

Eu comecei sendo – esse cargo nem existe – assistente da chefia de reportagem, que era o que eles me chamavam, no Mogi News. Eu era secretária de redação. Eu ajudava todo mundo a agendar entrevista e blábláblá. Foi uma fase bem rica até da carreira porque eu pude observar e aprender muito sobre como faz jornalismo, principalmente naquela época, que era um negócio de ter uma equipe grande e ir para os locais. Eu fiquei oito anos no Mogi News. (ENTREVISTADA 3, 2020)

A escolha pelo jornalismo também passa por questões de influência familiar para a entrevistada, além do gosto pela leitura e escrita.

Eu sempre falei que eu ia ser jornalista, mas eu não sei de onde surgiu. Na verdade, eu desconfio. A minha mãe trabalhou no jornal, vendendo assinatura. Ela trabalhou por 13 anos e sustentou a gente com isso. Ela sempre incentivou muito a gente a ler (gibi, revista e muito jornal inclusive). Eu lembro que ela ficava me contando: “Essa matéria aqui, foi Fulano quem fez. Ele é assim, assim, assado (alto, baixo, cabelo de tal cor)”. Ela ficava me falando sobre as pessoas que estavam lá e eu ficava encantada com o jornal. É engraçado porque a maioria das pessoas são encantadas com TV: veem o telejornal e falam que querem ser telejornalistas por causa do jornal. Eu não. Eu queria ser jornalista por causa do jornal impresso, que, até hoje, eu gosto muito mais do que tv. Eu falava desde criança que eu ia ser jornalista. Os meus trabalhos de escola eram todos esses: o jornalzinho da escola era eu quem queria fazer; trabalho para entrevistar várias pessoas, eu sempre queria fazer. Foi sempre assim! (ENTREVISTADA 3, 2020)

Travancas (1993) reforça que a carreira também se constrói a partir das experiências socioculturais, da vivência e das interações que o indivíduo tem. A identidade, para a autora, também entra neste aspecto, pois os profissionais vivem um contexto em que diversas áreas das suas vidas se misturam.

Há nas falas dos entrevistados motivações que integram o processo de escolha que, como podemos perceber, são moldadas ao longo da trajetória. A escolha pelo jornalismo é visivelmente mais que uma escolha de atividade ou emprego, gera o que já destacamos em capítulos anteriores um envolvimento, um sentimento de adesão (TRAVANCAS, 1993).

As experiências biográficas, que envolvem uma série de conhecimento sobre o mundo e sobre si, transversam os motivos das escolhas. O gosto pela escrita, leitura ou

mesmo a dúvida entre escolher o jornalismo e outra profissão são encontrados nas falas. Observamos aqui o que pode se chamar de porosidade das fronteiras do jornalismo com outras áreas. Sobre isso, Ruellan (1997) concebe a profissão do jornalismo sem fronteiras fechadas, vista pelo pesquisador como uma prática híbrida e de trocas com outras áreas.

A entrevistada 21 destaca como foi o processo de escolha entre o jornalismo e a área de *design*. A segunda moldada pela influência da mãe, que é artista.

Quando eu era pequena, eu sempre gostei de escrever e sempre gostei de desenhar. Minha mãe é artista, então ela sempre me influenciou muito a desenhar, pintar. Ela me levava para estúdio de pintura, sabe? Quando chegou na época do vestibular, eu fiquei muito em dúvida entre design, jornalismo e até pensei em artes plásticas. Acabei fazendo jornalismo. (ENTREVISTADA 21, 2021)

Entrevistamos jornalistas que, segundo suas reconstituições de escolhas, tinham claro a opção pelo jornalismo, seja pelo gosto da leitura do jornal ou pela participação com o outro.

Eu sempre quis fazer jornalismo. Acho que eu sempre tive em mim essa vontade. Quando eu olho para trás, eu acho que isso está bem claro nas minhas atitudes: sempre gostei de ler jornal. Tinha também influências dentro de casa. Eu acho que isso era um pacto já consumado. Era só fazer o vestibular e entrar mesmo. Tudo indicava que era essa, mais ou menos, a trajetória que eu iria seguir. (ENTREVISTADO 7, 2020)

Fábio Pereira defende que existe uma associação da profissão por parte dos jornalistas a uma série de práticas que são capazes de proporcionar algum tipo de prazer. Ele ainda destaca que “a ideia de opção pelo jornalismo motivada pelo gosto à leitura ou escrita, não pode ser explicada em termos de vocação – a noção de que pessoa “nasce jornalista”, difundida pelo discurso de mitificação da profissão –” (PEREIRA, 2020, p. 54). Para o autor, o jornalismo não é apenas o início do processo de construção e gestão da carreira, mas sobretudo uma associação entre os indivíduos e as mais diferentes práticas, gosto e até sensações relacionadas à rotina da profissão. O vínculo entre o jornalista e o jornalismo aumenta ao longo das escolhas que atravessam a carreira.

Nesta pesquisa, podemos observar que as trajetórias dos entrevistados são determinadas por acontecimentos que também estão fora do controle direto dos atores e que são justificadas pela escolha profissional. Existe no escopo das escolhas e aqui corroboramos com Pereira (2020) uma dimensão coletiva que se reforça nos imaginários sobre a profissão e o mercado de trabalho e outra dimensão temporal que se baseia na construção destes imaginários e dos gostos que são desenvolvidos ao longo do progresso de uma trajetória.

É importante perceber as distinções quando se trata dos profissionais entrevistados e como os percursos ou movimentos de carreira ocorrem de formas diferentes para os jornalistas e não-jornalistas. A escolha pelo jornalismo, como demonstrado, se entrelaça a muitas motivações próprias do imaginário da profissão. Quando realizamos as entrevistas partindo do pressuposto do conceito de mundos sociais, ficou evidente que iríamos entrevistar os atores sociais do Jornalismo de Dados, sendo assim, profissionais que não são jornalistas estariam entre os nossos entrevistados.

Por se tratar de uma entrevista aberta, seguimos a mesma proposta para todos os entrevistados. Com isso, obtivemos dados de grande valia. Pontos de conexão e distinção surgem nas falas e averiguamos que os movimentos dos arcos de carreira ganham dinâmicas diferentes.

Ao tratar sobre a escolha da profissão, os profissionais não-jornalistas fazem um paralelo de como a escolha da profissão faz ponte com a atuação no Jornalismo de Dados. Ao relatarem suas escolhas, os entrevistados 4 e 12, por exemplo, vão atrelando as motivações das *expertises* da formação na tentativa de justificar porque atualmente estão no JD.

Percebemos que a escolha da profissão pelo entrevistado 4 ocorre no contexto do gosto, mas não na perspectiva do gosto por uma prática específica como ocorre no jornalismo. Não existe um fator próprio da profissão que esteja ou seja determinante para que a escolha ocorra. A trajetória durante o período de formação acadêmica no curso de Biologia é relatada pelo entrevistado como iniciatório as práticas diretamente ligadas ao exercício do Jornalismo de Dados. Não há uma intenção voluntária desse processo, mas ocorre no próprio movimento da trajetória.

Quando eu comecei no cursinho, eu comecei a estudar mais sério e comecei a gostar de Biologia. No primeiro ano, eu não passei em nenhuma faculdade, mas, no segundo ano, eu passei na USP para Biologia. Eu me formei em Biologia. Quando eu entrei em Biologia, eu comecei a gostar de *talkings*, que estava na moda. Daí, eu cursei os cinco anos, que era o tempo esperado ali. Me formei. Eu queria trabalhar com genética e comportamento, então eu acabei indo para o IPQ (Instituto de Psiquiatria) no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Eu peguei uma bolsa técnica lá. Eu tinha feito antes iniciação em laboratório também. Então, quando eu cheguei nesse laboratório, eles tinham um banco de dados dos pacientes dele. Na época, de forma estranha, muito desse banco de dados estava em Excel. Por causa daquela aula de seis meses que eu tive na economia, eu sabia bastante de Excel. Eu já tinha estudado um pouquinho da Biologia na época, então, a partir de uma função ou outra, eu comecei a otimizar aquelas planilhas de Excel. Na época, eu estava começando uma questão da Association Studies, que é basicamente comparar milhares de pessoas que têm uma doença com milhares de pessoas que não têm a doença no DNA delas e ver diferenças entre um grupo e outro. (ENTREVISTADO 4, 2020)

O entrevistado 12, que é advogado, ao falar da escolha profissional faz um percurso interessante de mudanças na trajetória ao destacar que não “gostava muito” de exercer a profissão que escolheu. A partir desse ponto, ele vai discorrendo os movimentos de escolhas até chegar ao Jornalismo de Dados. Percebemos, mais uma vez, uma maneira de justificar o porquê de está atuando no jornalismo. Nos parece que um esforço de reafirmar a presença em uma área distinta de sua formação.

Eu sou advogado, por formação. Eu fiz Direito na Unesp, que é uma das universidades estaduais de São Paulo. Assim que eu terminei a faculdade, eu não gostava muito de advogar. Devo ter advogado duas vezes na vida, para os meus pais: no processo em que minha avó faleceu, eu fiz o inventário. Mas eu gostava da área científica, então eu fui fazer o meu doutorado em São Paulo, na USP. No doutorado, a faculdade era um pouco complicada, eu não tinha bolsa. Dentro da faculdade de Direito, naquela época, começou a se falar sobre pesquisa empírica. Eu me interessei e falei: “Esse negócio é interessante. Eu quero fazer isso daí”. Até então, no Direito, o que se fazia era basicamente interpretação de doutrina. Eu me senti fazendo ciência mesmo. Eu comecei a estudar sem parar e descobri que eu tinha familiaridade com aquilo. Como eu programava, quando criança, foi um passo forte para aprender novas linguagens de programação. Eu comecei a estudar estatística e não parei mais. Eu comecei a fazer matérias no Departamento de Ciências Políticas da USP. Como eu era do direito constitucional, que é basicamente ciências políticas, eu comecei a estudar ciências políticas. Das ciências políticas, eu comecei uma graduação no IME-USP - Instituto de Matemática e Estatística da USP. Eu comecei uma graduação em estatística e estava fazendo o doutorado também. Larguei no meio. Dentro da USP, eu comecei a ter contato com pessoas. Lá na USP, eu tive contato com o Rodrigo Bulgarelli, que era repórter no Estadão Dados. Ele me falou assim: “Abriu uma vaga”. Ele me perguntou se eu gostaria de fazer a entrevista. Eu fui e gostaram de mim – o Toledo, que era o chefe na época, gostou de mim e o Bramatti também –, aí me contrataram. Foi aí que eu comecei a trabalhar com jornalismo de dados. Eu já trabalhava com dados antes. (ENTREVISTADO 12, 2020)

Visamos o fenômeno da carreira em processos coletivos a partir da compreensão do conjunto de trajetórias individuais. Percebemos que a escolha pela profissão não se dá de forma isolada, ela se sustenta em um *continuum* de escolhas precedentes (SCHUTZ, 1967). Isso pode ser observado no jornalismo como também em outras áreas. Quando o indivíduo analisa a situação de suas escolhas, ele utiliza da sedimentação de um conjunto de experiências, que estão ligadas à sua biografia, ou mesmo de um estoque de conhecimento sobre o mundo (STRAUSS, 1992).

É possível perceber uma projeção e um exercício de antecipação dos entrevistados à forma como o outro ou mesmo as coletividades vão reagir a determinadas escolhas. Sendo assim, tais discursos se constituem em uma versão reconstruída e reelaborada das experiências

biográficas. Ao serem articulados e confrontados sobre suas escolhas, os entrevistados revelam nas falas parte da dimensão estrutural das carreiras a partir de escolhas individuais e contextuais, como podemos observar na fala do entrevistado 19.

Eu não sei o que você viu do meu currículo, mas a minha formação é em Ciências Sociais. Eu fiz Ciências Sociais na USP, que é uma área mais relacionada a Humanas. A gente trabalha muito com interpretação de informações, interpretação de contextos dentro da sociedade, então não é uma área tão distante do jornalismo em alguns aspectos. Nas Ciências Sociais, eu fiz iniciação dentro das Ciências Políticas, que é uma área dentro das Ciências Sociais. As Ciências Políticas, normalmente, têm uma abordagem mais quantitativa, então enfatiza um pouco mais a questão da estatística, de metodologia de pesquisa quantitativa, com inferência, probabilidade, essas coisas todas. Acho que foi na iniciação científica que eu comecei a ter contato com instrumentos para trabalhar com dados. Não adianta você saber estatística ou saber alguma coisa do tipo, se você não sabe usar as ferramentas para você conseguir produzir um gráfico, produzir uma análise, produzir uma tabela, um produzir uma relação. Na iniciação, eu comecei a mexer com o Stata, que é um *software* que é muito usado na economia, que serve para fazer análise de dados, mas ele tem o propósito muito específico de ser mais acadêmico. Quando eu entrei no mestrado, também nas Ciências Políticas, eu tive a oportunidade de fazer uma matéria que é só de R – foi quando eu aprendi a programar para conseguir produzir essas coisas de dados. Eu sempre gostei muito de mapas, sempre gostei muito de análises com dados, de gráficos, ilustrações, mas eu nunca soube produzir. (ENTREVISTADO 19, 2020)

Assim, os processos de escolha da profissão ao longo das histórias de vida, como podemos observar, se estruturam em dimensões ou momentos que são tomados ao longo de uma carreira. A escolha da profissão, o gosto e o papel do outro marcam o ingresso na carreira. As justificativas são permeadas por um conjunto de motivações individuais feitas pelos indivíduos.

A tomada de decisão pela profissão envolve pensar as relações dos efeitos possíveis dessa escolha, que se sustentam em planos, por exemplo. Schutz (1967) frisa que o indivíduo visualiza o estado das coisas para posterior se persuadido sobre a ação futura.

Concluimos que o processo de escolha da profissão não se limita as motivações apenas por razões profissionais, mas existe um conjunto razões ligadas à esfera privada que são usadas para explicitar certas decisões, como foi possível constatar nas falas dos entrevistados.

6.2 FORMAÇÃO: A UNIVERSIDADE NÃO ME ENSINOU, EU APRENDI POR CONTA PRÓPRIA

A formação é um tema presente nos discursos dos jornalistas de dados. As entrevistas revelam “uma necessidade” que os entrevistados têm em destacar como o período de formação é importante na construção das histórias de vida e de carreira.

Não temos a intenção de abordar a qualidade de formação dos cursos de jornalismo do país, a validade do diploma, entre outros aspectos. A temática entra no escopo do capítulo porque, durante as entrevistas, as falas reforçaram o período de formação universitária. Para os entrevistados, não houve um contato direto ou processo formativo na área de Jornalismo de Dados. O que para eles é uma problemática já que a prática é uma realidade no mercado de trabalho. O processo de formação na área do JD é, neste caso, feito por conta própria.

A fase de formação emerge nas falas realizando conexão com as experiências dos entrevistados quando se trata de aprendizado, interação com outros atores e preparação para o mercado de trabalho. As falas se centralizam na crítica à formação acadêmica recebida em relação à prática do Jornalismo de Dados ou mesmo sobre a formação de maneira geral quando se pensa o período formativo acadêmico e a prática profissional. Sobre esse ponto, percebemos que as falas dos entrevistados que não são jornalistas diferem. Há um paralelo para eles quando se trata do período de formação universitária e o mercado de trabalho. A formação acadêmica retrata mais próximo o trabalho que irão desenvolver.

Luciana Mielniczuk e Marcelo Träsel (2017) acreditam que “o ensino é a esfera onde se reproduzem valores e crenças da cultura profissional e é também um vetor de difusão de práticas inovadoras” (MIELNICZUK & TRÄSEL, 2017, p. 617). Por esse motivo, eles defendem ser essenciais voltar o olhar para as experiências de ensino do Jornalismo de Dados dentro das universidades e fora delas. Os autores destacam estudos realizados nos Estados Unidos e na Europa sobre a inserção do JD no ensino superior das escolas de jornalismo e como isso impacta diretamente na inserção no mercado de trabalho. Para eles, a inclusão do Jornalismo de Dados nos currículos se mostra desafiadora, embora com grandes avanços quando comparados ao Brasil.

Os desafios convergem independentemente do país, como, por exemplo, alunos que não acreditam ter habilidades em áreas como matemática ou computação, professores sem formação na área, escassez de cooperação entre departamentos das universidades, as disciplinas correlatas ao JD são oferecidas como eletivas, entre outros.

Os autores evidenciam o papel de algumas instituições como associações, fundações e ONGs na propagação e formação na área. Elas são muitas vezes responsáveis pelo processo formativo de muitos profissionais. Isso é corroborado nas falas dos entrevistados, 5, 8 e 20, por exemplo.

Um dos entrevistados que fez parte da fundação da Escola de Dados frisa a importância da instituição na formação de vários jornalistas no país. Ele relata que foi para os Estados Unidos buscar formação na área do JD e tecnologia. É um dos jornalistas experientes e atuantes quando se trata da propagação da prática no Brasil por meio de cursos formativos.

“A gente precisa acelerar o movimento de jornalismo de dados no Brasil”. Foi quando a Escola de Dados surgiu – um pessoal muito bom – e a gente teve uma série de turmas de formação de Jornalismo de Dados. A gente ofereceu o primeiro curso de Jornalismo de Dados. Era um curso de 40 horas, o primeiro curso de Jornalismo de Dados para o Brasil. A gente formou uma galera que hoje está arrebatando: o Sérgio Spagnuolo, o pessoal que hoje está no Valor e que hoje está no G1, o pessoal que hoje está no Estadão. Era uma galera muito, muito boa, que ofereceu uma certa base, porque a gente começou a fazer encontros de comunidade, a Escola de Dados começou a fazer encontros anuais. Tem o Coda, que teve a primeira edição em 2016 (ou 2015, se eu não me engano). Desde então, começou a ter um encontro anual. A gente tem um prêmio de Jornalismo de Dados. Quando eu voltei, eu saí da Veja, ajudei a fundar a Escola de Dados, tivemos uma experiência não bem-sucedida fundando uma agência de Jornalismo de Dados. Depois eu passei a coordenar a rede global da Escola de Dados, aí depois eu fui para o Google, para poder trabalhar não só com jornalismo de dados, mas com essa questão do digital e do jornalismo, de forma mais ampla. (ENTREVISTADO 20, 2021)

Mielniczuk e Träsel (2017) defendem que o ensino do JD deve ser focado na técnica e não em discussões conceituais. “Centrar o ensino nos processos cognitivos da apuração, redação e edição de notícias a partir de bases de dados pode ser mais produtivo e garantir maior flexibilidade a futuros repórteres do que os torna especialistas no uso de uma pequena gama de aplicativos” (MIELNICZUK & TRÄSEL, 2017, p. 624).

O entrevistado 10 fala da natureza do jornalismo que necessita lidar com o ecossistema informacional que muda rapidamente. O que dificulta a relação formação e mercado.

Eu não posso falar por todas as grades e graduações, porque eu não conheço a fundo, mas, da minha graduação e das de colegas, é um pouco unânime o sentimento de que a gente não está preparado. De certa forma, é compreensível, porque a universidade faz um papel de organizar e estruturar um conhecimento que já é estabelecido, então a gente não espera que ela consiga correr atrás imediatamente de uma coisa que muda tão rápido. Mas o problema é justamente esse: é da natureza do jornalismo precisar lidar com um ecossistema de informação completamente diferente do que era há cinco anos (de quando eu me formei, por exemplo). Hoje é completamente

diferente a forma como a gente lê, consome informação. Eu tive aula de revista e de rádio na minha graduação, que são coisas importantes e eu gostaria que tivessem todo o espaço que merecem, mas eu diria que não é assim que as pessoas estão consumindo mídia. Como elas estão hoje? A gente precisa se adequar de alguma forma, desde se adequar ao seu leitor até quais técnicas e quais ferramentas eu preciso usar para entregar o meu conteúdo para o leitor para que ele seja efetivo. (ENTREVISTADO 10, 2020)

Outro entrevistado destaca a falta de diálogo entre a comunidade acadêmica e o mercado de trabalho para melhor entendimento da prática do JD. Formado em Computação e estudante de jornalismo na época da realização da entrevista, ele destaca o papel das universidades federais nesse contexto e como deve haver um diálogo entre as instituições e o mercado.

As universidades federais não estão preparadas para isso. Agora, durante a pandemia, que foi um período especial, colocaram um professor do Instituto de Computação para tentar ensinar princípios de Ciência de Dados na Comunicação, mas acabou que ficou sem alunos. Todos desistiram, porque ele ensinava ciência de dados em outro nível que os alunos de Comunicação não iriam acompanhar e nem teria interesse em acompanhar e nem faria sentido entender todos aqueles conceitos próprios da Ciência da Computação quando esse não é o seu objetivo final. Então, eu acho que a universidade precisa dialogar com a comunidade, para tentar entender como funciona essa dinâmica. Eu acho que as universidades ainda estão buscando sobre como as pessoas aprendem o Jornalismo de Dados na prática e como é a atuação profissional. Eu acho que falta diálogo mesmo. (ENTREVISTADO 14, 2020)

Pereira (2020) aponta que essa realidade não ocorre somente quando se trata das novas dinâmicas produtivas do jornalismo, mas ocorre na perspectiva geral da formação em jornalismo. Os entrevistados da pesquisa realizada por ele indicam um distanciamento da realidade entre o que de fato é o mercado e a ideia que a universidade fornece. Há para alguns dos entrevistados um repasse excessivo da imagem idealizada do jornalismo.

A discrepância apontada com relação ao mercado e formação é mais presente ainda quando nos deparamos com as mudanças advindas com a inserção tecnológica dentro das redações. Calvo (2007) já nos indicava, a partir do seu estudo sobre o ensino do ciberjornalismo nos currículos dos cursos de jornalismo espanhóis, que a alfabetização digital era necessária e sugeriu dez eixos de mudanças na formação acadêmica do jornalista. Para Mielniczuk e Träsel (2017), embora não tratem de forma específica do Jornalismo de Dados, os eixos propostos pelo pesquisador servem para mostrar a diversidade de temas que precisam ser contemplados para o ensino das novas práticas profissionais no jornalismo.

Os eixos defendidos por Calvo (2007) são: a) Mudança de mentalidade; b) conhecimento da estrutura midiática; c) conhecimento das possibilidades do novo meio; d)

conhecimento de domínio da internet; e) conhecimento e domínio das novas rotinas de produção; f) utilização das principais ferramentas telemáticas; g) domínio da utilização de fontes na internet; h) capacidade de criar mensagens adaptadas à rede; i) capacidade de trabalho em equipe e j) capacidade de atualização profissional constante.

Quando visualizamos o JD na perspectiva de Calvo, podemos alinhar, de forma direta e no escopo do que tratamos aqui, a capacidade de trabalho em equipe e de atualização profissional constante, foram mais alguns dos eixos defendidos pelo autor.

Os entrevistados reforçam um ponto comum nas falas, em relação ao mercado de trabalho estar um passo adiante ao ensino. Isso é sempre visto como um desafio para as instituições de ensino.

O entrevistado 16 ressalta a corrida que deve ser enfrentada pelas instituições, pois, para ele, o mercado sempre vai estar na frente. Assim como outros entrevistados relatam, ocorre uma busca principalmente por instituições particulares em oferecer cursos de pós-graduação na área²¹. O momento da carreira em que isso ocorre é recorrente: a entrada no Jornalismo de Dados. Um ponto frisado pelo entrevistado é que, quando se trata de universidades federais, os profissionais com experiência na área não são aceitos por não terem mestrado ou doutorado.

Eu acho que isso é uma corrida que talvez nunca tenha uma solução fácil porque o mercado sempre vai estar na frente do ensino e da universidade, sempre, em qualquer disciplina, e não só no jornalismo. Mas eu acho que as grandes universidades deveriam sempre tentar se aproximar disso. Talvez o que atrapalha – e isso eu já vivi – porque algumas pessoas já me procuraram para eu dar aula em universidades, mas eu não posso. Eu não tenho mestrado. O máximo que eu fiz foi uma pós-graduação de Jornalismo Econômico. Eu me considero, sem ser pretensioso, um dos grandes jornalistas de dados do Brasil, mas eu não tenho mestrado, então eu não posso dar aula em universidades. (ENTREVISTADO 16, 2020)

Como já colocado no início do tópico, nossa intenção aqui não é aprofundar o papel das instituições de ensino, ou sobre as grades curriculares, mas apontar as perspectivas que surgem nas falas dos entrevistados como parte relevante de sua construção de carreira. A formação aparece nesse escopo como um processo que, já que, para muitos dos entrevistados, o aprendizado universitário faz direta relação com o mundo do trabalho. É como se os saberes apreendidos em sala de aula precisam ser ativados nas atividades de trabalho (SILVA &

²¹ Em uma busca simples na rede é possível encontrar cursos na área de MBA em Jornalismo de Dados e Computação. Os professores em sua maioria são jornalistas experientes da área, cientistas de dados e programadores.

MARTINS, 2019).

Para o entrevistado 20, existe um descolamento entre mercado e universidade, e isso é responsável pelos entraves, como ele classifica, entre os dois espaços.

Eu acho que esse descolamento do mercado com a universidade é um dos maiores entraves para a gente não ter uma movimentação mais rápida. Eu acho que quem está no mercado está no mercado! A gente não pode ficar esperando a academia se posicionar, até porque a academia também tem esse imperativo de ser um agente distante e crítico em algumas dimensões, para poder criticar com alguma independência e avaliar com independência o que está acontecendo no mercado, apesar que, em outras dimensões, a academia deveria ter uma relação mais próxima. Eu acho que essa dualidade precisa existir de forma saudável, mas eu acho que ela está desequilibrada hoje. (ENTREVISTADO 20, 2021)

Sobre a passagem pela formação universitária, Pereira *et al.* (2014) nos evidenciam em uma pesquisa sobre o perfil e os valores dos estudantes de jornalismo da Universidade de Brasília, em que a universidade pode ser vista para além da relação direta com a prática profissional. Para eles, o percurso pelo espaço de formação universitária pode ser marcado pela apropriação de experiência e dos mais diferentes discursos. Neste sentido, é importante destacar que não se pode perceber essa experiência somente como um paralelo entre formação e preparação para o mercado de trabalho.

Consideramos relevante salientar que a formação apresenta outras experiências de interação para os indivíduos e, como pontua Pereira (2020), limitar a compreensão da formação em jornalismo como forma de preparar os alunos para o mercado é reducionista.

Boa parte do debate acadêmico e profissional sobre o papel da formação em jornalismo se limita a discutir em que medida ela seria uma forma de preparar os alunos para o mercado de trabalho. Esta visão me parece bastante reducionista, pois limita a experiência acadêmica aos programas dos cursos, à grade das disciplinas, e à capacidade que eles teriam de antecipar ou reproduzir as dinâmicas do mercado. (PEREIRA, 2020, p. 73)

Os entrevistados não relacionam diretamente a prática do Jornalismo de Dados à passagem pela universidade, mas ressaltam que as instituições devem buscar a inserção do ensino do JD em seus currículos, pois consideram importante de alguma forma ter contribuições sobre a prática na formação acadêmica dos futuros profissionais.

Para os participantes da pesquisa e quando pensamos nas possíveis contribuições da formação universitária na carreira destes profissionais, existe uma correlação da experiência de formação com o desempenho da profissão, muito embora isso tenha sido realizado por eles no âmbito do JD em cursos livres da área. Assim, concordamos com Pereira (2020), ao

ênfatizar que a passagem pela universidade é também um momento de formação de redes, de interações e relações.

Quando se trata dos profissionais não-jornalistas, para nós fica evidente que a escolha da profissão ou os próprios movimentos dentro desse percurso foram basilares para o entrelaçamento entre formação, mercado e construção de carreira. Os 4 entrevistados que não são jornalistas, mas, como tratado no tópico anterior, fazem um elo entre o processo de formação acadêmica e o mercado de trabalho no âmbito dos movimentos das experiências vivenciadas e que de alguma maneira os conduziram a adquirem expertises, por exemplo, com o trabalho em bases de dados, estatística, etc. Vemos aqui uma maneira de explicarem como e por que a carreira foi se moldado no contexto do JD.

Quer dizer, no mestrado eu comecei a programar em R. Adorei! Gostei muito. Na época, eu já estava gostando muito de visualização de dados, porque minha irmã estudava *design* em Londres (graduação) e ela tinha me trazido os livros do Edward Tufte. Eu sei que está fora de moda, mas, na época, eu comecei a ler aquilo e comecei a pensar em como melhorar os gráficos do meu mestrado usando aqueles *insights*. Eu comecei a fazer. Com isso, eu comecei a fazer outras análises como *hobbie*. Eu acompanhava muito a comunidade do Re-edit de dados, relacionados a *data's beautiful*, que eu acho que era o nome da comunidade. Eu comecei a frequentar e, às vezes, a postar ali. (ENTREVISTADO 4, 2020)

O entrevistado 15 não tem graduação concluída em nenhuma área de formação superior. Ao falar sobre sua formação, ele traça uma linha que explica a escolha de não concluir a graduação e como os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo e de suas experiências foram suficientes para o conduzirem ao Jornalismo de Dados.

Eu, na verdade, não tenho graduação, porque não cheguei a completar. Eu comecei a programar quando eu tinha 14 anos e fui mergulhando no mundo da computação. Sempre gostei muito de aprender e sempre fui muito curioso. Também sempre gostei muito de automatizar coisas. Eu vi na computação e na programação essa possibilidade de automatizar coisas do nosso dia a dia (tarefas que a gente faz no computador e tudo). Cheguei a cursar muitos anos de Engenharia de Telecomunicações, na Federal Fluminense. Acabei decidindo não me formar, porque, na época, eu já trabalhava desenvolvendo *softwares* profissionalmente na FGV, na Escola de Matemática Aplicada. Depois, eu até fiz vestibular para Computação, mas... burocracias! Não consegui dispensa das matérias. Como eu já trabalhava com isso e já tinha bastante experiência e, no Brasil, eu não preciso de um diploma para trabalhar com isso, eu acabei decidindo não me formar. Isso não quer dizer que eu não continuo estudando e aprendendo sempre. Todo dia muda alguma coisa, então tem que estar sempre em dia. Eu comecei a trabalhar mais com dados mesmo na época em que eu trabalhei na FGV. Eu cheguei a trabalhar em outras empresas também (empresas de tecnologia). Cheguei a ter uma empresa também, uma *startup*, que foi até incubada pela incubadora da Universidade Federal Fluminense. A gente trabalhava, na época, com tv digital. Mas eu acabei indo mais

para a área de desenvolvimento e, na época, eu estava na FGV, então eu acabei voltando os meus olhares para essa parte de dados. (ENTREVISTADO 15, 2020)

O fato de já desenvolver *softwares*, de não conseguir aproveitar disciplinas em outros cursos de graduação que desejava ingressar, entre outros fatores, levaram à escolha de não “se formar” ou graduar em uma das áreas de interesse, o que é possível observar não foi fator de barreira no ingresso do JD, mas suas habilidades com linguagem de programação e visualização de dados foram os fatores determinantes para esse movimento.

O entrevistado é reconhecido na área como um dos profissionais mais “completos” em termos de competências. Atuar no Jornalismo de Dados foi um processo perpassado também pelas interações com atores do micromundo.

Os espaços de formação universitária, como podemos notar, são instâncias de aprendizagem, mas também nos mostram como os entrevistados integram estratégias de carreira a partir desses espaços. Não percebemos, por parte dos entrevistados, uma desvalorização da formação universitária, mas nos parece que o aprendizado prático adquirido pelos jornalistas e demais profissionais é forte. Assim, o imaginário mítico do jornalismo, neste caso, sofre crítica e passa a ser desconsiderado por alguns entrevistados.

6.3 O GOSTO E A ADESÃO PELO MICROMUNDO DO JORNALISMO DE DADOS: O INGRESSO NO JD

No bojo de uma multiplicidade conceitual, a organização do trabalho jornalístico de dados se configura, como destaca Trédan (2015), pela polivalência de competências, pelos métodos colaborativos, pelo compartilhamento de responsabilidades e pela mobilização dos atores sociais, contexto atravessado pelas habilidades vindas de áreas como Computação, *Design*, Estatística, Ciência de Dados, entre outras.

O gosto ou adesão pela tecnologia são percebidos nas falas na perspectiva do que frisa Träsel (2014) sobre o que ele chama de tecnofilia por parte dos profissionais do Jornalismo de Dados. Estes usam e produzem tecnologia de maneira crítica. Existe, neste aspecto, questionamentos políticos do papel da tecnologia na sociedade, que são herdadas no JD a partir do movimento de *software* livre e código aberto.

A priori, a escolha pelo Jornalismo de Dados não surge motivada pela polivalência de competências ou de afeição pelo trabalho com grandes quantidades de bases de dados para serem raspadas, analisadas e transformadas em conteúdo jornalístico, mas em algum momento

da carreira ou quando é traçada a linha das escolhas, os entrevistados retomam o porquê ou o que os motivou. Frisamos que esse momento da escolha pelo ingresso no JD não é feito de maneira simples, lógico ou racional, mas é um processo progressivo de sensibilização à prática, como podemos observar na fala do entrevistado 1.

Eu decidi estudar jornalismo no segundo ano do colégio. Eu não me lembro exatamente o porquê, mas eu acho que foi porque eu gostava de escrever, que nunca é uma boa razão. Me tornei também repórter especial e, ao fazer isso, eu estava cansado de entrevistar 30 políticos por dia, então resolvi entrevistar números. Foi aí que eu comecei a me enveredar para a carreira do jornalismo de dados, que, na época, ainda não tinha esse nome. A gente chamava de reportagem com auxílio do computador. Se você achar uma base de dados oficial e confiável, você pode fazer um monte de contas e adotar uma série de procedimentos que só dependem de você para checar se aquilo ali está certo e se as conclusões que você extraiu também. Claro que você sempre vai precisar especialistas e gente que conheça melhor aquele assunto ou os produtores daquela estatística, mas o grosso da checagem e o grosso da apuração e da análise é você mesmo quem faz. Isso, para mim, foi muito sedutor na época. Eu não tinha nenhuma ambição relacionada a isso; eu simplesmente gostava. (ENTREVISTADO 1, 2020)

Jornalista experiente, o entrevistado 20 relata que acabou encontrando no Jornalismo de Dados uma forma diferente de apurar e entrevistar os dados, destaca que a carreira caminhou para o JD para ganhar certa autonomia na checagem e na produção de um jornalismo mais independente. A escolha pela área é justificada também pelo gosto em trabalhar com bancos de dados e realizar sua própria extração.

Quando falamos de escolha de carreira, Strauss (1992) enfatiza que o indivíduo identifica e repensa seus motivos, os valores e as convicções envolvidos na tomada de decisões. Essas escolhas estão diretamente ligadas às experiências, tanto biográficas, quanto sobre o mundo ao seu redor.

O entrevistado 16 relata que o Jornalismo de Dados chamou sua atenção e resolveu ingressar na área pelo fato de ser uma prática nova e também pela sua necessidade já que trabalhava com planilhas.

Durante o meu trabalho, eu sempre trabalhava com planilha, estudava informações de relatórios financeiros ou de institutos que cobrem grandes indicadores, como o IBGE. Eu comecei a trabalhar e a estudar sobre isso, como eu disse, por uma necessidade. Primeiro, foi pelo fato de ser novo – isso sempre chama a atenção. Também, eu, como tantos outros, rapidamente percebi que o Brasil tem uma qualidade de transparência de dados, principalmente no âmbito federal, muito grande, então tem um campo muito interessante para trabalhar com estatística, com informações cruzadas, como análises rápidas. Aí, naturalmente, eu fui atrás das pessoas que já tinham experiência com isso, aqui no Brasil. Fui fazer cursos, a maioria on-line. Isso é outra característica. Como é uma área muito próxima à

tecnologia da informação, a gente recebeu isso da tecnologia da informação. Praticamente tudo você encontra na internet em relação a tutoriais de jornalismo de dados. Esses tutoriais, esses cursos on-line, essas conversas com essas pessoas mais experientes, acho que tudo isso vai moldando a minha escolha e eu fui percebendo que, para investigações mais aprofundadas, para coisas que não dependem tanto de fontes primárias (não que isso não seja importante, mas isso sempre vai ser jornalismo), há novas possibilidades para você descobrir informações relevantes, informações de interesse público, que você não tem uma dependência de “fontes normais” (entre várias aspas). (ENTREVISTADO 16, 2020)

O entrevistado destaca ainda o trabalho com as fontes de bases de dados e também a cooperação que há no JD que, de acordo com ele, é herdada da área da tecnologia.

Fontes normais são pessoas e fontes que você cultiva pessoalmente no seu meio de trabalho. Eu acho que uma coisa puxa a outra. Como é uma área nova, se você conhece um grupo, você acaba conhecendo outros grupos e esses grupos se ajudam entre si. Essa é outra característica da tecnologia da informação que a gente recebeu. Tirar dúvidas de jornalistas de dados é algo comum. Você tira tanto com outros jornalistas quanto com outros programadores. Eu mesmo criei, junto com a *Open Knowledge*, um grupo de dúvidas de jornalismo de dados. Nem sei quantas pessoas tem agora, mas eu acho que são mais de 200. As pessoas respondem para pessoas que elas não conhecem e talvez nunca conheçam pessoalmente (ENTREVISTADO 16, 2020)

O entrevistado revela que sua escolha por trabalhar na área é moldada por alguns fatores pessoais, como pelo mundo ao seu redor. O contato com outros profissionais, com cursos e com o próprio micromundo do JD foi o levando a se reconhecer e se firmar como jornalista de dados. Em outro momento da entrevista, é destacado que o fato de ter realizado um curso de técnico em processamento de dados o ajudou e foi importante para continuar no campo de atuação do JD. O trabalho com planilhas, com estatística, com cruzamento de informações e análise é tido como um fator natural que o levou para a área.

Pereira (2020) destaca que as escolhas que os indivíduos narram sobre carreira, ou seja, suas opções, posições e decisões é um ato subjetivo, individualizado e coletivo ao mesmo tempo. Assim sendo, seriam justificadas por um conjunto de motivações que são individuais e aplicadas em determinado contexto. As narrativas surgem de duas dimensões, que são as motivações e o contexto, que abarcam o processo de escolha. No âmbito dos estudos interacionistas sobre carreira, isso se dá nas formas de representações que os atores fazem de si e do outro.

Nesse contexto, o entrevistado 16 nos evidencia isso, ao traçar suas escolhas e mencionar como os profissionais ao seu redor, do seu mundo de trabalho foram relevantes para o seu ingresso no micromundo do JD.

O gosto por trabalhar a partir de técnicas, habilidades e valores de outras áreas que

não as jornalísticas é de fato uma variável comum que perpassa as trajetórias individuais, as escolhas e molda o ingresso no Jornalismo de Dados. Os atores ao redor desse micromundo também são representações importantes, pois os indivíduos mediam simbolicamente suas escolhas a partir de si, do outro e do contexto da interação que estão envolvidos.

Eu gostava muito de computador quando eu era menor e adolescente. Eu achei que eu fosse fazer Ciência da Computação e cheguei a cursar Engenharia (eu fiz Engenharia até o quinto período), mas depois eu mudei completamente e fui para a Comunicação. Lá, eu acabei, também por acidente, entrando na área jornalística. Mas a minha trajetória sempre teve essa coisa da tecnologia me acompanhando. Qualquer carreira que a gente faça hoje tem essa coisa da tecnologia. Você tem como aplicar isso para qualquer área: para a Medicina, para Direito, Engenharia, Geografia, Sociologia. A tecnologia causou uma ruptura em todas as indústrias e com o jornalismo não foi diferente. Eu fui estagiário na UFMG, dentro do Laboratório de Mídias; fui estagiário e depois contratado na TV UFMG. Eu sempre estava com o computador perto de mim. Isso começou a me dar sinais de que tinha alguma coisa ali, porque eu sempre me aproximava de atividades que tinham uma relação mais próxima com a tecnologia. (ENTREVISTADO 20, 2021)

O entrevistado 20 fala sobre o gosto pela tecnologia e sua aderência a áreas como computação e engenharia, e como isso passou a acompanhá-lo em sua trajetória como jornalista. O jornalismo é destacado como o próprio entrevistado revela um acidente de percurso, se assim, podemos dizer ao longo da trajetória.

Um fato interessante que segue na fala do entrevistado é como o encontro com outros profissionais reforçou sua escolha em atuar na JD.

Eu fiz o Curso Abril de Jornalismo. Eles estavam fazendo uma reformulação digital na Abril inteira e eles estavam com um projeto digital grande da Veja. Eu entrei nessa leva de pessoas que foram contratadas para tocar esse grande projeto digital. Na Veja, eu entrei como repórter de ciência. Quando eu entrei lá, a Abril era um centro muito vibrante de discussão de práticas, então eles tinham uma rodada de palestras, traziam convidados. Trouxeram o – na época ele estava no The New York Times – Adam Pearce. Ele veio para falar da editoria que ele tinha fundado no The New York Times chamada de *interactive news*, ou, sei lá, jornalismo interativo ou notícias interativas, que era um nome novo que ele estava dando para o trabalho de jornalismo de dados que o The New York Times já fazia. Ele falou da trajetória dele como um cara que vinha da Ciência da Computação, que começou a fazer jornalismo. Eu me identifiquei muito com a história dele e fui conversar com ele depois. Eu falava desses anseios: “Eu gosto muito de tecnologia. Eu me vejo mais pegando planilhas. Eu tenho facilidade em lidar com essas coisas”. Eu tinha feito Engenharia também, então tinha uma matemática mais sólida do meu lado e eu mexia com programação também. Ele me falou: “Tem muita gente fazendo isso, inclusive tem um evento anual, que acontece desde 94 nos Estados Unidos, que é a Conferência de Reportagem Assistida por Computador”, do National Institute of Computer Science and Reporting, que fica na Universidade do Missouri, que é um instituto que promove essa relação da matemática e das técnicas – *digital methods* – das ciências sociais (estatística, pesquisa e testes), dentro de investigações guiadas

por dados no jornalismo. Ele me falou assim: “Você tem que ir nessa conferência. Você vai ver que você não está sozinho”. (ENTREVISTADO 20, 2021)

O ingresso no Jornalismo de Dados para os profissionais que não são jornalistas ganha contornos diferentes. São atores que, como já salientado, vivem um movimento distinto dos jornalistas, em relação às suas carreiras. Com *expertises* de mundos sociais que atravessam o Jornalismo de Dados, eles destacam o ingresso no JD pelo fato de serem especialistas em linguagem de programação, *designers*, entre outras.

Averiguamos que não houve uma intenção direta ou um planejamento de carreira em que o jornalismo foi previamente cogitado. Podemos observar, a partir das entrevistas e de falas informais, que esses profissionais ingressam no Jornalismo de Dados por meio de convites de redações ou indicações de outros pares. Isso ocorre pelo fato de serem profissionais com competências desejáveis na área do JD.

O gosto pelo jornalismo surge na fala do entrevistado 4, mas não é o fator central para o ingresso no JD. Obviamente a reconversão de carreira é marcada pelo gosto das rotinas de trabalho que evoluem o jornalismo de forma geral.

Eu sempre gostei de jornalismo. Em casa, desde os dez ou 11 anos, eu lia quatro jornais por dia. Minha casa assinava o Jornal do Brasil, O Globo, o Estadão e a Folha. Eu lia compulsivamente os jornais, então eu gostava bastante de jornalismo desde muito pequeno e discutia jornalismo na minha casa, apesar de ninguém ser jornalista: linha editorial, manchete. Essas discussões faziam parte das discussões da minha casa. Eu sempre gostei. Eu acho que, para mim, pelo menos, o que me atrai no jornalismo, que é o que eu não conseguia na academia, é essa coisa de ter um *feedback* muito rápido e muito claro, além de todo dia você saber o que você vai fazer, para que você vai fazer e, se você tem uma dúvida, ela precisa ser solucionada rápida porque você tem que publicar aquilo. Isso me atraiu no jornalismo, ou seja, o *workflow*. A forma de trabalho é muito boa para a forma de pessoa que eu sou. (ENTREVISTADO 4, 2020)

O entrevistado 12 coloca que o ingresso no Jornalismo de Dados foi um movimento inesperado, pois a partir de uma postagem em rede social, seu trabalho foi visualizado e ele foi chamado para um processo seletivo. O trabalho desenvolvido a partir de um *web scraping* foi o que lhe conferiu adentrar no micromundo. Aqui, o gosto não transversou o ingresso, mas a *expertise* na área de visualização de dados.

Durante a entrevista, ele ainda destaca que o estilo de vida dos jornalistas chama sua atenção. Notamos, neste sentido, uma adesão a profissão, que está ligada como o próprio entrevistado relata, um estilo de vida ou um conjunto de práticas que não estão associadas à

produção da notícia.

Eu tinha vários trabalhos de pegar alguma coisa e produzir alguma visualização, produzir alguma análise. Eu fazia tudo isso e postava tudo no meu Facebook. Eu me lembro que uma vez eu fiz um era um robozinho, um *web scraping*, para pegar todos os discursos do Temer no *site* do Planalto e fazer uma análise das falas do Temer: quais eram as palavras mais frequentes, os vícios de linguagem dele. Eu me lembro que eu postei isso no meu Facebook e um amigo meu marcou a minha antiga chefe nesse *post*. Na época, uma vaga do Nexo estava aberta. Quem trabalhava no lugar antes era outra pessoa, que está hoje na Folha. Ele tinha saído para a Folha e estava com essa vaga aberta. Eu nem sabia do processo seletivo nem nada, mas essa antiga chefe viu o meu perfil e pediu para alguma pessoa entrar em contato comigo para fazer o processo seletivo. Então, foi uma coisa meio inesperada. (ENTREVISTADO 12, 2020)

As motivações não são justificadas pelos entrevistados pelos domínios de habilidades, mas pelo gosto por práticas de áreas que no âmbito do JD se inter cruzam ao exercício da profissão. A escolha pelo Jornalismo de Dados estaria ligada às práticas, ao trabalho diário, à conexão entre os pares e outras, como pode-se observar no caso dos profissionais que não são jornalistas.

Sobre isso, é importante destacar que, quando discutimos carreira profissional neste trabalho, a compreendermos para além do gosto, das motivações e das decisões para se atuar no Jornalismo de Dados como as mencionadas, estas não seriam o aspecto preciso por si só capazes de nos afirmar ou explicar de forma contundente a escolha da carreira. Existem outros fatores que explicam essa construção da carreira, pois ela deve ser percebida também como um processo de ação coletiva, que neste caso, faz parte de toda trajetória vivenciada na própria área de formação dos entrevistados. Assim, o gosto por determinada área ou prática, a escolha por atuar em algum espaço jornalístico não explica sozinho a decisão por uma carreira (BECKER, 2006).

O que destacamos é que não somente o gosto explicaria uma escolha pelo Jornalismo de Dados, mas essa ação faz parte de uma ação maior coletiva, que envolve o outro. É relevante mostrar e discutir a partir das entrevistas que, embora hajam motivações comuns entre os entrevistados para escolher atuar no Jornalismo de Dados, na perspectiva do gosto por práticas que emergem de outros mundos sociais, essas escolhas fazem parte de uma dimensão de ação coletiva de escolher uma profissão ou campo de atuação.

Enxergamos e partimos das interações e dos diversos fatores que conversam entre si para analisar a carreira jornalística e como o JD se apresenta nesse contexto. Neste sentido, percebemos que dentro das dimensões individuais e coletivas, alguns aspectos ou discursos

estão presentes nas falas dos atores sociais do micromundo analisado.

Além do discurso do gosto pela tecnologia, os discursos que atravessam as falas dos entrevistados também são evidenciados nos aspectos do *hackativismo*, que se molda nos discursos de transparência e colaboração. Consideramos relevante tratar esse aspecto no tópico a seguir, pois é um discurso recorrente quando se trata do ingresso no Jornalismo de Dados e adesão às práticas do micromundo.

6.3.1 O aspecto *hackativista*: transparência das informações e colaboração

Ao discorrer sobre suas motivações para atuar no Jornalismo de Dados, os entrevistados apontam elementos que estão presentes ou caracterizam essa área de atuação. Os indivíduos justificam suas adesões ao JD, referenciando movimentos, crenças e discursos que fazem parte do micromundo e do fortalecimento de uma comunidade de praticantes de Jornalismo de Dados. O senso de pertencimento ao grupo, que evidentemente incorpora discursos de outras culturas profissionais, caracteriza a integração entre mundos sociais e a criação de um micromundo.

O aspecto *hackativista* se estabelece na defesa dos dados abertos, ideais da cultura *hacker* e da transparência das informações ou banco de dados utilizados, ferramentas e metodologias. São elementos que estão presentes nas representações que os entrevistados fazem do trabalho jornalístico de dados.

A expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação é responsável pelo movimento da institucionalização e da defesa da transparência pública. Um movimento que é marcado nos anos 2000 em muitos países, em que as medidas de transparência sobre gestão e resoluções governamentais devem ser garantidas legalmente por meio do acesso livre à informação (TRÄSEL, 2014).

A proposta advinda do processo do Governo Aberto ou Transparente possibilitou a facilitação de acesso a informações públicas, consultas populares em canais de participação, avaliações de políticas públicas, etc. Para isso, é necessário abertura, participação e colaboração, aspectos que sustentam a defesa dos dados abertos, pois as informações públicas são vistas como bens coletivos e devem ser disponibilizadas em formato aberto.

Para que esse movimento se efetive, os códigos-fonte devem ser livremente disponíveis. Isso implica, no Jornalismo de Dados, um valor jornalístico em que se deve explicitar os elementos de construção de uma reportagem, como por exemplo, as técnicas

utilizadas, a análise dos dados, como foram obtidas as informações, a base de dados empregada, etc.

Há fortemente, por parte dos jornalistas de dados e demais profissionais, a adoção de estratégias de trabalho e adesão aos valores da cultura *hacker*. No âmbito dessas estratégias, estão o aprendizado de técnicas e a absorção de novas ferramentas no cotidiano profissional e pessoal. Isso amparado em recursos que estão disponíveis na *Web* que são buscados na maioria das vezes pelo autodidatismo (TRÄSEL, 2014).

Neste contexto, as falas dos entrevistados evidenciam suas decisões a partir das práticas partilhadas por outros mundos sociais, que são aqui evidenciadas pelo mundo *hacker*, em que a abertura das bases de dados, o acesso à base públicas, a gestão mais transparente é incorporada também como um valor jornalístico, como evidencia a fala do entrevistado 20.

Quando você me fala em transparência, eu acho que ela é uma via de muitas mãos. Eu acho que falta transparência, primeiro, no jornalismo. Eu acho que a gente deveria estar fazendo um trabalho muito melhor – não estou dizendo que não acontece, porque acontece – em relação à transparência, às fontes que a gente utiliza, a metodologia que a gente utilizou para fazer aquelas matérias, aos dados que foram utilizados. É necessário fornecer os dados de forma bruta, contar as histórias de bastidor de como a gente chegou a tal conclusão. Usar *links*, fazer referências, citações. Eu acho que tem muitas redações no mundo que fazem um trabalho muito legal nessa parte, mas a gente ainda está muito longe de dar transparência para o trabalho jornalístico. Pessoas muito mais informadas e espertas do que eu nessa área, argumentam que a transparência do jornalismo é a nova credibilidade. (ENTREVISTADO 20, 2021)

Já o entrevistado 13 diz que, ao trabalhar com o Jornalismo de Dados, teve de lidar com pedidos por meio da Lei de Acesso à Informação e é um caminho que o jornalismo deve defender, pois a transparência faz parte da rotina do JD. É relevante que métodos de aplicação de transparência sejam utilizados pelos jornalistas.

Quando eu comecei a trabalhar no UOL, era uma coisa de abrangência nacional. Foi muito bom isso, porque eu comecei a trabalhar mais com transparência. Eu sempre fiz pedidos no Governo Federal, mas eu comecei a fazer pedidos para outros estados, além do Rio Grande do Sul. Tive que entrar no Ministério Público para denunciar atrasos. Isso é só para te dizer: o jornalismo de dados que eu trabalho é muito ligado à transparência, ou ativa ou passiva. Eu falo esse exemplo, porque, aos poucos, eu vou tentando incluir na minha rotina isso. (ENTREVISTADO 18, 2021)

Pesquisas anteriores, como as de PARASIE e DAGIRAL (2013), TRÄSEL, (2014) e TRÉDAN (2015), já constataram que a comunidade jornalística de dados absorve princípios que são da área hacker, da defesa do código aberto e do discurso hackativista. Os processos

produtivos são mais colaborativos e mais horizontais. Nas falas dos entrevistados, a cultura do compartilhamento de informações é defendida como característica da comunidade do JD. Aspecto importante para se perceber no contexto da profissão do jornalismo, que historicamente partilha um certo individualismo produtivo e do “furo” informacional.

Träsel (2014) conclui em seu trabalho que o *ethos* dos jornalistas de dados se concretiza na combinação de aspectos da cibercultura e da ética *hacker*.

Conclui-se que este *ethos* apresenta uma combinação de elementos da cibercultura, em especial da ética hacker, e da cultura profissional jornalística, que se manifesta como uma crença na capacidade da técnica de oferecer caminhos para a manutenção do jornalismo informativo num cenário de crise, mediante a superação da noção de objetividade como ritual estratégico. (TRÄSEL, 2014, p. 17)

Para o pesquisador, a objetividade passa a ser entendida como a aplicação de técnicas das Ciências Sociais e da Informática às rotinas de produção nas redações. Isso com o objetivo de substituir o jornalismo declaratório por material jornalístico cujos fatos são advindos de bases de dados.

A partir do que pontua Träsel (2014), a objetividade teria para o micromundo do JD uma espécie de noção renovada desta, em que estão também sustentados as noções e os procedimentos de transparência e difusão do conhecimento. O espírito cooperativista remetido do movimento *Software Livre* e *Open Source* é o elo entre as duas culturas profissionais (TRÄSEL, 2014).

O Jornalismo de Dados carrega consigo um aspecto de prática colaborativa que é herdado como já mencionado de um movimento de cooperação entre áreas. Sobre isso, Trédan (2015) afirma que existe um partilhar da mesma visão normativa, ou seja, de transparência nas informações públicas, investigação e emancipação dos leitores.

As dinâmicas de colaboração entre jornalistas e programadores de internet os coloca na interface entre vários mundos sociais, a começar pela interface com o jornalismo. Eles absorvem progressivamente as práticas e representações de outros mundos, atores da Internet, militantes do *Open Data*. Também comungam de uma mesma visão normativa: transparência das informações públicas, investigação, emancipação dos leitores. É dessa mistura de atores vindos de diferentes mundos que nasce essa inovação jornalística. (TRÉDAN, 2015, p. 299)

Le Cam e Trédan (2008) já apontavam que o diálogo equilibrado entre uma equipe que colabora entre si e tem atores de mundos sociais diferentes é algo interessante para se pensar nas práticas jornalísticas. O JD se caracteriza neste contexto, pois é o tipo de

jornalismo que nasceu e se alimenta de atores jornalistas, profissionais da internet e da informática, que colaboram entre si em torno das novas formas de dar notícias, contar a atualidade (TRÉDAN, 2015).

Quando indagado sobre o aspecto colaborativo ou cooperativo que é marcado com a presença de outros atores sociais no Jornalismo de Dados, um dos entrevistados afirma que a sociedade, ou seja, outros profissionais precisam ajudar o jornalismo a contar as histórias de pontos de vista diferentes.

Na minha visão, o jornalismo tenta lidar com a realidade. Ele vai contar e simplificar a realidade, contar as histórias mais importantes do nosso tempo, servir de almofada entre a sociedade e os governos para evitar essa opressão. Quando a gente fala de uma realidade que é muito complexa, a gente precisa de uma série de atores e agentes que representem essa complexidade. Eu sou completamente contra a ideia de que o jornalismo só pode ser feito por jornalistas que passam pela escola de jornalismo, porque a realidade é muito mais complexa do que isso. Os jornalistas são generalistas e a gente precisa de advogado, a gente precisa de biólogo, a gente precisa de historiador, a gente precisa de psicólogo. O jornalismo é o primeiro rascunho da história, uma representação simplificada da sociedade, mas a gente precisa que a sociedade nos ajude a contar essas histórias, por meio de práticas e uma ética que guie a atitude desses diferentes pontos de vistas e profissionais que estão ali. (ENTREVISTADO 20, 2021)

Para ele, que é um dos jornalistas protagonistas da área, outros profissionais trazem ao jornalismo mais pluralidade de habilidades, possibilitando uma melhor tradução da realidade.

Eu acho que as habilidades que o jornalista necessita para que haja um bom jornalismo qualquer profissional pode aprender, qualquer profissional, que venha de qualquer lugar. O fato de ele vir de um lugar de autoridade, certificado por uma instituição superior... “Eu tenho um diploma de Economia e eu vou fazer uma contribuição para o Jornalismo dentro da área econômica”. Isso, para mim, é muito mais valioso do que um jornalista que estudou Jornalismo e se especializou em Economia depois. Eu acho necessário e fundamental. Quanto mais pluralidade de habilidades dentro do Jornalismo, melhor a gente vai conseguir ser um espelho ou fazer essa tradução da realidade, porque ela é uma realidade complexa; ela não é simples! Por mais que a gente ache e pense que ela é simples, ela não é. Ela é muito complexa! Eu vejo com muito bons olhos, por exemplo, a movimentação de jornais como a Folha, que faz questão de ter uma pluralidade de economistas, uma pluralidade de editorias e está tentando se reinventar o tempo inteiro (contrata matemático, contrato contador, contrata médico, contrata biólogo, para poder compor a redação). Se a gente não fizer isso, vai ficar uma coisa muito corporativista e vai ficar limitado. Então, eu vejo com muito bons olhos, sabe? (ENTREVISTADO 20, 2021)

Os entrevistados observam que não existe uma perda da centralidade do papel do jornalista na produção da informação, ao contrário, a cooperação entre os profissionais

possibilita ao jornalismo expandir sua capacidade de investigação. Isso se concretiza nas dinâmicas que o JD apresenta como possibilidades para o fazer jornalístico.

O entrevistado 19, que não é jornalista, destaca em sua fala a diversidade de conhecimentos que a colaboração de áreas pode trazer:

Eu acho que é positivo. Essas pessoas têm formações diversificadas. Na nossa equipe tem uma pessoa do jornalismo, uma pessoa do *design*, eu (que vim das Ciências Políticas), tem uma da Geografia, tem um da Oceanografia. Eu acho que ter essas formações diferentes acrescentam elementos de diversidade e de conhecimento que são bem positivos. Ter uma pessoa focada no *design*, por exemplo, é extremamente importante. Uma coisa é você fazer um gráfico que você faz em um programa qualquer e só colocar lá. Se a parte visual não é tão importante, tudo bem, mas, se você tem um foco bastante grande na parte visual, você precisa ter um *designer*, uma pessoa que entenda dos conceitos de cores, harmonias, hierarquia dos elementos e tudo mais. Então, eu acho que ter uma pessoa com essa formação – pode até ser um jornalista – e com entendimento de *design*, é bem importante. Eu acho que, para todas as áreas, a pessoa não precisa ser, necessariamente, jornalista, mas eu acho que o jornalista também pode ter essas funções. O jornalista que sabe programar consegue atuar nessa área mais pesada de dados ainda. Mas acaba que vem muita gente de fora justamente porque muitos jornalistas não têm essas ferramentas e técnicas. No caso de vir de uma área mais quantitativa, das ciências humanas, eu acho que ajuda um pouco. Mas, no geral, eu avalio isso como positivo (ENTREVISTADO 19, 2021)

A cultura *Open Source* traça no JD essa característica, que para Lewis e Usher (2013) possibilita aos que defendem ou aderem os valores normativos da tecnologia, da interação, e da participação a maior interferência possível de colaboradores. Além da cultura dos dados abertos, Träsel (2010) acrescenta as possibilidades interativas da internet e a capacidade de cálculo dos computadores.

Formado em Direito e propagador do JD no Brasil, um dos nossos entrevistados, destaca que o Jornalismo de Dados exige mais competências, ou podemos dizer, mais profissionais de áreas distintas na produção jornalística.

Eu acho que é uma contribuição muito boa. É difícil explicar. Parece que o Jornalismo de Dados exige muitas competências diferentes. É difícil você achar pessoas que tenham todas essas competências: precisa de gente de programação, precisa de gente que saiba de análise, precisa de gente que saiba escrever... São várias competências ao mesmo tempo. É difícil encontrar em uma pessoa só. (ENTREVISTADO 12, 2020)

Mastrella (2019) verificou, em sua pesquisa, que a cooperação entre as diferentes áreas profissionais auxilia na construção de um discurso autoritativo. Esse discurso se reforça

pelo capital social das empresas jornalísticas que usufruem da respeitabilidade, como também do prestígio de contar com equipes multifuncionais. No bojo composto de novos atores, ocorre a transmissão de novos valores ideológicos e novos processos de trabalho.

Constatamos, nas entrevistas, que os jornalistas absorvem princípios da comunidade *hacker*, da filosofia do código aberto e do movimento dados abertos, como também os atores que não são jornalistas que fazem parte desse micromundo abarcam valores jornalísticos nos processos de trabalho e na identidade. As falas se destacam na defesa do conhecimento compartilhado, mesmo que os profissionais sejam de veículos concorrentes, como também na troca de informações, de fontes e de ferramentas, trazendo para o jornalismo a defesa de uma cooperação entre mundos sociais e de mudanças nas convenções jornalísticas.

6.4 A DIMENSÃO COLETIVA NA PERSPECTIVA DA CARREIRA

Nos próximos tópicos, analisamos as carreiras na dimensão coletiva. No contexto do trabalho, essa dimensão gera formas próprias de divisão de tarefas entre os membros do segmento ou micromundo. Ocorre, nesse sentido, uma colaboração e partilha de atributos, o que provoca uma nova base ideológica e novas práticas.

Adotando a segmentação ao mundo dos jornalistas no contexto da análise das carreiras, podemos perceber como a trajetória dos entrevistados passa por mudanças quando se trata dos espaços de atuação, principalmente quando estes estabelecem relações de colaboração. Destacamos que, junto à colaboração, ocorrem também as concorrências.

De maneira geral, os jornalistas narram suas mobilidades na carreira pela passagem por segmentos do jornalismo, o que gera mudanças de estatuto e a incorporação de novas rotinas produtivas. Pereira (2020) destaca que as mobilidades entre segmentos, ou seja, entre tipos de mídia, da saída de um tipo de jornalismo como o generalista para o especializado, entre mídia e assessorias afetam a maneira como os jornalistas negociam a identidade consigo e com os outros. Ainda para Pereira (2020, p. 226), “as escolhas de carreira dialogam com o processo de segmentação do mundo social do jornalismo. A relação entre essas duas dimensões orienta as distintas formas de se construir um projeto de carreira”.

A segmentação no interior do mundo dos jornalistas, como pode-se perceber, causa implicações na base convencional, nas práticas de produção, nas ideologias e estatutos, com base no contexto das escolhas de carreira existem as motivações, que estão no âmbito individual do sujeito, mas que também se sustentam na dimensão coletiva.

Neste trabalho compreendemos o Jornalismo de Dados no processo de segmentação

do jornalismo, mas que consiste em uma mudança mais radical que os movimentos de mudança entre mídias. Ele se situa nas relações entre o mundo dos jornalistas e outros mundos sociais. Para Trédan (2015), o Jornalismo de Dados se alimenta de evoluções precedentes, que são produzidas em mundos inter-relacionados. Para o autor, a prática jornalística de dados é legitimada pela combinação de mitos profissionais e ideologias de uma Web participativa com a abertura dos dados públicos.

Seguimos o que Trédan (2015) propõe para analisar os segmentos, utilizando o termo micromundo. Em sua análise sobre Jornalismo de Dados, ou como ele intitula, *datajournalism*, há uma integração de mundos. O mundo dos jornalistas passa a utilizar as convenções das práticas tradicionais do jornalismo, como a investigação, integrada por exemplo, à ideologia de transparência.

O micromundo do Jornalismo de Dados é visto aqui nas formas de cooperação entre os atores dos distintos mundos que ele abriga. Acreditamos que o micromundo do JD nos possibilita empreender uma análise interessante para compreender como os atores sociais partilham de convenções e como isso se filia no interior das carreiras. Já salientamos, no decorrer do trabalho, que não tratamos da construção da carreira como jornalista de dados. Na verdade, com base na carreira dos entrevistados, analisamos como a escolha pelo Jornalismo de Dados faz parte de uma adesão à profissão aliando o gosto por determinadas técnicas, do trabalho com as fontes, da colaboração entre pares e mundos sociais e das mobilidades e experiências biográficas dentro dos novos espaços de atuação.

6.4.1 O Jornalismo de Dados foi um *twist* na minha carreira: as mudanças na carreira

Já destacamos no trabalho que nossa análise observa o micromundo do JD como um espaço feito por profissionais de distintas áreas e que todos de algum modo fazem parte do interior deste espaço e colaboram entre si para que a atividade-fim se concretize. Ao tratar sobre o mundo das artes em uma das suas obras mais conhecidas, Becker (1982) realiza uma análise em que esse mundo deve ser compreendido a partir das cooperações e das formas convencionais dessa cooperação.

Na análise, o autor propõe que a obra de arte não depende somente do talento do artista, mas a cooperação dele com outros atores sociais é um ponto basilar para o seu sucesso. Artistas, compradores, críticos, produtores, artesãos e outros profissionais compõem

o mundo das artes. Assim, a obra de arte depende das formas convencionais de cooperação do artista com outros atores.

Nessa perspectiva, percebemos o JD como um espaço de segmentação da carreira jornalística em que novos atores integram o mundo dos jornalistas. O Jornalismo de Dados, neste sentido, viabiliza a construção de um novo espaço e de possibilidades de carreira para os diversos atores.

Neste capítulo, já evidenciamos os processos de cooperação entre os mundos e como isso é defendido pelos entrevistados como algo relevante para o jornalismo de maneira geral, mas que no espaço do JD se fortifica, e acreditamos que particularmente trata-se de um discurso de legitimação da própria área.

Ao longo do capítulo realizamos um paralelo dos movimentos ou que chamamos de ramificação de carreira entre os jornalistas e os profissionais não-jornalistas. No caso desse tópico, tratamos do movimento que denominamos de inflexão ou mudança de direção, especialmente dos entrevistados 8, 14 e 21, na perspectiva do que os levou a ingressarem no Jornalismo de Dados.

Consideramos importante destacar a trajetória dos três entrevistados como forma de demonstrarmos os movimentos encontrados a partir da análise das entrevistas. Percebemos, ao longo do capítulo, as ramificações de carreira entre jornalistas e profissionais que não são jornalistas e como ocorrem distinções quando analisamos a escolha da profissão, a formação e o paralelo entre mercado de trabalho e mesmo o ingresso no Jornalismo de Dados. Durante as entrevistas, notamos que dentro das carreiras existem profissionais que a partir do ingresso no JD tiveram mudanças bruscas de carreira.

A entrevistada 8 é jornalista e fez outra graduação como estratégia de mudança de carreira; já o entrevistado 14 é programador e a partir do ingresso no JD resolveu cursar jornalismo como maneira de se manter na carreira, e a entrevistada 21, ao ingressar no JD, teve projeção no mercado jornalístico internacional.

A entrevistada 21 frisa como o JD é uma combinação de tudo que lhe atrai em termos de gosto quando se trata da produção jornalística. O papel de outros profissionais também é destacado na fala ao auxiliarem no processo de inserção no espaço do JD.

É uma combinação de tudo o que eu gosto e é uma coisa que eu nem sabia que existia antes”. Isso foi em 2017. Eu falei: “É isso o que eu quero fazer”. Aí, eu fui atrás de cursos para aprender a fazer isso, porque, querendo ou não, exige muita técnica e conhecimento de software. Eu até troquei uma ideia com o Gabriel do New

York Times. Eu perguntei para ele alguns caminhos para quem está começando. (ENTREVISTADA, 21)

Durante a entrevista, o JD é mencionado por ela como um “*twist*” nesse processo de construção de carreira. Entendemos o termo como uma reviravolta na carreira. Ela destaca que depois de um curso realizado na área, conseguiu uma inserção no mercado internacional, o que certamente está ligado ao processo de mudanças na carreira de jornalista.

Eu resolvi aplicar, acabei passando e foi a melhor coisa que eu fiz. Foi um *twist* na minha carreira. Lá eu aprendi tudo o que eu sei da base do jornalismo de dados e jornalismo visual. Enfim, conheci pessoas muito legais, do mundo todo e que também estão nessa área. Depois, logo que eu me formei nesse curso, eu consegui um emprego na Reuters, no time gráfico deles, em Nova Iorque. (ENTREVISTADA 21, 2021)

O entrevistado 14, que é programador e na época da entrevista estava terminando a graduação em jornalismo, enfatiza que viu no jornalismo a possibilidade de mudar de carreira de exercer outra profissão, mas que o Jornalismo de Dados o “encantou” e foi para ele a junção entre programar e exercer o jornalismo.

Dentro do curso de jornalismo, eu já tinha esquecido um pouco dessa coisa de programação. Mas me veio essa possibilidade de começar a unir o conhecimento de programação que eu tinha, de lidar com dados, com o jornalismo. Aí, se abriu esse mundo do jornalismo de dados, que eu não conhecia. Eu não entrei no jornalismo pensando nisso. Eu entrei mesmo para mudar da carreira e para fazer outra coisa, mas acabou que isso me encantou – essa possibilidade de ajudar as pessoas a entender melhor dados, a princípio, bem complexos, e tirar dali informação, tirar dali valor, não para negócios, mas algo que as pessoas pudessem utilizar para exercer a sua cidadania. Isso é o que me motiva até hoje a estar fazendo esse trabalho (ENTREVISTADO 14, 2020)

Ao falar sobre a carreira, a entrevistada 8 nos coloca que estava decidida a mudar de área, pois o jornalismo não lhe trazia estabilidade. Ela fez uma segunda graduação com o objetivo de agregar os conhecimentos de estatística com o jornalismo, mas nos confessa que possivelmente esse era um plano B de carreira. A inserção no JD ocorreu no primeiro ano da segunda graduação em uma vaga de emprego que unia um “perfil analítico” e jornalismo. É muito comum encontramos o termo perfil analítico no âmbito do micromundo. Ele estaria ligado, na nossa percepção, aos profissionais que desenvolvem trabalhos de análise estatística para interpretação e tabulação dos dados.

Eu estava em um período no qual eu já tinha me formado, eu tinha passado por algumas experiências, mas eu estava trabalhando principalmente com “freelas”, então eu estava em uma situação bastante instável entre empregos. Aí, eu decidi fazer uma segunda graduação e escolhi Estatística, justamente, porque eu achava que podia ser, de certa forma, útil para o jornalismo, mas porque eu queria mudar de área mesmo. Eu descobri o Jornalismo de Dados depois disso, quando eu fui trabalhar com o Sérgio no Volt, em 2017. Foi durante o meu primeiro ano de Estatística. Ele estava procurando alguém para uma bolsa e eu achei que eu tinha o perfil da vaga: que era alguém mais analítico, mas que tivesse alguma experiência com jornalismo. Eu passei no processo seletivo. Continuei colaborando com o Volt e continuo até hoje. Foi assim que eu acabei me interessando e entrando nesse mundo do Jornalismo de Dados. (ENTREVISTADA 8, 2020)

As falas dos entrevistados reforçam o que ao longo da estruturação desta tese fomos construindo, quando compreendemos que o Jornalismo de Dados enquanto um micromundo das práticas do jornalismo contemporâneo nos permitiu empreender uma análise da forma como os indivíduos se inscrevem no interior das carreiras.

As avaliações ou projeções de carreiras são analisadas por nós tendo em vista as expressões das experiências biográficas no que tange sua relação com as dimensões individuais e coletivas de uma história de vida, que como podemos observar são distintas para os atores sociais do JD. Por isso, acreditamos ser imprescindível tratar as motivações dos entrevistados para justificar a permanência nas carreiras. Esses movimentos nos evidenciam aspectos da ideologia profissional, a orientação das decisões e evidenciam com as escolhas dependem da maneira como os entrevistados organizam a sua carreira.

6.5 O MICROMUNDO DO JD E SUAS SEGMENTAÇÕES

O próprio micromundo do Jornalismo de Dados se compõe em suas segmentações. As entrevistas foram sinalizadoras quanto ao surgimento do JD no Brasil e a formação da comunidade de jornalistas de dados, composta por todos aqueles que de maneira direta ou indireta atuam no interior do micromundo.

Isso independe dos veículos de atuação dos entrevistados. É notório que os próprios jornalistas são os defensores das técnicas desse tipo de jornalismo, que conversa diretamente com outros mundos. Alguns veículos são referenciados nas falas, principalmente os que trabalham diretamente com produções jornalísticas de dados, como por exemplo, o jornal *Nexo*. Outros são citados quando alguns entrevistados querem referenciar o início da atuação do JD no país, como é o caso do *Estadão Dados*, que hoje não investe mais diretamente em um núcleo de dados.

Os veículos de mídia, neste caso, não são evidenciados diretamente como os

responsáveis pela chegada do JD no Brasil, mas sim o trabalho dos atores em sustentar a bandeira do Jornalismo de Dados como um jornalismo que leva a uma investigação mais precisa e transparente, com a não dependência das fontes declaratórias e de informação aberta. Elementos que mantêm o espaço do Jornalismo de Dados com configurações próprias e interessantes de serem observadas.

Os profissionais realizam o que Mastrella (2019) chamou de reconversão de carreira. As entrevistas realizadas por ela com repórteres de dados evidenciam um senso de pertencimento ao grupo, que constrói um *ethos* próprio decorrente da incorporação de bandeiras ideológicas de outros mundos sociais.

As falas nos revelam uma segmentação própria dentro do micromundo quando se busca entender esse tipo de jornalismo no Brasil. Profissionais que saíram do país para conhecerem técnicas da Reportagem Assistida por Computador, implementam posteriormente em redações brasileiras e ministram cursos para outros jornalistas. Esse é o início da trajetória do JD. Esses profissionais são reconhecidos por outros jornalistas como os pioneiros do Jornalismo de Dados brasileiro e tornaram-se referência na área. Notamos, a partir desse ponto frisado nas falas, que o espaço tem uma segmentação em seu interior, onde existem jornalistas pioneiros, jornalistas experientes/atuantes e jornalistas iniciantes.

As entrevistas nos revelaram que os próprios participantes do micromundo indicam como esse espaço é construído. Durante um dos pré-campo, relatamos que os entrevistados iam nos direcionando para realizar entrevistas com determinados profissionais, pois seria um jornalista pioneiro na área, experiente, atuante ou iniciante.

Ao realizar as entrevistas durante o campo de pesquisa, passado um ano do primeiro contato, os direcionamentos para entrevistar determinados profissionais se mantiveram. Chegamos a perguntar, no final das entrevistas, se para o entrevistado teria alguém que ele achava relevante a pesquisadora ouvir. Fizemos isso como forma de averiguar se o movimento se repetiria. Os participantes evidenciaram nomes, que segundo eles, seriam imprescindíveis entrevistar, pois faziam parte do processo de implementação do JD no país, ou são profissionais atuantes na área e que propagam a bandeira do Jornalismo de Dados.

As falas foram nos mostrando que de fato o micromundo do Jornalismo de Dados é diversificado em termos de atores sociais e que existe uma própria segmentação quando se trata desses mesmos profissionais. Uma comunidade que se articula para legitimar um espaço profissional que busca expansão e reconhecimento.

Para nós ficou visível que no âmbito do micromundo existe o que vamos chamar de marcos temporais ou eventos que marcam o surgimento, fortalecimento da comunidade e ingresso de novos profissionais na área. Esses marcos nos mostram a própria segmentação dentro do Jornalismo de Dados a partir dos atores sociais que fortalecem o micromundo. São eles: os jornalistas pioneiros, que estão no marco temporal do advento do JD no país; os jornalistas experientes/atuentes, que estão no marco da formação da comunidade e expansão da prática e os jornalistas iniciantes, que estão no marco do contínuo da prática e fortalecimento da comunidade. A seguir tratamos de cada um desses grupos.

6.5.1 Os jornalistas pioneiros

O pioneirismo pode ser usado para falar de alguém que é ou foi o primeiro a abrir caminhos. O precursor ou desbravador. É assim, neste sentido, que os primeiros jornalistas de dados são reconhecidos pelos pares. São sujeitos que apostaram ou empreenderam em um nicho profissional emergente e posteriormente o propagaram.

Foram realizadas quatro entrevistas com jornalistas considerados pioneiros pelos nossos entrevistados. As falas destacam as escolhas ao longo da carreira e como o Jornalismo de Dados se insere neste contexto. Uma das referências do JD no Brasil e que auxiliou a propagá-lo no país fala que nem sabia da existência do termo quando iniciou sua atuação.

Olha, eu nem sabia que o que eu fazia tinha nome. A gente não sabia que isso se chama reportagem com auxílio de computador. Foi uma descoberta posterior, depois que eu li um livro muito importante, que foi o *Precision Journalism*, onde o autor dá forma e conceitua o que depois ia se chamar de reportagem com auxílio do computador e, décadas depois, Jornalismo de Dados. Eu não tinha nenhuma ambição relacionada a isso; eu simplesmente gostava. Dava certo, porque virava manchete. (ENTREVISTADO 1, 2019)

O entrevistado 1 destaca que o jornal no qual trabalhava no início dos anos 2000 investiu em cursos de jornalismo com auxílio do computador porque percebeu seu “potencial” e começou a trazer, uma vez por semestre, jornalistas dos Estados Unidos para ministrarem cursos para a redação. O recorte temporal feito por ele durante a entrevista nos leva a inferir alguns pontos importantes quando se trata de investimentos por parte dos veículos. Hoje encontramos um cenário diferente nesse quesito. Quando aplicamos um questionário na primeira fase da pesquisa, muitos dos respondentes apontaram que investem por conta própria na busca por competências para lidar com banco de dados. Um movimento

que certamente ocorre porque veículos não veem rentabilidade em criar ou manter um núcleo de JD.

Outro ponto que destacamos é que esse movimento de trazer cursos para dentro das redações como forma de capacitar os profissionais foi uma grande aposta no que ainda nem chamávamos de Jornalismo de Dados e que segundo o entrevistado, inspirou a fundação da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). “Os cursos eram dados pelo *Investigative Reporters and Editors*, que, depois, iriam inspirar a fundação da Abraji – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, no Brasil”. (ENTREVISTADO 1, 2019)

Os jornalistas pioneiros foram os responsáveis pela propagação do JD pelo país em uma articulação a partir da fundação da Abraji. O entrevistado 1 frisa que, durante sua passagem pela associação, treinou muitos profissionais. A ideia era capacitar jornalistas inicialmente a não depender das fontes declaratórias.

Em paralelo, em 2002 ou 2003, a gente começa a fundação da Abraji, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, cujo um dos tripés era o treinamento de jornalistas, especificamente nas técnicas de jornalismo com auxílio de computador. Eu tomei a frente disso e, nessa época, comecei a treinar jornalistas nessas técnicas mais básicas de reportagem com auxílio de computador. Eu acho que eu fiquei fazendo isso por uns dez anos na Abraji e eu estimo que eu tenha treinado uns cinco mil jornalistas e estudantes de jornalismo nesse período. (ENTREVISTADO 1, 2019)

O entrevistado 1 ainda destaca a importância do jornal *Folha de S. Paulo* e do jornalista Marcelo Beraba²² na propagação dos princípios do JD no Brasil.

Lá no começo, uma pessoa muito importante para a disseminação desse conhecimento, primeiro dentro da redação e depois fora dela, foi o Marcelo Beraba. Como secretário de redação, que era o segundo cargo mais importante na hierarquia do jornal, ele incentivou os jornalistas da Folha a fazer cada vez mais reportagens de jornalismo de previsão (como a gente chamava na época), incentivando o uso de base de dados oficiais ou a consolidação de base de dados próprias para fazer isso. Depois, como fundador e primeiro presidente da Abraji, ele sempre esteve muito claro que, para as investigações jornalísticas não ficarem dependentes da polícia ou do Ministério Público, os jornalistas precisariam desenvolver técnicas próprias de investigação. O jeito mais fácil de fazer isso, além da reportagem tradicional e da observação, é você usar os dados, entrevistar os dados. (ENTREVISTADO 1, 2019)

Quando indagado sobre o que seria o Jornalismo de Dados na sua concepção ou como ele enxerga a prática, o entrevistado coloca algo interessante que confronta com a falas de alguns jornalistas experientes/atuantes, que destacam o JD como um tipo de jornalismo

²² Trabalhou em *O Globo*, no *Jornal do Brasil*, na *TV Globo* e na *Folha de S. Paulo*. É um dos fundadores e foi o primeiro presidente da Abraji.

próprio e diferente do jornalismo tradicional.

O jornalismo de dados nada mais é do que a ferramenta – ou uma tentativa de desenvolvimento de ferramentas – para absorver essa nova realidade digital. É o nosso bloquinho com caneta, é o nosso gravador, é a nossa câmera. A diferença é que, ao invés de captar imagens ou discursos ou palavras ou sons, a gente está captando tudo que está no mundo digital. O problema é que hoje você não esconde mais a informação, botando ela dentro de uma gaveta; você esconde a informação misturando ela em um monte de ruído. O grande desafio é capturar essa massa ignóbil de dados que não faz sentido e separar o que é ruído do som e tentar encontrar significado nela. Então, para mim, jornalismo de dados continua sendo apenas jornalismo com uma ferramenta diferente. (ENTREVISTADO 1, 2019)

O entrevistado 13 relata que conheceu o JD por meio do entrevistado 1 em um projeto de implementar uma equipe multifacetada de profissionais para fazer Jornalismo de Dados no Brasil. Ele tinha participado de um evento de jornalismo de dados no exterior. “A ideia era muito mais colocar pessoas com qualidade e formações diferentes para trabalhar juntas e da equipe fazer um tipo de jornalismo que, no Brasil, não existia naquele momento”. (ENTREVISTADO 13, 2020)

Considerado pelos pares como pioneiro no país, ele ajudou a fundar um dos núcleos de sucesso do Brasil. Ao perguntarmos sobre ser considerado um dos jornalistas pioneiros, ele enfatiza dois nomes e diz que teve a sorte de ter sido agregado, podemos dizer assim, a esse processo de implementação do JD.

Eu acho que o pai do jornalismo de dados no Brasil... Tem dois, na verdade. O Cláudio Weber Abramo²³ fazia isso de uma maneira exemplar. Ele tinha a percepção de que era preciso dar acesso aos dados a jornalistas para que eles fizessem a devida fiscalização do poder público, e ele criou ferramentas para isso. Ele criou aquele projeto Excelências, que foi super premiado; ele criou a primeira grande base de dados de financiamento eleitoral; ele criou a ONG dados.org, que foi a última iniciativa dele antes de falecer. Ele fazia um jornalismo de dados muito mais com viés de interesse público e de fiscalização do poder público. O Toledo²⁴, que foi o cara que trouxe isso para dentro de uma redação mesmo. Esses dois são os pioneiros. Eu sou da segunda leva, digamos assim. Mas tive a sorte de ser puxado pelo Toledo logo no início. (ENTREVISTADO 13, 2020)

²³ É um dos jornalistas mais reconhecidos pela comunidade de Jornalismo de Dados devido aos trabalhos desenvolvidos. Foi diretor executivo da *Transparência Brasil*. Como forma de reconhecimento ao trabalho desenvolvido existe o primeiro Cláudio Weber Abramo de Jornalismo de Dados, que incentiva práticas de transparência governamental e o uso de dados abertos de interesse público.

²⁴ José Toledo é um dos jornalistas mais reconhecidos na área como pioneiro do Jornalismo de Dados no Brasil. Fundou vários projetos de núcleos de dados em redações, dentre eles, o *Estadão Dados* e da *Folha de S. Paulo*.

Já o entrevistado 2 relata sua atuação no Abraji e como foi desenvolvido o projeto de expansão do JD, e também a sua participação pela implementação da Lei de Acesso à Informação no Brasil.

Fui um dos membros fundadores. O primeiro *site* da Abraji foi eu quem fiz. A vantagem de ser velho é que eu vou falar várias vezes que eu fui o primeiro e é tudo verdade. Na Abraji, duas coisas foram muito importantes. A gente começou a expandir a instrução do jornalismo de dados e técnicas de RAC (reportagem assistida pelo computador) para os jornalistas do Brasil inteiro. Em várias redações, eu tive o privilégio de ir em várias redações que tinham como contratar instrutores internacionais. Ali, quando a Abraji foi criada, isso parou de ser privilégio. A segunda coisa foi que a gente começou a brigar por uma lei de acesso à informação pública. As reuniões, para criar a Lei de Acesso, eu ajudei a organizar, lá em Brasília na OAB, no Rio de Janeiro no Sindicato dos Jornalistas. Foi quando a gente começou a juntar uma massa crítica de sociedade civil e parlamentares em volta desse tema (ENTREVISTADO 2, 2020)

O entrevistado 17 foi contactado no período das entrevistas por ter sido indicado por outros jornalistas como um dos pioneiros no país. Mesmo sem se considerar como tal, ele destaca que quem deve achá-lo um pioneiro são seus pares e cita alguns jornalistas que acredita serem os responsáveis pela implementação do JD nas redações.

Eu olho para o Marcelo²⁵ e o vejo como um pioneiro. Embora ele não seja um manuseador de dados, eu acho o Toledo um pioneiro. Ele não é um cara que faz análise de dados, mas ele sabe ler dados. É também um pioneiro. Em 2008, 09, 10, estava todo mundo mais ou menos fazendo sem saber que estavam fazendo jornalismo de dados, porque não tinham a denominação. Mas eu acho que eles são pioneiros. (ENTREVISTADO 17, 2020)

Os jornalistas pioneiros ou pelos menos os identificados por nós durante o campo de pesquisa e que aceitaram nosso convite para serem entrevistados, trazem em suas falas o resgate da trajetória do Jornalismo de Dados no Brasil. Destacam a implementação de projetos²⁶ em redações e cursos oferecidos para jornalistas se aperfeiçoarem na área. Neste sentido, a Abraji tem papel de destaque, pois encabeçada por esses mesmos jornalistas pioneiros, expande os princípios defendidos pelo JD.

²⁵ Marcelo Soares é um dos fundadores da Abraji e participou do movimento de implementação da Lei de Acesso à Informação, além de vários projetos de Jornalismo de Dados realizados em redações.

²⁶ Não podemos deixar de destacar o papel da Folha de S. Paulo, que foi citada por todos os pioneiros entrevistados como um dos jornalistas responsáveis pela chegada do JD no Brasil. Trazia profissionais da área do JD norte-americanos para ministrar cursos. O jornal apostava no Jornalismo de Dados como uma forma de alavancar mais leitores.

A Lei de Acesso à Informação é outro ponto importante que os jornalistas pioneiros destacam. Alguns deles foram responsáveis pelo processo de discussão para aprovação da lei. Profissionais que conheceram as práticas do que hoje chamamos de Jornalismo de Dados ainda quando a Reportagem Assistida por Computador era o que caracterizava esse tipo de jornalismo. Alinhados ao que os computadores traziam para dentro das redações, eles frisam como o processo de implementação do JD trouxe um olhar diferenciado para as fontes não declaratórias, principalmente na editoria de política.

O entrevistado 13 falou de sua impressão quando se trata do Jornalismo de dados hoje nas redações. Ele destaca que, no início, os jornais investiram em equipes especializadas em JD, mas com o alto custo de manter vários profissionais de áreas distintas e com pouca devolutiva financeira, o JD hoje dentro das redações de jornais tradicionais é feito pelos próprios jornalistas que acreditam nos princípios do Jornalismo de Dados. Ele destaca o trabalho desenvolvido por coletivos e agências de dados dentro desse contexto.

Os considerados jornalistas pioneiros estão dentro de grandes redações, em projetos independentes e na academia como professores de jornalismo. Defendem os princípios do Jornalismo de Dados e destacam que a prática já está sendo difundida muito mais na visão do profissional do jornalismo do que na iniciativa dos veículos investirem em grandes equipes de dados. Para eles, o JD é uma realidade e enquanto houver dados para serem analisados, será algo mais naturalizado dentro dos espaços jornalísticos.

6.5.2 Jornalistas experientes/atuentes

O que chamamos ou denominamos de jornalistas experientes/atuentes são profissionais que são considerados pelos outros atores da área os que deram continuidade a propagação do Jornalismo de Dados no país. Estes também fortalecem a prática criando espaços, como por exemplo, encontros voltados para técnicas de JD como o Cerveja com Dados e o Coda.Br.

Pode-se afirmar diante da indução a partir das entrevistas que estes profissionais são os que sustentam a defesa da expansão do Jornalismo de Dados dentro das redações ou em outros espaços como agências, etc., além de terem criado o que seria a comunidade jornalística de dados.

Fazemos o paralelo com o pensamento de Traquina (2013), ao falar da construção de uma comunidade ou tribo, quando aborda os jornalistas como profissionais que partilham uma

maneira de ver, isto é, uma cultura noticiosa comum. Isso acaba formando uma comunidade interpretativa transnacional, que segue uma cultura profissional, competências próprias, modos de ser e agir.

Zelizer (1993) destaca que os jornalistas possuem o que ela chama de “enquadramento de referência partilhada para trabalhar”. A profissionalização do jornalismo é o principal elemento de constituição da comunidade interpretativa. Há, para a autora, um partilhamento comum de referências da cultura profissional.

Diante disso, a comunidade dos jornalistas de dados cria também uma forma de ser, agir e com competências próprias. Sustentados em culturas profissionais de mundos sociais diferentes, nos parece que os profissionais atuantes e com experiência na área fortalecem o reconhecimento coletivo da cultura jornalística e da cultura de dados abertos, por exemplo. São eles os responsáveis pela disseminação de crenças, práticas, etc.

Os autores Zelizer (1993), Maia (2004), De Maeyer *et al* (2014) e Charbonneaux e Gkouskou-Giannakou (2015) defendem que a constituição do jornalismo como uma comunidade ocorre e é demarcada pelos discursos estratégicos. O que nos apontam as entrevistas quando pensamos em Jornalismo de Dados e neste caso, fortemente pelos discursos dos profissionais mais atuantes e experientes.

O entrevistado 20, como já citado neste capítulo, defende um aceleração da expansão do Jornalismo de Dados no país dentro das redações. O fortalecimento do que ele chama de comunidade jornalística de dados é parte da fala durante a entrevista. “Hoje, temos um evento, temos uma comunidade, temos coisas que acontecem em volta dessa comunidade”. (ENTREVISTADO 20, 2021)

Consideramos o entrevistado 20 um dos jornalistas que tanto se enquadraria entres os pioneiros e experientes/atuantes. Ele é citado nesta seção porque se reconhece como propagador da prática, um jornalista atuante. Reconhecido no micromundo como um dos defensores e propagadores do JD, quando perguntado sobre o perfil de colaboração da comunidade, cruzamentos entre culturas, a resposta é contextualizada em torno de uma sensibilização dos e diretores de mídia para que possam perceber os diferenciais do JD. Ele reforça esse pensamento na perspectiva de união da comunidade em promover e “provar” o valor deste tipo de jornalismo.

A gente não pode ficar parado esperando as coisas acontecerem. A gente tem que se organizar, como comunidade. Vamos nos ajudar, sensibilizar os diretores de redações, mostrando que isso é importante e pode trazer mais assinantes, mostrar que isso tem significado no negócio jornalístico, mostrar que isso vai aumentar a

qualidade e que vai criar diferenciais para tornar o nosso papel mais importante e vai criar vantagens competitivas, vai trazer mais prêmios, vai trazer mais visibilidade, vai trazer mais impacto. É responsabilidade nossa também trazer essa visão. Acho que às vezes tem um certo... Não é todo mundo, mas às vezes a gente acaba presumindo... “As pessoas não reconhecem o valor” e ficam esperando esse valor acontecer, como se esse valor tivesse sido dado. Não tem nada dado, não tem nada garantido! A gente tem que provar esse valor e a gente tem que correr atrás. Não me surpreende que esteja surgindo uma série de iniciativas legais, que estão tentando buscar e entregar esses valores. (ENTREVISTADO 20, 2021)

Para evidenciar que a comunidade tem um fortalecimento e cresce, como também tem buscado entregar o que o entrevistado chama de “valores”, ele cita iniciativas a partir do trabalho com dados digitais e jornalismo.

A gente tem uma safra de *startups* e de novas redações que estão surgindo que trazem os dados – ou a prática com dados – no centro das suas operações. Pega o *JOTA*, por exemplo. O *JOTA* é uma máquina de processamento de dados. Pega o *Poder360*, que tem o *Poder360Data*, que é uma parte importante da operação deles, geradora de receitas. Pega o Núcleo, que acabou de surgir. Pega a *Gênero e Número*, que é só para trazer a questão de gênero sob a ótica do jornalismo de dados. Pega os trabalhos de investigações profundas que a Pública vem fazendo e que a *Amazônia Real* vem fazendo. Você tem o Meio. Tem o *Nexo*, que já ganhou prêmio por causa disso. Se a gente for para além disso, a gente tem o *Delta da Folha*, a gente tem a equipe de dados do *GI*, a gente tem o *Estadão Dados* (que está meio apagado, mas a gente tem um trabalho forte). A gente tem uma série de organizações que já estão trazendo isso para frente do seu jornalismo. A *Globo* tem posições de jornalista de dados para TV. Lá hoje está o Felipe Grandin. A gente tem uma movimentação muito importante e tem uma sinalização do mercado de que essas habilidades são apreciadas. Apesar de existir esse lance do lobo solitário... Eu senti isso em 2011 e a gente ainda sente isso hoje porque o movimento é lento mesmo, mas a gente tem uma comunidade. A gente não está sozinho completamente. (ENTREVISTADO 20, 2021)

Durante as entrevistas, surgiu a pergunta de como os profissionais viam o Jornalismo de Dados no Brasil. Um dos entrevistados que entre os pares foi indicado para ser entrevistado por nós porque é visto como experiente na área e atuante, faz um paralelo do avanço do JD no país com o fortalecimento da própria comunidade.

O Jornalismo de Dados no Brasil está avançado, eu acho. Talvez não esteja no mesmo nível que está nos Estados Unidos, mas lá tem muito investimento, principalmente por parte dos grandes veículos – The New York Times, Pró-pública. O pessoal investiu muito dinheiro em Jornalismo de Dados lá. Necessariamente com um investimento maior, eles estão na frente em termos de sofisticação. Mas o Brasil está muito bem, em geral. Tem muitos profissionais bons, a comunidade tem crescido cada vez mais, tem projetos bacanas que surgiram, editorias nos jornais que foram reforçadas ou criadas. Do que era há quatro ou cinco anos, a gente avançou muito mesmo. (ENTREVISTADO 6, 2020)

O jornalista de dados é visto pelo entrevistado 15 como aquele que está de olho em tudo, que corre e é o profissional que fiscaliza de certa maneira os bancos de dados governamentais e que “briga” pela transparência. Profissional considerado autodidata pelos pares, atuante na área do Jornalismo de Dados e considerado referência no país, ele pontua que esse tipo de jornalismo é um termômetro para a sociedade, por exemplo, quando pedidos por meio da LAI são negados.

A gente está vivendo em um mundo em que os governos, eventualmente, estão liberando menos dados. Eu acho que os jornalistas que trabalham com dados vão ser os primeiros a ver isso e brigar por isso. Então, eu acho que tem um aspecto democrático do jornalismo de dados que também é importante. Querendo ou não, se a gente não tivesse a Lei de Acesso à Informação, provavelmente a gente teria muito menos matéria de Jornalismo de Dados. Quando esses pedidos são negados, eu acho que isso é um termômetro importante também para a sociedade. Então, eu acho que tem esse aspecto também que eu não tinha comentado antes do Jornalismo de Dados, que eu acho super relevante. Querendo ou não, o jornalista de dados é aquele que está de olho em tudo. O jornalista que não trabalha com dados talvez não esteja assim tão em cima dessa transparência. (ENTREVISTADO 15, 2020)

Mastrella (2020) destaca que, diante de sua busca teórica sobre os discursos de legitimação de uma comunidade interpretativa própria e também com a realização de entrevistas com jornalistas de dados, é evidente e unânime a posição de que essa prática conserva, sim, aspectos particulares, mas marcada pelo acúmulo e continuidade de valores jornalísticos, sobretudo a objetividade e a independência. Isso, diante das tecnologias, ganha ressignificado.

Nas falas dos profissionais que identificamos como experientes/atuentes no Jornalismo de Dados é possível observar discursos legitimadores da área. Para nós, fica evidente que existe entre os jornalistas pioneiros e os jornalistas experientes/atuentes uma articulação para demarcar um território profissional. Para além da imbricação com outros mundos sociais, defendida unanimemente pelos entrevistados, estes profissionais reforçam uma autoafirmação de autoridade e de competências próprias.

Para Träsel (2014), o próprio conceito faz referência à aplicação da tecnociência às rotinas produtivas no contexto do jornalismo informativo. O objetivo ou fim disso é estabelecer reivindicações mais concretas de autoridade profissional. Perante as entrevistas realizadas, o pesquisador considera que o Jornalismo de Dados possa estar sendo objetivado para resgatar a autoridade e também a credibilidade do jornalismo, ou meramente usado como uma forma de atrair audiência interessada em visualizações.

Sobre a legitimação diante de competências técnicas e de uma dinâmica própria para

trabalhar com a profusão de dados digitais e produzir narrativas jornalísticas nesse cenário, concordamos com Mastrella (2020), ao afirmar que essa autoridade é autoconferida ou seja, os profissionais se estabelecem como mais especializado e qualificado no exercício de determinados papéis. Nesse sentido, os jornalistas experientes/atuentes ressaltam a importância do fortalecimento da comunidade, seja oferecendo cursos formativos de linguagem e ferramentas, encontros anuais, grupos virtuais em aplicativos de mensagem como forma estratégica de alcançar uma demarcação.

Maia (2004), ao abordar o que chama de modelização e discurso de legitimação profissional no âmbito do *ombudsman* de imprensa, reflete que para alcançar uma demarcação, o grupo profissional constrói discursos com base em argumentos que buscam por um estatuto profissional emancipado. A pesquisadora ainda conclui que a construção de competências possibilita descobrir aspectos de um grupo profissional, resgatando seus discursos legitimadores.

Construímos uma interconexão direta entre os entrevistados que são considerados pelo próprio grupo no âmbito desta pesquisa, como pioneiros e experientes/atuentes. Estes são os principais responsáveis pelo processo de propagação e legitimação do Jornalismo de Dados. O enaltecimento das técnicas, a defesa de bandeiras de mundos sociais, a argumentação de mais transparência e credibilidade ao jornalismo através da prática do Jornalismo de Dados são movimentos que se fortalecem cada vez mais, como constatado neste trabalho, como também apontado em outras pesquisas aqui citadas.

O que, então, percebemos de novo nessas falas? Que, de fato, elas são permeadas pelo processo de legitimação da comunidade, mas que os próprios profissionais se organizam dentro dessa comunidade em termos de papéis, posições e reconhecimento. Elas se distribuem no interior do micromundo entre os atores sociais fortalecendo a construção da comunidade que ocorre no movimento de adesão às práticas, dos discursos, dos valores, das posições, das funções e das cooperações. O campo de pesquisa nos evidenciou que existe na comunidade uma própria segmentação, que é permeada pelo reconhecimento entre os pares.

6.5.3 Jornalistas iniciantes

Os profissionais que ingressam no Jornalismo de Dados ou que iniciaram suas carreiras na área são em maior número nas entrevistas. É possível dizer que perante o cenário da pesquisa, esses atores configuram o maior contingente do micromundo, estão em alguns

casos entre os já considerados jornalistas experientes/atuentes.

A nomeação de iniciante se deu no primeiro momento porque os entrevistados assim se autodeclararam; vale salientar que não enquadrámos o iniciante no bojo dos profissionais que a princípio não teriam qualificações para atuar ou necessariamente que “não saiba” ou “pouco saiba” sobre determinado processo, linguagem, etc, mas sim, percebemos que a autodeclaração parte de um próprio reconhecimento dos entrevistados. Isso se destaca nas falas como “estou começando agora”; “ainda não sei manusear tal ferramenta”, “não me considero completo”; “preciso de mais habilidades”, etc.

A literatura costuma denominar aqueles que estão iniciando no jornalismo de “focas” profissionais aprendizes dentro da redação. Jorge (2008) na conhecida obra, *Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas*, relata que o universo redacional apresenta desafios aos iniciantes. Familiaridade com jargões da área, com a linguagem e com a construção noticiária estão entre as principais dificuldades. Nesse processo, o aprendizado no jornalismo também depende da capacidade do profissional de forjar sua própria competência. Isso ocorre nos processos de socialização com os pares (PEREIRA, 2020).

Sobre isso, Le Cam (2006) destaca a socialização como um processo dialógico, contínuo e coletivo. Assim, tornar-se jornalista, para a pesquisadora, é algo que se filia a um jogo de relações entre esses atores e ocorre pela imposição de normas e de um modo de ser. Ela ainda pontua também que isso ocorre a partir da troca de competências no decorrer da trajetória profissional.

Neste sentido, quando se trata de Jornalismo de Dados, o início é sempre marcado pelo confronto com as competências e habilidades. O encontro com práticas de outros mundos sociais, como *design*, computação e estatística é tido como o maior desafio para quem inicia sua trajetória no JD. Se no jornalismo considerado como tradicional, o “foca” se depara com um ambiente repleto de dinâmicas próprias e que devem ser absorvidas de maneira rápida (JORGE, 2008), no Jornalismo de Dados podemos averiguar um movimento um pouco parecido no sentido de absorção rápida das dinâmicas.

Embora o início de atuação no JD também seja marcado por receios e pelo processo de adquirir práticas, os profissionais se deparam com uma rede de instâncias de formação e redes de cooperação no que tange ao aprendizado de ferramentas, *softwares*, etc. Cursos introdutórios de como iniciar no Jornalismo de Dados são facilmente encontrados tanto online, como em encontros presenciais da área. A comunidade que constantemente reforça e

realiza uma movimentação de adesão à prática, cumpre o papel de introduzir os iniciantes. A Escola de Dados, a Abraji, o Knight Center e o Google protagonizam o espaço de formação para profissionais que desejam ingressar no JD.

Muitos dos jornalistas pioneiros e experientes/atuentes são os formadores em cursos e são um tipo de rede de apoio para os iniciantes. As trajetórias de vida profissional, carreira e entrada no Jornalismo de Dados dos pioneiros e experientes/atuentes, além de como manusear determinada ferramenta fazem parte do processo introdutório ao micromundo. Mostrar como o Jornalismo de Dados pode ser possível como segmento de atuação, e também fazer parte da construção de uma carreira no jornalismo são temas que também encontramos nos cursos e nos encontros.

Jornalista que é reconhecida pela comunidade, especialmente porque teve a partir do Jornalismo de Dados uma projeção de carreira internacional, frisa em sua fala o início da atuação no JD. Podemos dizer que ela configura entre os profissionais experientes/atuentes e também iniciantes já que tem pouco tempo de atuação e não se vê como uma jornalista experiente na prática.

Percebemos, de certa maneira, que alguns entrevistados, quando perguntados sobre ter experiência na área, ser reconhecido por outro profissional da comunidade como referência em determinada linguagem ou no tratamento de base de dados, tiveram a reação de revistar seu lugar no micromundo e na carreira, como também constrangimentos. Esse não reconhecimento, por vezes, por não possuir experiência na área, de ser considerado por outro ator como um profissional nesse lugar, gerou notoriamente um comportamento de: não sou eu quem posso me validar, mas meus colegas de comunidade ou trabalho, um reconhecimento estatutário (PEREIRA, 2020).

Existe, neste sentido, uma negociação das relações com os pares como uma das formas de reconhecimento profissional, uma construção de si. Percebemos esse processo extensível a toda a comunidade. Pereira (2020) coloca que a aquisição do estatuto de jornalista está diretamente ligada ao momento de inserção na profissão. Ao longo do processo, das primeiras experiências laborais e da trajetória que os indivíduos constroem suas identidades profissionais. Neste contexto, o mais interessante para o pesquisador, é a maneira como ocorre a dialética entre indivíduo/coletividade, pois ao mesmo tempo em que narra a sua trajetória, as estruturas sociais que definem as dinâmicas de uma profissão também são apontadas e podem ser percebidas. Conseguimos enxergar isso também quando se trata do

micromundo analisado.

A entrevistada 21 relata os desafios da inserção no Jornalismo de Dados e como inicialmente o sentimento de frustração esteve presente, mas também destaca o prazer de conseguir concluir um processo. Isso é visto como “vitória”. Aprender *expertises* de outro mundo profissional é sempre evidenciado com a maior dificuldade de inserção no JD.

No começo foi muito frustrante – confesso. Tinha dias que eu confesso que eu queria chorar de tão frustrante que era, porque realmente era uma coisa que eu nunca tinha visto, na minha vida, na faculdade (eu não tinha uma matéria de HTML). Então, era tudo totalmente novo. Também tem uma questão que é inerente à programação, que é você falha muitas vezes – até quando você tem muita experiência em programação. Para você conseguir fazer alguma coisa certa, tem muitos erros antes. Eu acho que demorou um pouco para eu entender isso, mas depois disso se tornou parte do processo. Depois, eu senti que as minhas vitórias eram muito mais comemoradas. Era muito mais legal quando eu conseguia fazer alguma coisa porque eu tinha sofrido para conseguir, sabe? Com relação a cursos, eu fiz o IT, que é o programa da Columbia, que é o mesmo que o Rodrigo fez. (ENTREVISTADA 21, 2021)

O entrevistado 18, quando indagado sobre o que lhe chamou atenção no Jornalismo de Dados, ou sobre o que o fez ir para a área, enfatiza dois pontos interessantes, o primeiro ter um “diferencial” e o segundo é destacado na projeção de carreira. O JD é visto por ele como uma possibilidade de afirmar um *savoir-faire*, ou seja, um saber como, de acordo com Ruellan (1993).

Para alguns profissionais iniciantes, é recorrente visualizar no Jornalismo de Dados uma possibilidade de tornar-se um profissional “mais completo”, ou com *expertises* específicas que outros jornalistas não tenham. Não há uma estratégia de investimento e progressão dentro de uma única empresa, entretanto, nos parece que os profissionais enxergam um investimento de trajetória pessoal em que as competências os impulsionam a atuarem no universo dos dados, seja como jornalista ou como especialista em tratamento de bases de dados, raspagem ou como consultor de projetos, como podemos averiguar na fala do entrevistado 18.

Eu acho que foi ter um diferencial, de certa maneira - pensando lá no começo. Acho que foi uma coisa de ter um diferencial, porque eu trabalhava em um jornal pequeno e queria ter um conhecimento além do que eu já tinha. Eu tinha – claro – projeções de carreira para ir para um lugar maior, então eu queria, de alguma maneira, ter um conhecimento a mais. O próprio jornal me forneceu esse treinamento. Claro que, no decorrer da carreira, esse meu entendimento foi mudando, de ter um conhecimento a mais para perceber que conseguia, de alguma maneira, dados de interesse público e

que poderiam reforçar as apurações. Isso foi muito importante. (ENTREVISTADO 18, 2020)

Focado em pedidos pela Lei de Acesso à Informação, o entrevistado ainda enfatiza que investir na prática do Jornalismo de Dados é também uma estratégia de fugir de pautas direcionadas. Produzir suas próprias pautas, realizar a checagem a partir de dados e produzir gera, para ele, entusiasmo. Outros entrevistados evidenciam que o JD lhes proporciona mais independência da cadeia produtiva do jornalismo, para além do trabalho com fontes não declaratórias. O senso de investigação independente pertencente aos profissionais do Jornalismo de Dados como pontuam Charbonneaux e Gkouskou-Giannakou (2015) reflete as práticas do jornalismo investigativo e, nesse contexto, também a ética profissional e os ideais jornalísticos.

Eu comecei a ter muitos retornos pela Lei de Acesso e a minha rotina de pautas se baseava bastante nisso. Eu me sentia confortável porque é ruim ficar só na mão do editor, sabe? Então, era uma forma de eu fugir desses pedidos de cima para baixo e fazer produções próprias. Eu acho que quando a gente faz produções próprias, a gente se sente mais entusiasmado, mais impulsionado a fechar pauta. Como tu produziu, como tu sugeriu, eu acabo ficando mais entusiasmado. (ENTREVISTADO 18, 2020)

Jornalista iniciante, a entrevistada 11 comenta que embora tenha “medo” de trabalhar com planilhas, aprende constantemente, realizando trabalhos. O apoio da comunidade também é colocado como importante.

Jornalismo de dados é muito isso: você está ali na prática, perdendo seus medos, entrevistando a planilha e se ligando nos *insights*, que às vezes são muito óbvios. “Caramba! Isso daqui é”. Mas, na verdade, não é. Você vai vendo que o recorte pode ser diferente, que pode cruzar uma tabela com a outra. Então, é muito isso: perder o medo, partir para cima e começar a fazer pequenas matérias, aprendendo o que é LAI, e tendo contato também com a galera da área, porque está todo mundo disposto a ajudar. Tem um grupo de jornalismo de dados nacional no WhatsApp. Qualquer coisa, sempre está um perguntando ao outro. Eu acho massa porque ninguém julga ninguém por você ser iniciante ou por estar em uma escala maior. Tem gente que é muito craque e faz tudo com os olhos fechados. (ENTREVISTADA 11, 2020)

Com mais de quatro anos inserida na área e reconhecida na comunidade como uma das jornalistas mais experientes quando se trata do uso de estatística para produzir material jornalístico de dados, a entrevistada 8 nos revela que nunca pensou e planejou trabalhar na área, e ainda não se reconhece experiente, mas iniciante. Destaca que sua intenção em fazer

uma faculdade de Estatística foi ter um plano B para a carreira como já mencionamos, caso o jornalismo não lhe rendesse trabalho. Ao se deparar com o Jornalismo de Dados, viu a possibilidade de juntar as duas áreas.

Para mim, era tudo muito novo. Eu nem sabia que existia o jornalismo de dados, então foi muito legal ver o jornalismo sob essa perspectiva. Lá em 2017, eu estava disposta a mudar de área. Eu estava indo para a estatística e eu nem pensava em voltar tanto para o jornalismo, porque essa era a realidade daquela época para mim. Eu acabei voltando para o jornalismo por outro meio. (ENTREVISTADA 8, 2020)

É perceptível entre os entrevistados o grau de reconhecimento quanto às competências da entrevistada. Foi indicada por mais 10 de nossos entrevistados como indispensável para a pesquisa, pois unia as *expertises* de um jornalista de dados. O grau de reconhecimento pelo grupo ocorre porque a jornalista trabalha com estatística e tem formação no campo. Träsel (2014) afirma que uma condição para o bom desempenho quando se trata de contextualização de uma base de dados é habilidade na interpretação de estatísticas. A desenvoltura em matemática é considerada a característica principal de um jornalista de dados.

Isso nos chamou atenção e também nos direciona para o problema que circunda o JD quando se trata da atuação dentro do próprio micromundo. Percebemos que existe um campo movediço, pois nos deparamos com variadas áreas de atuação. As entrevistas revelaram que não há uma delimitação ou um entendimento concreto por parte dos profissionais quando se pensa o que caracteriza um jornalista de dados – isso não ocorre somente para os jornalistas, mas também para profissionais de outros mundos sociais que atuam na área e se autodeclararam jornalistas de dados. Assim como existem dificuldades de conceituação no termo Jornalismo de Dados, afirmar que é jornalista de dados porque sabe fazer tal atividade ou tem determinada competência também gera inclusões.

Isso certamente nos leva para diversos caminhos, mas especialmente aponta para uma identidade em construção. A literatura não consegue de forma alguma concluir o que caracteriza esse profissional, mas atrela as competências para tal. Partindo das competências e confrontando com as falas dos entrevistados, vemos uma impressão, confusão e mesmo indefinição quando os profissionais se autodeclararam. Uma entrevistada nos fez a seguinte indagação: sou jornalista de dados, especialista em que? “O que me faz jornalista de dados?”.

Anderson (2018) observa certa relutância entre os próprios profissionais em chegarem a um entendimento sobre o que de fato é o JD. Para nós isso se dá de forma natural já que se deparam com a impressão da própria identidade. O que certamente não seria uma

relutância por si só.

Os profissionais iniciantes têm trajetórias parecidas quando se trata do ingresso no Jornalismo de Dados, mas isso não quer dizer que existe um processo naturalizado. Os momentos da carreira, o gosto, as adesões, o mercado de trabalho e outros fatores fazem parte deste contexto, como já demonstrado. Possível perceber na fala do entrevistado 14.

Como muita gente, foi por aqueles cursos do Knight Center. Eu já tinha feito o curso deles de jornalismo de dados, mas tinha feito bem por alto e tals – foi mais para ver que caminho era esse. Pouco tempo depois, surgiu a oportunidade de fazer um curso de Python para jornalistas. Com esse eu fui até o fim e reaprendi a programar, porque, na verdade, eu já não lembrava mais como programava. Mas é como andar de bicicleta: você treina um pouco, vai lembrando de vários elementos, aí não precisa partir do começo. Houve uma seleção e aqueles que se destacaram poderiam fazer um minicurso em São Paulo. Eu fui um dos selecionados. Lá eu encontrei o L.T, que hoje é meu sócio. Esse mundo se abriu para mim, com uma gama de oportunidades. Entrei no grupo do DDJ nessa ocasião também e comecei a descobrir que tem uma comunidade ao redor do jornalismo de dados e vi que não era uma coisa de improviso nem nada assim. (ENTREVISTADO 14, 2020)

No que trata a segmentação do micromundo, é evidente que esse movimento se dá a partir dos profissionais. Tanto as falas dos jornalistas como a dos profissionais que não são jornalistas são tratadas nos tópicos sem diferenciação, pois, nesse escopo, todos eles são responsáveis pela dinâmica do advento, da formação da comunidade e do contínuo da prática. Embora o marco temporal do advento do JD no Brasil não apareça nas falas profissionais que não são jornalistas, sabemos e nos foi esclarecido durante o campo de pesquisa que alguns também participaram ativamente desse movimento, como por exemplo, os entrevistados, 4, 12 e 15.

Os tópicos são nominados como “jornalistas” porque, de certa forma todos os entrevistados se autodeclararam jornalistas de dados, embora essa autodeclaração esteja em construção como iremos discutir em tópico específico. O que queremos deixar claro é que quando se trata da construção do micromundo, os entrevistados têm contribuição, sejam eles jornalistas ou não.

A partir da verificação da própria segmentação do micromundo do Jornalismo de Dados, consideramos importante discutir dentro do aspecto coletivo as competências. Um ponto relevante para pensar o micromundo do JD e que surge constantemente na fala dos entrevistados quando adentram em suas carreiras e também quando buscamos estudar objetos no âmbito do Jornalismo de Dados.

As competências marcam, inclusive, a segmentação do micromundo quando

pensamos nos profissionais que dele fazem parte. Nos parece que algumas competências determinam o reconhecimento de si, do outro e do próprio espaço profissional.

6.6 AS COMPETÊNCIAS

Tratamos no prelúdio da análise a partir do questionamento: Competências importam?, um dos temas mais questionados entre os profissionais, como foi possível constatar nas entrevistas. Na primeira fase da pesquisa aplicamos um questionário em que abordamos as competências profissionais, pois já durante o primeiro pré-campo percebemos que os profissionais tinham posicionamentos diferentes.

As falas e os posicionamentos, quando se trata de competências, variam de acordo com vivência e prática na área ou tempo de atuação. Como forma de ganhar maior adesão de novos profissionais, os experientes/atuentes validam seus discursos em torno de que não é preciso, por exemplo, saber programar ou manusear determinada ferramenta²⁷. Os pioneiros, destacam que é necessário gostar ou saber utilizar estatística básica ou ter noções de programação e visualização, já os iniciantes enxergam as competências como essenciais para atuar na área. Colocam o processo de adquirir competências como um dos cruciais para ingressar no JD.

Entre os três grupos há uma concordância que de alguma “coisa” o profissional deve saber. Como são muitas as ferramentas, linguagens e processos de produção, é necessário que quem queria fazer Jornalismo de Dados de alguma maneira tenha habilidades em uma ou mais frentes produtivas. Isso certamente converge com a impressão identitária, já que posso ter espaço de atuação, mas em muitas frentes do micromundo.

Ao tratar das competências e habilidades no Jornalismo de Dados, Grandin (2014) destaca a multidisciplinaridade. Além das técnicas tradicionais de reportagem, por exemplo, é preciso que o jornalista domine um conjunto de novas ferramentas e linguagens. Formas de analisar, organizar e visualizar as informações são exigências básicas quando pensamos na produção jornalística de dados. “Não que os jornalistas devam se tornar programadores, *designers* ou estatísticos, mas é imprescindível entender o funcionamento, a dinâmica e, principalmente, os potenciais desse novo suporte, para saber como usá-lo” (GRANDIN 2014, p. 38).

²⁷ Acreditamos que isso ocorra porque ocorre um paralelo que para ser jornalista de dados é necessário saber programar. Constatamos esse discurso nas entrevistas com os iniciantes.

Aqui cabe um adendo que consideramos instigante nesta pesquisa. Tomamos o Jornalismo de Dados a partir de um micromundo social em que os atores interagem e cooperam em uma atividade fim (BECKER, 2006). Assim, ao olharmos para os profissionais do JD, vamos averiguar como os não-jornalistas percebem as competências necessárias para colaborar com essa prática. Para tais profissionais, há em alguns casos, o caminho inverso do que o jornalista percorre no sentido de ter que compreender e adquirir habilidades jornalísticas. Alguns dos nossos entrevistados colocam como é mais simples compreender o processo produtivo do jornalismo, o que não percebemos ao contrário, quando se trata de um jornalista adquirir novas competências em áreas distintas de sua formação.

Formado em Ciências Sociais, o entrevistado 19 faz um paralelo entre sua formação e o jornalismo e o fato de estarem no âmbito das Ciências Humanas, o que ele compreende como facilitador, principalmente na escrita.

Eu acho que tem algumas coisas que são novas e tem algumas coisas que, por eu ter vindo de um curso de Humanas, são mais fáceis. Ter vindo de um curso de Humanas faz com que eu tenha habilidade de escrita maior do que alguém que tenha vindo de um curso talvez de Ciências Exatas. Estou generalizando, mas é porque a gente tem mais familiaridade. Então, a parte de escrever um texto não foi tão difícil (escrever as coisas no português correto e tudo mais). Acho que o que tem de adaptação é para você pensar: você não pode fazer um parágrafo de cinco linhas sem nenhum ponto; você não pode fazer um texto que você faria em um artigo acadêmico ou em uma dissertação. (ENTREVISTADO 19, 2020)

A pauta é colocada como algo que foi mais complexo para ele compreender, mas reafirma que por ter vindo de uma formação na área de Humanas isso foi facilitador. O que nos traz indagações, pois percebemos que o jornalismo é percebido, neste caso, como estritamente relacionado à escrita de textos.

Tem também uma questão de pauta, que às vezes pega no jornalismo: às vezes o que a gente acha que é bacana e interessante não é o que é bacana e interessante em um contexto de jornalismo. Às vezes a gente quer uma coisa que só a gente gosta. Mas, ao mesmo tempo, para essas coisas de pauta, eu acho que não existe uma fórmula mágica; é um pouco de experimentação: eu acho que vale à pena experimentar umas coisas diferentes. Acho que as coisas mais diferentes, para mim, eram isso. Eu acho que, como eu disse, se eu tivesse vindo de um curso de exatas talvez eu tivesse “penado” mais nessa parte de escrever, usar os tempos verbais corretamente. (ENTREVISTADO 19, 2020)

O entrevistado 12, que vem da área do Direito e das Ciências Políticas, ao ser indagado sobre competências no contexto do jornalismo, coloca que já entendia a lógica produtiva e não teve muitas dificuldades porque o Jornalismo de Dados não está calcado no

jornalismo tradicional: “Eu sempre vi o Jornalismo de Dados como um jornalismo que não era tão tradicional; era mais puxado para o método científico e para a comunidade científica do que para o jornalismo tradicional” (ENTREVISTADO 12, 2020).

Algumas dessas colocações nos despertam provocações no sentido de que quando se trata de competências, os jornalistas passam por processo diferente dos profissionais não-jornalistas. As entrevistas nos levam a acreditar que quando se trata de competências ou habilidades para atuar no JD, os jornalistas investem na aquisição de tais competências.

Voltando ao pensamento de Grandin (2014), o pesquisador, a partir do seu levantamento sobre as competências necessárias ao jornalista de dados, elenca cinco áreas de conhecimento consideradas mais relevantes para a prática do jornalismo de dados. São elas: Programação, Legislação de acesso à informação, Estatística, Visualização/*Design* e Narrativas para novas mídias. Segundo Grandin, as cinco competências não necessariamente são obrigatórias para o jornalista de dados, mas ao menos um conhecimento básico seria desejável, até para que possa conhecer as potencialidades de cada ferramenta.

Ainda para Grandin (2014), as mais características dos jornalistas seriam o conhecimento da legislação de acesso à informação e a narrativa, “pois de resto, pode-se trabalhar em conjunto com programadores, *designers* e estatísticos para produzir as reportagens” (GRANDIN 2014, p. 39). No que tange à colocação, verificamos que alguns dos nossos entrevistados (5, 7 e 18), por exemplo, são especialistas em pedidos pela LAI.

Quando se trata da participação de outros atores e das competências, o Jornalismo de Dados, segundo Simon Rogers (2012), tem o caráter quase revolucionário, pois proporciona nivelar o campo da mídia e permite uma prática igualitária por qualquer um. Isso se dá porque exige habilidades diferentes das usualmente adotadas pelo jornalismo convencional e que pode ser realizada com o uso de dados e ferramentas gratuitos e disponíveis na internet. De fato, o JD concebe vários atores em sua prática, mas não os enxergamos como qualquer um. Na verdade, são profissionais com experiência e capacidade de atuação em frentes como programação, estatística, visualização, etc.

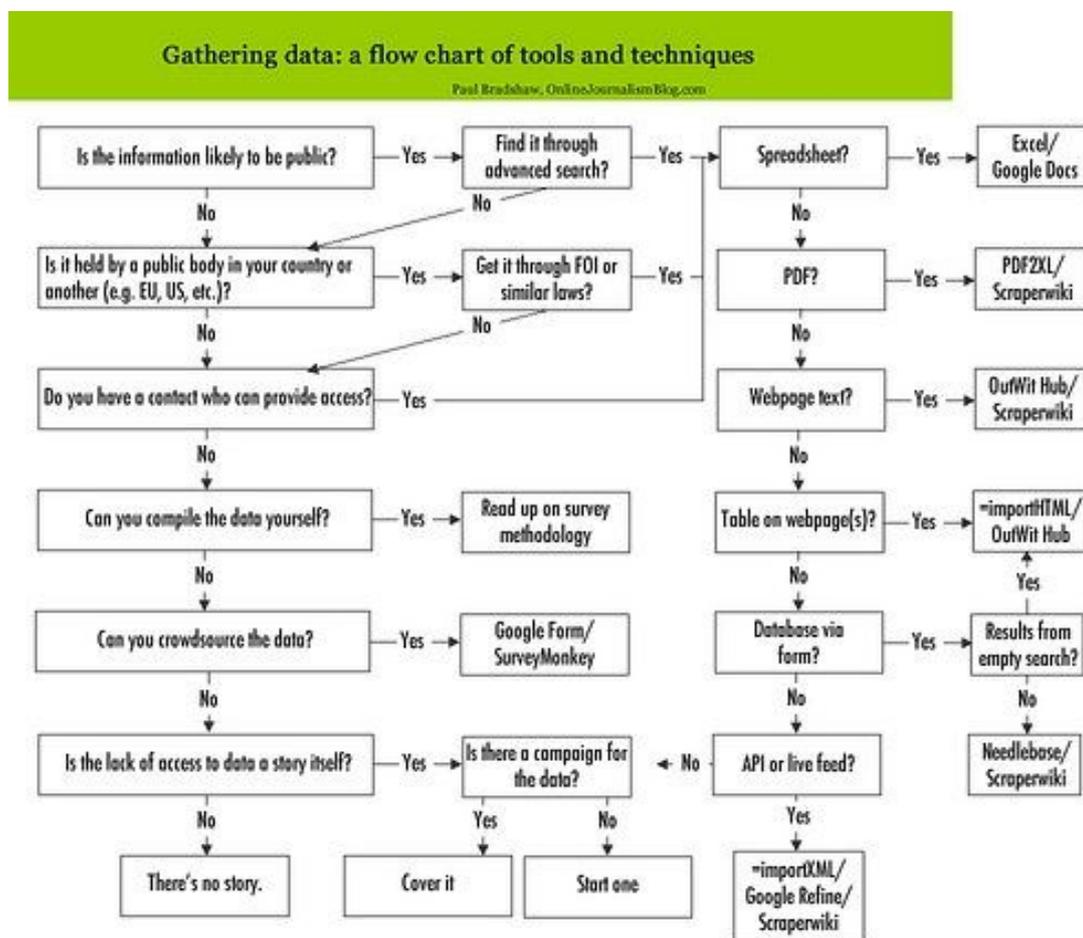
Ao pensar nas competências dos jornalistas de dados, podemos fazer um paralelo ao que sublinham Figaro, Nonato e Grohmann (2013) quando alertam que do jornalista multiplataforma se requer outro tipo de relação com o tempo e o espaço de produção da informação. Percebemos um jornalista desafiado pela instantaneidade ou mesmo pelos bancos de dados. Utilizamos o que compreendem os autores quando afirmam que normas e

prescrições da atividade nesse contexto, exige mudanças na gestão de si no trabalho.

Zanchelli e Crucianelli (2013) tratam da inserção do Jornalismo de Dados nas redações e ressaltam que a necessidade de novas competências e habilidades são indispensáveis, especialmente, quando pensamos no caráter multidisciplinar e coletivo da prática.

Para se ter uma ideia de como a exigência de conhecimento prévio na prática do JD é necessária basta analisarmos o fluxograma criado por Bradshaw (2011) sobre as etapas e coletas de dados. Nele, o pesquisador apresenta atividades que estão atreladas a alguns campos de competências específicas de outros mundos sociais como linguagem de programação, estatística, compilação de dados entre outras.

Figura 35 - Etapa de coleta de dados de Bradshaw



Fonte: Bradshaw (2011)

Assim, quando analisamos as falas dos nossos entrevistados ao serem indagados sobre ter que adquirir competências, a entrevistada 3, que é experiente/atuante da área, ressalta:

Inclusive, eu estou estudando ainda. Primeiro começou com as oficinas para aprender a usar, por exemplo, Excel (que, até então, era a ferramenta que tinha disponível para jornalista) de forma mais completa, com as fórmulas, com as tabelas dinâmicas – coisa que a gente não está habituado. Foi a primeira fase do investimento. Agora, eu estou estudando para entender de programação. Quando você entende algumas linguagens de programação, além de você conseguir analisar base de dados maiores e microdados ainda (que são bem mais detalhados e são milhões de linhas), também é possível você melhorar as visualizações e criar aplicativos no qual o leitor mesmo pode fazer a navegação e os filtros que ele quiser.

Eu ainda estou estudando isso e demanda muito tempo de estudo, porque – imagina – uma linguagem de programação nova é como aprender outra língua mesmo, então vai um tempo de adaptação. Eu já estou nesse processo há um ano e meio, estudando metodicamente. Precizou, sim, de muito estudo. Eu ainda me considero uma pessoa muito sortuda porque acabei conseguindo ter várias oportunidades de estudar de graça. Essas bolsas com cotas raciais, cotas para as mulheres entrarem no mundo da tecnologia e de dados, me proporcionaram a estar nesses ambientes e conseguir absorver esses conhecimentos. Talvez se eu tivesse que pagar, não teria acontecido isso antes. Então, teve, sim, um investimento e ainda tem. (ENTREVISTADA 3, 2020)

O relato deixa evidente a importância da aquisição de competências, e a área de programação vai estar entre as mais citadas como desafiadoras e de interesse entre os jornalistas, assim como a visualização. O entrevistado 10 enfatiza a importância de ter competências das tradicionais do jornalismo, ou da reportagem.

Você tem que saber, por exemplo, programação (o mínimo de programação para jornalista). Você tem que saber tratar de *softwares* gráficos e você tem que ter uma noção visual – saber o que é claro e o que não é, como construir hierarquia. Esses problemas que são do *design* (hierarquia, cor, tipografia) são do jornalismo também. A gente trata de hierarquia de informação. Então, é a mesma coisa. São todas habilidades que a gente tem que tirar da cartola. Eu acho que tem um mundo infinito de habilidades e competências que a gente precisa ter, que estão longes daquelas tradicionais de reportagem, que são muito válidas e são muito importantes de se ter, até porque senão qualquer desenvolvedor ou qualquer *designer* poderia fazer jornalismo bom. Eles podem até fazer, mas as habilidades de reportagem (saber o que é uma pauta, qual é o texto que ela precisa, qual investimento eu vou fazer) são importantes, mas precisam ser unidas a um conjunto de ferramentas, que não só é novo como também está todo dia mudando. No lado de programação, por exemplo, se você olhar interativos antigos da Folha, do The New York Times, tinha muita coisa em flash. Já não existe mais flash e passou a ter D3. O javascript está sendo substituído pelo react. Então, está o tempo inteiro mudando e a gente precisa ficar de olho. (ENTREVISTADO 10, 2020)

Ricardo Fotios, em publicação no *Medium.com*²⁸, discute o uso de dados como ampliação das competências do jornalista 2.0. Para ele, o Jornalismo de Dados traz novas possibilidades para o trabalho do profissional, que vão desde a definição do assunto da reportagem até a distribuição da notícia pronta, e isso requer novas competências.

É consenso entre os entrevistados que o jornalista necessita adquirir novas competências para assim aliar de maneira mais precisa e coerente sua visão analítica sobre o que pode tirar dos dados de forma fundamentada.

Pereira (2020) mostra em seu trabalho que os entrevistados por ele, “recorrem frequentemente à ideia de que a escolha pelo jornalismo foi motivada pelo domínio e o

²⁸<https://medium.com/futuro-do-jornalismo/uso-de-dados-amplia-competencias-do-jornalista-2-0-c217f6d56d07>

interesse ainda precoce por um conjunto de habilidades associadas à prática do jornalismo” (PEREIRA 2020, p. 54). Neste sentido, o autor evidencia que mais do que o desenvolvimento de competências, a representação de tais habilidades remetem na verdade ao processo de construção de um gosto por determinadas práticas.

Assim, retomamos o que já havíamos discutido anteriormente no capítulo e acreditamos que a busca por competências para atuar no Jornalismo de Dados se vincula à escolha pelo jornalismo antes de tudo e também pela ligação entre práticas, gostos e dinâmicas relacionadas a mundos sociais distintos. A carreira, neste âmbito, situa-se no afinamento entre o profissional e a área de atuação.

Compreendemos que a inserção profissional no Jornalismo de Dados pode ser observada como um processo de relações ou por que não, de negociação das competências que são necessárias para ingressar no micromundo. Notamos, de maneira especial, que os profissionais iniciantes enxergam as competências como uma maneira de avançar em uma possível contratação e diminuir as dificuldades em torno da entrada no JD. Para os pioneiros e experientes/atuentes, é fundamental que cada vez mais jornalistas se interessem em adquirir competências, pois isso reduz o tempo de formação e amplia o crescimento e visibilidade da comunidade e da prática.

6.7 NEGOCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Este tópico não trata de arcos de carreira, devemos salientar. A partir daqui discutimos os movimentos de negociação e construção identitária. Assim sendo, as interações simbólicas emergem como instâncias privilegiadas de observação quando analisamos as escolhas ao longo das carreiras. Neste contexto, os processos de negociação de identidades e estatutos, como podemos observar, implicam considerar em um primeiro momento, o processo de negociação que o indivíduo faz consigo próprio, e em um segundo momento, a maneira como as escolhas se formam em função das distintas conjunturas de interação.

Existem ainda as consequências desse processo em escala individual, onde ocorrem as mobilidades de carreira, mudanças de estatuto, gestão das motivações, e a coletiva em que ocorrem os fenômenos de segmentação, mudança de base convencional e transformações do mundo social (PEREIRA, 2020).

Ruellan (2006) desenvolveu um esquema para pensar a identidade profissional dos jornalistas em que é possível dividir as instâncias de negociação estatutária no jornalismo.

Assim, temos três grupos de atores principais: os pares, as fontes e os públicos.

Sobre os pares, o autor pontua que o jornalismo nunca teve de fato a homogeneidade que os profissionais preocupados em proteger sua identidade frequentemente lhe atribuem. “Como em todas as profissões, o jornalismo constitui um amálgama frouxo de segmentos que perseguem objetivos diferentes, de maneiras diferentes e se afirmam de forma mais ou menos frágil sob uma denominação comum, em um período específico da história” (RUELLAN, 2006, p. 31).

As fontes são vistas dentro do *continuum* para Ruellan. Isso significa que os jornalistas e as fontes não estão em campos oposto, mas sim numa situação de convergência de interesses. Quando se trata dos públicos, o autor destaca que sempre houve uma relação ambígua entre os profissionais e seus públicos.

A partir do esquema de Ruellan (2006), podemos analisar no âmbito do micromundo do Jornalismo de Dados os processos de negociação e construção de identidade em que se tornar jornalista de dados é uma questão sensível na medida em que os discursos nos parecem porosos e por vezes conflitantes. Temos um reforço das instâncias formais, como o papel das instituições de ensino superior na atribuição do processo de entrada no mercado de trabalho e competências para atuar, os estatutos adquiridos a partir de outros mundos sociais e o reconhecimento dos pares. Assim, discutirmos como a identidade profissional é permanentemente negociada nas relações que moldam o reconhecimento profissional.

6.7.1 As fontes

O ganho de autonomia e a independência das fontes oficiais é um aspecto significativo e compartilhado pela maioria dos jornalistas de dados, incluindo os participantes desta pesquisa. Segundo Träsel (2014, p. 224), “as informações extraídas de planilhas numéricas permitem ao jornalista adquirir conhecimentos que suas fontes, embora sejam produtoras dos dados, ainda não detêm”. Para o pesquisador, a imprensa reduz a influência de esforços de assessorias sobre as rotinas de produção. O que certamente permite aos jornalistas se libertarem da dependência das fontes oficiais.

Os relatos sobre autonomia em relação às fontes estão associados à imagem que os entrevistados fazem ao conjunto de práticas que são capazes de libertá-los do jornalismo declaratório, ou seja, da dependência de autoridades e outras fontes para fornecer informações.

Sobre esse aspecto, Parasić e Dagiral (2013) já evidenciaram que as formas do Jornalismo de Dados se fortalecem sobre o compromisso de uma mudança nas relações entre jornalistas e suas fontes²⁹. A ampliação do número de fontes, que ficam disponíveis com a publicação de base de dados pelas organizações, a possibilidade de acesso direto a informações sem a dependência das relações públicas e a disponibilidade de ferramentas e *softwares* que permitem realizar análises de forma eficazes e gratuitas são as motivações que os autores apontam também nesse processo.

O entrevistado 1 ratifica em sua fala que herdando do Jornalismo Assistido por Computador, o JD possibilitou uma possível inversão de ordem quando se trata das fontes. Träsel (2014, p. 227) nos aponta isso ao destacar em sua pesquisa que “ao entrevistar planilhas, em lugar de pessoas, eliminam-se as obscuridades e compromisso da relação com as fontes humanas”.

Já para o entrevistado 16, o Jornalismo de Dados se aproxima e usa métodos da comunidade científica, o que de certa forma muda a relação com as fontes. Haveria um movimento inverso de não as ocultar, ou colocá-las sob sigilo. No JD o jornalista apresenta suas fontes, bases de dados e códigos, fugindo do que se defende no jornalismo tradicional.

Eu sempre vi o Jornalismo de Dados como um jornalismo que não era tão tradicional; era mais puxado para o método científico e para a comunidade científica do que para o jornalismo tradicional. Eu explico o que eu quero dizer! Não estou falando que o jornalismo de dados tem que lidar com o que se entende por jornalismo científico, que é Astronomia, Biologia – não é isso! O que eu quero dizer é que o método do jornalismo de dados é muito próximo do método da comunidade científica. Você não esconde as suas fontes. Você apresenta suas fontes; você apresenta os seus códigos e os seus dados para que as pessoas repliquem; você depende da aprovação dos pares e depende dos comentários das outras pessoas. (ENTREVISTADO 12, 2020)

O Jornalismo de Dados se intercrucza, então, com elementos, sistemas, crenças e ethos de outros mundos sociais, ponto que se destaca nas falas dos informantes ao serem abordados sobre as escolhas de carreira. O trabalho com bancos de dados é enfatizado como a possibilidade de se cometer menos distorções ou erros postos por fontes humanas no processo de apuração, embora também sejam consultadas e utilizadas na produção jornalística de dados. O caminho percorrido seria as fontes reagirem às reportagens ou pautas a partir do que

²⁹ Destaca-se que isso se cumpre em partes, pois a maioria das bases de dados usadas pelos jornalistas são em geral produzidas pelas instituições cujo os porta-vozes são os mesmos.

foi produzido e publicado e não o contrário.

Os entrevistados avaliam suas carreiras a partir das opções que o próprio mercado lhes possibilita, avaliando o JD tanto na dimensão profissional, como pessoal. Um dos entrevistados relaciona sua escolha ao poder usar fontes com mais autonomia e destaca que o jornalismo não pode ficar refém de fontes declaratórias. Para ele, o Jornalismo de Dados possibilitou a autonomia desejada, principalmente para verificação de suas próprias ideias sobre os fatos apurados.

Eu queria ter autonomia, porque eu nunca gostei de ficar na mão dos outros. Eu acho que a gente tem que dar os seus próprios passos. A gente nunca tem que ficar correndo atrás. Uma das coisas que a Lava-Jato ensinou para a gente é que a gente não pode ficar refém das fontes do Judiciário. A gente tem que dar nossos próprios passos – isso é óbvio. O jornalismo sempre fez isso e não pode ficar refém do MP, da Polícia Federal, para construir uma narrativa. Cada um tem que dar seus próprios passos e fazer suas próprias apurações. Na Lava-Jato aconteceram algumas coisas relacionadas a isso, mas eu acho que em outros casos a gente ficou refém do MPF e dos ordenamentos que aconteciam lá em Curitiba e nas outras repartições do MP. Na cobertura de Economia, eu sentia isso: eu não queria ficar refém. Eu não queria ficar refém de consultoria de dados e consultoria de tendência. Isso me irritava! Eu queria ter autonomia para ter as minhas próprias ideias, para tentar verificar se elas eram verdadeiras ou não, se elas eram suficientes sozinhas. (ENTREVISTADO 7, 2020)

Essa autonomia contribuiria com as práticas de transparência e com um reposicionamento da objetividade como valor na cultura jornalística (TRÄSEL, 2014). Para o pesquisador, o Jornalismo de Dados permitiria alcançar o ideal de uma objetividade imaculada pelas paixões e preconceitos, tanto das fontes, quanto dos jornalistas.

O JGD permitiria, assim, atingir o ideal de uma objetividade imaculada pelas paixões e preconceitos humanos, tanto os das fontes, quanto os dos jornalistas. De fato, os jornalistas costumam temer mais a contaminação do noticiário por sua própria ideologia do que por supostos interesses escusos de suas fontes, pois estes são considerados facilmente neutralizáveis pelos rituais tradicionais de objetividade. Talvez o JGD apele mais a estes profissionais por lhes conceder segurança de não estarem manipulando involuntariamente as notícias do que por lhes garantir independência das fontes (TRÄSEL, 2014, p. 226)

Assim, os processos de reportagens ou o trabalho diário realizado a partir do Jornalismo de Dados estão no contexto das motivações quando se trata de escolhas no âmbito da carreira. Neste sentido, os entrevistados revelam que a análise estatística de uma base de dados traz um aspecto de quebra da fonte declaratória e também quando se trata de disputas ideológicas, ou de correr para o furo jornalístico que por vezes depende de uma declaração.

Um dos entrevistados, pioneiro na área do JD no Brasil, declara que a sua carreira deu uma “guinada” quando percebeu que não dependeria diretamente das fontes declaratórias,

ou seja, não teria que entrevistar determinado especialista ou autoridade. “Tudo o que eu queria era ter informações mais sólidas, mais fáceis de checar e que não dependessem de outro ser humano para serem checadas”.

Isso, para mim, foi o que realmente me fascinou e que deu resultado, quer dizer, uma coisa acabou alimentando a outra. Esse desejo inicial de me livrar dos políticos permitiu-me reaproximar dos números, fazer eles adquirirem um significado que, em uma planilha, sozinhos, muitas vezes eles não têm ou que escapa aos olhos de quem olha uma tabela sem se deter muito sobre ela, e extrair conclusões relevantes, porque, no fundo, quando você lida com números, você está tratando de políticas públicas, você está tratando de gastos, de educação, de transporte, de segurança, de uma série de coisas que são muito mais relevantes do que esse dia a dia mesquinha da política, de “fulano disse aquilo e beltrano achou ruim” ou “sicrano falou mal do outro”. Acho que foi isso o que me fez entrar por essa área e dar essa guinada. (ENTREVISTADO 1, 2020)

A fala do jornalista explica como a decisão de carreira é motivada por escolhas que se asseguram no tempo e nas experiências individuais e coletivas. Os processos envolvidos também se concretizam na dimensão das referências da profissão ou, nesse caso, do próprio micromundo.

O desejo de trabalhar com “mais autonomia”, com um “jornalismo mais transparente”, de “fontes não declaratórias” e de interesse público e aberto são mencionados pelos entrevistados como motivações de escolha na carreira e assim elemento decisivo para ingressar no JD. Vale destacar que tais motivos não são a única causa no processo como já destacado neste capítulo, mas são relevantes para se perceber as decisões que percorrem uma trajetória em seus aspectos individuais e coletivos.

6.7.2 Os valores tradicionais do jornalismo

O Jornalismo de Dados reativa valores profissionais para além da incorporação de aspectos ideológicos e discursivos de outros mundos sociais. Evidenciado pelos entrevistados como um tipo de jornalismo que refina o processamento de informações e melhora processos produtivos como pesquisa, apuração e produção de notícias, o JD para muitos dos profissionais da área expande a capacidade de investigação do jornalismo. Essa capacidade se entrelaça ao discurso de cooperativismo e da transparência.

No meio desse processo todo, você tem que tomar decisões para resolver problemas financeiros, técnicos, comportamentais, institucionais, para chegar em um projeto, no nosso caso, que envolve jornalismo de interesse público para a defesa de certos

direitos humanos e constitucionais ou de liberdade de expressão, que envolvem o jornalismo. (ENTREVISTADO 16, 2020)

Ainda nesse sentido, o entrevistado 14 nos revela como a transparência é algo importante em seu trabalho como jornalista de dados. Esse aspecto é defendido como um processo que deve ser estendido a qualquer apuração jornalística.

Sem a transparência seria bem mais complicado fazer qualquer trabalho de jornalismo de dados. Acho que sem a transparência seria complicado fazer qualquer apuração jornalística. A gente ficaria dependente da informação que a assessoria te passa. Eles vão dizer: “A violência diminuiu 99% no último ano”. Se você não tem informação para ver outros recortes e entender como isso funciona, é a única coisa que você pode relatar. Eu acho que as pessoas perdem a capacidade e o poder de reagir. (ENTREVISTADO 14, 2020)

Os profissionais enfatizam seu pertencimento ao jornalismo, mesmo que atravessados por outros mundos. Isso aparece nas falas e surge na perspectiva da objetividade jornalística. Existe por parte dos atores entrevistados a defesa pela sistematização do trabalho jornalístico, como apresenta o entrevistado 9.

Você não tem como discutir com o ministro se você não é capaz de abrir uma planilha com 200 milhões de linhas – que é a planilha do IBGE. Para você ter qualquer poder de investigação e discussão com as fontes com quem você está conversando, você tem que ter uma base mínima de dados, nem que seja para você abrir a planilha, recortar e depois trabalhar com ela no Excel. Eu não acho que todo mundo tem que ser programador, mas eu acho que o jornalismo de dados pode trazer um avanço no sentido de que os jornalistas podem ter um letramento nessa área. (ENTREVISTADO 9, 2020)

Nesse escopo, o sentido da objetividade no Jornalismo de Dados, portanto, é se afastar do noticiário declaratório. Nesse segmento jornalístico, a objetividade se estabelece pelos dados disponíveis a respeito de um determinado tema (TRÄSEL, 2014). Revela ao público, de acordo com o autor, as informações essenciais a partir de bancos de dados.

Para Meyer (2002), essa objetividade se sustenta no método como as reportagens são feitas e não nos resultados. Sob a ótica do Jornalismo de Precisão, o repórter investigativo avalia pontos de vista e tem método científico para evitar ser enganado pelos próprios preconceitos e valores.

A entrevistada 11 enfatiza que, lidar com dados públicos, por exemplo, leva esse trabalho com transparência. “Como a gente lida com dados públicos, transparência ativa e transparência passiva, política, a gente vai ter que bater em todo mundo, porque está ali, está

disponível. Contra dados não há argumentos” (ENTREVISTADA 11, 2020).

Para alguns dos entrevistados isso é evidente, além do JD dar mais condições de revelar problemas sociais, uso e execução da máquina pública, tendo como base uma apuração mais precisa e objetiva, essa prática seria, na visão dos entrevistados uma maneira de produzir material jornalístico focado no interesse público.

O Jornalismo de Dados é um herdeiro do que era o Jornalismo Assistido por Computador, em uma época em que nem todo mundo usava computador, que era basicamente, no lugar de você começar na rua com as fontes individualmente, você parte de base de dados específicas, para fazer cruzamentos e ter *insights* do que vai ser investigado, tornando aquela base acessível para a população leiga, seja através de um gráfico, um mecanismo de visualização, que a gente já conhece e também são empregados em outras áreas, seja através de coisas que, para mim, não envolvem, necessariamente só a visualização (você tem também a parte visual que pode estar envolvida no jornalismo de dados). Ele geralmente vai passar pelas mesmas etapas que passa a ciência de dados: você vai ter uma base específica bruta, você pega, processa, faz cruzamentos e tira dali *insights* para o que vai ser investigado em profundidade (ENTREVISTADO 9, 2020)

O Jornalismo de Dados teria, portanto, o objetivo de afastar o jornalismo do senso comum por meio da aplicação de tecnologias, métodos da computação em direção à ciência. Tudo isso aliado às habilidades jornalísticas do repórter. As ferramentas, os bancos de dados e programas são importantes suportes diante da profusão de dados presentes hoje no contexto informacional (TRÄSEL, 2014).

Lichtenberg (2012) aponta que a objetividade que o Jornalismo de Precisão alavanca para o JD é a missão do atendimento ao interesse público, que para ele é uma das principais forças ideológicas e de identidade profissional.

Nesta perspectiva, os métodos das Ciências Sociais e o aporte tecnológico para se associar aos ideais de aproximação com a verdade ou conferir credibilidade à produção jornalística são reafirmados (COSTA, 2009).

Eu percebi que era possível fazer muitas reportagens, em relativamente curto espaço de tempo, sem depender da boa vontade ou da má vontade de assessores de órgãos públicos ou de políticos ou de poderosos; ter um grau de precisão maior sobre aquilo que a gente podia afirmar ou não (deixava de ser opinião de alguém ou análise empírica de uma pessoa e passava a ser a frieza dos números, que podiam ser checados ou não). (ENTREVISTADO 1, 2019)

Para Träsel (2014), o compartilhamento de dados traz ganhos para redações por três vias. Primeiro, permite coletar informações de forma diferente; permite ainda reclamar para si

a observação dos princípios de transparência valorizados pelos defensores de políticas de dados abertos e transparência pública e por fim, conferir objetividade ao noticiário pela apresentação das bases de dados e modelos estatísticos dos quais as conclusões da apuração jornalística são provenientes.

Mastrella (2019) ressalta que, ao surgir como um valor jornalístico, ou princípio editorial, a transparência dá novos contornos ao cânone da objetividade jornalística. A imparcialidade e a veracidade que os veículos buscam transmitir vêm das fontes documentais, das bases de dados, do uso da estatística para interpretar e aprofundar versões e visões.

Os ideais atribuídos ao jornalismo investigativo também estão presentes nesse contexto. A denúncia de uso da máquina pública, gastos públicos, entre outros, são funções defendidas pelos entrevistados, colocando o Jornalismo de Dados como gerador de informações de interesse público. Existem, neste âmbito, a preservação das definições clássicas do jornalismo.

Juliette Charbonneaux e Pergia Gkouskou-Giannakou (2015), em pesquisa sobre o Jornalismo de Dados como uma prática de investigação no contexto da Alemanha e Grécia, afirmam que o imaginário que se absorve no JD é o mesmo do jornalismo investigativo. Para elas, o Jornalismo de Dados se utiliza do modo operacional do jornalismo investigativo, que seria a “pesquisa” para designar os procedimentos de produção e de valorização da atividade profissional do jornalista, ou seja, do papel ocupado na sociedade.

Para Marchetti (2011), o JD se enquadra nesse âmbito de um novo lugar de lutas simbólicas sobre a investigação jornalística. Seria um passo além no trabalho de investigação diante das práticas redacionais consideradas adequadas à mídia informatizada.

Assim, o Jornalismo de Dados se afirma por meio de um discurso de colaboração, transparência e novas competências, mas também se associa ao discurso dos valores tradicionais jornalísticos. Ao destacar o trabalho de Ruellan (1997) sobre a fronteira estabelecida pelos jornalistas para marcar o campo profissional, Charbonneaux e Gkouskou-Giannakou (2015) frisam que no caso do Jornalismo de Dados a reafirmação de fronteira ocorre não pelo deslocamento do centro dessa atividade, mas na extensão do comando da profissionalização, que ocorre na integração de competências e de legitimidade que atores recuperam ao adentrarem nesse micromundo.

6.8 IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

Salientamos que até determinado ponto, quando falamos de carreira, estamos discutindo uma evolução mais ou menos “controlada” da identidade dentro de um sistema laboral (STRAUSS, 1992).

O tópico trata da identidade dos entrevistados no contexto de um processo que observamos ainda se encontra em construção. A análise da identidade dos jornalistas a partir do conceito de mundo social nos permite compreender o próprio grupo e os demais atores que integram a sua rede de cooperação. Seus posicionamentos em relação a atribuição de estatuto, de construção identitária e de sua adaptação a “fronteira profissional” (RUELLAN, 1993, 1997).

Entrevistar os atores sociais do micromundo JD e analisar as trajetórias nos possibilitou perceber a partir das carreiras a construção da identidade, que está vinculada aos movimentos temporais do mercado laboral. Dessa forma não temos uma marca identitária definitiva vinculada a uma definição normativa do que é ser jornalista de dados no Brasil.

As identidades são heterogêneas, os indivíduos participam de vários mundos e de vários segmentos no interior de uma organização (PEREIRA, 2020). Dessa maneira, estabelecem de acordo com o Pereira, seus próprios projetos temporais e partilha de valores e ideologias. As trajetórias distintas como analisamos neste trabalho, no interior do micromundo do Jornalismo de Dados, explica o caráter de evolução das interações e construções de trajetórias dos entrevistados.

Notamos que as escolhas orientam, no caso dos nossos entrevistados, uma possível necessidade de negociar a sua nova identidade, que para alguns ainda é indefinida já que ocorre um elo entre as competências e o que define um jornalista de dados.

Para a entrevistada 5, que se declara jornalista de dados, há um movimento de muitos jornalistas de se declararem como jornalistas de dados por simplesmente lidarem com ferramentas. Ainda para ela, a autodeclaração em ser jornalista de dados está ligada ao mercado, ou seja, uma tendência. Se declarar jornalista de dados pode render cargos ou contratações. Esse nosso raciocínio em paralelo a fala da entrevistada é corroborado com os dados do levantamento a partir do LinkedIn.

Quero continuar sendo uma jornalista de dados, apesar de que eu vejo cada vez mais gente sendo jornalistas que lidam com ferramentas de Jornalismo de Dados. Eu me vejo como exceção. Eu me vejo com uma pessoa que bate no peito e fala: “Eu sou jornalista de dados”. “O que você é?”, “Eu sou jornalista de dados”. Eu me vejo

como exceção. Eu vejo muito mais gente se intitulando como “sou jornalista”. Aí, você pergunta para a pessoa: “Poxa! Você sabe programar em Python e sabe programar em R” (tudo aquilo que um jornalista de dados sabe fazer). Aí a pessoa: “Eu só programo, mas no dia a dia eu não faço isso”. A minha impressão: eu acho que essa é a maioria; a minoria é dizer que é jornalista de dados. Por quê? Eu acho que tem uma coisa - que hoje eu observo - de mercado. O jornalista de dados - teve uma época - que estava muito em alta. Todo mundo falava: “Toda redação vai ter um núcleo de dados”. Isso não aconteceu. (ENTREVISTADA 5, 2020)

Ela ainda complementa a autodeclaração justificando que seu primeiro contato com o mercado de trabalho ou experiência foi com JD. Isso certamente ocorre, como pode-se constatar pelo ingresso no micromundo e suas dinâmicas de produção.

Eu me declaro uma jornalista de dados por quê? Primeiro, porque eu já entrei no jornalismo com o Jornalismo de Dados. Minha primeira experiência profissional foi como jornalista de dados; minha primeira pauta foi com Jornalismo de Dados. Na verdade, acho que a minha primeira pauta foi um furo do Dória saindo da prefeitura. Minha primeira pauta não foi Jornalismo de Dados, mas foi porque eu tropecei na matéria. Vendo a minha trajetória, eu sempre gostei muito disso. Eu confesso para você que eu não acho que seja saber programar, saber usar as ferramentas. Eu não acho que é muito sobre isso. Eu acho que é mais sobre como minha mente funciona na hora de trabalhar para trazer pautas. Eu, hoje, cubro tudo. (ENTREVISTADA 5, 2020)

O movimento que a entrevistada realiza para se autodeclarar no momento da entrevista é feito de maneira enfática e com tom de irritação, é importante salientar. Segundo ela, muitos profissionais, especialmente os jornalistas, não se autodeclararam jornalistas de dados, o que impacta na área e no fortalecimento da comunidade. Podemos identificar o que a entrevistada pontua na fala dos entrevistados 6 e 11. Mas há, na verdade, um reforço em afirmar que ser jornalista de dados é simplesmente ser jornalista. Algo que nos faz acreditar ser defendido para reforçar que o Jornalismo de Dados é jornalismo ou o que eu estou fazendo é jornalismo. Uma maneira de dar crédito à prática dentro do âmbito da profissão.

Eu sou jornalista. Eu não saio falando que eu sou jornalista de dados. Eu sou jornalista só, mas eu trabalho na área de jornalismo de dados. É que ninguém fala: “Eu sou jornalista econômico”. Você pode até falar, mas em uma conversa muito específica. “Eu sou jornalista econômico” ou “Eu sou jornalista de cultura”. Você até fala: “Sou jornalista de dados”. Mas quando você vai falar com uma pessoa: “Eu sou jornalista”. Eu sou jornalista, só que trabalho com dados. Eu encaro como se fosse um editorial dentro de uma redação, e não como se fosse uma outra profissão. Algumas pessoas encaram como se fosse uma outra profissão. Tudo bem também! (ENTREVISTADO 6, 2020)

A entrevistada 11, embora trabalhe em uma agência de Jornalismo de Dados e realize produções jornalísticas de dados, não se declara jornalista de dados.

Não. Eu vejo muita gente se declarando jornalista de dados. Não tenho nenhum problema com quem se declara, mas eu sou jornalista e trabalho com dados. Eu não me declaro jornalista de dados, não, porque parece um outro nível. Não sei! Eu me declaro como jornalista. Mas muita gente se declara como jornalista de dados. Se você pensar que tem muita gente que se declara como jornalista cultural, jornalista policial, jornalista que trabalha com música. Mas eu me considero mais jornalista geral. Mas eu acho que pode ser importante para reforçar a sua área de atuação. Mas eu me declaro jornalista geral. É apenas mais uma área que eu estou aprendendo constantemente, onde eu estou trabalhando atualmente, mas não me considero “jornalista de dados”. Eu sou jornalista que trabalha com dados, que trabalha com jornalismo independente. Eu sou jornalista, de maneira geral. (ENTREVISTADA 11, 2020)

Quando se trata da autodeclaração, outros jornalistas se identificam como jornalistas de dados, mas depende da atividade que estão realizando, ou como o entrevistado 17 coloca, do projeto que está desenvolvendo. Há aqui uma correlação temporal e de produção realizada. Uma identidade entrelaçada também pelo reconhecimento dos pares como podemos observar.

Sim, sim. Me identifico, sim. Sou apresentado assim. Agora, depende se é do projeto que eu estou tocando. Outro dia eu estava fazendo um trabalho de consultoria na área de comunicação. Ali eu estava como um especialista em comunicação, que, obviamente, acaba utilizando dados ou a linguagem de dados. Não era notícia. Era um plano de comunicação. Eventualmente, tenho que dar cursos. Os cursos geralmente me chamam ou para a comunicação política ou para jornalismo de dados. Então, eu me autodenomino – ou pela comunidade também – como jornalista de dados. (ENTREVISTADO 17, 2020)

O entrevistado 16 faz uma relação com o trabalho diário com planilhas e programação com a autodeclaração. Para ele, o jornalista de dados deve investir no entendimento das linguagens e ferramentas.

Sim! Eu me declaro. Eu acho que, todo dia, eu abro planilhas. Até na nossa estrutura na Abraji: apesar de a gente fazer muita coisa, é uma associação pequena. Como uma empresa pequena, todo mundo faz tudo, então muitas tarefas de analista de dados eu continuo fazendo. Se eu preciso fazer um estudo sobre um projeto que eu estou desenvolvendo, eu mesmo abro o Python ou abro o R e faço o código necessário. Recentemente, eu fiz um projeto que a gente tem, que envolve um banco de dados de processos judiciais de políticos brasileiros. Nesse projeto, a gente tem checagem colaborativa: pessoas, voluntariamente, checam processos para a gente, para ver se são projetos de homônimos ou não. Só que muita gente, por esses motivos que eu mencionei, não sabem abrir o banco de dados de informações de políticos que a gente tem, que a gente pegou do TSE. Ou eles também – aí é outro impedimento e isso é importante dizer porque eu acho que é parte de um investimento de um jornalista de dados – não têm um computador com memória

suficiente para abrir um arquivo de 50 mil linhas. Eu criei um programa em R que transfere essa planilha de 50 mil linhas para um site interativo. O R tem isso, o Shine, que é um pacote do R. Você pode construir uma apresentação on-line de uma base de dados. Eu fiz isso e eles podem abrir na internet, sem precisar abrir no Excel. Por lá, eles podem filtrar, podem pesquisar. Isso eu fiz sozinho, sem ter um analista me ajudando. (ENTREVISTADO 16, 2020)

A identidade jornalística, como podemos observar, não deriva de representações dominantes (Ruellan, 1997) ou de uma unicidade idêntica e “sem-costuras” (Hall, 2001), mas é estabelecida por heterogeneidades.

Como discute Ruellan (2006), a identidade passa por constantes transformações. Nesse sentido, o jornalismo nunca foi formado por um grupo homogêneo. Assim, a identidade dos jornalistas de dados é vista na maneira como os atores gerenciam seus estatutos a partir da apresentação de si e das relações com outros atores ligados aos mundos sociais que o JD se interliga.

Averiguamos a dinâmica de duplo pertencimento na aquisição de estatutos concorrentes ou mesmo complementares ao de jornalista. Nosso intuito foi perceber como eles gerenciam seus múltiplos pertencimentos quando se trata de identidade e estatutos, isso ocorreu no modo como se aprestam durante a entrevista.

Os entrevistados que não são jornalistas também se encontram nessa dinâmica de pertencimento, embora possamos perceber processos distintos de reconhecimento, já que para alguns, como é o caso do entrevistado 15 ocorra uma produção jornalística de finalidade que o leva para o reconhecimento identitário.

Então, eu acho que tem momentos e momentos, sendo bem sincero. Tem algumas coisas que eu acho que eu acabo até descobrindo analisando essas bases de dados que, eventualmente, podem gerar matérias. Eu acho que fazem parte de um processo investigativo e de apuração. Nesse sentido, eu acho que eu me sinto, sim, jornalista. O que eu quis dizer é que o meu dia a dia não é o dia a dia de um jornalista que tem que escrever matérias e tudo, entendeu? Por conta disso, o que eu costumo fazer no dia a dia, que é programar, acaba ajudando para que o jornalismo de dados aconteça, do que sendo a minha finalidade produzir jornalismo de dados. (ENTREVISTADO 15, 2020)

O entrevistado 4 se coloca no duplo pertencimento ao enfatizar que é “um pouco híbrido” por estar entre um jornalista e um técnico, já que segundo ele, “não escreve” e não compreende todas as técnicas do jornalismo.

Eu tenho pensado muito nisso: eu acho que cada vez mais eu me sinto quase um técnico. Não 100% técnico, mas um técnico no sentido de que eu sou bom em uma técnica. Acho que outro dia, alguém fez uma comparação (acho que foi o Menegatti no Twitter), que era meio como o fotojornalismo, no sentido de que é uma técnica a fotografia também. Você pode explorar isso para ressaltar um lado, para ressaltar o outro lado. Eu acho que o Jornalismo de Dados é um pouco por aí: é uma técnica. “Eu sou bom em tabular e fazer relações”. Claro que eu não sou só um técnico e nem faço só o que me mandam. Eu consigo pensar essa técnica – assim como o fotojornalismo – o quanto ela deturpa para um lado e deturpa para o outro e tentar evitar, na hora de mostrar as coisas, para que elas sejam melhores representadas. Eu me vejo na Folha mais como um técnico. Eu conheço muito bem a técnica, sei as limitações, sei as coisas boas. Eu nunca escrevo minhas matérias. Meu texto não é bom, então tem sempre um jornalista perto de mim que ou propõe a pauta ou ele pega a pauta que eu propus. Geralmente, é isso! Eu posso dizer para ele: “Tem esse outro lado do que você me trouxe”... Eu me vejo mais ou menos em alguma coisa entre... Geralmente, você entende o técnico como alguém que não tem o livre arbítrio. Eu me vejo mais como um técnico, mas eu estou falando mais nesse sentido: no sentido de que eu domino muito bem uma técnica e, a partir disso, eu posso conversar com jornalistas, para eles saberem como melhor utilizar essa técnica e eu dar *insights* também do que minha técnica pode fazer por eles. Eu tenho dificuldade de me considerar plenamente jornalista, apesar que, quando eu vou preencher a profissão, eu coloco “jornalista” hoje em dia. É no sentido de que eu ainda não escrevo texto e eu também não estou totalmente a par de todas as discussões jornalísticas que existem. Eu gosto de muitas vezes ter até a conversa com o jornalista e algumas indagações jornalísticas, etc. É sempre bom ter jornalistas do meu lado, com o valor jornalístico daquilo e se é realmente interesse do leitor. Então, eu acho que eu sou pouco híbrido, entre um jornalista e um técnico, eu diria. (ENTREVISTADO 4, 2020)

O entrevistado 12 fala de sua concepção sobre o Jornalismo de Dados, que é visto por ele como não tradicional, pois está próximo do método da comunidade científica. Ele destaca que já se viu como jornalista de dados, mas exista uma ponte entre se reconhecer entre jornalista e cientista.

Eu já fui. Não estou mais. Para ser sincero, eu sempre me vi como cientista. Eu tinha essa visão no Jornalismo de Dados também: “Eu não sou tradicionalmente do jornalismo”. Eu sempre vi o Jornalismo de Dados como um jornalismo que não era tão tradicional; era mais puxado para o método científico e para a comunidade científica do que para o jornalismo tradicional. Eu explico o que eu quero dizer! Não estou falando que o Jornalismo de Dados tem que lidar com o que se entende por jornalismo científico, que é Astronomia, Biologia – não é isso! O que eu quero dizer é que o método do jornalismo de dados é muito próximo do método da comunidade científica. Você não esconde as suas fontes. Você apresenta suas fontes; você apresenta os seus códigos e os seus dados para que as pessoas repliquem; você depende da aprovação dos pares e depende dos comentários das outras pessoas. É essa a visão que eu tinha. Eu sempre me vi como cientista, por isso que eu acho que eu acabei voltando para a academia. (ENTREVISTADO 12, 2020)

O entrevistado 19 fala do duplo reconhecimento e por vezes triplo, pois destaca que é um “pouco de tudo” no universo do Jornalismo de Dados.

É um pouco de tudo. Oficialmente, eu tenho um cargo de edição e um cargo de cientista de dados. Você fica no meio de várias coisas. Eu gosto dessa coisa do “cientista de dados”, em um sentido de *marketing*. É uma coisa que está na moda, então te ajuda com um certo marketing, para algumas coisas. Eu também acho que uma das coisas que eu faço, fora do *Nexo*, é que eu pego muito *freelancer* de consultoria, com muita coisa de análise e comunicação visual. Eu peguei bastante ano passado, justamente com o meu colega, o Lucas. A gente fez vários materiais e peças de comunicação para o GreenPeace. A gente não pode fazer para outros veículos de imprensa, mas para o GreenPeace, como é uma ong, deu para fazer. Dá para fazer o que a gente faz mesmo (mapas, diagramas, gráficos, análises) e ainda tira uma remuneração extra. Você sendo jornalista de dados ou cientista de dados, você pode ter outras atuações de consultoria que são bem interessantes também. Também tem uma coisa de remuneração. O jornalismo não é uma carreira super precarizada, mas também não é uma carreira super bem remunerada. Você não vai ganhar rios de dinheiro trabalhando em um jornal. Esses dias eu vi a Maju. A Maju ganha R\$ 60 mil na *Globo*. Um médico mediano ganha R\$ 60 mil, se for um médico que já tenha mais experiência. Eu digo que, no jornalismo, você tem que ser muito destacado para você ganhar rios de dinheiro. Mas também não é mal remunerado. Acho que essas consultorias permitem a possibilidade de remuneração extra. Eu acho que é uma coisa que tem bastante demanda hoje em dia. Na imprensa e no mercado privado tem bastante demanda por análises que sejam baseadas em dados. (ENTREVISTADO 19, 2020)

Sobre isso, Baack (2016, on-line) analisa que a própria dinâmica do Jornalismo de Dados provoca em implicações sobre a identidade e autoridade profissionais dos jornalistas. Ele destaca a disseminação do espírito de colaboração, que contrasta com o comportamento dos “lobos solitários” do jornalismo investigativo tradicional. Essa mentalidade de compartilhamento é própria da cultura do código aberto, uma das bandeiras defendidas pelos *hackers*. Esse grupo, tem notoriamente simpatizantes cada vez mais presentes entre os profissionais do JD. Isso tem gerado influências nas práticas (FOLETTI, 2014), nos valores (TRÄSEL, 2014a) e na deontologia jornalística (CHRISTOFOLETTI, 2011).

Estamos falando de uma identidade híbrida, se assim podemos chamar, ou em construção para muitos dos nossos entrevistados, pois ao mesmo tempo que estão ancorados aos principais valores da cultura jornalística, também se sustentam em valores e ideais da cultura *hacker*, por exemplo. Existe um engajamento, especialmente por parte dos jornalistas entrevistados, um esforço de valorização da identidade profissional como apresentado no tópico, combinado a uma adesão de outros valores de bandeiras ideológicas de mundos sociais distintos. Para os profissionais que não são jornalistas o processo é parecido, mas em um plano de construção que percebemos é mais temporal quando se trata do jornalismo. Estão assentados em parte na visão de ideais da informática (STREETER, 2011), de métodos

científicos e dados abertos.

Percebemos o movimento que Trédan (2015) identificou como de alimentação mútua entre os protagonistas do JD. Por meio de um jogo de valorização cruzada, os profissionais de outros mundos sociais se integram cada vez mais as rotinas do jornalismo, como também sensibilizam os jornalistas em torno de questões *Open Source*, por exemplo.

6.9 AVALIAÇÃO DE CARREIRA

O que analisamos neste tópico é um movimento ou processo reflexivo diante das entrevistas. Não se trata de um arco de carreira. Tratamos sobre a avaliação de carreira a partir das falas dos entrevistados na perspectiva da dimensão individual, como refletem suas trajetórias e imaginam os próximos passos em relação ao futuro. Salientamos que, neste sentido, a experiência biográfica é o que sustenta o olhar lançado nas entrevistas. Assim, a construção da carreira no jornalismo é considerada a partir da evolução da história de vida dos entrevistados.

Os estudos sobre o conceito de carreira são amplos e estão ancorados principalmente nos fundamentos da Psicologia, da Sociologia e da Administração. Para Schein (1984), existem duas perspectivas de carreiras que se dividem em carreira interna e externa. Na dimensão externa, temos a maneira como uma sociedade determina os requisitos para uma ocupação e o prestígio que é atribuído a ela. Já na dimensão interna da carreira, temos a forma como o indivíduo planeja e avalia seu progresso profissional, como também a relevância que confere a esta.

Do ponto de vista das organizações, carreira é um dispositivo que permite a alocação de recursos, o subsídio à tomada de decisão sobre esquemas de mobilidade e o gerenciamento simbólico do nível de comprometimento de seu pessoal. Do ponto de vista do indivíduo, carreira funciona como um dispositivo para a organização da experiência subjetiva com o trabalho, como um repositório de racionalizações para ele interpretar (e justificar) os eventos que lhe ocorrem no campo profissional [...], como um apoio à tomada de decisão sobre rumos futuros a seguir ou sobre o que fazer com as oportunidades que se abrem e se fecham [...]. (BENDASSOLLI, 2009, p. 391).

Quando abordamos uma dimensão subjetiva, Becker (2008) enfatiza a interação social dos atores. Neste aspecto são vistas as interações com o local de trabalho, com os amigos, a família e a sociedade. Existe aqui a relação de interação do indivíduo com o contexto social ao longo do desenvolvimento da carreira.

Pereira (2020) parte de uma abordagem indutiva para realizar a avaliação de carreira a partir de aspectos sociológicos. Realizando entrevistas, o pesquisador apresenta as avaliações de escolha de carreiras e adesão à profissão e mobilidades, isso dentro de uma descrição por parte dos atores entrevistados das relações pessoais e profissionais que eles realizam de si e do outro.

Como salientado, os entrevistados desta pesquisa fazem uma avaliação de suas carreiras na perspectiva de onde atuam e ainda avaliam o projeto de carreira a partir de uma projeção do futuro.

Eu tenho o sonho de trabalhar em um jornal grande desses de fora, tipo The Guardian, New York Times e The Economist. Seria tipo um sonho. Mas eu também sei que é muito difícil. Seria uma coisa muito bacana, mas eu também não fico pensando nisso como uma possibilidade real. Ir para outras áreas é como eu te falei: teria que ser por muita grana, porque trocar uma coisa que você gosta de fazer por uma coisa que você não sabe como vai ser. Eu não queria trabalhar para uma empresa privada ou para uma coisa privada. Eu acho que seria mais legal fazer consultoria, porque, com a consultoria, você faz porque dá dinheiro, aí, no seu trabalho, você faz o que você gosta. Eu acho que eu também estou empolgado com a ideia de ter esse cargo de coordenação da equipe para poder pensar em coisas novas. (ENTREVISTADO 19, 2021)

O entrevistado destaca principalmente seu desejo de trabalhar em jornais internacionais, alinhando isso como um sonho profissional quando realiza uma avaliação de sua carreira. Faz um paralelo entre o desejo considerado ideal, o que não gostaria de fazer e o que pode ser feito em termos financeiros. Existem nas avaliações dos atores o que Pereira (2020) chama de benefícios materiais e simbólicos que são associados à profissão pelos indivíduos. Isso aparece no relato da Entrevistada 21:

Então, eu estou bem feliz aqui, por enquanto. Eu estou gostando bastante! É uma experiência muito legal estar em um jornal maior. Eu sempre tive curiosidade. Na Reuters foi parecido, mas era um pouco diferente, porque era uma agência de notícias, então a gente trabalhava para outros clientes basicamente. Eu estou curtindo bastante. Uma das coisas que eu gosto muito no meu trabalho é a chance de poder dar voz para comunidades que não têm tanta voz. Eu sei que eu estou em uma posição privilegiada de ter muita visibilidade, em um dos maiores jornais do mundo, então eu acho que eu tenho uma responsabilidade para falar por pessoas que não têm esse reconhecimento e essa voz na mídia. Isso é uma coisa que eu tento incorporar. (ENTREVISTADA 21, 2021)

Quando avalia sua carreira no jornalismo, a entrevistada 21 pontua a experiência de trabalhar em um jornal de visibilidade internacional. Com uma carreira que se projetou para fora do Brasil, ela destaca que o Jornalismo de Dados lhe proporcionou a oportunidade de sair do país. Quando fala sobre enxergar a carreira no futuro, a entrevistada reforça:

Eu quero continuar fazendo isso por algum tempo. Não sei se eu vou voltar para o Brasil algum dia. Talvez volte como correspondente ou algo assim. Agora também, com a pandemia, trabalhando remotamente, fica mais fácil. Eu acho que, depois disso, vai se tornar mais normal. Eu não sei, mas, por enquanto, eu estou bem realizada aqui. (ENTREVISTADA 21, 2021)

Quando um ator planeja sua carreira, é realizada uma autoanálise de sua experiência biográfica ou história de vida. Nesse sentido, ainda existe um mecanismo de projeção e de antecipação das trajetórias possíveis, pensadas a partir das condições de mercado e da própria evolução da profissão (PEREIRA, 2020).

Podemos perceber o processo de autoanálise na fala do entrevistado 1, quando este afirma que enquanto houve espaço e sustentação financeira do mercado no diz respeito ao JD, ele irá continuar atuando na área.

O Jornalismo de Dados foi onde eu fui mais feliz no jornalismo, por uma razão simples. Para você conseguir fazer Jornalismo de Dados, é necessário concentração absoluta em uma tarefa apenas, que é aquela que está à sua frente, para você conseguir abstrair tudo o que não é relevante e tentar algum tipo de conclusão, fazer algum tipo de momento eureka, ter algum momento de descoberta de algo que seja de interesse público e que estava ali oculto naquela massaroca de dados. Para isso, é necessária extrema concentração. Já está provado por mais de um estudo de psicologia social, de neurocientistas, que a concentração está ligada à felicidade: quanto mais concentrado o cérebro consegue ficar por mais tempo, mais feliz a gente é. Hoje em dia, a tendência é justamente a oposta. A gente tem demandas “n” ao longo do dia, para nos distrair daquilo que a gente está trabalhando e daquilo que a gente está fazendo. Então, para mim, o Jornalismo de Dados é um momento de “higiene mental”. Eu vou sempre buscar continuar fazendo, como eu disse, enquanto tiver alguém disposto a pagar por isso. (ENTREVISTADO 1, 2019)

Avaliar a carreira, ou mesmo planejar, requer uma visualização do passado, do presente e do futuro. Becker (2008) esclarece que esse tipo de análise por parte do indivíduo possibilita que haja uma antecipação das possíveis mobilidades no interior de um mundo social.

Quando fazem essa avaliação, os entrevistados perpassam pelos âmbitos pessoais e também profissionais, em um movimento que se concretiza na maneira como o indivíduo se

insere nos arcos temporais que formam uma determinada carreira, ou mesmo um projeto de carreira (PEREIRA, 2020).

A experiência biográfica no contexto das dimensões individuais e coletivas nos fazem compreender as motivações que os entrevistados destacam em suas falas para avaliar e justificar a continuidade na carreira, como é o caso do entrevistado 6.

Eu desenvolvo projetos, né? Essa é a minha área: desenvolver projetos, seja para produzir conteúdo, seja para produzir aplicação, seja para consultoria. Eu sou um jornalista que se especializou em projetos. Eu gosto de desenvolver um projeto do zero para algum lugar. Essa é a minha área. Mais que o jornalismo de dados, a minha área é desenvolver projetos, só que eu desenvolvo projetos de dados. Mas eu já fiz outras coisas também, sem ser na área de jornalismo de dados. Mas é uma área que, de fato, eu trabalho; é uma área que eu gosto e me identifico. Mas eu sou um cara que gosta de fazer projetos, então eu vou continuar fazendo isso. (ENTREVISTADO 6, 2020)

A avaliação ocorre para nós nos contextos das interações, reconfigurações identitárias e das histórias de vida. Nesse aspecto, as motivações, as escolhas, os gostos, as adesões e o papel do outro são movimentos que culminam a construção da carreira. Por isso, levamos em consideração trazer esse breve tópico, pois este surge na pesquisa a partir das falas dos entrevistados. Mesmo não sendo um arco de carreira, envolve um mecanismo de projeção e de antecipação das trajetórias possíveis, do olhar sobre as condições do mercado do JD e da própria evolução da profissão.

Avaliar as perspectivas de carreira é revistar o planejamento dos objetivos traçados pelos profissionais mesmo que de forma breve como feito neste tópico. Nesse sentido, é lançado um olhar de antecipação das evoluções de estatuto no interior do micromundo e o próprio engajamento em relação a carreira e aos valores da profissão.

Considerações do capítulo

A proposta deste capítulo foi analisar, a partir das entrevistas, as motivações comuns entre os atores sociais entrevistados para escolher atuar no Jornalismo de Dados. Isso é discutido por nós no âmbito da perspectiva do gosto por práticas que estão fincadas em mundos sociais distintos e presentes no JD. As escolhas fazem parte de uma dimensão como frisamos, individual e de ação coletiva de escolher uma profissão. Para isso, analisamos a trajetória dos indivíduos desta pesquisa não de uma forma lógica e circular em que a trajetória é percebida dentro de uma visão coerente e igual para os atores (BECKER 2006), pois assim

não conseguimos entender o fenômeno analisado.

O Jornalismo de Dados certamente não provou com a adoção da internet como mídia, grandes mudanças para além da superfície das descrições de produtos e melhores práticas, como pontua Träsel (2014). Mas observamos maiores mudanças no próprio profissional que atua nesse micromundo. Ingressar no Jornalismo de Dados é, para os entrevistados, um momento importante na carreira, possivelmente um divisor na maneira de se perceber jornalista. Encontramos, a partir das falas, que o ingresso no JD apresenta um processo de visada do próprio mundo a partir da experiência de si e dos pares.

Abordamos o termo adesão, utilizado por Travancas (1993), para discutir o envolvimento que o profissional tem, gerando um estilo de vida ou mesmo uma integração com o mundo do trabalho, algo que vai além do simples exercício da profissão. A escolha pelo JD, neste sentido, ocorre diante das especificidades do micromundo e dos seus sistemas de interações, onde são definidos os papéis e as cooperações.

A convivência entre jornalistas e não-jornalistas (de mundos distintos) neste universo, provoca uma construção de comunidade e de identidade que se realiza em um contexto em que diversas áreas da vida social dos atores se misturam. Assim, para analisarmos a carreira, levamos em conta as histórias de vida com curvas e oscilações, pois a própria vivência profissional é um processo de complexidade.

Os profissionais entrevistados trouxeram para a pesquisa a partir do seu ingresso no jornalismo e no JD a avaliação de suas experiências biográficas tendo como base a posição, o estatuto e seus projetos de carreira.

Os arcos de carreira para realizar a análise nos possibilitou verificar os movimentos dentro do micromundo do JD como demonstrado. Para além disso, o percurso de inspiração etnográfica fez emergir também reflexões sobre os movimentos de negociação e construção identitária e de avaliação de carreira dos entrevistados. Temos, a partir do capítulo apresentado, um espaço fecundo de discussões e projeções, que na medida dos nossos esforços, apresentamos nesta análise.

7 CONCLUSÕES

O caminho percorrido nesta tese é estruturado em uma análise sobre a carreira dos jornalistas de dados brasileiros. Para isso, utilizamos o método de histórias de vida, reconstruídas por meio de entrevistas abertas em profundidade e observação participante.

A partir da análise da trajetória dos profissionais entrevistados, o intuito principal foi reconstituir o processo de gestão individual e como as esferas coletivas da profissão participam diretamente das carreiras e do espaço de trabalho. Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa foi o de analisar a carreira dos jornalistas de dados brasileiros, e para tal realizamos uma investigação das trajetórias individuais e processos de escolha ao longo das histórias de vida dos profissionais.

O nosso problema de pesquisa partiu do questionamento de como o Jornalismo de Dados, enquanto um segmento do mundo dos jornalistas, configura-se no contexto das carreiras dos profissionais que nele ingressam. A resposta ou discussões a que chegamos são estabelecidas sobre as mudanças na carreira, isso a partir da percepção subjetiva da trajetória. As interações, sentimentos de continuidade ou rupturas e evolução são tomadas pelos entrevistados na forma como eles organizam suas trajetórias.

O Jornalismo de Dados, podemos afirmar, dentro dos achados desta pesquisa, implica um laço particular entre os atores e sua profissão como jornalista, pois, para muitos, o JD se configura como um tipo de jornalismo almejado quando se trata dos princípios de investigação e transparência, para outros, uma oportunidade de mudança na carreira, para todos, um ideário de jornalismo.

Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa se propôs em um primeiro momento observar o micromundo do Jornalismo de Dados a partir das redes de cooperação do mundo dos jornalistas, que conta com a participação de atores, instituições e convenções de outros mundos sociais, o que foi possível constatar nos dois pré-campo realizados.

A construção de identidade que tange ao segundo objetivo específico foi um ponto importante que sustenta as discussões de análise. Há profissionais que por vezes não se reconhecem como jornalistas, pois acreditam que o jornalista tradicional não tem o perfil analítico que o jornalista de dados tem, ou que simplesmente se reconhecem e defendem que são meros jornalistas, mas com competências diferentes. Essa é uma identidade em construção que se pauta em crenças de mundos profissionais distintos.

A análise das carreiras possibilitou para a pesquisa discutir e compreender como os

participantes do micromundo do Jornalismo de Dados negociam um conjunto de práticas e posições dentro da coletividade. A tese não buscou descrever as carreiras como um conjunto típico; na verdade, nossa proposta foi discutir e compreender as transformações no mundo dos jornalistas.

Não tratamos da construção da carreira no Jornalismo de Dados, mas como os atores processam suas escolhas a partir da gestão individual e coletiva da carreira no jornalismo. Sendo assim, o JD faz parte das processualidades de mudanças identitárias e do mundo dos jornalistas. O percurso metodológico empreendido nos possibilitou entender esses processos. É nesse escopo que encaminhamos as considerações desta pesquisa.

Analisamos a carreira jornalística em arcos temporais, o que nos auxiliou ver as fases ou etapas do processo de negociação entre as escolhas e motivações individuais que surgem em momentos da carreira, como também as convenções e resoluções coletivas em torno da cultura profissional. Os processos que organizam as carreiras nos possibilitaram estruturar os arcos de tempo que podem ser vistos nas estratégias individuais que crescem com um sistema organizacional.

A perspectiva teórica adotada nos permitiu olhar para os atores sociais do micromundo do Jornalismo de Dados sem o objetivo de definir o grupo como uma categoria social, ou mesmo, dizer o que são os profissionais do JD, escolhendo tratar as carreiras enquanto um processo. A abordagem interacionista nos permite ter esse olhar para o objeto da pesquisa e o *corpus*.

Analisar esse contexto no âmbito dos mundos sociais foi fundamental para compreender como se estrutura o micromundo do JD. Os discursos, as cooperações e as interações entre mundos sociais marcam o que chamamos de micromundo do Jornalismo de Dados.

Assim, discorreremos a seguir os principais contextos de considerações obtidos no percurso da pesquisa e que fazem parte das contribuições que deixamos nas conclusões da seguinte tese: A carreira é marcada por escolhas e motivações. As experiências que o indivíduo tem sobre si e sobre o mundo permitem o processo de avaliação dos motivos que envolvem escolher, neste caso, a profissão, destacando as dimensões individuais (STRAUSS, 1992). Percebe-se que a escolha pelo jornalismo como profissão está diretamente relacionada ao contexto de variados fatores, desde os já propagados nos estudos sobre carreira no jornalismo até o que o ator social compreende de si e do outro.

Retomamos aqui o que consideramos um dos arcos mais importantes na nossa análise. O arco temporal de escolha de profissão nos revelou um panorama da permanência dos mitos sobre o jornalismo e o jornalista, que já estão vinculados ao exercício da defesa da democracia, por exemplo, mas também no âmbito dos entrevistados se firma em crenças e valores de outras áreas que fazem parte do JD, como a defesa do código aberto.

Esse movimento é distinto para os atores que não são jornalistas. A perspectiva da escolha profissional se baseia também em gosto por determinada prática como ocorre no jornalismo, mas não tão fortemente nos mitos e imagens da profissão. Partindo do percurso da carreira e entrada no Jornalismo de Dados, neste contexto, conseguimos concluir que o ingresso no micromundo do JD marca uma mudança, seja para os jornalistas ou não-jornalistas.

Temos processos absorvidos por profissionais que adentram em um espaço que tem fortemente um movimento de cooperação entre diferentes mundos. Jornalistas se debruçando no aprendizado de linguagens e uso de ferramentas da Computação, do *Design* e da Estatística na maioria dos casos e, cientistas de dados, programadores, por exemplo, buscando quebrar suas limitações de compreensão das dinâmicas produtivas do jornalismo, mas valendo destacar que, para estes, o processo de produção jornalística é considerado mais fácil de ser absorvido e compreendido na rotina de trabalho, como relatado nas entrevistas.

Pesquisas anteriores já discutiam e constataram o quanto os jornalistas absorvem princípios da comunidade *hacker*, da filosofia do código aberto e do movimento dados abertos (ROYAL, 2010; PARASIE e DAGIRAL, 2013; LEWIS e USHER, 2013, 2014; TRÄSEL, 2014a; TRÉDAN, 2015).

Entrevistar atores que não são jornalistas foi essencial no processo de análise do micromundo, pois nos revelou a dinâmica que Trédan (2015) chama de valorização cruzada, em que os profissionais que não são jornalistas se integram mais às redações, como também os jornalistas são sensibilizados a práticas do *Open Source*. De fato, temos uma valorização cruzada de áreas, marcada pelo discurso *hackerativista* e produções mais colaborativas e baseadas na cultura do compartilhamento. Assim, uma rede de indivíduos estão envolvidos na realização de uma atividade em que as cooperações e o conjunto de afazeres se estende sem restrições e limitações do que Becker (1982), reconhece como “*âmago*” (*core*) de um mundo social.

As escolhas, o gosto por determinada área ou prática marcam as motivações e

decisões de carreira, mas esses elementos por si só não explicam sozinhos essas decisões. Deve-se destacar que esse movimento faz parte de uma ação coletiva maior, que diretamente envolve o outro, o que fortemente surge na fala dos entrevistados.

Quando conseguem ingressar no mercado de trabalho, os jornalistas passam a orientar suas escolhas com base na posição e estatutos obtidos, fazem uma avaliação de suas experiências e as projeções com relação ao futuro. Dessa forma, Pereira (2020) pontua que esse movimento explica a multiplicidade de trajetórias possíveis, entre elas a passagem por segmentos. Partindo dessa observação, concluímos que o JD se configura nesse contexto. Aqui pode se somar as motivações ligadas ao gosto pelo trabalho desenvolvido e à busca de novos desafios em que também se alinham a ordem material e simbólica quando se avalia a carreira.

O jornalismo é uma profissão de carreiras dinâmicas, com variadas possibilidades. Os chamados segmentos, ou como preferimos intitular, os micromundos, revelam a heterogeneidade do mundo dos jornalistas, o que visivelmente faz surgir mudanças na identidade. As transformações, neste sentido, aparecem para nós no âmbito das redes de cooperações.

A presença ativa de atores e convenções vindas de outros mundos sociais acabam por delinear o que Ruellan (1997) já afirmava ao dizer que no jornalismo a identidade não deriva de representações dominantes. No espaço analisado, essas identidades são resultantes do processo de socialização profissional que ocorre no ambiente laboral. Seria em aspectos identitários um profissional heterogêneo, que partilha ou adota tanto traços da identidade tradicional jornalística e valores culturais, como ao mesmo tempo se assenta nas crenças da cultura *open data*.

Sobre o próprio micromundo do Jornalismo de Dados, constatamos que existem suas próprias segmentações, sendo estas sustentadas ou reconhecidas a partir do contexto de surgimento da prática no país, momento em que jornalistas iniciam seus trabalhos na área. Um cenário ainda embrionário com investimento das empresas de mídia e formação de núcleo de Jornalismo de Dados dentro das redações, com destaque para as primeiras formações de jornalistas na área, em sua maioria fora do Brasil. Nessa conjuntura, temos os considerados jornalistas pioneiros do JD, ainda marcado pela Reportagem Assistida por Computador.

Um segundo segmento se configura já em um momento de certa expansão da prática. Aqui os jornalistas experientes/atuentes, marcam um esforço de fortalecimento do Jornalismo

de Dados dentro das redações e também a formação do que pode ser reconhecida como a comunidade do JD brasileiro. Mais jornalistas iniciam um processo de mudança de carreira com entrada na área, seja por escolha sustentada no gosto por práticas ou no que o trabalho com esse tipo de jornalismo pode proporcionar, como por exemplo, maior independência com relação às fontes.

O espaço se fortalece no discurso *hackativista* com defesas de bandeiras ideológicas tanto do jornalismo como da cultura *hacker*. A presença e cooperação entre mundos distintos também tem discurso de defesa pelos participantes, principalmente os jornalistas que passam a defender equipes multidisciplinares. Um perfil analista é discutido pelos profissionais em que os experientes/atuentes passam a reverberar dentro da própria comunidade. Esse perfil seria marcado por jornalistas com conhecimento estatístico, de programação, etc. Aqui, profissionais não-jornalistas são reconhecidos como importantes sujeitos no fortalecimento do JD e muitos deles autodeclarados como jornalistas de dados.

Em um terceiro segmento, temos os jornalistas iniciantes, profissionais que adentraram no micromundo por mudança de carreira. Recentes na atuação, muitos não se reconhecem como jornalistas de dados, seja por não dominar determinada linguagem ou ferramenta, em que as competências passam a ser um mecanismo determinante, ou mesmo por ainda não se reconhecer nesse espaço ou ter realizado poucos trabalhos. O olhar desses atores para os pares que são reconhecidos como pioneiros, experientes/atuentes é um parâmetro, neste sentido, de autoconhecimento, em que se não desenvolvo o que tal pessoa faz, não sou ou posso me considerar jornalista de dados.

Nota-se aqui um ponto interessante em relação ao cenário mercadológico, pois os núcleos de dados passam a não mais operar nas redações como no formato inicial e, o foco passa a ser não em equipes multidisciplinares, mas no profissional. Naqueles que produzem Jornalismo de Dados. Sendo assim, muitos jornalistas investem na formação em JD por meio de cursos, com a perspectiva que isso pode ser um diferencial em termos de competências e de reconversão de carreira. Os não-jornalistas já não se enquadram nesta perspectiva, pois, em sua maioria, são contratados ou convidados para atuarem no espaço do JD, por terem competências específicas em programação, estatística, análise de banco de dados, entre outras. Há, nesse âmbito, um investimento maior em formação técnica por parte dos jornalistas.

Diante desse panorama, temos uma comunidade que busca se fortalecer e com características próprias, como discurso legitimador, articulação de demarcação de um campo

profissional, autoformação na busca por competências técnicas e com discursos de bandeiras ideológicas bem demarcadas. O micromundo do Jornalismo de Dados apresenta a possibilidade de mudanças ou de redirecionamento da carreira, seja para os jornalistas ou não-jornalistas.

Conclui-se a partir das falas dos entrevistados que os valores clássicos do jornalismo permanecem e são defendidos dentro da prática do JD. Notamos uma argumentação constante de que o Jornalismo de Dados é jornalismo, inclusive com dimensões que potencializam ou “melhoram” aspectos como da apuração e da pesquisa, que aliadas aos princípios de transparência, por exemplo, trazem mais confiabilidade no trabalho jornalístico perante o público. Mesmo com filiações com mundos sociais distintos, o ideário do jornalismo é reforçado.

O ingresso no micromundo é marcado, como pontuam os entrevistados, por variadas motivações e escolhas. É importante destacar algumas que consideramos elementares. A redução da dependência de fontes oficiais, autonomia em se pautar e não submete-se necessariamente ao crivo de chefias, trabalho colaborativo entre os pares – a competição existe no micromundo – mas a defesa de produções em equipes multidisciplinares, como os integrantes destacam, está presente nos discursos, especialmente dos jornalistas experientes/atuentes.

É fundamental retomar nas nossas considerações o que foi possível analisar a partir das entrevistas. Embora as motivações sejam por vezes comuns entre os atores, quando se trata da escolha em atuar no Jornalismo de Dados, dentro da perspectiva do gosto por práticas que emergem de outros mundos, essas escolhas fazem parte de uma dimensão de ação coletiva de escolher uma profissão ou campo de atuação. O aporte teórico conceitual de sustentação desta pesquisa, vindo do paradigma interacionista, permite-nos visualizar esta dimensão. Desse modo, a lógica e dinâmica circular de uma trajetória coerente e igual para os indivíduos entrevistados não nos ajudaria a compreender o fenômeno estudado (BECKER 2006).

Esta tese parte da defesa que a carreira como um fenômeno social, institucional e individual possibilita olhar para as relações de um ator social, seja com um grupo profissional, com as organizações ou com o próprio mercado de trabalho. Por fim, corroboramos e fechamos nossas considerações conforme o que enfatiza Strauss (1992), quando diz que no contexto de uma carreira, as trajetórias individuais e o sistema organizacional, com seus

mecanismos de configurações e segmentação, evoluem paralelamente.

As trajetórias individuais dos entrevistados deste estudo não são analisadas de maneira separada dos processos de atribuição de estatuto e rotulação por uma coletividade. Becker (2009) defende que é nessa perspectiva que conseguimos analisar as carreiras. Enxergamos, a partir disso, o desenvolvimento de mecanismos tanto individuais, como coletivos que marcam as negociações, estas frequentemente suscetíveis às mudanças e descontinuidades.

Por fim, consideramos que o estudo das trajetórias dos atores sociais do micromundo do Jornalismo de Dados nos permitiu analisar as articulações que ocorrem nas dimensões da vida pessoal e profissional e a maneira como os indivíduos atuam e se realizam em suas carreiras no jornalismo.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. O Jornalista: do mito ao mercado. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 2, n° 1, 2005.
- ADGHIRNI, Zélia. Leal. **O Jornalista: do mito ao mercado**. Florianópolis: Insular, 2017.
- AGRE, P.E (1997) Toward a Critical Technical Practice: Lessons Learned in Trying to Reform AI. In: BOWKER, G.; STAR, S.L.; TURNER, B. (Eds) **Social Science, Technical Systems, and Cooperative Work: Beyond the Great Divide**, Mahwah, NJ: Erlbaum, p. 130-157.
- ANDERSON, C. W. Between the Unique and the Pattern: Historical Tensions in our Understanding of Quantitative Journalism. In: LEWIS, S. (ed.). **Digital Journalism, Journalism in an Era of Big Data: Cases, Concepts, and Critiques**. Digital Journalism, 3(3):321-330, 2015.
- ANDERSON, C. W. **Apostles of Certainty: Data Journalism and the Politics of Doubt**, New York, NY: Oxford University Press, 2018.
- ANDERSON, C. W. Notes Towards an Analysis of Computational Journalism. **HIIG Discussion Paper Series**, n. 1, 2012. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=2009292>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, p. 30- 89, abr./jun. 2013.
- ANGÉLICO, F. **Lei de acesso à informação pública e seus possíveis desdobramentos à accountability democrática no Brasil**. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012.
- ANGELIN, Paulo Eduardo. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 3, n. 1, jul./dez. 2010.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BAACK, S. What big data leaks tell us about the future of journalism and its past. 2016. **Internet Policy Review**. Disponível em <https://policyreview.info/articles/news/what-big-data-leaks-tell-us-about-future-journalism-and-its-past/413>. Acesso em: 23 ago.2018.
- BARBOSA, Suzana. Banco de Dados como metáfora para o jornalismo digital de terceira geração. In: **Anais VI Lusocom**, Covilhã, Portugal, abr., 2004.
- BARBOSA, Marialva. Imprensa, poder e público. Niterói, **tese de Doutorado em História**, UFF, 1996.
- BARBOSA, S. **Jornalismo digital em bases de dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. 2007. 329 f. Tese (Doutorado em Comunicação e

Culturas Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/tese_suzana_barbosa.pdf. Acesso: 20 maio 2018.

BARBOSA, S. O que é Jornalismo Digital em Base de Dados. In: **15º Encontro Anual da COMPÓS, UNESP-Bauru**, jun/2006. Disponível em: http://www.academia.edu/15328433/O_QUE_%C3%89_JORNALISMO_DIGITAL_EM_BA_-_SES_DE_DADOS_1. Acesso em: 12 maio 2018.

BASTIN, Gilles. Les professionnels de l'information européenne à Bruxelles: Sociologie d'un monde de l'information (territoires, carrières, dispositifs). 2003. 637 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Ecole Normale Supérieure de Cachan, 2003. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01385480/document>. Acesso em: 5 maio 2019.

BAZZO, Jessica; MARTINS, Dalton; BARBOSA, Felipe. O surgimento da pesquisa em jornalismo de dados no Brasil. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS. n. 50, p. 280-302, set./dez. 2020. DOI: 202050.280-302

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BECKER, Howard Saul. **Art worlds**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1982.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKER, Howard Saul. Sur le concept d'engagement. **Sociologies** [En ligne], 22 out. 2006. Disponível em: <http://sociologies.revues.org/642>. Acesso em: 7 jun. 2020.

BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.49, n.4, p. 387-400, out./dez. 2009.

BERLINER, Daniel. The Political Origins of Transparency. **The Journal of Politics**, [s.l.], v. 76, n. 2, p.479-491, abr. 2014. University of Chicago Press. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0022381613001412>. Acesso em: 23 set. 2020.

BLUMER, Herbert. **Symbolic interactionism: perspective and method**. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, 1969.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em Ciências Sociais. **Em Tese**. v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, jan./jul. 2005.

BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. (orgs.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013.

BRADSHAW, P. O que é o Jornalismo de Dados? In: GRAY, J.; BOUNEGRU, L.; CHAMBERS, L. (eds.). **Manual de Jornalismo de Dados**. São Paulo: Abraji, 2014. p. 8-10.

- BRADSHAW, P. The inverted pyramid of data journalism. **Online Journalism Blog**, 7 jul. 2011. Disponível em: <http://onlinejournalismblog.com/2011/07/07/the-inverted-pyramid-of-data-journalism>. Acesso em: 25 fev. 2018.
- BRADSHAW, P.; ROHUMAA, L. **The Online Journalism Handbook**. Skills to survive in the digital age. Harlow, Inglaterra: Pearson, 2011.
- BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- CALVO, Santiago. **Periodismo Disruptivo**. Buenos Aires: La Crujia Ediciones, 2015. Tejedor. La enseñanza del ciberperiodismo. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2007.
- CARR-SAUNDERS, A. M.; WILSON, P. A. **The Professions**. Oxford: The Clarendon Press, 1933.
- CASSIDY, William P. Variations on a theme: the professional role conceptions of print and online newspaper journalists. **Journalism and Mass Communication Quarterly**, v. 82, n.2, 2005, p. 264-280, DOI: 10.1177/107769900508200203.
- CHAMPY, Florent. **La sociologie des professions**. 2. Ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.
- CHARBONNEAUX, Juliette; GKOUSKOU-GIANNAKOU, Pergia. O Jornalismo de “Dados”, uma Prática de Investigação? Um olhar sobre os casos alemão e grego. **Brazilian Journalism Research**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.266-291, 17 dez. 2015. Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo. Disponível em <http://dx.doi.org/10.25200/bjr.v11n2.2015.592>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e Transformação do Jornalismo**. Brasília: FAC Livros; Florianópolis: Insular, 2016.
- CHARRON, J., DAMIAN-GAILLARD, B., & Travancas, I. ,2014, Journalism’s “Invisibles”. **Introduction Sur le Journalisme - About Journalism - Sobre Jornalismo**, v.3, n.1, 10-13.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. O caso Brasil: valores, códigos de ética e novos regramentos para o jornalismo nas redes sociais. **Cuadernos de Información**, Santiago - Chile, n. 29, jul./dic. 2011, p. 25-34. Acesso em: 13 nov. 2020.
- CODDINGTON, Mark. **Clarifying Journalism’s Quantitative Turn**. Digital Journalism, [s.l.], v. 3, n. 3, p.331-348, 7 nov. 2014. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2014.976400>. Acesso em: 23 out.2018.
- COHEN, S.; HAMILTON, J. T.; TURNER, F. **Computational journalism**. Communications of the ACM, v. 54, n. 10, 2011, p. 66-71. Disponível em: <http://cacm.acm.org/magazines/2011/10/131400-computational-journalism/fulltext>. Acesso em: 20 maio 2018.

COLLE, Raymond. **Explotar la información noticiosa: Data mining aplicado a la documentación periodística**. Madrid: Departamento de Biblioteconomía y Documentación, Universidad Complutense de Madrid, 2002.

COOPER, Roger, TANG, Tang. The attributes of career success in Mass Communication Industries. A comparison of current and aspiring professionals. **Journalism and Mass Communication Educator**, v. 65, n. 1, p. 40-55, 2010, DOI: 10.1177/107769581006500105.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DARMON, Muriel. La notion de carrière: un instrument interactionniste d'objectivation. **Politix**, v. 21, n. 82, p. 149-167, 2008. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-politix-2008-2-p-149.htm>. Acesso em: 27 mai. 2020.

DEAK, Andre. **Novos Jornalistas do Brasil: casos de processos emergentes do jornalismo na internet**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, ago.2011. Disponível em: <http://issuu.com/andredeak/docs/mestradoeca2011>. Acesso em: 7 fev. 2020.

DEFLEUR, M. H. **Computer-Assisted Investigative Reporting: development and methodology**. New Jersey: Mawah, 1997.

DEUTSCH, A.; HELLERSTEIN, J. **Making sense of data**. Google, mar. 2014. Curso online. Disponível em: <https://datasense.withgoogle.com/course>. Acesso em: 27 mar. 2018.

DEUZE, Mark. What is journalism?: Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, v. 6 (4), p. 442-464, 2005.

DIAKOPOULOS, N. **Cultivating the landscape of innovation in computational journalism**. City University of New York, abr. 2012. Disponível em: http://cdn.journalism.cuny.edu/blogs.dir/418/files/2012/04/diakopoulos_whitepaper_systematicinnovation.pdf. Acesso em: 20 maio 2018.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, n. 24, p. 213-225, 2017.

DUBAR, Claude. **La socialisation**. Construction des identités sociales et professionnelles. Paris: Armand Colin, 1999.

DUBAR, Claude. **A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

DUBAR, Claude & TRIPIER, Pierre. **Sociologie des professions**. Paris: Armand Colin, 1998.

ECHT, Iván. El caso de Chequeado en la Argentina. In: ZOMMER, Laura (Ed.). **El boom defact checking en América Latina: aprendizajes y desafíos del caso de Chequeado**. Argentina: Chequeado, 2014. p. 6 – 10. Disponível em: <http://www.kas.de/wf/doc/14235-442-4-30.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

FELLE, Tom. Digital watchdogs? Data reporting and the news media's traditional 'fourth estate' function. **Journalism: Theory, Practice & Criticism**, [s.l.], v. 17, n. 1, p.85-96, 13 jul. 2015. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884915593246>. Acesso em: 18 out. 2019.

FIDALGO, António. Sintaxe e semântica das notícias online. Para um jornalismo assente em base de dados. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (orgs.). **Informação e Comunicação Online**. Jornalismo Online. Volume 1. Covilhã: Universidade da Beira Interior/Portugal, 2003.

FIDALGO, Joaquim. Jornalistas na busca inacabada de identidade. In FIDALGO, António [et al.], ed lit. "**Repensar os média: novos contextos da comunicação e da informação: actas do Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom)**, 4, Aveiro, Portugal, 2005". Aveiro: Universidade, 2005. ISBN 972-789-163-2.

FÍGARO, Roseli. Perfis e discursos de jornalistas no mundo do trabalho. In: FÍGARO, Roseli (Org.); NONATO, Claudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013. p. 6-142.

FINK, Katherine; ANDERSON, CW. Data Journalism in the United States: Beyond the "Usual Suspects". **Journalism Studies**, 16 (4). p. 467-481. 2015. Disponível em: <http://eprints.whiterose.ac.uk/127476/14/DataJournalismDraft2-1-2-2-1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

FLEW, T.; SPURGEON, C.; DANIEL, A.; SWIFT, A. The promise of computational journalism. **Journalism Practice**, 6(2):57-171, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17512786.2011.616655>.

FRANZOI, Naira Lisboa. **Entre a formação e o trabalho: trajetórias e identidades profissionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FREIDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 31, 1996.
FRITH, Simon; MEECH, Peter. Becoming a journalist. Journalist education and journalism culture. **Journalism**, v. 8, n. 2, p. 137-164, 2007, DOI: 10.1177/1464884907074802.

FOLETTI, Leonardo. Cultura hacker e jornalismo: práticas jornalísticas do it yourself na comunidade brasileira Transparência Hacker. In: **VIII Congresso Ulepicc**, 2013, Quilmes, Argentina. Anais do VIII Congresso Ulepicc. Quilmes, Argentina: Universidad de Quilmes, 2013.

GARCÍA, J. L. D.; FERNÁNDEZ, P. G. "Periodismo de precisión": una nova metodología para transformar el periodismo. **Análisi**, n. 15, 1993. p. 99-116.

GARRISON, Bruce. **Computer-Assisted Reporting**. 2. ed. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1998. Disponível em: <https://www.questia.com/read/13647227/computer-assisted-reporting>. Acesso em: 25 out. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GILMORE, Samuel. Art worlds: developing the interactionist approach to social organization. In: HOWARD, S.; Becker; MCCALL, Michael (Org.). **Symbolic interaction and cultural studies**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990, p. 148-178.

GOMES, Vitor Luiz Menezes. O jornalista enquanto herói: uma proposta para análise das representações do jornalismo no cinema. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 10, n. 1, p. 85-102, jul. 2013, DOI: 10.5007/1984-6924.2013v10n1p85.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**. Ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. In: **Annals of Mathematical Statistics**, 32:148-170, 1961.

GRANDIN, Felipe Rodrigues. **A contribuição do jornalismo guiado por dados para a criação de valor nas organizações jornalísticas**. Orientador: Profa. Draa. Sonia Virginia Moreira. 2014b. 123 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.ppgcom.uerj.br/wp-content/uploads/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Felipe-Rodrigues-Grandin.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

GRAY J, Bounegru L. **The Data Journalism Handbook**. Sebastopol, CA: O'Reilly Media, 2018.

HALL, S.; CHRITCHER, C.; JEFFERSON, T.; CLARKE, J.; ROBERTS, B. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, estórias e "estórias"**. Lisboa: Veja, 1999, p. 224-248.

HEINZ, W. R.; KRÜGER, H. Life course: innovations and challenges for social research. **Current Sociology**, v. 49, n. 2, 2001. p. 29-45.

HOLOVATY, A. **A fundamental way newspaper sites need to change**, 6 set. 2006. Disponível em: <http://www.holovaty.com/writing/fundamental-change>. Acesso em: 17 fev. 2018.

HUANG, Edgar et al. Facing the Challenges of Convergence: Medias Professionals' Concerns of Working Across Media Platforms. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 12, p. 83-98, 2006. DOI: 10.1177/1354856506061557.

HUGHES, Everett C. Institutional office and the person. **American journal of sociology**, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.

HUGHES, Everett C. The Professions in Society. **The Canadian Journal of Economics and Political Science**, v. 26, n. 1, fev. 1960, p. 54-61. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/138818>. Acesso em: 22 out. 2019.

HAMILTON, J; TURNER, F. **Accountability Through Algorithm: Developing the Field of Computational Journalism**. Stanford, 2009. Disponível em:

[http://www.stanford.edu/fturner/Hamilton%20Turner%20Acc%20by%20Alg%20Final.p df](http://www.stanford.edu/fturner/Hamilton%20Turner%20Acc%20by%20Alg%20Final.pdf). Acesso em: 9 dez. 2019.

HOWARD, Alexander. The art and science of data-driven journalism: when journalists combine new technology and narrative skills, they can deliver context, clarity and a better understanding of the world around us. **Tow Center For Digital Journalism**. 30 maio 2014. Disponível em: [http://towcenter.org/wp-content/uploads/2014/05/Tow-Center-Data-Driven- Journalism.pdf](http://towcenter.org/wp-content/uploads/2014/05/Tow-Center-Data-Driven-Journalism.pdf). Acesso em: 21 set. 2019.

JÄRVINEN, M. Negotiating Strangerhood: interviews with homeless immigrants in Copenhagen. *Acta Sociologica*, 2003, p. 215-230.

JOANNÈS, A. **Data journalism: Bases de données et visualisation de l'information**. Paris: CFPJ Éditions. 2010.

JORGE, T. **Manual do Foca: Guia de Sobrevivência Para Jornalistas**. Editora Contexto, 2008.

KALUME MARANHÃO, Ana. Carolina. **O jornalista brasileiro: convergência e mudanças provocadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação**. Brasília: FAC livros, 2017.

LANGONNE, Joël; LEWIS, C.; PEREIRA, F.; TREDÁN, O. Os mundos sociais do jornalismo Introdução. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 12-17, juin 2019. ISSN 2295-0729. Disponível em : <http://www.surlejournalisme.kinghost.net/rev/index.php/slj/article/view/379>. Acesso em: 15 maio. 2021.

LE CAM, Florence. **L'identité du groupe des journalistes du Québec au défi d'Internet**. (Tese de Doutorado) - Université Laval / Québec, Université de Rennes 1 / France, jul. 2006.

LE CAM, Florence, TRÉDAN, O. **Journalisme et web: quels outils de formation?**. Média Morphoses, n° 24, p. 105-112, 2008.

LE CAM, Florence; RUELLAN, Denis. **Émotions de journalistes: Sel et sens du métier**. Grenoble: PUG, 2017.

LE CAM, Florence. **Le journalisme imaginé: histoire d'un projet professionnel au Québec**. Montréal: Leméac, 2009.

LEWIS, Seth C; USHER, Nikki. Open source and journalism: toward new frameworks for imagining news innovation. **Media, Culture & Society**, [s.l.], v. 35, n. 5, p.602-619, 28 jun. 2013.

LICHTENBERG, Judith. Lichtenberg, J. In Defence of Objectivity. In: CURRAN, J. et al. (orgs.). **Mass Media and Society**. Londres: Edward Arnold, 2012.

LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. Jornalismo inteligente (JI) na era do data mining. In: **Anais do II SBPJor**. Salvador BA/Brasil, 2004.

LIMA JUNIOR, W. T. Jornalismo computacional em função da “Era do Big Data”. **Revista Líbero**, v. 14, n. 28, p. 45-52, 2011.

LIMA JUNIOR, W. T. “Era do Big Data” impulsiona o desenvolvimento do Jornalismo Computacional. In: LONGHI, R.; D'ANDRÉA, C. (orgs.). **Jornalismo Convergente: Reflexões, apropriações, experiências**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 51-72.

LIMA, P; ROMEIRO, R. **O Jornalismo na era dos dados digitais: mutações das práticas e da identidade jornalística**. Disponível em: http://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20180201-ej7_2017.pdf. Acesso em: 1 nov. 2018.

LORENZ, Mirko. Por que jornalistas devem usar dados? In: GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy (Org.). **Manual de Jornalismo de Dados**. São Paulo: Abraji, 2014. p. 9-12.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro 2010.

MACHADO, Elias. Banco de dados como formato no jornalismo digital. In: **Anais VI Lusocom**, Covilhã, Portugal, abr., 2004.

MALDONADO, A. E.; BONIN, J.; ROSÁRIO N. M. (orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

MAEYER, Juliette de et al. Waiting for Data Journalism. **Digital Journalism**, [s.l.], v. 3, n. 3, p.432-446, 27 nov. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2014.976415>. Acesso em: 15 out. 2020.

MAIA, Kênia Beatriz Ferreira. A Modelização e o Discurso de Legitimação Profissional do Ombudsman de Imprensa. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 101-115, jan. 2004. ISSN 1984-6924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2076>. Acesso em: 5 nov. 2019.

MANCINI, L.; VASCONCELLOS, F. Jornalismo de Dados: conceito e categorias. **Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 18, n. 1, p. 69-82, abr. 2016.

MARCHETTI, Dominique. Les marchés du travail journalistique. In: **CRAP. Deve-nir journalistes**. Paris: La Documentation Française, 2011, p. 89-155.

MARCHETTI, D. Les révélations du journalisme d’investigation. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 131-132, p. 30-40, mar. 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista**. O desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus, 2009.

MARQUES DE MELO, J.; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Perfis de Jornalistas**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1991.

- MASTRELLA, Bruna. **Os discursos de legitimação do Jornalismo Guiado por Dados**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação-Universidade de Brasília. Brasília, 2020.
- MERTON, Robert K. The Functions of the Professional Association. **The American Journal of Nursing**, v. 58, n. 1, jan. 1958, p. 50-54. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3461366>. Acesso em: 20 out. 2019.
- MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- MEYERS, Oren; DAVIDSON, Roci. Conceptualizing Journalistic Careers: Between Interpretive Community and Tribes of Professionalism. **Sociology Compass**, v. 10, n. 6, p. 419-431, 2016. DOI: 10.1111/soc4.12376.
- MENDEL, T. **Liberdade de informação: um estudo de direito comparado**. 2.ed., Brasília: UNESCO, 2009.
- MEYER, P. **The new precision journalism**. Indiana University Press, 1991.
- MEYER, P. Why Is Data Journalism Important? In: **The data journalism handbook: how journalists can use data to improve the news**. Sebastopol: O'Reilly, 2012. Disponível em: http://datajournalismhandbook.org/1.0/en/introduction_2.html. Acesso em: 22 abr. 2018.
- MEYER, P. **Precision Journalism: a reporter's introduction to social science methods**. Bloomington: Indiana University Press, 1973.
- MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.
- MICHENER, G. FOI Laws Around the World. In: **Journal of Democracy**, v. 22, n. 2, p. 145-159, 2011. Disponível em <https://www.journalofdemocracy.org/articles/foi-laws-around-the-world/>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- MIELNICZUK, Luciana; TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo guiado por dados como inovação profissional e seus desafios para a educação. In: **Contemporânea: comunicação e cultura**. v.15. n. 2, p. 609-629, 17 maio 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- MOURA, Dione; ARRAES, Djenane; SANTOS, Ébida; VERRI, Francisco; LIMA, Patrícia. As transformações do jornalismo segundo os pesquisadores brasileiros: 11Anos de compós. **Revista Passagens - Programa De Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará**, v.9. n.1. páginas 111-126, 2018.
- NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise**. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2019.

OLIVEIRA, Ana Paula; ANGELUCI, Alan César Belo. Competências e habilidades no jornalismo de dados: percepções sobre o perfil do profissional brasileiro. **Brazilian journalism**. res., ISSN 1981-9854, Brasília, v. 15, n. 1, p. 398-417, ago. 2019. Acesso em: 9 mai. 2020.

OLSON, Laury D. Job Satisfaction of Journalists and RP Personnel. **Public Relations Review**, v. 15, n. 4, p. 37-45, Winter, 1989. DOI: 10.1016/S0363-8111(89)80063-3.

PARASIE, S.; DAGIRAL, E. Data-driven journalism and the public good: Computer-assisted reporters and programmer-journalists in Chicago. **New media and society**, v. 15, n. 6, p. 853-871, 2013.

PARASIE, S.; DAGIRAL, E. Des journalistes enfin libérés de leurs sources? Promesses et réalités du journalisme de données. **Sur le journalisme**, n. 2, v. 1, p. 52-63, 2013.

PARASIE, Sylvain; DAGIRAL, Eric. Data-driven journalism and the public good: “Computer-assisted-reporters” and “programmer-journalists” in Chicago. **New Media & 131 Society**, [s.l.], v. 15, n. 6, p.853-871, 18 nov. 2012. SAGE Publications. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.1177/1461444812463345>. Acesso em: 25 set. 2020.

PARSONS, Talcott. The Professions and Social Structure. **Social Forces**, v. 17, n. 4, maio 1939, p. 457-467. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2570695>. Acesso em: 10 out. 2019.

PAUL, D.; CHRISTOFOLETTI, R. Valores morais em disputa entre jornalistas e não-jornalistas. **E-Compós**, 24. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.2220>. 2020.

PAULINO, R. C.; LIMA, W. Modificações nos processos de participação no Jornalismo Hiperlocal em função de dados locais, dispositivos móveis e visualizações em tempo real. In: **13 Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. SBPJor 2015.

PEREIRA, Fábio Henrique. As transformações do mundo dos jornalistas: a consolidação de novos valores profissionais a partir dos anos 1950. **VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), nov. 2008.

PEREIRA, Fábio Henrique. O mundo dos jornalistas: aspectos teóricos e metodológicos. **Intercom** – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v.32, n.2, p. 217-235, jul./dez. 2009.

PEREIRA, Fábio Henrique. A study on Brazilian web journalists’ professional careers. **Comunicación y Sociedad / Communication and Society**, v. 26, n. 4, p. 127-151, 2013. Disponível em: https://www.unav.es/fcom/communicationsociety/en/articulo.php?art_id=472. Acesso em: 20 jan. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique. Conversando com jornalista: a perspectiva do interacionismo simbólico. In: MAROCCO, Beatriz (org). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

PEREIRA, Fábio Henrique. El mundo de los periodistas: aspectos teóricos y metodológicos. **Comunicación y Sociedad**, n. 13, p. 101-124, 2010. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=s0188252x2010000100005&script=sci_artte. Acesso em: 20 fev. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique. Três estatutos, uma identidade: comparação das carreiras profissionais de jornalistas, assessores de imprensa e professores de jornalismo em Brasília. In: RENAULT, David; PEREIRA, Fábio Henrique; MARTINELLI, Fernanda; BELISÁRIO, Kátia Maria; GUAZINA, Liziane Soares; QUIROGA, Tiago (org.). **Muito além dos meios**. Comunicação Organizacional: desafios e interfaces. Brasília: Editora UnB, 2014, p. 61-77.

PEREIRA, Fábio Henrique. **As diferentes maneiras de ser jornalista**: um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020.

QUADROS, Cláudia. Jornalismo e base de dados para gerar conhecimento. In: **Anais do II SBPJor**. SalvadorBA/Brasil, 2004.

RINGOOT, R., & RUELLAN, D. Journalism as Permanent and Collective Invention. **Brazilian Journalism Research**, 3(2), p. 67-76. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v3n2.2007.119>. 2007. Acesso em: 21 jul. de 2020.

ROGERS, S. **Anyone can do it. Data journalism is the new punk**. Datablog, 2012. Disponível em: <http://www.theguardian.com/news/datablog/2012/may/24/data-journalism-punk>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

ROGERS, Simon. **Facts are sacred**. 1. ed. Guardian Faber Publishing, 2013.

RODRIGUES, Maria L. **Sociologia das profissões**. Lisboa: Celta, 2002.

ROSENBERG, Laura. Los inicios de la carrera periodística: entre la formación académica y la formación en la práctica. **Question**, n. 46, p. 424-440, jun. 2015. Disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/question/article/view/2425>. Acesso em: 20 jan. 2019.

ROYAL, Cindy. The Journalist as Programmer: A Case Study of The New York Times Interactive News Technology Department. **The official research of the International symposium on online journalism (ISOJ)**. Disponível em <https://tech.cindyroyal.net/the-programmer-as-journalist-2/>.

RUELLAN, Denis. Corte e costura do jornalismo. **Libero**, ano IX, n. 18, p. 31-40, 2006. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Corte-e-costura-do-jornalismo.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

RUELLAN, Denis. **Le professionnalisme du flou**. Identité et savo ir-faire des journalistes français. Grenoble: Press Universitaires de Grenoble, 1993.

RUELLAN, Denis. **Les pro du journalisme**. De l'état au statut, la construction d'un espace professionnel. Rennes: PUR, 1997.

SABSHIN, Melvin. L'hôpital et son ordre négocié. In: STRAUS, Anselm. **La trame de la négociation**. Sociologie qualitative et interactionnisme. Textes réunis et présentés par Isabelle Baszanger. Paris: L'Harmattan, 1992, p. 87-112.

SANTOS, F. DE L. TEM #DDJBR AQUI? Mapeando a presença do jornalismo de dados no Brasil. **42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belém, PA, 2019.

SANTOS, MÁRCIO CARNEIRO DOS. A datificação de um campo de conhecimento. **ORGANICOM (USP)**, v. 16, p. 145-157, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/161444>. Acesso em: 28 maio 2020.

SAUPE, Rosita et al. Conceito de competência: validação por profissionais de saúde. **Saúde em Revista**, Piracicaba, v. 8, n. 18, p. 31-37, jan./abr. 2006.

SCHEIN, E. H. Culture as an environmental context for careers. **Journal of Occupational Behaviour**, v. 5, n. 1, p. 71-81. A Special Issue on Environment and Career. jan. 1984.

SCHEIN, Edgar H. **Career anchors**: Discovering your real values. San Diego: University Associates, 1984.

SCHUTZ, Alfred. Collected papers I: **The problem of social reality**. 2. ed. Hollande: Martinus Nijhoff / The Hague, 1967.

SENRA, Stella. **O último jornalista**: imagens de cinema. 2, ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

SILVA, Naiana Rodrigues; MARTINS, Adriana Silveira. O ensino de jornalismo investigativo e de jornalismo de dados no Ceará: um estudo sobre abordagens nos cursos de graduação. **VI Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo**. Universidade Anhembi-Morumbi, jun./jul. 2019. Acesso em: 19 mai. 2020.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999, p. 91-100.

STAVELIN, E. **Computational journalism: when journalism meets programming**. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e Estudos de Mídia) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Bergen, Bergen, 2014.

STRAUSS, A., 1978, A Social World Perspective. In: DENZIN, N. **Studies in Symbolic Interaction**, vol. 1, Greenwich, CT: JAI Press, p. 119-128.

STRAUSS, Anselm L. **La trame de la négociation**. Sociologie qualitative et interactionnisme. Textes réunis et présentés par Isabelle Baszanger. Paris: L'Harmattan, 1992.

STRAUSS, Anselm L. **Miroirs et masques: une introduction à l'interactionnisme**. Paris: Métailié 1992.

STRAUSS, Anselm; SCHATZMAN, Léonard; BUCHER, Rue; EHRLICH, Danuta;

STRELOW, A. A. G. **Análise Global de Processos Jornalísticos: Uma proposta metodológica**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

STREETER, Thomas. **The Net Effect: Romanticism, Capitalism, and the Internet**. New York e London: The New York University Press, 2011.

SILVER, N. **What the Fox Knows**, Disponível em: [http:// fivethirtyeight.com/features/what-the-fox-knows/](http://fivethirtyeight.com/features/what-the-fox-knows/). Mar. 17, 2014a. Acesso em: 1 dez. 2018.

STRELOW, A. A. G. **Análise Global de Processos Jornalísticos: Uma proposta metodológica**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, V. II, 3 ed. rev. 2013.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do jornalismo**. Coimbra: Minerva, 2000.

TRAQUINA. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. v 1. Florianópolis: Insular, 2004.

TRÄSEL, Marcelo. A apuração distribuída como técnica de webjornalismo participativo. In: SCHWINGEL, Carla; ZANOTTI, Carlos (orgs.). **Produção e colaboração no jornalismo digital**. Florianópolis: Insular, 2010.

TRÄSEL, M. Jornalismo guiado por dados: relações da cultura hacker com a cultura jornalística. In: XXIII Encontro Anual da COMPOS, Bahia, 2013. **Anais...** Universidade Federal da Bahia. Disponível em: http://www.academia.edu/3136931/JORNALISMO_GUIADO_POR_DADOS_rela%C3%A7%C3%B5es_da_cultura_hacker_com_a_cultura-jornal%C3%ADstica. Acesso em: 12 maio 2017.

TRÄSEL, M. Jornalismo guiado por dados: aproximações entre a identidade jornalística e a cultura hacker. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 1, p. 291, jan./jun. 2014.

TRÄSEL, M. Jornalismo guiado por dados: características definidoras e uma proposta de formulação do conceito. In: **15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. 2016, São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/794/464>. Acesso: 20 set. 2019.

TRAVANCAS, I. **O Mundo dos Jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

TRÉDAN, O. Quando o jornalismo se utiliza da Web: o exemplo do datajornalismo. In: MOURA, D.; PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L. (orgs.). **Mudanças e permanências no jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

USKALI, Turo I; KUUTTI, Heikki. Models and Streams of Data Journalism. **The Journal Of Media Innovations**, [s.l.], v. 2, n. 1, p.77-88, 9 mar. 2015. University of Oslo Library. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5617/jmi.v2i1.882>. Acesso em: 6 jan. 2019.

WEAVER, David H.; BEAM, Randal A.; BROWNLEE, Bonnie J.; VOAKES, Paul S.; WILHOIT, CLEVELAND G.. **The American Journalist in the 21st Century**. US people at the dawn of a new millennium. Taylor & Francis, 2009.

WEAVER, David; WILHOIT, Cleveland. **Financial Insecurity**: While salaries have gone up in the past 30 years, journalists buying power has not keep pace. *The Quill*, v. 85, n. 2, p. 23, mar. 1997.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

WOLFINGER, N. H. On writing fieldnotes: collected strategies and background expectancies. **Qualitative Research**. Londres: 2002, p. 85-95.

ZANCHELLI, M. & CRUCIANELLI, S. **Integrating Data Journalism into Newsrooms**. Washington: International Center for Journalists. 2013. Recuperado de: http://www.icfj.org/sites/default/files/integrating%20data%20journalism-english_0.pdf.

ZARIFIAN, Philippe. **Objetivo competência**: por uma nova lógica. São Paulo: Atlas, 2001.

ZELIZER, Barbie. Journalists as interpretive communities. *Critical Studies*. In: **Mass Communication**, [s.l.], v. 10, n. 3, p.219-237, set. 1993. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15295039309366865>. Acesso em: 22 jan. 2020.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário (a) para participar de pesquisa integrante da tese de doutorado “**O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil: Trajetórias profissionais, carreira e construção de identidade**” que será conduzida pela doutoranda Patrícia Medeiros de Lima, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Por favor, leia este documento com atenção antes de assiná-lo. A proposta deste termo é explicitar tudo sobre a realização da etapa de entrevistas desta pesquisa e solicitar sua permissão para participar da investigação.. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que é composto por duas vias rubricadas e assinadas. Uma delas é a sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

É necessário inicialmente esclarecer o termo micromundo. Esse conceito é cunhado pelo sociólogo da Escola de Chicago, Howard Becker. Seria “O surgimento de segmentos no interior de um mundo social, ou seja, o processo de construção de uma base convencional distinta no interstício de distintos mundos. Esse conceito estar sustentando a partir dos estudos de mundo social em que é observado as transformações que ocorrem em um determinado mundo do trabalho, neste caso, o Jornalismo.”

Objetivo e justificativa da pesquisa

Objetivo: O objetivo é analisar através das trajetórias o que constitui a prática do Jornalismo de Dados, suas dinâmicas produtivas e nuances de atuação profissional, isso a partir do olhar, das crenças, histórias de vida e vivências dos jornalistas.

Justificativa da pesquisa: Acreditamos que é de relevância discutir as mudanças e permanências que ocorrem no jornalismo, assim sendo, essa pesquisa contribui com os estudos do campo, como também para sociedade, já que o tema é tão caro no tocante ao interesse público. O JD surge junto aos movimentos de dados governamentais abertos em que o cidadão tem acesso as informações que antes nunca teve e de forma mais livre. Embora esses dados estejam abertos nós não conseguimos quantificá-los e compreendê-los no formato que na maioria das vezes são disponibilizados. O JD desempenha esse papel e transforma os milhões de informações em material compreensível para o cidadão comum. A pesquisa tem aderência à área de concentração do programa de pós-graduação escolhido para ser desenvolvida, pois levanta questões importantes no que diz respeito aos estudos do jornalismo no seu sentido macro e do âmbito dos estudos do jornalismo como profissão. Tratamos de um tema que é circundado pelo desenvolvimento das tecnologias, de novas linguagens e da inovação no campo jornalístico.

Participação no estudo (entrevistas): No presente estudo pretende-se realizar entrevista aberta com você para entender o percurso da trajetória profissional, gestão de carreira a identidade profissional. A entrevista é chamada de aberta quando as perguntas não são pré-determinadas, tendo como ponto de partida uma ou mais questões amplas. Nessa pesquisa as perguntas são formuladas no momento da entrevista, a partir do desenvolver da conversa. Ciente de que as rotinas de trabalho são corridas a pesquisadora atenderá o que cada participante entender como sendo o momento mais apropriado para a entrevista. Sua duração será de aproximadamente uma hora. As entrevistas serão registradas em áudio com o único objetivo de permitir sua transcrição e a posterior análise de seu conteúdo por parte da pesquisadora. As entrevistas não serão exibidas a terceiros ou tornadas públicas em hipótese alguma. Os dados colhidos serão usados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Riscos, ações mitigadoras e benefícios: Os riscos aos quais você estará exposto são mínimos,

no entanto, existem. Você pode se sentir constrangido caso algum tema que lhe seja sensível venha a ser tematizado. É possível que você sinta desconforto devido ao fato da entrevista ser gravada em áudio. Deve-se alertar para que mesmo com possibilidade muito remota de ocorrer, há o risco de quebra de sigilo, mesmo que involuntária e não intencional da pesquisadora, pois os entrevistados são profissionais reconhecidos na sua área de atuação. O que pode acarretar com mínimas chances, impactos em sua vida pessoal e profissional. Para minimizar tais remotas possibilidades a pesquisadora observará a não utilização de informações coletadas que possam gerar prejuízos aos participantes. Alerta-se ainda que há riscos de que a entrevista pode evocar memórias e sentimentos nem sempre agradáveis ao participante já que levanta questões de construção de trajetória. Para minimizar esse risco, a pesquisadora deixará o entrevistado livre para interromper sua resposta, caso sinta necessidade. As entrevistas serão feitas on-line em momento e plataforma definidos pelo participante e não se fará a identificação nominal dos participantes. Como benefício se ressalta a perspectiva para o participante, como profissional de sua área, de contribuir para os estudos sobre o Jornalismo de Dados, suas dinâmicas profissionais e rotinas. Além disso, a entrevista é uma oportunidade para que você observe, converse e reflita sobre a atividade jornalística de dados e os efeitos dela junto à sociedade.

Sigilo e privacidade

A pesquisadora zelarà pela confidencialidade das informações fornecidas, a privacidade dos participantes e a proteção de sua identidade, durante e após o término da pesquisa. Não se fará a identificação nominal dos participantes.

Assistência, acesso e acompanhamento aos resultados da pesquisa

A pesquisadora garante a assistência aos participantes durante toda a pesquisa bem como o livre acesso a esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, pessoalmente ou pelos contatos fornecidas ao final desse Termo. O participante também tem garantido o acesso aos resultados da pesquisa, resguardadas a privacidade e identidade dos participantes. Os resultados serão inteiramente compartilhados com você, em formato PDF, tão logo a tese seja apresentada à banca examinadora e a versão final entregue à Universidade. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros e/ou revistas científicas. Os dados da sua entrevista serão arquivados digitalmente por cinco anos. Esse termo foi elaborado em duas vias rubricadas e assinadas.

Ressarcimento e indenização

Não estão previstos gastos com a realização da pesquisa. Caso ocorra algum dano decorrente de sua participação no estudo, o participante será devidamente indenizado, conforme determina a lei. Salientamos que sua participação não terá compensação financeira. No entanto, quaisquer despesas que porventura surjam, decorrentes da sua participação na pesquisa, serão ressarcidas pela pesquisadora.

Liberdade de não participação ou de retirada do consentimento

Independente das informações prestadas pela pesquisadora pessoalmente ou por meio deste documento o participante poderá, a qualquer momento solicitar esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa. Também informamos que o participante pode se recusar a participar do estudo, bem como retirar seu consentimento, sem precisar justificar e sem nenhuma penalização, bastando informar a decisão por meio dos contatos ao final desse termo.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC)

A pesquisadora, por meio deste termo manifesta seu respeito à ética no desenvolvimento desta pesquisa. Esta pesquisa observa a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetida para análise ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH. Vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, o Comitê foi “criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (<http://cep.ufsc.br/> para mais informações). Você receberá uma via

do termo assinado pela pesquisadora responsável. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante seus direitos de participante da pesquisa.

Consentimento e Declaração de Participação

Eu, _____ aceito o convite e declaro meu consentimento em participar da pesquisa para tese de doutorado “**O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil: Trajetórias profissionais, carreira e construção de identidade**”. Para isso rubrico e assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, também rubricadas e assinadas pela pesquisadora, sendo que uma das vias ficará com o participante e outra com a pesquisadora, tendo o participante acesso a qualquer momento ao registro de consentimento fornecido à pesquisadora.

Local e data _____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do responsável pela pesquisa



Documento assinado digitalmente
Rita de Cássia Romeiro Paulino
Data: 24/08/2020 16:48:31-0300
CPF: 539.117.769-34

Assinatura do assistente da pesquisa

Patricia Medeiros de Lima

Endereços e Formas de Contato:

Pesquisador responsável pela pesquisa: Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Romeiro Paulino.

Endereço: Rua Estilac Leal, 129 BI C, apartamento 105, coqueiros, Florianópolis-SC, CEP:88080760.

Telefone para contato:(48) 3249-7627.

E-mail para contato: rcpauli@gmail.com

Assistente da pesquisa: Patrícia Medeiros de Lima

Endereço: C3, Lote, 2, Residencial Varsóvia, apartamento 1001, Taguatinga Centro, Brasília-DF, CEP: 72010030.

Telefone para Contato: (61) 98175-6747

E-mail para contato: patricialimajornalista@gmail.com.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH Universidade Federal de Santa Catarina Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, Reitoria II Trindade – 88040-400 – Florianópolis – SC – (048) 3721-6094 cep.propesq@contato.ufsc.br

APÊNDICE B – ENTREVISTAS PRÉ-CAMPO I

Entrevistado 1:

[00:00:01] Entrevistador: Até onde vai esse papel? Até onde o jornalista atua e até onde o programador atua? Como se dão os papéis, as ações? Como você já trabalha um pouco nessa área, como se dão essas interações? Como são essas negociações entre vários profissionais dentro de um espaço de dados?

[00:00:19] Entrevistado: Eu acho que a primeira coisa é que, apesar de o outro profissional ser de uma área diferente, todo mundo precisa ter mais ou menos uma ideia de quais são as habilidades e capacidades de cada um. Por exemplo, a gente trabalha com um jornalista, que também é programador - ele trabalha na infografia do *Estadão Dados*, no setor de Infografia Digital. Eles têm um grupo de trabalho que eles precisam responder a outras editorias e também às demandas das chefias deles. Mas a gente tenta negociar um encaixe no fluxo de trabalho deles. A gente pode se reunir, por exemplo, para falar da pauta que a gente está fazendo de especial. Eu não posso dizer qual é o especial ainda, porque é um especial que ainda não foi publicado. De tempos em tempos, a gente tem que sentar para conversar sobre esse especial. Mas, por já ter contato constante com eles, eu já sei mais ou menos quais são as especialidades e os escopos de até onde eles podem ir, até onde eles podem me ajudar. A equipe precisa se conhecer bastante e precisa conversar bastante. Isso não é possível com todos da redação. Às vezes, o que acontece? Os jornalistas do *Estadão Dados*, acabam servindo como uma espécie de interface entre os programadores e designers com o resto da redação. Como a gente já está mais próximo deles, a gente tem parcialmente algumas dessas habilidades, então a gente consegue fazer essas interfaces. Por exemplo: um jornalista de economia que nunca fez uma matéria de dados se deparou com uma pauta, que percebeu que “Vou precisar da ajuda dos dados, senão não vou conseguir”. Ele desenvolve uma pergunta e percebe que ele não consegue responder ela apenas com a apuração normal. Então, ele pede a nossa ajuda. A gente presta essa consultoria também. “Olha, acho que o melhor caminho é esse. Talvez você deva pedir uma Lei de Acesso ou talvez você possa driblar essa assessora de imprensa, falando com outro órgão público, porque talvez esse outro órgão público tenha essa informação”. A gente já teve muita sorte, uma vez, nesse aspecto. Eles tiveram uma ideia, uma vez, de que eles precisavam de um raspador em um *site* do governo. Eu olhei qual era o *site* e qual era o link que ele tinha. “Olha, não sei se a gente pode fazer isso. Eu só sou jornalista, então eu não tenho capacidade de fazer essa raspagem de dados”. Eu sei o escopo do que é um *web scraping*, porque já tive algumas aulas, mas não para dominar a habilidade, mas para conseguir entender o que é e qual é o alcance da tarefa. Então eu falei: “O nosso programador talvez consiga fazer isso, mas eu não tenho certeza porque, da forma como você me mostrou esse link, essa raspagem me parece muito difícil, porque são janelas que geram PDFs e geram um menuzinho do *Dropdown*. Mas vamos conversar com ele para ver”. A gente sentou lá e conversou. Se confirmou que, realmente, isso não dava para fazer. “Infelizmente, por esse caminho não dá para a gente seguir, porque, mesmo que a gente consiga montar esse robozinho raspador, ele corre o risco de errar muito. Mais espaço você tem, maior é a possibilidade de erro”. Então, infelizmente, não deu para fazer o que ele queria. Só que eu achei outra saída: “Vamos pedir por Lei de Acesso”. Vai demorar mais tempo? Vai! Mas você tem a garantia de que você vai receber a informação completa que você está precisando.

[00:04:07] Entrevistador: Uma pergunta-chave: você se reconhece enquanto jornalista de dados? O que é ser um jornalista de dados?

[00:04:11] Entrevistado: É ser um jornalista que está sempre disposto, assim que recebe uma pauta, a fazer duas coisas: uma é fazer a pauta e, antes disso, descobrir como fazer a pauta. É um jornalista que tem um perfil de colaboração, porque ele sabe que ele nunca vai ter a resposta para tudo. Eu não sou uma jornalista setorista; eu sou uma generalista, então tem matéria que eu assino em Educação, tem matéria que eu assino em Saúde, tem matéria que eu assino em Política. Vai depender de quem vai me trazer a pauta, das ideias que surgem no *Estadão Dados*. Às vezes, as pautas surgem dentro do *Estadão Dados*, aí a gente chama o setorista para nos ajudar, aí a pauta sai de um jeito. Às vezes, a

pauta vem do chão da redação, na editoria de Metrópole e eles pedem nossa ajuda com dados e a gente assina junto.

[00:05:08] Entrevistador: O que você acha que é essa possível identidade do jornalista de dados?

[00:05:13] Entrevistado: Eu não sei bem se é uma identidade. A gente se sente um pouco especial, nesse sentido, por ser uma área muito nova. Mas a gente tem muito essa postura de tentar converter os jornalistas para esse lado, das habilidades básicas do jornalismo de dados. A gente vive em um mundo em que a gente tem a profusão de informação. Tem informação até demais. Precisa ter uma curadoria, então a gente precisa lidar com um mundo em que a gente não vive mais com a escassez de informação, mas com uma abundância enorme de informação. Algumas possibilidades básicas, como lidar com tabela, etc, a gente procura sempre estimular a redação a fazer isso. É um processo muito lento. A gente procura usar o termo “evangelização” da redação. Mas o que eu percebo é que tem uma identidade muito forte do jornalismo de dados, principalmente no nosso grupo de WhatsApp, de que as pessoas estão muito dispostas a colaborar. Se surge uma dúvida, os outros já correm para tentar ajudar, para entender qual é a dúvida daquela pessoa. Então, existe toda uma comunidade, que, sem ela, matérias grandes, como essas que vocês viram hoje não teriam saído ou teriam saído muito menos... Obviamente eu não posso falar do *GI* e da *Folha*, porque eles têm repórteres muito capacitados. Eu posso falar - da minha parte - que algumas matérias no *Estadão Dados* só saíram quando algumas dúvidas foram respondidas, graças à comunidade de jornalistas de dados, principalmente as dúvidas técnicas.

[00:07:11] Entrevistador: Tem um perfil de outras áreas esse jornalista? Ele é programador? Ele é designer também?

[00:07:16] Entrevistado: Existem mais de um perfil de jornalistas de dados. Nos Estados Unidos, eles já estabelecem a separação de carreira entre o jornalista de dados e o jornalista computacional. No Brasil, a gente tem pessoas que entram no jornalismo de dados vindo de outras áreas. Existe um outro perfil, que é o jornalista, que se torna programador, que faz o caminho inverso. Ambos os profissionais são valiosos e são diferentes. O *Estadão Dados* já teve um jornalista com esse perfil. Eu tento também fazer esse caminho inverso. Eu me formei em jornalismo e o meu perfil é de jornalista. Por isso que eu tenho essa facilidade de redação e de amarrar as pautas da redação. Mas eu procuro, cada vez mais, adquirir habilidades técnicas, para lidar com bancos de dados cada vez maiores e com técnicas de execução de pautas cada vez mais ambiciosas.

[00:08:35] Entrevistador: Ok! Eu agradeço muito.

Entrevistado 2:

[00:00:01] Entrevistador: Então, você participa da infografia de dados, né?

[00:00:02] Entrevistado: É! Não é nem “infografia de dados”. Na minha carteira de trabalho está “webdesigner”, mas eu nunca fui designer na minha vida. Não é que eu faço webdesign, mas foi a área para onde me contrataram. Por questões burocráticas da empresa, me colocaram com essa definição. Como eu te disse - só para ficar registrado no áudio -, eu trabalho com quatro designers, um jornalista na minha equipe.

[00:00:25] Entrevistador: Como acontecem essas interações? Como é trabalhar com quatro profissionais de áreas distintas.

[00:00:29] Entrevistado: Cara, é outra forma de pensar o produto. O que eu percebi é que a gente, jornalista, pensa muito pouco no leitor como usuário. A gente, por exemplo, escreve muito para os pares ou para um senso de “isso aqui tem valor noticioso, é importante e tem que ser dito” - o que é parte da nossa cultura profissional -, só que a gente não pensa no cara que está consumindo informação. No trabalho com os designers, eles estão o tempo todo: “Mas qual é a expectativa do

leitor?”, “Como eu torno a experiência mais atraente e também bonita?”. É claro que a estética sempre vem abaixo da questão da usabilidade e da eficiência, mas é uma maneira de pensar no leitor como quem tem expectativa e você tem que atender ela. Minha maneira de encarar a notícia mudou um pouco. Eu vejo ela mais como uma experiência que tem que agregar conhecimento, em termo informativo, mas tem que ser algo gostoso e atraente, para o cara voltar e para o cara consumir. Isso foi o que mais mudou na minha cabeça, a forma de pensar o jornalismo.

[00:01:30] Entrevistador: Você se define como jornalista de dados?

[00:01:32] Entrevistado: Eu me defino como jornalista de dados. Existe uma ideia de que o jornalista é o cara que sai na rua com o caderninho, faz entrevista, fala com as fontes. A última entrevista que eu fiz - não foi nem pessoal, mas uma ligação - foi em setembro. De lá para cá, em todas as matérias que eu faço, eu basicamente sento, programo, coeto dados, limpo dados, analiso dados. Então, existe um pouco de crise de identidade. “O que eu estou fazendo é jornalismo?”. Eu acho que é, mas é como você falou: ele está na intersecção de muitas áreas (programação, design, programação). Às vezes, eu fico: “Eu não devia estar na rua com um bloquinho?”. Às vezes, me dá uma coisa assim: “O que eu estou fazendo não falta alguma coisa para ser jornalismo?”. Eu me defino como jornalista de dados, mas eu não sei. Parece que a gente é mais um intruso em uma área diferente do que parte de uma cultura jornalística às vezes. As coisas que a gente faz, para o resto da redação, são críticas. São alvo de piadas. Eu sou jornalista, trabalho lá, mas as pessoas não sabem que eu sou jornalista. Um diretor adjunto uma vez disse: “Tem um cara de TI que está fazendo coisas legais com um infográfico”. Então, eu virei um cara de TI. Aparentemente, a compreensão do que é jornalismo de dados, programação e que isso é jornalismo, ainda é bem rara entre a cultura profissional jornalística.

[00:02:59] Entrevistador: Dentro da própria redação?

[00:03:00] Entrevistado: Dentro da própria redação. São poucas pessoas que navegam nessa área.

[00:03:04] Entrevistador: Parece que elas não reconhecem que isso não é jornalismo.

[00:03:07] Entrevistado: Eu não acho que seja não reconhecer. Eles reconhecem que o meu produto final é jornalístico, só que parece que a gente movimenta uma série de competências que não são da formação tradicional do jornalista e não são do imaginário que o jornalista tem que ter para fazer um produto. É um pouco. “Você está usando coisas tão diferentes, mas você ainda é do mesmo campo que eu?": é um pouco isso.

[00:03:36] Entrevistador: Como você foi parar no jornalismo de dados?

[00:03:37] Entrevistado: Essa é uma historinha que eu conto sempre: eu fui um cara que entrou no jornalismo porque eu odiava matemática, odiava física, química. “Preciso fazer um curso que eu possa fazer o vestibular sem me preocupar com isso”. Era aquela coisa: “Eu acho que escrevo bem, gosto de história” e fui fazendo. Eu queria trabalhar na Revista Piauí e fazer livro-reportagem e tal. Eu sempre gostei muito de infografia mesmo - não, necessariamente, de dados. Eu achava um máximo! Teve um curso online do Knight Center, com o Alberto Cairo, que era Introdução à Infografia e à Visualização de Dados. Tinha um módulo que era sobre infografia à base de dados (coletar, fazer e apresentar as ferramentas). Eu achei muito legal! Eu achei o máximo! Aquilo expandiu a minha cabeça. Era muito legal fazer aquilo e tinha a possibilidade de mexer com o Tableau, que é uma ferramenta que eu acho simples e limitada hoje, mas, na época, eu pensava: “O leitor pode explorar o dado como ele quiser. Você bota o mouse aqui e aparece uma legenda do que significa. Tem muitas possibilidades de criar coisas legais aí”. Foi a partir disso que eu fui me especializando cada vez mais. Eu acho que isso me ajudou um pouco. Eu não acho que eu seria um jornalista tradicional horrível, porque eu sei escrever bem, sei fotografar, sei conversar, sei entrevistar, mas eu sou muito melhor no que eu faço agora do que nas tarefas tradicionais. Eu sou um cara que eu não tenho fonte, não tenho informante. Eu sei entrevistar, sair para a rua e cobrir um evento, mas eu não tenho a facilidade que eu tenho de

programar e contar essas histórias diferentes. Foi meio que unir o útil ao agradável. Eu consigo me diferenciar que eu vou bem nisso, então eu acho que é legal para trabalhar.

[00:05:25] Entrevistador: Você acha que o jornalista de dados é o cara que é jornalista-programador, jornalista...?

[00:05:27] Entrevistado: Eu acho que é uma definição muito ampla. Os caras que trouxeram esse negócio para o Brasil, quando ainda era *computer assisted reporting*... O editor do *Estadão Dados*, sabe SQL, linguagem para consulta de dados, mas ele não programa efetivamente. Então, eu acho que não é necessário programar. É uma técnica a mais, uma habilidade a mais que você tem e que te ajuda a fazer coisas mais complexas. Eu acho que uma equipe de dados precisa ter um programador, porque senão você não consegue sair do lugar. Para ser considerado jornalista de dados, acho que não tem que saber programar necessariamente.

[00:06:04] Entrevistador: Tem um limite dentro das equipes de dados: até aqui vai o jornalista; até aqui vai o programador?

[00:06:13] Entrevistado: A minha equipe não é bem uma equipe de jornalismo de dados, como eu te falei. É uma equipe de infografia que está se tornando uma equipe de narrativas digitais no jornal, ganhando independência aos poucos. Cara, a gente mistura tudo. Cada um faz um pouco do que está mais confortável e acha que é melhor. Mas eu já desenhei layout de matéria. É claro que, depois, passa para o designer aprovar. “É isso mesmo, mas muda aqui e muda ali”. O designer já assinou matérias como repórter. No nosso campo ali é tudo bem misturado e bem interdisciplinar. A equipe existia antes de eu chegar - eu cheguei em fevereiro - e antes funcionava e já fazia todas essas coisas sem ter nenhum jornalista. Eles faziam o trabalho jornalístico. O que acontecia é que eles sempre tinha um cara de Metrópole ou de Política que fazia esse trabalho. Mas eles já funcionam com análise de dados e visualização sem ter nenhum jornalista. Então, no meu caso, é bem interdisciplinar.

[00:07:13] Entrevistador: Você buscou cursos e fez muita coisa para entrar nesse campo, nessa área?

[00:07:21] Entrevistado: Cara, eu sempre tentei me vender assim. Eu entrei no mercado profissional há dois anos, quando eu me formei, em 2016. O meu TCC foi um projeto que [inaudível] a minha cidade através de dados. Eu fiz um monte de curso da Abraji online na área. Eu sempre tentei me vender como tal. Eu tive que estudar por conta. Mas, de início, eu entrei no mercado como um repórter normal. Eu cobria Política, cobria Eleição, Olimpíadas. Agora, eu trabalho de fato como jornalista de dados e como um jornalista que usa dados em suas matérias. Foi quando eu fiz essa pós-graduação que me deixou em um nível técnico bem especializado, de saber programar.

[00:08:03] Entrevistador: O que há de diferente no jornalismo de dados?

[00:08:05] Entrevistado: Em relação ao jornalismo normal?

[00:08:06] Entrevistador: Isso!

[00:08:08] Entrevistado: Eu acho que, primeiro, as competências que você tem que desenvolver são diferentes. Você tem que ter uma cabeça mais quantitativa, você tem que saber dominar alguns softwares que não são necessários para o jornalismo tradicional. Eu acho que a maneira de você encontrar as histórias é diferente. Tem o Tim Berners-Lee, que é o cara que meio que inventou a internet: a www ou http. Agora eu não sei. Ele inventou alguma coisa importante.

[00:08:39] Entrevistador: A www.

[00:08:42] Entrevistado: Ele fala: o jornalista, antes, ia para os bares e para as ruas, para encontrar pessoas, para falar com elas e conseguir informações para suas histórias, mas, cada vez mais, ele vai encontrar as suas histórias nas plataformas de dados, não estruturados, na conversa global, que está

acontecendo no espaço digital. É um pouco isso: encontrar histórias, jornalisticamente interessantes, respeitando os critérios de noticiabilidade, em um espaço que não é mais físico e que não depende de um informante humano. É navegar nesses espaços novos, que são virtuais. Não sei se faz algum sentido. Onde a informação estava se deslocou - eu acho - e a gente está indo atrás dela.

Entrevista 3:

[00:00:01] Entrevistador: ... tentar perceber como o jornalista de dados se reconhece, como se ele autopercebe, como se dão as negociações dentro de uma equipe de dados. Como são essas relações com um cara que é designer e o outro que é programador? Como essas relações acontecem? Essa possível identidade desse jornalista de dados transversa um pouco a identidade profissional dessas outras áreas? Qual é a sua percepção?

[00:00:39] Entrevistado: São muitas perguntas juntas.

[00:00:40] Entrevistador: Como você foi parar nos dados? Vamos do início.

[00:00:42] Entrevistado: Deixa eu contar a história. Eu trabalho no Correio da Bahia, em Salvador. Não é mais da Bahia, porque perdeu isso no nome. É Correio de Salvador. Eu comecei a trabalhar com jornalismo de dados em 2011, sem saber o que era jornalismo de dados. Eu fiz administração, então eu sempre fui muito chato e eu gostava de planilhas. Em 2011, a Secretaria de Segurança da Bahia começou a divulgar dados de homicídios no *site* deles. Todos os dias eles atualizam, até hoje, com os dados das pessoas encontradas mortas. Tem o nome da pessoa, a idade, o sexo, a localidade onde foi encontrado. Eu comecei a juntar aquilo. Qual era a minha ideia? Eu era editor de Cidades. “Poxa! Se eu formar uma tabela com todos os homicídios do ano, eu vou, na próxima matéria que eu fizer sobre homicídio, conseguir dizer: esse é o homicídio número ‘x’ nesse bairro”. Era essa a minha ideia inicial. Eu queria acrescentar informações em todas as matérias. Quando eu juntei todas as informações daquelas tabelas diárias, eu falei: “Eu estou com um banco de dados riquíssimo. Eu não só tenho os bairros, como os dias da semana que mais morrem, o dia do ano em que mais pessoas morreram, o sexo e a porcentagem de mulheres que morrem assassinadas”. Eu tinha um banco de dados muito, muito rico. Eu falei: “No lugar de jogar isso em matérias, vamos fazer algo mais legal”. Então, a gente planejou uma série de reportagens. Essa série de reportagens acabou sendo finalista do ESSO - isso em 2011, quando eu nem sabia que o nome era esse. Foi finalista do ESSO e finalista de um prêmio americano, chamado *Kurt Schork*, e foi finalista do *Data Journalism Award*. Quando foi finalista do *Data Journalism Award*, que foi a primeira edição do *Data Journalism Award*, a gente falou: “Isso aqui é jornalismo de dados. Que legal!”. Por conta do prêmio, a gente foi para uma conferência e nessa conferência eu descobri o que era. “Jornalismo de dados é uma área dentro do jornalismo. Bacana!”. Aí eu comecei a me especializar e a trabalhar com outras coisas. O que eu tinha feito até ali era Ctrl + C e Ctrl + V do *site*, jogado em uma planilha de Excel e trabalhado no Excel. Depois eu comecei a aprender o que era todo o processo: raspagem, limpeza, toda a metodologia, como mapear as coisas. A série foi feita por mim e por outro repórter, só que o outro repórter não fez o trabalho de dados. Quem fez toda a parte de dados fui eu e, basicamente, até hoje é um trabalho solitário dentro da redação do Correio. Eu me identifico como jornalista de dados. Muitas vezes quando me pedem uma mini-bio, eu boto “jornalista” e entre parênteses “jornalista de dados”.

[00:04:06] Entrevistador: Por que o parênteses?

[00:04:08] Entrevistado: Quando eu não boto o parêntese, eu me sinto muito reduzido. É muito reduzido dentro do que é o jornalismo. Mas eu gosto do parêntese para destacar que não é só “jornalista”. Eu posso escrever sobre, evidentemente, buracos na rua ou sobre qualquer coisa, mas “de dados” é uma coisa específica. É meio para indicar: isso aqui é o que eu gosto e o que eu sei, especificamente. Dentro do jornalismo, o que eu gosto é isso aqui. Entrando dentro da questão da identidade, é assim que eu me reconheço e é assim que eu gosto de reforçar a minha atuação. Agora, eu tenho outras atuações. Eu estou no Correios e eu sou parte da Escola de Dados e estou também na diretoria da Abraji. Por exemplo, na Abraji: “Vamos falar sobre jornalismo investigativo” (para

convidados ou em congressos ou em universidades). Eu já tento enveredar para os dados, porque é a minha área, é onde eu gosto e é onde eu me sinto confortável. É uma questão de identidade mesmo. De certa forma, é como eu me diferencio. Então, eu vou por aí.

[00:05:44] Entrevistador: Qual é o objetivo da Escola de Dados? O que vocês querem?

[00:05:49] Entrevistado: O objetivo da Escola de Dados é treinar a sociedade civil (os jornalistas são um público muito estratégico, porque são um público que está sempre procurando dados públicos e transformando isso em *sites* e informações relevantes) a como tirar informações relevantes de dados. A Escola de Dados é um programa dentro de uma organização maior, que se chama *Open Knowledge*. A *Open Knowledge* atua em *advocacy* para abertura de dados. O que se entende? Não adianta nada os governos abrirem os dados (digamos que a gente viva no “céu de brigadeiro” de dados abertos), porque ainda assim a sociedade precisa saber como trabalhar esses dados e como usá-los dentro da sua área de atuação. O que a Escola de Dados faz é isso: “Está aqui o dado aberto. O que eu faço agora? Como eu puxo essa informação? Quais formas eu tenho para transformar isso em significado? De que formas eu consigo reforçar narrativas (por exemplo, atuações que trabalham com questões de raça, questões de gênero, questões de saneamento)?”. Qualquer área que você pense, eu posso trabalhar com dados públicos de forma a reforçar a minha atuação. Eu tenho muito mais poder mesmo de atuação, se eu estou embasado em dados.

[00:07:26] Entrevistador: Você acha que o jornalista de dados é um novo perfil em relação às interações na redação? Agora, você tem profissionais de áreas muito distintas do jornalismo...

[00:07:38] Entrevistado: Sem dúvida! Continuando a minha história dentro do Correio: eu era editor de Cidades, comecei a fazer coisas de dados. Eu não era um cara muito de tecnologia. Eu comecei a entrar na tecnologia e programação pelo jornalismo de dados. Isso me levou a me desenvolver em uma área que não era exatamente a área onde eu tinha mais expertise. Eu era editor de impresso - pasme. Eu tenho 37 hoje. Eu estou em uma geração que eu não sou nativo digital, então eu tive que aprender muito, mas ainda, dentro da redação (grande parte da redação era bem mais jovem), eu acabei fazendo muitos projetos legais, que a gente curtiu. Se criou um cargo na redação, chamado Editor de Inovação, para que as coisas que a gente estava fazendo em Cidades fossem levadas para toda a redação, para que toda a redação pudesse se apropriar. Eu já estou te falando de coisas que não são de dados, apesar que muitas eram dados: novas formas narrativas, *storytelling*, *snowfall*. Eu acabei me apropriando de todo esse mundo da tecnologia e de outras questões digitais. Hoje a minha atuação é como editor de inovação e, mais recentemente, no começo desse ano, esse cargo, que era da redação, foi levado para o lado mais *business* do jornal. Como o jornal também está em um momento de rever modelo de negócio... “Éramos impressos, mas agora temos que ir para o digital. Como vamos monetizar o negócio?” - é essa história que toda a indústria está passando. Lá no Correio não é diferente. O meu começo como jornalista de dados - eu não estou entrando em juízo de valor, porque, como jornalista, eu vejo vantagens e desvantagens - para o lado *business*. Qual é a desvantagem que eu enxergo? A redação perdeu um jornalista de dados. A gente não tem mais um jornalista de dados na redação. O jornalista de dados está pensando em outra coisa. Eu estou em uma crise de identidade nesse momento. Mas eu continuo me definindo como jornalista de dados.

[00:10:39] Entrevistador: Essas relações são tranquilas? Por exemplo: eu vou fazer um produto de jornalismo de dados. Eu tenho o programador, o designer...

[00:10:49] Entrevistado: A gente não tem ninguém na redação. No Correio, especificamente, a gente não tem ninguém. Quando eu falei em fazer jornalismo de dados sozinho, é sozinho, do começo ao fim: busca, raspagem, limpeza, análise e visualização. Nosso time de designers não é um time de designers que tenha webdesigner. É engraçado porque a gente tem um webdesigner na parte de marketing, mas não tem um webdesigner na redação.

[00:11:13] Entrevistador: É uma outra realidade de uma mídia como o *Estadão*, a *Folha*.

[00:11:19] Entrevistado: É outra realidade. Eu não tenho um desenvolvedor na redação, nem um webdesigner na redação. Eu estou começando a programar, mas eu não sou programador. De toda *pipeline* de jornalismo de dados, onde eu tenho menos expertise é na parte de visualização. Isso me gera uma frustração grande, muito frequentemente. Eu às vezes consigo descobrir coisas muito legais, mas “Como eu vou apresentar isso daqui?”. Eu me travo, porque eu não tenho essa última perna - ou tenho muito básica -, então eu acabo fazendo uma coisa, tipo um infograma. Eu acabo tendo que reduzir porque eu não tenho alguém que me desenvolva uma aplicação que o usuário possa pegar. No máximo, eu consigo no Tableau, mas ele é muito mais pesado, é ruim. Tem essas frustrações. Minha relação é mais de briga para ter isso. Estamos em 2018 e eu ainda preciso brigar para ter isso dentro da redação. Existe o entendimento hoje, da forma como se tem falado em dados e a questão está tão em voga, mesmo interno, de que é necessário. “Precisamos de um desenvolvedor. Como vamos fazer?”: isso já está assimilado. Hoje já estamos caminhando para uma contratação, mas é todo um processo.

Entrevistado 4:

[00:00:01] Entrevistador: ...que são três eixos.

[00:00:04] Entrevistado: Essa produção do jornalismo de dados na academia tem-se focado em três eixos. No eixo conceitual de conceituar o jornalismo de dados. Eles buscam, os pesquisadores, uma conceituação melhor que abarque todo o exercício da profissão, as suas competências, as suas áreas, as suas etapas. Não se concebe mais que jornalismo de dados é o jornalismo feito com dados porque é muito raso. Não é isso! Jornalismo de dados é o jornalismo feito com dados? Não. Também! Mas, hoje em dia, a nossa produção, a produção em níveis mais avançados, incorpora métodos estatísticos para chegar a determinadas conclusões.

[00:01:28] Entrevistador: É mais profundo.

[00:01:30] Entrevistado: É mais profundo do que isso. Então, a gente tem um eixo de conceituação. Tem um segundo eixo que trata do perfil desse profissional, que estuda por meio de observação participante o perfil desse profissional dentro das redações. Que perfil é esse? Quais são as competências desse profissional? O outro eixo se volta para as rotinas produtivas deste jornalismo de dados. Quais são as rotinas produtivas do jornalismo de dados? Então, a pesquisa se volta para isso. O jornalismo de dados não é considerado uma categoria jornalística. O jornalismo de dados é considerado um braço do jornalismo digital, mas vem sendo muito questionado se o jornalismo de dados é realmente jornalismo digital. Existem hoje, no Brasil, muitas pesquisas sobre jornalismo digital. É algo muito efervescente. O pessoal discute muito sobre plataforma, narrativas, mas quando chega no jornalismo de dados, a coisa filtra muito e se torna isso daqui, entendeu? Como você consegue alcançar essa produção, porque vai ter gente pesquisando sobre jornalismo guiado por dados, jornalismo de precisão, reportagem assistida por computador, jornalismo computacional, *data journalism*? Existem seis. Então, se busca ainda: “A gente vai conceituar isso aqui dessa forma”. Mesmo com todas as palavras que eu falei, todas as pesquisas giram em torno disso. Eu falei também sobre a questão da mulher na pesquisa. Embora o jornalismo de dados seja um jornalismo muito voltado à cientificidade, que adquire métodos científicos, matemáticos, científicos, assim como nas áreas tecnológicas, a produção bibliográfica tem suas leituras basilares feitas por mulheres (Daniela Bertocchi, Suzana Barbosa). Temos homens também, mas as pesquisas mais recentes, os artigos mais recentes, os estudos sobre robôs e inteligência artificial no jornalismo, mineração de dados no jornalismo... Isso também é uma etapa do jornalismo de dados, que está sendo estudada. Todas essas produções estão sendo feitas por mulheres. Então, isso é algo que tem que se refletir em uma produção. O que isso diz? Isso nos reflete em várias coisas. Tem mulheres fazendo isso. A gente não pode deixar que esse campo e que esse exercício jornalístico se torne um espaço de segregação, como acontece no ambiente da TI (tecnologia da informação), onde tem poucas mulheres atuando e existe uma dificuldade imensa de inserção dessas mulheres. É importante que as mulheres não só pesquisem, mas que elas exerçam, que elas estejam em posição de comando, que elas tenham salários equiparados. A segunda reflexão a curto prazo é no perfil profissional e na capacitação profissional.

Você vê hoje que os jornalistas que estão atuando nos núcleos do país são jornalistas que têm competências e habilidades que não são só aquelas habilidades da graduação. São jornalistas que têm especialização em ciência de dados, que sabem programar, que têm habilidade com matemática e estatística. Terceira reflexão vai para longo prazo, que é qual? A mudança dos currículos na academia. É algo que tem sido exigido pelo MEC. O último levantamento do Marcelo Träsel, que é algo que a gente está estudando, é sobre o ensino de jornalismo de dados nas instituições superiores do país. Até o momento, nós temos 23 iniciativas de ensino de jornalismo de dados nesse país.

[00:06:53] **Entrevistador:** Você sabe me dizer se é pública ou está tudo? Você sabe me dizer?

[00:06:56] **Entrevistado:** Não, não. Deve ser tudo junto.

[00:06:59] **Entrevistador:** Eu trabalho na Estácio de Brasília e, dentro do currículo da Estácio, a gente tem jornalismo de dados, mas os laboratórios estão preparados para ter essa prática? Tem professor para dar matéria de visualização?

[00:07:16] **Entrevistado:** São 23 iniciativas em instituições de ensino superior. Não sei se são públicas ou privadas, mas vale você conversar com ele, se você tiver interesse. Mas ainda são iniciativas que são inseridas em uma grade fixa: são cadeiras optativas, entendeu? Oferece em um semestre; em dois, não. Não tem uma regularidade, entendeu?

[00:07:47] **Entrevistador:** Entendo! Você se considera jornalista de dados?

[00:07:50] **Entrevistado:** Essa é uma pergunta que eu me faço: se eu sou ou não jornalista de dados. Quais são as competências? É algo que me traz uma dúvida. Só porque eu sei programar, eu sou uma jornalista de dados? Na verdade, tudo isso se mistura para mim. Eu acabo estudando isso porque eu gosto muito, mas eu acho que isso é uma habilidade, para os tempos em que a gente vive hoje, que todo mundo deve buscar. O exercício da profissão já exige isso. As pessoas dizem que sim, mas eu fico refletindo: “Será que eu sou?”. Eu não sei. Você entende por que eu fico nessa dúvida? Eu sei programar? Sei. Eu sei analisar dados? Sei. Eu sei investigar? Sei. Sei escrever? Sei. Mas por que eu adquiri essas técnicas? Porque elas eram necessárias para aprimorar o jornalismo. Isso aprimora a minha investigação.

[00:09:14] **Entrevistador:** Você se reconhece como jornalista, e não prioritariamente como “jornalista de dados”.

[00:09:19] **Entrevistado:** Exatamente! Eu não consigo dizer isso. Eu sou jornalista, mas eu tenho essas habilidades que são fundamentais e que aprimoram o meu trabalho e eu acho importante ter esse conhecimento.

[00:09:40] **Entrevistador:** O que é diferente no jornalismo de dados?

[00:09:47] **Entrevistado:** O jornalismo de dados é um jornalismo que tem muito essa pegada científica, a pegada mesmo da ciência de dados, de você saber tratar um dado, de você fazer análises em cima disso, de você saber estruturar um banco de dados, de você saber limpar um banco de dados, de você fazer previsões, fazer cruzamentos de informações.

[00:10:29] **Entrevistador:** Dentro de uma equipe de dados, há uma negociação entre os vários profissionais? “Até esse ponto, vai o jornalista. Até esse ponto, vai o programador”. Há negociação dos espaços de como essa produção vai acontecer ou é algo que não precisa ser dito? Porque é produzido com vários profissionais, onde cada um tem...

[00:10:59] **Entrevistado:** Eu entendo como é que funciona a cooperação, o diálogo para produzir um produto. Essa pergunta eu não vou saber te responder. Na verdade, eu até sei te responder. Eu trabalhei durante cinco anos em uma redação, mas hoje trabalho de maneira *freelancer*. Em todas as matérias

que eu faço, eu consigo o *web scraping*, eu consegui o dado, eu montei o meu banco, eu fiz os cruzamentos necessários e cheguei a uma lead. Isso é importante para mim porque eu não sou uma redação que recebo e-mail todo dia com sugestão de pauta, então eu tenho que tirar as minhas pautas de algum lugar, aí vou fazendo isso. Então, o meu trabalho é muito eu. Eu nunca trabalhei em uma equipe de dados ou um núcleo de dados. Mas os meus amigos que, assim como, trabalham com dados e que estão inseridos na CLT - que têm uma carteira assinada - e trabalham em uma grande redação, me dizem que as equipes são multidisciplinares. Geralmente, tem um líder, que é um editor, que é o cara pensa a pauta e você trabalha com jornalistas que têm essas habilidades... Ele pode não ser um puta programador, mas ele entende e, de alguma forma, sabe como orientar o programador a fazer o que ele quer. O programador também aprende a pensar como jornalista. Ele começa a pensar no problema. “Eu tenho que solucionar esse problema”. O ensino de programação quer resolver problemas, entendeu? O programador que trabalha dentro dessa equipe aprende a pensar jornalisticamente. “Eu abri os microdados da PNAD. Eu li o glossário. Poxa! Se eu fizer uma reponderação, será que eu consigo os dados de pobreza atualizados?”, entendeu?

[00:14:05] Entrevistador: Ele já saca.

[00:14:07] Entrevistado: “Eu posso conseguir isso. Então, eu vou construir um algoritmo, que vai fazer isso para mim”. Ele teve um pensamento jornalístico, que é interessante. As equipes estão trabalhando dessa forma. Tem os designers também, que pensam o produto e a visualização de uma certa forma. Eu noto que há esse diálogo entre as pessoas que integram essas equipes: são programadores que aprendem a pensar jornalisticamente, são jornalistas que sabem um pouco programar (um sabe um pouco de linguagem SQL, outro sabe trabalhar muito bem no Excel). Uma coisa completa a outra. Como saiu aquela matéria do Enem, onde se descobriu as fraudes? Aquilo foi um trabalho de seis meses de um cientista de dados, que integra a equipe de inteligência da *Folha*. Passou três meses aplicando um método estatístico chamado Correção de Bonferroni, até chegar àquele resultado. Será que o ele saberia colocar aquilo como lead em um papel? Foi preciso um jornalista para escrever o que é uma Correção de Bonferroni. Agora, eu não me lembro o que é, mas, no final das contas, “Existem fraudes! Essas fraudes estão assim, assim, assado. A gente fez assim, assim, assim”. As pessoas falam uma linguagem só, entendeu? Há essa cooperação. Já eu, eu não posso falar, como eu te disse, porque eu trabalho muito só. Mas quando eu faço trabalhos para *O Globo*.... Tinha uma época em que *O Globo* tinha a equipe de dados deles.

[00:16:49] Entrevistador: Entendo! Obrigada!

[00:16:51] Entrevistado: Era isso?

[00:16:52] Entrevistador: Ajudou bastante! Eu estou aqui para testar a minha hipótese de trabalho. Eu quero fazer um trabalho que possa trazer essa colaboração para a área. Eu quero ouvir esses profissionais. Eu quero entender quem é esse jornalista, quem é esse cara que programa e que pensa em todas essas nuances. Para mim, isso é quebra de paradigma na área.

[00:17:17] Entrevistado: Claro! Com certeza! Eu tenho uma hipótese: o jornalismo de dados é uma categoria à parte, que foi aprimorado com a internet, com a tecnologia, mas eu não acho que ele seja um braço do jornalismo digital. Tudo isso que a gente fica estudando para poder fazer... A gente desenvolve algoritmo, entendeu? Se a gente não desenvolver algoritmo, a gente vai estudar bases documentais e vai inserir ali algum método para calcular alguma coisa, fazer alguma análise em cima disso. Eu não falo só sobre programação. Você pode fazer uma puta matéria jornalística se você souber analisar dados muito bem e souber usar minimamente um software como o Excel. Você precisa saber analisar, ter noção de dados, ter noção de estruturar. Isso se aprende na matemática, entendeu? Eu acho que o jornalismo de dados veio se aprimorando com as novas tecnologias, com as linguagens de programação, com os novos métodos - isso foi incorporado. Mas ele é o jornalismo digital? Eu não acho que ele seja. Talvez eu esteja falando uma besteira, mas, até agora, pelo que eu li, eu não acredito. Mas eu ainda tenho que ler muito mais para poder chegar a isso.

[00:19:29] Entrevistador: Entendo!

[00:19:30] Entrevistado: Eu espero ter contribuído de alguma forma.

[00:19:31] Entrevistador: Contribuiu demais!

APÊNDICE C – ENTREVISTAS PRÉ-CAMPO II

Entrevistado 1:

[00:00:01] **Entrevistador:** Eu já tinha te explicado um pouquinho sobre a pesquisa. Você se reconhece como jornalista de dados?

[00:00:08] **Entrevistado:** Sim! Eu falo que eu sou uma jornalista, que me especializei em dados, mas que eu não faço só isso. Eu tento usar os dados e essa expertise que eu tenho em tudo o que eu faço. Eu não trabalho só com dados e eu trabalho com várias coisas em que eu posso usar dados e é importante, para mim, ter essa expertise. Mas é o que eu te falei: ainda é nebuloso o que é um jornalista de dados.

[00:00:45] **Entrevistador:** Interessante! Na academia e nos congressos acadêmicos, as pessoas usam muito isso: “os jornalistas de dados...”. Será que a gente da academia não está dando esse...? Ou você acha que a própria comunidade se reconhece assim?

[00:01:02] **Entrevistado:** Eu acho que ela se reconhece. A gente tem iniciativas dentro de redações, a gente tem editorias específicas para dados (*GI Dados, Estadão Dados*), com jornalistas que têm conhecimentos específicos. Hoje em dia, a gente tem muito mais cursos do que tinha antes no Brasil. Eu mesma tive que fazer fora, porque aqui não tinha. Hoje, por exemplo, a gente tem congresso, como o Coda. Então, acho que a gente se reconhece. O que eu acho que ainda é nebuloso é que existem tipos diferentes de jornalistas de dados: tem jornalista de dados que programa, tem jornalista de dados que não programa, tem jornalista de dados que trabalha com infografia, outros que trabalham na redação com texto.

[00:01:49] **Entrevistador:** Teriam categorias? Você acha? A gente poderia chamar assim? Ou são especialidades?

[00:01:53] **Entrevistado:** Especialidades de dados. Como eu te falei, eu conheço jornalistas que se especializaram em dados, deram curso de jornalismo de dados e que trabalham com infografia. A minha especialização, por exemplo, é em Jornalismo de Dados, Investigação e Visualização. São coisas diferentes, mas que estão totalmente conectadas. Eu uso muito os dados na investigação e, para eu transformar esses dados em algo que seja didático e que seja visual para o leitor, eu preciso fazer visualização. Então, eu posso trabalhar na seção de infografia, fazendo a visualização dos dados que fulano levantou no *Python* e outra pessoa vai transformar em texto, mas aquela pessoa também precisa entender de dados. Você me entendeu? São várias habilidades, várias características. Às vezes, você pode se especializar em uma ou em outra.

[00:02:47] **Entrevistador:** Como você veio parar no jornalismo de dados?

[00:02:51] **Entrevistado:** É uma história meio longa. Eu trabalhava com economia, né? Eu trabalhei desde o início da minha carreira com economia e eu fui trabalhar em uma redação em que eu conhecia um jornalista que tinha acabado de voltar de um curso de dados em Portugal. Eu fui fazer uma matéria uma vez sobre demandas na justiça e mercado imobiliário, taxas. Eu me lembro que foi um trampo enorme, porque eu tinha que ficar entrando no *site* do TJ. Na época, eu não sabia nada de jornalismo de dados, não sabia nem fazer uma planilha. Eu tive que fazer continha no papel. Na época, eu estava com muita vontade de morar fora. Aí, abriu um edital para uma bolsa da Fundação Carolina, para fazer especialização na Espanha. Tinha várias opções e eu encontrei uma de jornalismo de dados. Era uma coisa que não tinha no Brasil ainda e tinha pouca gente fazendo. Eu falei: “Vou me inscrever”, mas eu nem achei que eu iria passar, mas acabei passando. Eu fui fazer a especialização lá. Eu não sabia nada de dados mesmo. Eu aprendi tudo enquanto estava lá. Quando eu voltei, eu já voltei fazendo algumas

coisas de dados e trabalhando com *fact-checking*, onde também usa bastante dados. Foi meio isso: uma matéria que eu fiz e eu senti uma dificuldade e eu não sabia onde eu poderia resolver. Aí, casou de eu achar o curso e o caminho me levou.

[00:04:10] Entrevistador: Você acha que alguns jornalistas estão na área de dados como uma forma de se manter no mercado ou não? É um movimento que está crescendo, pela necessidade do jornalismo...?

[00:04:23] Entrevistado: Eu acho que quem já está há um tempo no jornalismo de dados não foi por isso, não. Hoje que muita gente pensa em dados como uma maneira de se manter, porque é um campo que está crescendo e, ao mesmo tempo em que está crescendo, pode crescer muito mais, porque não são todas as grandes redações que têm jornalistas especializados nisso, então é uma área em que as empresas podem acabar focando mais. Tem até uma galera que fala: “Jornalismo de dados agora é moda”. Quem já está há um tempo, não foi por isso, não. Talvez tenha sido por necessidade ou porque já acompanhava lá fora (porque lá fora cresceu bem mais do que aqui).

[00:05:09] Entrevistador: Como você vê essas relações de fronteiras entre vários profissionais de carreiras distintas (programadores, o cara do design, tem o estatístico)? Como é essa relação? “Eu vou até aqui. Eu faço isso e você faz aquilo”.

[00:05:30] Entrevistado: Eu trabalho em uma redação muito pequena.

[00:05:32] Entrevistador: Geralmente, é assim.

[00:05:33] Entrevistado: Ela é realmente pequena, pequena mesmo. O *Estadão* tem uma equipe pequena de dados, mas eles têm suporte de uma redação inteira.

[00:05:45] Entrevistador: Um núcleo de infografia.

[00:05:47] Entrevistado: Exatamente! Eu não tenho núcleo de infografia, nem de programação. Eu tenho um programador, uma pessoa que sabe fazer visualização. Eu faço visualização às vezes, eu faço os dados. Eu não sinto muito essa fronteira, porque é meio que todo mundo tem que fazer tudo. Eu mesmo faço muitas coisas. Mas eu acho que em grandes redações, existe um esforço para que as fronteiras sejam cada vez menores. Eu acho que o *Estadão* é um grande exemplo disso. Eu estava até ontem em um evento e um jornalista brincou: “O segredo para uma boa matéria é beber com o seu infografista. Seja amigo do seu infografista”. Eu acho que existe um esforço para que as fronteiras sejam menores e tem que haver mesmo. Essa separação não faz bem para ninguém: nem para a redação, nem para o leitor. Você perde a chance de fazer coisas muito legais. Ao mesmo tempo, eu vejo a demanda pelo profissional que faça tudo. Eu, quando voltei da Espanha, não sabia programar. Eu parei para perceber que a demanda do Brasil era pelo jornalista que soubesse programar. Então, eu acho que existe isso de que o jornalista sabe se virar sozinho.

[00:06:57] Entrevistador: É o multitarefa.

[00:06:59] Entrevistado: Isso! Tem que saber programar, fazer visualização, escrever texto e fazer raspagem.

[00:07:04] Entrevistador: Você vê isso como um desafio?

[00:07:05] Entrevistado: Vejo! Total! Eu, por exemplo, tive que correr atrás da programação, porque eu não programava. Eu falei: “Cara, eu vou ter que programar”. Eu comecei uma entrevista e o pessoal: “Você programar? Você mexe com *Python*? Você sabe de *SQL*?”. Eram coisas que eu não sabia na época. Eu falei: “Meu, eu vou ter que saber”. Aí, eu fui atrás, fui fazer curso. O jornalista de dados precisa saber programar? Eu não sei se ele precisa, na concepção da ideia, mas, para sobreviver, ele vai precisar.

[00:07:38] **Entrevistador:** Você teve algum curso na graduação ou formação para isso?

[00:07:41] **Entrevistado:** Na graduação, não. Não! Eu tive, fora, *Python*, mas era muito difícil aprender *Python* em espanhol, então não rolou muito bem. Quando eu voltei, eu fui fazer cursos online. Fiz cursos presenciais também.

[00:08:01] **Entrevistador:** O profissional tem que constantemente se atualizar, aprender.

[00:08:03] **Entrevistado:** Até porque tecnologia e programação é aquela coisa: as linguagens se atualizam o tempo todo. De repente, uma coisa que você viu já está velha. Então, você precisa ficar atrás e se atualizar da tecnologia. Não dá para dormir no ponto, porque as pessoas vão ficando melhores do que você. São poucos jornalistas de dados hoje, mas são pouco vagas também.

[00:08:25] **Entrevistador:** É fechado, né? Obrigada! Eu acho que é isso. Me ajudou muito.

Entrevistado 2:

[00:00:01] **Entrevistador:** Você se reconhece como jornalista de dados?

[00:00:08] **Entrevistado:** Acho que sim.

[00:00:10] **Entrevistador:** Você se reconhece como esse indivíduo?

[00:00:11] **Entrevistado:** Eu acho que sim.

[00:00:12] **Entrevistador:** Por quê?

[00:00:15] **Entrevistado:** Porque é um campo que eu aplico no meu trabalho. Assim como tem jornalista esportivo, jornalismo que cobre política... Eu acho que talvez o diferencial da questão dos dados é que ele é menos um tema em si (no sentido que o jornalista esportivo cobre esporte) e mais um ferramental que você pode aplicar em várias áreas. Talvez ele esteja mais próximo do jornalismo investigativo - da ideia do jornalismo investigativo, não como algo ou um tema, mas como método. Você pode fazer jornalismo investigativo, por exemplo, no esporte (por exemplo, investigar a CBF), você pode fazer jornalismo de dados na economia. Você pode fazer jornalismo de dados no esporte, na economia, na política. Eu acho que ele diz respeito a um conjunto de métodos e ferramentas e abordagens (forma de se abordar um certo tema). Sim, eu me reconheço porque já trabalho com isso há um tempo.

[00:01:41] **Entrevistador:** Você acha que o jornalista de dados é um jornalista diferenciado?

[00:01:45] **Entrevistado:** Em que sentido?

[00:01:48] **Entrevistador:** Em habilidades.

[00:01:49] **Entrevistado:** Eu não sei se é diferenciado. Acho que tem especificidades, coisas que são específicas desse campo que talvez não sejam comuns a todos. Novamente: eu acho que é um método, um meio, mais do que um fim mesmo, assim como a investigação é um meio.

[00:02:20] **Entrevistador:** Como você veio para o campo do jornalismo de dados?

[00:02:24] **Entrevistado:** Eu sou jornalismo de formação e, desde antes de entrar no jornalismo, eu trabalhava e continuo trabalhando... Eu sempre tive uma facilidade com tecnologia, então desde antes de entrar na faculdade, eu já fazia bicos (fazia *sites* e fazia coisas assim). Depois de entrar na faculdade, eu me envolvi em projetos que hoje talvez pudesse levar esse nome de jornalismo de dados, mas antes eu não botava essa etiqueta. Fui me identificando mais com esse conceito a partir da

confluência de dois interesses: interesse pelo jornalismo e o interesse pela tecnologia. Eu vejo o jornalismo de dados como o lugar que dá para unir essas duas coisas que, durante muito tempo, para mim, eram coisas paralelas. O jornalismo de dados facilitou entender esse cruzamento dessas duas áreas, que eram áreas que já me interessavam, basicamente.

[00:03:50] Entrevistador: No jornalismo de dados, são várias linguagens: programação, design. Há uma fronteira quando você trabalha com equipes que têm outros tipos de profissionais, como programador? Há uma fronteira de atuação ou você acha que o jornalista de dados está cada vez mais procurando se apropriar dessas linguagens?

[00:04:19] Entrevistado: Eu acho que depende do local. Eu sempre trabalhei em veículos de pequeno e médio porte, então essa questão de ter uma equipe para trabalhar junto nunca foi uma realidade. Com projetos maiores, às vezes, tinha, mas, em geral, é você tendo que “jogar nas 11 posições”. Eu acho que tem uma tendência de quem é dessa área de pelo menos entender um pouquinho de tudo, ainda que você se aprofunde em algo, ainda que sua área seja mais análise ou mais de visualização. Mas você tem que entender um pouco de tudo. Mesmo que você não faça visualização, que você não seja designer, você tem que saber que tipos de gráficos existem, se aquele gráfico é apropriado ou não. Até para pedir para um *designer* ou para um programador, você tem que saber pedir e o que é possível pedir. Eu acho que a maioria dos jornalistas talvez esbarre... Eu acho que o problema maior não é nem a falta do conhecimento técnico, mas a falta do conhecimento de que é possível. Se ele sabe que dá para ser feito, ainda que ele não saiba fazer, a gente dá um jeito, a gente pede. O fato de a gente por vezes nem saber que é possível fazer uma análise x ou obter um dado y, fecha horizontes e fecha campos de possibilidade. Então, acho que isso é mais fundamental.

[00:06:10] Entrevistador: Você vê progressão de carreira dentro do jornalismo de dados?

[00:06:19] Entrevistado: Passada ou do que vem pela frente?

[00:06:21] Entrevistador: Do que vem pela frente.

[00:06:24] Entrevistado: Eu acho que sim. Vejo! Eu acho que é um campo que está se expandindo e, provavelmente, a tendência é que ganhe mais preponderância diante da quantidade de informações que estão se tornando públicas e que se pode ter acesso. Naturalmente, a gente vai precisar saber ler e interpretar esses dados para compreender o mundo em que a gente vive hoje. Então, eu acho que sim.

[00:06:57] Entrevistador: Você se vê nesse campo ou isso não passa pela sua cabeça? “Hoje eu estou nesse campo, mas amanhã pode ser...”.

[00:07:06] Entrevistado: Enquanto eu continuar atuando nesse campo da comunicação, sim. Só se eu largar tudo mesmo, for plantar no interior alguma coisa... Enquanto eu estiver nesse ramo, sim. É como eu te falei: eu trabalho com tecnologia antes mesmo de sequer me entender com essa etiqueta. Então, sim, eu acho que eu continuaria.

[00:07:40] Entrevistador: Ok! Obrigada!

Entrevistado 3:

[00:00:01] Entrevistador: ... quem é esse indivíduo e se ele se reconhece assim. Aí, eu estou fazendo esse pré-campo. Eu fiz um pré-campo na Abraji e estou fazendo um pré-campo agora no Coda. Eu já entrevistei algumas pessoas. Você trabalha na Rede Gazeta, não é isso?

[00:00:15] Entrevistado: Isso! Na Rede Gazeta, no Espírito Santos.

[00:00:16] Entrevistador: Você se sente jornalista de dados? Você se reconhece com esse título?

[00:00:20] Entrevistado: Sim! Eu me reconheço com esse título, de jornalista de dados

[00:00:22] Entrevistador: Por quê?

[00:00:23] Entrevistado: Porque, dentro da redação, eu sou a pessoa que sou referência, quando a gente precisa lidar com dados. A maioria das matérias que eu faço são relacionadas a dados, eu busco minhas pautas dentro dos dados, eu fundamento os meus argumentos nos dados.

[00:00:39] Entrevistador: Quais são as habilidades necessárias para atuar no campo do jornalismo de dados que você acha?

[00:00:46] Entrevistado: Eu acho que cada especialista de dados se especializa em um pedacinho, mas o que, em geral, todo mundo tem uma noção é estatística, matemática (mas não é uma matemática avançada, de quarta série, que a gente esqueceu), um pouquinho de design (para a questão da visualização). O resto são as habilidades jornalísticas do geral: curiosidade, precisão...

[00:01:19] Entrevistador: Você se acha diferenciada dos outros jornalistas de onde você trabalha, por trabalhar com dados?

[00:01:25] Entrevistado: Não! Diferenciada?

[00:01:27] Entrevistador: Em algum sentido... “Eu faço tal coisa, então eu não sou simplesmente uma jornalista comum”.

[00:01:34] Entrevistado: Não, não. Eu trabalho com dados, mas eu sou péssima com outras coisas. Por exemplo, os meus códigos não são muito bons. Eu tenho colegas que são excelentes, por exemplo, para achar pessoas, do estilo “grávida, deficiente e que fez o Enem”. Eu sou péssima nisso daí. É uma especialização como qualquer outra.

[00:01:58] Entrevistador: Como você parou na área de jornalismo de dados?

[00:02:01] Entrevistado: Eu tenho facilidade com números. Muita gente que entrou no jornalismo foi porque não tinha matemática no curso. Eu falei: “Eu não tenho um texto excepcional, eu não tenho um bando de coisas que jornalistas geralmente têm, mas eu lido muito bem com números”. Então, eu achei nisso um nicho para eu me diferenciar e também para eu me colocar no mercado.

[00:02:30] Entrevistador: Antes de chegar no jornalismo de dados, você já estava em redação ou você começou a sua carreira em jornalismo de dados?

[00:02:36] Entrevistado: Eu comecei em jornalismo de dados.

[00:02:39] Entrevistador: Você é recém-formada ou não?

[00:02:41] Entrevistado: Não! Eu me formei em 2010. Eu tenho oito anos de formada. Eu saí da faculdade e emendei um mestrado fora e estudei jornalismo de dados lá. A minha dissertação foi sobre jornalismo de dados. Quando eu voltei, além de eu gostar de fazer, era o que eu tinha para me diferenciar no mercado.

[00:03:10] Entrevistador: Você acha que os jornalistas estão indo para o jornalismo de dados como forma de se manter na carreira?

[00:03:17] Entrevistado: Acho que sim. Acho que existe isso. Existe gente que gosta. Por exemplo, eu me identifico muito com a cultura hacker, sempre gostei de linguagem de programação, o que também já me leva para esse lado. Mas tem uma galera que está se atualizando por uma questão de se manter atualizada.

[00:03:37] Entrevistador: Quando você pensa na sua carreira, você pensa em se manter no jornalismo de dados? Você vê um futuro dentro desse campo ou não?

[00:03:50] **Entrevistado:** Eu acho que o jornalismo de dados começou e explodiu há alguns anos e todo mundo investiu muito. Por conta da crise do jornalismo, todo mundo investiu muito no jornalismo de dados como o “jornalismo de precisão”, que ia trazer de volta a credibilidade perdida do jornalismo. Eu acho que isso tende a se manter como está ou até a declinar um pouquinho, porque o jornalismo de dados não chega às pequenas redações. Ele não chega! Eventualmente, os grandes times já estão formados e não se consegue inserir isso nos times e nas equipes menores.

[00:04:40] **Entrevistador:** Entendi! Por exemplo, a gente tem o *Estadão*, a gente tem a *Folha*, o *GI*. Na *Gazeta*, como é? É só você?

[00:04:46] **Entrevistado:** Exatamente! São esforços de indivíduos dentro das redações pequenas. Olha que a *Gazeta* não é uma redação pequena, cara. *A Gazeta do Povo* é menor que a *Gazeta*, a *Zero Hora* é menor que a *Gazeta*. É uma redação grande, é enorme. A gente tem outras redações no Espírito Santos onde não vai chegar nunca. Você não tem como botar uma pessoa que você paga meio período para trabalhar para ela trabalhar com dados, junto com tudo o que ela tem para fazer. Não vai chegar nas redações pequenas e é por isso que eu acho que vai ter uma estagnação no crescimento.

[00:05:24] **Entrevistador:** Entendi! Você acha que isso é uma tendência das grandes corporações?

[00:05:26] **Entrevistado:** Isso! Das grandes corporações.

[00:05:32] **Entrevistador:** Deixa eu te perguntar: onde você trabalha, você tem um núcleo de dados ou não? Você é a jornalista de dados, você que apura, você que visualiza, que programa.

[00:05:49] **Entrevistado:** Sim! A gente faz tudo.

[00:05:51] **Entrevistador:** A gente? Quantos?

[00:05:52] **Entrevistado:** A gente tem um núcleo de dados, só que a gente teve que criar ele à parte das nossas funções normais, então a gente não é um grupo que trabalha exclusivamente com dados. A gente faz as pautas do dia a dia, normal, como todo mundo e, nos intervalos entre uma apuração e outra, a gente faz dados. A gente que extrai, analisa.

[00:06:18] **Entrevistador:** Então vocês propõem pautas?

[00:06:20] **Entrevistado:** Sim! Pautas de jornalismo de dados é a gente quem propõe. A gente tem um calendário de pautas agendadas, então, não só a gente tem as pautas de agora, como a gente tem as pautas do futuro.

[00:06:31] **Entrevistador:** Quando vocês propõem, tem alguém que...?

[00:06:33] **Entrevistado:** Elas entram no radar dos editores como qualquer outra matéria. Não tem nenhuma garantia que a pauta de dados que a gente programou para o resto do ano vai sair.

[00:06:46] **Entrevistador:** É uma negociação.

[00:06:48] **Entrevistado:** É uma negociação. A gente não é editor. A gente é só repórter.

[00:06:52] **Entrevistador:** São quantas pessoas nesse grupo que você chama de núcleo?

[00:06:56] **Entrevistado:** São cinco pessoas, cinco jornalistas: um de Política, nós duas somos de Cidades, uma de Economia e tem um cara do digital.

[00:07:04] **Entrevistador:** Mas vocês se uniram, entre vocês? “Vamos fazer um grupo de dados”. Não foi iniciativa da própria redação, do grupo?

[00:07:10] **Entrevistado:** Não. A gente teve que formalizar isso na empresa. Como é uma empresa grande, todo tipo de aglomeração de funcionários, eles querem saber o que é. A gente teve que formalizar, teve que botar um coordenador de grupo (que é trocado periodicamente). A gente teve que criar, por exemplo, um teste do que é ou não uma matéria de dados, onde tem um questionário para ver se a matéria responde “sim” a mais de três perguntas do questionário.

[00:07:44] **Entrevistador:** Vocês fizeram uma sistematização para decidir as coisas.

[00:07:50] **Entrevistado:** Exatamente!

[00:07:51] **Entrevistador:** Essa ideia partiu de quem?

[00:07:53] **Entrevistado:** Ela surgiu. Ela vinha surgindo há vários anos dessas pessoas. Todo mundo teve essa ideia em algum momento. Mas a gente aproveitou um gancho da empresa, porque a empresa está em um viés de mudança, de transferência do impresso para o digital. A gente aproveitou esse viés de mudança e falou: “Olha aqui! A gente tem uma ideia”. Aí, foi dando nisso daí.

[00:08:29] **Entrevistador:** Ok! Obrigada.

Entrevistado 4:

[00:00:01] **Entrevistador:** Então, a minha pesquisa de doutorado versa um pouco sobre a construção da identidade do jornalista de dados no Brasil. Eu estou querendo, através disso, entender um pouco essa comunidade. Como o jornalista de dados se reconhece? Ele se reconhece como jornalista de dados dentro desse campo ou simplesmente como jornalista ou como programador? É essa coisa do reconhecimento de si. A tese tenta trazer um pouco dessa proposta. Eu vou talvez entrevistar até profissionais que talvez não sejam jornalistas. Nos núcleos de dados, o que a gente percebe, é que tem outros profissionais fazendo isso. Há uma mescla ali: o cara da TI, o designer, o desenvolvedor. Eu também pretendo entrevistar essas pessoas para ver como elas se enxergam nesse fazer jornalístico. Você se reconhece como esse profissional intitulado como jornalista de dados? Como foi que você começou?

[00:01:01] **Entrevistado:** Admito que eu tive bastante resistência com esse título e até hoje eu tenho um pouco. Se você for ver, muitas pessoas trabalham com dados. Desde que eu entrei no *Estadão*, eu trabalho com dados, mesmo sem nunca terem me falado que eu trabalharia com jornalismo de dados. Eu entrei para cobrir Educação no *Estadão*. Todo ano a gente faz alguma matéria relacionada a microdados do Enem, a dados de desenvolvimento de educação básica. Então, eu estava sempre mexendo com dados. Fez parte de um trabalho de muitos outros jornalistas que não se identificam como de dados já tinham que fazer. O que mudou de uns tempos para cá? As ferramentas que eu usava e as metodologias que eu usava, para fazer o mesmo trabalho que eu fazia antes. O que diferencia é quando você começa a focar nos dados, de forma que você consiga trabalhar os dados de maneira mais simples, ou melhor, de maneira mais complexa para tornar o seu trabalho mais simples. A partir do momento em que você deixa de pegar uma tabela gigante em PDF, que foi enviada por um órgão público, e você consegue transformar aquilo em um dado em que você consegue interagir com ele, e, a partir disso, criar interpretações mais detalhadas e conseguir fazer coisas mais rebuscadas do que só pegar aquilo e reproduzir como se fosse uma informação já dada. Acho que a grande diferença é essa. Muitas vezes, acontece de a gente receber uma tabela do governo... Um exemplo muito comum é da Secretaria de Segurança Pública. Eles te dão um “tabelão” com um monte de dados. Qual é o trabalho que a gente tem que fazer a mais? É você pegar esses dados e eles deixarem de ser só uma informação que te deram e passam a ser uma base que você pode fazer perguntas para ela. Além de você pegar o formato que já te passaram, você pode fazer outras perguntas e poder chegar a outras conclusões a partir da mesma tabela que foi usada para “n” coisas. Acho que essa é a grande diferença do jornalista de dados para outros jornalistas.

[00:02:55] Entrevistador: Dentro do núcleo que você trabalha, vocês têm outros profissionais? Como são essas negociações com pessoas de outras áreas?

[00:03:06] Entrevistado: No *Estadão Dados*, a gente só tem jornalistas. Mas a gente trabalha muito próximo do pessoal da infografia, literalmente próximo (eles ficam na nossa frente). Existe essa interlocução. É interessante porque a gente tem funções diferentes, a gente tem agendas diferentes no dia a dia, mas em muitos momentos elas se cruzam e os melhores produtos que a gente faz é sempre quando tem esse cruzamento forte. A gente tem uma ideia aqui; eles têm uma ideia ali; a gente conversa, chega a uma conclusão juntos e produz junto. É uma coisa que eu via que, no jornal impresso, como um todo, não acontece com tanta força, essa relação com a infografia. A infografia, no caso do *Estadão*, junta pessoas que entendem muito de dados também. Não é só o cara que vai fazer uma arte ou fazer um desenho; é o cara que também sabe achar uma base de dados e sabe como procurar. Então, a gente acaba fazendo o trabalho junto. Teve um exemplo agora recente: a gente fez das cidades mais pobres que votaram em massa no Haddad e as mais ricas que votaram no Bolsonaro. Foi uma ideia conjunta. Juntou uma pauta dos dados com uma pauta deles. A gente fez junto. Isso fez com que o produto final fosse muito melhor do que se fosse só de um dos lados, porque a gente pensou em contar a história e desenhar a história, ao mesmo tempo em que a gente pensou no texto que a gente escreveria para aquilo. Eu acho que tem que ser um trabalho conjunto sempre, um trabalho de diálogo bom. Se você puder ser amigo do infografista e das pessoas que trabalham nessa área, é melhor ainda. São pessoas que não falam a mesma linguagem que você (eles têm outra cabeça). Mas, quanto mais você se aproximar deles, melhor vão ser as pautas.

[00:04:45] Entrevistador: Há uma demarcação de território? “A infografia vai até aqui. Eu, enquanto jornalista, vou até aqui e faço isso”.

[00:04:52] Entrevistado: No dia a dia, até tem. Eles têm as tarefas do dia deles, e a gente tem as nossas. Mas a diferença é que, às vezes, a gente consegue ter ideias juntos, aí produz uma coisa completamente nova, fora desse padrão de regras: “Eu vou fazer isso daqui e você vai fazer isso daí”. Nesse caso da matéria que eu falei da diferença de votos, eles extraíram a base de dados, passaram para a gente e a gente já tinha um texto semipronto de uma outra coisa. Então, eu peguei a base que eles criaram e comecei a fazer a matéria. Foi um processo até invertido. Geralmente, a gente cria a base de dados. Como era uma coisa que eles já tinham ali, acabou casando. Eu acho que a coisa mais importante aí é o diálogo entre os dois para ver o que ele tem e o que eu tenho. Muitas vezes, o repórter pode vir com uma ideia que pode ser usada lá, como eles podem vir com uma ideia que pode ser usada como pauta também. Então, é sempre importante essa interlocução.

[00:05:39] Entrevistador: Você, realmente, se intitula como jornalista de dados?

[00:05:42] Entrevistado: Eu coloco geralmente só “repórter”. “Dados”: a impressão que eu tenho é que é uma coisa mais para a comunidade mesmo. Quando eu estou falando com outros repórteres, eu estou falando a mesma linguagem deles. Eu não vejo tanta diferença. Não acho que seja fundamental eu falar: “Sou repórter de dados”. É um nome e existe, mas não acho que seja fundamental. Para mim, é muito parecido com o jornalista investigativo. Em tese, todo jornalista é investigativo. Então, em tese, todo jornalista é de dados também. A diferença é que alguns se aprofundam mais em algumas ferramentas e outros não. Mas a interpretação que você vai dar para aquele dado e o jeito que você vai analisar são os mesmos. Se você souber muito de ferramenta e não souber muito da área que você está cobrindo, você vai fazer um trabalho ruim. Em geral, eu me identifico como repórter, mas, sim, trabalho com dados, tento aprender ferramentas de dados. Eu acho válido que exista essa nomenclatura e esse nome.

[00:06:34] Entrevistador: “Novas habilidades”: você acha que isso traz um desafio para a área?

[00:06:38] Entrevistado: Com certeza, com certeza! É uma área que, cada vez mais, vai ser fundamental a gente saber, não só por conta dessa especialização dos dados, mas porque, cada vez mais, a gente precisa questionar as fontes, questionar as bases de dados em si, para não cair em

armadilhas e em discursos que muitas vezes não são verdadeiros, e para a gente questionar mais. Quanto mais ferramentas a gente tiver para poder questionar o que a gente está produzindo, para poder questionar as nossas fontes, melhor! A gente não fica refém de ninguém e consegue entregar uma informação e um produto final melhor para o leitor, que é o que acaba sendo fundamental.

[00:07:11] Entrevistador: Você enxerga que esse processo de pesquisa e de apuração dentro do campo do jornalismo de dados tornou-se mais forte? “Eu apuro com mais precisão. Eu consigo ter mais precisão na pesquisa e na apuração jornalística”.

[00:07:30] Entrevistado: Eu acredito que sim, porque você sai do discurso oficial, você sai da resposta oficial e parte para uma investigação própria. Eu acho muito interessante que, quase sempre, as matérias que saem do jornalismo de dados dificilmente são assim: “segundo fulano”. É lógico que a gente pega uma base pública, mas quase sempre é: “uma investigação feita pelo núcleo tal”. A gente sempre está tentando achar coisas nossas. Raramente a gente vai atrás de uma coisa já produzida. Essa é a ideia por trás: você ter mais controle sobre aquilo que você vai entregar, deixando de ser uma coisa terceirizada (quando a gente só está ouvindo alguém que fez algo), para ser algo que a gente produziu e que a gente sabe exatamente qual é a origem. Dependendo da base que você usar, ela pode ser uma base pura ou pode ser uma que também esteja enviesada. Nesse ponto é que entra o jornalismo e deixa de ser só uma questão de técnica de dados, para você poder questionar se aquilo é confiável. Quem te passou? Quem está usando? Muitas vezes acontece de a gente receber estudos que a gente pode usar para fazer uma matéria, mas é confiável? Aí, entra a parte de fontes. A gente pode consultar alguma fonte para ver se aquilo lá faz sentido ou não faz e, a partir daí, trabalhar com aquela base.

[00:08:43] Entrevistador: Na sua perspectiva, o jornalismo de dados, você o vê como um investimento na carreira? Você pretende ficar nisso? Isso vai ter uma durabilidade dentro do campo do jornalismo?

[00:08:58] Entrevistado: Com certeza! Eu acho que vai expandir. Cada vez mais, as pessoas vão precisar fazer isso, porque a informação funciona assim hoje. Você vê o exemplo das eleições de 2018. Sempre houve uma cobertura de eleição tradicional, de você ficar atrás dos candidatos e de você monitorar, por meio dos advogados. Mas tem um tempo, e cada vez mais, você tem que saber lidar com as bases de dados do Tribunal Superior Eleitoral (eles foram disponibilizando mais dados e melhorando as bases). Nesse ano, especificamente, teve um outro fenômeno, que em 2014 não se via tanto, que era uma cobertura focada só em redes sociais. Isso demandava muito você entender alguma coisa de dados, pelo menos, para você saber qual era o nível de engajamento de uma página, se aquela página era verdadeira ou não, quem estava compartilhando conteúdo de determinada página, se aquilo estava favorecendo um candidato ou não - coisas que a gente precisou fazer, mas que era um fenômeno que muita gente nem estava de olho. Cada vez mais isso vai aparecer! Cada vez mais coisas que demandam um conhecimento de dados vão ser necessárias para que você consiga produzir pautas, produzir matérias e questionar cada vez mais aquilo que a gente está fazendo.

[00:10:05] Entrevistador: Obrigada! Eu acho que é isso!

APÊNDICE D – ENTREVISTAS CAMPO

Entrevistado 1:

Entrevistador: Me fala primeiro sobre sua trajetória no jornalismo. Por que decidiu fazer jornalismo? Como foi o seu primeiro contato com a área?

Entrevistado: Eu decidi estudar jornalismo no segundo ano do colégio. Eu não me lembro exatamente o porquê, mas eu acho que foi por que eu gostava de escrever, que nunca é uma boa razão. Enfim, foi o que acabou acontecendo. Eu entrei na ECA - Escola de Comunicações e Artes - da Universidade de São Paulo. Foi no primeiro vestibular que o jornalismo ficou desagregado da carreira de comunicações e isso mudou o perfil da turma e viria a mudar o perfil da escola, depois, com os anos, porque deixou de ser a segunda opção de quem já estudava na USP e passou a ser uma opção para um monte de gentes de 17 ou 18 anos, que entravam na universidade pela primeira vez. Na época, eu descobri o gosto pela reportagem, pela Política. Logo que saí da faculdade, passei por uma revista, mas, quase imediatamente, entrei na *Folha de S. Paulo*, por concurso. Fiquei lá por 13 anos. Nesse período, eu fiz várias coisas: fui repórter de Educação e Ciência, fui repórter de Economia, cobri a Constituinte em Brasília, cobri Ministério da Fazenda, Banco Central, Congresso. Acabei no *Painel da Folha*, que era a coluna de Política mais lida do jornal. Eu entrei, primeiro, como assistente, mas depois como editor, função que eu fiquei por seis anos. Foi um belo aprendizado. Eu era muito jovem, completamente despreparado para a função, que era de muita responsabilidade, porque era a época do Governo Collor. O jornal tinha um processo contra ele, movido pelo Presidente da República; depois veio o *impeachment*; depois veio o Itamar; depois veio a eleição do Fernando Henrique. Durante todo esse tempo, eu estava lá como editor no Painel, com 20 e poucos anos. Me tornei também repórter especial e, ao fazer isso, eu tinha cansado de entrevistar 30 políticos por dia - o necessário para fazer o Painel -, então resolvi entrevistar números. Foi aí que eu comecei a me enveredar para a carreira do jornalismo de dados, que, na época, ainda não tinha esse nome. A gente chamava de reportagem com auxílio do computador.

Entrevistador: Você é um dos pioneiros da RAC no Brasil. Como foi o início nessa área? Precisou fazer cursos complementares ou formação em outras áreas? Se quiser, pode fazer uma linha do tempo da sua trajetória desde a RAC até o jornalismo de dados na carreira.

Entrevistado: Foi meio na cara e na coragem. Eu reaprendi a fazer regra de três, a calcular porcentagem, taxa, crescimento - essas coisas bem básicas da aritmética, mas que nem todo jornalista domina, aliás, muitos vão fazer o jornalismo porque não gostam de matemática, mas descobrem que é impossível fazer o jornalismo sem matemática. Esse período do começo coincidiu com o início da internet comercial no Brasil, por volta de 1995, o que me ajudou muito, porque um dos primeiros órgãos públicos a publicar dados na internet foi o IBGE. Eles estavam publicando, nessa época, os relatórios do Censo de 1991. Pela primeira vez, você não precisava ir ao Rio de Janeiro, pegar um catatau de 2.000 páginas para saber os números do Censo, porque eles estavam disponíveis em PDF - esse formato odiado, mas que era bem mais prático do que o papel. Aí, eu comecei a fazer as minhas primeiras reportagens com auxílio de uma planilha de Excel, uma planilha eletrônica, para calcular taxa de crescimento, de população, grau de escolaridade por sexo e cor, grau de desigualdade. Nessa época, eu acho que nunca emplaquei tanta manchete na *Folha* na minha vida, porque era um tempo sem praticamente competição ou concorrência. Não existia essa cultura de você olhar os números por si próprio e extrair conclusões a partir de meia dúzia de recuperações matemáticas. Os jornalistas ainda eram muito dependentes dos releases do IBGE. A *Folha* percebeu, rapidamente, o potencial desse jornalismo com auxílio do computador e começou a trazer, uma vez por semestre, jornalistas dos Estados Unidos para darem curso para a redação do jornal. Os cursos eram dados pelo Investigative Reporters and Editors, que, depois, iriam inspirar a fundação da Abraji - Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, no Brasil. Um dos instrutores era mexicano, o Pedro Mendares; tinha uma americana, a Lisa Olsen. Eu aprendi a usar banco de dados com eles. Depois, eu fiz outro curso, com o Brand Huston, que era professor da Universidade do Missouri, de jornalismo, para me aprofundar um pouquinho nas técnicas de banco de dados. Devo dizer que a maior parte do que eu aprendi - e dos

erros que eu cometi - foi por conta própria, na base da tentativa e erro. Ainda não existia o YouTube, para a gente olhar os tutoriais em vídeo. Teria sido muito mais fácil.

Entrevistador: Toledo, o que te levou para essa área do RAC e do jornalismo de dados? Foi escolha ou foi a própria carreira? Foi o próprio dia a dia do jornalismo? Algo te chamou a atenção nessa área? Como nasce essa motivação?

Entrevistado: Como eu disse, o primeiro motivo foi que eu tinha acabado de sair do Painel, tinha ido para a reportagem especial e eu não aguentava mais ter que entrevistar 30 políticos por dia, porque eu ficava ouvindo, no mínimo, 30 mentiras. Tudo o que eu queria era ter informações mais sólidas, mais fáceis de checar e que não dependessem de outro ser humano para serem checadas. No RAC, você tem essa grande vantagem. Se você achar uma base de dados oficial e confiável, você pode fazer um monte de contas e adotar uma série de procedimentos que só dependem de você para checar se aquilo ali está certo e se as conclusões que você extraiu também. Claro que você sempre vai precisar especialistas e gente que conheça melhor aquele assunto ou os produtores daquela estatística, mas o grosso da checagem e o grosso da apuração e da análise é você mesmo quem faz. Isso, para mim, foi muito sedutor na época. Eu percebi que era possível fazer muitas reportagens, em relativamente curto espaço de tempo, sem depender da boa vontade ou da má vontade de assessores de órgãos públicos ou de políticos ou de poderosos; ter um grau de precisão maior sobre aquilo que a gente podia afirmar ou não (deixava de ser opinião de alguém ou análise empírica de uma pessoa e passava a ser a frieza dos números, que podiam ser checados ou não). Isso, para mim, foi o que realmente me fascinou e que deu resultado, quer dizer, uma coisa acabou alimentando a outra. Esse desejo inicial de me livrar dos políticos me permitiu me reaproximar dos números, fazer eles adquirirem um significado que, em uma planilha, sozinhos, muitas vezes eles não têm ou que escapa aos olhos de quem olha uma tabela sem se deter muito sobre ela, e extrair conclusões relevantes, porque, no fundo, quando você lida com números, você está tratando de políticas públicas, você está tratando de gastos, de educação, de transporte, de segurança, de uma série de coisas que são muito mais relevantes do que esse dia a dia mesquinha da política, de “fulano disse aquilo e beltrano achou ruim” ou “sicrano falou mal do outro”. Acho que foi isso o que me fez entrar por essa área e dar essa guinada.

Entrevistador: Além dessa motivação, você acreditava nessa potência do RAC e do jornalismo de dados como uma projeção de carreira no jornalismo (ir para uma área que estava começando e que era bastante promissora)? Ou isso não foi uma das suas motivações também?

Entrevistado: Olha, eu nem sabia que o que eu fazia tinha nome. Nessa época, que eu sabia, só tinha o Fernando Rodrigues e eu que usávamos planilhas para fazer matéria - pelo menos na *Folha de S. Paulo* e eu não via nada similar em outro veículo. A gente não sabia que isso se chama reportagem com auxílio de computador. Foi uma descoberta posterior, depois que eu li um livro muito importante, que foi o *Precision Journalism*, onde o autor dá forma e conceitua o que depois ia se chamar de reportagem com auxílio do computador e, décadas depois, jornalismo de dados. Eu não tinha nenhuma ambição relacionada a isso; eu simplesmente gostava. Dava certo, porque virava manchete. Quando você está feliz, concentrado e emplacando manchete, você não pensa no dia de amanhã; está tudo bem assim! Só que chegaram os anos 2000. Havia a promessa de que a internet iria revolucionar o mundo, inclusive o jornalismo. Aí, eu resolvi sair da *Folha* e arriscar a vida como empreendedor nesse mundo editorial. Eu lancei uma empresa de jornalismo digital, chamada Prima Página, junto com uns sócios, inclusive o Jaime Spitzcovsky, que é jornalista da *Folha* também. De certa maneira, a minha carreira mudou um pouquinho, porque os nossos clientes tinham umas demandas mais básicas, como estruturar telejornais na internet, como a gente fez para o portal Terra durante seis anos (organizamos três boletins de vídeos diários noticiosos, *hard news*). O América Online estava chegando no Brasil e queria saber como cobrir a eleição. Então, eu meio que regredi. O contato mais íntimo que eu mantive, durante esses dez anos de Prima Página, foi que eu mantive as minhas duas atividades paralelas que me deixaram próximas do jornalismo de dados. Uma coisa que eu tinha começado na *Folha*, eu me dediquei a entender em profundidade as pesquisas de opinião, principalmente as pesquisas de intenção de voto, dado que eu tinha a vantagem de estar em um jornal que tinha um instituto de pesquisa e podia demandar para o *DataFolha* cruzamentos, tabelas especiais, principalmente pelo conhecimento estatístico e empírico que eles tinham da arte de fazer pesquisa. Isso me ajudou bastante, porque o

pouco que eu aprendi de estatística foi o muito que eles me ensinaram por aí. Em paralelo, em 2002 ou 2003, a gente começa a fundação da Abraji, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, cujo um dos tripés era o treinamento de jornalistas, especificamente nas técnicas de jornalismo com auxílio de computador. Eu tomei a frente disso e, nessa época, comecei a treinar jornalistas nessas técnicas mais básicas de reportagem com auxílio de computador. Eu acho que eu fiquei fazendo isso por uns dez anos na Abraji e eu estimo que eu tenha treinado uns cinco mil jornalistas e estudantes de jornalismo nesse período.

Entrevistador: Você falou da Abraji. Para você, qual é o papel da Abraji na disseminação do jornalismo de dados no Brasil? Para ti, o jornalismo de dados se liga a essa linha do jornalismo investigativo? Me conta um pouco dessa sua trajetória na Abraji. Para ti, quais são esses paralelos da Abraji com o jornalismo de dados brasileiro?

Entrevistado: Durante muitos anos - eu diria que praticamente durante todos os anos 90 - a *Folha de S. Paulo* teve quase o monopólio do jornalismo de dados no Brasil, embora não tivesse esse nome repito. Isso porque tinha, como eu disse, promovido cursos a esse respeito. Lá no começo, uma pessoa muito importante para a disseminação desse conhecimento, primeiro dentro da redação e depois fora dela, foi o Marcelo Beraba. Como secretário de redação, que era o segundo cargo mais importante na hierarquia do jornal, ele incentivou os jornalistas da *Folha* a fazer cada vez mais reportagens de jornalismo de previsão (como a gente chamava na época), incentivando o uso de base de dados oficiais ou a consolidação de base de dados próprias para fazer isso. Depois, como fundador e primeiro presidente da Abraji, ele sempre esteve muito claro que, para as investigações jornalísticas não ficarem dependentes da polícia ou do Ministério Público, os jornalistas precisariam desenvolver técnicas próprias de investigação. O jeito mais fácil de fazer isso, além da reportagem tradicional e da observação, é você usar os dados, entrevistar os dados. É aquela velha piada: os números bem torturados revelam qualquer coisa. As técnicas, no caso, são para a gente aprender a entrevistar os números sem que eles distorçam os resultados, sem que haja tortura. A Abraji foi absolutamente fundamental para disseminar as técnicas de RAC, para além da redação da *Folha*. Isso aconteceu com cursos regulares, a partir de 2002 e 2003. Era pelo menos um (ou dois) curso por semestre, para redações de jornalistas do Brasil inteiro. O primeiro curso que a gente fez, com apoio do Rosental Calmon Alves, que é u brasileiro que mora nos Estados Unidos e criou um negócio chamado *Knight Center for Journalism in the Americas*, que foi super importante também na divulgação dessas técnicas, foi trazendo dois instrutores americanos para uma classe relativamente pequena, de 15 jornalistas brasileiros de vários estados diferentes e que se tornaram replicadores dessas técnicas quando voltaram para os seus estados. Essa disseminação aconteceu muito rapidamente, porque, nos Estados Unidos, por exemplo, o jornalismo de precisão é de 1968 (a data de nascimento dele). Foi com o Philip Meyer, que, pela primeira vez na história, usou um computador para tabular uma pesquisa de opinião entre moradores de *Detroit*, sobre a onda de distúrbios raciais que assolavam os Estados Unidos naquela época. Era uma época pós-assassinato de Martin Luther King. Havia muito distúrbios por motivação da segregação racial. Ele queria entender melhor quem eram essas pessoas que estavam protestando e usou a técnica de pesquisa de opinião para fazer o perfil desses manifestantes. A partir dali, demorou um certo tempo para essas técnicas ganharem as redações americanas. O primeiro Prêmio Pulitzer dado a uma reportagem com auxílio do computador nos Estados Unidos só foi acontecer quase duas décadas depois. No Brasil, a gente começou a disseminar isso na Abraji em 2003 e, depois anos depois, já tinha um Prêmio ESSO para a equipe do *Globo*, chefiada pela Angelina Nunes, que ganhou o principal ESSO de reportagem, com uma reportagem com auxílio do computador sobre o enriquecimento dos deputados estaduais da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Então, a Abraji foi - é inegável - a principal propulsora do jornalismo de dados no Brasil, muito antes de o jornalismo de dados ter esse nome. Ela foi também a responsável pela divulgação do jornalismo de dados porque, como essa expressão surge nos Estados Unidos (o *The New York Times* cria a sua *data-driven journalism unity*), a gente trouxe para o congresso da Abraji o *Aron Pilhofer*, que foi o cara que criou essa unidade no *The New York Times*, duas vezes e em seguida, para ele explicar o trabalho dele. Eu confesso que, na primeira vez, eu não entendi exatamente qual era a diferença entre o jornalismo de dados e o jornalismo com auxílio do computador. Foi necessário que eu fosse aos Estados Unidos no ano seguinte e participasse de um seminário que o próprio Rosental organizou na Universidade do

Texas com os 60 melhores jornalistas e desenvolvedores do mundo e eu (é bom deixar claro essa diferenciação entre os 60 e eu). Ali eu percebi melhor quais eram as características do jornalismo de dados, que, basicamente, a gente pode talvez diferenciar de duas maneiras. Uma é que a quantidade de dados analisados deixa de ser na casa dos milhares ou das centenas de milhares ou do milhão e passa a ser na casa do bilhão; e a necessidade de você usar uma outra linguagem para fazer a captura, organização, limpeza e análise dessas bases gigantescas, que é a linguagem da programação. Então, eu fui visitar o *data-driven journalism unity* do *The New York Times*, que o Aron comandava e, olhando as telas dos computadores da equipe dele, eu percebi: ninguém ali escrevia em inglês. Todas as telas só tinham código, que era a linguagem que eles usavam para trabalhar. Também, nesse aspecto, a Abraji foi pioneira porque a gente trouxe esse conhecimento para cá e começamos a disseminar cursos de programação, de organização de grandes bases de dados. Também nesse início a Abraji esteve presente. Depois vieram outras associações, outras instituições, outras pessoas e o negócio foi se pulverizando. Embora a Abraji mantenha uma posição importante, já não é mais a única nessa área.

Entrevistador: Compreendi! E a sua passagem pelo *Estadão Dados*? Você também é pioneiro nesse projeto. Eu gostaria que você me relatasse um pouco como foi essa ideia, essa trajetória. O *Estadão* também é referência no Brasil como núcleo de dados próprio, próprio na redação. Você faz parte dessa história. Me relata um pouco como foi isso, como surgiu, qual foi a recepção no *Estadão*, como vocês pensaram a equipe, o trabalho.

Entrevistado: Depois que eu voltei dos Estados Unidos desse seminário na Universidade do Texas, organizado pelo Rosental, com o 60 melhores caras do mundo nessa área, e depois de também ter visitado a redação do *The New York Times*, especificamente o núcleo de jornalismo de dados de lá, eu voltei para o *Estadão*, onde eu tinha começado a trabalhar em 2009, dois anos antes, e propus para o diretor de redação do jornal que a gente criasse um núcleo de jornalismo de dados, que viria a ser o primeiro núcleo de jornalismo de dados da imprensa brasileira e o mais longo até hoje (continua funcionando com o D. B. chefiando). Ele comprou a ideia e a gente começou a fazer - meio no improviso, porque a gente não tinha verba para contratar gente fora da equipe que já existia. Na verdade, conseguimos fundir a vaga de uma editoria para trazer a Amanda Rossi para o *Estadão*. O D. B. que já era redator de Política, se incorporou à equipe e pegamos um programador/designer - em princípio, o Carlos Lemos, que, depois, saiu e foi para a *Globo*, mas, depois, Tchatcho. Eu tinha a ideia de que era necessário dar um salto no jornalismo, para marcar o que seria de fato o início do jornalismo de dados no Brasil. A gente precisava criar um projeto que fosse claramente diferente de tudo o que já havia sido feito. A ideia era criar uma ferramenta, e não mais uma infografia ou um texto baseado em dados. Era, realmente, criar um instrumento que o usuário pudesse manipular e extrair as suas próprias conclusões. Era uma coisa revolucionária e subjetiva do ponto de vista do jornalismo, porque, criando essa ferramenta, a gente estava transferindo para o usuário a capacidade de contar história para si próprio. Ele ia dar os parâmetros para a ferramenta e ela ia despejar os resultados e ele ia tirar as suas próprias conclusões sem nenhum tipo de intermediação do repórter ou do jornalista. Foi o que a gente fez na figura do Basômetro. Foi um projeto que demorou uns quatro meses para ser feito e era uma ferramenta que mostrava o comportamento de todos os deputados federais e senadores, ao longo das últimas quatro legislaturas, para cada votação em que tivesse havido voto nominal - ou seja, que eles tivessem registrado no painel de votação como haviam votado. A gente, para construir o Basômetro, partiu da teoria política, clássica na literatura do Brasil, de que o grande parâmetro para o Brasil no Congresso sempre foi - até o governo Bolsonaro, quando deixou de ser - o Governo Federal. Você tinha não a esquerda e a direita, necessariamente, mas governistas e oposicionistas. Quem editava a pauta do congresso era o Governo Federal, com suas proposições, com os seus projetos, com as medidas provisórias, com suas emendas de reforma da constituição. Então, a gente compilou toda essa base de centenas e milhões de votos, organizou em uma interface gráfica, que permitia qualquer pessoa, sem nenhum tipo de conhecimento prévio, interagir com aquela base para saber não apenas como determinado deputado ou senador havia votado em alguma propositura qualquer, mas, mais importante, analisar o comportamento coletivo dos parlamentares e como se comportavam os partidos (todos os partidos - tinha mais de 20 partidos com representação na Câmara), como se comportavam as bancadas (bancada da bala, bancada evangélica, bancada do agronegócio), e analisar ao longo do tempo. Você podia fechar um determinado período, comparar governos, comparar mandatos diferentes

ou do mesmo presidente entre si. Com isso, a gente tinha um cálculo de governismo, que era muito útil para sinalizar se o governo estava fraco ou estava forte. Quando a gente pensou o Basômetro, eu tinha certeza que a comunidade acadêmica ia cair de pau - era uma ferramenta um tanto heterodoxa para a ciência política que se fazia na época (nós estamos falando de 2012), no Brasil -, que os parlamentares iriam gostar, porque iam ficar brincando e sacaneando uns aos outros e que o Governo Federal usaria, mas ficaria em silêncio, porque não podia “dar bandeira” de que estava monitorando o parlamento. Das minhas três previsões, eu errei duas e acertei uma. A que eu acertei, eu não tenho como provar que eu acertei. O governo, de fato, usava, mas não fazia propaganda disso, então não tinha como demonstrar que eu estava certa a minha previsão. Os parlamentares, para a minha surpresa, ignoraram completamente o Basômetro. Teve uma manifestação pública, que foi do então desconhecido deputado Onyx Lorenzoni, que foi transformado em Ministro da Casa Civil do Bolsonaro, comemorando que, segundo o Basômetro, ele era o deputado mais opositor do Rio Grande do Sul. A gente está falando do Governo Dilma, no primeiro mandato. A academia, para a minha maior surpresa ainda, adorou! Achou o máximo! Teve até um cientista político que escreveu um tweet falando: “Pirei na ferramenta”. Eles piraram tanto que resolveram escrever um livro. A Fundação Getúlio Vargas acabou lançando o livro “Análise política & jornalismo de dados: ensaios a partir do Basômetro”, um ano depois, com artigos acadêmicos de 20 cientistas políticos de dezenas de universidades federais, estaduais, públicas e privadas, usando o basômetro para fazer suas análises de Ciências Políticas e tirando conclusões originais a respeito. Como ferramenta, o Basômetro se provou um enorme sucesso. Obviamente, serviu muito para nós, jornalistas da redação do *Estadão*, escrevermos matérias de análise de comportamento do congresso. Porém, esse tipo de ferramenta, ao longo do tempo, se provou de pouco apelo para os usuários comuns. Essa onda que houve no início dos anos 2010, no exterior e também no núcleo de dados do *Estadão*, de criar esse tipo de ferramenta, foi perdendo força, porque a audiência era muito baixa. O *The New York Times* descobriu e nós também que o que o leitor queria era que a gente já contasse a história para ele. Ele não quer contar a história para si próprio. Dá muito trabalho! Aí, a gente refluíu para um novo tipo de jornalismo de dados, que deixou de ser dar ferramentas para os usuários contarem histórias para si próprio, e passou a ser apenas de contar histórias bem contadas, com começo, meio e fim, baseada em dados, mas na maneira tradicional do jornalismo.

Entrevistador: Entendi! Toledo, qual é a sua história hoje? Acho que você está na Piauí, né? Qual é o balanço que você faz, atualmente, da sua atuação? O jornalismo de dados ainda faz parte dessa atuação profissional, da sua carreira? Como está hoje? Em que estágio você está hoje dentro dessa carreira, dentro do jornalismo de dados?

Entrevistador: Com o passar do tempo, o *Estadão Dados* foi se tornando um lugar de investigação jornalística que usa dados para fazer as investigações. O ponto alto dessa guinada (deixar de criar ferramentas, como o Basômetro, e fazer investigações mais tradicionais, como escrever matérias do jeito corriqueiro, mas usando dados para embasá-las, e não o vazamento de relatórios de outras investigações de terceiros) foi com o Panamá Papers, que foi uma investigação coletiva, feita pelo ICIJ, que é o Investigative Reporters and Editors - uma organização multinacional, com sede em Washington. O Panamá Papers foi uma investigação feita por mais de 400 jornalistas, com mais de 100 veículos do mundo inteiro, com base em um vazamento de toda correspondência por e-mail e documentos anexos de uma firma de advocacia, chamada Mossack Fonseca, com sede no Panamá, que era especializada em criar *offshore* (empresas de fachada), em paraísos fiscais. A gente teve acesso a 40 anos de correspondência, entre funcionários da Mossack Fonseca e entre funcionários e seus clientes. O tamanho da base era tão gigantesco, que o jornalista alemão que recebeu isso da fonte anônima procurou o ICIJ para que ele organizasse uma maneira de buscar e fazer buscas dentro dessa base, para que fosse possível fazer uma investigação e se chegar a alguma conclusão. Foi um trabalho hercúleo, que durou quase um ano. O *Estadão* fez parte desse consórcio, fez parte dessa investigação. A gente escreveu mais de 40 matérias usando essa base do ICIJ: matérias investigativas revelando uma grande quantidade de políticos, empresários, homens públicos, que tinham criado sorrateiramente empresas em paraísos fiscais e as implicações disso. Essa série, que acabou abalando governos da Islândia à Austrália, acabou ganhando o Prêmio Pulitzer e nós pegamos um pedacinho desse prêmio. Antes disso, a gente já tinha feito um trabalho de investigação com dados que tinha nos rendido um

Prêmio Esso de reportagem, na verdade, o último Prêmio Esso, então dá para a gente brincar que nós somos os ganhadores do último Prêmio Esso e eternos ganhadores do Esso. Foi com uma reportagem feita pelo *Estadão Dados*, pelo Rodrigo Bulgarelli, por mim e pelo repórter de Educação, que não era do núcleo do *Estadão Dados*, mas se juntou a nós porque o tema era esse, que foi a farra do FIES. A gente descobriu, analisando os gastos do governo federal, um crescimento abrupto das transferências para as universidades privadas. Eu me interessei em saber qual era o motivo disso e, analisando os dados, percebi que vinha de um negócio chamado Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Era um gasto que pulava de um bilhão para dois, para quatro, para quatorze bilhões, ano a ano. Fomos entrevistar os dados do censo escolar, para saber se havia tido algum impacto positivo no número de matrículas na rede privada de estudantes pobres, e vimos que o efeito tinha sido residual, apesar de o gasto ter sido bilionário. O que a gente concluiu foi que todo esse programa tinha servido apenas para que as faculdades privadas securitizasse os seus alunos, porque o grande problema das universidades privadas é a inadimplência. O sujeito se matricula, começa a cursar a faculdade, paga um mês e não paga o seguinte, mas o cara não pode mandar ele embora, porque pode ser que ele pague o outro mês. Isso é um grande pepino! Com o FIES, esse problema acabou, porque toda inadimplência passou para nós, porque o Governo Federal passou a securitizar a inadimplência do ensino privado de nível superior. A farra do FIES nos rendeu esse Esso e foi talvez o ápice do *Estadão Dados*, junto com o Panamá Papers. Quando eu saí do *Estadão*, eu fui para a *Piauí*. Na *Piauí*, eu exerço uma função que não tem nada a ver com jornalismo de dados. Eu sou editor executivo da parte digital, então coisas de *podcast*, *website*, aplicativo, de tudo que não é papel, do Festival Piauí de Jornalismo. Como “boca torta nunca abandona o cachimbo”, eu criei uma seção chamada Igualdades, em que a gente, semanalmente, pega uma base de dados de interesse público e faz uma visualização dessa base e transforma em sete ou oito infográficos, com pequenos textos explicativos, e depois cria uma animação em cima desses infográficos e publica no YouTube, no Twitter e nas mídias sociais. É uma experiência que eu estou fazendo com a equipe da *Piauí*. Talvez seja pouco ambicioso para se chamar de jornalismo de dados, mas é o que está dando para fazer por enquanto. Em paralelo, a gente continua participando do ICIJ, do Consórcio Internacional de Jornalismo Investigativo. Participamos, no ano passado, de um projeto chamado Implant Files, em que não havia uma base de dados já constituída. Ela foi montada pelos participantes, com 40 veículos diferentes, sobre implantes de dispositivos médicos que causavam algum tipo de problema para os pacientes. Também estamos envolvidos em mais duas investigações, que eu não posso dizer sobre o que são. Eu falei errado o nome do ICIJ. O nome correto é International Consortium of Investigative Journalists, vulgo Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos.

Entrevistador: Ok! Obrigada! Qual é a sua opinião ou a sua percepção sobre o jornalismo de dados atual no Brasil, sobre essas iniciativas, os cursos? Qual é a avaliação que você faz sobre essa prática no Brasil hoje?

Entrevistado: Por um lado, você tem uma disseminação da marca “jornalismo de dados”, que ficou na moda e dá pontos se você usar essa marca - o que é bom. Eu não acho que é ruim, não. Quanto mais pessoas e jornalistas praticarem o jornalismo de dados, mais preciso vai se tornar o jornalismo brasileiro. Eu vejo muitas iniciativas interessantes de cursos. A Abraji continua à frente disso, mas com outras instituições também indo por aí. Acho tudo isso muito bacana. Porém, ainda acho que é insuficiente, porque percebe-se, claramente, no dia a dia das reportagens, uma carência de domínio sobre aspectos muito básicos da aritmética, do cálculo, de comparações e proporções, do uso de porcentagem (confusão de ponto percentual com porcentagem) - erros que, infelizmente, continuam se repetindo e que denotam uma falta de conhecimento básico sobre a matemática, sobre a lógica, o que atrapalha a qualidade do jornalismo. Mas eu acho que a gente está evoluindo. Quem sabe um dia a gente para de errar essas bobagens.

Entrevistador: Você conseguiria, enquanto um dos jornalistas pioneiros dessa prática no Brasil, começando desde a reportagem assistida por computador, na sua concepção, diante dessa bagagem toda, definir esse jornalismo de dados? O que é esse jornalismo de dados? Houve algumas palestras em que alguns atuantes nessa área fizeram críticas a só essa parte de visualização, quando não tem

uma abordagem mais jornalística. Outros dizem que tem mais jornalísticas e menos visualização, menos precisão. Para você, o que é esse jornalismo de dados?

Entrevistado: Para mim, jornalismo de dados é jornalismo, antes de mais nada. A gente pode fazer jornalismo entrevistando um personagem em um bairro pobre, entrevistando um político em Brasília, observando uma cena que acontece em uma guerra ou analisando dados. O mundo é cada vez mais digital. A gente produz terabits por segundo de dados, em uma quantidade em que o ser humano é incapaz de absorver. Para continuar sendo capaz de compreender o mundo, que é o que o jornalismo fez desde que ele existe, a gente precisa se adaptar a esses novos tempos de revolução digital e ter essas ferramentas necessárias para compreender esse novo universo que está surgindo e que está em produção a cada instante. O jornalismo de dados nada mais é do que a ferramenta - ou uma tentativa de desenvolvimento de ferramentas - para absorver essa nova realidade digital. É o nosso bloquinho com caneta, é o nosso gravador, é a nossa câmera. A diferença é que, ao invés de captar imagens ou discursos ou palavras ou sons, a gente está captando tudo que está no mundo digital. O problema é que hoje você não esconde mais a informação, botando ela dentro de uma gaveta; você esconde a informação misturando ela em um monte de ruído. O grande desafio é capturar essa massa ignóbil de dados que não faz sentido e separar o que é ruído do som e tentar encontrar significado nela. Então, para mim, jornalismo de dados continua sendo apenas jornalismo com uma ferramenta diferente.

Entrevistador: Ok! Só para a gente terminar: dentro de uma projeção de carreira, você pretende continuar atuando no jornalismo de dados? Você vê isso como uma perspectiva para a sua carreira?

Entrevistado: Enquanto houver quem pague para eu fazer jornalismo de dados, eu continuarei fazendo. Espero que haja sempre alguém disposto a pagar, embora não seja uma certeza - ao contrário. Por quê? O jornalismo de dados foi onde eu fui mais feliz no jornalismo, por uma razão simples. Para você conseguir fazer jornalismo de dados, é necessária concentração absoluta em uma tarefa apenas, que é aquela que está a sua frente, para você conseguir abstrair tudo o que não é relevante e tentar algum tipo de conclusão, fazer algum tipo de momento eureka, ter algum momento de descoberta de algo que seja de interesse público e que estava ali oculto naquela massaroca de dados. Para isso, é necessária extrema concentração. Já está provado por mais de um estudo de psicologia social, de neurocientistas, que a concentração está ligada à felicidade: quanto mais concentrado o cérebro consegue ficar por mais tempo, mais feliz a gente é. Hoje em dia, a tendência é justamente a oposta. A gente tem demandas “n” ao longo do dia, para nos distrair daquilo que a gente está trabalhando e daquilo que a gente está fazendo. Então, para mim, o jornalismo de dados é um momento de “higiene mental”. Eu vou sempre buscar continuar fazendo, como eu disse, enquanto tiver alguém disposto a pagar por isso.

Entrevistador: Um trecho da sua fala me chamou atenção: você disse que, enquanto tiver alguém disposto a pagar, ok. Você espera que isso dure, mas, dentro da fala, acho o contrário. Você acha que o jornalismo de dados tem uma progressão e uma projeção nesse mercado jornalístico ou você acha que isso é uma fase desse jornalismo digital, que está nas redes e nas plataformas? Quase que não saia “plataforma” aí.

Entrevistado: Eu acho que o problema do jornalismo digital é o mesmo do jornalismo em geral: crise de financiamento e o fim do modelo de negócio que sustentou o jornalismo durante mais de um século, que é esse tripé entre assinante, vender em banca e anunciante que ruuiu. Acho que o jornalismo de dados sofre do mesmo problema. Então, enquanto alguém quiser pagar para o jornalismo, o jornalismo de dados, de alguma maneira, vai se beneficiar também.

Entrevistador: Toledo, eu creio que seja isso. Eu agradeço muito a sua disponibilidade de ter passado esse tempo comigo, respondendo essas perguntas. Isso vai contribuir muito para a minha pesquisa e para o que eu quero apresentar. De verdade, obrigada! Se tiver mais alguma coisa, eu não vou exitar em entrar em contato, tá? Eu queria te pedir outro favor: se você puder responder um questionário que eu lancei sobre algumas ferramentas e competências, seria de extrema relevância ter você também respondendo esse formulário. Vou te mandar o link, tá? Obrigada mesmo pela contribuição.

Entrevistado 2:

[00:00:01] Entrevistador: Depois eu pego esse áudio, que é super importante para mim. Pronto! Já está gravando. Antes de tudo, eu quero agradecer pela disponibilidade de falar comigo e de contribuir para essa tese. A gente tem uma proposta bacana de trazer na tese um pouco de carreira e identidade do jornalismo de dados ou quem assim se identifica nessa área de atuação, no jornalismo de dados aqui no Brasil. A ideia é que a gente converse um pouquinho com alguns jornalistas; não-jornalistas também, mas que atuam nessa área. Depois, inclusive, no final, se você tiver alguma indicação de entrevistados, para contribuir nessa linha do que a proposta da tese traz, eu agradeço. Então, a ideia é a gente lançar algumas perguntas aqui e você ficar à vontade para responder, dentro da sua ideia, dentro da sua lógica. Não quero interromper, inclusive, durante as suas falas, então fique bem à vontade para se colocar. A ideia da tese, como eu te falei, é trabalhar um pouquinho com essa perspectiva de identidade e carreira profissional, dentro desse aspecto do jornalismo de dados no Brasil. Geralmente, eu começo com essa primeira pergunta... A entrevista é nesse modelo semiestruturado, aberta, em que a gente vai vendo essa interação durante a fala. Mas eu sempre começo com uma pergunta norteadora, que é: qual é a sua formação? Dentro dessa formação, por que você a escolheu?

[00:01:56] Entrevistado: Vamos lá! É um pouco complicado. Eu sou formado em jornalismo. Entrei na UFRGS em 95. Quando eu entrei na UFRGS, só existiam três possibilidades para jornalista, que eram impresso (como no Rio Grande do Sul não tinha revista, então o impresso era jornal), televisão e rádio. Eu sempre achava que não levava jeito para televisão. Acabei fazendo televisão uma vez na vida. Sempre achava que não levava jeito para rádio. Nunca fiz rádio. Eu tenho um amigo que trabalha em rádio. Eu falo para ele: “Te admiro para caramba, porque você já fala editado”. Eu não consigo falar editado; eu vou e venho, e corto. Mas antes disso, eu já tinha feito outras coisas. Eu trabalho desde os 14 anos. Antes de entrar na faculdade, no segundo grau ainda, eu fui estagiário na Polícia Civil do Rio Grande do Sul, na Delegacia do Consumidor, alimentando o banco de dados de ocorrências. Tinha o plantão, quando as pessoas iam lá registrar ocorrências de crimes contra o consumidor. Eu era o moleque que digitava e fazia pesquisas para inquéritos. Talvez essa experiência tenha moldado muito o meu conforto com dados, desde sempre - desde que eu tinha 15 anos. Eu tinha um computadorzinho em casa (um CP 400) que eu programava - muito mal, muito mal, muito mal - em *basic*, desde os 12 anos de idade. Depois da polícia, eu trabalhei em contabilidade, que foi onde eu aprendi a trabalhar com planilhas eletrônicas - eu fui auxiliar de contabilidade durante um ano e meio mais ou menos. Minha família inteira era de contador: meu tio era contador, minha mãe é contadora, meu irmão é contador, um outro tio que morreu também era contador e por aí vai. Eu sempre cresci no meio de contadores, com o pessoal muito familiarizado com as contas. Eu fugi desse ciclo, me tornando jornalista. Eu gostava muito de ler, gostava muito de escrever e de trabalhar com informação. Ali na polícia, eu trabalhava muito com informação, de levantar informações para completar inquéritos e de levantar coisas que os policiais nem estavam procurando. Tem umas histórias de buscar informações extras na hora de digitar a ocorrência e isso informa muito a forma como eu trabalho com dados hoje. Eu entrei na faculdade, na UFRGS. No primeiro semestre, eu fui trabalhar no Correio do Povo, que era o segundo maior jornal. Depois se tornou o de primeira maior circulação. Eu fui ser *office boy* do Correio do Povo. A minha ideia era a seguinte: eu trabalho desde sempre, porque eu preciso trabalhar. Se eu não trabalhar, a família não paga aluguel. Eu trabalhava para ajudar nas despesas da família. Sempre trabalhei. O meu cursinho eu paguei trabalhando. Eu trabalhava na contabilidade: meio salário mínimo ia para o cursinho, meio salário mínimo ia para as despesas da casa. No jornal, eu fui apresentado para um outro mundo. Foi uma escola, ali no começo talvez até mais forte que a faculdade. Todos os meus amigos, em certo ponto, tinham o dobro da minha idade. Inclusive, os meus amigos mais próximos, que era com quem eu convivia das três da tarde até a meia-noite, tinham o dobro da minha idade e eram caras experientes, caras com quem eu aprendia demais. A gente saía do jornal e ia para o bar e ficava aprendendo. Então, eu tenho muito pé no jornalismo tradicional, no jornalismo clássico, no jornalismo dos anos 80. Eu tenho muita referência do jornalismo dos anos 70 por meio dessas conversas de bar. Talvez eu seja um dos últimos jornalistas formados por essa maneira do bar. Em 96, eu trombo com um livro - infelizmente, eu não estou em casa para te mostrar o meu exemplar - que é o *The New Precision Journalism*, do Philip Meyer, que era da biblioteca da faculdade. Eu fui ler aquilo e ele me bateu de dois jeitos: um jeito foi estranheza,

porque ele dizia que jornalista precisava saber estatística, programar (eu estava fugindo dos números); de outra maneira, com uma familiaridade, porque tudo aquilo que ele falava eram coisas que eu sabia que eu era capaz. Aquilo me abriu a cabeça. Depois, em 97, eu fui implantar o primeiro *site* do Correio do Povo. A gente digitalizava HTML, *notepad*, no braço ainda. Era muito doido! Em 98, eu fiz a primeira reportagem com análise de dados. Em 99, eu comecei a minha monografia e comecei a ter contato com o Philip Meyer. Ainda ligo para ele sempre que ele faz aniversário. Quando eu ganhei o meu primeiro ESSO eu consagrei a ele e mandei uma foto com um “muito obrigado”. Nesse percurso, a faculdade sozinha não explica a minha formação.

[00:08:17] Entrevistador: Entendi! Como você constrói, no seu mapa mental... me fale um pouco da construção da sua carreira no jornalismo.

[00:08:31] Entrevistado: Vixi! A vantagem de ter 43 anos é que a gente já fez de tudo e a desvantagem é que é muita coisa. Até 99, eu trabalhava no Correio do Povo, com os auxiliares. Ajudei a botar o *site* do jornal no ar. Imagina que, até 98, na faculdade, a gente trabalhava com máquinas de escrever nas aulas de redação. Tinha o CPD da UFRGS, que era onde a gente acessava a internet. A gente passava madrugadas virados lá. Eram dois mundos completamente diferentes, que não conversavam, dentro da mesma universidade, a 100 metros de distância um do outro. No Correio do Povo, eu tinha virado a referência de internet. Então, quando foi subir o site, me botaram nessa equipe. Quando o Correio do Povo foi colocar internet na redação, para os jornalistas usarem, para pesquisar e para mandar e-mail, eu era o cara encarregado de facilitar essa relação entre o jornalista e a internet. No final de 99, eu fiz a prova de treinamento da *Folha de S. Paulo* e passei. Eu fiz o trainee da *Folha* de janeiro a março de 2000. Faz 20 anos que eu vim para São Paulo pela primeira vez. Nesse treinamento, um dos principais motivos pelos quais eu entrei foi pelo meu interesse em análise de dados, que se chamava na época “Reportagem com Auxílio de Computador”. A *Folha*, desde os anos 90, trazia instrutores dos Estados Unidos ou do México, para dar aula de análise de dados para os jornalistas. Esses caras vinham, davam aula, o pessoal curtia, mas depois trombavam em duas coisas. Uma era o peso do dia a dia. O dia a dia era muito violento, então as pessoas faziam aula e um mês depois esqueciam tudo. Outra coisa era a escassez de dados para se analisar no Brasil. Nesse ponto, eu já tinha entrevistado o Philip Meyer algumas vezes e ele me dizia: “Cara, se não tem dados, crie os seus bancos de dados, nem que seja digitando”. Quando eu comecei a trabalhar na *Folha*, na editoria de Poder/Política, eu comecei a criar meus bancos de dados, levantando dados de *sites*, levantando dados de... Era eleição municipal também. Eu cobria o TRE. Eu montei um banco de dados sobre os processos de políticos. Era uma maravilha! Eu antecipava, nesse cruzamento de dados ali, quem estava processando quem e quem ia atacar quem, na televisão. Eu já sabia! Rendeu pautas muito legais isso daí. Eu saí da *Folha* em 2001 e fui para Porto Alegre para terminar a faculdade, que eu não tinha terminado e comecei a colaborar com o *Knight Center*. O *Knight Center* para Jornalismo nas Américas criou o seu *site*. No primeiro *Knight Center*, eu era o correspondente no Brasil. A gente fundou a Abraji e eu me tornei o primeiro gerente da Abraji. Fui um dos membros fundadores. O primeiro *site* da Abraji foi eu quem fiz. A vantagem de ser velho é que eu vou falar várias vezes que eu fui o primeiro e é tudo verdade. Na Abraji, duas coisas foram muito importantes. A gente começou a expandir a instrução do jornalismo de dados e técnicas de RAC (reportagem assistida pelo computador) para os jornalistas do Brasil inteiro. Em várias redações, eu tive o privilégio de ir em várias redações que tinham como contratar instrutores internacionais. Ali, quando a Abraji foi criada, isso parou de ser privilégio. A segunda coisa foi que a gente começou a brigar por uma lei de acesso à informação pública. As reuniões, para criar a Lei de Acesso, eu ajudei a organizar, lá em Brasília na OAB, no Rio de Janeiro no Sindicato dos Jornalistas. Foi quando a gente começou a juntar uma massa crítica de sociedade civil e parlamentares em volta desse tema. Depois da Abraji, eu fui trabalhar na Transparência Brasil. A gente fez o Projeto Excelências. O Excelências era um banco de dados dos perfil dos deputados. Ele teve, em quatro meses, 7,5 milhões de acessos, o que era um sucesso naquela pré-história da internet, em 2006. Hoje, qualquer matéria de miss bumbum rende isso, mas, na época, isso era um absurdo. Foi a primeira vez que a gente juntou informações públicas sobre os deputados vindo de vários mundos diferentes: do *site* da Câmara, dos Tribunais, da Justiça Eleitoral. A gente juntava tudo em um só lugar; estava lá redondinho. Com isso, a gente ganhou o ESSO de melhor contribuição à imprensa, em 2006. Isso deu um debate interessante, porque isso gerou ciúmes em

alguns jornalistas. Alguns repórteres dos meios tradicionais diziam assim: “Ong não é jornal!”; “Como assim uma ong vai ganhar um prêmio jornalístico?”. Mas, como muitos me conheciam, isso amaciava um pouco. Mas vinha uma outra assim: “Como isso é jornalismo, se isso não é uma matéria (não é uma reportagem em texto, em vídeo ou em áudio)?”. Isso consolidou bastante essa ideia de que o trabalho com dados, você não precisa gerar um conteúdo com cara de jornalismo tradicional para você produzir um conteúdo jornalístico. No meio do meu trabalho para a Transparência, eu comecei a trabalhar para a Stringer, como correspondente na América do Sul, cobrindo o Brasil. A minha primeira matéria com eles foi uma matéria de capa sobre o PCC, quando o PCC separou São Paulo. Eu trabalhei com eles durante uns cinco anos talvez e, nesse meio tempo, eu comecei a fazer outras coisas: comecei a fazer matérias para o Consórcio Internacional de Jornalismo Investigativo, do qual eu me tornei membro, em 2010; para a WIRED, eu escrevi algumas vezes. A MTV me chamou para fazer um comentário semanal sobre política, o que foi uma experiência muito legal. Isso eu fiz em 2009 ou 2010. Em 2011, eu voltei para a *Folha*. A ideia, na *Folha*, era fazer um núcleo de dados, vinculado à Editoria de Arte - infografia e diagramação, que serviam a todas as editorias. Por vários motivos, isso acabou não dando certo, mas o embrião estava ali. Em 2012, na *Folha*, me chamaram para cuidar da audiência, porque o jornal ia inaugurar o seu *paywall*. Eu mexeria nos dados de audiência e começaria a tirar conclusões sobre eles para melhorar o jornal. Com isso, a gente foi fazendo várias coisas, para descobrir a fidelidade do leitor. “Como a gente pode melhorar o desempenho das matérias?”. Essas análises internas, eu que fazia. Eu me tornei o primeiro editor de audiência e dados da *Folha* em 2015. Aí, em 2016, eu estava à beira dos 40, decidi sair e fazer uma coisa própria. Desde então, estou com uma empresa, a *Lagom Data*, que faz um pouco de jornalismo, um pouco de consultoria de desenvolvimento de audiência para pequenos meios de comunicação (para grandes, às vezes), e uma consultoria de coleta, visualização e análise de dados para o terceiro setor. É um monte de coisas, mas é por aí.

[00:17:23] Entrevistador: São as escolhas. É interessante ouvir sobre carreira por isso: a gente sempre vai ter um arco de escolhas. Os arcos de escolhas são bem interessantes. Você falou um pouquinho - eu senti já na sua fala - sobre como surge o jornalismo de dados na sua vida. Você poderia dizer que você escolheu atuar nessa área? Ele surgiu e você o escolheu? O que te fez ir para esse segmento de atuação?

[00:17:56] Entrevistado: Isso é um tema legal. Eu escolhi quando era ficção científica ainda. Como eu falei, quando eu entrei na faculdade, jornalismo era impresso ou rádio ou tv. Assessoria de imprensa existia, mas era um negócio meio marginal, que é um negócio que eu nunca fiz e que eu não tenho o menor interesse. Eu tinha lido Philip Meyer, em 96; depois li mais uma vez; depois li mais uma vez; depois li mais uma vez. Acho que, se pegar a fichinha da biblioteca da UFRGS do livro, deve ter o meu nome umas dez vezes. “Putz! Eu quero fazer isso. Eu gosto de fazer isso, eu consigo aprender a fazer isso”. Em 98, apareceu uma oportunidade. Eu estava indo tomar café de madrugada, em uma avenida lá em Porto Alegre, que tinha duas mãos. Naquele ano, um mês antes, a prefeitura tinha mudado para uma mão só. Eu comecei a olhar que vários lugares legais (sorveteria, algumas lojas) tinham fechado as portas, quando a mão da rua deixou de favorecê-los. Eu pensei: “Será que existem dados sobre isso em algum lugar?”. Eu fui bater na porta da Prefeitura de Porto Alegre, na Secretaria Municipal de Indústria e Comércio. Eles tinham um banco de dados de alvarás ativos na cidade, que dizia o nome do estabelecimento, o endereço, qual era a atividade econômica e qual era o seu bairro. Eu peguei isso, por alguns meses, e fiz uma análise, usando SQL, que era o que eu tinha. O meu computador era um colosso: tinha 125 megabytes de HD. Eu não tinha grana para ter o Office, então eu tinha um SQL, meio genérico. Com isso, eu fiz a análise. Eu fiz, para o Jornal de Bairro de Porto Alegre, uma série de três matérias mostrando como a crise asiática, no final de 97, afetou os negócios daquele bairro. A gente conseguia ver que parou de abrir empresas de vários tipos (inclusive eu mostrava que tipos tinham sido afetados). Essa série foi um sucesso lá no Jornal do Bairro. Anunciantes do Jornal de Bairro escreviam para agradecer, etc. No jornal onde eu trabalhava, eu não podia escrever, porque, na época, era proibido (até estágio era proibido). Então, eu passei para um repórter de Economia essa primeira análise. Ele foi lá bater na porta e falou: “Vem cá! É verdade que parou de crescer a abertura de empresas em Porto Alegre?”. O cara da Secretaria: “Não! Não é verdade. Essa informação não fomos nós que passamos”. “Sim, mas o rapaz falou que pegou com

vocês e fez as contas em cima desses números e chegou nesse número. Pode pegar o número, fazer as contas e ver se é isso?”. Ele pegou os números, fez as contas e falou: “Sim! Realmente é isso. Mas, por favor, não publique, senão vai deixar a gente mal”. Era ano eleitoral, então era um bafafá. Claro que foi publicado! A matéria ficou um desastre, porque o repórter mesmo não teve coragem de colocar o número, que tivesse vindo oficialmente de um release, timbrado, chancelado, etc. Mas a lógica que veio a partir disso, ele bancou, como se fosse uma informação em *off* que ele tivesse tido. Com isso, me caiu uma ficha muito doida, que era: por meio da análise de dados, mesmo o estudante mais tímido da faculdade, poderia tirar furos ou poderia tirar reportagens exclusivas. Eu podia questionar o poder, com base na informação que eles me passaram. É isso o que eu fiz nos últimos 22 anos.

[00:22:15] Entrevistador: Você se encontrou aí, né? Quais são as competências que, ao longo dessa carreira, ao longo dessa história que você narra, você teve que adquirir, para ingressar nesse universo do jornalismo de dados?

[00:22:36] Entrevistado: A primeira coisa foi que eu desenvolvi muito mais a minha curiosidade. Eu já era bastante curioso e passei a ficar mais, até porque eu fui descobrindo mais maneiras de satisfazer a minha curiosidade. Quanto mais maneiras de satisfazer a curiosidade a gente tem, mais curioso a gente fica. A segunda delas - e isso eu precisei tomar uma porrada para aprender... Há 20 anos, eu publiquei em um jornal imenso, uma matéria de capa, com um erro de análise, que seria menor, mas rendeu o maior “erramos” que eu já vi na vida. Foi uma coisa introduzida no último instante. Isso me fez voltar a estudar matemática do primeiro grau (não era nem do segundo grau). Nunca fui um bom aluno de matemática até metade do segundo grau. Então, eu fui voltar a estudar matemática muito básica, desde conta de mais e menos, até matrizes, funções. Isso me fez voltar. Até hoje, eu vivo estudando estatística, vivo estudando probabilidade. Estou toda hora estudando alguma coisa nova, porque tudo o que eu estudo de novo, em termos de matemática, estatística, lógica, acaba me levando a uma nova pauta. Tenho vários exemplos que eu posso mostrar. Ferramentas? Isso é uma coisa que eu demorei a aprender. Nos primeiros 15 anos que eu trabalhei com dados, eu achava... A ferramenta estava no centro e ela foi saindo do centro. Ela estava muito, muito, muito no centro, mas depois ela foi saindo. Cada dia surgem mais novas ferramentas, mais fáceis de usar, mais simples e melhores. No dia seguinte vem uma melhor ainda e mais fácil de usar, mais prática e mais barata ou gratuita, etc. Cada vez mais foi consolidando que a ferramenta é secundária. A ferramenta é imprescindível, mas ela é secundária. Por vários caminhos, pode-se chegar ao mesmo ponto, às vezes com um pouco mais ou um pouco menos de suor. Eu aprendi a programar direito depois dos 35, por aí. Eu sabia programar um pouco em *basic*, mexia um pouco com R. Agora eu trabalho bastante com Python, mas, se aparecer uma coisa melhor, eu joga o Python no lixo e vou para essa coisa melhor. Eu não tenho apego à ferramenta. Perdi todo apego que eu tinha à ferramenta, porque a ferramenta é uma alavanca para o raciocínio; e o raciocínio é o mais importante de tudo. Tem um pouco de educação visual também - a análise visual de enxergar e analisar um gráfico, mais ou menos complexo, e tirar dali uma história. Enxergar a história que esses dados estão contando é uma capacidade que a gente vai aprendendo com o tempo. Eu não sou da escola de que o jornalismo de dados não tem lead. Eu acho que, eventualmente, pode não ter, mas tem a força do jornalismo para encontrar esse ponto singular da história. Se a gente não encontrar esse ponto singular da história, a gente passa todo o trabalho para o leitor. É bom que o leitor raciocine, mas, se a gente puder dar um primeiro guia para o leitor raciocinar... Isso me fez pensar bastante sobre o jornalismo. Quando eu comecei a trabalhar com análise de dados de audiência, isso também me trouxe muitos *insights* sobre negócios, sobre como funciona isso que a gente faz, etc. É basicamente isso.

[00:27:21] Entrevistador: Você falou uma coisa interessante aí, que eu captei: “Não sou da escola da defesa de que o jornalismo de dados não precisa do lead”. Você acha que muito do que é feito no jornalismo de dados parte de algumas premissas do jornalismo conhecido como tradicional (por exemplo: a pesquisa, a apuração, o olhar para os números, o lead)?

[00:27:52] Entrevistado: Eu acho absurdo quando não tem ou quando não parte. A língua portuguesa foi muito sábia quando colocou o “jornalismo” na frente dos “dados”. Tem uma diferença grande entre a minha geração (talvez a geração um pouco mais velha que eu, dos senhores com o dobro da minha

idade, que eu convivia quando tinha 18 anos) e a geração atual - isso é uma coisa que eu vejo bastante conversando com esses jovens: talvez pela preponderância do online, as gerações mais novas parecem equiparar o jornalismo ao ato de publicar. Não é o ato de escrever e não é o ato de apurar. Para mim, jornalismo é apuração. Sempre é a apuração! Pegar uma planilha, jogar em uma ferramenta e tirar disso um gráfico, até um macaco faz. Bota uma rodela de banana no botão certo para apertar, o macaco fez e vai sair disso um gráfico. Agora, entender o que está por trás desses dados, entender o contexto desses dados, como eles são feitos e o que eles estão querendo dizer, com o que eu posso cruzar isso para extrair mais informação dele, o que isso está dizendo sobre a realidade e o que isso não está dizendo sobre a realidade. Eu tenho um caso bem interessante, que é quando a gente fez na *Folha*, o ranking de eficiência dos municípios, em 2016. Ele começou com uma reportagem de dados, como se fosse apenas uma reportagem de dados. Era um banco de dados com todos os municípios do Brasil, onde eu levantava dados de saúde, educação, saneamento e receita para todos eles. A gente criou um índice sintético, que calculava a eficiência. A eficiência dele era a seguinte: se duas cidades colocam 90% das crianças na escola, e uma cidade é mais pobre do que a outra, a cidade mais pobre é mais eficiente que a mais rica - essa é a ideia. A gente calculou as cidades mais eficientes e as menos eficientes. A partir daí, a gente foi sujar o sapato: a gente foi visitar 16 cidades de perfis mais eficientes e de menos eficientes. Antes de sair para as cidades, a gente levou o índice para apanhar: a gente mostrou para professores da FGV, da USP, do Insper, para que eles olhassem o índice e dissessem: “Isso faz sentido e isso não faz sentido”. Na academia, esses professores de Economia e Administração Pública estão acostumados a trabalhar só com os dados e apenas com os dados, por falta de financiamento. A gente foi visitar as cidades. Isso foi muito bacana! Quando a gente chega nas cidades mais eficientes, as que aparecem no topo da lista, você vê que eram cidades mineiras, que um dia foram cidades ricas, que tiveram indústrias têxteis, só que, na concorrência com a China, essas indústrias quebraram e saíram da cidade. Quando eram cidades ricas, elas construíram escolas, hospitais, redes de saneamento (que é um negócio quase raro no Brasil). Quando ficaram pobres, elas não podiam demolir as escolas, não podiam demolir a rede de esgoto, e precisam manter isso com a receita que elas tinham. O que aconteceu? Isso aumentou a eficiência delas no nosso método de cálculo, porque elas continuaram botando 90 e tantos porcentos, só que agora com menos receita, então isso aumenta a eficiência. As cidades mais eficientes eram cidades quebradas. A cidade menos eficiente era uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada Jaí. Jaí é uma cidadezinha de 3.000 habitantes. No Google Maps, ela tinha doze quarteirões só, a área urbana. O resto é tudo colheita de soja e erva mate (não tenho certeza). A gente foi lá. Não tinha asfalto; era tudo chão batido. Lá não tinha 3G. Para voltar, foi uma desgraça. Na ida, a gente já tinha pego o mapa na internet, mas, na volta, não tinha como pegar o mapa, então a gente se perdeu na estrada. Quando a gente chega lá, a gente chega lá esperando o fim do mundo. “Ineficiente”, a gente imaginava que fosse o faroeste. A gente chega lá e é uma cidade limpinha. A estrada era de chão batido? É! Mas tinha uma escola novinha em *folha*, recém inaugurada. Pelas as minhas contas, essa escola daria conta de todas as crianças do município, porque é um município de 3.000 habitantes. Só uma escola fizeram. Isso não estava nos dados. Só entraria no censo escolar no ano seguinte, porque tem um ano de funcionamento da escola para estar no censo escolar. Tinha um posto de saúde novinho em *folha* também. Ele não soube calcular quanto médicos ali impactaria na eficiência. A cidade mais eficiente estava quebrada e a cidade menos eficiente estava começando a se desenvolver. Isso não estava nos dados. Não vai estar nos dados. Isso está na realidade. Os dados vão te dar uma pista de onde, na realidade, está aquilo que a gente procura. Agora, essa pista pode nos levar para outras coisas, porque a realidade é complexa. Parecia que a matéria estava errada, mas, não, a matéria não estava errada. O Brasil é complexo para caramba! Se a gente não fosse aos lugares, a gente venderia Cachoeira da Prata (eu não lembro o nome da cidade) como um paraíso e Jaí como um inferno, e não são. Teve um cara, o Ricardo Amorim, que compartilhou a nossa matéria - compartilhou sem ler - e disse: “Imaginem cidades que gastam pouco e tem imposto baixo. Essas cidades existem”. Elas estão quebradas, meu! Eu fico cada vez mais fascinado. Eu vou e os dados vão me mostrando onde estão as coisas que valem a pena olhar.

[00:34:55] Entrevistador: Como você enxerga o lugar do jornalismo de dados no Brasil?

[00:35:07] Entrevistado: Depende muito. Acho que muitas empresas têm procurado entrar na onda, porque viram que era a última moda. Eu venho do mundo que jornalismo de dados era ficção científica

e hoje é quase “ficar de lado”. Hoje, toda redação tem alguém que faz jornalismo de dados. Geralmente, são moleques fazendo gráficos ou historinhas pops ou coisas muito fáceis. A facilidade de uso das ferramentas facilitou muito e isso é positivo. Nos anos 2001 e 2002, os caras como o Brant Nielson dizia: “A gente precisa de mais parágrafos de dados”. A gente ali era sempre focado na grande matéria, na grande investigação com dados. Eu ainda tendo a fazer isso, eu ainda tendo a pensar desse jeito. “O dado era uma coisa para usar na grande investigação”. O Brant disse que precisava de mais parágrafos de dados. Hoje, uma das coisas mais legais, inclusive, é o Painel The Pub. O The Pub não é brasileiro, mas ele é talvez aquele que faz as coisas mais bonitas com informações e dados, só que é tudo cultura pop. É um negócio do tipo: “Qual é a participação das mulheres nos filmes?”, “Quais são as palavras que os *rappers* usam”. É tudo cultura pop. É bacana! Eu acho super legal que a análise de dados se preste a todas as editorias. Há 10 anos, seria muito difícil imaginar alguém fazendo matéria de música usando análise de dados. Hoje já é mais comum. Hoje a *Folha* faz umas coisas, do tipo: “Quais são as músicas mais ouvidas no YouTube por estado?”. Eles fizeram ano passado ou ano retrasado, e é muito legal. Ao mesmo tempo, falta um pouco mais da pegada de usar esses dados para cutucar com mais profundidade. Existe e continua existindo, mas em termos de proporção do que é produzido com dados, é muito pequeno, assim como essa reportagem nos outros estilos de jornalismo. É uma questão mais estrutural mesmo.

[00:37:39] Entrevistador: Onde está a sua carreira hoje? Como você se situaria hoje? “Onde está a minha carreira?”.

[00:37:51] Entrevistado: Hoje eu sou empreendedor. Eu tenho a minha empresa, a Lagom Data. Eu estou criando maneiras de viabilizar a minha mania de contar verdades pelos dados, de outras maneiras, então eu trabalho com o terceiro setor, por exemplo. Tem uma ong da Amazônia que me contratou para levantar dados de Diário Oficial; tem uma entidade internacional que me contratou para levantar dados de educação, para verificar a eficácia de um programa deles. De vez em quando, eu faço uma reportagem de dados para algum lugar. Esse ano, com o coronavírus, eu fiz algumas para *O Globo*, para a *Época*, para a *Folha*, etc. Mas eu cada vez menos faço para a grande imprensa brasileira porque eles pagam cada vez menos. Eu criei a *Minus Letter*, em que, toda semana, eu mando uma *newsletter* rápida - é o que eu chamo de “parágrafo de dados”, que são um ou dois gráficos, uma análise olhando aspectos da realidade para tentar levantar algum assunto. De vez em quando eu vejo isso virar pauta na televisão, nos jornais. Eu sou feliz ali.

[00:39:16] Entrevistador: Você se vê como jornalista de dados?

[00:39:19] Entrevistado: Eu não consigo não me ver como jornalista. Eu me vejo mais como jornalista do que como empresário, na verdade. Isso é uma dificuldade às vezes: eu estou sempre pensando com aquele olhar desconfiado, de olhar o que está por trás. “O que está rolando?”. Eu não consigo não me ver como jornalista. Ao mesmo tempo, eu não consigo me ver trabalhando em redação de novo, um tanto pelo ritmo é outro hoje - muito mais rápido e acelerado; outro tanto por grana também, que é uma coisa importante; e outro tanto por pique mesmo, que eu não tenho mais (minha coluna já não é mais a mesma).

[00:40:11] Entrevistador: No caso, você é jornalista. Mas e a nomenclatura “jornalista de dados”? O que você acha disso? Você se vê nisso ou não? “Eu sou apenas jornalista” ou “Eu sou jornalista de dados”?

[00:40:28] Entrevistado: Eu tenho algumas coisas... Um jornalista que cobre coletivas, você o vê como um “jornalista de gravador”? Um jornalista que faz entrevistas por telefone, você o vê como “jornalista de telefone”? Por aí vai! Um jornalista de tv, você o vê como “jornalista de microfone”? Ao mesmo tempo, tem coisas que se fazem com dados que não se fazem de outras maneiras. O dado não é só o meio para se chegar à informação; ele é também um “tijolinho” para construir a informação de outro jeito. Para fins de marketing, eu falo que eu sou jornalista de dados, mas, para mim, eu sou jornalista. O que eu faço é jornalismo. Eu uso os melhores recursos de imagens que eu tenho à disposição. Se você for olhar como o Philip Meyer define “Jornalismo de Precisão”, no seu livro... Ele

mostra como a gente coleta informações, como a gente analisa e compreende e como a gente formata a informação da maneira que melhor entre na cabeça do leitor. É isso o que a gente está fazendo: usar esses dados como “tijolinho” é uma maneira de formatar essa informação para o leitor. O Philip Meyer tem um texto muito legal de 99, chamado *The Clear Victory of Get Out*, no qual ele está criticando o termo “Reportagem com Auxílio de Computador”, que era o que se usava na época. Ele fala assim: “Meu primo planta soja e usa planilhas para controlar a produção. Ele pode dizer que ele vende soja com auxílio do computador ou que a soja é produzida com o auxílio do computador?” Não! Ele utiliza os recursos que ele tem à mão para produzir melhor. Às vezes, eu acho que o termo... Eu tenho problemas com termos, em geral. Já me disseram que eu sou cientista de dados. Eu não tenho essa cara de pau de dizer que eu sou. Agora eu vejo uns caras que vão muito menos longe do que eu dizer que são e se vender como são e serem comprados como se fossem. Eu não gosto dessa “marketagem”. “Jornalista de dados” é o mais longe que eu vou.

[00:43:14] Entrevistador: Não sei se você já teve a experiência de trabalhar com atores, com outros profissionais que não sejam jornalistas, mas que estão produzindo jornalismo de dados ou que estão em algum núcleo ou uma redação de dados. Você já teve essa experiência de lidar com outros profissionais que não são formados em jornalismo, mas que atuam no jornalismo de dados?

[00:43:42] Entrevistado: Já! E é bem gratificante, muitas vezes. O Daniel Mariani, por exemplo, é um cara para quem eu tiro o meu chapéu. O Daniel Mariani trabalha para a *Folha*, no *DeltaFolha*. Ele é biólogo, se eu não me engano. Ele é um cara muito preparado. Ele tem uma clareza de análise muito grande. Nos trabalhos que eu faço com ongs, geralmente eu trabalho com pessoas que não são jornalistas, mas que estão no mesmo projeto. Eles não se descrevem como jornalistas de dados, mas é muito semelhante ali. Mas eu não entendo...

[00:44:39] Entrevistador: Tem uma discussão - eu já fui a alguns congressos - sobre “o jornalismo feito pelos não-jornalistas”. Como é, na verdade, essa experiência, essa troca? Tirando o Daniel e outros que já têm uma grande experiência na área, como são essas relações, essas trocas? Como é essa composição de linha de atuação de “quem faz o quê”? Qual é a minha linha de atuação?

[00:45:10] Entrevistado: Eu vou voltar para um outro negócio que a gente falou antes. Quando eu era trainee da *Folha*, eu era trainee de Jornalismo Econômico. Metade da turma era de economistas; a outra metade era jornalista. Na minha primeira semana, nós, os jornalistas da turma, dávamos risadas dos economistas. Eles traziam economistas para dar palestras para a gente e depois a gente tinha que escrever. A gente escrevia um lead redondo e o economista escrevia “Realizou-se ontem a palestra do professor Doutor Fulano de Tal”. A gente dava risada. Na segunda semana, o economista já tinha pego a lógica do lead e fazia perguntas melhores que nós e entendia melhor a resposta do que nós. A lógica do jornalismo é bastante fácil de aprender, por mais que a gente goste de pensar que ela é um pouco mais complexa. Ela não é complexa; ela pode ser complexa. Mas a lógica básica do jornalismo é bastante simples de aprender. Se o cara traz uma bagagem com outros conhecimentos e ele junta essa lógica com essa bagagem, ele consegue tirar coisas que eu nunca tiraria. Então, eu tiro muito o meu chapéu para esses caras que vêm de outras áreas. Eu tiro demais! Eu sempre fui contra reserva de mercado, sempre fui contra à obrigatoriedade do diploma. Eu acho que isso é super bem-vindo.

[00:47:03] Entrevistador: Sim, sim. Nós poderíamos fechar com uma última pergunta: você está satisfeito com essa escolha de atuar no jornalismo de dados e - agora, como você colocou - de empreender nessa área dos dados?

[00:47:23] Entrevistado: Eu sou muito grato! A minha mãe não tinha segundo grau completo; os meus pais não tinham segundo grau completo. A minha mãe criou três moleques sozinha, ganhando salário mínimo. Ela começou a trabalhar super cedo. Tudo, tudo, tudo, tudo o que eu desenvolvi na minha eu desenvolvi graças ao jornalismo de dados. Se eu consegui ter algum destaque profissional, foi por causa dos dados. Não tem como não ficar satisfeito. Tem dias de desgosto? Tem! Sempre tem. Qualquer profissão tem, em qualquer trabalho. Mas, em média, eu sou muito grato mesmo por tudo o que eu consegui desenvolver no jornalismo de dados.

[00:48:11] **Entrevistador:** Você tem projeções para a sua carreira?

[00:48:13] **Entrevistado:** Hãn?

[00:48:14] **Entrevistador:** Perdão! Pode retomar. Depois eu faço a pergunta.

[00:28:18] **Entrevistado:** Não. Segue, segue.

[00:48:20] **Entrevistador:** Projeções, você tem para essa carreira? Você pensa em mais alguma coisa nesse campo, em outros campos?

[00:48:27] **Entrevistado:** A minha ideia é que a minha empresa cresça e eu possa criar alguma publicação que dê algum dinheiro, focando em análise de dados. Tenho algumas ideias para isso. Nos planos, eu vou devagarzinho. Até o ano passado, o desafio era pagar as contas. Agora, esse ano, foi contratar uma estagiária para poder ajudar. No ano que vem, a gente cresce um pouquinho mais. É passo a passo.

[00:49:05] **Entrevistador:** Mas é continuar nessa área de atuação nos dados, né?

[00:49:09] **Entrevistado:** Sim! Eu acho que, cada vez mais, é importante que se use os dados para se contar a verdade. Acho que é uma coisa que eu sei fazer bem, então quanto mais a gente puder fazer, melhor.

[00:49:23] **Entrevistador:** Você é professor também?

[00:49:25] **Entrevistado:** Também! Eu sou mestrando na Unicamp e dou aulas em pós-graduações. Dei aula na pós-graduação da PUC do Rio Grande do Sul, na Universidade Positivo, da Unimap, da ESPM. No ano que vem, vai sair uma especialização de jornalismo de dados no Mackenzie, onde eu vou dar aula. Adoro dar aula. Em redação, eu dou aula desde 2003, em várias redações.

[00:49:53] **Entrevistador:** É tudo nessa área? A sua atuação é sempre nessa área?

[00:49:59] **Entrevistado:** Sempre, sempre. Na Unimap, a disciplina era Jornalismo Investigativo. Metade da disciplina era análise de dados.

[00:50:07] **Entrevistador:** Na sua visão, poderia-se afirmar que o jornalismo de dados intercrusa e bebe muito dessas vertentes do jornalismo investigativo?

[00:50:23] **Entrevistado:** Originalmente, sim, mas eu já vi caras mais jovens dizendo que isso é uma visão antiga. Estavam pensando em trazer uma palestrante, e disseram: “Mas ela é muito antiga! Ela pensa jornalismo de dados como jornalismo investigativo”. *What?* Eu não consigo pensar nem ser jornalismo investigativo. Quando eu faço uma reportagem mais convencional, eu procuro puxar a cordinha. Você vai montar o quebra-cabeça. Para mim, isso é fundamental. Nem todo jornalismo é assim, mas, para mim, isso é fundamental.

[00:51:02] **Entrevistador:** Você acha que tem essa divisão então: grupos mais novos de atuação no jornalismo de dados, que acham que o jornalismo de dados é independente disso?

[00:51:16] **Entrevistado:** A impressão que eu tenho é que os mais jovens têm uma visão de que o jornalismo é o ato de publicar, e não o ato de apurar o notícia. Não todos mais jovens, mas muito mais jovens que eu chegam a ter essa visão. É lamentável, na verdade.

[00:51:33] **Entrevistador:** A gente tem segmentação no jornalismo de dados do Brasil: os jornalistas pioneiros. Deixa eu pegar aqui. Eu conversei com.... Esqueci o nome dele. Estou marcando com o Daniel também. Teria essa segmentação por grupos e idades? O que você acha?

[00:52:04] **Entrevistado:** Acho que não, mas eu também sou meio "ermitão". Eu sou um cavaleiro solitário, um dos imperdoáveis. Estou lá na minha fazenda... Eu não sou um cara muito de frequentar turmas, então eu não sei te dizer. Eu sei do que eu converso com as pessoas.

[00:52:29] **Entrevistador:** Eu conversei com o José Toledo.

[00:52:32] **Entrevistado:** O que ele falou?

[00:52:33] **Entrevistador:** Ele disse que acha que, na verdade, há uma linha, um pouco de separação, no sentido dessa visão do que é esse jornalismo de dados que nasce lá na precisão, depois com o auxílio do computador e toda essa caminhada, entre quem mergulhou antes nesse processo e quem está hoje. "Entrei há pouco tempo nesse segmento, nesta atuação do jornalismo". Vão ser visões um pouco diferentes sobre investigação, sobre apuração e como isso pode ser conduzido, nessa linha.

[00:53:10] **Entrevistado:** Outro dia eu estava conversando com um amigo meu mais jovem. Aí a gente discorda. Eu falei: "Cara, você acha que o mundo começou em 2010? Não começou em 2010. Eu estava lá".

[00:53:27] **Entrevistador:** "Eu vivenciei 2010. Eu sei que não começou lá". Ok. Você quer colocar mais alguma coisa? Eu acho que, para mim, está bem tranquilo, está bem bom, para a proposta que a gente tem para a tese. Fica contigo se você quiser colocar mais alguma coisa.

[00:53:48] **Entrevistado:** Eu acho que, por enquanto, é só. Qualquer coisa, igualmente, você pode me perguntar, por WhatsApp. Eu vi que você mandou um documento. Eu não tinha onde imprimir. Vou baixar, imprimir e eu assino ali.

[00:54:04] **Entrevistador:** Eu mandei em Word também. Você não tem assinatura digital, né?

[00:54:08] **Entrevistado:** Devo ter. Devo ter! Vou dar uma olhada.

[00:54:13] **Entrevistador:** Tá. Você pode colar a digital no PDF ou no Word. Eu mandei os dois para ver o que fica mais fácil para ti.

[00:54:22] **Entrevistado:** Maravilha! Muito obrigado!

[00:54:23] **Entrevistador:** Por nada! O que é isso? Eu que agradeço, viu, pela disponibilidade, pela sua fala? Essa entrevista é usada exclusivamente para a tese, para o nosso objeto de pesquisa. Assim que a tese for publicada na biblioteca, eu te mando uma das versões, para você ter aí.

[00:54:46] **Entrevistado:** Maravilha! Muito obrigado.

[00:54:47] **Entrevistador:** Obrigada você, viu?

[00:54:50] **Entrevistado:** Até mais!

[00:54:51] **Entrevistador:** Até mais. Tchau!

Entrevistado 3:

[00:00:24] **Entrevistado:** Pronto! Me desculpa!

[00:00:25] **Entrevistador:** Que nada! Não tem nada para se desculpar.

[00:00:27] **Entrevistado:** Vida de mãe.

[00:00:28] **Entrevistador:** É isso, gata. É isso o que a jornada requer. Fica tranquila! Antes de mais nada, eu quero te agradecer pela disponibilidade de conversar comigo, de agregar à minha proposta de

tese no doutorado. A gente tem o objetivo de discutir um pouco o jornalismo de dados, dentro de uma perspectiva a partir do profissional (identidade profissional, carreira) e toda essa perspectiva que envolve o jornalista. Agradeço demais! Você estava aqui com o nome no meu *mailing*. Eu estava te procurando. Eu te agradeço demais pela disponibilidade. A entrevista tem o uso exclusivo acadêmico, então tudo o que a gente falar aqui vai ser exatamente para a tese. Você fique à vontade. Eu vou lançar as perguntas de forma aberta e você pode ficar bem à vontade para responder como você queira, beleza?

[00:01:28] Entrevistado: Beleza!

[00:01:29] Entrevistador: Está bom então. Vamos lá! Me conta um pouquinho da sua formação e por que você escolheu essa formação e essa profissão.

[00:01:39] Entrevistado: Eu sou formada em jornalismo. Me formei em 2010. Mas nessa altura, quando eu me formei em jornalismo, eu já trabalhava em redação há algum tempo. Eu entrei na redação em 2006 e, em 2007, eu comecei a faculdade, um ano depois. Na época, eu já tinha começado uma carreira dentro de redação meio que improvisada: criaram uma vaga como secretária de redação no Mogi News, que não tinha, porque eu era muito nova e já queria fazer jornalismo. Eles falaram: “Olha, a gente está precisando de alguém para organizar o dia a dia da redação. Que tal juntar as duas coisas? Você vem, vê se é o que você quer fazer mesmo, se é o que você gosta, e também já fica um pouco por dentro do que é o jornalismo”. Eu fui. Essa mudança para a área de dados e transparência - que são as duas áreas que eu atuo hoje - começou no meio do caminho. Na verdade, um pouquinho antes de 2010, eu vi que existia uma grande dificuldade de fazer análises mais complexas quando eu precisava fazer matérias regionais, daqui do Alto Tietê, que são dez cidades. Toda vez que eu precisava coletar informações das dez cidades, principalmente dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), era muito difícil, era muito na mão. Tinha muito erro de cálculo. Eu sentia essa necessidade de fazer isso de uma forma mais fácil e com menos erro, de fazer de uma forma mais prática e assertiva essas análises, que era uma coisa que eu não estava vendo na faculdade. Eu não vi isso na faculdade em nenhum momento. Começou aí! Começou com essa necessidade de saber lidar com planilha e com dados. Em 2010, eu participei de um hackathon do *Estadão*, que foi o primeiro hackathon que eles fizeram. Eles juntaram jornalistas e o pessoal da área de TI. Eu participei com um projeto para rastrear as notas fiscais dos deputados. O que eles podiam fazer com a tecnologia, eu fiquei encantada. “Caramba! Que negócio maravilhoso esse daqui que eles estão fazendo. Que junção maravilhosa!”. A partir daí, eu comecei a procurar conteúdos, cursos e oficinas para me aprofundar. Requer muito estudo. Ainda requer muito estudos, porque, no Brasil, é uma área relativamente nova, então a gente não tem muito conceito do que é o jornalismo de dados, mas hoje tem bastante material e bastante tutorial, caminhos e modo de fazer. Foi mais ou menos por aí: essa mudança de chave veio da necessidade de saber lidar com os dados na hora de construir as matérias e as narrativas.

[00:04:47] Entrevistador: Te chamou a atenção ter acerto, né? Faz para mim uma linha do tempo da sua carreira: “Eu comecei aqui. Depois eu fui para tal coisa”. Como você delimita a sua carreira no jornalismo?

[00:05:05] Entrevistado: Eu comecei sendo - esse cargo nem existe - assistente da chefia de reportagem, que era o que eles me chamavam, no Mogi News. Eu era secretária de redação. Eu ajudava todo mundo a agendar entrevista e blábláblá. Foi uma fase bem rica até da carreira porque eu pude observar e aprender muito sobre como faz jornalismo, principalmente naquela época, que era um negócio de ter uma equipe grande e ir para os locais. Eu fiquei oito anos no Mogi News.

[00:05:46] Entrevistador: Isso em torno de que ano mais ou menos?

[00:05:48] Entrevistado: Foi de 2006 até 2013, eu acho. Em 2013 foi quando eu saí do grupo de vez, para ir para o *GI*. Eu entrei lá em 2006, no outro cargo, para atendimento ao cliente. Depois eu fui para a redação e fiquei. Fiquei oito anos, no total, no *Mogi News*. Saí em 2013. Nesse meio tempo,

quando eles fizeram a *Tv Mogi News*, eu também trabalhei na *Tv Mogi News* e no impresso, então eu ficava nos dois trabalhos. Eu fiquei por três anos assim. Em 2013, eu saí para fazer um “freela” no *GI Mogi*, mas acabei ficando na TV Diária. Aí, saí do *GI* em 2019 - ou foi em 2018? Acho que foi 2019. Não! Foi em 2018. Eu saí do *GI* em maio de 2018, aí eu fui trabalhar em uma organização social de saúde na comunicação de lá e fiquei lá até abril de 2019. Em abril de 2019, eu saí de tudo e só voltei agora para o mercado em 2020, porque eu tive bebê e várias coisas aconteceram. Toquei meu projeto pessoal de dados também. Eu voltei agora com a *Énois* e com *Azmina*, que são os dois lugares onde eu estou trabalhando com dados especificamente.

[00:07:22] Entrevistador: O que é esse projeto pessoal com dados?

[00:07:25] Entrevistado: O projeto pessoal é o Painel Jornalismo, que é um *site* daqui de Mogi, que só faz matérias baseadas em dados públicos e com base na Lei de Acesso à Informação. Além de a gente produzir conteúdos a partir desses dois métodos - vamos dizer assim -, a gente também oferece cursos gratuitos para cidadão, jornalista, tanto de dados quanto de Lei de Acesso à Informação. A gente tem uma parte do *site* que é só sobre produção de conteúdo e a outra parte que é de cursos EAD que a gente vai lançando lá. Já tem um de transparência aberto. A gente abriu a primeira turma em setembro e já está na segunda turma. É tudo gratuito. São videoaulas. Foi muito legal fazer esse trabalho porque eu consegui identificar com mais substância como a região é carente desse tipo de trabalho. Os jornais não estão dando conta de olhar para esses dados, porque faltam profissionais especializados nisso e também porque faltam investimentos por falta dos jornais para ter essa equipe na redação. Tem muito dado para ser explorado e pouca gente para fazer esse trampo. Fazendo o painel, eu vi que existe uma demanda muito grande por dados e transparência a serem explorados - isso de várias formas.

[00:08:51] Entrevistador: Você é uma das fundadoras, né?

[00:08:53] Entrevistado: É, eu sou fundadora. Ele é tocado junto com o meu companheiro, que também é jornalista, só que ele fica mais com a parte técnica mesmo do *site*: toda a estrutura do *site* foi ele quem montou; a plataforma EAD foi ele que montou. Ele tem o olhar mais voltado para a comunicação pública, então ele colabora nesse outro lado do Painel. A produção de conteúdo sou eu quem faço, porque é mais a minha área de estudo. Foi muito bacana fazer isso porque me abriu várias portas, inclusive nessa área de dados. Agora eu estou começando a também olhar para o jornalismo de dados local, e não só o macro (falar do país ou do estado), mas também usar os dados nos municípios.

[00:09:44] Entrevistador: Por que você escolheu jornalismo?

[00:09:47] Entrevistado: Sempre que alguém me faz essa pergunta, eu fico até meio sem saber o que responder. Eu nunca tive esse momento: “Meu Deus! É agora!”. Eu sempre falei que eu ia ser jornalista, mas eu não sei de onde surgiu. Na verdade, eu desconfio. A minha mãe trabalhou no jornal, vendendo assinatura. Ela trabalhou por 13 anos e sustentou a gente com isso. Ela sempre incentivou muito a gente a ler (gibi, revista e muito jornal inclusive). Eu lembro que ela ficava me contando: “Essa matéria aqui, foi Fulano quem fez. Ele é assim, assim, assado (alto, baixo, cabelo de tal cor)”. Ela ficava me falando sobre as pessoas que estavam lá e eu ficava encantada com o jornal. É engraçado porque a maioria das pessoas são encantadas com TV: veem o telejornal e falam que querem ser telejornalistas por causa do jornal. Eu não. Eu queria ser jornalista por causa do jornal impresso, que, até hoje, eu gosto muito mais do que tv. Eu falava desde criança que eu ia ser jornalista. Os meus trabalhos de escola eram todos esses: o jornalzinho da escola era eu quem queria fazer; trabalho para entrevistar várias pessoas, eu sempre queria fazer. Foi sempre assim!

[00:11:00] Entrevistador: Você teve que adquirir competências específicas para atuar no jornalismo de dados? Você investiu nisso? Como que é?

[00:11:06] Entrevistado: Sim. Inclusive, eu estou estudando ainda. Primeiro começou com as oficinas para aprender a usar, por exemplo, Excel (que, até então, era a ferramenta que tinha

disponível para jornalista) de forma mais completa, com as fórmulas, com as tabelas dinâmicas - coisa que a gente não está habituado. Foi a primeira fase do investimento. Agora, eu estou estudando para entender de programação. Quando você entende algumas linguagens de programação, além de você conseguir analisar base de dados maiores e microdados ainda (que são bem mais detalhados e são milhões de linhas), também é possível você melhorar as visualizações e criar aplicativos no qual o leitor mesmo pode fazer a navegação e os filtros que ele quiser. Eu ainda estou estudando isso e demanda muito tempo de estudo, porque - imagina - uma linguagem de programação nova é como aprender outra língua mesmo, então vai um tempo de adaptação. Eu já estou nesse processo há um ano e meio, estudando metodicamente. Preciso, sim, de muito estudo. Eu ainda me considero uma pessoa muito sortuda porque acabei conseguindo ter várias oportunidades de estudar de graça. Essas bolsas com cotas raciais, cotas para as mulheres entrarem no mundo da tecnologia e de dados, me proporcionaram a estar nesses ambientes e conseguir absorver esses conhecimentos. Talvez se eu tivesse que pagar, não teria acontecido isso antes. Então, teve, sim, um investimento e ainda tem.

[00:12:58] Entrevistador: Quais são as competências que você enxerga que são as mais necessárias para atuar no campo do jornalismo de dados?

[00:13:05] Entrevistado: Hoje eu vejo que estatística básica você tem que conhecer, para você não cair no erro de fazer comparações que não são corretas ou noticiar isso de forma errada e induzir o leitor ao erro - é uma coisa que eu estou estudando também. Não precisa saber programar, se não quiser, mas conhecimento em Excel e Google Sheets, pelo menos, você tem que ter. A partir daí, você já consegue cruzar tabelas e fazer várias coisas diferentes para análises mais profundas. O resto é o rigor mesmo da apuração. A gente acaba no jornalismo de dados entrevistando a base. Não é que você vai confiar 100% no que o dado está dizendo. Você tem que ter também aquele olhar crítico para a metodologia, para ver se o dado coletado tem alguma qualidade, se ele é um dado confiável ou não. Tudo isso está por trás do dado. Não é só pegar e produzir, sabe?

[00:14:10] Entrevistador: Então, jornalismo de dados herda do jornalismo tradicional?

[00:14:15] Entrevistado: Com certeza!

[00:14:16] Entrevistador: Você defende essa coisa: “A gente tem que manter uma apuração criteriosa e uma investigação criteriosa”?

[00:14:26] Entrevistado: Com certeza! Para você ter ideia: eu estou fazendo um trabalho para a *Folha de S. Paulo*, em que eu estou analisando quem são as pessoas a quem eles dão espaço no jornal por gênero e raça. Eu peguei um período de 15 dias de publicação da *Folha*, em alguns cadernos específicos, e estou listando quem são as pessoas que aparecem nas fotos, nos créditos das matérias e das fotos também, quem são as fontes e quem são os personagens. Vai ser recorte de tempo, de raça e de gênero. Tem uma coluna da *Folha* que eu estou analisando que são dos leitores que mandam os apontamentos e eles só publicam. Nessa coluna, eu deixei uma observação que não é possível identificar a raça dessas pessoas. Imagina: são leitores do Brasil inteiro, com vários homônimos. Eu não posso cravar que a pessoa é branca ou parda, porque eu posso cometer um erro. É esse o tipo de cuidado que temos que ter na metodologia. Eu poderia simplesmente colocar lá o dado, procurando no Google (“é branco, preto ou pardo?”), mas você teria um dado que não é confiável, por conta das variáveis e do contexto em que esse dado está sendo coletado. Esse tipo de apuração e de rigor na metodologia faz toda diferença quando você vai noticiar alguma coisa. Quando você vai trabalhar com dados ou com alguma pesquisa, mesmo com um instituto já consolidado, que nem o IBGE, por exemplo, é sempre legal apurar a metodologia e conversar muito com quem fez o estudo. Na verdade, a fonte de entrevista muda: não é só o especialista, mas o especialista da pesquisa (o pesquisador, em si).

[00:16:22] Entrevistador: O que você chama de metodologia seriam as etapas dentro desse processo de apuração?

[00:16:32] Entrevistado: Metodologia é a forma como o dado é coleta. O que eu considero para considerar esse um dado confiável? O que eu levo em consideração? O território em que ele foi coletado? O período em que ele foi coletado? Quais são as variáveis que influenciam nessa informação? Então, nesse caso da *Folha*, o fato de ser um leitor mandar a opinião dele e a *Folha* publicar sem saber quem é esse leitor (só tem o nome dele) e buscar isso na internet seria difícil é uma variável na metodologia que eu devo considerar. Muito provavelmente, quando eu for fazer o relatório final dessa pesquisa, eu vou desconsiderar essas pessoas que aparecem como leitores, entendeu? Isso tem que estar na metodologia. Via de regra, o que o jornalista costuma fazer (eu já fui essa pessoa)? “Ah, saiu um estudo novo? Vou pegar na conclusão o que está falando e faço uma matéria”, quando, na verdade, você precisa ver a metodologia porque tem questões territoriais, tem questões de período, tem questões de perfil de entrevistado, que podem invalidar ou não aquele dado como confiável.

[00:17:45] Entrevistador: Entendi! Como você planeja a sua carreira, daqui a alguns anos ou daqui para frente? “Eu planejo permanecer no jornalismo de dados. Eu quero investir nisso” ou “Eu penso em outro campo de atuação do jornalismo”? Como você se vê agora na sua carreira?

[00:18:04] Entrevistado: Eu dei uma entrevista para uma estudante de Goiás de mestrado, que estava fazendo exatamente um trabalho sobre jornalismo de dados. Ela me perguntou a mesma coisa: como eu me via. Antes de ela fazer essa entrevista, que foi no começo de junho... Nossa! Está bem escuro aqui. Antes de a gente conversar, eu não tinha entrado na *Énois* ainda nem nos *Azmina*, então eu falei que eu queria muito consolidar a carreira, fazendo produções grandes e nacionais ligadas a dados. Depois da conversa com ela, acabou rolando esses dois trabalhos, onde eu consigo aplicar mesmo os conhecimentos de dados e me abriu um mundo de possibilidades de trabalho. Eu estou fazendo esse “freela” no *Azmina*. Tenho “freela” para o República.org (que é uma instituição do Rio de Janeiro, que olha muito para serviço público). Eu estou fazendo para eles um levantamento de onde estão os servidores negros no Brasil, no funcionalismo público. É uma pesquisa bem grande. Uma coisa foi levando a outra. Eu estou também em um outro projeto de monitoramento de violência de gênero no Twitter durante as eleições, com candidatas de cinco estados e analisando quais são os termos mais utilizados para ofender essas mulheres e, em comparação com os homens, o tamanho da violência e como esse conteúdo se dissemina nas redes sociais. Uma coisa leva a outra. Então, eu acho que eu quero continuar consolidando a minha carreira nesses trabalhos de pesquisa, principalmente de produção jornalística na área de dados. Tem muita coisa para fazer nessa área. Eu estou pendendo muito também a ir para um caminho de estudo de raça mesmo. É com esse recorte de gênero e raça.

[00:19:57] Entrevistador: Interessante! Hoje, como eu posso entender: você está como “freela”? Como é essa atuação?

[00:20:06] Entrevistado: Eu sou coordenadora do Programa de Diversidade nas Redações da *Énois* - isso é até o final do projeto e termina em outubro do ano que vem. Até dezembro eu estou coordenando o monitoramento de feminicídio no *Azmina*. São projetos específicos, né? Tem esse do Twitter também na eleição, que é coordenação. O que tem mais longo, na verdade, é na *Énois*. Acho que você pode me considerar como jornalista freelancer.

[00:20:40] Entrevistador: Como você se vê? Quando você diz “pode me considerar como jornalista freelancer”, como você se vê nesse lugar? É confortável? Está dentro do fluxo que você espera dentro da sua carreira?

[00:20:58] Entrevistado: Durante muito tempo, eu me imaginava trabalhando em um lugar fixo, tipo uma equipe de dados do *GI* ou equipe de dados do *Estadão*. Mas, quando eu comecei a frequentar muito esses grupos e está mais no dia a dia com eles, eu fui vendo que ainda é um ambiente muito restrito, de muita indicação - quem conhece indica alguém que faz - e muito branco. Você não vê jornalista de dados negro. Agora que eles estão começando a olhar e dizer: “Opa! Tem alguma coisa errada aqui”. Eu acho que o caminho para eu conseguir chegar em um posto desse, de estar fixa em um lugar, é muito longo ainda, por várias questões. Eu tenho que provar três vezes mais que eu sei. Mas hoje, com esses trabalhos “freela”, eu acho que eu tenho um reconhecimento bacana como jornalista

de dados porque eu consigo estar em vários projetos diferentes e que tratam de temas importantes. Querendo ou não, também me dá essa base. E me dá liberdade de trabalhar em várias coisas também. Então, eu acho que eu gosto.

[00:22:15] Entrevistador: A atuação feminina, como você vê? Ainda falta muito jornalista de dados?

[00:22:22] Entrevistado: Até que tem bastante mulher fazendo isso. Para você ver: esse monitoramento de feminicídio só tem mulher na apuração (coletando os dados) e escrevendo as reportagens e tem duas jornalistas de dados para fazer esse “catadão” nacional, que sou eu e mais uma, da Ponte Jornalismo. São mulheres que não vêm do jornalismo para a análise de dados. Elas vêm de outros ramos: de tecnologia, *ecommerce*. Elas vêm de outras áreas que já usam tecnologia há mais tempo que a gente. Jornalista de dados mesmo tem algumas. No *GI* tem a Flavia Velasco; tem a Cecília Lago no *Estadão*; tem a Renata Hirota, que é do Volt *LabData*, que é uma mina que programa e é maravilhosa. Tem algumas, mas tem muito o que melhorar ainda. É um longo caminho para ocupar. Jornalista negra só tem eu que eu conheço. Eu já vi outros homens negros falando de jornalismo e dados, mas mulher negra, não.

[00:23:37] Entrevistador: É um apontamento interessante para se pensar esse mercado e sobre essa prática, né?

[00:23:43] Entrevistado: Eu sempre faço essa provocação para eles. Outro dia eles publicaram no nosso grupo uma foto com os 11 jornalistas brasileiros que foram contemplados com uma bolsa de estudos fora. Aí o povo: “Parabéns!”, claro. É uma puta conquista. Eu esperei a poeira abaixar e falei: “Gente, legal. É muito bacana que a gente esteja com todos esses jornalistas brasileiros começando a representar o país lá fora na área de tecnologia e comunicação. Mas só tem branco, gente”. Eles ficaram: “É verdade!”.

[00:24:18] Entrevistador: Vamos parar de dar os parabéns, né?

[00:24:22] Entrevistado: Vamos repensar aqui.

[00:24:24] Entrevistador: A gente consegue enxergar que essas atuações no campo de dados ou das equipes de dados, independentes ou dentro das redações, contam um pouquinho com atores que não necessariamente são jornalistas por formação. Então, eu vou ter um TI, vou ter um analista, vou ter um programador. Como você vê essas interações, já que você também está nisso de ter essas interações com esses atores que não necessariamente são formados em jornalismo, mas atuam em jornalismo de dados? Como acontecem essas interações e como você enxerga isso dentro desse campo?

[00:25:06] Entrevistado: Eu enxergo com muito ganho. É um ganho enorme para o jornalista e para o jornalismo. A gente tem aquela máxima de que “em jornalismo, você não precisa saber de tudo, desde que você tenha o telefone de quem sabe”. Se você trabalha com alguém que sabe, é um outro peso. Tem muita gente de Ciências Sociais, por exemplo, que faz análise muito mais ricas de dados do que nós, jornalistas, porque eles têm toda uma base teórica por trás dessas análises, que, na formação deles, aprendem a mexer com esses dados e podem trazer uma análise muito rica em tudo o que a gente faz no jornalismo. É muito mais rica e mais próxima da realidade, de você não cometer erros simples. Vou te dar um exemplo: um jornal de Mogi fez uma matéria esses dias sobre casamentos na pandemia, se eu não me engano. Era sobre casamentos. Foi antes da pandemia. Era sobre se as pessoas estavam se casando mais ou não na cidade. Eles colocaram lá que menos de um por cento da população estava decidindo casar no município. O cálculo foi feito com base em toda a população. Eles não consideraram que tem crianças, idosos e tem várias outras categorias. Você publica uma manchete que não representa a realidade. Se você tivesse uma pessoa que estudou Ciências de dados e estudou Ciências Sociais, ela poderia ter dado esse toque antes de a matéria ser publicada, porque é um conhecimento mais profundo. Então, eu acho que é muito rico esse tipo de interação entre as profissões e eu acho até que demorou um pouco para a gente começar a fazer isso aqui. Eu acho que tinha que ter se pensando essas estruturas muito antes. Pensa: a gente faz muita matéria sobre política

pública, plano de mobilidade do município. Como eu, jornalista, vou falar de mobilidade sem uma formação? Não é só ouvir e pedir para um especialista comentar, se ele não participou do processo de apuração, de tudo o que foi coletado de informação daquela pauta. Se você tiver esses profissionais dentro, é muito mais rico, com certeza.

[00:27:49] Entrevistador: Como você enxerga o lugar do jornalismo de dados no Brasil hoje?

[00:27:55] Entrevistado: Eu acho que, por exemplo, na covid-19, a gente viu a importância dele. A gente escancarou que, se o poder público não qualifica os seus dados e não dá transparência para eles, fica impossível você pensar e discutir política pública, em vários níveis, em vários recortes. Quando o Bolsonaro tentou, por exemplo, não divulgar mais os dados de atualização do covid-19, houve grande mobilização da imprensa brasileira, mas muito dessa mobilização surgiu a partir do grupo de Jornalista de Dados no Brasil, que trabalha com dados e transparência. Eu acho que a covid-19 escancarou que a gente precisa repensar e cobrar esses governos para que esses dados sejam coletados de forma mais qualificada (hoje não acontece isso na maioria dos municípios e na maioria dos estados) e, no segundo momento, ter transparência, para todo mundo acessar esses dados e não ficar preso no governo.

[00:29:05] Entrevistador: Nos veículos tradicionais do Brasil, por exemplo, que têm atuação de jornalistas de dados, você acha que a gente tem um núcleo de dados e tem atuação de uma equipe de dados ou isso ainda é um pouco precarizado (“Eu tenho alguém que faz a infografia e outro setor que faz e a gente coloca no núcleo de dados”)? Você acha que nas redações do Brasil a gente tem equipes de dados e tem esse olhar para o jornalismo de dados?

[00:29:41] Entrevistado: Eu vejo isso muito já estruturado no *Estadão* e na *Folha*, que foram os dois primeiros jornais a trazer uma equipe de dados. No *GI* tem uma equipe pequena, mas eles só têm no nacional - não tem nas afiliadas e, quando tem, você não consegue produzir, por exemplo, infografia fora do núcleo e do padrão visual da *Globo*. Na maioria dos grupos... Por exemplo, eu estou fazendo um trabalho com o pessoal do *Diário do Nordeste*, sobre diversidade nas redações. Eles não têm uma equipe de dados. A maioria dos jornais grandes e dos grupos grandes não tem. Eu vejo mais uma equipe estabelecida na *Folha* e no *Estadão*.

[00:30:32] Entrevistador: Será que a gente não teria um movimento de outros jornais que contratam agências de dados, que contratam especialistas, analistas e jornalistas de dados, para fazer determinados produtos que eles querem.

[00:30:48] Entrevistado: Está acontecendo muito isso: “Eu tenho um projeto específico, então eu contrato uma agência ou mesmo um jornalista freelancer para aquele trabalho específico”. Aconteceu muito na eleição agora. É um movimento que tem acontecido, mas ainda de forma muito provisória. Não é nada muito estruturado. Mas a tendência, eu acho, é isso mudar. Depois de covid-19, eles viram a necessidade. Você tem um ano de covid-19 e eleições. Você precisa fazer essas análises mais profundas e sociais e precisa pensar nessa equipe, até porque o leitor também está começando a demandar esse tipo de conteúdo. Então, eu acho que é um caminho para o jornalismo. Eu acho que daqui para frente a gente vai ver mais jornais estruturando as equipes de jornalismo de dados.

[00:31:47] Entrevistador: Você acha que é uma boa estratégia e uma forma de se manter no mercado para jornalistas que estão vindo por aí?

[00:31:55] Entrevistado: Com certeza! Para você pensar: aqui na região (são dez cidades) só eu que trabalho com dados. É muito pouco, muito pouco. Isso se a gente considerar que um jornalista de dados, o recomendado é que ele nunca trabalhe sozinho, porque dado é uma construção. Os processos têm que ser revistos. No jornalismo já é assim, mas quando você trabalha com dados é muito mais. Não ter outro jornalista de dados aqui, na região, onde tem faculdade de jornalismo inclusive... Eles estão bobeando sem ter um mercado aqui.

[00:32:36] Entrevistador: Como você se autodeclara? Você é jornalista de dados? Eu já tive algumas conversas e alguns jornalistas falam: “Não! Eu só sou jornalista. Jornalista é jornalista”. Como você se identifica? Como você se vê? Você é jornalista de dados? Você é cientista de dados? Quem é você?

[00:33:00] Entrevistado: Nossa! Essa é uma pergunta bem interessante. Por muito tempo, eu falava que eu era só jornalista também, por quê? Como eu sigo muita gente que já está em outro nível de jornalismo de dados - que programa -, eu achava que eu falar que eu era jornalista de dados era uma arrogância, uma prepotência. Mas eu comecei a conversar muito sobre isso com esses colegas e eles falaram: “Não! A partir do momento que você volta o seu olhar para dados e estuda coisas que um jornalista comum (na falta de um termo melhor) não sabe ou não se atentam, então você é uma jornalista de dados. Então, acho que você já pode falar que você é”. Eu comecei a falar que eu sou depois que eu virei jurada do prêmio de jornalismo de dados.

[00:34:02] Entrevistador: Esse reconhecimento pelos pares, então, é importante?

[00:34:07] Entrevistado: Eu acho que sim. Por exemplo, eu fazia um trabalho tão pequenininho no painel e antes até do painel. Parecia tanta arrogância falar que eu era jornalista de dados, se eu não fazia as coisas que eles faziam. Mas, na verdade, são níveis de conhecimento diferentes. Mas é a mesma área. Então, eu acho que sim! Eu sou uma jornalista de dados. Hoje eu me sinto mais confortável de falar que eu sou jornalista de dados.

[00:34:35] Entrevistador: Então, ser jurada ajudou também nesse processo?

[00:34:38] Entrevistado: Quando eu recebi o meu convite, eu parei e pensei: “Se eles estão me convidando é porque eles me consideram que eu sou alguém capaz de analisar os trabalhos. Nisso tem uma carga de conhecimento também”. Eu conversei muito sobre isso com o meu companheiro. Ele fala para mim: “Você já é jornalista de dados. Olha o trabalho que você faz”. Mas eu ficava... Mas depois disso eu falei: “Não! Está bom. Eu posso falar que eu sou jornalista de dados”.

[00:35:09] Entrevistador: Então, você se autorreconhece assim hoje?

[00:35:10] Entrevistado: Sim!

[00:35:12] Entrevistador: Você acha que, para esse autorreconhecimento é necessário o quê, partindo da sua experiência: atuação, competências específicas?

[00:35:26] Entrevistado: Eu acho que competências específicas. Era muito o argumento que o meu companheiro usava comigo. Ele falava: “Olha para o painel, olha para todas as matérias que você já conseguiu fazer e os cruzamentos de dados complexos que você conseguiu fazer, que nenhum outro jornal da região fez. Não tem por que você não falar que você não é uma jornalista de dados se só você faz isso. Você acabou sendo uma especialista nisso”. Tem uma coisa que ele sempre fala que é: “Sempre que alguém tem dúvidas de dados ou de base - onde achar uma informação aqui na região -, eles me procuram, mandam mensagens, pedem ajuda, me escrevem. Isso em vários níveis e não só repórteres, mas editor, editor-chefe. Quando você vê essa movimentação em volta, quer dizer que tem um trabalho diferenciado acontecendo ali. É meio que um retorno do trabalho, então eu acho que sim. Essas competências específicas, que geram um produto diferenciado, ajudam muito nesse processo de autodeclaração.

[00:36:33] Entrevistador: A gente vê muito um movimento - pelo menos eu percebo - muito forte no Sul e no Sudeste de atuação. Você acha que esse movimento tende a crescer nos interiores? Eu fui para um Coda e eu tive contato com alguns jornalistas. “Eu sou do Nordeste. Eu sou de João Pessoa”, “Eu sou da Paraíba, mas já moro há alguns anos em Brasília. Eu vim aqui para ter contato”: a gente vê muito isso, essa iniciativa dos próprios jornalistas, porque as redações, por vezes, nem investem. Você vê também esse movimento dos próprios jornalistas que vão lá se habilitar, fazer cursos para atuar nessa área?

[00:37:28] Entrevistado: Sim! Eu vejo muito esse esforço, inclusive tenho vários amigos assim, em Alagoas, em Pernambuco, que estão tocando projetos locais de dados. Não sei se você conhece a Agência Tatu. É um exemplo que eu sempre dou. Eles são muito maravilhosos. E partiu muito da iniciativa própria deles de se juntar e juntar uma equipe, com profissionais de outras áreas também, para fazer um trabalho de dados diferenciado. Eu acho que essa é a tendência. Nesse ano, eu também vejo um esforço da própria equipe do Coda, da *Open Knowledge*, para trazer outras pessoas. Tem até bolsa esse ano - é online - para esses lugares, como Amazônia, Pará, Tocantins, que são lugares que a gente não sabe dizer como está o desenvolvimento dessa área. Mas tem um convite aberto para começar a fomentar esses trabalhos que devem ser assim - você vê pela Agência Tatu - magníficos e com essa característica local, que é diferente do eixo Rio-São Paulo. A gente tem que ter isso muito em mente. Possibilitar essa abertura também possibilita para a gente o aprendizado de como fazer o jornalismo mais ligado ao território do que é feito no eixo Rio-São Paulo.

[00:39:00] Entrevistador: Deixa eu ver aqui. Eu acho que eu estou quase no final das minhas perguntas. Eu acho que algumas a gente já vai perguntando e já vai respondendo as outras. Eu tenho a pretensão de entrevistar não-jornalistas. Eu acho que ficaria muito rico para a tese perceber o olhar de não-jornalistas que estão na atuação do jornalismo - eu vejo isso no campo do jornalismo de dados muito forte -, para perceber e, inclusive, escutar esses posicionamentos e essa autodeclaração de como eles se veem nesse campo. Então, se tu tiveres profissionais que não sejam jornalistas, mas que estão nessa atuação e puder me indicar pelo “zap”, eu agradeço demais. Eu acho que quanto mais plural, melhor.

[00:39:53] Entrevistado: Sim! Tem uma moça, que eu conheci em um trampo para a Escola de Dados, que é maravilhosa. Ela faz Ciências Sociais. Ela também esse ano é jurada do Prêmio Cláudio Abramo, então ela é uma pessoa que tem essa vivência muito prática do jornalismo de dados. Eu posso te indicar. Eu não tenho o telefone dela, eu acho. Mas eu posso pedir.

[00:40:20] Entrevistador: Se você tiver o nome também, eu dou uma fuçada nas redes e tento encontrá-la. Você tem quantos anos? Desculpa! Eu não perguntei.

[00:40:27] Entrevistado: 32.

[00:40:30] Entrevistador: O bom foi você pensando.

[00:40:33] Entrevistado: É porque eu falo 30 ainda, mas já se passaram dois anos. Outro dia eu falei bem linda: “30 anos”. Mas 30 onde? Você tem 32 já! Estou na porta dos 35 já.

[00:40:48] Entrevistador: Ok! Então, se você tiver depois o contato, me passa o nome dela, por favor? Eu dou uma procurada.

[00:40:51] Entrevistado: Passo! Passo, sim. Tá! Eu sei que eu tenho ela no Facebook, aí eu posso te passar o link dela também.. Na hora que eu for responder o seu documento assinado, aí eu já te mando, pode ser?

[00:41:04] Entrevistador: Pode! Claro. Pode ser, sim. Aquilo é o termo que o comitê de ética pede para a gente poder colocar a entrevista na tese, então agradeço se você o assinar.

[00:41:15] Entrevistado: Depois me manda a sua tese. Eu quero ler.

[00:41:17] Entrevistador: Sim! Com certeza. Assim que tiver autorização da biblioteca, pós-publicação, eu vou mandar para todos os entrevistados.

[00:41:25] Entrevistado: Que legal! Muito massa! Boa sorte aí, viu? E valeu por falar desse tema.

[00:41:30] Entrevistador: Obrigada também por participar. Eu acho que a gente tem que fortalecer.

[00:41:34] **Entrevistado:** Com certeza! Com certeza!

[00:41:36] **Entrevistador:** Obrigada, viu? Fico no aguardo.

[00:41:37] **Entrevistado:** Por nada. Está bom. Até mais. Um beijo!

[00:41:40] **Entrevistador:** Um beijo!

Entrevistado 4:

[00:00:09] **Entrevistado:** Pronto!

[00:00:10] **Entrevistador:** Obrigada, viu? Obrigada mesmo!

[00:00:12] **Entrevistado:** Por nada! O que é isso?

[00:00:13] **Entrevistador:** Vamos lá! Deixa eu colocar aqui, senão eu esqueço: “gravar”. Esse áudio é muito importante. Vamos lá. Eu, mais uma vez, te agradeço pela sua disponibilidade de estar aqui hoje e por você conceder essa entrevista. Eu gosto sempre de lembrar que ela é única e exclusivamente para fins acadêmicos, para a pesquisa de doutorado. Assim que a tese for defendida e publicada, eu te mando uma via, caso você queira ler. A pesquisa fala um pouquinho sobre jornalismo de dados no âmbito profissional. Ela versa sobre o âmbito profissional, então ela vê o jornalismo de dados a partir dos atores que ali atuam, independente se são formados em jornalismo ou não. A nossa intenção, na tese, é entrevistar todo mundo que tenha atuação, até porque isso mostra um pouco da característica desse campo e esse espaço que, às vezes, é feito também por atores que não são formados em jornalismo. Isso é um assunto muito interessante para o tema que a gente trabalha na tese. A primeira questão que eu coloco aqui, para você, é para você me falar um pouquinho da sua formação e das suas escolhas em relação à graduação, que você me fizesse uma linha do tempo dessa escolha profissional.

[00:01:51] **Entrevistado:** Eu saí do colegial e fui para história, na USP. Fiquei lá por duas ou três semanas. Eu já não sabia se era aquilo mesmo que eu queria, então eu saí. Saí e fui fazer economia na Ibmec, depois de seis meses. Ibmec, hoje, eu acho que é o IUPERJ. Eu fiquei um semestre e meio lá. Aprendi bastante de Excel na época. Eles tinham aula de Excel - isso vai ser importante mais na frente. Eu fiz um semestre e meio. No segundo semestre, resolvi sair. Eu queria fazer cinema, na época. Comecei o cursinho e, no cursinho, eu comecei a gostar muito de biologia. Antes disso, eu era um pouco “vagal”, não estudava muito. Quando eu comecei no cursinho, eu comecei a estudar mais sério e comecei a gostar de biologia. No primeiro ano, eu não passei em nenhuma faculdade, mas, no segundo ano, eu passei na USP para biologia. Eu me formei em biologia. Quando eu entrei em biologia, eu comecei a gostar de *talkings*, que estava na moda. Daí, eu cursei os cinco anos, que era o tempo esperado ali. Me formei. Eu queria trabalhar com genética e comportamento, então eu acabei indo para o IPQ (Instituto de Psiquiatria) no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Eu peguei uma bolsa técnica lá. Eu tinha feito antes iniciação em laboratório também. Então, quando eu cheguei nesse laboratório, eles tinham um banco de dados dos pacientes dele. Na época, de forma estranha, muito desse banco de dados estava em Excel. Por causa daquela eu de seis meses que eu tive na economia, eu sabia bastante de Excel. Eu já tinha estudado um pouquinho da biologia na época, então, a partir de uma função ou outra, eu comecei a otimizar aquelas planilhas de Excel. Na época, eu estava começando uma questão um [inaudível] da Association Studies, que é basicamente comparar milhares de pessoas que têm uma doença com milhares de pessoas que não têm a doença no DNA delas e ver diferenças entre um grupo e outro. É uma coisa, para mim, um pouco estranha, porque você não tinha uma hipótese clara. Na verdade, você comparava os dois e via o que surgia. Isso traz vários problemas que podem acarretar em falsos positivos, porque você está fazendo tantas comparações que um gene vai aparecer diferente do outro em uma população. Uma população vai ter um gene diferente do outro, mas é porque você está fazendo milhares de comparações. Tinha várias questões de estatísticas interessantes, etc. e eles precisavam de alguém do laboratório que pudesse programar para fazer essas análises. Tinha outras “n” análises também bem interessantes. Eles me botaram em um

curso de programação que já estava tendo em um outro hospital. A professora que coordenava o laboratório também participava no Hospital do Câncer. Eu fui lá fazer esse curso. Na minha época, eu nem sabia o que era programar, para ser sincero. Eu fui e senti lá. Eu já tinha tido umas duas aulas e eu não entendia absolutamente nada do que estava acontecendo e me senti muito frustrado. Então, eu comprei um livro de Perl, aí, durante essa semana, eu fui me preparando para a outra aula da outra semana, porque eu não queria ter aquela sensação que eu tive de não saber nem o que eu estava fazendo. Eu estava digitando coisas e os programas não funcionam. Eu ficava anotando o que o professor falava. Foi bem frustrante. Na aula seguinte eu fui bem melhor e comecei a gostar muito daquilo. Eu entrei no mestrado, tive informática na USP e lá eu aprendi R. Quer dizer, no mestrado eu comecei a programar em R. Adorei! Gostei muito. Na época, eu já estava gostando muito de visualização de dados, porque minha irmã estudava desing em Londres (graduação) e ela tinha me trazido os livros do Edward Tufte. Eu sei que está fora de moda, mas, na época, eu comecei a ler aquilo e comecei a pensar em como melhorar os gráficos do meu mestrado usando aqueles *insights*. Eu comecei a fazer. Com isso, eu comecei a fazer outras análises como *hobbie*. Eu acompanhava muito a comunidade do Re-edit de dados, relacionados a *data's beautiful*, que eu acho que era o nome da comunidade. Eu comecei a frequentar e, às vezes, a postar ali. De novo a minha irmã, ela tinha me apresentado o Teste de Bechdel - não sei se você conhece -, que é um teste para averiguar um filme. É um teste extremamente simples: verificar se duas mulheres conversam entre si sobre algo que não seja homem. Se isso ocorre, o filme passa; se não ocorre, o filme não passa. Esse do filme era a versão do teste, mas, depois, ele foi aprimorado para “duas mulheres com nome” no filme, para evitar conversa entre uma garçonete e uma personagem, por exemplo. Tinha um banco de dados sobre o Teste de Bechdel - se o filme passava ou se o filme não passava. Eu achei interessante o teste, mas eu fui entender se ele funcionava mesmo. Eu cruzei um post em um blog cruzando as informações desse *site* com o IMDB - por diretor, por gênero e também cruzei com roteiros. Você está me ouvindo?

[00:09:17] **Entrevistador:** Estou, sim.

[00:09:18] **Entrevistado:** Eu cruzei com roteiros porque eu conseguiria, a partir daí, sistematizar os roteiros para falar: “Esse personagem falou isso. Esse personagem falou aquilo”. Eu queria ver se o roteiro poderia ter alguma indicação de machismo ou não e se isso se relacionava com teste. Eu publiquei isso. Não fez muito sucesso, mas, para mim, naquela época, foi bastante satisfatório. Um jornal alemão citou o estudo, um *site* relativamente americano grande também citou. Daí, eu fiquei bem feliz. No meu mestrado, eu estava meio em crise, porque estava... Eu gosto de ter um *feedback* claro e rápido sobre se o que eu estou fazendo está bom ou então ruim. Eu sempre tive isso, então o mestrado estava me deixando muito angustiado. Eu não estou preparado assim. Admiro quem consegue, mas eu não consegui. Eu passei um ano sem saber direito se a coisa que eu estava fazendo era válida ou não era válida. Aí, eu acabei desistindo do mestrado, pensando em fazer jornalismo de dados. Na época - isso era 2016, se eu não me engano, não tinha muito isso nos jornais. Você tinha o *Estadão Dados*, mas era só. Eu não sabia nem se eu estava preparado. Eu tinha vergonha de mandar o meu currículo para os jornais etc. Foi em 2014! Eu fiz um trabalho para um cara que queria vender modelo estatístico para candidatos, na eleição presidencial de 2014, mas acabou não indo para frente. Eu fiz um ou dois trabalhos com o pessoal que era mais voltado para marketing. O pessoal do Itaú me contratou para uma coisa de freelancer, porque eles tinham uns dados ali e precisavam tabular. A outra era o meu irmão, que tinha uma produtora de cinema, que queria saber qual distribuidora era melhor para ele. Nesse meio tempo, o *Nexo Jornal* começou e a minha esposa, que era jornalista, conhecia a Tatiana Dias - que hoje está no *The Intercept* -, que, na época, trabalhava no *Nexo*. O *Nexo* não tinha nem começado ainda. Ainda estavam montando a equipe. Eu mandei o meu currículo para ela, ela mandou para a chefe dela, que me entrevistou - a Marina. Eles gostaram e eu comecei a trabalhar lá. Eu comecei a trabalhar com o Simon Ducroquet, um designer, ótimo. Eu acho que, na época, eu não tinha nem noção do quão sortudo eu estava sendo de estar trabalhando com ele ali. A gente começou a parte gráfica do *Nexo Jornal*, eu e ele. Era essa coisa de fazer três gráficos por semana no *Nexo*. A gente iniciou e depois veio o Rodolfo Almeida. Eu cheguei a trabalhar com ele. O Simon saiu, foi para a *Folha*. Depois de um tempo, o pessoal da *Folha* queria começar alguma coisa de dados. Eles começaram com o Simon ou o Simon também queria que eles comessem. Aí, eles me chamaram. Eu entrei no *Nexo* em 2014, então eu acho que eu fui para a *Folha* em 2016 ou 2017. Na primeira semana

foi só eu, na verdade. Eu não tinha nem editor. Eu estava lá e fui me achando. O Fábio Takahashi, que estava voltando de um curso em Nova Iorque, na Columbia, virou o editor e eu era o jornalista de dados. Depois de um tempo, a gente quis aumentar a equipe. Contratamos outros três programadores: o Guilherme Garcia e o Estevão. Esqueci o nome do Estevão porque ele saiu logo depois. Para essa vaga, depois, entraram outras pessoas. Atualmente está com a Flávia Faria. Daí, depois, a gente também conseguiu uma designer para o nosso grupo, que era uma coisa também que eu queria desde cedo. Hoje em dia é a Janil Kali, que participa. Acho que essa é a história.

[00:14:40] Entrevistador: Entendi! O que te chamou a atenção no jornalismo de dados e no jornalismo?

[00:14:46] Entrevistado: No jornalismo de dados?

[00:14:47] Entrevistador: É!

[00:14:49] Entrevistado: O que me chamou a atenção? Desculpa!

[00:14:52] Entrevistador: Isso! O que te chamou a atenção para atuar nessa área? Como foi essa escolha?

[00:14:59] Entrevistado: Eu sempre gostei de jornalismo. Em casa, desde os dez ou 11 anos, eu lia quatro jornais por dia. Minha casa assinava o Jornal do Brasil, *O Globo*, o *Estadão* e a *Folha*. Eu lia compulsivamente os jornais, então eu gostava bastante de jornalismo desde muito pequeno e discutia jornalismo na minha casa, apesar de ninguém ser jornalista: linha editorial, manchete. Essas discussões faziam parte das discussões da minha casa. Eu sempre gostei. Eu acho que, para mim, pelo menos, o que me atrai no jornalismo, que é o que eu não conseguia na academia, é essa coisa de ter um *feedback* muito rápido e muito claro, além de todo dia você saber o que você vai fazer, para que você vai fazer e, se você tem uma dúvida, ela precisa ser solucionada rápida porque você tem que publicar aquilo. Isso me atraiu no jornalismo, ou seja, o *workflow*. A forma de trabalho é muito boa para a forma de pessoa que eu sou. Eu sou uma pessoa que não gosta de ficar muito tempo pensando sobre algo sem ter um *feedback* ou sem ter outras pessoas para debater. Isso é uma coisa que me atrai no jornalismo até hoje e que eu acho que me fez muito bem. Também é isso: você publicar as coisas e saber que vai ser visto. Isso também é uma coisa que eu gosto. Talvez tenha um pouquinho de ego aí, mas eu acho que é bom. Seja para o mal ou para o bem, você vai publicar alguma coisa, aquilo vai ser visto e criticado ou elogiado. Isso também é uma coisa que eu gosto no jornalismo. Isso é tudo no nível pessoal. Claro que também tem uma questão de investigação, de poder prestar contas etc, que eu também acho interessante. Mas isso não foi a coisa que me levou no primeiro momento; foi a questão mesmo da forma de trabalho. Eu acho que eu sempre tive uma questão com os dados mesmo, que envolve isso. Acho que, desde que eu saí da história, e tem um pouco da economia... Os métodos científicos da biologia me encantaram, no sentido de que, se você botar suas premissas muito claramente, botar o seu método muito claro, se não é uma verdade, pelo menos, ela permite a discussão dentro dos parâmetros estabelecidos, que você estabeleceu nos seus métodos e nas suas premissas. Isso é uma coisa que me atrai no método científico e que eu gosto de fazer no dia a dia ainda e quero fazer bastante. É algo que me dá satisfação.

[00:18:29] Entrevistador: Como você se vê dentro do jornalismo? Quem é você dentro do jornalismo de dados? Você se sente um pouco jornalista ou não? “Eu me sinto programador”. Onde você se vê aí?

[00:18:43] Entrevistado: Eu tenho pensado muito nisso: eu acho que cada vez mais eu me sinto quase um técnico. Não 100% técnico, mas um técnico no sentido de que eu sou bom em uma técnica. Acho que outro dia, alguém fez uma comparação (acho que foi o Menegatti no Twitter), que era meio como o fotojornalismo, no sentido de que é uma técnica a fotografia também. Você pode explorar isso para ressaltar um lado, para ressaltar o outro lado. Eu acho que o jornalismo de dados é um pouco por aí: é uma técnica. “Eu sou bom em tabular e fazer relações”. Claro que eu não sou só um técnico e nem faço só o que me mandam. Eu consigo pensar essa técnica - assim como o fotojornalismo - o quanto

ela deturpa para um lado e deturpa para o outro e tentar evitar, na hora de mostrar as coisas, para que elas sejam melhores representadas. Eu me vejo na *Folha* mais como um técnico. Eu conheço muito bem a técnica, sei as limitações, sei as coisas boas. Eu nunca escrevo minhas matérias. Meu texto não é bom, então tem sempre um jornalista perto de mim que ou propõe a pauta ou ele pega a pauta que eu propus. Geralmente, é isso! Eu posso dizer para ele: “Tem esse outro lado do que você me trouxe”... Eu me vejo mais ou menos em alguma coisa entre... Geralmente, você entende o técnico como alguém que não tem o livre arbítrio. Eu me vejo mais como um técnico, mas eu estou falando mais nesse sentido: no sentido de que eu domino muito bem uma técnica e, a partir disso, eu posso conversar com jornalistas, para eles saberem como melhor utilizar essa técnica e eu dar *insights* também do que minha técnica pode fazer por eles. Eu tenho dificuldade de me considerar plenamente jornalista, apesar que, quando eu vou preencher a profissão, eu coloco “jornalista” hoje em dia. É no sentido de que eu ainda não escrevo texto e eu também não estou totalmente a par de todas as discussões jornalísticas que existem. Eu gosto de muitas vezes ter até a conversa com o jornalista e algumas indagações jornalísticas etc. É sempre bom ter jornalistas do meu lado, com o valor jornalístico daquilo e se é realmente interesse do leitor. Então, eu acho que eu sou pouco híbrido, entre um jornalista e um técnico, eu diria.

[00:21:46] Entrevistador: Eu entendo. Eu entendo. Quando eu entrevisto jornalistas que estão atuando no campo do jornalismo de dados... Você está me ouvindo?

[00:21:54] Entrevistado: Um pouco mal. Está cortando.

[00:21:56] Entrevistador: Deixa eu ver aqui uma coisa. Agora está melhor?

[00:21:58] Entrevistado: Muito melhor!

[00:22:01] Entrevistador: Então, vamos tirar esse fone aqui. Quando eu entrevisto jornalistas que estão atuando no jornalismo de dados, a gente sempre pergunta se eles tiveram que fazer alguma atualização profissional, algum curso ou aprender alguma linguagem, ferramenta. É unânime: “Eu tive que aprender um pouco de programação. Eu tive que aprender um pouco de estatística”. No caso de você, que não vem da formação do jornalismo, você teve que aprender alguma técnica jornalística ou teve que se aprimorar em algum aspecto jornalístico para entender essa lógica ou não?

[00:22:34] Entrevistado: Não. Eu acho que não. Eu acho que eu tenho um *know how* maior, mas que eu fui ganhando com o tempo, sobre o que é lead, de onde está a notícia do que eu estou fazendo - o que é algo para mim um pouco doloroso, no sentido de que eu ainda gosto da coisa acadêmica de debater o meio. “Eu usei essa técnica, mas essa técnica tem essas limitações”. Tanto no *Nexo* quanto na *Folha*, não tem muito espaço para se discutir isso.

[00:23:18] Entrevistador: Na rotina, né?

[00:23:19] Entrevistado: No *Nexo* porque tudo era gráfico. “Esse é o gráfico” e por aí vai. Tem a nota metodológica, que era um texto e não dá tanto as nuances daqui. Na *Folha*, em geral, é uma coisa jornalística. “A gente quer dar notícia. A gente quer que a população saiba essa questão”. “Mas tem essa questão”, “Então, a gente pode botar uma nota, mas só”. Isso acaba não gerando tanto. Eu acho que eu estou cada vez mais aprendendo isso. “Deixa eu ver se repercute essa notícia”. Tem um porquê de a gente querer alcançar um grande público e porquê de a gente não ser uma coisa acadêmica, e de a academia ser a academia e o jornalismo ser o jornalismo, na forma de escrever. Mas é ainda algo que eu debato. É algo que eu estou aprendendo.

[00:24:22] Entrevistador: Foi aprendendo no cotidiano da redação?

[00:24:25] Entrevistado: Exato! Exatamente, no cotidiano, de como se faz e de como as pessoas leem o jornal.

[00:24:36] Entrevistador: Nessa atuação, você falou de alguns profissionais (designers e tal). Como é atuar com esses diversos atores? “Eu às vezes dou um *insight* para o jornalista” ou “Eu preciso que o jornalista olhe aquilo ali para mim para que ele possa dar uma narrativa”, “Ele me ajuda nisso, eu ajudo naquilo”. Como você enxerga esse movimento de interação de vários atores que estão ali no mesmo ambiente, mas que têm formações diferentes, mas que estão fazendo uma coisa que tem o mesmo propósito?

[00:25:07] Entrevistado: A minha experiência com designers sempre é muito fácil, com todos os designers com quem eu trabalhei. São pessoas que querem ouvir o que você tem a dizer sobre o dado quanto te passam também *feedbacks*. Eu acho que são duas profissões que conversam muito bem a princípio. Com o jornalista, depende muito do jornalista. É caso a caso. Tem jornalista que te pede coisa e ele vai voltar mais para saber mais: vai querer saber se ele pode ou não afirmar aquilo. Em geral, eu prefiro trabalhar dessa forma. Mas tem jornalistas que querem o dado, que querem o dado. Você dá o dado e, quando você vê, já tem uma matéria pronta, que ele vai publicar daqui a duas ou três horas. É um pouco frustrante quando isso acontece. Tem o lado deles também. Às vezes o cara precisa fechar rapidamente e por aí vai. Tem meio de tudo. É o que eu vejo. Talvez se você especificar mais... Eu estou tentando pensar em casos específicos. É um pouco isso: tem jornalista que está na correria, quer o dado, porque acha que pode ajudar a pauta dele. A gente na *Folha* tenta se proteger um pouco disso. Todas as pautas não chegam diretamente para a gente (programadores). Ela vem antes para o editor, que é o Takahashi, que é jornalista e já tem muito tempo de *Folha*. Isso para ele filtrar e dar a expectativa certa para o jornalista e poder acompanhar para onde a pauta está indo e para saber se a gente pode ajudar mais. Essa coisa de ida e vinda é muito importante. Muitas vezes o jornalista pega o dado e ele já cria uma segunda hipótese. Ele tem uma hipótese, vê um resultado, cria uma segunda hipótese e às vezes ele vai com ela até o fim. Às vezes, a gente até poderia testar essa segunda hipótese com outros dados, de modo que ele não vai só por lá no texto. Ele vai poder afirmar. Eu não quero dar casos específicos, mas, por exemplo, aconteceu algo, tem mais “x” do que “y” porque “h” (“porque especialistas falam de ‘h’” ou a gente mesmo pode entrar e tentar corroborar essa hipótese que surgiu a partir do primeiro levantamento). Às vezes acontece, às vezes não. Isso depende de muitas coisas.

[00:28:09] Entrevistador: Isso acontece, principalmente, com os jornalistas que não estão na atuação do jornalismo de dados?

[00:28:18] Entrevistado: Sim!

[00:28:19] Entrevistador: O jornalista de dados já tem uma noção dentro disse que tu falas, né?

[00:28:24] Entrevistado: Jornalistas de dados, na *Folha*, somos nós, programadores. A não ser que seja com o nosso editor... Às vezes o nosso editor, Fábio Takahashi, escreve, ele mesmo, os textos que a gente faz. A não ser quando é com ele, eu só trabalho com jornalistas de fora. Dentro deles acontece de tudo. Eu diria que na maioria, em geral, as experiências são boas. Em alguns, as experiências são ruins, em geral, por causa disso: porque ele quer o dado só para ilustrar a matéria dele. Ele não quer compreender o dado e ele não quer uma segunda hipótese para a gente construir junto uma pauta de jornalismo de dados mesmo. Isso é uma coisa que eu sinto falta em muitas pautas de jornalismo de dados, seja nosso, seja de outros. Às vezes é só tabulação. Tabulou: “X% fazem não sei o quê” e não ir atrás da causa ou, pelo menos, uma pista da causa. Claro que a causalidade, em si, é um problema gigantesco de se estudar. Depois da tabulação, geralmente, o jornalista vai fazer uma referência causal, seja por especialistas, seja para ele mesmo, com o *know how* que ele já tem do assunto. Mas às vezes a gente pode ajudar a verificar essa casualidade de uma forma melhor. Isso eu sinto a maior falta, seja lá na *Folha* algumas vezes, como fora também.

[00:30:19] Entrevistador: No caso, só para eu entender: a sua carreira no jornalismo de dados começa no *Nexo*, em 2014, né? Depois você vai para a *Folha* ou tem outras coisas?

[00:30:27] Entrevistado: Deixa eu só verificar se foi isso mesmo.

[00:30:31] **Entrevistador:** Mas no jornalismo começa com o *Nexo*, né?

[00:30:34] **Entrevistado:** Sim, sim. Começa no *Nexo*.

[00:30:39] **Entrevistador:** Como você projeta essa carreira? Quer permanecer no jornalismo de dados? Se ver onde?

[00:30:48] **Entrevistado:** Rapidinho! Deixa eu só confirmar a data que eu cheguei no *Nexo*. Eu sempre me confundo. Foi em 2015. Eu saí da biologia em 2014. No momento, sim. No momento, eu quero continuar no jornalismo de dados. Eu tenho essa paixão pela forma como a coisa é feita. Eu acho que um grande jornal não é o lugar - talvez - para desenvolver isso. Talvez seja em outro lugar. Mas, nesse momento, eu gosto bastante do que eu faço e gosto de ficar no jornalismo. Já pensei em voltar para a academia, mas lembro das minhas angústias quando eu tentei e desisto. Às vezes, eu me arrependo de não ter ficado para ter o título, mas realmente eu não era muito feliz.

[00:31:53] **Entrevistador:** Como você enxerga o jornalismo de dados no Brasil? Em que lugar nós estamos? Como você configura essa prática no Brasil, pela sua experiência?

[00:32:02] **Entrevistado:** Eu acho tão complicado eu falar porque, na verdade, o único parâmetro que eu tenho... Eu não vejo muita coisa fora dos Estados Unidos. Eu só vejo talvez do Brasil e dos Estados Unidos. Se você me falar “onde a gente está”, eu estou sempre comparando com o supassumo. Então, eu acho que é difícil eu posicionar o Brasil no mundo porque seria, no mínimo, imprudente da minha parte, já que eu não vejo muitas coisas fora dos Estados Unidos. Vendo onde a gente está hoje em dia, para onde a gente estava, quando eu comecei há cinco anos, a gente andou muito, andar muito em diversidade de meios de fazer (são menos dependentes e fazendo muito bem e muito bem feito). O Midiorama acabou de aparecer aí e eu fiquei impressionado com o trabalho deles. Tem o núcleo Jor do Sérgio Spagnuolo, que também é muito bom. Acho que está melhorando! Em diversidade também tem *Azmina*. Tem a *Gênero e Número*, que faz um trabalho muitas vezes de dados. Todos esses são trabalhos muito bem feitos e muito bons. Eu sinto que está aumentando muito a quantidade. A qualidade está boa. O que eu sinto falta um pouco no Brasil - já vendo mais nos Estados Unidos - é modelagem estatísticas, esse tipo de coisa um pouco mais sofisticadas em termos da técnica. Acho que no Brasil ainda falta um pouco isso. A gente tenta na *Folha* fazer um pouco isso. A coisa que a gente fez e que teve impacto talvez foi o Falso Enem. Não é só o dado tabulado. Tem um modelo teórico de pressuposto estatístico por trás. Também teve o GPS Ideológico, mas ali não teve tanto impacto em termos de política. Eu acho que a gente está bem. Pensando no quanto andou, é bem impressionante!

[00:34:44] **Entrevistador:** Você está com quantos anos? Eu me esqueci de perguntar.

[00:34:47] **Entrevistado:** Estou com 38.

[00:34:49] **Entrevistador:** “38”. Você está hoje em São Paulo?

[00:34:52] **Entrevistado:** São Paulo.

[00:34:56] **Entrevistador:** Se eu te perguntasse de forma bem objetiva: para você, o que é o jornalismo de dados?

[00:35:05] **Entrevistado:** Eu volto para aquela coisa: para mim, jornalismo de dados é uma técnica. É uma forma de você extrair, usar e analisar dados. Todas essas formas são igualmente importantes para a profissão: a extração de dados e a forma como você extrai, a forma que você formata, a forma como você analisa e valida e chega a *insights*. Eu acho que é uma forma de se fazer essas três coisas com dados. E cruzar os dados também, para extrair *insights*. Eu acho que é isso. Mas isso é uma coisa que eu tenho me perguntado muito. Eu acho até que se deveria ter mais foco nessas coisas, hoje em dia, quando se fala em jornalismo de dados, no sentido de que tem muitas matérias - extremamente importantes, jornalisticamente impecáveis - que, em geral, têm ressaltado como jornalismo de dados,

mas o que tem de bom lá não necessariamente é o jornalismo de dados. São ótimas matérias jornalísticas, indubitavelmente. São matérias que eu adoraria fazer, que são importantes para o país. Mas quando você vai ver o jornalismo de dados ali, nesse sentido de que eu falei (extração, de formatação, de limpeza) não são tão grandes. A minha compreensão do que é jornalismo de dados, não acho que muitas vezes está batendo com o que as pessoas estão achando que é jornalismo de dados. Talvez isso seja um problema meu. É só uma discussão que eu acho importante ser travada.

[00:37:37] Entrevistador: Talvez até pelo olhar de quem não seja jornalista, mas que tem outra perspectiva. Na sua fala, você falou: “Eu acho que poderia trazer a hipótese dos dois, mas a gente poderia rediscutir, poderia achar. E não sugerir o que a fonte te disse, mas ver algo mais concreto e mais preciso”.

[00:38:00] Entrevistado: Exatamente! Essa segunda hipótese, geralmente, traria dali uma sofisticação em termos de análise de dados, ou seja, a partir dali você vai criar uma hipótese, um modelo. “Você está me falando que é por causa daquilo, então vamos tentar ver. O que é aquilo? Vamos extrair o dado daquilo. Mas espere aí! Precisa controlar, porque uma segunda variável provavelmente também é importante. Então, vamos agora tentar controlar essa variável”. É um pouco por aí que eu vejo o que seria um bom jornalismo de dados. Às vezes, a primeira coisa que você recebe é importantíssima. Muitas vezes é uma coisa jornalisticamente impactante, que vai ser importante para as pessoas saberem, que merece todos os devidos louros etc. Eu não estou discutindo isso. Eu estou discutindo se isso é um ótimo exemplo de jornalismo de dados na técnica. Essa é uma discussão que eu acho que poderia ser mais travada na comunidade. Eu acho que você entendeu a questão. Não é nem um pouco tentando diminuir aquilo. Para jornalismo, é magnífico, mas tem uma outra questão que é “o que é um bom jornalismo de dados ou uma boa matéria de jornalismo de dados?”. Eu acho que isso não está se discutindo muito.

[00:39:54] Entrevistador: Você teria alguém para me indicar que não seja também formado em jornalismo, mas que esteja atuando no campo do jornalismo de dados?

[00:40:06] Entrevistado: Deixa eu pensar... Que não seja formado em jornalismo? Na *Folha*, tem o L.D. que trabalha comigo. Ele é das Ciências Sociais.

[00:40:22] Entrevistador: Legal! Será que eu conseguiria falar com ele, com você me dando o contato?

[00:40:27] Entrevistado: Eu acho que sim! Eu te dou o contato dele. Deixa eu te passar aqui.

[00:40:38] Entrevistador: Ele está contigo no núcleo de dados lá da *Folha*?

[00:40:41] Entrevistado: Está, está comigo lá. Pronto!

[00:41:00] Entrevistador: Beleza! Para mim, é isso - até porque você tem uma reunião daqui a pouco.

[00:41:07] Entrevistado: Daqui a 15 minutos.

[00:41:09] Entrevistador: Vou te liberar para você tomar uma água. Eu acho que, para mim, está excelente te escutar e ver essa visão e essas provocações que você traz com o seu olhar, para essa prática, na qual você está dentro. Eu agradeço a sua disponibilidade. Assim que a gente tiver todos os dados compilados, eu te mando a tese.

[00:41:30] Entrevistado: Está ótimo! Muito obrigado!

[00:41:31] Entrevistador: Muito obrigada, tá? Tchau, tchau.

[00:41:35] Entrevistado: Tchau, tchau.

Entrevistado 5:

[00:00:01] **Entrevistador:** Deixa eu fechar e voltar. E agora?

[00:00:04] **Entrevistado:** Agora travou de novo.

[00:00:08] **Entrevistador:** Sério?

[00:00:09] **Entrevistado:** O “agora” foi, mas o resto não.

[00:00:13] **Entrevistador:** Deixa eu ver novamente, para ver se volta. Eu já agradeço a sua disponibilidade. Eu sei que não é fácil.

[00:00:22] **Entrevistado:** Pois é! Ainda bem que você tinha mandado mensagem, porque o meu horário tinha mudado, só que eu confundi. Na verdade, vai mudar no mês que vem. Como eu estou nessa loucura toda, ainda bem que você mandou mensagem. Eu olhei e falei assim: “Eu não vou conseguir no horário que ela marcou”. No final das contas, deu tudo certo. Ainda bem que a gente marcou 16h30, porque, até eu sair de lá e chegar aqui, demora. Eu cheguei aqui em casa às 16h20, então deu tempo só de tomar um banho e vir para cá.

[00:01:02] **Entrevistador:** Eu agradeço o seu esforço, a sua colaboração, para essa jornalista-pesquisadora. Essa pesquisa é do doutorado, como eu tinha te adiantado. A gente pesquisa o jornalismo de dados, mas dentro de uma visão da parte de quem faz e de quem atua, seja jornalista de formação ou não. Eu conversei já com o Daniel e foi bem bacana. Eu vou pedindo também a quem eu entrevisto sugestões. Eu gosto dessa técnica de pedir sugestões. Três entrevistados: “Conversa com ela que vai ser legal para a sua pesquisa”. Então, agradeço a sua disponibilidade. Tudo o que a gente vai conversar aqui é estritamente para a pesquisa acadêmica.

[00:01:49] **Entrevistado:** Só para te falar: você está travada; eu não estou te vendo. Estou só te ouvindo. Eu não me importo, mas...

[00:01:58] **Entrevistador:** Ai, meu Deus! O áudio, para mim, é o mais importante. Mas vou dar um jeito de destravar, enquanto você fala. Para mim, está normal aqui. Que louco isso! O que importa, para mim, é o nosso áudio. Vamos lá! A nossa entrevista é aberta, então você vai falando à vontade, mas eu sempre pergunto em relação à formação. Como você trilhou esse caminho? Qual é a sua formação? Como foi essa escolha? É só para entender um pouquinho da sua formação.

[00:02:38] **Entrevistado:** Vamos lá! Deixa eu ver por onde eu começo. Estou pensando no que é melhor. Uma pergunta que eu tenho é: no caso, só o áudio vai ser utilizado? O vídeo não vai ser utilizado?

[00:02:52] **Entrevistador:** Não, não. Vai, não. É só o áudio.

[00:02:55] **Entrevistado:** Tá! Eu não me preparei, não botei nada. Só tomei banho.

[00:03:02] **Entrevistador:** Relaxa! É só o áudio mesmo.

[00:03:06] **Entrevistado:** Eu acho que vale à pena falar desde o ensino médio. Eu não sei se faz muito sentido a minha formação em relação ao que eu faço hoje. Se você ver uma fumacinha, é porque eu botei um umidificador aqui. Deixa eu botar ele mais para trás. Vai aparecer uma fumaça aqui, mas é só o umidificador.

[00:03:30] **Entrevistador:** Todo um efeito, né?

[00:03:36] Entrevistado: Quando eu fiz o meu ensino médio, eu já fiz o meu ensino médio pensando em uma coisa profissional. Eu fiz o meu ensino médio em técnico de administração. Foi em uma escola pública, no Rio de Janeiro. Escolhi o curso de administração porque, basicamente, era o curso que tinha mais vagas, então foi toda uma questão financeira, familiar, etc. Eu nunca tive dinheiro nem nada. Eu sempre escutei que, para você ser alguém na vida, você tinha que estudar, então eu me agarrava nisso porque eu queria sair daquela situação. Eu acabei fazendo a prova e passando para esse colégio - era um colégio público. Estudei, fiz o técnico de administração. Cheguei a fazer estágio na área, que era necessário para ter o diploma. Saí de lá e falei: “Beleza! Fiz isso, mas não quero seguir a área”. Ao mesmo tempo, eu sabia que um curso como esse ia ser útil para tudo na minha vida. Não ia ser uma coisa tão descartável. De qualquer forma, eu sempre poderia voltar atrás - eu sempre pensava nisso. “Se acontecer alguma coisa, eu posso arrumar emprego de técnico administrativo”. No último ano do ensino médio, eu comecei a me interessar muito pela escrita. Tive um professor que eu não gostava. Eu não sei quem te indicou que eu seria uma boa pessoa para falar, porque eu acho a minha história péssima de exemplo. Mas ok! Você está me ouvindo?

[00:05:35] Entrevistador: Estou! Estou te ouvindo perfeitamente. Eu estou travada ainda?

[00:05:38] Entrevistado: Está!

[00:05:39] Entrevistador: Que droga!

[00:05:40] Entrevistado: De vez em quando, você pode dar um “oi”? Porque eu não sei se você está me ouvindo.

[00:05:45] Entrevistador: Tá! Eu estou ouvindo.

[00:05:48] Entrevistado: Eu fiz o vestibular. Nesse último ano do ensino médio... Eu tive alguns professores de português muito bons durante todo o ensino médio. Alguns eu detestava, não gostava mesmo! Mas eles tinham um foco muito grande na escrita, em jornal, artigos, colunas, então eu lia muito sobre isso no ensino médio. Saí de lá falando que eu queria ser jornalista. Era isso: eu queria ser jornalista de jornal. Fiquei pesquisando. “Como eu vou ser jornalista de jornal?”. Eu achava que era fácil: alguém ia me chamar, me contratar e me colocar como jornalista de jornal. Não tinha a menor ideia do que era o mercado e do que você tinha que fazer para ser jornalista. Só pensava assim: “Eu quero ser aquela pessoa que vai escrever coisas legais. As pessoas vão chegar no domingo, abrir o jornal e elas vão dar de cara com um texto meu. Vai ser a leitura delas de domingo”. Eu falava isso para todo mundo! Eu prestei o vestibular. Fiquei muito na dúvida de qual curso eu faria: eu estava muito entre fazer o curso de Letras e o curso de Jornalismo. Fiquei nessa dúvida, tentei várias faculdades. Consegui passar para Letras e para Jornalismo. No final das contas, eu pensei: “Por que não fazer as duas ao mesmo tempo?”. Acabei cursando as duas faculdades ao mesmo tempo. Terminei uma antes, que foi a de Letras, em 2016. Daí, na faculdade, eu falei: “Não quero fazer isso. Não vou ser jornalista”. Eu tive todo o trabalho de escrita, porque eu fazia bacharel em letras. Eu entrei em licenciatura e mudei no meio do curso. “Não quero dar aula”. Hoje é engraçado porque um dos meus maiores desejos é dar aula. Mas tem toda uma explicação. Eu entrei em licenciatura em letras, porque tinha toda uma questão financeira e era um curso que tinha mais vagas. Aí eu consegui passar. Lá dentro eu comecei a ter aulas de “técnicas para dar aula para ensino fundamental”. Eram oficinas, né? Eu ia para as aulas muito de saco cheio! “Isso é muito chato! Eu não quero lidar com isso!”. Não era para mim. Eu falei: “Chega! Eu não vou ficar aqui fazendo uma faculdade que, simplesmente, não tem nada a ver comigo”. Eu não queria perder tempo, então eu mudei para bacharel, fiz o curso e terminei a faculdade. Tive algumas experiências acadêmicas ruins. Aí pensei: “Não sei, cara, se eu quero continuar”. Mas terminei! “Não quero bem isso”. Eu acho que a faculdade de Letras não ensina para a profissão, em si, mas eu acho que sem ela eu não saberia muito coisa. Não que ela foi inútil, mas, ao mesmo tempo, eu não vejo ela como algo que foi indispensável para chegar onde eu cheguei hoje. Não sei se dá para entender.

[00:09:56] Entrevistador: Dá sim.

[00:09:57] **Entrevistado:** Mas foi ótimo! Tive experiências maravilhosas e aprendi muito. Eu sei que, de alguma forma, algo que eu aprendi naquela época, eu uso hoje. Mas não sei... É aquilo: eu não sou adivinha para saber se “E se eu não tivesse feito...?”. Não tem como saber! Aí, eu também terminei a faculdade de jornalismo e saí da faculdade de jornalismo pensando... Eu terminei a faculdade de jornalismo em 2018. Eu também saí da faculdade de jornalismo pensando assim: “Por que eu escolhi jornalismo?”. Não tinha vaga! Todo mundo botava muito medo falando que não tinha vaga e que o mercado era uma porcaria e que você só iria conseguir emprego se você tivesse QI (quem te indica). Eu me lembro de alguns colegas que tinham mais grana e mais contatos se dando bem. “Isso não é para mim”. É uma profissão elitista. Eu ficava com isso na cabeça: que era uma profissão elitista e que eu não ia sair de lá. Eu estava na fossa. Eu não sabia o que eu ia fazer da minha vida. Eu estava muito assim: “Não vai dar em nada isso”. Quando eu terminei a faculdade de letras, eu emendei em uma pós-graduação de Jornalismo Cultural, por quê? Como eu estudava Letras e estudava Jornalismo, existiam muitas matérias que se correlacionam, principalmente aquelas que lidavam com a parte de cultura, sociedade. Os textos eram iguais às vezes, nas duas faculdades, então eu só precisava ler uma vez. Era muito boa essa parte porque, no final das contas, muitas vezes, eu repetia muitas coisas. Eu sempre gostei muito. Uma das partes que eu mais gostava era essa questão de política, de estudar a sociedade e entender como ela funciona. Eu sempre gostei muito dessa parte. Aí, eu emendei uma pós em Jornalismo Cultural, achando que ia trabalhar com isso. “Vai ser legal estudar essa parte de como a sociedade funciona”. Terminei a minha pós-graduação e falei: “Legal, mas não! Não é isso!”. Isso tudo para dizer que a minha formação - eu acho, no final das contas, nada... É difícil eu falar que nada influenciou ou prestou. Eu não vou falar isso porque, no fundo, eu sei que é importante. Mas, hoje, eu vejo ela como que, no final das contas, foi só certificado, só currículo. Eu me indago, mas eu não tenho uma resposta certa sobre isso. Toda vez que eu passo por essa situação de explicar, eu: “Cara, não sei até que ponto essa formação serve para justificar onde eu cheguei hoje”. Enfim, é isso! Eu falo com toda certeza do mundo que uma coisa que me ajudou a me tornar uma jornalista de dados foi que, quando eu estava nessa faculdade de jornalismo, já terminando, eu entrei em uma iniciação científica. Também foi uma questão de pensar no mercado: “Cara, eu não quero virar assessora” - não tinha a menor vontade de virar assessora de imprensa. Nunca imaginei que eu iria trabalhar em redação. Mas estava ali “para jogo”. Na verdade, eu estava até um pouco mais inclinada a continuar dando aula, mas não dando aula na licenciatura de letras, que era para jovens, adolescentes. Na verdade, eu até comecei, nessa iniciação, a pensar em dar aula para universidade. Você tem que lidar com gente que tem a mentalidade diferente da sua. Eu pensei: “De repente, lidar com a questão da faculdade seja melhor, porque estão mais parecidas as ideias” - eu pensava isso na época. Fiz essa iniciação pensando em toda a questão de mercado e pensando em, no futuro, dar aula, e pelo tema. Eu não sei se essa pesquisa vai servir para você, Patrícia, porque, no final das contas, o que houve? Eu tinha tido uma experiência péssima com o estágio, na faculdade de jornalismo. Eu fiz um estágio em uma ong e a pessoa que era minha chefe nessa ong era muito abusiva. Ela me mandava fazer coisas que não tinham nada a ver com jornalismo, só que o salário era bom. Eu lembro da bolsa até hoje: era R\$ 800,00. Para 2018, 2017... Até para hoje é bom, ainda mais para o Rio de Janeiro, onde a bolsa não é alta. Era um puta salário! Só que a minha chefe era super abusiva! Ela entrou de férias - esse foi o estopim para eu sair - e falou para mim: “Olha, está sujo aqui. Eu vou entrar de férias agora. Eu quero que, quando eu voltar de férias, isso daqui esteja limpo”. Era um galpão enorme. Ela queria que eu, basicamente, limpasse o lugar. Era uma coisa de anos e anos e anos de sujeira. Eu falei: “O que? Isso não é a minha função, sabe?”. Eu falei: “Não! Isso está errado”. Foi isso juntando com outras coisas desse estágio. Eu saí desse estágio muito pau da vida. “Vou ter que sair porque a minha saúde mental está ficando mal”. Mas o salário era bom e eu precisava desse salário para, inclusive, concluir os estudos. Eu entrei nessa iniciação científica também por causa disso. Comecei a pensar: “Eu preciso começar a entender o mercado. Isso aqui é novo”. Era uma iniciação de jornalismo de dados. Foi o meu primeiro contato com jornalismo de dados. Mas não foi um contato pensando: “Nossa! É muito legal”. Foi uma coisa muito mercantil, do tipo: “Cara, eu preciso pensar na minha vida. Eu preciso ter uma profissão. Eu preciso ser alguém. Eu preciso ajudar a minha mãe, eu preciso ajudar a minha família, eu preciso me ajudar”. Eu comecei nessa iniciação científica, que era totalmente voltada à questão do estudo do jornalismo de dados. O meu orientador me passou vários materiais, textos. Eu comecei a ler. “Isso é legal! Gostei disso daqui. Interessante! Como está isso no Brasil?”. Aí fui começando a me interessar. A gente fazia alguns encontros, discutia - aquela coisa da iniciação. No final de 2017, a *Folha de S.*

Paulo disse que ia fazer o primeiro treinamento de jornalismo de dados. Eu falei: “É a *Folha de S. Paulo*! É um jornal superimportante”. O meu orientador também tinha trabalhado no jornal - ele tinha trabalhado no *O Globo*, lá no Rio. Foi aí que eu acho que eu comecei a criar um vínculo maior com a imprensa, no sentido de trabalhar na imprensa. “Meu orientador trabalhava lá. Deve ser ‘da hora’ escrever matérias e a galera ler você”. Eu meio que resgatei aquela parada da coluna, mas não no sentido de expressar opinião, porque eu comecei a ver que é muito mais do que você pegar um papel... Era um pensamento de 15 anos: “As pessoas vão ler o que eu penso”. Depois: “Gente, eu não quero que ninguém leia o que eu penso”. Aí, eu fui vendo. Trabalhar como jornalista de dados: “Cara, isso pode ser legal”. Aí, eu comecei a me interessar pela imprensa. No final das contas, o que me guiava muito nas minhas escolhas profissionais era pensar em uma profissão, pensar em uma atividade na qual eu pudesse ajudar as pessoas. Eu sempre tive isso, sempre, sempre, desde pequena! Desde pequena, eu sempre pensei nisso. Tudo meu era meio que guiado nisso. Claro que tinha toda uma questão econômica, toda uma questão familiar, particular. Então, eu não ia escolher algo que eu não pudesse dar uma base para a minha família, sabe? Mas, ao mesmo tempo, eu pensava: “Eu vou fazer isso daqui e as pessoas vão ver e vai ser muito bom porque eu vou conseguir mostrar...”. Era muito pensando nessa lógica. Foi assim com a imprensa: “Se eu puder mostrar para as pessoas esquemas de corrupção, mostrar para as pessoas o que os governantes estão fazendo, eu vou estar ajudando a sociedade”. Era meio esse caldeirão de coisas. Daí, abriu essa inscrição para o trainee da *Folha*, que era um trainee em parceria com o Google. Google...? Ih, gente! Eu me esqueci. Era uma parte lá do *Google News Lab*, é isso? Eu não lembro agora o nome.

[00:21:53] Entrevistador: Eu acho que é! Eu acho que é.

[00:21:55] Entrevistado: Eu esqueci agora o nome. Eu fui, fiz a inscrição, falei com o meu orientador. Falei: “Vou tentar”. Ele: “Mas é em São Paulo”. Moradora de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, que é a região metropolitana, mas é um lugar que não tem nenhuma oportunidade: imprensa, zero. O Rio de Janeiro estava com toda aquela questão econômica explodindo, Cabral e não sei o quê. Eu falei: “Rio de Janeiro não dá! Quais são os jornais que tem aqui? *O Globo*, o *Extra* (que é do *O Globo*), *O Dia*, ou então trabalhar na *TV Globo* ou trabalhar em uma afiliada do *SBT*, da *Record*”. Aí fui pensando: “Não tem como! Se tiver que ir para São Paulo, então ‘bora’ para São Paulo”. Aí, passei, fui escolhida, vim para São Paulo. Fiquei de janeiro de 2018 até abril, fazendo esse trainee. Daí eu acho que foi onde eu realmente aprendi (não como uma coisa finita, já que eu estou sempre aprendendo) a entender melhor o que era o jornalismo de dados. Eu vou falar “aprendi” só porque é mais fácil, mas sempre pensando que não é uma coisa finita. Daí eu vim fazer esse treinamento. Esse treinamento foi maravilhoso! Por quê? Eu tive aulas de um monte de coisas (desde a escrita do jornalismo e entender, realmente, como você passa a informação, até a programação). Foi muito engraçado, porque nas minhas primeiras aulas de programação, eu falava: “Nossa! Eu nunca vou aprender isso!”. Depois de um tempo, eu já cheguei a dar cursos sobre isso. É muito louco! Enfim, eu fiz as aulas e fiz os cursos. Eu sempre fui muito interessada. No final das contas, eu sei quando eu sou interessada e quando eu não sou. Quando eu digo que eu era muito interessada é porque eu, realmente, era muito interessada. “Eu estou aprendendo. Eu vou conseguir usar isso”. Era a *Folha de S. Paulo*, local muito bom, que tem uma excelência ímpar. Eu aprendi muito e publiquei. Eu estava naquela situação: “Cara, eu preciso publicar coisas. Não vou ficar aqui como trainee só recebendo informação”. Eu era muito ativa, então eu chegava para os editores e eu vendia pauta. Super cara de pau! “Eu tive essa ideia”. Aí os editores: “Mas qual é o lead?”. Eu: “Vamos ver agora qual é o lead. A ideia é essa”. Meio louca! Eu estava em uma situação em que eu pensei: “Cara, eu estou aqui, não tenho nada a perder. Tentei botar a cara no sol. Tenho que fazer por onde. Eu estou aprendendo e quero colocar isso em prática”. E fui fazendo. Publiquei algumas matérias lá. Não fiquei no jornal. Saí. Não saí porque eu quis, mas porque o treinamento acabou. Voltei para o Rio de Janeiro. Eu me lembro que foi um período muito *bad*. Eu estava muito: “A *Folha* era a minha única oportunidade, mas eles não me ofereceram nada”. Voltei para o Rio de Janeiro. Tinha toda aquela questão de voltar para uma cidade que você não gosta, mas, ao mesmo tempo, eu não podia ficar em São Paulo, porque eu não tinha nenhuma estrutura financeira para poder ficar na cidade. Assim que eu voltei, eu fui chamada para trabalhar no AOs Fatos. Entraram em contato comigo: “Você quer trabalhar com a gente?”. Eu falei: “Já é!”. Lá nos AOs Fatos, eu fazia checagem. Fiquei sendo checadora durante as eleições de

2018. Foi maravilhoso! Foi uma experiência muito boa, de aprendizado enorme. No final das contas, apesar de não ser jornalismo de dados (não é a prática de jornalismo de dados), é um jornalismo que lida com muitos dados. Não é a mesma coisa, mas se conversa muito. Eu aprendi muito a encontrar informação, como fazer, como checar. Mais uma vez: cuidado com a escrita e como passar a informação, ter certeza daquilo que você está publicando. Enquanto eu estava lá, eu tentei fazer algumas matérias de jornalismo de dados, que sempre foram bem recebidas. Uma das matérias que eu consegui fazer, que eu acho que foi a mais importante que eu fiz no Aos Fatos, foi uma investigação sobre os custos com a Copa de 2014 no Brasil. A gente estava em 2018 e ia ter a Copa da Rússia e tinha tido a Copa do Brasil em 2014. Eu comecei a investigar quanto tinha sido gasto, se estava pronto. Existia um *site* governamental da CGU, que disponibilizava todas as informações relativas a isso. Eu comecei a olhar e a gente foi organizando as matérias. Eu fui fazendo tudo sozinha. A parte de produção era toda minha e chegava na edição e alguém editava e botava no ar. Ia fazendo isso paralelamente com a checagem. “Vamos lá: cidade de Salvador, como foi? Desses empreendimentos aqui... Poxa! Isso daqui nunca foi construído. Aquilo ali teve acusação de corrupção”. Manda nota, pede informação. Eu comecei a encher o saco de uma galera. Acho que nunca mandei tantos e-mails na minha vida. Era para a prefeitura, era para o governo do estado, era para o governo federal. Manda para o Ministério do Turismo. Também ligando. Foi um absurdo! Ai, esse *site* saiu do ar no meio da investigação que eu estava fazendo das cidades. A gente tinha colocado - eu acho - umas cinco cidades no ar. A ideia era fazer de todas. Agora eu não lembro quantas cidades eram, mas faltava ainda bastante. O *site* saiu do ar! O editor virou para mim: “O *site* saiu do ar. Está abrindo aí?”. Eu falei: “Estranho! Deixa eu ver!”. Não estava abrindo. Eu entrei em contato com a CGU e a CGU simplesmente me informou que existia uma lei - e isso é verdade - que dizia que era responsabilidade da CGU alimentar esse *site* até dois anos depois da Copa, ou seja até 2016, já que a Copa foi em 2014. A CGU utilizou-se dessa lei, que dizia que era para eles alimentarem o *site* até essa data, para excluir o *site*. Eles excluíram o *site* e retiraram tudo do ar. A primeira lição do jornalista de dados, que eu falo para todo mundo hoje, que é: faça *backup* dos seus dados. Eu não fiz, então eu não consegui prosseguir com a investigação igual eu estava fazendo, que era mostrar que as entidades tinham utilizado dinheiro e que muita obra estava parada, muita obra nunca tinha sido feita, que tinha tido esquema de corrupção investigado pela PF, etc etc etc. A CGU resolveu respeitar a lei no meio da minha investigação. Eu fiquei mandando e-mail, enchendo o saco deles. Eu entrei com pedido de Lei de Acesso. Eles, simplesmente, me informaram que se eu quisesse ter acesso àqueles dados que antes estavam disponíveis, eu teria até Brasília com um pendrive, porque eles não queriam me enviar por internet. Naquela época, eu fiquei muito revoltada. Mas sabe aquela pessoa que fala a desgraça meio que rindo? É muito absurdo! Isso foi uma baita história. Hoje eu falo: “Caracas! Eu passei por isso!”. Mas como? Deixa eu desligar o meu WhatsApp? Pronto!

[00:31:39] Entrevistador: Eu estou travada ainda para ti?

[00:31:41] Entrevistado: Está! Aconteceu isso! Um ponto que eu acho que é importante: desde que eu tinha saído da *Folha*, que eu tive contato com uma galera que tinha ido lá explicar coisas de jornalismo de dados, programação, etc., eu comecei a participar ativamente da comunidade de jornalismo de dados e também, em paralelo, da comunidade de programadores em Python, graças ao meu professor de programação. Eu comecei a participar muito ativamente dessas comunidades, indo em palestras, indo a *workshops*. Fui ao primeiro congresso da Abraji em 2018. Nesse congresso, eu já estava no *Aos Fatos*. Eu me lembro que até teve uma Cerveja com Dados, que é promovida pela Escola de Dados. Eu fui e apresentei esse caso da CGU. Até hoje essa apresentação é lembrada porque, nesse dia, eu estava passando muito mal (estava com pressão baixa). Eu falei: “Eu vou apresentar”. Eu tinha feito a apresentação toda com memes, porque eu queria prender a atenção das pessoas. A gente estava no meio da Copa da Rússia, então eu usei meme da Copa. É uma daquelas apresentações que eu falo: “Caracas! Eu arrebentei!”. Até hoje eu olho e me pergunto como eu tive capacidade, passando mal, de colocar meme no negócio. É muito bom porque até hoje a galera fala comigo sobre essa apresentação. Eu estava tão puta da vida com aquela história e ainda estava passando mal, então eu entreguei toda a minha emoção para o negócio. Fui falando, falando. No final das contas, eu não consegui acesso aos dados. Eu tive que recorrer ao Web Archive, que deixa arquivado páginas. Não tinha tudo ali, mas consegui concluir algumas. Se eu não me engano, o Rio de

Janeiro eu concluí assim. O Rio de Janeiro foi muito legal porque eu liguei para a Prefeitura do Rio. Eu nunca mais vou esquecer de ligar para a Secretaria de Turismo, perguntar para a assessora algumas coisas sobre a Copa do Mundo e ela me responder a seguinte frase: “Mas o Rio de Janeiro não sediou a Copa do Mundo”. Eu falei assim: “Jesus!”. Foi muito bom, foi muito bom! É um daqueles momentos memoráveis. Terminei a série, fiz esse trabalho. Fiz o trabalho também quando teve incêndio no Museu Nacional. Eu era muito apegada emocionalmente ao Museu Nacional. Eu enchi o saco da minha editora: “Eu preciso fazer matérias”. E fiz! A gente conseguiu resgatar informações desde lá de trás, de Dom Pedro de não-sei-da-onde. Já existiam reclamações de que o Museu estava abandonado, então a gente fez uma linha do tempo, mostrando que não é de hoje que o Museu está abandonado e que há reclamações de quem trabalha lá de que não tem dinheiro, não tem reforma, etc, ou seja, já era uma coisa que já tinha sido avisada. Essa também foi uma matéria bem legal que eu fiz no *Aos Fatos*. Aí, fui criando esse gostinho de trabalhar com pautas, principalmente, de fôlego. Eu amo trabalhar com pautas de fôlego. Eu gosto de ter tempo de apurar, gosto de ter tempo de conversar com as pessoas, gosto de ter tempo de arrumar o material e pensar em como ele pode ser disponibilizado, etc. Saí do *Aos Fatos* em 2018, em dezembro, aí fiquei até maio de 2019 só dando palestra, participando de eventos. Em abril, o *UOL* entrou em contato comigo, falando assim: “A gente te quer. A gente quer que você venha trabalhar ali. A gente conhece o seu trabalho”. Eu já tinha feito alguns projetos paralelos. Aí, nesse meio tempo, surgiu o ColaboraDados. Eu falei: “Vamos embora! Eu estou desempregada. Preciso de dinheiro e quero morar em São Paulo mais do que tudo. Já é!”. Daí eu vim para cá em maio, tendo feito o ColaboraDados em fevereiro, investindo o meu tempo no projeto, investindo o meu tempo em programar cada vez mais, indo em um monte de eventos que eu me inscrevi (e as pessoas me chamavam também, o que é muito legal). Daí eu vim para São Paulo, para trabalhar no *UOL*, com uma função que era levar o jornalismo de dados para o *UOL*, que era uma redação que não tem, até hoje, núcleo de jornalismo de dados. Em paralelo, além de levar o jornalismo de dados, eu tinha que pensar mais o jornalismo como produto, então pensar também em ferramentas que facilitassem a vida de jornalistas. Quando eu cheguei lá, eu tive um chefe maravilhoso, um padrinho. Adoro ele! Ele também é professor e é professor de jornalismo de dados, então, ao mesmo tempo que eu tinha um chefe, eu sentia que eu tinha um tutor - isso é muito bom! Fiquei muito longe da redação enquanto eu estive no *UOL*, longe da produção jornalística. Fiquei muito focada na questão criar produto: por exemplo, automatização de texto, método de automatização de coisas que pudessem facilitar a vida dos jornalistas etc etc etc. Comecei a sentir falta da produção jornalística. Como eu fui lá para tentar difundir essa coisa do jornalismo de dados lá, mas eu não estava como jornalista, eu tinha essa dificuldade. Como eu não estava na redação, eu nem fazia plantão. Eu não era jornalista, não era da redação. Eu comecei a pensar: “Eu estou agoniada!”. Aí, comecei a me juntar com os jornalistas que eu conhecia da casa, para fazer algumas pautas que eu achava interessantes, então era alguma coisa muito pontual. Era bom porque eu não tinha que fazer o *hard news*, eu não tinha que correr com a matéria. Eu falei para o meu chefe: “Estou com essa ideia. Vou falar com fulano, mas, em relação àquilo, eu estou andando”. Então, eu ia fazendo em paralelo. Fiz algumas matérias bem legais também. Fui fazendo e tal. Daí eu mudei de gerência. Me tiraram da gerência onde eu estava e me jogaram para a redação. Quando me jogaram para a redação, eu comecei a ter uma cobrança maior com relação à produção diária e aquilo começou a me incomodar. Daí eu fui para a *GloboNews*, uma coisa totalmente diferente, que é televisão. Eu jamais tinha pensado em trabalhar com televisão. Mas eu tenho uma grande amiga, chamada C. M., que é uma jornalista sensacional. Ela trabalhou muito tempo no *GI* cobrindo Educação e ela entende muito de dados. Ela foi para a televisão recentemente, trabalhar na produção da *SP-Tv*. Ela saiu do *GI* e foi para a *Globo*. Eu via ela trabalhando... Um grande amigo meu, o L. F. T., estava no *Estadão* e foi para a *TV Globo* e agora está na *CNN*, que também tinha feito esse caminho e estava produzindo pautas bem legais. Eu falei: “Bom, é possível de ser feito”. Querendo ou não, eu tinha como auxílio algumas pessoas que já tinham passado pela própria *Globo*. Eu falei: “Beleza! Vamos lá”. Eu fui com a proposta de ser uma jornalista que ia fazer aquilo que eu temia para caramba, que era *hard news*. Na minha entrevista, falaram para mim: “Você não vai vir para cá para produzir especial. Você vai vir para cá para fazer pauta e, sempre que possível, de jornalismo de dados”. Eu falei assim: “Agora, eu acho que eu vou”. Aí eu fui para a *GloboNews*, com essa proposta, e comecei muito bem. Comecei a produzir. Levei o baque de estar fazendo televisão. Eu nunca tinha feito televisão. Eu até falo: “Para fazer televisão, você tem quase que aprender a fazer jornalismo de novo”. Você tem que pensar no formato. Não adianta você escrever

textos se você não tem imagem. “O que você vai passar na televisão? O que as pessoas vão ver?” Tem muito disso: muito de pensar no visual. Eu fui aprendendo isso e fui pegando o jeito de fazer as matérias, sejam de dia a dia (coisas que às vezes as pessoas nem sabem que a gente faz, até fazer efetivamente matérias produzidas). Foi uma experiência muito boa. Eu me lembro que, assim que eu entrei, eu sugeri uma reportagem, cruzando dados, de covid com questões geográficas. Muito se falava sobre setorização (“Está indo para a cidade X, Y”), mas ninguém tinha quantificado ou visto isso direito. Quando eu fui cruzar esses dados, a gente conseguiu ver que não sei em quanto estados (isso foi em maio, então eu realmente não me lembro dos números)... A pauta era como X estados já tinham mais mortes (ou eram casos) de coronavírus na região do interior do que na região metropolitana. A gente estava bem naquele estágio de estar realmente saindo da região metropolitana e indo para o interior, para as cidadezinhas. Foi muito rápido para a gente conseguir colocar essa matéria no ar. Era assinada. Eu falei: “Nossa! Legal! Eu consigo fazer as coisas”. Foi um processo e essa foi a primeira matéria. Aí, foi outra e tal. Em televisão é muito mais difícil de você colocar uma matéria. Não é igual a um jornal online ou impresso. Talvez a televisão se assemelhe mais a um impresso pela questão do espaço, mas eu ainda acho que é menor. Nem um dos impressos é só impresso. Eles têm o online. “Não vai entrar no impresso hoje? Mas estava lá no online”. Na televisão não é assim que funciona. Se você não tem uma pauta realmente relevante para a sociedade, com todas as características precisas, ela não vai entrar no ar. Você precisa ter muito mais cuidado na sua apuração, etc etc. Não é que nos outros veículos não precisam de cuidado na sua apuração, mas eu acho que, não é nem cuidado na apuração: é pensar diferente esse processo de fazer a pauta. Eu fui me adequando e fui tendo várias crises. “Caracas! Eu não estou aprendendo”. Eu acho que é basicamente isso. Eu falei para caracas! Eu acho que eu respondi algumas outras perguntas que você iria me fazer, eu espero que sim, porque eu falei para caramba. Mas é basicamente isso: essa é a minha trajetória profissional e onde eu estou hoje.

[00:49:25] Entrevistador: Ótimo! Você fez uma boa linha do tempo e já me respondeu algumas perguntas, sim. Eu queria fazer uma pergunta: você se vê e se autodeclara como jornalista de dados?

[00:49:39] Entrevistado: Sim! Eu me declaro uma jornalista de dados. Era só isso? Tem que ter um porquê?

[00:49:49] Entrevistador: Essa pergunta é bem crucial para mim. Às vezes eu pergunto isso e alguns: “Eu sou simplesmente jornalista” ou “Não! Eu não faço tudo que um jornalista de dados faz. Eu não programo, eu não faço isso”. Essa pergunta é importante para perceber se o entrevistado se autodeclara nesse lugar. Quando você diz “sim, eu sou”, e por quê? Você fez atualizações? Você fez curso a mais? São especificidades da prática?

[00:50:20] Entrevistado: Eu também reparo muito nisso, quando eu vejo as pessoas falando se são jornalistas de dados ou não. Eu reparo muito também. Eu acho que isso tem muito a ver com como a pessoa trabalha. Eu me declaro uma jornalista de dados por quê? Primeiro, porque eu já entrei no jornalismo com o jornalismo de dados. Minha primeira experiência profissional foi como jornalista de dados; minha primeira pauta foi com jornalismo de dados. Na verdade, acho que a minha primeira pauta foi um furo do Dória saindo da prefeitura. Minha primeira pauta não foi jornalismo de dados, mas foi porque eu tropecei na matéria. Vendo a minha trajetória, eu sempre gostei muito disso. Eu confesso para você que eu não acho que seja saber programar, saber usar as ferramentas. Eu não acho que é muito sobre isso. Eu acho que é mais sobre como minha mente funciona na hora de trabalhar para trazer pautas. Eu, hoje, cubro tudo. Eu cubro tudo: eu cubro desde Segurança Pública até Economia. Eu cubro tudo! Eu tenho preferências por determinados temas: eu prefiro trabalhar com Política, eu prefiro trabalhar com Verba Pública. Tudo o que é público, eu gosto muito mais. Eu gosto muito de trabalhar com questões como violência contra a mulher e desigualdade de gênero. São coisas que eu gosto de escrever e de apurar. Mas tudo o que tiver de dados, eu adoro ficar fuxicando. Eu me declaro jornalista de dados mais porque eu penso muito no processo pelo qual eu passo para ter uma ideia de pauta. É pensar no dado. O dado sempre me leva. Às vezes, chega a matéria no final e ela não tem nada de jornalismo de dados. A última matéria mais relevante que eu fiz, por exemplo, foi uma matéria que eu fiz na segunda-feira. Mais relevante para mim, tá? É mais relevante na minha cabecinha. Não sei se para a sociedade é mais relevante. Na minha cabeça, a matéria que mais foi legal

foi uma matéria que eu fiquei três semanas apurando. Eu pensei: existe uma recomendação do Conselho Nacional de Justiça que diz que as pessoas com comorbidades têm que ser liberadas das prisões. “Será que essas pessoas já foram liberadas? Quantas pessoas já foram liberadas? Tem dado sobre isso?”. Não é jornalismo de dados. O jornalismo de dados passa um pouco longe disso daí. Na verdade, eu me questiono: “Eu quero dados sobre isso, dados”. Entrei em contato com a Defensoria do Estado de São Paulo, eu conversei com uma galera, recebi denúncias de que tinha pessoas que não tinham sido liberadas e que a Defensoria sabia, então já tinha personagem. “Quantas pessoas não foram liberadas?”. Descubro que, na verdade, a recomendação mudou. Não é mais toda a pessoa que faz parte do grupo de risco; são pessoas que fazem parte do grupo de risco, mas que cometeram crimes de baixa gravidade. Se você é uma pessoa que cometeu um assassinato, está presa e grávida, você vai ficar presa e grávida. Eu não estou aqui para julgar a recomendação, mas é isso o que eles fizeram. Mesmo assim, ainda tinha grávidas, lactantes, presas dentro das Unidades Prisionais do Estado de São Paulo e que tinham cometido crimes de baixa periculosidade. Uma delas teve o pedido de *habeas corpus* negado. Eu falei: “Opa! Tenho até personagem!”. No final das contas, quantas pessoas são? Eu precisava saber quantas pessoas são. Não foi por meio de LAI, mas por um e-mail simples: “Quero saber quantas lactantes e quantas mulheres estão presas”. Resposta: “X”. “Dessas, quais foram os crimes que elas cometeram?”. Eles: “Foram artigo X, Y e Z”. Eu: “Caracas! Não sei nada de artigos. Vamos lá! O que é esse Artigo 33? Tráfico de drogas? Beleza. Tráfico não pode ser liberada. Homicídio? Não pode ser liberada? Opa, furto? Furto pode! Roubo? Roubo pode”. Eu fui fazendo na mão. Pronto! A pauta tinha uma pessoa para exemplificar, a gente tem o dado, tem o defensor falando, tem especialista de saúde falando. “Vamos escutar o outro lado?”. Eles: “O CNJ recomenda”. Coloquei a matéria no ar. É isso! No final das contas, o que eu fiz de jornalismo de dados ali? Nada! Não fiz. Nem usar o Excel eu usei, no final das contas. Mas o que me levou a essa matéria foi saber se tinha dado sobre aquele tema. A maior parte, depois que eu mudei para a televisão, é por causa disso. No final das contas, isso tem a ver com o fato de eu me auto intitular como jornalista de dados. Vai ter oportunidades em que eu vou usar métodos de jornalismo de dados, análise de programação, estatística, análise de dados. Aí vai ser uma matéria de jornalismo de dados, assim como aquela matéria da interiorização da covid. Mas tem outras que eu vou chegar simplesmente: “Será que tem dados disso?”. Aí, eu vou me deparar com um dado e vou falar: “Opa! Está errado isso aí” ou “Opa! Isso é uma coisa legal de ser veiculada”. E vou propor uma pauta.

[00:56:44] Entrevistador: É muito mais o pensamento do jornalismo de dados, para executar. Você projeta a sua carreira dentro do jornalismo de dados? Você vê a sua atuação no jornalismo de dados? Você vê a sua carreira nisso?

[00:57:02] Entrevistado: Então, vejo! Aconteceu no sentido de que tinha o *Estadão*, a *Folha* também fez, o *Metrópoles* foi o último que investiu em relação a núcleo de dados. Mas, no final das contas, eu não vejo essa vontade. Eu não sei se seria vontade, se seria interesse. Eu não sei o que seria. Mas eu não vejo isso acontecendo. Eu não vejo essa corrida louca. “Precisamos de algum jornalista que saiba programar em R”: eu não vejo isso dentro das grandes redações. Não sei! É uma coisa que eu observo. Eu não vejo isso como uma coisa: “Nós precisamos ter jornalista de dados dentro da nossa redação”, não! É muito mais pensando: “Aqui, dentro do nosso caderno de política, seria bom se um de nós soubesse fazer isso. Tem uma vaga? Vamos chamar Fulano, porque Fulano cobre bem Política e sabe mexer com R. Vamos chamar Cicrano? Ele sabe mexer bem com Python”. Eu vejo muito mais isso acontecendo e eu acho (é uma coisa totalmente de achismo mesmo) que isso é o que vai ficar. Eu acho que isso de eu ficar falando que eu sou jornalista de dados não está com nada, mas, ao mesmo tempo, eu não consigo me intitular só como jornalista, porque minha cabeça formula pautas assim. No final das contas, pode ser bom. Você me descobriu por causa disso porque, provavelmente, alguém pensou em mim como referência. Eu acho que isso é bom para mim. Na verdade, é bom. Eu tenho certeza que, no final das contas, as dificuldades que eu passei, as pessoas com quem eu conversei, os tutoriais, os cursos e palestras que eu dei foram por causa disso. Mas eu acho que é também uma tendência que não vai pegar. Eu acho que, cada vez mais, vai ser esse outro lado. Eu acabei me desvirtuando um pouco do que você me perguntou, mas era só para justificar que sim: eu pretendo continuar no jornalismo de dados, pretendo me intitular. Eu acho que é isso! Eu gosto disso e vou lutar por isso. Se, futuramente, ficar muito difícil com emprego, eu vou dar o meu jeito. Mas eu não pretendo mudar.

[01:01:29] **Entrevistador:** Uma última perguntinha: você teve que buscar novas competências, fazer curso, para essa atuação?

[01:01:42] **Entrevistado:** Eu fiz o trainee da *Folha*, que foi muito importante para mim. Mas, vou te confessar que, fora o trainee da *Folha*, eu não fiz nenhum outro curso para jornalismo de dados. Não fiz curso de programação, não fiz curso de estatística. Não fiz! Eu até me inscrevo nos cursos, mas eu não assisto às aulas. Por que eu nunca fiz? Porque, desde que eu entrei na *Folha* de *S. Paulo* - e isso vai para a vida toda - eu aprendo fazendo. Eu lembro que a minha primeira matéria de jornalismo de dados foi tentar montar um sistema de análise de sentimento. Eu não sabia fazer nada, nada. Mas eu fui aprendendo. Eu aprendi e o meu professor ajudou para caramba, etc. Então, todas as minhas pautas, quando eu penso em alguma coisa, é meio assim: “Não sei fazer, mas vou aprender”. É por isso que eu gosto de lidar muito com o jornalismo de dados em relação ao tempo. É impossível você fazer jornalismo de dados sem um investimento de tempo. “Mas aconteceu um fato hoje e você já conseguiu colocar a matéria hoje”. Eu tive um investimento pelo menos para eu preparar aqueles dados em algum momento. Eu não consigo - posso estar falando besteira - jornalismo de dados sem investimento de tempo para produzir. Ai, eu me perdi na sua pergunta. Qual foi a sua pergunta? Ah, era sobre o curso. No final das contas, eu não fiz nenhum curso, a não ser o trainee e vou aprendendo mexendo nas coisas.

[01:03:50] **Entrevistador:** Mas você programa?

[01:03:51] **Entrevistado:** Eu programo em Python.

[01:03:55] **Entrevistador:** Só me confirma quem você me indicaria e só me confirma a sua idade, por favor.

[01:04:00] **Entrevistado:** 27. Quem eu indicaria? Ai, meu Deus. Tem alguém que eu não possa indicar?

[01:04:10] **Entrevistador:** Não! Quem você quiser.

[01:04:14] **Entrevistado:** Eu vou indicar o meu namorado então.

[01:04:16] **Entrevistador:** Tá. Tudo ótimo!

[01:04:19] **Entrevistado:** Ele tem uma vivência toda totalmente diferente de mim. É P. C., do jornal O Globo.

[01:04:26] **Entrevistador:** Qual é o sobrenome?

[01:04:28] **Entrevistado:** C.

[01:04:34] **Entrevistador:** Depois você me passa o contato?

[01:04:35] **Entrevistado:** Passo, sim.

[01:04:36] **Entrevistador:** Está ótimo! Ele atua também na área?

[01:04:39] **Entrevistado:** Ele é, justamente, o contraexemplo que eu dei. Eu me intitulo como jornalista de dados e ele fala “não, eu só utilizo esse negócio”. Talvez seja um bom contraponto. Fica com essa sugestão que é totalmente diferente de mim. Mas eu posso te indicar alguém que pensa muito parecido comigo, que é o R. M. Talvez você já tenha...

[01:05:10] **Entrevistador:** Eu já falei com o R.

[01:05:12] **Entrevistado:** O R. - eu acho - que a gente pensa muito parecido. Não sei quem mais. Não sei. Tem a T. L. tem um lado muito acadêmico.

[01:05:29] **Entrevistador:** Sim, conheço!

[01:05:32] **Entrevistado:** Você precisa de uma indicação e eu estou te dando várias.

[01:05:37] **Entrevistador:** Mas é ótimo porque aumenta o meu *mailing* aqui. Depois você me passa o contato do P. para a gente dar uma conversada, tá bom? Muito obrigada pela sua disponibilidade, pela sua fala. Pelo menos para a minha pesquisa, foi riquíssima.

[01:05:54] **Entrevistado:** Eu falo para caramba!

[01:05:55] **Entrevistador:** Eu acho que é isso mesmo. A minha função aqui é mais de ouvir mesmo e sentir de cada entrevistado. Quando a tese estiver na fase de defesa final, que é ano que vem, e for publicada na biblioteca, eu te mando uma via para você ler depois.

[01:06:15] **Entrevistado:** Está bom!

[01:06:16] **Entrevistador:** Muito obrigada pelo seu tempo.

[01:06:18] **Entrevistado:** Obrigada você. Boa sorte com a sua tese. Tomara que dê tudo certo. Boa defesa e boa entrevista com os meus colegas. Se você quiser mais nomes, eu tenho vários para indicar.

[01:06:31] **Entrevistador:** Se você quiser mandar lá no “zap”, pode ir me mandando.

[01:06:33] **Entrevistado:** Está bom! Pode deixar.

[01:06:35] **Entrevistador:** Obrigada!

[01:06:37] **Entrevistado:** Tchau, Patrícia.

[01:06:39] **Entrevistador:** Tchau.

Entrevistado 6:

[00:00:01] **Entrevistador:** Pronto! Já está gravando. Muito obrigada pela sua disponibilidade. Eu sei que a agenda não é fácil. A gente já tentou algumas vezes ter essa conversa. Que bom que hoje deu certo. A entrevista é, exclusivamente, para fins acadêmicos. A pesquisa versa sobre o jornalismo de dados, mas dentro de uma perspectiva dos atores, dos profissionais que atuam nessa área, sendo jornalistas ou não, por formação. Estou entrevistando também profissionais que estão no campo do jornalismo de dados, mas que não têm formação em jornalismo. Tem sido bem interessante as perspectivas de fala, de carreira e de identidade. É sobre isso que a gente trata na tese. Eu queria que você iniciasse falando um pouco da sua formação, da sua posição de carreira no jornalismo até chegar no jornalismo de dados.

[00:00:57] **Entrevistado:** Eu sou jornalista. Me formei em 2007, no Mackenzie, em jornalismo. Foi até em uma das primeiras turmas de jornalismo do Mackenzie, porque o curso começou em 2000. Até formar a primeira turma, lá em 2004. Eu estava lá no começo do curso, com menos de dez anos. Aí, eu trabalhei em redação a minha vida inteira. Eu trabalhei no *IG*, trabalhei no *Estadão*, trabalhei na *Reuters* (que foi um dos principais lugares onde eu trabalhei). Na *Reuters* eu comecei a ter mais contato com dados e comecei a entender melhor como se trabalha com dados, mas não na apuração, que é onde eu trabalho hoje em dia. A gente não era muito sofisticado na hora de trabalhar com dados.

[00:01:59] **Entrevistador:** Mas foi o seu primeiro contato com dados?

[00:02:01] Entrevistado: Sim. Não foi o meu primeiro contato, mas foi onde eu comecei a trabalhar em um nível mais diário, digamos. Eu cobria dados, invés de cobrir o dia a dia, o mundo. Entre outras coisas, eu comecei a cobrir dados. Eu trabalhava com telecomunicações e tem muitos dados nessa área. Daí, eu fui trabalhar em um projeto da ONU, meio que saindo do jornalismo, para trabalhar com a parte de comunicação. Nesse projeto, eu comecei a ter contato com o jornalismo de dados, mas não por causa do projeto. Foi na época do Snowden, foi na época *NSA Files*. Começou a se falar muito do jornalismo de dados nessa época. Eu comecei a prestar mais atenção nessa área e comecei a devolver os meus projetos. O Volt já veio em 2014 e no começo de 2015 e é onde eu estou até agora. Aprendi a programar, aprendi a trabalhar com dados melhores, aprendi coisas de estatística que a gente precisa.

[00:03:33] Entrevistador: Como surgiu essa ideia do Volt?

[00:03:38] Entrevistado: Surgiu da vontade de criar um projeto de onde eu pudesse explorar o trabalho com jornalismo de dados que eu queria fazer.

[00:03:50] Entrevistador: Lá vocês trabalham com outros profissionais também que não sejam jornalistas, que sejam de outras áreas, ou só são jornalistas?

[00:03:58] Entrevistado: No Volt?

[00:03:59] Entrevistador: Sim.

[00:04:00] Entrevistado: No Volt, basicamente, só eu sou jornalista lá. Não! Tem a Jade. A gente trabalha com profissionais técnicos: a gente tem uma estatística, um cientista político, um técnico em banco de dados. A gente trabalha com uma equipe mais técnica. A minha equipe é mais técnica do que jornalística, embora a gente faça trabalhos ligados ao jornalismo.

[00:04:28] Entrevistador: Antes de trabalhar com o jornalismo de dados, quais foram as áreas do jornalismo que você atuou?

[00:04:34] Entrevistado: Eu cobri Internacional bastante e cobria Economia e Finanças, Empresas. Como eu disse, eu trabalhava na área de Telecomunicações. Mas como jornalista de dados, eu cubro qualquer área. Mas eu gosto muito da área de mídia principalmente.

[00:04:54] Entrevistador: Entendi! Falando um pouco de autodeclaração e de auto identificação, você se declara jornalista de dados? Como é isso para ti?

[00:05:03] Entrevistado: Eu sou jornalista. Eu não saio falando que eu sou jornalista de dados. Eu sou jornalista só, mas eu trabalho na área de jornalismo de dados.

[00:05:14] Entrevistador: Entendi! Por que eu faço essa pergunta? Em algumas entrevistas, algumas pessoas colocam: “Eu sou jornalista de dados, porque eu sei programar, sei estatística e sei habilidades que não estão dentro da formação de jornalista”. Outros: “Eu só sou jornalista”. É interessante perceber.

[00:05:35] Entrevistado: É que ninguém fala: “Eu sou jornalista econômico”. Você pode até falar, mas em uma conversa muito específica. “Eu sou jornalista econômico” ou “Eu sou jornalista de cultura”. Você até fala: “Sou jornalista de dados”. Mas quando você vai falar com uma pessoa: “Eu sou jornalista”. Eu sou jornalista, só que trabalho com dados. Eu encaro como se fosse um editorial dentro de uma redação, e não como se fosse uma outra profissão. Algumas pessoas encaram como se fosse uma outra profissão. Tudo bem também!

[00:06:04] Entrevistador: Entendo! Como você enxerga o jornalismo de dados no âmbito brasileiro?

[00:06:11] Entrevistado: O jornalismo de dados no Brasil está avançado, eu acho. Talvez não esteja no mesmo nível que está nos Estados Unidos, mas lá tem muito investimento, principalmente por parte

dos grandes veículos - The New York Times, Pró-pública. O pessoal investiu muito dinheiro em jornalismo de dados lá. Necessariamente com um investimento maior, eles estão na frente em termos de sofisticação. Mas o Brasil está muito bem, em geral. Tem muitos profissionais bons, a comunidade tem crescido cada vez mais, tem projetos bacanas que surgiram, editorias nos jornais que foram reforçadas ou criadas. Do que era há quatro ou cinco anos, a gente avançou muito mesmo.

[00:06:59] **Entrevistador:** Você acha que o alternativo é mais forte do que as grandes empresas de mídia nesse investimento ou não?

[00:07:09] **Entrevistado:** Como é?

[00:07:10] **Entrevistador:** Você acha que as iniciativas independentes (agências) são mais fortes do que a prática do jornalismo de dados dentro das grandes empresas de jornalismo?

[00:07:22] **Entrevistado:** É... Dentro das grandes empresas, ainda existe muita relutância em adotar o novo, até porque eles “já são um *Boeing* que já está voando”. Mudar a rota de voo é trabalhoso: exige tempo, exige planejamento. As pequenas iniciativas são mais fáceis de manejar ou de criar ou contratar ou demitir, enfim, de se adaptar. Nas grandes redações, não. Eu digo isso, mas as grandes redações têm investido nessa área, felizmente.

[00:08:05] **Entrevistador:** Como você vê a sua carreira? Você projeta a sua carreira dentro desse campo do jornalismo de dados? Qual é a projeção da sua carreira?

[00:08:21] **Entrevistado:** Eu não sei eu entendi a pergunta. “Projetar a minha carreira dentro do jornalismo?”. Minha carreira é dentro do jornalismo. Eu sou um jornalista.

[00:08:34] **Entrevistador:** De dados?

[00:08:35] **Entrevistado:** Hãn?

[00:08:36] **Entrevistador:** No jornalismo de dados. Você projeta ficar nessa área ou mudar ou está aberto ao que vem?

[00:08:45] **Entrevistado:** Eu desenvolvo projetos, né? Essa é a minha área: desenvolver projetos, seja para produzir conteúdo, seja para produzir aplicação, seja para consultoria. Eu sou um jornalista que se especializou em projetos. Eu gosto de desenvolver um projeto do zero para algum lugar. Essa é a minha área. Mais que o jornalismo de dados, a minha área é desenvolver projetos, só que eu desenvolvo projetos de dados. Mas eu já fiz outras coisas também, sem ser na área de jornalismo de dados. Mas é uma área que, de fato, eu trabalho; é uma área que eu gosto e me identifico. Mas eu sou um cara que gosta de fazer projetos, então eu vou continuar fazendo isso.

[00:09:31] **Entrevistador:** Entendi! Você acha que, para atuar no jornalismo de dados, é necessário de fato buscar competências novas, se atualizar em outras áreas (como estatística, programação) ou não?

[00:09:45] **Entrevistado:** Com certeza! Para você ser um jornalista de dados, você tem que saber o mínimo de estatística e de programação. Não dá para se desvencilhar disso. Dito isso, a pessoa não precisa ser um *expert* da programação para fazer projetos de jornalismo de dados também. Tem que ser bom jornalista também, e se aliar a pessoas que vão trazer aquela capacidade para ela também.

[00:10:17] **Entrevistador:** Você me indicaria alguém ou mais de uma pessoa para compor esse quadro de entrevistas? De forma impressionantes, você respondeu as minhas perguntas todas em dez minutos, enquanto outros respondem em uma hora.

[00:10:42] **Entrevistado:** Eu sou um cara muito direto. Eu não sou um cara que fica enrolando, não, até porque eu não tenho tempo para ficar enrolando. Mas uma vez eu fui dar *feedback* para uma

organização bem grande. Eles queriam saber a impressão minha daquela organização. Eles tinham uma hora e meia e eu respondi tudo em 25 minutos. Eu sou assim: direto. É bate e volta.

[00:11:11] **Entrevistador:** Eu achei impressionante! Antes de ontem eu fiquei com uma jornalista por uma hora e trinta minutos, com ela falando da trajetória dela. Eu não esperava que ia ser tão rápido.

[00:11:22] **Entrevistado:** Eu participei antes de ontem de um evento do Mackenzie, onde o cara pediu para a gente se apresentar. O menino ficou 20 minutos se apresentando. Quando chegou a minha vez, eu falei: “Não vou me apresentar, não. Vamos falar do tema”, e já meti o tema na roda e nem falei de mim. É meio que isso mesmo: jogar rápido.

[00:11:49] **Entrevistador:** Qual é a sua idade?

[00:11:51] **Entrevistado:** Vou fazer 36 anos.

[00:11:55] **Entrevistador:** Você é de São Paulo, né?

[00:11:56] **Entrevistado:** É!

[00:12:01] **Entrevistador:** Você me indicaria mais alguém?

[00:12:04] **Entrevistado:** Você falou com a Natália Mazotte já ou não?

[00:12:06] **Entrevistador:** Falei! Eu tenho que marcar um dia com a Natália. Eu tenho que marcar o dia com ela.

[00:12:10] **Entrevistado:** E com a Renata Hirota, que trabalha comigo?

[00:12:13] **Entrevistador:** Não! Eu não tenho o número da Renata. Se você puder me passar depois...

[00:12:17] **Entrevistado:** Manda um e-mail para ela aí.

[00:12:21] **Entrevistador:** A Renata programa? Alguém me falou da Renata.

[00:12:37] **Entrevistado:** A Renata é excelente! Renata programa e Renata faz tudo. Ela é excelente! Excelente mesmo!

[00:12:42] **Entrevistador:** Ótimo! Eu vou mandar um e-mail para ela e conversar com ela. Você matou todas as minhas perguntas. Eu pensei que você ia dar mais uma demorada e falar mais. Mas eu também compreendo que tem gente que vai ali no ponto.

[00:13:03] **Entrevistado:** Eu corto na carne!

[00:13:06] **Entrevistador:** Eu te agradeço a sua disponibilidade. Eu sei que, de fato, não é fácil sentar e conversar um pouquinho, nem que seja 15 minutos.

[00:13:16] **Entrevistado:** Eu faço essas coisas com o maior prazer, Patrícia. É que, nas últimas duas semanas, realmente, a gente ganhou o *grant* do Google, a gente...

[00:13:23] **Entrevistador:** Eu vi! Parabéns!

[00:13:25] **Entrevistado:** A gente está no meio de uma sessão de *feedback* da ferramenta. A gente está contratando gente. Essas duas últimas semanas... Eu estou comprando uma casa. Então, nessas duas últimas semanas está uma loucura! Eu não estou conseguindo parar nem para falar com a minha família, para você ter uma ideia.

[00:13:42] **Entrevistador:** Eu imagino!

[00:13:43] **Entrevistado:** Mas eu adoro fazer isso. Ainda bem que você me ligou. Obrigado pelo convite para participar. Eu participo dessas coisas com o maior prazer.

[00:13:50] **Entrevistador:** Quando a gente tiver a versão final da tese, eu te mando uma.

[00:13:53] **Entrevistado:** Por favor! De onde que é mesmo? Qual é a universidade?

[00:13:58] **Entrevistador:** É da Federal de Santa Catarina.

[00:14:00] **Entrevistado:** Bacana! Da UFSC. Tenho vários amigos da UFSC.

[00:14:03] **Entrevistador:** Eu estou nessa batalha de terminar essa tese. Vai dar certo!

[00:14:07] **Entrevistado:** Beleza então, Patrícia!

[00:14:09] **Entrevistador:** Muito obrigada, viu?

[00:14:11] **Entrevistado:** Precisando, você me avisa de novo.

[00:14:12] **Entrevistador:** Tá, valeu! Tchau, tchau.

[00:14:14] **Entrevistado:** Tchau, tchau!

Entrevistado 7:

[00:00:01] **Entrevistador:** Eu agradeço já a sua disponibilidade em participar.

[00:00:06] **Entrevistado:** Imagina! Eu que te agradeço.

[00:00:08] **Entrevistador:** Vamos começar aqui a nossa conversa. Tudo o que vai ser falado aqui é de uso exclusivo acadêmico, para a tese. Depois, eu vou te mandar o termo de livre consentimento, que o comitê de ética pede para a gente. Você me confirma o seu e-mail, que eu te envio. É só dar uma lida e assinar. As perguntas são abertas, então você pode ficar livre para falar o que você quiser. Eu sempre começo com essa pergunta, que é sobre a formação: como você chegou à escolha pelo jornalismo, para depois a gente ir para essa construção de carreira. Se você já quiser engatar em como você construiu a sua carreira, pode ficar à vontade. Mas eu gostaria de começar pela escolha de formação.

[00:00:59] **Entrevistado:** Eu tenho 24 anos. Me formei na Federal de Juiz de Fora. Me formei no final do ano passado, no fim de 2019, quando não tinha pandemia e a gente achava que 2020 seria um ano normal. Eu sou do interior de Minas, de Itajubá, então acabei indo para Juiz de Fora, para fazer jornalismo. Eu sempre quis fazer jornalismo. Acho que eu sempre tive em mim essa vontade. Quando eu olho para trás, eu acho que isso está bem claro nas minhas atitudes: sempre gostei de ler jornal. Tinha também influências dentro de casa. Eu acho que isso era um pacto já consumado. Era só fazer o vestibular e entrar mesmo. Tudo indicava que era essa, mais ou menos, a trajetória que eu iria seguir. Fiquei cinco anos em Juiz de Fora - entre 2015 e 2019. Depois, acabei vindo aqui para o Rio, para trabalhar no *O Globo*, como estagiário. Hoje estou na editoria de Política. Também já passei ali pela Economia. Provavelmente, você deve perguntar mais sobre a questão da formação (faculdade, currículo). Acredito que isso esteja dentro do seu universo de pesquisa. Basicamente, foi isso. Eu entrei na faculdade em 2015 e já era uma coisa que eu queria, realmente. No começo, eu entrei com muita vontade de cobrir Esportes. Acho que era uma vontade natural, porque eu sempre gostei muito. Outra coisa é que eu também nunca quis ficar muito preso, então eu sempre estive aberto dentro da faculdade. Acabou que eu nunca trabalhei com Esportes na minha vida e fiquei bem longe disso

durante o período da faculdade. “Bem longe”, razoavelmente. Tive as proximidades ali - que são as portas de entrada - em Esporte, pelo menos ali em Juiz de Fora é, porque é muito forte essa área de formação, etc. Acabou que não foi um caminho que eu segui por outros motivos.

[00:03:12] Entrevistador: Entendi! Como você chegou nesse estágio na *Globo*?

[00:03:15] Entrevistado: Nesse estágio na *Globo*, eu cheguei pelo processo seletivo mesmo. Teve um processo seletivo no meio de 2018, um pouquinho depois da facada do Bolsonaro. Eu acabei vindo fazer o estágio aqui e conciliei o estágio com a faculdade. Na verdade, sempre foi um plano que o último ano de faculdade fosse no Rio ou em São Paulo, para tentar um estágio. Isso sempre esteve no meu radar. Eu fiz o meu planejamento da faculdade muito em cima disso. Graças a Deus, o planejamento deu certo. Eu morria de medo de esse planejamento dar errado, mas graças a Deus deu certo pelos dois lados: por conseguir vaga de estágio aqui, mas também pela complementação de grade curricular, que também não foi fácil. Eu peguei uma época de faculdade com greve e também com mudança de currículo. Matéria que eu tive em um semestre só ia ter em quatro semestres. Então, foi por um processo seletivo. Já estava meio no meu radar. Eu já tinha feito um estágio antes, no Estado de Minas, que é o jornal da cidade. Eu fiquei um ano e meio lá (um ano e três meses). Depois, eu saí para vir para *O Globo*. Desde então, eu estou aqui, desde 2019.

[00:04:43] Entrevistador: Como foi essa transição do estágio para um cargo? Como foi essa transição? Foi natural?

[00:04:53] Entrevistado: Eu acredito que sim. Teve um aspecto interessante. No estágio, você tem pessoas muito diversas, com crenças diversas. Eu era o único do meu grupo de estágio - éramos 15, se eu não me engano - de fora. Todos os outros eram do Rio de Janeiro. Eu era um dos poucos que tinha experiência prévia em trabalhar em redação: eu tinha três vezes trabalhando na Tribuna. Eu sempre falei que Juiz de Fora tem uma qualidade e um defeito: a grade é péssima, a gente tem poucas oportunidades de prática efetivamente dentro da grade curricular. Hoje mudou muito. Também fizeram investimentos em prédios e equipamentos. Então, hoje o cenário é bem diferente do que eu vivi. Eu peguei essa parte de transição. Eu vou falar do que era, mas sabendo que muita coisa mudou, pelo que eu conversei com as pessoas de lá. A questão da prática na grade curricular sempre foi muito escassa. A gente brincava que a desvantagem é que a gente sempre saía e chegava atrasado, porque a nossa prática era péssima, em questão de grade curricular. Mas a faculdade tinha uma vantagem, que eu acho que é uma vantagem comparativa para as outras universidades é que ela te deixa muito solto. A universidade não é um fio condutor: alguém vai pegar na sua mãozinha e vai falar: “Aqui você vai fazer o impresso, aqui você vai aprender o digital”. Não é! Acho que isso não existe. É diferente, pelo menos em relação aos alunos que eu vejo da PUC, da UFF, da UFRJ. É diferente! Por ser de uma cidade menor, você tem um espaço para criar muito maior. As oportunidades de você aprender na prática acabam sendo maiores, então você consegue estágios mais rápido, você consegue ter uma vivência da profissão muito mais rápido. Acabam te jogando nessas situações, que, por um lado, são ruins, porque você é muito inexperiente e acaba sendo exigido de muitas coisas que você nunca fez na vida e que um profissional da área, formado e diplomado, deveria estar fazendo para ganhar R\$ 400,00 - esse é um ponto. A vantagem disso é que você acaba ganhando uma experiência que em outros locais você nunca teria. A experiência que eu tive trabalhando na Tribuna - também em outros projetos que eu passei - foi uma experiência muito benéfica para mim nessa chegada ao *O Globo*. Eu entrei no *O Globo* em janeiro de 2019. Eu ia ficar um ano como estagiário, depois teria um processo de trainee. Depois de dois anos, eu seria contratado em 2021. Eu fiquei seis meses como estagiário, dois meses como trainee e fui efetivado na editoria de Economia em outubro, como repórter. Esses dois anos eu fiz em dez meses, mais ou menos. Foi uma transição muito rápida, mas muito da experiência que eu adquiri no passado acabou pesando muito nesse momento. A rotatividade da redação é imensa - você sabe disso, então acaba que abre vaga e sai vaga. Acabou de eu estar lá e, em algum momento, ter sido escolhido para essa vaga. Foi uma surpresa, obviamente. Ninguém espera ser efetivado em poucos meses, só que era um caminho um pouco natural, até pelo trabalho que já vinha sendo feito. Foi tudo muito rápido: o que era para ter sido em dois anos aconteceu em dez meses. E eu nem estou na mesma editoria. Estou fazendo agora a migração para a editoria de Política. Eu fui contratado para cobrir

Economia. Eu cobri Economia, basicamente, por um ano. Agora, eu saí para cobrir a eleição e, depois da eleição, eu não volto mais.

[00:09:12] Entrevistador: Acho que é no Infoglobo que você... Acho que você não esperava ir para Economia, né? Ou esperava?

[00:09:24] Entrevistado: Eu esperava e não esperava. Eu trabalhei com Economia. Uma das primeiras oportunidades de estágio e bolsa na universidade foi com economia. Eu já gostava já. Eu fiz umas cinco ou seis disciplinas isoladas em Economia, então eu já tinha um conhecimento da área. Era uma área que eu gostava! Ainda gosto bastante. Mas não era a minha área predileta. Eu sempre tive vontade de cobrir. Acabou que a área que abriu foi na área de Economia. O estágio lá no *O Globo* é assim: você fica um mês em cada editoria. Você passa por Política, Cidades, Polícia - aquelas coisas tradicionais das redações. Você fica um mês em cada editoria. Eu tive essa sorte porque eu passei por todas essas editorias quentes no começo. A única editoria quente que eu não passei foi a de entretenimento, que foi a última editoria que eu fiquei, que foi quando eu fiquei tocando o meu TCC em paralelo, então acabou juntando os dois em um. Eu já tinha essa vontade de trabalhar em Economia e foi a vaga que surgiu na hora. Me ofereceram e eu topei. Eu não caí de paraquedas, não.

[00:10:45] Entrevistador: Entendi! E o Infoglobo, como foi? De Economia, você já foi para o Infoglobo? Só para eu entender.

[00:10:53] Entrevistado: Eu entrei no processo, né? No processo, você roda uma editoria a cada mês. Eu saí de férias e, quando eu voltei, abriu uma vaga de trainee na editoria de Economia. São 15 estagiários e mais uma pá de gente de TI, que eu nem sei quantas vagas são. Não são todas as editorias que possuem trainee. É mais ou menos assim: são 15 vagas de estagiários e devem ser umas oito de trainee - mais ou menos a metade. A vaga que tinha sido aberta naquela era tinha sido na Economia, aí eu fui chamado para trabalhar lá.

[00:11:30] Entrevistador: Hoje você está cobrindo Política?

[00:11:32] Entrevistado: Hoje em dia eu estou cobrindo eleições e fico por lá depois das eleições também, fazendo essa transição da Economia.

[00:11:41] Entrevistador: E o jornalismo de dados, como surge aí?

[00:11:46] Entrevistado: Essa é uma boa pergunta. Quando me fizeram essa pergunta outras vezes, eu fico tentando achar algumas explicações para isso. Eu nunca sei qual é a correta. É engraçado que eu tenho uma memória boa, mas, para certas coisas, ela é péssima. Nesse caso, em específico, eu acho que eu escutei a expressão “jornalismo de dados” pela primeira vez em um curso do Knight Center, com o Marco Túlio Pires, que hoje é o gerente de inovação no Google News... sei lá qual é o nome que eles estão dando lá. Mas é o departamento de jornalismo e de *news* do Google. Foi a primeira vez que eu escutei isso. “Bacana!”. Eu até fiz aquele curso com ele. Achei legal, achei interessante. Eu já gostava e já mexia com planilha, etc. Eu aprendi a mexer com planilha sozinha, e eu acho que isso explica algumas coisas também. Eu sou meio tarado por eleição, sabe, Patrícia? Eu, quando era criança, saía na rua catando os santinhos de políticos. A minha vida era catar os santinhos de políticos. Eu era de uma cidade do interior, de 90 mil habitantes. Então, eu queria ter um santinho de todo mundo. Eu queria ter! Eu queria ter, pelo menos, um santinho de cada candidato de Itajubá. A cada quatro anos, eu tinha a minha missão de sair à rua catando santinho. Às vezes, eu não tinha o santinho do candidato, então eu ia no comitê e eu ficava procurando lá. Os caras já me conheciam como o maluco dos santinhos. Chegou uma época em que eu perdi o controle dos santinhos. Eu precisava me organizar. “Cara, como eu vou saber quem eu tenho e quem eu não tenho?”. Foi assim que eu aprendi a mexer com planilha. É engraçada essa história, mas ela é verdade. Eu aprendi daí, mas depois eu fiz esse curso com o Marco Túlio, acabei gostando. Depois, eu fiz outro curso com ele ou foi um congresso da Abraji - não me lembro agora. Mas foi assim: eu descobri em um curso do Knight Center e acabei me interessando pela área. Depois comecei a fazer um curso aqui. Depois eu fiz um curso

com o próprio Marco Túlio também que era um pouco mais amplo, abordando também algumas coisas relacionadas à programação. Foi um pouco assim que as coisas começaram. Nunca tinha escutado falar antes. A porta de entrada foi, realmente, o curso do Knight Center.

[00:14:43] Entrevistador: Hoje você programa?

[00:14:44] Entrevistado: Hoje eu programo.

[00:14:45] Entrevistador: Para atuar nisso, você fez...? Eu estou percebendo que foi uma coisa muito natural e que veio. Você teve que fazer algum curso - fora esses -, no sentido de programar? Eu vi que você veio de Economia, então você deve gostar um pouquinho de números. Eu não sei se você fez alguma coisa com estatística. Geralmente, eu percebo que quem atua nesse campo, sendo jornalista ou não (eu também estou entrevistando não-jornalistas, que atuam nessa área) dizem: “Eu fiz um curso de R” ou “Eu fiz programação”, “Eu fui atrás de me atualizar”. Contigo foi assim também?

[00:15:21] Entrevistado: Foi como eu te falei. Eu fiz aquele segundo curso e falei: “Acho que eu preciso disso”. Aí você faz um curso aqui, vai em um congresso ali, conhece gente e vai fazendo, vai fazendo. Acho que o primeiro curso que eu fiz - e eu acho que é a porta de entrada para todo jornalista que quer mexer com isso - foi de SQL. Eu fiz um curso da Abraji de SQL com o Rodrigo Bulgarelli. Eu nem sei mais onde está o Bulgarelli. É uma grande pessoa! Ele foi repórter do *Estadão* por muito tempo e trabalhou com o Toledo, com o Bramatti. Trabalhou no Facebook também. Não sei onde ele está hoje. Ele deu um curso e ali eu aprendi as primeiras coisas. Se você aprendeu SQL, você dá um longo passo na sua vida, porque facilita muito. Só um parêntese: eu não sei o que é cobrir uma eleição no Excel. Eu cobri uma eleição local, mas eu fico imaginando: deve ser infernal! Às vezes você faz a mesma coisa dez vezes. É só para fazer esse parêntese, porque eu acho que depois a gente vai acabar entrando nesse tópico do quanto isso facilita a minha vida. Mas foi ali no curso. Eu aprendi muita coisa. Você faz um congresso aqui, um congresso lá, etc. Eu tentei mexer com Python em uma época da vida - em 2017 ou 18. Mas também não rolou. Não é que não rolou. Na verdade, eu fiz alguns cursos, mas acabei não levando para frente. Teve um momento da minha carreira, quando eu percebi que isso talvez tivesse que mudar, que foi quando eu concorri uma bolsa do *Volt*, do Sérgio Spagnuolo. O Sérgio estava começando com a criação do Volt e ele estava precisando de um bolsista estagiário. Eu fiz o teste e fiquei com aquela sensação de que estava pouco. Eu perdi só para a Renata Hirota, que é brilhante. A Renata é sensacional! A Renata é minha amiga e eu brinco com ela: “Pô, Renata! Até eu escolheria você”.

[00:18:07] Entrevistador: Eu estou tentando gravar com ela.

[00:18:09] Entrevistado: Ela é ótima! Ela é ótima! Ela vai te falar um monte de coisas. As nossas trajetórias são completamente diferentes. Eu concorri essa bolsa com a Renata e a Renata acabou ficando na minha frente e acabou sendo escolhida. O Sérgio oferecia um curso também. Eu comecei a fazer esse curso - que era do Code Academy - e falei: “Também não vai rolar. Tem muita coisa” e deixei. Depois, eu fui vendo, fui vendo, fui vendo. Chegou em um momento em que eu falei: “Cara, eu preciso aprender de alguma maneira”, porque eu sempre ficava enrolando. Aí, acabei fazendo um curso do Datacamp, para aprender a mexer com R. Foi a minha mudança da água para o vinho, porque eu aprendi muito rápido. Não sei se isso tem a ver com a maturidade e por ter batido na trave por várias vezes e ter entendido a lógica. Foi muito rápido. Eu tomei essa decisão no começo do ano e eu acho que a evolução em dez meses é bem razoável. A pandemia ajudou muito. Eu não programava nada em fevereiro, mas hoje eu faço tudo no R, tudo o que você imaginar. Minha vida é o R Estúdios, principalmente agora, em época de eleição. Ele vive aberto aqui. Foi um pouco assim, Patrícia. No começo, eu achava que “eu não preciso”. Tive a experiência com SQL, que já resolvia em muita coisa. Comecei a sentir dificuldade em mexer em algumas coisas no SQL e pensei: “Não está dando. Preciso aprender outra coisa”. Tentei Python e gostei, mas estava com dificuldade para engrenar. Aí, acabei entrando no R. Acabou que eu gostei, aprendi e hoje é o que eu uso basicamente.

[00:20:14] Entrevistador: Você não se identifica como jornalista de dados, né?

[00:20:17] **Entrevistado:** Não, não. Essa é uma coisa interessante.

[00:20:20] **Entrevistador:** Por quê?

[00:20:22] **Entrevistado:** Eu tenho problemas com denominações, Patrícia. Eu tenho um grande problema com denominações. Eu acho que, além de tudo, eu sou jornalista.

[00:20:28] **Entrevistador:** Você se autodeclara como “jornalista”?

[00:20:30] **Entrevistado:** Como “jornalista”. Eu sei mexer. Eu entendo que as pessoas gostem de falar “eu sou jornalista de dados”. Eu não gosto! O que eu sinto, Patrícia, é que há um preconceito mútuo dos dois lados. Conversando com pessoas que coordenaram equipes de dados no início, você percebe que as equipes de dados das redações e as próprias redações sempre tiveram um conflito. “São os caras dos números”. Você enxerga muito claramente essa divisão. É uma parada muito clara dentro das redações. Eu não vivi isso, mas as pessoas relatam isso e você percebe isso no jeito das pessoas. Basicamente, isso acontecia. Eu acho que eu tenho muito desse lado e muito desse lado. Eu acho que a sola do sapato, a rua e o tête-à-tête são essenciais. Muitos jornalistas que se denominam como jornalistas de dados acham que isso é desnecessário. “Isso não importa”. Então, eu não gosto muito dessa identificação. Mas é uma coisa muito pessoal. Eu não me vejo! Eu me vejo como um jornalista - ponto. Eu também não gosto dessa coisa de numerário. Eu sou muito fascinado pelas histórias. Eu tento fazer do jornalismo com dados que eu mexo uma maneira de contar boas histórias, sempre. Eu odeio matéria de numerário. Odeio! Eu me revolto quando vejo aquele tanto de números. Por isso que eu não gosto dessa denominação. Mas é uma coisa pessoal. Eu tenho colegas que nunca falaram, mas hoje se consideram. Da minha parte, é zero técnica. Eu acho que eu sou jornalista, antes de tudo.

[00:22:44] **Entrevistador:** É identificação mesmo, né? E a carreira? Você projeta a sua carreira ainda nessa área? Como você se vê? O que você pensa da sua carreira na área de jornalismo de dados ou de jornalismo?

[00:23:00] **Entrevistado:** Essa é uma pergunta boa. Eu vinha discutindo isso com alguns amigos. Eu sou do princípio que a gente tem que tentar ser o mais completo possível - esse é um pensamento muito pessoal. Eu acho que a gente tem que ter todas as experiências possíveis. É claro que uma hora você vai acabar se especializando em uma coisa ou outra e vai se aprofundar - é ótimo que isso aconteça -, mas eu valorizo muito a coisa do profissional completo. Eu tento isso, pelo menos em mim. Eu acho que eu não quero ser bom só nisso. Eu quero ser bom em outras coisas também. Hoje, eu mexo bem com isso e é uma área que eu me aprofundo, mas eu não quero ficar limitado a isso. Eu até brinco dentro da redação: “Eu não quero fazer só isso, sabe?”. Eu acho que tem outras coisas que me fascinam tanto quanto isso e que podem me ajudar lá na frente. Eu acho que você acaba se limitando muito. Eu vejo isso com alguns colegas. Alguns colegas mexem em Python, mexem em R, mas, na hora de ligar para uma fonte ou de ler e entender como funciona o STF ou como funciona a bolsa e a economia, acabam precisando de alguém. Não é que eu achei que eu sou suficiente sozinho. Odeio isso, inclusive! Eu sou adepto da colaboração. Odeio trabalhar sozinho e sempre quero trabalhar com mais gente, porque eu acho que a gente só ganha com isso. Você me perguntou como eu projeto a minha carreira, mas eu não sei muito bem como eu projeto a minha carreira. Mas é caminhando e a gente vai aprendendo e vai mudando. Eu fiquei um ano na Economia. Eu cobria IBGE, então saí com uma bagagem absurda. Mas é aquele negócio... Você chega em um momento em que você fala: “Cara, deu para mim!”. Eu acho que você ter esse *background* (mexer com dados, programar, etc) te dá algo que eu acho chave na profissão: autonomia. Você ganha autonomia. Você ganha liberdade para fazer as suas coisas. Uma coisa que me impulsionou a mexer um pouco no R em janeiro foi que eu queria ter autonomia. Eu sempre via a cobertura econômica no seguinte sentido: “É o estudo da consultoria tal”. Chamam de “estudo”. Eu odeio essa denominação, inclusive. Não é estudo; é levantamento! Estudo é outra coisa. Eu tenho problema também com essa coisa de estudo e levantamento, mas essa é uma outra questão. Eu queria ter autonomia, porque eu nunca gostei de ficar na mão dos outros. Eu acho que a gente tem que dar os seus próprios passos. A gente nunca tem que ficar correndo atrás. Uma das coisas que a Lava-Jato ensinou para a gente é que a gente não pode ficar

refêm das fontes do judiciário. A gente tem que dar nossos próprios passos - isso é óbvio. O jornalismo sempre fez isso e não pode ficar refêm do MP, da Polícia Federal, para construir uma narrativa. Cada um tem que dar seus próprios passos e fazer suas próprias apurações. Na Lava-Jato aconteceram algumas coisas relacionadas a isso, mas eu acho que em outros casos a gente ficou refêm do MPF e dos ordenamentos que aconteciam lá em Curitiba e nas outras repartições do MP. Na cobertura de Economia, eu sentia isso: eu não queria ficar refêm. Eu não queria ficar refêm de consultoria de dados e consultoria de tendência. Isso me irritava! Eu queria ter autonomia para ter as minhas próprias ideias, para tentar verificar se elas eram verdadeiras ou não, se elas eram suficientes sozinhas. Mexer com RAIS: era uma coisa que o SQL me limitava, mas era uma parte do meu trabalho. Mexer com dados da PNAD contínua.. A PNAD contínua é uma pesquisa amostral. Por ser uma pesquisa amostral, não é nada trivial. Eu nunca tinha mexido na vida. Eu precisava aprender porque eu queria mexer na PNAD contínua e precisa saber das coisas para fazer os planos amostrais, etc. Eu queria ter mais autonomia no meu trabalho e não queria ficar refêm das consultorias. Eu também queria testar algumas coisas. Você chega assim: “Eu estou com uma ideia disso, disso e disso”. Às vezes você não vai encontrar nada. Esses dias, eu até estava falando com uma amiga minha que estava cobrindo Economia. “Tem uma coisa que eu estava querendo muito fazer e que você pode fazer aí é o seguinte...” Eu cobri mercado de trabalho por muito tempo. Você começa a ver as coisas da pandemia, a questão da pressão sobre as mulheres (quádrupla jornada)... “A população está voltando, mas quem está voltando? Eu acho que quem está voltando são os homens” - eu tenho essa hipótese. “Dá uma olhada nisso daí”. Eu nem sei qual é a resposta. Mas esse é o tipo de coisa que eu queria ver, para testar. “Será que isso está acontecendo mesmo? Deixa eu abrir aqui e ver se isso está acontecendo”. Se isso estiver acontecendo, temos uma matéria. Se não estiver acontecendo, talvez a gente não tenha a matéria que a gente imagina. Talvez a matéria seja outra que a gente precise pensar mais. Se eu passar para um assessor ou para um investigador (“você pode levantar isso para mim, para ver isso?”), para o cara chegar e dizer que não está acontecendo nada? O cara perdeu o tempo dele, achou que a matéria ia sair, achou que ia ver o nome dele no jornal e não deu em nada! Qual é a conclusão? A conclusão é que não deu em nada. Então, eu sentia muito essa questão da autonomia. Muito desse processo mais rápido em 2020 tem essa questão da autonomia. Mas eu não sei por que eu comecei a falar de autonomia. Eu me perdi. Mas eu acho isso importante, eu acho. Eu acho que a gente tem que ter autonomia e mexer com dados te dar essa questão.

[00:29:50] Entrevistador: Você falou de autonomia, porque você estava falando de projeção de carreira. Você falou que foi para os dados por conta da autonomia.

[00:29:58] Entrevistado: Eu acho que é isso: a questão da autonomia.

[00:30:04] Entrevistador: Você trabalha, por exemplo, com pessoas que não são formadas? Tem uma equipe? Tem muito isso: tem um TI, um designer. Ou isso não acontece dentro da sua realidade?

[00:30:26] Entrevistado: Não! Isso não acontece dentro da minha realidade. *O Globo* não tem núcleo de dados. Já teve no tempo primórdio, antes de eu entrar no *O Globo*. *O Globo* acabou com isso, por várias razões. Eu nunca fui buscar razões. Acho que isso não interessa muito. Mas não existe mais. Então, eu não trabalho mais com pessoas de áreas diferentes. É diferente do que você vê na *Folha*, onde você tem lá biólogo. Você tem alguns lugares onde você tem estatísticos, designers. Mas isso não acontece comigo. O meu trabalho é quase solitário, mas faz parte. É do jogo. Acho ótimo, inclusive. Eu acho muito válido, acho ótimo que tenham pessoas de outras áreas...

[00:31:24] Entrevistador: Eu já ia perguntar isso.

[00:31:25] Entrevistado: Imaginei que fosse. Você já lançou, então eu pensei: “Ela já vai me perguntar isso”. Eu acho ótimo, eu acho ótimo! A minha opinião é um pouco polêmica. Acho que o jornalista pode até ganhar com isso. Acho que a gente não tem que ter reserva de mercado. “Mas o cara é biólogo” ou “O cara é formado em direito”. Eu acho ótimo! Se puder ajudar, estamos aí! Eu acho que alguém vai trazer um olhar diferente sobre a mesma coisa que a gente está olhando. Às vezes, a gente chega com um olhar muito viciado em certas coisas, em certas análises, em certas

práticas, nos tempos de produção, modos. Eu acho ótimo se tivesse estatísticos. A Renata tem uma visão ótima sobre isso. Ele fez jornalismo e agora faz estatística. Imagino que trabalhar com ela seja completamente diferente do que como eu trabalho hoje. Talvez ela vai me dar um olhar: “Mas será que isso está certo? Vamos pensar”. Eu acho que todo mundo ganha com isso. Eu não tenho esse lado e essa visão de que tem que ficar restrito a jornalistas etc. Eu acho que se alguém da TI quiser, “Vamos lá! Vamos fazer juntos”. Se um biólogo quiser fazer jornalismo, que ótimo! Vou ser bem sincero com você: eu lamento sempre o fim da obrigatoriedade do diploma. Eu acho isso horrível, por conta da precarização da profissão. Porém - chega a ser contraditório o que eu vou falar -, eu não vejo problema nenhum de essas pessoas trabalharem com jornalismo. Acho ruim o fato de não ter o diploma. Mas tem um pouco disso: essas pessoas também nem se consideram jornalistas. Algumas até falam, mas tudo bem. Acho que faz parte.

[00:33:15] Entrevistador: Como você vê essa atuação do jornalismo de dados no Brasil?

[00:33:22] Entrevistado: Eu quero te perguntar como os meus colegas responderam essa pergunta.

[00:33:26] Entrevistador: Nem sempre são as mesmas perguntas. A maioria responde nesse sentido que acha legal ter essa colaboração, que isso gera um crescimento muito bom. Acho que todos os que eu entrevistei.

[00:33:43] Entrevistado: Nessa área, a panela é boa. A gente organiza as respostas - mentira! Mas, nessa área, se você for mais dentro, nos mais tradicionais da redação, talvez essa resposta fique um pouco mais diferente.

[00:33:59] Entrevistador: Irei chegar lá. O que você acha do jornalismo de dados no Brasil?

[00:34:07] Entrevistado: Eu acho que a gente cresceu muito. Eu vejo o que era e o que é hoje e vejo um crescimento impressionante. Eu estava até lendo uns artigos no final de semana passado. A gente via que o Brasil nem figurava entre os principais. No caso do artigo, eles analisavam os envios para o antigo Prêmio de Jornalismo de Dados. Agora é outro prêmio. Mas, no ano passado, o Brasil foi o que mais mandou projetos ou foi o segundo que mais mandou projetos. Isso já mostra uma mudança do Brasil, nesse sentido. Eu acho que a gente evoluiu muito. A comunidade é muito ativa. Ela é muito aberta, então a gente se ajuda muito - isso é muito legal, muito importante. Eu acho que ainda tem muito a evoluir. Eu vejo, por exemplo, os Estados Unidos. Os caras estão em outro estágio. Mas eu acho que as questões que fazem os Estados Unidos e Europa (Alemanha, principalmente) deslançarem, nesse sentido, estão muito mais ligadas a como eles enxergam o jornalismo digital do que, propriamente dito, de como eles enxergam o jornalismo de dados. Oi? Espera aí. Só um minutinho. O que você estava perguntando? Me desculpa, Patrícia.

[00:36:04] Entrevistador: Era sobre o jornalismo de dados no Brasil.

[00:36:06] Entrevistado: Eu acho que tem dois aspectos. Um é sobre como eu acho que está muito bom e como tem evoluído. Outro ponto, eu acho que é mais sobre o jornalismo digital (não é nem sobre o jornalismo de dados). A gente pega questões de narrativas, que os outros veículos fazem... Não precisa nem ir muito longe, como os Estados Unidos. Vamos falar dos nossos vizinhos. Vamos olhar para os veículos aqui da América do Sul. Se você pegar Argentina, Peru, Colômbia, Venezuela, você vai ver *cases* de jornalismo digital incríveis, que a gente ainda está muito longe ou raramente aparecem no Brasil. Pega o jornalista do grupo Gabo, ou jornalistas da OEA. Você fica impressionado com a qualidade dos projetos dos caras. É lindo! É maravilhoso! É jornalismo de alto nível o que se produz na América do Sul, mas a gente percebe que aqui no Brasil... Tem muitos projetos no Brasil, claro, mas isso às vezes acaba ficando muito isolado, passa ao lado. Eu acho que, antes do jornalismo de dados, o nosso maior problema é o jornalismo digital. Eu acho que quando a gente crescer nessa área, saber mais, entender mais, dar mais estrutura, as coisas podem melhorar também para o jornalista de dados e as narrativas conversam. A partir do momento em que você tem mais estrutura para contar uma história no digital, você consegue fazer mais coisas com dados também. Eu acho que essas são

duas coisas que acabam dialogando muito. Mas eu acho que a gente cresceu muito. Comparando quando eu comecei com como a gente está hoje, os projetos são ótimos e são incríveis.

[00:37:52] Entrevistador: Deu uma evolução, né?

[00:37:54] Entrevistado: Deu uma evolução, mas eu confesso que sou um pouco saudosista. Eu gosto dos antigos. Tenho alguns colegas que ficam bravos. “Bom é quem está agora”. Eu sou super fã do José Roberto Toledo, sou fã do Daniel Bramatti, sou fã do Fernando Rodrigues, do Cláudio Abramo (que não está mais aqui entre nós). Esses caras botaram a pedra e fizeram isso antes de todo mundo, antes de a gente começar a pensar. Antes de a gente começar a passar a primeira linha de programação, esses caras já voavam. A gente tem muito mais a aprender com esses caras do que esses caras têm que aprender com a gente - mas é só um parêntese. Eu acho que é importante falar isso: esses caras colocaram uma pedra e faziam um jornalismo lá atrás que tinha muito do que é o jornalismo de dados hoje e pouco se denominavam como isso - o antigo RAC,

[00:38:53] Entrevistador: Eu entrevistei Toledo. É muito isso: “Eu fui fazer um curso e comecei com reportagem assistida por computador, que nem tinha nome ainda”. A gente vê esse núcleo que deu o pontapé.

[00:39:14] Entrevistado: É engraçado porque você vê os núcleos sumindo. *O Globo* teve núcleo, mas não tem mais. Sobre o *Estadão*, eu não sei. Mas vou falar pessoalmente: eu acho que o *Estadão Dados* não existe mais. Quem era o *Estadão Dados*? Já foi o T., mas ele não é mais do *Estadão Dados*. Depois, foi o B., que ainda está no *Estadão*. A C. trabalhou lá durante muito tempo, mas foi para a CNN. L. F. T. também saiu. Outros que estavam lá também saíram do núcleo de dados. Eu vejo que o *Estadão Dados* sempre voou no período eleitoral. Eu cresci lendo o *Estadão Dados* no período eleitoral. Eu cresci lendo o L. R. T. no *Estadão*. Eu não vejo metade do que eu faço no *Estadão*. É muito doido isso! Uma das minhas maiores inspirações, de quem eu parei para ler... “Cara, eu vou entrar nesse mundo eleitoral. O que eu preciso ler? Eu preciso ler tudo o que esses caras faziam”. Eu vejo o que eu faço e vejo que ninguém está fazendo mais, então acho que tem algum problema aí. Os caras não têm mais: *O Globo* não tem mais, o *Estadão* não tem mais. *A Folha* ainda tem o *DeltaFolha*. Mas dos grandes veículos só a *Folha* tem hoje. O *GI* tem o *GI Dados*. Mas não sei se o *GI* está chamando de núcleo de dados. Não sei qual é a denominação que o *GI* está usando, mas eles têm um núcleo lá que opera bem. Mas você vê que é uma raridade. Ao mesmo tempo que a gente está falando que o cenário está melhorando e está evoluindo e o jornalismo de dados cresceu e floresceu, a gente percebe que os núcleos especializados que existiam, hoje não existem mais. Se isso é bom ou se isso é ruim, eu não sei. Eu não tenho resposta para te dar, Patrícia. Eu não vivi como era antes e não sei falar se isso era bom ou se era ruim. Talvez a pessoa mais indicada seja alguém que viveu e viu essa questão até hoje. De certa forma, chega a ser até contraditório, né?

[00:41:32] Entrevistador: É! É uma boa observação. Será que isso se deve ao surgimento dos núcleos independentes (as agências)?

[00:41:45] Entrevistado: Eu acho que não. Eu acho que não. É doido você pensar nisso. Se você for pensar, lá atrás: “O mundo vai ficar mais informatizado”, “O mundo vai ficar mais digital”. Tem a ideia do *big data*. Aí você cria os núcleos. Você tem os núcleos, começa a fazer análise de dados. Começa um núcleo aqui, um núcleo ali. Beleza! Aí, você pula para 2020. Você está aí discutindo 5G, você tem o mundo de *big data* infinitamente, as coisas estão cada vez mais pesadas, você tem cada vez mais conhecimentos, e esses núcleos não existem mais. É doido você pensar nisso, sabe? Não é que, para ter uma matéria, você precisa ter um núcleo. Acho que uma coisa não está relacionada a outra. Mas é muito maluco você pensar que lá atrás, quando começou a se discutir isso, alguém teve a brilhante ideia: “Vamos fazer um núcleo disso”. Agora, quando isso está mais inserido do que nunca, a gente não tem isso. Respondendo a sua pergunta: eu acho que não está relacionado às agências, não. Acho que está mais relacionado às escolhas editoriais dos jornais. Talvez quem coordena os jornais sejam pessoas que têm mentalidade mais tradicional do jornalismo e nunca viram o valor naquilo que era produzido. É uma impressão que eu tenho. Eu não tenho respostas para isso, sabe?

[00:43:12] **Entrevistador:** Você está me fazendo questionar também aqui.

[00:43:15] **Entrevistado:** Eu não sei, mas eu não consigo ver relação com as agências. As agências prestam muito pouco serviço freelancer para as redações. O jornalismo de dados que existe nos jornais tradicionais hoje é feito por jornalistas da casa. Vou dar exemplo do Sérgio, que eu conheço bem (ele é meu amigo). O Sérgio criou o *Volt*. É difícil você ver o *Volt* fazendo matérias para a *Folha* ou para o *Estadão*.

[00:43:46] **Entrevistador:** São mais projetos, né?

[00:43:47] **Entrevistado:** São mais projetos, sabe? Eu não me recordo de uma agência que tenha surgido nessa área que tenha feito isso. Por isso eu fico pensando que está mais relacionado (isso é uma hipótese e eu não tenho uma resposta) à mentalidade da redação, de quem coordena, de quem chefia, de achar que aquilo não tem valor (“Aquele bando que mexe com número só serve para mexer com número e fazer regra de três”) do que propriamente ao surgimento e popularização das agências.

[00:44:22] **Entrevistador:** Entendi!

[00:44:25] **Entrevistado:** É difícil! Eu não tenho resposta pronta. Vou te contar uma historinha. Eu comecei a esboçar, mas eu acho importante para mostrar por que eu acho isso. Essa história não aconteceu comigo, mas foi uma colega que trabalha comigo que contou. Uma vez perguntaram: por que *O Globo* acabou com o núcleo de dados? A resposta de uma editora-executiva foi a seguinte: “Para que precisa de um núcleo desses? O que eles fazem de legal?”. Eles, no caso, eram o *DeltaFolha*. Eu acho que tem um pouco disso. É um pouco dessa questão da visão dos editores. É muito baseado nessa história, que eu acho que explica muita coisa.

[00:45:06] **Entrevistador:** Sim, sim. Tem sentido!

[00:45:14] **Entrevistado:** Nós, jornalistas, falhamos em uma coisa, que é pegar na mão e falar “Olha só como se faz isso!”. Muitas vezes, eu acho que isso não está claro. Muitas vezes as pessoas acham que é fácil. Eu acho que tem uma mentalidade de que é fácil. Eu vivi muito isso na Economia. Essa coisa de você querer ter autonomia é um pouco disso: “Pede para a consultoria tal”. Acabou! Acho que tem um pouco de comodismo ali. Acho que tem um pouco das redações cada vez mais enxutas, cada vez com menos pessoas. “Por que eu vou deixar um cara fazendo só isso?”. Tem várias explicações para isso. É uma pena! Eu acho uma pena. Se você me perguntar “Você gostaria de trabalhar em um núcleo desse?”, eu gostaria. Seria uma experiência bacana. Mas eu acho que eu iria me irritar muito em ficar fazendo só isso.

[00:46:23] **Entrevistador:** Para mim, está ok. Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar ou queira falar?

[00:46:31] **Entrevistado:** Eu queria acrescentar só uma coisa. Eu não falei isso, mas eu acho que está dentro do contexto que a gente conversou. Eu quero frisar duas coisas que eu acho importante. Uma é que nada disso seria possível se eu não corresse atrás. Eu acho isso um absurdo! Eu acho isso um absurdo! É um absurdo a gente ficar falando de uma coisa que está na ordem do dia e não ser ensinado na faculdade. Isso é um absurdo! É um absurdo isso nunca ter sido falado na faculdade. É um absurdo que isso nunca tenha sido falado na faculdade. É um absurdo que os currículos das faculdades todas ainda sejam muito aquém do que deveria ser para atender as necessidades do profissional. Eu acho que isso passa por todos com quem você conversou: acho que tenha sido difícil ter alguém que tenha tido essa experiência dentro da faculdade.

[00:47:15] **Entrevistador:** ...na formação, né?

[00:47:19] **Entrevistado:** Eu saí da faculdade não tem muito tempo. Eu saí da faculdade no ano passado. É muito doido você pensar nisso. O primeiro ponto que eu queria frisar era isso: essa

necessidade que os cursos se aprimorem, mudem e entendam qual é o jornalismo que se faz hoje e quais são as habilidades, conhecimentos que esse profissional tem que ter para executar a sua função. É superimportante aula de impresso, é superimportante aula de diagramação, é superimportante aula de revista, é superimportante aula de web, é superimportante aula teórica. Eu não desconsidero nada disso. Mas eu acho que a gente tem que aumentar. Se não dá para tirar, a gente tem que aumentar. Mas eu acho que dá para tirar. Se a gente parte do pressuposto que não dá para tirar, vamos aumentar e vamos colocar coisas importantes que o profissional tem que ter. Eu acho que esse é o ponto que eu acho que tinha que frisar. É muito triste isso! É muito triste você deixar na mão de uma pessoa certas coisas. Eu acho que a faculdade está aí para isso: para ampliar e fomentar esses conhecimentos nos alunos. Se não for para ensinar diretamente isso, que seja para mostrar e dar uma iniciação mínima que isso existe e quais são os caminhos. Eu lamento muito que eu não tenha tido essa experiência. Graças a Deus, eu tive a oportunidade e privilégio de fazer um curso no Knight Center, de pagar um curso aqui, pagar um curso lá. Eu fiz também muita coisa gratuita. Não é todo mundo que tem essa oportunidade! Não é todo mundo que tem essa oportunidade! Ainda é uma coisa restrita, muito elitista, quando as faculdades deveriam estar ensinando isso. Lá no começo, eu nunca tinha escutado falar. Eu escutei falar de jornalismo de dados por acaso em um curso do Knight Center. Talvez se eu nunca tivesse escutado, eu não estaria mexendo com isso.

[00:49:20] Entrevistador: Eu tenho uma amiga do doutorado que está pesquisando sobre as grades curriculares em jornalismo de dados no Brasil. Ela partilha muito a dificuldade. Quando tem no currículo, é uma coisa muito teórica, de fazer uma revisão do que está sendo feito. Não tem nada muito prático, sobre o que de fato a coisa é.

[00:49:44] Entrevistado: Patrícia, eu sinto duas faltas. Eu saí da academia no ano passado. Você está aí há muito mais tempo que eu. Uma crítica que eu faço é que eu sinto falta de duas coisas. Eu acho que o seu estudo é superbacana e eu acho importante que ele exista e ele toca em um ponto que eu acho que falta muito no jornalismo brasileiro, que são questões atuais ou respostas para problemas atuais que temos. Eu acho que a academia brasileira... O grande método do seu trabalho - e eu te parabeno por isso - é tentar trabalhar um negócio que é muito atual e problematizar em cima dele. Isso falta disso! Se tem duas coisas que me fascinam, uma é o estudo de jornalismo de dados. Eu acho que a gente precisa melhorar muito. Os estudos lá fora são incríveis nessa área. O segundo é modelo de negócio. Modelo de negócio é algo que eu adoraria saber mais, eu adoraria aprender mais na faculdade. Eu acho que a gente peca muito nisso. Não se fala nem se estuda isso. Não se estuda modelos de negócios. Tem aula do cara explicando os tipos de *paywall*. Você tem o *paywall* poroso, você tem o com barreira, o sem barreira. Eu fico imaginando que deve ser um inferno uma aula dessas. Deve ser chata! Mas você tem que ensinar para o cara. Uma hora o cara vai entrar em uma redação e ele tem que ter uma mínima noção de métrica, uma mínima noção de modelo de negócio. Ele tem que entender para onde vamos, para onde queremos ir. É isso! Eu frisaria esses aspectos contigo, porque eu acho que a academia tem muito a aprimorar. A gente vai entrar em outras questões relacionadas à grade curricular do jornalismo, etc. Eu sempre me lembro do vídeo do Fernando Rodrigues. É um dos documentários que, se eu não estou enganado, fala da obrigatoriedade do diploma. “Fábrica de notícias” - alguma coisa assim.

[00:51:58] Entrevistador: Isso!

[00:52:00] Entrevistado: O Fernando Rodrigues defende que o jornalismo não tinha que ser uma graduação. O jornalismo tinha que ser um curso técnico. Se eu não estou enganado, é ele quem defende isso. Eu assisti àquele documentário duas vezes, sendo uma delas na faculdade. Depois desse vídeo, eu fico sempre pensando se a nossa grade é muito grande ou não. Ele falou isso há muito tempo e aquilo até hoje me martela. Todas as vezes que eu sou convidado a falar sobre grade, aquela frase do Fernando volta a minha cabeça e me faz pensar se é isso ou não. Eu não tenho respostas nem sei se é. Eu acho que a gente aprende muita coisa na faculdade. Acho que algumas coisas são desnecessárias hoje em dia; outras são úteis e essenciais em qualquer momento da nossa vida, seja no jornalismo da década de 40 ou do século XXI. Eles são importantes e é importante que eles tenham mesmo. Era só isso mesmo!

[00:53:08] Entrevistador: Está ótimo! Muito obrigada pela sua fala, pela sua contribuição

[00:53:16] Entrevistado: Imagina! Eu que agradeço! Eu falo rápido para caramba, mas espero ter sido claro nessas ideias.

[00:53:20] Entrevistador: Foi, sim. Eu te agradeço. Depois, só me confirma o seu e-mail.

[00:53:25] Entrevistado: Deixa eu te falar uma coisa que eu acho importante e que eu não falei. Eu acho importante falar e eu esqueci completamente de falar. Na sua pergunta “como está o jornalismo de dados?”, tem uma coisa que eu queria falar. Sim, nós melhoramos muito. A gente cresceu muito onde foi possível crescer. Eu acho que a gente tem uma dificuldade muito grande nessa questão. Eu trabalhei na Tribuna de Minas, ou seja, eu comecei a minha vida profissional em um jornal do interior. Eu fiz um projeto lá. Depois, posso até te mandar. É muito difícil! Você fica ali em uma função muito solitária - mais solitária do que nunca, porque você está trabalhando sem estrutura, sem ferramenta, sem nada. Sim, nós melhoramos, mas a gente ainda precisa melhorar muito nessa questão da desigualdade. O jornalismo de dados tem que crescer muito no interior e a gente precisa criar condições para que ele floresça. Ele não vai florescer sozinho. É ilusão pensar que isso vai acontecer sozinho. Nesse ponto, são louváveis as iniciativas da Abraji, Facebook, etc, que fizeram aquele curso de jornalismo local. Superbacana! Superimportante! Mas acho que a gente precisa de mais e precisa florescer o jornalismo local. Eu acho que é um espaço que a gente tem que valorizar e crescer.

[00:54:53] Entrevistador: A gente vê muito a centralização Sul-Sudeste. É muito forte!

[00:54:56] Entrevistado: Eu odeio isso! A gente fica muito no Sul e Sudeste, cara. A gente tem um Brasil que a gente ignora. No Amapá está faltando luz. Cadê essa caralha dessa discussão? A gente está ignorando! Antes de você entrar aqui, teve um colega que trabalha comigo, que acabou de me mandar mensagem: “Gente, acabei de mandar mensagem para o TSE, perguntando se vai ter eleição”. A gente não pode ignorar. Pode demorar 15 dias para os caras terem luz. Vai acontecer a eleição, sem luz?

[00:55:38] Entrevistador: Sem o básico!

[00:55:39] Entrevistado: O básico! O Brasil é muito desigual. A gente fica falando de modelos de negócio, mas a gente precisa, primeiro, entender como é o Brasil. Só para a gente encerrar e juntando com um negócio que nunca acaba, que é a eleição americana... No fim, vira isso. Se você pegar o mapa dos Estados Unidos, o interior inteiro é trumpista. Tem uma infografia ótima, que está circulando: tem um mapa vermelho no interior. O Brasil vira isso. Ontem eu estava em um curso, e o cara estava falando isso (um professor da Universidade de Columbia): o quanto a gente ignora e o quanto 2016 foi uma surpresa para os caras. Eles viviam nos grandes centros e não tinha noção que existia esse pensamento conversador trumpista no interior do país. Os caras ficavam dentro do seu próprio meio, do seu próprio núcleo e da sua própria bolha, sem ter noção do todo. A gente fica falando de Sul e Sudeste, mas o Brasil é imenso e a gente não está vendo isso. A própria popularidade do Bolsonaro diz muito sobre isso. A gente só deixa para falar das surpresas nos períodos eleitorais. Mas vamos falar a verdade: que analista político parou para analisar, quando ele botou o auxílio emergencial... Quando ele botou o auxílio emergencial, eu mandei mensagem para um amigo meu e falei assim: “Pode esperar que ele vai subir. Isso é trivial”. Na primeira matéria que eu fiz, eu falei: “Isso tem um potencial brilhante”. Você está dando nove meses de Bolsa Família em um mês, porque a família monoparental ganhava R\$ 1.200,00. Subiu a popularidade. “Oh, meu Deus! A popularidade do presidente...”. É isso! A gente não pode ignorar, não.

[00:58:18] Entrevistador: Eu também concordo!

[00:58:23] Entrevistado: Você é da Paraíba. Você sabe disso! É isso, Patrícia. Me desculpa pelo parêntese, mas eu achei importante colocar.

[00:58:35] **Entrevistador:** A entrevista é aberta, justamente, para isso: para a gente colocar os parênteses, recolocá-los e falar. Então, eu agradeço a sua participação, o seu tempo. Obrigada! Foi ótimo!

[00:58:46] **Entrevistado:** Espero ter ajudado. Se você precisar de ajuda em qualquer pergunta que tenha faltado, me manda um WhatsApp que a gente tenta ajudar e eu te respondo da melhor maneira possível.

[00:58:56] **Entrevistador:** Ótimo! Há um mito que eu vou defender...

[00:59:15] **Entrevistado:** Não é um mito, não. Isso é um fato e que será consumado.

[00:59:19] **Entrevistador:** Isso! Vamos acreditar. Quando estiver publicada, eu mando uma via para vocês que concederam a entrevista. Você pode me confirmar o seu e-mail, para eu mandar o termo para você assinar para mim?

[00:59:32] **Entrevistado:** Posso te mandar no WhatsApp? É mais fácil. Te mandei já.

[00:59:41] **Entrevistador:** Obrigada! Tenha um bom final de semana. Eu te mando já o termo no e-mail.

[00:59:43] **Entrevistado:** Está joia! Obrigado você, Patrícia. Boa sorte para você e bom trabalho.

[00:59:47] **Entrevistador:** Obrigada, obrigada.

[00:59:50] **Entrevistado:** Que dê tudo certo! Qualquer coisa, é só me perguntar. Estou à disposição no que você precisar. Quem mais você vai escutar, além de mim?

[00:59:58] **Entrevistador:** Eu queria que você me indicasse alguém. Eu estou em contato com a Renata. A Natália, eu tinha combinado, mas não deu certo, então a gente está revendo uma data. Tem mais alguém para me indicar?

[01:00:10] **Entrevistado:** Escuta a Amanda Rossi. Eu sou fã da Amanda. O meu primeiro projeto no jornalismo foi culpa da Amanda.

[01:00:24] **Entrevistador:** Você tem o contato dela?

[01:00:25] **Entrevistado:** Tenho, tenho. Eu te encaminho depois.

[01:00:28] **Entrevistador:** Ótimo! Eu digo que você me indicou e a gente vai marcando.

[01:00:35] **Entrevistado:** Eu te encaminho o contato dela, sim. Eu acho ela ótima para você falar.

[01:00:42] **Entrevistador:** Vou marcar então.

[01:00:44] **Entrevistado:** Ela fez parte *do Estadão Dados*, logo lá no começo. Ela é premiadíssima. Ela dispensa apresentações.

[01:00:52] **Entrevistador:** Maravilha! Eu agradeço a indicação, inclusive.

[01:01:00] **Entrevistado:** Eu sou suspeito, porque eu sou meio fã clube, entendeu? Vou falar com ela: “É óbvio que eu te indiquei”. Mas é isso!

[01:01:14] **Entrevistador:** Valeu! Obrigada, viu?

[01:01:15] **Entrevistado:** Por nada, Patrícia! Um beijo para você. Bom trabalho!

[01:01:17] **Entrevistador:** Um beijo! Obrigada! Para você também. Tchau, tchau!

Entrevistado 8:

[00:00:01] **Entrevistador:** Eu acabei de enviar para o seu e-mail o termo de livre consentimento, que é do comitê de ética. Sempre que a gente faz entrevistas acadêmicas, eles sempre pedem assinatura de quem a gente entrevistou.

[00:00:12] **Entrevistado:** Tudo bem!

[00:00:14] **Entrevistador:** Depois, se você puder assinar e me devolver pelo e-mail, eu agradeço bastante. Vou colocar aqui para gravar no Skype. Ok, está gravando. Vamos lá iniciar. Primeiro eu quero agradecer a sua disponibilidade. O Sérgio que me indicou. Eu falei: “Vou entrar em contato”. É sempre bom quando a gente recebe um positivo, de vocês terem a vontade de participar de uma pesquisa de doutorado (ou uma dissertação de mestrado). A perspectiva da pesquisa é discutir o jornalismo de dados, muito mais pelo olhar dos profissionais que atuam nesse campo, sendo jornalistas ou não. Eu conversei já com o Mariani. É interessante ver esses vários olhares dos atores dessa área. Várias pessoas me indicaram você, na verdade.

[00:01:10] **Entrevistado:** Ah, que bom! Legal!

[00:01:11] **Entrevistador:** Eu entrevistei o Sérgio. Ele falou: “Você tem que falar com a ela”. Outras pessoas já tinham me dito também. Então, obrigada pela sua disponibilidade.

[00:01:18] **Entrevistado:** Imagina! Eu que agradeço o interesse e o convite.

[00:01:21] **Entrevistador:** Que bom! Vamos lá! É uma entrevista aberta, então você fica livre para falar o que você quiser, da forma que você quiser, na ordem que você quiser. Eu sempre começo por uma pergunta básica, que é sobre a formação. Como você escolheu? Eu vi que você não está só no jornalismo e que você está fazendo estatística agora. Eu queria que você falasse um pouquinho da sua formação. Como surge essa escolha, essa vontade? Depois, você pode partir para a sua carreira profissional (os lugares que você passou, a sua experiência), para a gente começar um pouquinho essa conversa.

[00:01:52] **Entrevistado:** Certo! Eu me formei em jornalismo primeiro. Eu nunca tive muita afinidade com essa área de dados. Eu nem sabia que o jornalismo de dados existia, na verdade, quando eu estava na faculdade ou quando eu tinha acabado de me formar. Meu interesse surgiu mais pela parte de visualização, no início. Eu cheguei a fazer um *workshop* de visualização de dados, muito tempo atrás, quando eu estava na graduação ainda. Isso ficou um pouco, mas não o suficiente para eu migrar para essa área de dados, propriamente dito. Em 2017, quando eu comecei a fazer a graduação em estatística, era um pouco [inaudível], mas também [inaudível] disposta a mudar de área.

[00:02:54] **Entrevistador:** Desculpa te interromper, mas está cortando muito. Você está travada e eu não entendi basicamente nada. Se você quiser tirar a imagem... Eu não sei se é a internet. Você consegue me ouvir bem, né?

[00:03:37] **Entrevistado:** Bom, eu ingressei...

[00:03:48] **Entrevistador:** Você se importa de a gente entrar de novo? Não está audível. Eu não consigo te ouvir.

[00:03:53] **Entrevistado:** Está bom! Eu vou sair e entrar de novo.

[00:03:56] **Entrevistador:** Beleza! Obrigada!

[00:05:16] **Entrevistado:** Oi! Acho que agora foi!

[00:05:17] **Entrevistador:** Oi! Sim, sim, sim. Estou aqui.

[00:05:20] **Entrevistado:** Está me ouvindo?

[00:05:22] **Entrevistador:** Estou te ouvindo bem. Desculpa ter que começar de novo, mas é porque ficou...

[00:05:27] **Entrevistado:** Imagina! Sem problema!

[00:05:31] **Entrevistador:** Vai lá então!

[00:05:32] **Entrevistado:** Tá! Eu estava falando que eu tinha me interessado muito por essa parte de visualização (infografia) no começo, né? Mas quando comecei a fazer a minha segunda graduação em estatística, na verdade, o meu interesse era trazer outras habilidades para o jornalismo, mas era, principalmente, ter um plano B, para tentar mudar de área talvez. Eu estava em um período no qual eu já tinha me formado, eu tinha passado por algumas experiências, mas eu estava trabalhando principalmente com “freelas”, então eu estava em uma situação bastante instável entre empregos. Aí, eu decidi fazer uma segunda graduação e escolhi estatística, justamente, porque eu achava que podia ser, de certa forma, útil para o jornalismo, mas porque eu queria mudar de área mesmo. Eu descobri o jornalismo de dados depois disso, quando eu fui trabalhar com o Sérgio no Volt, em 2017. Foi durante o meu primeiro ano de estatística. Ele estava procurando alguém para uma bolsa e eu achei que eu tinha o perfil da vaga: que era alguém mais analítico, mas que tivesse alguma experiência com jornalismo. Eu passei no processo seletivo. Continuei colaborando com o Volt e continuo até hoje. Foi assim que eu acabei me interessando e entrando nesse mundo do jornalismo de dados. Eu conheci o Sérgio e eu conheci toda a comunidade de jornalismo de dados, o que foi muito importante, nessa época, para mim, porque, como eu falei, eu não tinha nenhum contato com esse mundo. Eu sabia muito pouco. Eu seguia alguns veículos que fazem uso de dados, como o *Nexo* e o próprio *Volt*, mas eu nunca tinha de fato trabalhado com isso e também não conhecia muito como era essa área. Então, foi mais por meio do próprio *Volt*, do trabalho e da comunidade de jornalismo de dados, que, no Brasil, ainda não é tão grande assim, mas tem crescido muito nesses últimos anos e é um pessoal muito bacana. A gente sempre se encontra nos congressos (Congresso da Abraji, CODA - que é o evento da Escola de Dados sobre jornalismo de dados). A gente criou uma amizade mesmo, então a gente ia para o bar depois do congresso, ficava conversando sobre dados. A gente tem um grupo no WhatsApp e no Telegram. Então, eu fui entrando nesse mundo do jornalismo de dados dessa forma.

[00:08:17] **Entrevistador:** Através da rede de colaboração então?

[00:08:20] **Entrevistado:** Oi?

[00:08:21] **Entrevistador:** Através da rede de colaboração que você teve esse contato, né?

[00:08:26] **Entrevistado:** Isso, isso. Para mim, era tudo muito novo. Eu nem sabia que existia o jornalismo de dados, então foi muito legal ver o jornalismo sob essa perspectiva. Lá em 2017, eu estava disposta a mudar de área. Eu estava indo para a estatística e eu nem pensava em voltar tanto para o jornalismo, porque essa era a realidade daquela época para mim. Eu acabei voltando para o jornalismo por outro meio.

[00:08:57] **Entrevistador:** Você já terminou estatística, né?

[00:09:00] **Entrevistado:** Ainda não. Estou no penúltimo ano.

[00:09:03] **Entrevistador:** Você voltou para o jornalismo através da estatística, né?

[00:09:08] Entrevistado: Sim! Pois é! Do jeito mais inusitado, né?

[00:09:12] Entrevistador: Pois é! Interessante! Me fala um pouquinho da sua construção de carreira. Eu vi que você falou do Volt. Antes do Volt, como foi isso - o jornalismo, em si? Como você faz essa linha da sua carreira?

[00:09:28] Entrevistado: Eu passei por alguns veículos ainda durante a graduação, no estágio. Eu estagiei, lá no começo, em alguns *sites* de notícias: o Olhar Digital, voltado para tecnologia; o Opera Mundi, voltado para política internacional. O Opera Mundi, em específico, eu passei depois de formada já. Estagiei também na Agência EFE, que foi uma grande escola para mim. Lá foi a primeira redação de fato, onde tive que lidar com notícia quente, *hard news*. Foi bem interessante! Em todos esses lugares, eu não fiquei tanto tempo. Eu fiquei menos de um ano. Também passei pela *Editora Abril*, na Viagem & Turismo. Inclusive, enquanto eu estava na Espanha e em Portugal, fazendo um intercâmbio, eu colaborava com a Viagem & Turismo de lá. Foram experiências bem legais, mas, ao mesmo tempo, muito diferentes do que eu faço hoje dentro do jornalismo. Depois, eu fui trabalhar no Volt. Logo depois, em 2018 ou 2019 (se eu não me engano), eu fui estagiar em estatística mesmo: eu fui trabalhar na MarketData, que é uma agência de marketing, basicamente, voltada mais para essas funções mais *data driven*. Eu estagiava na área de estatística dentro dessa agência. Foi uma decisão que eu queria tomar naquela época: se eu voltava de vez para o jornalismo ou se eu ia para a estatística. Eu nunca tinha trabalhado, de fato, com outros estatísticos em uma área que fosse só focada nisso. Eu conversei com o Sérgio e eu decidi ter essa experiência, para ver se era o que eu queria e se eu queria de fato seguir nessa área mesmo ou se eu voltava para o jornalismo. Foi uma experiência muito boa. Eu aprendi muito! As pessoas lá eram muito boas. Eu acabei indo para lá muito por causa das pessoas mesmo. Eu me lembro até hoje que, quando eu fiz a entrevista, eu estava: “Vou ver como é”. Eu estava feliz no Volt, claro, mas eu fui convencida durante a entrevista por causa das pessoas. Eu vi que era um ambiente muito legal de trabalho e que as pessoas eram muito boas. Outros colegas já tinham me recomendado, porque já tinham passado pela MarketData também. Eu acabei indo para lá, mas também fiquei uns seis meses, mais ou menos, que foi o período de estágio. Depois, eu saí para voltar a trabalhar com o Sérgio, no Vórtex Mídia, que era um *site* novo de jornalismo de dados. O Sérgio montou uma equipe super bacana em um núcleo de dados. Infelizmente, o *site* não durou muito tempo. Depois disso, eu voltei a colaborar com mais frequência para o Volt. Agora, além do Volt, eu trabalho também na Associação Brasileira de Jurimetria. Eu não sei se você conhece, mas é basicamente a estatística aplicada ao direito. A gente faz muita pesquisa, levantamento de dados de processos. Tem as pesquisas grandes, que são os observatórios, né? Também a gente ajuda muito a comunidade de jurimetria, que são pesquisadores que estão fazendo tese de doutorado e precisam da nossa ajuda para levantar dados dos tribunais de justiça. É como se fosse - um pouco - uma instituição de pesquisa.

[00:13:31] Entrevistador: Entendi! Legal! Você teve, no período formativo no jornalismo, algo específico voltado para o jornalismo de dados ou alguma disciplina ou se falou isso durante a sua formação em jornalismo?

[00:13:49] Entrevistado: Não, não! De jeito nenhum! O pouco que eu vi foi nesse *workshop* que eu fiz durante o intercâmbio. Não tinha nada a ver com a minha faculdade mesmo. Eu tive muito pouco - para não dizer nada - dessa parte de dados, tanto que eu nem sabia que isso era uma área e que estava nascendo no Brasil.

[00:14:16] Entrevistador: Então, na formação, nada, né? É interessante. Eu sempre faço essa pergunta porque a maioria... Acho que hoje só que as grades curriculares estão tendo a disciplina de jornalismo de dados, mas, mesmo assim, acho que é muito mais uma coisa teórica do que na prática, sabe? É importante para a gente perceber como o jornalismo de dados é visto, principalmente dentro desse processo formativo, né?

[00:14:40] Entrevistado: Sim! Mesmo não dando esse nome “jornalismo de dados”... Por exemplo, quando eu fui fazer intercâmbio em Lisboa, eu me lembro que eu fiquei muito surpresa que estatística

era uma matéria que eles tinham no primeiro ano no curso de jornalismo. Isso me chamou a atenção. É uma coisa que, na época, a gente passava muito longe, né?

[00:15:08] Entrevistador: Sim, sim! Você está na área de estatística e tal, então eu acho que a sua visão seria interessante para essa pergunta: em relação às competências, você teve que fazer cursos? Você teve que fazer algo em relação à competência para programar? Eu acho que você programa, né? Para estar na área, acho que a estatística veio mais natural para ti, como escolha natural, mas para atuar nessa área, você teve que procurar outras competências e habilidades? Você acha que isso é necessário para atuar no jornalismo de dados?

[00:15:46] Entrevistado: Eu acho. Na verdade, essas competências vieram muito pela minha formação em estatística. Por exemplo: para programação, a gente tem duas matérias de introdução à computação dentro da grade obrigatória de estatística. Foi uma das matérias que eu mais gostei nos primeiros anos. Inclusive, eu até considerei mudar da estatística para a ciência da computação, mas, felizmente, eu não mudei, porque eu gosto muito da estatística. Eu acho que sim. Faz muita diferença para o jornalista de dados saber programar, mas não só isso: ter uma visão um pouco mais não só analítica, mas também entender certas suposições e hipóteses que fazem parte do pensamento científico. No jornalismo, a gente não está tão acostumado a lidar com esse tipo de modo de pensar os problemas.

[00:16:56] Entrevistador: Você acha que a estatística te deu um diferencial nesse sentido, né?

[00:17:00] Entrevistado: Eu acho que sim. Eu cheguei a fazer cursos por fora (curso de R, por exemplo), mas eu não diria que foi fundamental para minha atuação no jornalismo de dados. Foi muito mais pelo meu próprio interesse e para outras coisas também: para análise de dados, tanto no meu trabalho como estatística, que, de certa forma, eu acabo aproveitando para o jornalismo. Eu acho que essas coisas vêm ao longo do tempo. Mesmo que você não faça um curso, esses primeiros passos de entender a lógica da computação, a matemática... Acho que essas são as maiores diferenças em relação à formação normal de um jornalista. Tem muito curso online, tem muito curso grátis que, hoje em dia, é muito mais acessível para quem quer começar a estudar. Na minha opinião, é mais fácil de você aprender do que a parte mais teórica e pensar de forma probabilística, por exemplo.

[00:18:23] Entrevistador: Entendi! Em relação à identidade e à autodeclaração, você se declara jornalista de dados? Como é isso para ti?

[00:18:33] Entrevistado: Hoje, sim, eu me considero jornalista de dados, mas, durante muito tempo, eu fiquei nesse limbo, que eu não sabia se eu pendia mais para o jornalismo ou se eu tendia mais para a estatística. Hoje em dia, eu sinto que eu consigo transitar melhor entre essas duas áreas e encontrar o meu lugar, que é dentro do jornalismo de dados, exatamente essa intersecção entre essas duas áreas.

[00:19:00] Entrevistador: Hoje você se considera jornalista de dados?

[00:19:05] Entrevistado: Sim! Até porque eu ainda não sou formada em estatística, então eu não me sinto confortável dizendo que eu sou mais estatística do que jornalista.

[00:19:13] Entrevistador: E quando se formar?

[00:19:17] Entrevistado: Aí, eu não sei! Eu acho que vai depender muito da minha atuação no momento, no que eu estiver trabalhando. Hoje, como eu estou tanto na ABJ (como estatística) quanto no Volt (como jornalista), eu acho que eu ainda consigo falar que eu estou com um pé em cada lado.

[00:19:41] Entrevistador: Entendo! A gente vê que tem muito essa colaboração de outras áreas ou de profissionais que não são formados em jornalismo, nesse âmbito de atuação do jornalismo de dados. Eu não sei se você atua com outras pessoas, que são de outras áreas, mas, com certeza, tem contato, né? Qual é a sua percepção diante disso? Você acha que isso é bacana? Isso é legal? Isso traz um

processo diferente para o jornalismo? Como você enxerga essa atuação e essa colaboração de outros atores nesse campo?

[00:20:19] Entrevistado: Eu acho que eles só enriquecem o jornalismo, de forma geral. Por exemplo, a comunidade que a gente tem de jornalismo de dados tem muitos jornalistas, mas também tem muitas outras pessoas de outras áreas: tem muita gente da ciência política, por exemplo. O pessoal da GV, por exemplo, programa em R também e eles divulgam muito essa parte do grupo de estudos deles por meio das comunidades de R também. O Mariani, que você entrevistou, também veio de outra área. Esse ano, com a cobertura da pandemia, muita gente da área de saúde entrou também no nosso grupo. Foi muito legal ver a cobertura da pandemia sob outras perspectivas. Dentro do *Vórtex*, por exemplo, que foi o veículo onde o Sérgio montou essa equipe de dados, apesar de todo mundo ser formado em jornalismo, cada um tinha uma área de interesse um pouco diferente: eu estava na estatística; o Rodolfo Almeida, que veio do *Nexo*, focava mais na parte de design e visualização; a Gabriela Pessoa era a pessoa que nos colocava um pouco no chão porque ela tinha muito esse faro jornalístico de buscar as coisas e encontrar o lead das matérias e amarrava muito bem a equipe; o Lucas Lago era o único que de fato não era formado em jornalismo (era engenheiro), e ele trazia uma expertise maior para essa área de estrutura e dados. Era uma equipe que trabalhava muito bem junta. Eu acho que a gente vê isso em outras redações também e na comunidade, de uma forma geral. Tem muita gente do direito, das Ciências Sociais. Agora, esse ano, entrou muita gente da saúde. Acho que isso acaba enriquecendo muito o jornalismo, porque a gente tem uma formação muito generalista. Eu acho importante ter pessoas que são especialistas em certas áreas para a gente poder ter uma visão maior daquilo que a gente está fazendo.

[00:22:53] Entrevistador: Sim! Como você vê o jornalismo de dados no Brasil? Qual é a sua visão?

[00:23:02] Entrevistado: Eu não sei se eu tenho muito a acrescentar sobre isso, mas não é porque eu não atuo, porque eu atuo muito nessa área, mas eu acho que o jornalismo de dados está sendo muito feito em iniciativas menores, como o *Volt*, como a revistas *Azmina* (a gente tem tido parcerias com elas, que têm sido muito legais), o *Nexo*, a *Gênero e Número* (que é um *site* voltado para a questão de gênero e dados). As grandes redações (*Folha*, *Estadão*)... A impressão que eu tenho, de fora, é que talvez os núcleos de dados não sejam tão integrados. O ritmo da produção do jornalismo de dados é muito diferente da produção jornalística usual. Isso é uma perspectiva de alguém olhando de fora.

[00:24:13] Entrevistador: Mas é interessante isso o que você fala, porque outras pessoas também colocaram isso, em relação às iniciativas mais independentes e as redações, digamos assim, mais tradicionais. Essa atuação é muito diferente. Talvez a gente vivenciasse, no Brasil, uma atuação independente ou de outros tipos de veículos do que, necessariamente, dos veículos tradicionais ou maiores. É um dado interessante para a gente pensar sobre essa atuação e sobre esse campo no Brasil. Várias pessoas têm falado disso. É um dado muito interessante para a gente pensar essa perspectiva do jornalismo de dados na atuação brasileira.

[00:25:02] Entrevistado: Sim. As dinâmicas são completamente diferentes. Nos veículos independentes, o tempo é outro, as demandas são outras. Por exemplo, no *Volt*, a gente tem tempo para se dedicar a um projeto de meses e lançar com tempo. Isso, em grandes veículos e redações tradicionais, talvez seja um pouco mais difícil.

[00:25:30] Entrevistador: Como você projeta a sua carreira? Como você vê a sua carreira? “Eu pretendo fazer isso”, “Eu pretendo atuar nisso”. Ou você ainda não pensou nessa projeção de carreira?

[00:25:45] Entrevistado: Eu não penso tanto. Eu acho que eu ainda estou em um momento da minha carreira em que eu ainda estou me estabelecendo. Quando eu me formar, acho que muitas coisas vão mudar também. Eu gostaria de continuar atuando nessa área, porque eu acho muito interessante e eu acho que é importante mesmo para o jornalismo, de uma forma geral. Eu acho que a gente tem que trazer, cada vez mais, não só dados, mas especialistas de outras áreas também para dentro do

jornalismo. Eu acho que essas iniciativas independentes têm muito espaço para esse tipo de colaboração.

[00:26:28] Entrevistador: Você acha que o jornalismo de dados - essa prática - promove a transparência?

[00:26:31] Entrevistado: Eu acho que sim, principalmente porque muita gente que mexe com dados e está nessa área vê que essa questão da transparência é muito importante e é uma prática muito comum (ter o código aberto, a questão reprodutibilidade). Eu acho que a gente pega emprestadas muitas coisas dessas áreas, desse jeito de pensar.

[00:27:08] Entrevistador: Você está satisfeita nessa atuação hoje, onde você está atuando?

[00:27:13] Entrevistado: Sim, sim. Com certeza!

[00:27:15] Entrevistador: Legal! Deixa eu tentar abrir a minha câmera. Não sei se vai parar.

[00:27:24] Entrevistado: Ok! Eu acho que agora está um pouquinho melhor.

[00:27:26] Entrevistador: Você quer acrescentar mais alguma coisa, que tenha passado e que você acha que é importante para ser colocado?

[00:27:36] Entrevistado: Eu acho que não. Eu queria destacar essa parte de que eu acho que a formação dos jornalistas na faculdade é muito importante, não só a parte de grade e de você colocar isso como obrigatório, mas pelo menos essa difusão e essa divulgação do jornalismo de dados. Eu tenho certeza que muita gente se interessaria se soubesse que existe essa área e existe essa possibilidade de atuação nessa área.

[00:28:19] Entrevistador: Eu também acho isso. Eu tenho uma amiga que pesquisa o currículo no Brasil de todas as faculdades e universidades, trazendo isso: se ela encontra alguma disciplina ou algo de jornalismo de dados. São poucas ainda que a gente vê que tem o ensino voltado, nem que seja para dizer que existe a parte teórica e juntar: você vai ter uma disciplina de computação gráfica, vai ter uma disciplina de lógica aplicada. Nada pensando nesse campo de atuação. Eu leciono. Já tem jornalismo de dados na nova grade, mas antes a gente tinha lógica aplicada e ninguém dizia... Para quê serve lógica aplicada?

[00:28:58] Entrevistado: É tudo muito desconexo ainda, né?

[00:29:00] Entrevistador: O pessoal: “Mas, professora, por que eu tenho que fazer lógica aplicada? Eu não vou usar isso no jornalismo”. Talvez a gente não soubesse ainda contextualizar para que isso ia ser usado no jornalismo e hoje a gente vê aí a profusão dos dados informacionais e a importância do trabalho com dados, de forma geral e no mundo digital. Eu acho que é pertinente isso que você coloca e a gente traz na entrevista. Precisamos falar mais sobre!

[00:29:30] Entrevistado: Sim! Eu acho que esse é o primeiro passo. Eu tenho hoje muitas colegas da minha turma de jornalismo que estão começando a estudar programação, estão começando a estudar estatística, porque elas veem como necessário no trabalho delas. O quanto teria sido mais fácil para mim e para as minhas amigas se a gente tivesse tido pelo menos um pouquinho lá na faculdade. Talvez tivesse carreiras muito diferentes hoje em dia, né?

[00:30:05] Entrevistador: Aí você busca uma ação, depois de habilidades e competências, paralela. Você tem que correr atrás. “Eu quero atuar, então eu vou ter que entender um pouco de programação - o mínimo - e de alguma linguagem de programação. Eu vou ter que entender de número e vou ter que saber fazer uma conta básica. Acaba que você tem que se desdobrar nesse processo informativo para atuar nessa área.

[00:30:30] Entrevistado: E você tem que fazer isso enquanto você está trabalhando, na correria da redação. É muito difícil! Eu tive o luxo de poder fazer uma segunda graduação enquanto só estagiava. É muito diferente. Quem está na correria do dia a dia, buscar uma formação complementar é muito difícil mesmo.

[00:30:53] Entrevistador: Realmente! Eu agradeço a sua participação. Se você puder assinar o termo e me enviar... Eu só posso usar a sua entrevista com o termo assinado.

[00:31:03] Entrevistado: Tá! Eu te mando hoje ainda.

[00:31:04] Entrevistador: Eu agradeço e agradeço a sua disponibilidade. Assim que a tese for publicada e der tudo certinho, eu te envio uma cópia. Minha gratidão pela sua participação.

[00:31:15] Entrevistado: Obrigada, Patrícia.

[00:31:17] Entrevistador: Até mais! Tchau, tchau.

[00:31:18] Entrevistado: Até mais! Tchau, tchau.

Entrevistado 9:

[00:00:01] Entrevistador: Antes de mais nada, eu quero agradecer a sua disponibilidade de conversar comigo e de contribuir para essa pesquisa árdua, em que a gente está tentando discutir um pouco o jornalismo de dados no âmbito do Brasil, mas a partir da perspectiva de quem atua nessa área, seja jornalista ou não (por formação), mas que esteja atuando nessa perspectiva do jornalismo de dados no Brasil. Então, agradeço a sua disponibilidade mais uma vez. Eu te mandei por e-mail agora, tem meia hora, o termo de livre consentimento. O comitê de ética pede para a gente que os participantes assinem. Depois, se você puder dar uma olhada no seu e-mail, assinar e me devolver, eu agradeço bastante. Só posso usar a nossa entrevista com esse termo assinado. Depois, dá uma lida lá, dá uma olhada. É um proforma acadêmico. Eu sempre começo com uma pergunta básica para todo mundo. Essa entrevista é aberta, então você fique à vontade para falar o que você quiser e fazer as ligações que você quiser. Eu sempre começo com uma pergunta sobre formação. Como foi essa escolha? De onde surgiu? Depois a gente começa a pensar em uma perspectiva de construção de carreira (lugares onde você passou, como você para nessa atuação). Fique à vontade para contar para mim como isso tudo surge.

[00:01:43] Entrevistado: Claro! Eu não sei bem como você chegou até mim.

[00:01:51] Entrevistador: Foi por indicação. Eu sempre entrevisto um e peço para ele me indicar, aí a pessoa indica. Algumas pessoas me indicaram essa conversa, essa contribuição.

[00:02:09] Entrevistado: Entendi! Que bom! Dependendo de quem indicou, você pode ter uma ideia diferente do que eu faço. Eu trabalho nessa área, mas eu não me defino como cientista de dados. Geralmente, falam que “cientista de dados” é uma definição que, em geral, o mercado - as empresas não acadêmicas - dá para um pesquisador especializado em análise de risco complexo ou cruzamento de dados não arriscados, a alguém que pode passar por etapas básicas de tratamento de dados (limpeza, processamento e visualização). Eu comecei a me aproximar dessa área, dessa discussão, quando eu comecei a me aproximar de análise de rede. Foi por volta de 2012, mais ou menos. Eu já trabalhava com comunicação política. Eu já tinha trabalhado no Laboratório de Comunicação Política e Opinião Pública da UERJ. Depois, eu comecei a analisar a mobilização contra a PL 122, que criminaliza a homofobia, e ver a difusão de informações, como a do kit gay, que, muito tempo depois, tiveram impacto na eleição presidencial. Eu entendi que o único modo de entender como essas campanhas acontecem era empregar a análise de redes, porque não tinha nada no conteúdo, em si, que justificasse qualquer correlação entre o sucesso dessas campanhas e o impacto que elas tinham. A

partir daí, eu comecei a me aprofundar. Em 2013, se eu não me engano, eu fiz um curso na Federal Fluminense, com o Fábio Martins, voltado para análises de rede. Fiz minha dissertação inteira sobre análise de redes transnacionais de ação política. Aí, de fato, eu trabalhei bastante com gráficos. Mas eu não estava muito satisfeito com a perspectiva que o campo da Comunicação e das Ciências Políticas tinham sobre a análise de redes. Aí, quando eu comecei a trabalhar com o WhatsApp, no final de 2017 e no início de 2018, eu entrei em um curso de ciência de rede do Laboratório Nacional de Computação Científica, aí eu desenvolvi métodos para a análise do WhatsApp e comecei a trabalhar com *reports*, e não só na área acadêmica, como eu atuava antes. Aí, eu comecei a ter mais entrada: comecei a discutir com a Câmara dos Deputados - tanto nos seminários da Câmara, quanto nos ciclos de debates -, em eventos da Frente Parlamentar Digital e fazendo *reports* que eram apropriados por jornalistas. Fiz um *report* sobre desinformação e coronavírus no YouTube, que foi capa do *Estadão* de domingo. Eu me esqueço agora em qual semana. A Patrícia Campos Melo também que usou bastante na *Folha*. A gente está fazendo outro *report* agora com a *International Fact-checking Network*, além de outros projetos paralelos andando com essa mesma pegada. Quando eu começo a trabalhar com *reports*, eu começo a integrar essas equipes multidisciplinares. Eu pego a parte de dados e a gente produz os *reports*, já tendo em vista passar isso para um jornalista ou para alguma organização, como a Rede Internacional de *fact-checkers*. Por isso que acabam me indicando para esse negócio de ciência de dados.

[00:05:47] Entrevistador: Entendi! Me fala um pouquinho da sua formação e dessa escolha aí.

[00:05:53] Entrevistado: Sim. Voltando para a formação, eu sou formado em jornalismo pela UERJ. Tenho mestrado e doutorado também em jornalismo. Mas, como eu falei, no meio do caminho, eu fiz esses cursos, na Federal Fluminense e no Laboratório Nacional de Computação Científica, mais especificamente. Também fiz um curso de jornalismo de dados no Comunix, lá atrás. Acho que em 2010 ou 2011. Durante a *Global Investigative Network*, no Rio, eu fiz o curso também de jornalismo de dados. Então, eu sou da comunicação/jornalismo, pendendo para o jornalismo de dados, mas com atuação profissional voltada para análise de redes, como pesquisador. Sou especializado em análise de redes, comunicação e política.

[00:06:44] Entrevistador: Como você se autoidentifica? Como você se enxerga como profissional? “Eu sou jornalista de dados?”. Como fica? Você já me disse que não se identifica como analista?

[00:06:57] Entrevistado: Eu sou pesquisador. Eu me apresento como pesquisador. Eu acho que isso faz mais sentido internacionalmente. Quando é um projeto internacional e eu falo que eu sou pesquisador, todo mundo entende o que eu faço, mas, aqui no Brasil, ainda tem essa ideia de pesquisador como professor que escreve artigo. A ideia de um professor profissional, que ganha para fazer *reports*, que ganha para ajudar uma empresa, que ganha para ajudar um projeto de lei, como a gente faz, ainda é muito pouco frequente no Brasil, embora lá fora seja bem mais comum. A própria ideia do pós-doc. Quando surgiu aquele lance se o ministro da educação tinha ou não pós-doc, o pessoal achava que pós-doc era título. Eles não tinham a menor ideia do que era um pós-doc. O pós-doc é um trabalho de um pesquisador profissional que já tem doutorado. Então, eu acho que isso mostra que, mesmo nos meios noticiosos, não se tem a ideia do pesquisador profissional. A ideia que eles têm é de um professor, que tem títulos e fica ganhando mais títulos. Eu me definiria assim. No Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, a gente trabalha como pesquisador propriamente. Eu dou aula também, sem necessariamente ser professor.

[00:08:23] Entrevistador: Como você enxerga esse campo do jornalismo de dados no Brasil?

[00:08:29] Entrevistado: Eu acho que é um campo imperativo. Uma coisa é como a gente enxerga normativamente (como ele deveria ser) e outra coisa é como ele é de fato. No plano mais abstrato, é imperativo em um país do tamanho de um continente, com trezentos estados, você ter jornalistas com capacidade de cruzamento de grandes bases de dados. Você não tem como discutir com o ministro se você não é capaz de abrir uma planilha com 200 milhões de linhas - que é a planilha do IBGE. Para você ter qualquer poder de investigação e discussão com as fontes com quem você está conversando, você tem que ter uma base mínima de dados, nem que seja para você abrir a planilha, recortar e depois

trabalhar com ela no Excel. Eu não acho que todo mundo tem que ser programador, mas eu acho que o jornalismo de dados pode trazer um avanço no sentido de que os jornalistas podem ter um letramento nessa área. É como um letramento normal. Você não aprende a ler porque você vai ser escritor. As pessoas que não vão ser escritores profissionais têm que aprender por outros motivos, mesmo que você não vá mostrar para ninguém o que você escreveu ali. É algo que vai te ajudar em questões básicas do dia a dia. Com essa área de grandes bases de dados, é praticamente a mesma coisa: você precisa saber o básico para abrir uma planilha, fazer cruzamentos, ter *insights* da matéria e ver o que precisa ou não ser investigado com profundidade, mesmo que você não vá ser um programador profissional ou que você não vá mostrar para ninguém o que você escreveu ali, em termos de linhas. No sentido mais prático, as redações ainda têm muito pouca - pelo menos na minha percepção - capacidade nesse sentido. Tem um levantamento que, há pouco tempo, eu vi do Sivaldo Pereira, mostrando que a maior parte dos jornalistas de dados no Brasil ainda precisa do Excel. Eu uso Excel. O que eu mais uso é Excel. Tenho nada contra Excel.

[00:10:34] Entrevistador: Estou lembrando de você. Eu sabia que eu te via de algum lugar. Eu acho que a gente estava no mesmo congresso e a gente apresentou o mesmo artigo, que eles dizem que usam mais o Excel ainda.

[00:10:47] Entrevistado: No Congresso da ANCT?

[00:10:48] Entrevistador: Isso, isso, isso, isso. Eu produzi esse artigo com o Sivaldo.

[00:10:53] Entrevistado: Isso! Eu estava na organização do congresso. Nossa! Como pode? A gente estava a mil ali. Eu nem me lembro. Me desculpe!

[00:11:01] Entrevistador: Eu te olhei e falei: “Eu conheço de algum lugar. Eu já vi em algum lugar”. Agora que você falou se conectou com de onde eu tinha visto.

[00:11:16] Entrevistado: Eu uso muito Excel. Agora, você não pode só enxergar matérias em potencial caso elas só caibam dentro do Excel. Você precisa ter chaves que te ajudem a explorar mais isso. Você tem o *Nexo*, mas, em geral, eu ainda acho que tem um déficit muito grande de formação nessa área. Deveria ser mais... Na comunicação, você deveria ter noções básicas de linguagem, embora você não seja um programador. É só um letramento mesmo

[00:11:48] Entrevistador: Você acha que isso também se deve à formação acadêmica? Em poucos cursos, por exemplo, você tem disciplinas voltadas para jornalismo de dados.

[00:11:57] Entrevistado: Sem dúvida nenhuma! E quando tem, ele fica só no Excel. Na UERJ, você tinha uma disciplina eletiva, mas você não ia ver nada de código. É relativamente recente que está tendo. Se você for ver, até os grandes congressos de jornalismo nos *workshops* deles, até pouco tempo atrás, não tinha nada de programação.

[00:12:30] Entrevistador: Qual é a sua perspectiva, por exemplo, em relação à colaboração desses vários atores que atuam nessa área? Isso é algo positivo para o jornalismo? Qual é a sua perspectiva com essa atuação com os diversos atores?

[00:12:53] Entrevistado: Eu acho muito positivo, muito mesmo, principalmente grupos interdisciplinares, mas, ao mesmo tempo - é óbvio que eu sou jornalista por formação, então tem um viés aí - a gente insere na construção da matéria pessoas que só têm conhecimento de programação, em alguns casos. Ter conhecimento de programação não diz nada sobre princípios básicos de apuração, causalidade e por aí vai. O que a gente vê às vezes são uns determinismos bizarros, que podem fazer sentido quando você está analisando estatisticamente um fenômeno natural, mas que não faz quase nenhum sentido quando você está analisando fenômenos humanos. Você tem uma série de matérias falando que o YouTube manipula pessoas. Para qualquer cientista social que analise isso, é uma imbecilidade, porque você tem um padrão demográfico muito claro de pessoas que se

radicalizaram olhando o YouTube. O YouTube radicalizou as pessoas, mas, por coincidência, todas as pessoas têm o mesmo perfil demográfico. Talvez essa causalidade fizesse sentido para o padrão que essas pessoas estão acostumadas a olhar em outras frentes (uma frente mais ligada à física). Mas quando isso vem sem nenhum filtro, sem nenhuma formação, em termos de apuração jornalística, dentro do jornalismo, você pode acabar tendo esse tipo de matéria. Exatamente por não ter esse letramento de dados, vários jornalistas compram isso. É aquela ideia: “O algoritmo mostrou isso”, “Se o algoritmo mostrou...”, como se o algoritmo fosse uma entidade paranormal, que não tem nenhuma ligação com quem escreveu. O algoritmo nasceu da natureza e disse para as pessoas o que ia acontecer no mundo. Eu acho que tanto as pessoas que entram em outras áreas e que propõem coisas estranhas para as matérias quanto a aceitação passiva do jornalista a qualquer coisa que tenha cara de algoritmo de programação são consequências diretas dessa falta de letramento.

[00:15:23] Entrevistador: Entendi! Quais as competências que você acha que tem que ter para quem quer atuar e ser jornalista na área de jornalismo de dados? O que é indispensável - se existe o indispensável?

[00:15:37] Entrevistado: Eu acho que existe e não é só - ao meu ver, pelo menos - falar: “Tem que ser Python. Tem que saber R”. Essas coisas as pessoas aprendem rápido. Eu acho que falta - e é essencial - uma formação teórica sólida em redes complexas e sistemas complexos - que são os sistemas humanos, porque é isso o que vai te mostrar o que é uma hipótese válida e o que não é, qual método é sério e qual método não é, qual algoritmo não é usado para discutir interação humana e quais algoritmos são úteis. Essas são coisas que estão sendo discutidas há muito tempo, antes de ter internet. Toda essa discussão fica ausente na maior parte das matérias e das aplicações, muitas vezes propostas para a área de Ciências Sociais, porque as pessoas partem do princípio de que o jornalismo de dados é uma questão técnica; é a apuração que você já sabe fazer mais um método que vai te dar filtro. Só que a utilização dessas ferramentas depende de um conhecimento também teórico, para saber que ferramenta usar, como usar, como interpretar os resultados. São questões básicas do jornalismo, em todas as outras frentes. Mas quando vai para o jornalismo de dados, as pessoas ignoram essas coisas como se fosse uma questão técnica. “Eu vou jogar o nome e o algoritmo vai me dar”. Para sair disso, você precisa de uma formação teórica mínima aí, em teoria de redes e análises de rede. Muitas vezes não acontece porque as pessoas, na área da comunicação, não têm outras ideias sobre o que é análise de rede. Você empregar análise de conteúdo em uma rede social online não é análise de rede; é análise de conteúdo. Antes do jornalismo de dados, muitas vezes o pessoal fala que fez análise de rede. Análise de redes é uma série de metodologia e métricas de redes, que você aplica a qualquer rede, seja rede social ou não, mas que você precisa ajustar de acordo com a rede que você está usando. É uma área da ciência inteira que está aí. Nesse sentido, seria muito relevante nas faculdades de comunicação as pessoas terem essa noção e as fontes entenderem esse conceito do jornalismo.

[00:17:59] Entrevistador: Entendi! Você acha que o jornalismo de dados de fato promove transparência?

[00:18:07] Entrevistado: Não. Por si só, o dado não promove nada. Ele vai te responder de acordo com a pergunta que você fizer. Se a pergunta estiver malfeita, ele vai distorcer um dado específico. Se estiver bem-feita, ele pode ajudar sim na promoção da transparência. Isso não é uma característica do dado ou da área do jornalismo de dados. Isso é uma condição do jornalista, capacitado e entendendo bem que dados são aqueles, para fazer as perguntas certas e interpretar eles do jeito certo. Tem vários casos assim e os políticos se apropriam disso - a classe política como um todo. Eu me lembro que lá no Rio, você tinha o colégio Equador, que era um dos poucos colégios que integravam pessoas com deficiência, mas que tinha nota do Enem um pouco abaixo da média geral. O estado do Rio foi mal no Enem. No Enem ou no Enade? Acho que foi no Enade. O Rio foi mal no Enade em um ano específico. Deu uma briga lá, porque a gestão era compartilhada entre federal, estadual e municipal, e eles fecharam o colégio. Na análise seguinte sobre educação no Rio, o Rio subiu. Tinha menos gente na escola, tinha menos gente estudando, tinha menos gente fazendo a prova, mas, no geral, a média subiu. Aí, o jornalismo de dados trouxe esse resultado impressionante de como melhorar a nota do Enade em dois dias. A transparência não é característica automática de você usar qualquer método e em qualquer

lugar. Na verdade, você pode piorar o cenário se você não souber o que você está fazendo e não fazer direito.

[00:19:56] Entrevistador: Dentro um pouquinho do que você está falando, eu participei um pouco de uma discussão sobre o que era de fato o que a gente estava chamando de jornalismo de dados no campo do Brasil. “O que eu estou chamando de jornalismo de dados? É uma visualização? É uma simples análise de um banco de dados?”. O que você acha que, de fato, é o jornalismo de dados no Brasil? Você entende o que eu estou perguntando?

[00:20:27] Entrevistado: Entendo! Eu acho que é a mesma discussão da ciência de dados. Você tem uma série de coisas parecidas para questões similares. O jornalismo de dados é um herdeiro do que era o Jornalismo Assistido por Computador, em uma época em que nem todo mundo usava computador, que era basicamente, no lugar de você começar na rua com as fontes individualmente, você parte de base de dados específicas, para fazer cruzamentos e ter *insights* do que vai ser investigado, tornando aquela base acessível para a população leiga, seja através de um gráfico, um mecanismo de visualização, que a gente já conhece e também são empregados em outras áreas, seja através de coisas que, para mim, não envolvem, necessariamente só a visualização (você tem também a parte visual que pode estar envolvida no jornalismo de dados). Ele geralmente vai passar pelas mesmas etapas que passa a ciência de dados: você vai ter uma base específica bruta, você pega, processa, faz cruzamentos e tira dali *insights* para o que vai ser investigado em profundidade. Isso de algum modo é parecido com o que já é feito no que chama de jornalismo de dados? É, mas não é porque o jornalismo de dados não tenha nada diferente, mas porque atualmente todo jornalismo passou a usar computador - passou a ser uma característica só de quem constitui esse campo do Jornalismo Assistido por Computador, que depois virou o Jornalismo Digital ou Jornalismo 2.0, que, hoje em dia, é o jornalismo comum. Então, eu acho que a tendência é você ter uma mistura grande entre jornalismo de dados e jornalismo normal. Muito dificilmente você vai discutir questões amplas, como algo que você tem no Jornalismo Literário (conversar com quatro pessoas e fazer uma matéria com base nisso). Na área de Política, por exemplo, é muito difícil você fazer uma matéria hoje sem nenhum cruzamento ou nenhuma análise de dados grande, retirados de redes sociais ou fornecidos por órgãos públicos.

[00:22:46] Entrevistador: Me conta como você projeta a sua carreira? O que você vê pela frente na sua carreira?

[00:22:53] Entrevistado: Aí, é complicado! Eu teria que pensar. Como pesquisador, a gente trabalha em cima de projetos com datas fixas. Agora eu estou em um projeto que vai até 2023, no máximo. A partir disso, eu posso pegar outros projetos. A gente sonda projetos em diferentes frentes, e não necessariamente no Brasil. Então, é muito difícil hoje eu falar para qual projeto eu vou entrar ou qual é o próximo passo. Mas eu me vejo trabalhando como pesquisador, como pesquisador profissional. É óbvio que no Brasil isso está muito limitado a você passar em um concurso e virar professor universitário - isso tudo está no radar também. Eu me vejo trabalhando como pesquisador, talvez com um período fora do país, só como pesquisador mesmo. É uma possibilidade que já apareceu algumas vezes e eu gostaria de tentar. Eu já fiz um período de sanduíche. Foi bem proveitoso. Provavelmente, em março, eu vou para o Reino Unido, para falar um pouco sobre análise no YouTube e Parlamento. Então, eu vejo bastante isso: uma carreira que tem uma porta internacional interessante, mas, por eu querer ficar aqui no Brasil, provavelmente vai migrar para um concurso para professor.

[00:24:22] Entrevistador: E colaborando com projetos, nesse sentido de jornalismo de dados?

[00:24:27] Entrevistado: Sim, sim. Eu sou jornalista, mas eu não me vejo trabalhando só na redação, por uma questão de opção de vida mesmo. Eu quero ter tempo livre para as minhas coisas.

[00:24:42] Entrevistador: Entendi! Você não se vê nesse lugar, né?

[00:24:45] Entrevistado: É! Eu colaboro! A gente está na correria do mesmo jeito, mas eu me vejo mais como um pesquisador do que propriamente como um jornalista.

[00:25:00] Entrevistador: Você se sente parte dessa comunidade do jornalismo de dados no Brasil?

[00:25:06] Entrevistado: De um modo, sim. Eu estou em um grupo do WhatsApp até onde estão os jornalistas de dados de alguns jornais. Eu vejo que eles falam e vira e mexe jogam coisas lá também. Mas é um lugar diferente. Eu dialogo com essa comunidade de diferentes modos, embora eu não me veja novamente como jornalista de dados. É porque é uma aula que envolve interdisciplinaridade. Nessa discussão sobre o coronavírus, por exemplo, nessa área de dados, tem eu, tem gente do direito para pegar as questões legais, tem gente formada em medicina e em direito (que mistura essa parte de direito sanitário e da saúde). Você precisa de times interdisciplinares que abarquem tudo, para depois ajudar o jornalista e também os tomadores de decisão, por exemplo. Eu não, necessariamente, vou trabalhar como pesquisador para um jornalista. Vira e mexe me pedem ajuda com projetos de lei, por exemplo, para ver se ele faz sentido ou não, dentro da área de redes sociais online. Eu também ajudo nesse sentido. Então, eu dialogo tanto com jornalismo de dados como, se precisarem de um pesquisador. Seria muito limitante se eu trabalhasse só com jornalismo. Eu não me sustentaria só com jornalismo de dados. Como pesquisador, sim.

[00:26:40] Entrevistador: Você me indicaria alguém que não seja jornalista, por formação, ou que seja, mas foi para outra área e está dentro dessa colaboração do jornalismo de dados no Brasil?

[00:26:54] Entrevistado: Eu não tenho certeza se ele está atualmente colaborando com jornalismo de dados. Eu não sei se você já conversou com o Marcelo Alves.

[00:27:02] Entrevistador: Marcelo Alves?

[00:27:05] Entrevistado: É!

[00:27:06] Entrevistador: Não é o Soares, né? Tem o Soares, com quem eu já conversei. Será que tem “Alves” no nome dele?

[00:27:13] Entrevistado: Eu não sei.

[00:27:14] Entrevistador: Vai que é a mesma pessoa.

[00:27:17] Entrevistado: Ele é professor da ESPM.

[00:27:20] Entrevistador: Eu acho que pode ser a mesma pessoa. Mas eu vou colocar aqui: Marcelo Alves. Ele foi um dos primeiros, né?. Ele trabalhou com Reportagem Assistida por Computador. É essa mesma pessoa?

[00:27:33] Entrevistado: Não, não. É um cara mais novo.

[00:27:36] Entrevistador: Então, é uma outra pessoa.

[00:27:38] Entrevistado: Ele vem da comunicação também, mas acabou se especializando em programação em R. É um cara que pode ser bem interessante para pensar.

[00:27:52] Entrevistador: Legal! Ele está lá naquele grupo? Eu estou nesse grupo que você falou. Ele está lá naquele grupo? Aí eu consigo puxar o contato.

[00:28:01] Entrevistado: Eu acho que não.

[00:28:03] Entrevistador: Você tem o contato (e-mail ou telefone)? Depois você pode me passar?

[00:28:05] Entrevistado: Tenho!

[00:28:07] Entrevistador: Eu digo que você me indicou.

[00:28:09] **Entrevistado:** Posso! Eu só vou consultar ele primeiro, aí eu te passo.

[00:28:12] **Entrevistador:** Isso! Beleza!

[00:28:18] **Entrevistado:** Como hoje eu estou com a agenda meio corrida, se eu me esquecer, me lembra? Pode ficar à vontade. Me lembra por WhatsApp. Eu vou emendando uma coisa atrás da outra...

[00:28:27] **Entrevistador:** Eu entendo perfeitamente. Eu te lembro.

[00:28:29] **Entrevistado:** Pode me lembrar mesmo. “Pô! Lembra aí”. Aí, eu paro e mando, tá bom?

[00:28:35] **Entrevistador:** Beleza! Tem mais alguma coisa que você queira colocar, que eu não frisei e que você acha que é relevante falar?

[00:28:49] **Entrevistado:** Eu acho que a discussão caminha por aí mesmo. Uma coisa que eu não sei, por exemplo, é como andam as formações especializadas nessa área (pós nessa área). São coisas pelas quais eu não passei, que, atualmente, podem ajudar as pessoas que estão querendo só jornalismo de dados.

[00:29:19] **Entrevistador:** Se eu falei com ele?

[00:29:21] **Entrevistado:** É.

[00:29:22] **Entrevistador:** Não.

[00:29:23] **Entrevistado:** O V. está no *O Globo*, se eu não me engano. Ele é um cara bem por dentro dessa área também. Pelo menos a impressão que eu tinha era essa. Vale muito a pena falar com ele. O M. pode ser interessante pela parte da programação. O F. trabalhou como jornalista mesmo e nessa área de dados. Ele trabalhou no *O Globo*, passou pela *FGV*. É um cara que vale a pena conferir.

[00:30:00] **Entrevistador:** Beleza então!

[00:30:01] **Entrevistado:** Me cobra mais tarde, depois do almoço. Me manda mensagem.

[00:30:05] **Entrevistador:** Beleza! Eu te lembro, sim. Pode deixar! Agradeço a sua participação, a sua fala. Foi superimportante para mim. É interessante quando você vai ouvindo vários atores e as possibilidades que essas vozes trazem para a gente pensar um objeto de pesquisa. Eu gosto muito da técnica de entrevista por isso. São várias nuances para você pensar um único objeto. É bacana! Eu agradeço a sua participação. Qualquer dúvida, eu estou por aqui. Também entro em contato com você, se surgir alguma coisa nova. O termo está lá no seu e-mail. É isso! Obrigada mesmo pela sua disponibilidade. Eu sei que não é fácil.

[00:30:47] **Entrevistado:** Está ótimo! Obrigado também pela conversa. Se tiver qualquer coisa que você lembrar, pode falar comigo por WhatsApp também. Eu não tenho nenhum problema quanto a isso.

[00:31:00] **Entrevistador:** Beleza! Pode deixar. Obrigada, viu?

[00:31:02] **Entrevistado:** Boa sorte na sua pesquisa.

[00:31:03] **Entrevistador:** Obrigada! Tchau, tchau.

[00:31:05] **Entrevistado:** Tchau!

Entrevistado 10:

[00:00:01] **Entrevistador:** Eu vou colocar aqui para gravar.

[00:00:02] **Entrevistado:** Acho que eu estou me escutando, quando eu falo.

[00:00:07] **Entrevistador:** Deixa-me abaixar um pouco aqui o meu volume. Melhorou ou não?

[00:00:11] **Entrevistado:** Deixa-me ver. Melhorou!

[00:00:13] **Entrevistador:** O meu estava alto demais. Bom dia! Obrigada pela sua disponibilidade e ajuda nesse processo de construção de tese. A nossa tentativa é falar um pouquinho de jornalismo de dados, a partir da perspectiva de quem atua no campo, ou seja, jornalista ou não, para a gente perceber as percepções, identidade, autorreconhecimento, carreira. Então, já agradeço a sua disponibilidade. Deixa-me só desativar aqui, para não ficar com essas notificações. Essa é uma entrevista aberta, então você fique à vontade para falar. Eu sempre começo com uma pergunta chave, que é você me contar um pouquinho da sua formação, porque a escolha dessa formação e também sobre a construção da sua carreira (como essa carreira é pensada e construída ao longo do tempo, dos anos), até você chegar onde você está hoje.

[00:01:15] **Entrevistado:** Está legal! Bom, é um prazer ajudar você nesse trabalho. É importante pesquisar isso, até porque é uma carreira que não tem uma forma, não tem uma regra. Mas eu posso falar do meu caso específico. Eu sou jornalista de formação. Eu me graduei em comunicação social, pela PUC de São Paulo, com habilitação em jornalismo, em 2015. Durante a faculdade, eu sempre tive interesse em estudar a parte de design. Era um estudo que eu fazia por conta própria: fazia leituras, aprendia softwares e ferramentas gráficos, noções de composição. Durante a faculdade, eu me envolvi com alguns projetos de publicações independentes, então eu fiz publicações na área de fotografia, em algumas coisas assim. Foi ali onde eu apliquei um pouco desse interesse por design. No meio da faculdade, eu fui estagiar no *jornal Estadão*, no Estado de São Paulo. Eu estagiei na *TV Estadão*, que, naquela época era um departamento bem novo no jornal, que, por ser novo, tinha uma equipe bem pequena. O resto da redação e a chefia não sabiam muito bem o que a TV fazia. Isso, ao mesmo tempo, fazia com que tivéssemos muito trabalho (porque nós éramos poucos), mas, por outro, eu tive a oportunidade de aprender e crescer muito, porque a gente tomava todo o processo de trabalho. Eu, enquanto estagiário, propunha uma pauta, encontrava os entrevistados, marcava entrevista, ia até eles, filmava, editava, checava o som enquanto fazia a entrevista, depois fazia animação. Então, deu para pegar o processo inteiro. Eu consegui aprender muito, desde manuseio de câmera (coisas mais básicas) até o lado de como contar uma história visualmente no jornalismo visual - nesse caso, era em vídeo. Fiquei lá no *Estadão* por um ano e meio (ou dois anos). Depois, quando eu me formei, eu topei com uma vaga e entrei para o *Nexo Jornal*. No *Nexo* foi onde eu vi que eu tinha outros caminhos para conseguir juntar a questão do design com o jornalismo, que era por meio da infografia. Eu tive a sorte e o privilégio de trabalhar com o meu editor, que, na época, era o Simon Ducroquet. Ele foi um grande professor, que me ensinou muita coisa na área de jornalismo visual, de infografia, no geral. Eu nunca tinha feito infográficos e acabei me descobrindo ali. O *Nexo*, por ser um jornal jovem, estava nesse período de tentar encontrar uma identidade ainda. Com o tempo, o jornal começou a perceber uma predileção dos leitores por materiais menos infográficos clássicos (aquela coisa ilustrada) e mais do lado de dados - gráficos estatísticos, análises de certas pautas do noticiário por meio de dados. Começou a investir um pouco mais para esse lado de dados. A equipe lá também era bem pequena e a gente também tomava conta de todo processo. Éramos eu e um cientista de dados, basicamente. Depois entraram alguns estagiários. Como eu estava lá e tinha que fazer tudo (tinha que tomar conta de boa parte do processo), eu acabei tendo que me adequar e pegar essas habilidades do lado de dados também. Eu fui estudar desde estatística básica. Eu sou jornalista, né? A gente não tem esse tipo de formação de verdade, na graduação. Fui correr atrás de estudar essas coisas, fui correr atrás de aprender linguagem de programação para linguagem estatística (R e um pouquinho de Python). Fui

começar a realmente navegar melhor nesse mundo dos dados. Com essas habilidades novas e as ferramentas, a gente publicava uma grade de publicação que era bem estreita: a gente tinha três gráficos por semana, o que, na prática, eu tinha que ilustrar, escrever o texto. Na análise de dados, eu contava com ajuda do cientista de dados. Mas eu tinha que fazer tudo quase sozinho. Ali foi um período que eu aprendi demais. Foi uma escola para mim, porque eu saí com um conjunto de habilidades muito diferentes de quando eu entrei, e um conjunto de habilidade que, depois eu vi, se aplicava para várias coisas, para além do meu trabalho só com o jornalismo. O interesse em design eu já tinha lá atrás, também como um plano B, porque, quando estudante, a gente escuta que você não vai ter emprego, que o trabalho paga mal - tem muitas verdades aí. Como eu já tinha esse interesse por design, eu falei: “Eu fico com essa outra carta na manga. Se tudo der errado, eu vou trabalhar com design em algum lugar”. No fim, eu acabei tomando várias outras habilidades de análise de dados, de visualização e várias outras coisas interessantes, que também serviriam para outras áreas. Eventualmente, eu saí do *Nexo*, para me juntar a um veículo que estava sendo criado, que era o *Vórtex Mídia*. A equipe de dados era capitaneada pelo Sérgio Spagnuolo. Foi uma equipe super rica. A gente tinha um grupo de cinco pessoas fazendo jornalismo de dados, que era bastante coisa, comparando com outras redações. Era um núcleo bem grande até. A gente fez uns trabalhos muito interessantes, mas o veículo faliu, dentro de seis meses. Era uma *startup*, que deu errado. Aí, eu passei um período como freelancer. Nesse período como freelancer, eu vi que eu conseguia fazer coisas para vários outros clientes, além do que eu imaginava, desde coisas de jornalismo (trabalhei com outras redações, como o *The Intercept*) até com ong e terceiro setor (*Greenpeace*). Também em outras coisas, como, por exemplo, eu fazia cartografia para exposições de museus. Eram coisas que eu não imaginava que entrariam no meu âmbito, mas eu acabei vendo que dava para fazer isso também. Foi esse processo do jornalismo de dados e do jornalismo visual até mais ainda que me encaminhou por aí. Fiquei um bom tempo vivendo de “freela” e hoje eu trabalho com a Kunumi, que é uma empresa de BH, de inteligência artificial. É uma empresa bem diferente, porque eles são ligados à UFMG. Basicamente, eles desenvolvem soluções de inteligência artificial para certos problemas de mercado e aplicam o mesmo modelo que foi desenvolvido para essa solução... Um modelo de classificação de risco, por exemplo. Eles têm uma rede de acadêmicos e pesquisadores associados e próximos à Kunumi, para quem a Kunumi oferece esses modelos de inteligência artificial para resolver algum problema das pesquisas deles. Tem algumas pesquisas que você tem que tratar um grande número de dados, na qual a IA pode ajudar de forma positiva. É mais ou menos isso o que eu estou tocando hoje. Eu continuo trabalhando com jornalismo. Faço junto com o Sérgio Spagnuolo e o Alexandre Eurico o Núcleo Jornalismo. Eu cuido da parte visual das matérias. Também continuo fazendo “freela” de jornalismo, para cá e para lá. Em termos de carreira, eu vou começar um mestrado, lá na UFRJ, na área de visualização de dados. É nesse lugar onde eu estou.

[00:09:24] Entrevistador: Entendi! Eu vi várias vezes esse caminho pela visualização, pelo design. Como você descobriu isso? Como foi esse encontro?

[00:09:39] Entrevistado: Do lado do design, eu acho que eu sempre tive interesse pela parte estética mesmo, antes mesmo do que a questão funcional. Na PUC, especialmente, não tem uma cultura visual muito boa no jornalismo. Para o corpo docente, é uma visão de que a parte do design só vai adornar ou ilustrar depois alguma coisa, e não que ela pode ser, em si, a mensagem jornalística. O meu interesse era nesse ponto em que o design pode tomar um pouco a linha de frente junto do jornalismo e estar junto passando uma mensagem. A visualização de dados foi, basicamente, uma necessidade de trabalho. Com essa grade de publicação, que era super estrita, a gente não tem, no dia a dia de uma redação, muito tempo para ficar revendo, revisando e vendo se deu certo a transformação que você fez ou se aquele gráfico está correto ou não. Eu percebi que, para eu acompanhar o ritmo, eu ia ter que estudar. Então, esse interesse veio quase da necessidade. Do lado da visualização, eu entendi que dava para juntar o lado de design, com o lado de dados e da estatística. Então, eu meio que consegui juntar esses mundos diferentes em um lugar que eu não sabia que existia, mas eu descobri.

[00:11:14] Entrevistador: Entendi! Como você se autodeclara profissionalmente? Você é jornalista? Você é jornalista de dados? Você é infografista ou é designer? Você é o que?

[00:11:28] Entrevistado: Eu acho que o título que eu mais gosto de usar, que eu acho que representa melhor esse lugar é o de jornalista visual. Eu já fiz e faço trabalhos de vários tipos, como vídeo - que não se enquadra em infografia nem em jornalismo de dados -, animação - que também não se enquadra em nenhum nem outro. Mas eu também faço gráficos. Eu acho que o visual é o ponto que junta todas essas coisas. Acho que é mais confortável de eu dizer.

[00:12:02] Entrevistador: No jornalismo de dados, você se vê em qual lugar? Eu já fiz algumas entrevistas em que os profissionais disseram: “Eu colaboro com o jornalismo de dados. Eu faço uma determinada função”. Ou você não se vê nesse lugar?

[00:12:23] Entrevistado: Acho que o que exemplifica bem o lugar onde eu me vejo era como era organizada a nossa equipe no Vórtex. Como eu falei, era uma equipe composta por cinco pessoas, que tinha o Sérgio como editor, uma pessoa focada na parte de aplicações (Lucas Lago), a Renata Hirota focada na parte de estatística, a Gabriela Pessoa focada na parte de reportagem e eu estava focando na parte de visualização e de como contar isso e explicar isso visualmente. Acho que o tipo de coisa que eu mais gosto de fazer no jornalismo de dados é pegar algum problema muito complicado que existe... Por exemplo, a pauta é reforma da previdência. Tem um monte de coisa a se discutir. Minha função é dar uma solução visual didática que resolva bem o problema. Eu me vejo, dentro do jornalismo de dados, ocupando esse lugar de comunicação direta com o leitor, mas não tanto da análise lá atrás (ainda que eu faça isso, mas não é a parte que eu gosto mais de fazer). Eu gosto mais de cuidar da parte visual.

[00:13:28] Entrevistador: Entendi! Você acredita que, para atuar no campo do jornalismo de dados, é preciso novas competências e novas habilidades?

[00:13:42] Entrevistado: Eu acho que sim. Eu acho que todo o caminho profissional que eu fui trilhar... é um exagero eu dizer que eu não tirei nada, mas boa parte das ferramentas e dos conhecimentos que eu preciso usar no meu dia a dia de trabalho não vieram dessa graduação que era bem mais tradicional. Veio do mercado e de tratar com as pessoas e estudar por conta própria. Você tem que saber, por exemplo, programação (o mínimo de programação para jornalista). Você tem que saber tratar de softwares gráficos e você tem que ter uma noção visual - saber o que é claro e o que não é, como construir hierarquia. Esses problemas que são do design (hierarquia, cor, tipografia) são do jornalismo também. A gente trata de hierarquia de informação. Então, é a mesma coisa. São todas habilidades que a gente tem que tirar da cartola. Eu acho que tem um mundo infinito de habilidades e competências que a gente precisa ter, que estão longes daquelas tradicionais de reportagem, que são muito válidas e são muito importantes de se ter, até porque senão qualquer desenvolvedor ou qualquer designer poderia fazer jornalismo bom. Eles podem até fazer, mas as habilidades de reportagem (saber o que é uma pauta, qual é o texto que ela precisa, qual investimento eu vou fazer) são importantes, mas precisam ser unidas a um conjunto de ferramentas, que não só é novo como também está todo dia mudando. No lado de programação, por exemplo, se você olhar interativos antigos da *Folha*, do *The New York Times*, tinha muita coisa em flash. Já não existe mais flash e passou a ter D3. O javascript está sendo substituído pelo react. Então, está o tempo inteiro mudando e a gente precisa ficar de olho.

[00:15:44] Entrevistador: É um ponto também que quase todas as pessoas que eu entrevistei toca: a formação. As grades curriculares, você acha que devem muito? Você acha que as grades curriculares fogem um pouco disso? Isso, de certa forma, não prepara para algumas realidades que a gente sabe que vão ser encontradas no mercado?

[00:16:23] Entrevistado: Eu não posso falar por todas as grades e graduações, porque eu não conheço a fundo, mas, da minha graduação e das de colegas, é um pouco unânime o sentimento de que a gente não está preparado. De certa forma, é compreensível, porque a universidade faz um papel de organizar e estruturar um conhecimento que já é estabelecido, então a gente não espera que ela consiga correr atrás imediatamente de uma coisa que muda tão rápido. Mas o problema é justamente esse: é da natureza do jornalismo precisar lidar com um ecossistema de informação completamente diferente do que era há cinco anos atrás (de quando eu me formei, por exemplo). Hoje é completamente diferente a

forma como a gente lê, consome informação. Eu tive aula de revista e de rádio na minha graduação, que são coisas importantes e eu gostaria que tivessem todo o espaço que merecem, mas eu diria que não é assim que as pessoas estão consumindo mídia. Como elas estão hoje? A gente precisa se adequar de alguma forma, desde se adequar ao seu leitor até quais técnicas e quais ferramentas eu preciso usar para entregar o meu conteúdo para o leitor para que ele seja efetivo. Eu acho que falta alguma coisa, sim. Mas está longe de mim dizer qual seria a solução. Não é um problema simples.

[00:17:52] Entrevistador: Entendo! Nesse âmbito de atuação de variados atores no jornalismo de dados, como você vê o espaço onde eu vou ter um designer, eu vou ter um jornalista, eu vou ter um cientista de dados? Como você vê a colaboração que existe nesse campo de atuação?

[00:18:20] Entrevistado: Eu acho que, possivelmente, é uma das melhores coisas desse campo. Eu acho que é super rico. No *Nexo*, o cientista de dados que trabalhava comigo era biólogo. Depois entrou um estagiário que era oceanógrafo. Depois entrou outro cientista que era das sociais. A maior parte do tempo, eu fui o único jornalista por formação da equipe, apesar de não estar trabalhando só no jornalismo. Isso era muito positivo, porque você tinha uma troca com pessoas de outras áreas, que traziam muita bagagem da sua área, mas a gente filtrava pelo jornalismo e pela comunicação com o leitor. A mesma coisa acontecia no *Vórtex*. A gente também tinha uma equipe com programador, com desenvolvedor. Eram vários perfis diferentes. Eu acho que sempre sai uma coisa positiva. Dificilmente, eu acho que seja um problema. Na minha visão, estudar um conhecimento técnico vai te levar muito tempo. O jornalismo tem todas as suas tecnicidades, mas eu acho que o trato diário com jornalistas ou a lida no meio de uma redação, já te baliza em direção ao que é jornalisticamente interessante. Na minha visão, tendo um grupo de jornalistas responsáveis em uma redação com muita gente diferente, já dá conta de a gente conseguir produzir um material bom.

[00:20:01] Entrevistador: Entendi! Como você vê o jornalismo de dados no Brasil? Qual é a sua visão?

[00:20:10] Entrevistado: Eu acho que é uma área que, por mais que esteja se fortalecendo já faz tempo, continua muito nova e que tem ocupado cada vez mais espaço. As redações estão se acostumando com o fato de se adaptar a essas equipes. A *Folha* tem o *DeltaFolha* e várias outras redações têm as suas equipes que foram criadas para isso. Tem o lado das *startups* e pequenas redações, como a *Gênero e Número*, a *Pública*, *Azmina*, que fazem um trabalho de dados de qualidade e superimportante. Eu vejo que é uma coisa que não é mais como um diferencial ou algo do tipo: é uma obrigação, no meio jornalístico, você saber tratar desse tipo de coisa e saber entender como isso tudo funciona. Sem esse tratamento, principalmente nesse meio de informação em que a gente vive hoje... A gente precisa disputar - qualquer conteúdo que a gente faça - com um *feed* de notícias com coisas mais interessantes que o jornalismo. Então, você precisa ter um jornalismo que consiga apelar para o seu leitor de uma maneira honesta e que não pese a mão - o que, por si só, já é uma tarefa muito difícil. A gente tem um meio descredibilizado e de desconfiança completa, que é a imprensa e com o papel do jornalismo. Eu não acho que o jornalismo de dados seja essa bala de prata, que vai trazer esses métodos da academia de tratamento mais empírico. Não acho que seja por aí! Eu não acho que é o jornalismo de dados que vai resolver o problema. Mas acho que, quando a gente faz um jornalismo que é aberto, transparente (“Eu falei com essas pessoas”, “Esses gráficos que você está vendo eu gerei com esses códigos. Se você rodar eles, você vai ter os mesmos resultados que eu e vai ver que os dados estão vindo dessa fonte”), eu acho que a gente faz o trabalho que o jornalismo deve - “deve” no sentido de “estar devendo”, de abrir os seus métodos, abrir os seus ensinamentos. A gente está perdendo o nosso espaço de *gatekeeper* da informação. A gente já perdeu. Se as pessoas querem ver o que está acontecendo, elas vão para o Twitter, para ver o que as pessoas estão falando. Ninguém vai para a *Folha de S. Paulo* ou para o *Estadão*. Para recuperar um pouco desse papel ou, pelo menos, para propor um novo papel, a gente tem que se justificar. “Por que eu tenho que acreditar em você? E por que você é uma fonte importante de informação?”. A gente chegou a esse ponto em que a gente vai precisar falar: “Nós, enquanto jornalistas, temos o treinamento para entender o que é importante, para não cair em certo viés. A gente faz isso com esses métodos que são abertos e transparentes. Vamos conversar?”. Acho que esse é o ponto que a gente precisa colocar. Eu acho que o jornalismo de

dados sozinho não resolve. A gente precisa de reportagem; a gente precisa de muitas técnicas e muita apuração bem pé no chão mesmo. Mas ele traz um pouco desse capital de convencimento do leitor de que essa informação tem importância.

[00:23:41] Entrevistador: Entendo! É interessante essa visão. Sempre transversa uma palavra quando a gente fala de jornalismo de dados, que é transparência. “É um jornalismo mais transparente ou que promove transparência”. Qual é a sua opinião sobre isso?

[00:24:00] Entrevistado: Nem todo jornalismo de dados é isso. Eu vejo quando a Folha publica uma análise do DeltaFolha superinteressante. Você vai ver os comentários e tem gente falando assim: “Essa pesquisa é furada”. A pessoa nem leu, nem entendeu. Isso vai acontecer sempre! Mas tem esse descrédito na própria ideia da autoridade de um dado. A ideia de que os dados de desmatamento coletados pelo DPS são coletados de maneira correta. Deu toda aquela briga com o INPE, com o Galvão. Tudo isso é sintomático de que a gente está tendo um descrédito nos dados. Os dados não são definitivos, mas eles são os melhores indicadores da realidade que a gente tem - a gente não tem algo melhor que isso. Eu acho que a transparência que a gente precisa aplicar é justamente essa de reconhecer: “A gente sabe que a gente tem problema. Mas qual é a solução?”. A gente não vai acreditar em nenhum dado, então? Nada pode ser real. A gente desbanca para um completo vazio. O jornalismo de dados, para ser transparente, precisa explicar “tintim por tintim” todos os seus métodos. Em uma matéria sobre dados da PNAD, valeria ter uma explicação sobre o que é a PNAD, como é coletada, se esse dado pode ser acreditado. PNAD talvez seja um exemplo não muito bom, porque eu acho que é um dos que tem um pouco mais de credibilidade na informação. Mas pesquisa eleitoral, por exemplo. É todo um buraco que a gente está vendo agora e viu nos Estados Unidos. A gente tem que ser bem claro e bem didático, para explicar para o leitor o que significa aquela margem de erro, como é feita essa pesquisa, quais são os problemas dela. Eu não acho que vale a pena a gente subestimar o leitor e achar que ele não vai entender essas coisas muito complicadas, então “Só bota aí que o Russomanno caiu tantos % e está empatado”. Eu acho que a gente tem que ter a humildade de tratar o leitor com respeito, como uma pessoa que pensa e que tem suspeitas e descrenças. Algumas são dele, mas outras foram trazidas à tona pelo ambiente político que a gente está vivendo. A gente não vai conseguir avançar em nada se a gente não endereçar esse problema. Eu acho que o jornalismo de dados e a transparência têm, sim, uma possibilidade importante de garantir essa transparência, mas eu acho que não só no jornalismo de dados ela é importante, como no jornalismo, como um todo. “Para essa pauta aqui, eu falei com estas fontes. Depois eu falei com uma fonte em *off*, que não quis falar, mas eu usei esses métodos. A matéria foi feita de tal forma”. Eu acho que tem que ser o mais aberto que a gente conseguir ser, sem prejudicar ninguém no processo, para a gente conseguir ter o mínimo de credibilidade de volta.

[00:27:13] Entrevistador: Entendi! Voltando um pouco para você: como você projeta a sua carreira? Você planeja continuar com essa atuação? Quais são os próximos passos que você pensa para a sua carreira?

[00:27:33] Entrevistado: Nesse momento, eu estou começando um mestrado. Como eu já tive essa prática intensiva - mesmo que por um período não tão longo - de visualização de dados (em uma semana, a gente tem que publicar três infográficos de fôlego - uma coisa bem cheia), eu acho que eu estou nesse momento de querer pensar um pouco mais sobre o que eu estou fazendo e fazer um pouco menos. Eu estou agora trabalhando em uma empresa que não é estritamente sobre jornalismo, onde eu aplico alguns conceitos de visualização de dados, design de informação como um todo, e usando dessa possibilidade para tocar um projeto de mestrado. Eu tenho estado cada vez mais interessado em visualização de dados climáticos e de fenômenos climáticos de grande escala e sobre como a gente do design e da visualização dá conta de mostrar essas coisas que são difíceis de visualizar. É isso mais ou menos o que eu estou querendo estudar nesse projeto. Eu estou nessa fase de tentar refletir um pouco mais sobre as coisas e formar um conhecimento mais sólido sobre isso. Mas eu vejo tranquilamente a possibilidade de voltar a atuar no jornalismo diariamente. Eu continuo atuando no núcleo, mas é uma publicação mais esporádica, que ataca pontos um pouco mais específicos. Eu vejo bastante possibilidade de voltar a atuar no jornalismo, sim.

[00:29:17] **Entrevistador:** Essa escolha de mestrado vem de onde?

[00:29:24] **Entrevistado:** Do tema?

[00:29:25] **Entrevistador:** Do mestrado, em si. De onde surge essa escolha de fazer um mestrado?

[00:29:29] **Entrevistado:** No meu caso, eu acompanho já faz tempo o trabalho do pessoal do LabVis, o laboratório de visualização da UFRJ. Tem o trabalho da professora Dóris. Eu sempre tive muito interesse em conhecer um pouco mais o lado acadêmico da visualização de dados, porque é uma área... Aconteceu agora, algumas semanas atrás, a Art Poli Vis, que é a principal conferência de visualização. É curioso porque é uma área que você encontra gente bem do *hard science* (física, química), que estão fazendo projetos de visualização para resolver algum problema de um analito específico lá deles, mas, na mesma conferência, você tem gente do design, gente das artes, você tem gente da neurociência (do lado cognitivo e de percepção). Então, é uma área superaberta, que eu acho que a gente consegue, na verdade, encontrar formas... Na verdade, o meu projeto gostaria de elencar formas de a gente lidar com esse problema, que é a crise climática, para a gente estabelecer um *framework*, uma forma de olhar para esse problema, de visualizar ele, que dê a total dimensão dele. A gente sabe que é uma coisa que, se a gente não agir agora... A gente já está atrasado na possibilidade de garantir um futuro mais tranquilo, então a gente precisa atuar agora. Por que a gente não consegue tratar desse problema? Por que para muita gente parece uma coisa distante e que não afeta em nada a nossa vida? O ponto que me mordeu para eu procurar essa pesquisa foi: “Vamos dar uma olhada no que já foi feito sobre isso e vamos tentar imaginar como seria isso”.

[00:31:23] **Entrevistador:** Qual é a sua idade? Você pode me confirmar, por favor?

[00:31:27] **Entrevistado:** Eu tenho 27 anos.

[00:31:29] **Entrevistador:** Tem alguma coisa que a gente não tenha falado e que você queira falar e que você vê que é importante?

[00:31:39] **Entrevistado:** Acho que não. A gente falou sobre bastante coisa.

[00:31:41] **Entrevistador:** Falamos! Falamos, sim. Para mim, é isso. Obrigada pela sua colaboração, pela sua contribuição. Eu acho que acrescenta muito na perspectiva do que eu estou pesquisando. Eu te mandei por e-mail o termo de livre consentimento, que o comitê de ética da universidade pede, quando a gente faz entrevista. Eu só posso usar a entrevista com o termo assinado. Eu te mandei no e-mail, então, se você puder devolver no e-mail, eu agradeço.

[00:32:09] **Entrevistado:** Beleza!

[00:32:10] **Entrevistador:** Você tem alguém para me indicar? Eu sempre faço essa pergunta para todo mundo. Inclusive, eu entrei em contato contigo porque alguém te indicou e assim a gente vai fazendo. Pode ser não jornalistas também. Eu gostaria de entrevistar esses atores que não são formados em jornalismo, mas que estão nessa área também.

[00:32:30] **Entrevistado:** Você já falou com o Daniel Mariani?

[00:32:32] **Entrevistador:** Já!

[00:32:36] **Entrevistado:** Deixa eu pensar. Com a Gabriela Pessoa, você já falou?

[0032:43:] **Entrevistador:** Não. Ainda não.

[00:32:45] **Entrevistado:** Eu posso te passar o contato dela. Atualmente, ela está no *UOL*, em um núcleo de jornalismo investigativo lá, e ela tem uma visão bem diferente desse meio de dados, porque

ela é bem mais da reportagem pé no chão, mas trabalha com dados também. Pode ser uma visão interessante.

[00:33:02] **Entrevistador:** Ótimo! Se você puder me mandar o contato pelo WhatsApp, eu agradeço.

[00:33:08] **Entrevistado:** Beleza! Eu te mando, sim.

[00:33:09] **Entrevistador:** Muito obrigada e um ótimo final de semana para ti. Até mais. Qualquer dúvida, eu mando uma mensagem para você.

[00:33:19] **Entrevistado:** Beleza! Aguardo!

[00:33:21] **Entrevistador:** Obrigada!

[00:33:22] **Entrevistado:** Obrigado! Tchau, tchau!

[00:33:24] **Entrevistador:** Tchau!

Entrevistado 11:

[00:03:07] **Entrevistado:** Olá, Patrícia.

[00:03:09] **Entrevistador:** Olá! Tudo bem? Eu vou colocar para gravar, mas eu uso só o áudio, tá? Eu coloco para gravar só para ter toda a segurança possível, para eu não perder nada. Que bom ouvir um sotaque nordestino. Eu sou nordestina também. A gente, quando escuta isso, é tão bom. É um afago no coração. Faz tempo que eu não escuto esse sotaque. Antes de tudo, obrigado pela sua disponibilidade em participar, em colocar aqui a sua trajetória e a sua carreira. A tese transversa sobre jornalismo de dados, mas na perspectiva da atuação profissional. Quem fala é quem atua, independentemente de ser formado em jornalismo ou não - são os atores que compõem essa área do jornalismo. Obrigado pela sua disponibilidade. A Jamile te indicou. Eu estou trabalhando assim: no final eu sempre peço uma indicação. Se você já quiser ir pensando em alguém... Aí, eu vou ter um leque interessante de profissionais para pensar essa atuação. Essa entrevista é aberta, então você fique à vontade para falar. O uso é exclusivamente científico, para a tese, e sem identificação, então fique tranquila. Se tiver algo que você também queira deixar em *off*, é só me falar também, ok? A gente vai conversando de forma muito tranquila e espontânea. Tu tens quantos anos?

[00:05:02] **Entrevistado:** 26.

[00:05:04] **Entrevistador:** Ok! Alagoas, né?

[00:05:07] **Entrevistado:** É! Meu Deus do céu! É 27. Vou fazer 28. É porque eu estou perto de completar um ano, agora no dia quatro, aí eu estou naquela crise existencial.

[00:05:21] **Entrevistador:** Eu sei como é!

[00:05:22] **Entrevistado:** A idade é complicada!

[00:05:23] **Entrevistador:** Eu fiz aniversário semana passada: 35 anos. Eu falei: "Meu Deus! 35!". Eu te entendo!

[00:05:32] **Entrevistado:** Um dia desses a gente estava na escola, né?

[00:05:34] **Entrevistador:** É, exato!

[00:05:35] **Entrevistado:** É isso! Eu vou fazer 28, agora no dia quatro.

[00:05:37] Entrevistador: Beleza então! Eu sempre começo com uma pergunta, que é sobre a formação: por que a escolha do jornalismo ou do não-jornalismo? Depois, a gente passa para a carreira: os estágios por onde você passou, os primeiros contatos com o mercado e onde você está hoje. Então, pode fazer essa linha de carreira e formação profissional.

[00:06:06] Entrevistado: Desde pequena, eu sempre gostei muito de ler e escrever e sempre fui muito curiosa. Daí, na oitava série ou no primeiro ano do ensino médio, eu já decidi que ia fazer jornalismo. Eu fiz faculdade em um centro universitário aqui em jornalismo no CESMAC e também cursava relações públicas na UFAL. Eu fazia duas faculdades ao mesmo tempo de comunicação - uma privada e outra pública. Depois, eu me formei no CESMAC em jornalismo. Durante a graduação, eu estagiei em alguns *sites* locais, em um jornal impresso também, na produção de rádio também - que é uma coisa que eu gosto muito até hoje - e em assessoria de imprensa. De 2015, que foi o ano que eu me formei para cá, eu tive experiências profissionais, e não mais como estagiária, embora eu considere que, a partir do momento em que você pisa em uma redação, você já se considera jornalista e vai ter experiências que todo mundo, com formação ou não, tem. Desde 2015, eu trabalhei três anos e meio no setor de rádio do Governo de Alagoas e, paralelo a isso, também fazia freelancers para um *site* local: eu tirava férias de repórteres em um *site* local, cobrindo Cidades, Trânsito, esse jornalismo de *hard news*, essa coisa bem corrida do jornalismo. De 2017 para cá, eu venho tendo essa abertura maior com o jornalismo independente; propriamente, de 2019 para cá, com o jornalismo de dados, desde que eu entrei na Agência Tatu, no ano passado. Eu tinha feito um curso em 2017, pelo Centro Knight de Jornalismo. Foi um curso gratuito. Muita gente começa por esses cursos. Mas aí eu não coloquei em prática, já que eu trabalhava em rádio. Mas eu sempre fui curiosa. A partir da Agência Tatu, que surgiu na faculdade, na UFAL - eu ainda não conhecia profundamente os meninos que estão comigo na agência -, eu comecei a abrir os olhos para o jornalismo de dados. Eu fiz o curso em 2017, mas não coloquei em prática. Em 2018, eu tive um contato maior com o Lucas Tainan, fundador da Agência Tatu, porque eu tirava férias em um *site* e ele era estagiário. Ele já estava terminando a faculdade e já ia se formar. A gente começou a conversar mais sobre a área. Como eu tinha feito o curso, mas não tinha colocado em prática, a gente acaba esquecendo, né? Em 2019, houve uma greve dos jornalistas em Alagoas e a galera começou a pensar em fortalecer o jornalismo independente. A categoria aqui se uniu muito. Aí, surgiu o convite do Lucas Tainan para eu integrar a Agência Tatu, que trabalha com dados desde 2017. A agência surgiu como um veículo desenvolvido por três estudantes da UFAL, que tinha esse desejo de desenvolver um trabalho direcionado, porque, localmente, aqui não tem, e prezando por esse lado da independência também. Como a gente lida com dados públicos, transparência ativa e transparência passiva, política, a gente vai ter que bater em todo mundo, porque está ali, está disponível. Contra dados não há argumentos. É inviável você trabalhar a questão da independência e ter essa questão de patrocínio de governo ou da Câmara dos Vereadores, do vereador B ou de deputado. Aí, eu estou desde 2019, de junho do ano passado - foi depois da greve que surgiu esse convite, na qual a categoria começou a fortalecer mais a área e todo mundo se uniu, para pensar em fortalecer as medidas independentes locais - integrando a Agência Tatu de jornalismo de dados. Hoje, além da Tatu, porque a Tatu ainda não é sustentável, eu trabalho na assessoria de imprensa, que é o que me sustenta, financeiramente falando, do Governo de Alagoas. Eu integro uma assessoria que cuida de pessoas com dependência química e dos adolescentes em conflito com a lei. Também iniciei um trabalho de jornalismo independente, mais geral, com o coletivo que eu fundei e integro a Tatu. Três coisas aí na vida do jornalismo e comunicação.

[00:10:48] Entrevistador: Você está em três ambientes de atuação. Você vê isso como uma fragilidade do nosso campo, no sentido de precarização?

[00:11:03] Entrevistado: Com certeza! Eu digo sempre: “se eu fosse escolher, eu não escolheria trabalhar em assessoria de imprensa”, mas hoje, em Alagoas, é o que tem a questão de ter uma certeza. Das empresas de comunicação, muita gente foi demitida. Eu não fui dessa leva. Eu trabalhei em outras empresas, mas não fui dessa leva, porque eu entrei no ano passado, após uma greve local. Todo mundo da Agência Tatu, na verdade, não trabalha para a Agência Tatu. Todo mundo trabalha em uma assessoria de imprensa, a estagiária tem outro estágio. A maioria dos jornalistas alagoanos - acho que é a realidade do Brasil - tem sempre esse negócio de trabalhar em um lugar e fazer “freela” para outro.

Isso é um desgaste muito grande para a profissão. A gente poderia muito bem se dedicar apenas à Agência Tatu e eu, ao meu projeto individual, que é esse coletivo - que são as duas coisas que eu gosto no jornalismo. Mas hoje eu tenho que me dividir e “dar os meus pulos” para poder me dedicar ao emprego e a esses dois projetos que correm por fora, para poder ter alguma grana e ter o mínimo de salário. Então, é muito precarizante. Tem toda essa questão de sustentabilidade dos veículos independente, que a gente está buscando. Pela Tatu, tivemos algumas vitórias. A gente foi contemplado por um edital local, que distribui determinado valor e, há pouco tempo, nós somos uma das dez iniciativas contempladas pelo *Google News Initiative*, que é uma iniciativa do Google, prezando em capacitação e vai dar uma grana para a gente desenvolver. Também tem um *pitch* no final do projeto, no qual a gente vai apresentar a Tatu para os potenciais investidores. Mas isso de precarização é total! Se eu pudesse, eu trabalharia só na Tatu e no meu projeto independente e deixaria a assessoria de lado. Eu gosto de fazer assessoria, mas, se eu fosse escolher, eu estaria nessa área de jornalismo independente, e não necessariamente em assessoria de imprensa. Mas as coisas vão se encaminhando e a gente vai ter que seguir o lance para ter alguma grana e sobreviver no jornalismo. É sobreviver, e não tanto viver. É sobreviver mesmo!

[00:13:25] Entrevistador: Você disse que escolheria o jornalismo independente, o que me chamou a atenção. Você faz esse paralelo do jornalismo de dados com essa iniciativa independente. Como você vê o jornalismo de dados nesse processo?

[00:13:43] Entrevistado: Quando eu falo em independente, é mais pela Tatu, por ser uma agência de jornalismo independente. Como eu falei anteriormente, Alagoas é um estado pequeno, com uma capital pequena. Os veículos hegemônicos pertencem a grupos políticos e que têm os seus interesses. Como a gente sabe, está na constituição, no artigo 220 (eu acho), que nenhum veículo - como você sabe - deveria pertencer a políticos ou a grupos ligados ao poder político. Aqui em Alagoas, a gente tem a *TV Gazeta* do Collor e outros veículos, como *site*; a *Tv Jussara* é do prefeito atual. Eu acho que tem essa separação justamente por isso: do jornalismo geral, hegemônico, dessas mídias tradicionais, com o jornalismo independente, a partir da *Tatu*, a agência de jornalismo de dados. Desde que o Lucas fundou a *Tatu*, ele tem essa intenção de trabalhar com independência para não comprometer o conteúdo, inclusive, houve, quando a gente começou a ganhar destaque... Eu iniciei o trabalho em 2018, mas em 2019 eu comecei a trabalhar com jornalismo de dados. A *Agência Tatu* começou a ganhar destaque em 2018. Quando a galera começou a ganhar destaque pela Tatu e as matérias foram repercutindo, surgiram alguns contatos com alguns políticos locais e senadores para patrocinar. Pelo menos, à época, pelas histórias que eu soube, para manter a independência, receberam um belo de um “não”, mesmo a gente precisando, mesmo a gente buscando essa grana. Se a gente fechasse um contrato com algum tipo de político ou algo do tipo, iria comprometer o produto final e a gente é conhecido aqui, localmente, e eu acho que nacionalmente também - a partir dessas pequenas conquistas -, pela independência. Agora, em jornalismo de dados, já tem redações, como o *Delta Folha*, o *Estadão Dados*, no *Metrópoles* também (o “N Dados”), que não são independentes, mas são veículos de comunicação tradicionais - o *Metrópoles*, a *Folha de S. Paulo*, o *Delta*. Se eu não me engano, no *Correio* da Bahia também tem uma galera que só trabalha com dados. Mas a gente, localmente, nessa agência, trabalha dessa maneira independente: não estamos servindo a nenhum grupo ou algum tipo de poder, né?

[00:16:16] Entrevistador: E você faz essa “linkagem” do jornalismo de dados com a transparência? Você acha que é um dos pilares do jornalismo de dados?

[00:16:24] Entrevistado: Com certeza! Na Tatu, por exemplo, a gente tem uma questão de, no final da matéria, a gente deixa inclusive a transparência para todo mundo que for ler essa matéria. A gente deixa a base de dados lá, aí a pessoa pode clicar e vai estar lá os dados que a gente utilizou para poder produzir aquela matéria. É sempre assim! Se a gente fez um pedido de algum dado via LAI (Lei de Acesso à Informação), a gente sempre coloca na matéria, para poder incentivar, não apenas os jornalistas, mas também a população em geral, de que é possível fazer os pedidos. Ou também a gente deixa os bancos de dados e coloca lá o link, para ver de onde a gente tirou. Essa é a transparência ativa, sem precisar pedir via LAI. Eu acho que o essencial do jornalismo de dados é esse recurso da

transparência pública e do controle social, não apenas pelos jornalistas, mas também pela sociedade. É incentivar as pessoas de que elas podem ter esse poder, porque está garantido esse poder na constituição e na própria LAI, nessa regulamentação de 2012. Está regulamentada essa questão de transparência pública e de que as pessoas devem utilizá-la, e não só os jornalistas. O interessante, Patrícia, é que, desde 2017 para cá, outros jornalistas daqui já estão fazendo o pedido via LAI, já estão fazendo cursos direcionados a dados. A gente tem uma *newsletter* que é vinculada toda sexta-feira e a gente percebe o número de jornalistas locais que assina a *newsletter* para poder ter conhecimento, porque a gente coloca lá sempre algum curso ou algo do tipo. Então, é uma mão ajudando a outra, e a gente tem sido meio que uma referência local, mostrando que é possível fazer e que a galera está comprando o nosso produto. A galera, quando eu falo, são as redações. As nossas matérias são livres para reprodução desde que sejam preservados alguns critérios. As matérias sempre são reproduzidas nos veículos locais e é muito importante justamente por isso: para que tenha mais alcance, já que a Tatu não é tão conhecida na população em geral. Mas a partir do momento em que as nossas matérias são veiculadas em veículos em que a população em geral acessa, é um outro olhar que a população começa a ter sobre isso. A gente, além de trabalhar com essas matérias com dados públicos, faz também alguns tutoriais. Deixa eu fechar aqui a janela. Um minutinho!

[00:19:11] Entrevistador: Sem problema!

[00:19:23] Entrevistado: Eu estou entre a cruz e a espada, porque na minha casa está fazendo reforma. Se eu for para lá, eu vou para o quarto do meu irmão. É pior o barulho! A gente faz algumas matérias do tipo: “O que é isso?”, “O que é aquilo?”. A gente fez uma matéria, há mais ou menos um mês, disponibilizando todos os links por onde as pessoas podem pedir via Lei de Acesso à Informação. Eu deixei lá os 12 links: “Como pedir LAI para a prefeitura, para o governo, para o tribunal de justiça, para o tribunal de conta”. É isso a transparência: não apenas para produzir um material jornalístico diferente, mas também para incentivar a sociedade de uma maneira geral a também utilizar o controle social e a transparência, para poder fiscalizar as ações e para exercer o seu direito de ser cidadão e de atestar as informações que podem ser acessadas. A gente também tem muito essa responsabilidade de deixar os dados públicos que a gente utilizou na matéria no ar até o final e também produzir esse tipo de conteúdo, direcionado à população em geral, para que as pessoas possam utilizar esses mecanismos de controle. O jornalismo de dados, essencialmente, é isso: é utilizar o que está disponível ou pedir via LAI, para poder revelar algumas coisas e alguns critérios através dos números, através dos dados, que às vezes o jornalista tem um certo medo. Eu mesmo tinha muito medo de mexer em planilha, mas estou aprendendo constantemente. Entre a galera de dados também, um ajuda o outro, porque é um tema que não é muito disseminado, de maneira geral. Nas faculdades mesmo, eu nunca nem vi esse tema de jornalismo de dados, nem nunca ouvi falar. A própria LAI, como cidadã, de maneira geral, eu não tinha ideia. Eu saí da faculdade sem saber o que era isso nem das possibilidades. A gente vê nas faculdades que, muitas vezes, os professores não têm muito contato com a prática e têm algumas ideias que muitas vezes não se atualizam por inúmeros fatores (a gente não pode culpar só os professores). É muito do perfil. Essa conversa que a gente está tendo é essencial, porque vai levar para a academia também esse tipo de perspectiva.

[00:21:44] Entrevistador: Você falou sobre dois pontos bem interessantes. Eu sempre pergunto sobre a questão se na formação... Você se formou em qual ano?

[00:21:52] Entrevistado: 2015.

[00:21:55] Entrevistador: Eu sempre pergunto se na formação vocês tiveram contato com jornalismo de dados. A maioria diz que não. “Eu tive uma disciplina de design, que nem falava disso”. Hoje a gente já encontra. Eu tenho uma colega fazendo tese também e nós somos da mesma turma. Ela fala sobre jornalismo de dados nessa questão curricular dos cursos no Brasil. É muito escasso. Esse é um dos pontos que os entrevistados colocam como fragilidade para, inclusive, esse campo crescer. Você pensa assim também?

[00:22:31] Entrevistado: Com certeza! Eu acho que, se não for inserida essa cultura, em algum tipo de palestra técnica mesmo, para levar para a faculdade esse tipo de conhecimento, eu acho que não vai prosperar como deveria essa área. Eu acho que tem que partir da faculdade para que a coisa seja mais natural. Eu me formei e só depois da formação é que eu tive contato. Já os meninos que iniciaram a Tatu - eu já sou da segunda leva da agência, digamos assim - só conheceram a área porque uma professora (professora Magnólia) da UFAL falou: “Olha, gente! Tem um curso aberto. Vou passar o link para a turma”. De uma turma de 40, 50 alunos, três alunos se interessaram, viram as possibilidades e fundaram a agência. É um bom exemplo de como é a faculdade. A professora que citou não trouxe a situação para a sala de aula, mas disse que ficaria aberto esse curso gratuito e a galera foi lá e fez. Depois de entender um pouco da área, eles fundaram a Tatu. Mas ainda há uma falta de conexão muito grande da academia com o jornalismo de dados. Não sei como poderia ser esse tipo de aproximação entre o jornalismo de dados com o jornalismo geral. Tinha uma professora do Rio Grande do Norte - me esqueci o nome dela agora - que já nos chamou em duas oportunidades, levando o assunto para os alunos. A gente deu uma aula e deu também um curso prático. São essas pequenas iniciativas de formiguinha que vão começando a fazer efeito. Já voltamos para a própria UFAL para darmos aulas para os alunos da UFAL também e para a UFBA (Bahia). A gente está começando também a ser referência. A gente sente que a gente só vai se fortalecer na área de jornalismo de dados quando todo mundo já tiver acesso mais facilitado ao tema e que entenda que não é bicho de sete cabeças e que todo mundo pode começar aos poucos, vendo algum assunto em planilha, mexendo no Google Sheet, entendendo que jornalismo de dados não é um bicho de sete cabeças, que é apenas mais uma área do jornalismo, que pode ser utilizada para levar uma informação interessante para o público e para a sociedade. É preciso mesmo repensar isso desde as faculdades, para trabalhar com esses temas. Isso vai ter que passar para a academia e para os professores, propriamente, porque são eles os responsáveis por inserir esses assuntos com os estudantes. Aí, vai ter que ter algum programa, que possa suscitar esse debate. Embora eu veja que a Abraji, por exemplo, oferece muitas capacitações, mas eu, como estudante, não tinha esse conhecimento sobre esses cursos. Uma vez ou outra, eu recebia. Eles também estão capacitando estudantes e jornalistas sobre a área. Então, eu acho muito interessante isso também: partir de uma associação esse estímulo ao jornalismo de dados, abrindo também para os estudantes e não apenas para os profissionais.

[00:26:03] Entrevistador: Outro ponto que você falou foi que, no começo, você tinha esse receio, um medo de planilha. Esse receio - eu vou colocar aqui, mas, se não for, você me fala - vem inclusive da formação. A gente tem um certo receio com número, com planilha, com tudo que é muito volumoso. É nesse caminho? Você me falou que fez o curso do Knight Center, mas como foi que você quebrou esse medo? Como foi esse contato teórico indo para a prática, e essa descoberta do jornalismo de dados?

[00:26:46] Entrevistado: Eu tinha muito medo. Eu fiz um curso, quando eu tinha 13 ou 14 anos. Eu tive acesso a um computador já um pouco velha: 15, 16 anos. Em parceria com a prefeitura, eu fiz um curso de Excel, mas eu tinha me esquecido totalmente e não era uma área que eu gostava. Quando a Tatu surgiu localmente, eu falei: “Como essa galera consegue esses números?”. Como eles disponibilizavam a base de dados, eu clicava e falava: “Meu Deus do céu! Como será que eles fizeram essas contas todas?”. Depois que eu comecei a fazer o curso e muito na prática eu fui vendo que não era tão difícil assim. É basicamente utilizar algumas fórmulas. Às vezes precisa de programação. Foi muito na prática que eu tive esse rompimento. Eu acho que é tirar um pouco a ideia de que nós somos de humanas. “Eu sou jornalista, então eu sou claramente de humanas. Eu não sei nada de números, então não me dê números porque eu não vou saber calcular”. Eu acho que tem que romper mesmo esse pensamento. Na verdade, é o computador quem vai fazer. Você vai colocar uma fórmula lá. É óbvio que tem que ter uma lógica na sua cabeça para entender aquilo. Mas é muito o computador! Isso também vai ter que vir da faculdade, eu acredito, para poder romper mais isso. Como eu sou a mais nova da Tatu, eles estão sempre fazendo capacitações, com um ajudando o outro, para a equipe ir desenrolando e ir fazendo na prática mesmo. Eu acho que o jornalismo de dados é muito prático. Se eu fizer um curso hoje e, daqui a dois anos, quiser colocar em prática e não tiver me atualizando sobre, eu não vou saber fazer na hora. Jornalismo de dados é muito isso: você estar ali na prática, perdendo seus medos, entrevistando a planilha e se ligando nos *insights*, que às vezes são muito óbvios. “Caramba! Isso daqui é”. Mas, na verdade, não é. Você vai vendo que o recorte pode ser diferente, que pode

cruzar uma tabela com a outra. Então, é muito isso: perder o medo, partir para cima e começar a fazer pequenas matérias, aprendendo o que é LAI, e tendo contato também com a galera da área, porque está todo mundo disposto a ajudar. Tem um grupo de jornalismo de dados nacional no WhatsApp. Qualquer coisa, sempre está um perguntando ao outro. Eu acho massa porque ninguém julga ninguém por você ser iniciante ou por estar em uma escala maior. Tem gente que é muito craque e faz tudo com os olhos fechados. “Ai, meu Deus! Eu sou de humanas”, e já começa a travar. É ir atrás e começar aos poucos a aprender.

[00:29:50] Entrevistador: Você se autodeclara ou se autodenomina “jornalista de dados”?

[00:29:58] Entrevistado: Não. Eu vejo muita gente se declarando jornalista de dados. Não tenho nenhum problema com quem se declara, mas eu sou jornalista e trabalho com dados. Eu não me declaro jornalista de dados, não, porque parece um outro nível. Não sei! Eu me declaro como jornalista. Mas muita gente se declara como jornalista de dados. Se você pensar que tem muita gente que se declara como jornalista cultural, jornalista policial, jornalista que trabalha com música. Mas eu me considero mais jornalista geral. Mas eu acho que pode ser importante para reforçar a sua área de atuação. Mas eu me declaro jornalista geral. É apenas mais uma área que eu estou aprendendo constantemente, onde eu estou trabalhando atualmente, mas não me considero “jornalista de dados”. Eu sou jornalista que trabalha com dados, que trabalha com jornalismo independente. Eu sou jornalista, de maneira geral.

[00:31:08] Entrevistador: Quando eu faço essa pergunta, é porque tem duas coisas nela. Eu já percebi que, para algumas pessoas, o jornalista de dados é aquele... Muita gente diz assim: “Eu não sou jornalista de dados porque eu não sei programar em um nível alto, eu não sei fazer isso. Eu ainda não tive contato com isso”. Tem algumas pessoas que já estão no campo e, inclusive, já têm algumas competências e algumas habilidades bem avançadas e dizem: “Eu sou só jornalista”. Ninguém chega e diz: “Eu sou jornalista de dados”. Alguns dizem: “Eu sou jornalista de dados, sim. Eu sei fazer isso, sei fazer aquilo”. Perceba! Tem três aspectos de autodeclaração. Você estaria em qual dessas?

[00:31:57] Entrevistado: Eu acho que na segunda que você disse.

[00:32:03] Entrevistador: Eu recebo muito essa resposta. Você acha que é necessário, para atuar no jornalismo de dados, realmente ter competências e habilidades, no sentido de entender programação básica, de LAI, e algumas habilidades que não passaram pela formação tradicional?

[00:32:22] Entrevistado: Eu acho que precisa, sim, entender o básico, como você falou de transparência, de LAI, de saber o que é um dado que está em um arquivo fechado. Mas eu acho que, aos poucos, a pessoa vai compreendendo e vai se enturmando na própria área. Não é porque você trabalhou uma vez com planilha que você vai se considerar. Agora essa questão de programação... Eu acho que Jamile não programa e ela se declara até como jornalista de dados. Jamile é muito ligada à questão de LAI e tem muita expertise nessa área. Eu até estou tentando aprender programação em Python, mas eu dei uma parada porque veio eleição e eu peguei um “freela” aqui, um “freela” ali. Eu estou tentando aprender. Como na Tatu cada um tem uma área específica, o Lucas Tainan, que é o fundador, é mais ligado à visualização; a Grazi é mais responsável por fazer a questão da LAI, embora eu também faça. Cada um ficou com uma parte. O Lucas Maia, que é formado em Ciências da computação e está agora concluindo jornalismo, é o cara que faz tudo o que a gente pedir em programação. Ele trabalha com Python, com R. Ele é o responsável da Tatu por trabalhar nessa área. Eu sou a responsável por tentar levar o conteúdo a outras plataformas: pensar como a gente pode fazer parcerias com rádio, às vezes pela própria *newsletter*; pensar em estratégias para que o nosso conteúdo possa ser mais lido. E faço um pouco de tudo de maneira geral também, para redes sociais também (alcançar mais pessoas no Twitter). Não acho que todo mundo que trabalha com dados vai ter que aprender a programar, mas eu acho que tem que aprender o mínimo de visualização, dessas questões relacionadas à transparência também (LAI, dados abertos). Do básico, eu acho que é isso, sabe? Tem que aprender um pouco de visualização, dos aplicativos e dos programinhas, para deixar a matéria

mais interativa e estar utilizando essas ferramentas que, na maioria das vezes, são gratuitas, e aprendendo o básico mesmo de controle de dados (dados abertos).

[00:35:13] Entrevistador: Quando você pensa na sua carreira, para o futuro, você vê o jornalismo de dados e vê isso como uma escolha de carreira? Como é esse planejamento de carreira na sua cabeça?

[00:35:34] Entrevistado: Eu tenho esses dois projetos. Eu confesso que eu ainda não pensei mais para frente, mas eu vejo, sim. É uma área que eu tenho aprendido a gostar. Quando eu vejo o resultado da matéria, eu fico “Caramba!”. Parece simples, mas não foi. É aquele tesão quando você vê a matéria pronta e quando você percebe os passos que você deu para colocar um conteúdo no ar e para a galera acessar o conteúdo. Eu vejo tanto uma área próspera quanto uma área que eu pretendo trabalhar. Quando você começa, Patrícia, nessa área, eu acredito que não tem mais volta, no sentido de repensar uma matéria sem ter um dado. Eu vejo muito isso aqui. Eu não consigo mais pensar em trabalhar um conteúdo especial ou uma matéria rápida sem pensar em um dado ou sem pensar em alguma base ou sem pensar em alguma visualização. Quando você tem esse contato, eu acredito que não tem mais volta. O jornalismo de dados, quando você começa, eu acho que não tem como você pensar em produzir um conteúdo sem trabalhar com aquela perspectiva dos dados. Eu me vejo, sim, trabalhando na área. Acredito que é uma área próspera na área de comunicação e que eu gosto e que eu pretendo, sim, trabalhar nos próximos anos. Estamos caminhando ainda pela Tatu. A partir desse edital do Google, foi uma boa resposta a tudo o que a gente vem produzindo. Eu me vejo, sim, trabalhando na área de jornalismo de dados, de maneira independente pela Tatu ou até por outras empresas. A gente se inspira muito em alguns *sites* nacionais. Eu gosto muito da *Gênero e Número*. Eles colocam um conteúdo maravilhoso sob a perspectiva de gênero. Tem o próprio Painel Jornalismo, da Jamile, que trabalha em uma cobertura local, que é essencial para Mogi das Cruzes e para a região. *Azmina* também trabalha muito bem. Tem também as potencialidades do *Estadão Dados* e da *Delta*, que têm mais tempo na área. Eu acho que essa cultura vai começando a ser introduzida nas redações e vai ser próspera. Para quem quer trabalhar, acho que vai ser muito interessante. Eu me vejo, sim, trabalhando nessa área. Acredito que não tem mais volta, quando você começa a trabalhar com dados e começa a perceber as perspectivas, os recortes. E eu não quero trabalhar apenas para a web, mas usar o jornalismo de dados para trabalhar para a rádio. A *CNN* já utiliza muito, a *GloboNews* também. A *Globo* tem uma equipe só para isso. É uma questão que pode ser levada para diferentes plataformas. Eu acho que é isso o que reoxigena a minha visão sobre a área e a profissão: tentar colocar em prática em todas as plataformas - no vídeo, na rádio e na web principalmente. Eu acho que o principal do jornalismo de dados mesmo é muito na web. Eu acredito que seja a área que tem mais alcance e que ele consegue atingir os seus objetivos, da leitura, da visualização, de alguma ferramenta também.

[00:39:07] Entrevistador: Você citou que tem o Lucas, que não é formado em jornalismo. Inclusive, depois, se você puder me passar o contato para eu poder dar uma conversada, muito me interessa, porque eu quero ter essa mescla muito presente, de quem não é formado também em jornalismo, mas está na área.

[00:39:27] Entrevistado: Ele está se formando agora. Ele é formado em ciência da computação (formado e diplomado) e está se formando, daqui para dezembro, dependendo da pandemia. Ele já está no último período de jornalismo. Ele vai ter duas formações. Eu acho interessante porque ele fez essa dobradinha, então ele domina muito essa área do jornalismo de dados, de programação, de facilitar as coisas, automatizar, justamente porque ele tem essa formação de Ciências da Computação também. Mas eu posso passar o contato dele para você.

[00:39:55] Entrevistador: Maravilha! Eu faço sempre essa pergunta também porque eu percebo que a maioria trabalha com pessoas de outras áreas ou que é do próprio jornalismo, mas que foi para estatística ou foi para outro campo (é jornalista por formação, mas, inclusive, nem se vê como jornalista). Como é o trabalho com pessoas de outras áreas? Você vê isso como um passo positivo e importante para o jornalismo de dados, essa colaboração com profissionais de outras áreas?

[00:40:33] Entrevistado: Sim, sim. Na Tatu, tem o Lucas. Ele está finalizando. Tem algumas redações, veículos do eixo Rio-São Paulo-Brasília, que tem uma galera que trabalha com jornalismo de dados, que às vezes não tem a formação, mas facilita o trabalho para levar uma informação diferenciada para quem se considera jornalista. Tem até pessoas, como você falou, que são formadas em estatística, em programação e começam a ter contato com a área. Eu não vejo nenhum problema em eles serem considerados jornalistas ou alguma coisa do tipo. Eu acho que essa interlocução entre as áreas de programação, estatística, matemática, que algumas organizações com mais alcance financeiro têm, vem para enriquecer. Eu não vejo nenhum problema em ter esses profissionais na redação. Pode levar a uma perspectiva diferenciada. Eu fiz uma matéria sobre mortalidade infantil. Eu acabei fazendo sozinha e me virando e, no final, quando eu percebi, eu vi que tinha algo errado (o cálculo da mortalidade infantil não poderia ser feito pela quantidade de habitantes e, sim, por nascidos vivos). Se tivesse alguém na nossa equipe de estatística, que trabalhasse com essa área, poderia ter me auxiliado para eu não ter errado. Eu não coloquei o conteúdo no ar, porque eu ia pedir para alguém revisar. Depois que eu mesma revisei, eu percebi que aquilo estava errado. Eu não sou suficiente para saber de tudo. Se tivesse alguém da área que pudesse dizer: “Para fazer esse tipo de recorte, não é bem isso o que a gente tem que trabalhar. A gente tem que trabalhar com a quantidade de crianças de até um ano de idade, nascidos vivos”. Então, uma equipe multiprofissional pode aumentar as potencialidades e até diminuir os erros. A máquina também erra e a máquina humana também erra ao tentar fazer os seus recortes. Então, eu acho que isso pode ser muito positivo e eu não vejo nenhum problema em ter pessoas trabalhando em uma redação, que sejam de estatística, de matemática, programação. Tem até o Turica, não sei se você conhece (Álvaro Turica) do *Brasil.IO*. O trabalho que ele presta, para mim, é jornalismo e ele possibilita, não só para as pessoas que moram em São Paulo, uma série de base de dados, uma série de recortes, meio que já facilitando para a galera. É só pegar e fazer o básico. O trabalho que ele faz é fundamental, mesmo ele não sendo jornalista. O trabalho que ele faz, para mim, é fundamental. É muito positivo! Não vejo nenhum problema!

[00:43:50] Entrevistador: Ok! Tem alguma coisa que eu não tenha citado ou falado, mas que você acha importante?

[00:44:02] Entrevistado: Acho que é basicamente isso. Mas eu acho que a mudança mesmo para potencializar a área e para levar um conteúdo legal para a população e para fortalecer o jornalismo através disso (tem essa máxima: “contra dados não há argumentos”, então não tem como político argumentar se a informação está dada no Portal da Transparência, está no *site*, ou seja por LAI)... Então, eu acho que não tem mais volta e espero mesmo que a academia e as próprias pessoas que estão trabalhando com dados, que não tiveram contato na universidade, possam ser a referência para que outras pessoas (população em geral e os estudantes de comunicação e jornalismo) possam ter o interesse em fortalecer a área e fortalecer os conhecimentos, para levar um conteúdo diferenciado para a população. O jornalismo de dados é muito isso: levar um conteúdo e levar uma visualização legal, levar um assunto e levar um recorte, através de um número que pode potencializar sua matéria, tornando ela interessante, tornando ela às vezes única, porque outras pessoas, por não ter esse conhecimento com os números e com os dados, não vão produzir esse conteúdo. Mas não há nenhum tipo de concorrência do tipo: “Eu sou melhor por trabalhar com isso. Você trabalha com algum tipo de jornalismo e ele é mais direcionado a algum tipo de causa”. É mais uma área que está vindo com mais força, de uns cinco anos para cá - embora tenha relatos de pessoas que produziram jornalismo de dados há dez, 15 anos. Eu já esqueci o que eu estou dizendo. Eu espero que possam potencializar a área. “Eu sou jornalismo de dados, então eu sou melhor do que você, porque você trabalha com cultura e eu estou dando essa matéria exclusiva e você não vai conseguir fazer, mesmo tendo boas fontes, mas as minhas fontes são as tabelas. Eu sei programar e você não sabe”. Acho que é mais uma área que está vindo para fortalecer, e não para ter essa concorrência, não esquecendo do principal, que é levar o conteúdo direcionado para a sociedade, fazendo a sociedade refletir e os próprios jornalistas refletirem. É mais uma oportunidade de trabalho, embora, na maioria das redações, ainda não há essa cultura do jornalismo de dados, mas aos poucos isso vai sendo inserido. Eu tenho um colega - que eu vou até te passar o contato dele -, que é o Guilherme. Ele ainda é estudante e está se formando e trabalha no Campo Grande News. Ele é o único da redação lá de Campo Grande, da cidade que ele trabalha, que está tentando introduzir essa cultura. Ele me fala: “Eu estou ali tendo que fazer um acidente, tendo que

fazer o óbvio, mas eu penso em casa para tentar introduzir ou para praticar mesmo”. Ele faz algumas matérias interessantes sobre covid e algumas matérias gerais e basiconas, mas que no espaço dele, no jornalismo local, só ele está fazendo. São pequenos exemplos que vão fazendo a diferença, seja em Campo Grande, em Alagoas ou em outros estados também. No Norte também tem algumas referências - o InfoAmazônia. São pequenas sementes que vão sendo colocadas para fortalecer a área e para levar essa cultura para o jornalismo geral e para levar um conteúdo diferente para a sociedade, um conteúdo interessante.

[00:48:02] Entrevistador: Sim! Uma coisa que eu lembrei com você falando: o jornalismo de dados no Brasil ainda é muito eixo Sul-Sudeste. Você vê que isso precisa crescer mais nos interiores, no jornalismo local e regional.

[00:48:20] Entrevistado: Tem toda essa questão que redações, até das capitais mesmo, são enxutas, com todo mundo já saturado, precarizado. “Por que eu vou aprender uma área? Eu vou fazer o meu feijão com arroz. Se eu aprender essa área, eu vou ser cobrado a fazer uma matéria sobre isso”. São inúmeras questões que o jornalista das redações tradicionais também passa, porque está todo mundo precarizado, está todo mundo cansado. Tem essa questão de pandemia, de loucura, de eleições. “Ai, meu Deus! Eu não vou me propor a aprender mais alguma coisa, porque vai ser um desgaste maior”. Fora isso de estar nesse eixo Rio-São Paulo e os jornalistas precisam levar algum tipo de apoio. Até essas empresas, como o Google, como eles fizeram... Nos critérios de seleção para ser selecionada, tinha também isso de iniciativas de grandes potencialidades, como Rio e São Paulo. Isso também foi uma coisa... Óbvio que o trabalho também é excepcional, e eu não estou “puxando sardinha”, mas também teve esse recorte de ser uma iniciativa fora desse eixo, que não tem tanta visibilidade. Então, essas iniciativas de apoio também e de fortalecimento - esses editais -, que passam a fazer a diferença no jornalismo local, em Alagoas e em outros estados também, para que a gente não morra. A Tatu está há três anos e só agora foi que teve um respiro, a partir deste edital, para que a gente possa se tornar sustentável e para que a ideia da gente não morra e se fortaleça, para que possa contratar pessoas. No momento, a gente não tem nada de carteira assinada. A gente está tendo uma graninha (um pouquinho ali), mas ainda não chega a um piso do jornalismo local, mas estamos trabalhando para que todo mundo possa, de repente, largar seus empregos - só para ter as finanças do mês - para se dedicar a produzir mais e melhor. Como a gente está se dividindo, às vezes é cansativo. Ontem a gente teve reunião e eram nove horas da noite. Eu estou trabalhando de *home office*, mas estou trabalhando muito mesmo em casa. Às vezes, eu saio para cobrir alguma ação da assessoria ou da secretaria; às vezes tem coisas internas para eu fazer. Todo mundo se divide: o Lucas Tainan trabalha na Prefeitura com o prefeito; a Grazi trabalha na Secretaria Municipal de Saúde; o Lucas tem os projetos dele; a Maria Luiza, a estagiária, também tem outros estágios. Então, todo mundo está tendo que se dividir e ainda tem que botar a Tatu para frente. É muito cansativo, mas a gente tem essa perspectiva de se tornar sustentável e poder se dedicar apenas à Tatu e botar o projeto para frente e, de repente, se tornar uma agência de jornalismo de dados, não só de Alagoas, mas do Nordeste. São as nossas perspectivas, os nossos projetos futuros, Patrícia.

[00:51:51] Entrevistador: Muito obrigada pela sua fala, pela sua entrevista. Eu mandei um termo para o seu e-mail, que é um termo de livre consentimento. Eu só posso usar essa entrevista na tese, se você assinar esse termo, que o comitê de ética pede para a gente estar respaldado na ética acadêmica. Se você puder dar uma olhada lá e me responder o e-mail com a assinatura. Pode ler o termo. Fique à vontade! Eu aguardo o retorno desse termo. Se você puder me mandar os contatos que a gente citou aqui (os dois Lucas) e quem mais você acha que seria interessante... Me manda, por favor, pelo “zap”, que me ajuda bastante.

[00:52:35] Entrevistado: Eu vou mandar o do Guilherme e do Lucas Tainan, que é o fundador, e do Lucas Maia, que é o que já é formado em Ciências da Computação e está se formando em jornalismo.

[00:52:44] Entrevistador: Isso! Está bom! Muito obrigada, viu? Gratidão e uma boa semana para ti.

[00:52:49] Entrevistado: Está certo! Você é de onde?

[00:52:52] **Entrevistador:** Eu sou da Paraíba, mas eu moro em Brasília e faço doutorado na UFSC, no Sul. É uma loucura! É uma loucura geográfica, mas está dando certo.

[00:53:03] **Entrevistado:** Que bom! Parabéns pelo trabalho. Você trabalha com dados ou só está estudando?

[00:53:09] **Entrevistador:** Eu sou professora universitária e estou fazendo doutorado e comecei a me interessar por essa área do jornalismo de dados. Eu já fiz alguns cursos também para entender um pouco a área, mas nunca trabalhei em redação, nesse sentido, com dados.

[00:53:28] **Entrevistado:** Você está naquele grupo de jornalismo de dados nacional?

[00:53:30] **Entrevistador:** Estou, estou.

[00:53:32] **Entrevistado:** Massa! Muito legal!

[00:53:43] **Entrevistador:** Eu estou acompanhando lá.

[00:53:35] **Entrevistado:** Ali a gente consegue acompanhar muita coisa.

[00:53:37] **Entrevistador:** Isso! A colaboração, as trocas de mensagens... sim, sim, sim! Na época, o Sérgio me colocou naquele grupo, anunciou, aí aquele grupo é meio que um laboratório de observação meu.

[00:53:50] **Entrevistado:** Exato! Muito bom ali.

[00:53:52] **Entrevistador:** Obrigada, viu? Eu fico no aguardo dos contatos e do termo.

[00:53:56] **Entrevistado:** Está certo! Eu vou te mandar.

[00:53:58] **Entrevistador:** Até mais. Tchau, tchau!

[00:53:59] **Entrevistado:** Tchau, tchau! Qualquer coisa, é só falar.

[00:54:02] **Entrevistador:** Está bom! Obrigada.

Entrevistado 12:

[00:00:01] **Entrevistador:** ... eu coloco para gravar, para depois aproveitar o material, tá?

[00:00:04] **Entrevistado:** Está bom!

[00:00:05] **Entrevistador:** Eu agradeço, primeiro, pela sua disponibilidade em falar comigo. Eu sei que a vida está uma correria, então eu te agradeço de antemão por você poder colaborar com a tese. A tese tem uma proposta de falar sobre jornalismo de dados, na perspectiva de quem atua nessa área ou já atuou, sendo jornalista ou não, por formação - os atores que atuam nessa área ou que já passaram por essa área. A Renata me indicou e algumas pessoas já tinham me indicado o seu nome, para que eu pudesse ter uma conversa. A Renata facilitou isso para a gente. Tudo o que a gente vai falar aqui é de uso exclusivo para a tese. Logo após, eu vou te mandar um termo de consentimento por e-mail. Eu só posso usar essa entrevista com você assinando esse termo - é um protocolo do comitê de ética da universidade. Você pode dar uma lida e me enviar de volta por e-mail mesmo. Assim que a gente terminar, eu te envio. É uma entrevista aberta, então fique bem à vontade para responder da forma que você achar melhor. Eu sempre começo com uma pergunta básica para todo mundo, que é em relação à formação. Eu sei que você não é jornalista, mas é da área de direito. Mas eu quero saber da sua formação, construção de carreira ao longo dos anos e como você passa pelo jornalismo.

[00:01:41] Entrevistado: Eu sou advogado, por formação. Eu fiz direito na Unesp, que é uma das universidades estaduais de São Paulo. Assim que eu terminei a faculdade, eu não gostava muito de advogar. Devo ter advogado duas vezes na vida, para os meus pais: no processo em que minha avó faleceu, eu fiz o inventário. Mas eu gostava da área científica, então eu fui fazer o meu doutorado em São Paulo, na USP. No doutorado, a faculdade era um pouco complicada, eu não tinha bolsa. Dentro da faculdade de direito, naquela época, começou a se falar sobre pesquisa empírica. Eu me interessei e falei: “Esse negócio é interessante. Eu quero fazer isso daí”. Até então, no direito, o que se fazia era basicamente interpretação de doutrina. Eu me senti fazendo ciência mesmo. Eu comecei a estudar sem parar e descobri que eu tinha familiaridade com aquilo. Como eu programava, quando criança, foi um passo forte para aprender novas linguagens de programação. Eu comecei a estudar estatística e não parei mais. Eu comecei a fazer matérias no Departamento de Ciências Políticas da USP. Como eu era do direito constitucional, que é basicamente Ciências Políticas, eu comecei a estudar Ciências Políticas. Das Ciências Políticas, eu comecei uma graduação no IME-USP - Instituto de Matemática e Estatística da USP. Eu comecei uma graduação em estatística e estava fazendo o doutorado também. Larguei no meio. Dentro da USP, eu comecei a ter contato com pessoas. Lá na USP, eu tive contato com o Rodrigo Bulgarelli, que era repórter no *Estadão Dados*. Ele me falou assim: “Abriu uma vaga”. Ele me perguntou se eu gostaria de fazer a entrevista. Eu fui e gostaram de mim - o Toledo, que era o chefe na época, gostou de mim e o Bramatti também -, aí me contrataram. Foi aí que eu comecei a trabalhar com jornalismo de dados. Eu já trabalhava com dados antes. Experiência com jornalismo eu não tinha nenhuma. Para ser sincero, eu não sabia escrever. Obviamente, eu sabia escrever, mas a minha escrita foi formada na faculdade de direito, então eu escrevia em “juridiquês”. Lá, eu basicamente reaprendi a escrever com o Bramatti e o Toledo me corrigindo. Além disso, eu já fazia alguns trabalhos de dados. Fiz uns “freelas” para a FGV, fiz “freelas” para a Associação Brasileira de Jurimetria. No *Estadão*, eu fiquei por dois anos, que foram muito produtivos e eu aprendi muito. Eu e o Bulgarelli meio que disputávamos... Era muito interessante. Era diferente dos trabalhos dos outros jornalistas, porque a gente tinha muita liberdade para fazer o que a gente queria. Para você ter uma ideia, a nossa rede de internet era separada do restante do *Estadão*. O Toledo que pagava do próprio bolso. Era um negócio à parte. Eu e o Bulgarelli ficávamos disputando. “Tem que fazer uma pauta”. No lugar de dividir a pauta, nós dois fazíamos a mesma coleta de dados e a gente disputava para ver quem terminava antes, ele no Python e eu no R. É uma coisa que seria impensável para o resto da redação. A gente aprendeu muito, porque, como era pequeno, a gente tinha que fazer de tudo: a gente tinha que fazer desde webdesign; desde o gráfico em javascript; a gente tinha que colocar dados e fazer análise (que sempre foi o meu forte); configurar a rede e configurar o servidor, porque o *site* do *Estadão Dados* (o blog) era separado. Várias tecnologias que a gente não conhecia a gente foi tendo que aprender na hora, então foi muito produtivo. Teve uma época que o *Estadão Dados* deu uma acabada. O Toledo era colunista e os caras estavam remodelando. O Toledo não tinha esse cargo de editor do *Estadão Dados*. O *Estadão Dados* era uma coisa à parte. Eles falaram: “Toledo, você não pode ir mais para a redação, porque você pode gerar algum tipo de problema, então continue como colunista”, aí o Bramatti ficou como chefe do *Estadão Dados*. Começamos a pensar que eles queriam acabar com o *Estadão Dados*. Mas eu acho que não, porque o *Estadão Dados* continua até hoje. Lá, eu comecei a procurar um novo emprego. Eu já estava terminando o doutorado também. O primeiro lugar que eu consegui emprego, que foi até bem fácil... Eu não sei como está hoje no Brasil, mas naquela época estava chovendo vagas para *data scientist* no LinkedIn. Vinham três mensagens por semana. Para ser sincero, eu acho que ainda está um pouco assim no Brasil, porque eu ainda tenho um LinkedIn no Brasil e eles ainda mandam mensagens, então eu ainda acho que deve ter muita vaga para *data scientist*. Eu fui para um *startup* chamada *iCarros*, que o Itaú era dono. Eu fiquei lá por dois meses e comecei a fazer um trabalho normal e senti que não estava legal, porque era um trabalho muito *standard*. Eu fazia as mesmas coisas todos os dias. Aí, apareceu uma vaga para ser editor de dados do *JOTA*, que era um veículo jurídico, o que tem tudo a ver comigo. Eu falei: “Vou aplicar. Não custa nada”. Eu me lembro que, no LinkedIn, tinha 130 candidatos. Era coisa para caramba! Eu fui passando nas fases e, quando eu vi, eu ganhei a vaga. Fiquei lá no *JOTA* por quase dois anos também. Basicamente, essa é a minha experiência com jornalismo. Eu participava da comunidade de jornalismo de dados, dava cursos. Agora eu estou separado do jornalismo porque eu estou em um PhD, aqui nos Estados Unidos, mas, mesmo assim, eu fiz um trabalho agora para o *Estadão*. A gente fez um modelo preditivo das eleições americanas. Eu ainda tenho bastante contato com o pessoal.

[00:08:46] Entrevistador: Entendi! Esse contato que você teve com o *Estadão Dados*, você teve também com a produção jornalística? Você teve que aprender as habilidades e competências da área de jornalismo ou você fazia algo mais voltado para programação, estatística?

[00:09:07] Entrevistado: Eu tive que aprender bastante pela seguinte razão: o *Estadão* ainda tinha uma ligação muito forte com o impresso. Eu não sei como está hoje, mas, naquela época, o impresso ainda era a “galinha dos ovos de ouro” - era de onde vinha a maioria das assinaturas, ou seja, uma importante fonte de renda vinha do impresso. Muitas coisas que a gente fazia a gente tinha que lidar com o impresso e lidar com o pessoal da infografia. A gente fazia as coisas online, mas eu não sabia mexer no Adobe ou no Illustrator, por exemplo. Isso era interessante: o Toledo garantia a nossa independência, então a gente fazia muitas pautas próprias. Mas, muitas vezes, a gente ajudava o pessoal da redação. Se alguém vinha com alguma ideia, então a gente tinha que auxiliar essa pessoa. A nossa independência garantia que a gente pudesse escolher se a gente podia fazer a pauta ou não. Quando alguém chegava com uma pauta interessante, a gente fazia junto. Com o impresso, tinha que lidar com tudo (diagramação, etc). Então, eu tive que aprender bastante. Eu não sabia o que era um “sub” - esse tipo de jargão. “Lead”: eu não sabia o que era. Eu sabia o que era *allied*, que, no direito, tem outro significado, que é litígio. O que é um lead eu tive que aprender no jornal.

[00:10:42] Entrevistador: Você acha que essa experiência foi válida então?

[00:10:45] Entrevistado: Foi válida. Deixa eu só completar uma coisa? O JOTA era um veículo mais moderno. É um veículo que não tinha o impresso, então eu senti que, no JOTA, eu não tinha que lidar tanto com jargão - isso é engraçado!

[00:11:08] Entrevistador: Direto com a linguagem jornalística, né?

[00:11:10] Entrevistado: Exatamente! No JOTA era diferente. Eu nunca tinha pensado nisso, mas no JOTA era diferente.

[00:11:15] Entrevistador: Você acha que era diferente por quê? Qual é a sua avaliação?

[00:11:19] Entrevistado: Porque o *JOTA* era já online, não tinha essa estrutura tradicional. O *JOTA* foi uma grande experiência, porque era todo mundo bastante unido. O *JOTA* era muito pequeno - hoje está bem maior -, então você tinha que fazer de tudo, igual no *Estadão Dados*. No *JOTA*, eu ainda fazia coisas mais tradicionais, tipo entrevista, que eu não fazia antes, entendeu?

[00:11:46] Entrevistador: Entendi, entendi! A gente vê essa atuação de não-jornalistas ou de jornalistas que vão ter que aprender outras habilidades ou competências. Como você enxerga essa interação de outras áreas? Você vê como algo legal essa colaboração para o campo do jornalismo?

[00:12:05] Entrevistado: Totalmente! Eu acho que é uma contribuição muito boa. É difícil explicar. Parece que o jornalismo de dados exige muitas competências diferentes. É difícil você achar pessoas que tenham todas essas competências: precisa de gente de programação, precisa de gente que saiba de análise, precisa de gente que saiba escrever... São várias competências ao mesmo tempo. É difícil encontrar em uma pessoa só. Então, eu sinto como se a comunidade de jornalismo de dados fosse bem unida. Em determinada Abraji, eu e o Sérgio Spagnuolo criamos um grupo de WhatsApp. Eu estou fora do grupo do WhatsApp agora - eu saí em determinado momento -, mas esse grupo de WhatsApp deve estar cheio de gente. Parece que é bem interessante!

[00:12:55] Entrevistador: Sim! Eu estou lá nesse grupo. O Sérgio me colocou há um tempo, exatamente para eu ir acompanhando. É muito como um laboratório para mim aquele grupo. Lá tem muito a perspectiva da colaboração. A gente vê uma colaboração e um acolhimento para quem está iniciando e que ainda não programa, aí alguém vai dando dicas de programação. Você acha que, para atuar no jornalismo de dados, de fato, precisa ter os diferenciais dessas competências?

[00:13:26] Entrevistado: De programação? De programação, nem tanto. Posso dar dois exemplos claros. O Bramatti e o Toledo falam em jornalismo de dados... Eles são muito bons de análise e eles não são programadores. Eles sabem lidar com Excel, mas eles não são programadores. Tem uma diferença, na verdade: o Bramatti sabe SQL, sabe lidar com mapas. Mas eles não são programadores.

[00:13:51] Entrevistador: Mas precisa ter algum diferencial e de entender, de certa forma, alguma linguagem, nesse campo. A gente fala da formação do jornalista... Uma coisa que a gente vem discutindo muito nessas entrevistas é quando o jornalista diz: “Eu não tive essa formação. Na universidade não se falava. Eu não tive uma disciplina de programação básica”. A gente está falando de programação básica - não é nem avançada. “Eu tive só contato com uma disciplina de computação gráfica ou webdesign”, mas nada perto do que é feito no jornalismo de dados. “Eu tive que fazer cursos fora”. A gente vai percebendo essa correria atrás de uma habilidade que talvez eu não tenha tido na minha formação tradicional de universidade. Você não sendo do campo do jornalismo, você acha que os jornalistas têm que buscar de certa forma e entender o básico? Não precisa saber programação avançada, mas tem que entender o básico, saber ler uma planilha?

[00:14:55] Entrevistado: Isso precisa, sem dúvidas! Uma coisa que o pessoal nunca pensa nisso, mas é importantíssimo: é a qualidade das análises. Você tem que saber lidar com dados. Isso não é muito claro e isso é importante, não só em termos de conceitos (média, mediana), mas também coisas que parecem mais filosóficas, mas que não têm nada de filosófico. Um exemplo é como lidar com causalidade.

[00:15:25] Entrevistador: Inclusive um dos entrevistados falou assim: “Eu acho que a gente precisa de mais estatística. A gente precisa entender mais dos números para poder olhar para aquela planilha e saber o que eu vou poder tirar ou o que eu quero”. Você acha que a estatística ajudaria, nesse sentido?

[00:15:43] Entrevistado: Sem dúvidas! Eu sempre fui dessa opinião. Eu era crítico. Há algum tempo, o pessoal achava que o jornalismo de dados era só programação. Eu falei: “Não! Isso daí está errado. A gente precisa da análise”.

[00:15:59] Entrevistador: Sim, sim. Passando um pouquinho para você, como você se autodeclara? Você já se declarou alguma vez como “jornalista de dados”? Você já se enxergou nesse lugar?

[00:16:00] Entrevistado: Eu já! Você diz... Como assim?

[00:16:15] Entrevistador: Se auto reconhecer mesmo. “Eu sou jornalista de dados!”: você já passou por essa fase ou está nessa fase?

[00:16:23] Entrevistado: Eu já fui. Não estou mais. Para ser sincero, eu sempre me vi como cientista. Eu tinha essa visão no jornalismo de dados também: “Eu não sou tradicionalmente do jornalismo”. Eu sempre vi o jornalismo de dados como um jornalismo que não era tão tradicional; era mais puxado para o método científico e para a comunidade científica do que para o jornalismo tradicional. Eu explico o que eu quero dizer! Não estou falando que o jornalismo de dados tem que lidar com o que se entende por jornalismo científico, que é astronomia, biologia - não é isso! O que eu quero dizer é que o método do jornalismo de dados é muito próximo do método da comunidade científica. Você não esconde as suas fontes. Você apresenta suas fontes; você apresenta os seus códigos e os seus dados para que as pessoas repliquem; você depende da aprovação dos pares e depende dos comentários das outras pessoas. É essa a visão que eu tinha. Eu sempre me vi como cientista, por isso que eu acho que eu acabei voltando para a academia.

[00:17:41] Entrevistador: Em algum momento você se considerou jornalista de dados?

[00:17:43] Entrevistado: Sim, sem dúvidas. Sem dúvidas!

[00:17:46] **Entrevistador:** Esse autorreconhecimento, nesse período, você acha que veio de quê? De estar no mercado? De ter algumas habilidades?

[00:17:57] **Entrevistado:** Eu acho que veio de estar no mercado.

[00:18:00] **Entrevistador:** Entendi!

[00:18:01] **Entrevistado:** É o que eu disse: eu sempre me vi mais como um cientista. Eu vejo o jornalismo de dados como um tipo de ciência, como uma parte da ciência. Eu acho que é assim que se vê nos Estados Unidos também. Se você ver o *FiveThirtyEight*, eles contratam vários cientistas.

[00:18:25] **Entrevistador:** Como você enxerga o jornalismo de dados no Brasil, você que já passou por ele e diante do que você está acompanhando e diante do que você ainda tem contato? Você acha que ainda vai dar saltos? Como você enxerga o jornalismo de dados brasileiro?

[00:18:46] **Entrevistado:** Eu acho que está melhorando cada vez mais, sem dúvidas. Não estagnou de jeito nenhum - pelo menos essa é a visão que eu tenho. É um pouco diferente do jornalismo de dados americano, mas eu acho que tende a ocorrer uma certa convergência. Como disse, o jornalismo de dados americano eu sinto como se fosse mais científico. Agora, por exemplo, nas eleições, o *FiveThirtyEight* contratou um bando de cientistas - contratou o Dan Hopkins, contratou um colega meu que trabalhava aqui. É isso! Eu acho que o jornalismo de dados brasileiro está indo por esse caminho também. Posso estar enganado, mas é assim que eu enxergo.

[00:19:31] **Entrevistador:** Como você projeta a sua carreira para os próximos anos? Como você vê essa caminhada?

[00:19:39] **Entrevistado:** Eu pretendo ficar na academia. Eu não pretendo trabalhar na indústria, não.

[00:19:47] **Entrevistador:** Então, se você tivesse a oportunidade de voltar para o mercado de jornalismo de dados, isso não é uma projeção?

[00:19:54] **Entrevistado:** Não, mas eu gosto. Às vezes, aparece um “freela” que eu faço nem tanto pelo dinheiro; eu faço pela diversão, porque eu gosto. É gostoso. Jornalismo é uma área que as pessoas gostam. Não tem como não falar que não. É gostoso! Eu não sei explicar! Seu trabalho é visto por todo mundo. É uma coisa que é bem interessante. Então, eu faço na brincadeira. Eu queria ter mais tempo, mas eu não tenho. Se eu tivesse mais tempo, eu ajudaria muito mais o jornalismo. Eu faria coisas de graça, sem dúvida.

[00:20:38] **Entrevistador:** Você se sente colaborador da comunidade?

[00:20:41] **Entrevistado:** Eu me sinto, eu me sinto. Quando eu faço alguma coisa, eu ganho. Mas eu faria de graça. Eu faria de graça.

[00:20:48] **Entrevistador:** Para poder colaborar com a comunidade?

[00:20:53] **Entrevistado:** Sim, e porque eu gosto! Não vou mentir: eu gosto!

[00:20:57] **Entrevistador:** Quando a gente pensa em jornalismo de dados, muita gente articula o jornalismo de dados com transparência e um pouco com o jornalismo investigativo. Você enxerga essa linha e essa união?

[00:21:16] **Entrevistado:** Eu enxergo, mas eu não era dessa linha. Eu nunca fiz um pedido de LAI na vida. Devo ter feito uns três pedidos de LAI na vida. Isso é importante, mas eu acho que eu não gostava e nem me sentia desafiado. Eu sempre gostei de raspagem de dados. Me parecia um negócio proibido, não sei. Quanto mais difícil, melhor. Eu e o outro profissional disputamos para ver quem conseguia fazer os melhores. Obviamente eu reconheço que o jornalismo de dados libera transparência

e é importante. Eu até brincava nesse grupo, fazendo uma piada: “Eu não gosto de transparência, porque, com a transparência, é tudo muito fácil. Eu preciso de menos transparência, para me dar mais vontade de *hackear*, de *scrapear* o site”.

[00:22:13] **Entrevistador:** Então, você está mais para uma cultura hacker.

[00:22:17] **Entrevistado:** Talvez!

[00:22:20] **Entrevistador:** Entendi! Eu não perguntei, mas qual é a sua idade, por gentileza?

[00:22:26] **Entrevistado:** Eu tenho 32 anos.

[00:22:27] **Entrevistador:** Está fazendo pós-doc, né?

[00:22:29] **Entrevistado:** Eu estou fazendo o doutorado. Estou no segundo doutorado.

[00:22:33] **Entrevistador:** Segundo doutorado? Em que área?

[00:22:35] **Entrevistado:** Aqui na Ciência Política. Mas o meu foco é mais em métodos estatísticos.

[00:22:42] **Entrevistador:** Então, você diria que a sua área está muito mais na estatística, né?

[00:22:47] **Entrevistado:** Sim!

[00:22:48] **Entrevistador:** E o Direito?

[00:22:49] **Entrevistado:** O Direito eu abandonei. Não pretendo voltar. É uma área que eu não tenho mais a mínima... Antigamente, eu achava que o Direito iria mudar e que ele iria vir mais para o meu lado. Hoje eu perdi a total esperança. Não tenho vontade de voltar para o Direito, de jeito nenhum!

[00:22:08] **Entrevistador:** O que te levou a fazer um segundo doutorado? Eu estou no primeiro e está difícil.

[00:23:17] **Entrevistado:** Primeiro, eu sempre gostei muito de Ciência Política. Segundo porque eu queria vir para os Estados Unidos. Eu sempre gostei da academia, e eu achava difícil eu me envolver com a academia americana no Brasil - isso é um fato. É difícil falar isso, mas aqui nos Estados Unidos eles têm dinheiro para contratar os melhores. Eu queria disputar com os melhores. Basicamente por isso resolvi aplicar. Tem outros fatores: eu também achei que o Brasil ia de mal a pior, em 2018. Eu não tinha esperança em termo de política. Falei: “Acho que agora é uma boa oportunidade para eu sair do país”.

[00:23:59] **Entrevistador:** Aí, tem dado certo para ti?

[00:24:00] **Entrevistado:** Total!

[00:24:03] **Entrevistador:** Que bom! Tem alguma coisa que eu não citei e que eu não coloquei aqui, que você acha importante colocar, se tratando de atuação profissional, jornalismo de dados?

[00:24:15] **Entrevistado:** Eu não sei, para ser sincero. Eu falei bastante da minha visão.

[00:24:22] **Entrevistador:** Mas a ideia é essa mesmo!

[00:24:25] **Entrevistado:** A minha visão é um pouco diferente da visão dos outros.

[00:24:28] **Entrevistador:** Mas é interessante essas visões. Eu conversei com outros atores que não são formados em jornalismo, mas que já atuaram ou atuam na área e é bem interessante ver essa

perspectiva: do olhar que vocês têm em relação ao jornalismo e a essa atuação do jornalismo de dados. É bem interessante a gente perceber, e não só perceber o olhar do jornalista. São vozes que dão uma colcha de retalhos bacana para a gente pensar esse campo de atuação, que cada vez mais acolhe atores que não são formados em jornalismo e que têm um protagonismo muito forte no jornalismo de dados.

[00:25:09] **Entrevistado:** E tem muita polêmica. Eu imagino que o grupo ainda tenha muita polêmica. Na minha época, eu discutia para caramba! Eu entrava por causa da polêmica. Às vezes eu nem acreditava naquilo que eu começava a defender.

[00:25:21] **Entrevistador:** Tem, tem, sim. Sempre tem polêmicas ainda. Para mim, eu estou bem satisfeita. Eu acho que é isso. Se tiver mais alguma coisa que você lembre e que você queira colocar... Eu fico pensando sobre quando a gente fala de LAI e transparência, de governo. Você acha que é fácil trabalhar, no Brasil, com jornalismo de dados, diante dessa questão política?

[00:25:52] **Entrevistado:** Eu acho mais fácil. Deu uma piorada. Mas tem que comparar o Brasil com os outros países: o Brasil é muito bom, em termos de dados.

[00:26:05] **Entrevistador:** É mesmo? Eu achei que seria o contrário.

[00:26:08] **Entrevistado:** Não! Os Estados Unidos são ótimos também. Mas compare com outros países da América Latina.

[00:26:16] **Entrevistador:** O Brasil ainda está na vantagem.

[00:26:18] **Entrevistado:** Sim! Sem dúvidas.

[00:26:24] **Entrevistador:** Isso ajuda, inclusive, o campo de atuação.

[00:26:25] **Entrevistado:** Totalmente!

[00:26:27] **Entrevistador:** Eu acho que é isso. Eu agradeço a sua participação e a sua colaboração, de verdade. Eu vou te mandar o termo! Eu te mando daqui a pouco o termo, para você dar uma olhadinha. Se você puder assinar e me devolver, eu agradeço.

[00:26:52] **Entrevistado:** Claro! Sem problemas!

[00:26:54] **Entrevistador:** Muito obrigada. Qualquer coisa, se eu lembrar ou tiver alguma dúvida, eu te mando um WhatsApp, tá bom?

[00:26:59] **Entrevistado:** Claro! Sem problema nenhum!

[00:27:01] **Entrevistador:** Obrigada e bom dia. Tchau, tchau.

[00:27:03] **Entrevistado:** Tchau!

Entrevista 13:

[00:00:01] **Entrevistador:** ... esse sofrimento.

[00:00:02] **Entrevistado:** Isso!

[00:00:03] **Entrevistador:** Eu já agradeço a sua disponibilidade e esse tempo aqui, para conversar comigo. Não sei se você se lembra de mim, mas a gente já se encontrou em alguns eventos aí, onde eu estava fazendo pré-campo, exatamente para a tese. A tese transversa sobre o jornalismo de dados, mas na perspectiva dos profissionais que atuam na área, independente se é jornalista ou não. Eu já

conversei com alguns profissionais que não são jornalistas, mas que protagonizam e estão no jornalismo de dados. Obviamente, todo mundo indicou que eu conversasse com você. Essa entrevista já vem se arrastando há um tempo. Que bom que deu certo agora! A entrevista é aberta. Tudo o que a gente for conversar aqui é exclusivamente para a tese. Eu vou te mandar o Termo de Livre Consentimento, que é um protocolo do comitê de ética. A gente não cita o nome do entrevistado e explica um pouco. Eu preciso, para que eu possa utilizar essa entrevista, que você dê uma lida e assine e me devolva no mesmo e-mail. É só protocolo do comitê de ética. A entrevista, como é aberta, a gente não tem um roteiro, em si, formado, então eu vou muito pelo que o entrevistado vai falando. A gente sempre tem uma pergunta que norteia essa entrevista, que é sobre formação e a escolha de formação e pegando a construção de carreira (como começa nesta formação, os primeiros passos de carreira até onde está agora, as escolhas e como surge o jornalismo de dados). Queria te ouvir um pouquinho sobre isso.

[00:01:49] Entrevistado: A minha entrada no jornalismo de dados teve algo de acaso e algo de contexto do momento profissional. Eu estava no *Estadão*, como editor-adjunto (subeditor), e um repórter especial saiu da editoria e o meu editor teve muita dificuldade de encontrar alguém para ficar na reportagem naquela vaga e tinha mais opções para ficar na edição, então ele me propôs de trocar: eu ficar na reportagem (virar repórter de novo) e abrir uma vaga para subeditor. Eu gostei da ideia porque eu já estava há algum tempo nessa função e sempre é bom dar uma mexida, dar uma refrescada. Cobertura de política demanda muito contato quase que diário, corriqueiro, com fontes, coisa que eu tinha perdido. Nós estamos falando aqui de 2010, 2011. Eu tinha trabalhado em Brasília, no Congresso Nacional, de 94 até o ano 2000. Depois disso, eu fui para *A Folha de S. Paulo*, trabalhei na editoria de Cotidiano, quer dizer, me desvinculei um pouco da Política. Aí, fui para a editoria de Política, na *Folha*. Voltei a me conectar com a Política, mas na edição, e não necessariamente na reportagem. Em resumo, eu estava sem fontes na área de Política - não tinha mais contato com gente no Congresso, etc. Aí, eu, já que eu não tinha fontes, comecei a fazer análise com base em dados, que eram coisas que eu via que ninguém estava olhando e que tinham coisas interessantes (padrões eleitorais, como se distribuía o dinheiro das campanhas, como se distribuía o financiamento das atividades partidárias durante o ano). Eu fui fazendo pautas com esse olho de olhar de dados no mundo da política. Paralelamente a isso, o José Roberto de Toledo (não sei se você procurou por ele também) ...

[00:04:47] Entrevistador: Sim.

[00:04:48] Entrevistado: Ele estava com essa ideia de fazer uma equipe dedicada a dados dentro do *O Estadão*. Ele tinha participado de um evento de jornalismo de dados no exterior. A ideia era muito mais colocar pessoas com qualidade e formações diferentes para trabalhar juntas e da equipe fazer um tipo de jornalismo que, no Brasil, não existia naquele momento. Ele me chamou para participar desse embrião dessa equipe do *Estadão Dados*, já com uma ideia de fazer o basômetro, que foi a primeira ferramenta que a gente colocou no ar, que foi resultado desse trabalho colaborativo entre desenvolvedores, jornalistas, pessoas com o olhar mais estatístico. Deu super certo no começo. É uma pena que a experiência do *Estadão Dados* tenha sido pioneira, mas ela logo perdeu força (logo não, porque ela durou um bom tempo). A gente começou a perder gente para a concorrência e foi bem no momento de mais uma das crises das redações e de fechamento de vagas e tals. Essas vagas não foram repostas e a nossa capacidade analítica foi-se embora também. Coisas que o *Estadão Dados* fazia no passado não tem como fazer mais porque não tem as pessoas com o talento necessário.

[00:06:39] Entrevistador: Mas o *Estadão Dados* ainda existe, esse núcleo?

[00:06:42] Entrevistado: Ele existe como marca. De vez em quando, eu faço uma matéria. Mas eu sou a única pessoa, então ele não é um núcleo mais. Eu tenho o plano ainda de reavivar o *Estadão Dados*, buscando, de alguma maneira, autofinanciar essa iniciativa. Eu entendo que em uma situação de penúria, como a que vivem os jornais hoje, é um certo luxo você ter uma equipe de dados. Uma equipe de dados é uma coisa que ela traz prestígio para o jornal, ela traz matérias e reportagens de fundo que não tem como fazer de outra maneira, mas é um costume ser caro, porque são pessoas que são muito cobiçadas por outras áreas e têm salários mais elevados que a média. Quando você não tem

nem para o “feijão com arroz”, que é o caso que eu vejo hoje nas redações brasileiras, você dedicar um recurso para esse tipo de coisa pode ser não vantajoso. Minha ideia é tentar fazer algo com dados que tenha algum tipo de monetização também.

[00:08:13] Entrevistador: Entendi! O *Estadão Dados* nasce em 2011?

[00:08:18] Entrevistado: Março de 2012 foi quando a gente colocou o basômetro no ar, então, em 2011, ele era o plano, digamos assim. Mas em 2012 foi quando efetivamente ele saiu do ovo.

[00:08:37] Entrevistador: Eu lembro que o Toledo me falou assim: ele teve contato muito mais antes de ser chamado de jornalismo de dados, porque a gente chamava de “reportagem assistida por computador”. Você viveu isso também?

[00:08:48] Entrevistado: Eu cheguei a fazer um curso na *Folha* e fiz algumas coisinhas, mas não era uma prática corriqueira. Eu saí da *Folha* em 2006 e, em 2007, eu fui trabalhar no *Terra Magazine*, que era uma revista eletrônica que produzia conteúdo para o *Terra* (não era, exatamente, ligada à redação do *Terra*). Por coincidência, o *Terra Magazine* funcionava no mesmo andar da empresa do Toledo na época. Na *Terra Magazine*, eu já fazia um pouco dessas matérias inspiradas em dados. Eu mergulhava em relatórios e tentava extrair coisas. Teve uma matéria que eu achei um erro no que os economistas do FMI tinham feito em relação a projeção do tamanho da economia do Brasil. Eu mandei mensagem para o cara e o cara reconheceu o erro. A gente fez uma matéria. Eu acho que isso aí foi deixando o Toledo antenado para isso também: que eu seria uma pessoa com facilidade para trabalhar com isso.

[00:10:11] Entrevistador: Entendi! O que te atraiu? Um dos pontos que te atrai no jornalismo de dados seria essa não dependência das fontes (pessoas)?

[00:10:23] Entrevistado: Eu gosto do aspecto do jornalismo de dados que ele me deixa menos suscetível à subjetividade das pessoas, das fontes. Lógico que o dado, em si, é lido subjetivamente, mas ele tem um fundo de concretude, ele tem um pé na realidade, que me atrai muito mais do que um outro jornalismo, que é baseado simplesmente em entrevistas, em ouvir as pessoas e reproduzir as impressões que elas têm do mundo. Tudo bem! É um tipo de jornalismo que existe, que é necessário, mas que eu acho que, no mundo político, ele te dá uma visão distorcida do que de fato acontece. Tem muita coisa que eu vejo na cobertura de política, que não passa por um processo de jornalismo de *meat buster* (“Isso daqui é verdade?”, “Isso que todo mundo fala tem algum sentido?”). Isso me incomoda um pouco porque, muitas vezes, a imprensa só reproduz uma ideia que tem no mundo político, mas que não tem pé no mundo real.

[00:12:10] Entrevistador: Entendo, entendo. Você tem uma facilidade também no sentido de lidar com números? Uma coisa que a gente discute muito nessas entrevistas é a formação. Todos os entrevistados são unânimes em dizer: “Eu não tive contato na minha graduação e na minha formação com número, com Excel”. “O máximo que eu tive foi uma disciplina de design” ou “Eu tive um pouco de visualização” (para quem se formou em uma graduação mais próxima). A gente vê que tem uma carência muito forte, se a gente for falar das estruturas curriculares e da formação, nesse sentido. O seu contato com o dado, com a estatística, com o número veio de uma natureza muito própria (você gosta) ou como surgiu isso?

[00:13:01] Entrevistado: Não tive nenhum tipo de contato com isso na universidade.

[00:13:08] Entrevistador: Você se formou em que ano?

[00:13:10] Entrevistado: Deixa eu pensar... Foi em 91, eu acho. Ou seja, nessa época, o que tinha de mais tecnológico era uma cadeira chamada “telemática e videotexto”. Não tinha nem sombra de internet. Eu peguei a primeira fase de informatização de uma redação... Acho que foi a segunda. A primeira redação que foi totalmente informatizada foi O Diário Catarinense e depois a Zero Hora. Foi interessante, porque era um sistema que permitia uma certa customização. Ele tinha teclas

programáveis. A gente fazia muita - não era programação, no sentido de que eu tinha que dominar uma linguagem - tarefas rotineiras. A gente programava tudo em uma tecla e já saía fazendo, coisa que eu nunca mais vi nos sistemas que vieram depois. Era de uma praticidade incrível, muito voltada para o jornalismo. Era um sistema muito pensado para o jornalismo. Depois a gente nunca teve mais nada parecido. Eu me perdi um pouquinho aqui. A questão da formação... Quando você está cobrindo Congresso Nacional, como eu cobri, e, eventualmente, eu tinha que cobrir férias, é inevitável que você tenha que aprender a fazer contas, pelo menos. Não é uma coisa que todo jornalista faz mesmo ou fazia. Acho que agora mudou muito, mas, na época (estamos falando do final dos anos 90), acho que eu era puxado para esses trabalhos (cobrir férias e, eventualmente, até ficar na coordenação de Economia) porque eu tinha essa noção de, pelo menos, saber o que era porcentagem, o que não poderia ser dito em uma matéria e que seria um erro matemático e tal. Esse cuidado eu sempre tive. Aprender a mexer com ferramentas, com planilha mesmo, foi bem depois. Acho que foi depois que eu saí da *Folha* mesmo que eu comecei a mexer mais com isso e perceber que o dado, em si, não é a informação; o dado precisa ser trabalhado, precisa passar por um processo de limpeza e análise para extrair dele a informação relevante e, para isso, você precisa dominar essas ferramentas, que, na época, era o Excel, mas hoje pode ser o *Google Sheets*; para bases maiores, outras coisas.

[00:16:43] Entrevistador: Você acha que para estar na atuação do jornalismo de dados, o jornalismo - ou não - precisa ter noção de algumas ferramentas, competências, habilidade, para além da formação que ele recebe na academia?

[00:17:02] Entrevistado: É. Pelo menos a formação que eu tive... Uma coisa que eu brinco sempre é que não tem mais esse discurso de “Eu fiz humanas. Eu sou do jornalismo e fiz humanas, então não quero saber nada de número”. De vez em quando, eu dou uns cursos em redações e eu brinco: “Que bom! Começou aqui o programa de desumanização de jornalistas”. Não tem nenhuma área do jornalismo hoje (pode ser Esportes, Economia, Culinária) que você não tenha que trabalhar com algo de número - algum tipo de operação aritmética básica ou algo que você vai ter que analisar em uma planilha. Não dá mais para separar: “Eu sou jornalista e escrevo bem e isso me basta”. Não basta! Você tem que saber, pelo menos, matemática básica, pelo menos aritmética. Você não precisa saber estatística, mas você precisa saber não cometer erros e não escrever bobagens e não confundir correlação com causalidade, coisas que podem causar constrangimentos e acabar desinformando, que é a última coisa que a gente quer.

[00:18:37] Entrevistador: Pois é! Nessas entrevistas que eu estou fazendo, eu percebi... Pelo menos nos meus pré-conceitos estabelecidos, eu achava que a programação seria uma das áreas essenciais para o jornalismo de dados. Mas eu vi muito na fala dos entrevistados - e isso é bom porque quebra um pouco o que a gente pré-estabelece e é por isso que eu gosto da entrevista - que é exatamente a estatística. A maioria está na defesa da estatística. “A programação a gente consegue e a gente usa. Alguém faz e a gente desenrola”. Mas o olhar estatístico é primordial para que você entenda aquilo ali e você não erre proporções e diga que uma coisa está para mais quando, na verdade, está para menos. Eu estou percebendo que a estatística está sendo uma das áreas centrais no pensamento do jornalismo de dados.

[00:19:35] Entrevistado: É verdade! Tem gente já procurando casar essas duas áreas, fazendo cursos de estatística para jornalista. É um fenômeno interessante. As melhores épocas do *Estadão Dados* foi quando a gente tinha gente na equipe que sabia muito e que conseguia fazer leituras de base de dados, que a nossa capacidade não chegava lá, não alcançava. Eu dou um exemplo de uma matéria muito legal, que um colega meu fez. A gente pegou microdados do IBGE, se eu não me engano, de várias áreas: analfabetismo, desnutrição, renda, quantas pessoas tinha na casa. A pauta era qual era o fator que tinha mais impacto na redução da pobreza ou da mortalidade infantil. Exato! Era qual era o fator que estava mais correlacionado à redução da mortalidade infantil. Digamos que eu sou um prefeito de uma cidade do interior pobre. O que eu posso fazer para reduzir a mortalidade infantil? O senso comum seria dizer que você precisa investir em saúde, investir em saneamento ou você tem que dar dinheiro para as pessoas. O fator que mais correlacionava com a queda na mortalidade infantil era a educação dos pais, porque se os pais têm algo de educação, eles conseguem entender um pouco da

lógica de o que eles precisam fazer para evitar que um bebê morra: buscar saúde, buscar recursos, etc. É uma coisa que quebra o senso comum, né? Isso tudo é uma análise estatística, que eu não sei fazer, mas que esse colega nosso fez. Foi uma matéria super legal, uma matéria super interessante. Eu até posso te mandar ela porque eu tenho ela guardada. Para cada ponto percentual que você reduzia no analfabetismo adulto, você tinha uma queda de 2,5% na mortalidade infantil.

[00:22:39] **Entrevistador:** É um olhar muito interessante, né?

[00:22:40] **Entrevistado:** Super, super. Superinteressante!

[00:22:44] **Entrevistador:** Talvez quem não tem essa formação não consiga ver.

[00:22:48] **Entrevistado:** Tem coisas que a gente não consegue mesmo. Tem também muita leitura superficial: você acha que está lendo um fenômeno, mas tem outras coisas que estão influenciando naquilo. A estatística mostra isso. Você precisa ter uma leitura estatística até dos fenômenos políticos-eleitorais para entender o quão complexo é a coisa. Não é fácil fazer uma leitura simples e corriqueira e banal de qualquer fenômeno (de uma eleição, crescimento de um partido ou uma coisa assim).

[00:23:37] **Entrevistador:** Você acha interessante essa integração que tem do jornalismo de dados com outros atores, com outras formações (gente da estatística, da TI, da computação, do direito, da biologia)?

[00:23:56] **Entrevistado:** Exato!

[00:23:58] **Entrevistador:** São tantos encontros. Você acha que isso é bacana para se pensar esse tipo de jornalismo?

[00:24:03] **Entrevistado:** Eu acho que é o mais interessante e é o primordial. Eu acho que o melhor jornalismo de dados sai desse tipo de mistura. Não acho que o melhor jornalismo de dados seja feito por jornalistas, só jornalistas. Equipes com formação múltipla, com multidisciplinaridades, produzem o melhor jornalismo de dados, na minha opinião. Foi o que a gente conseguiu fazer durante algum tempo no *Estadão Dados*. O nosso auge foi por volta de 2014, quando a gente tinha gente com formações muito distintas: desenvolvedor; programador; eu e o Toledo com experiência jornalística e de reportagem; tinha esse colega que tinha estudado estatística e também tinha interesse em jornalismo, que depois saiu e entrou alguém do direito com interesse em política e muito conhecimento em estatística. Dessa mistura, saíram coisas muito interessantes.

[00:25:20] **Entrevistador:** Como você enxerga o jornalismo de dados hoje, no Brasil? A gente tem um crescimento muito grande de veículos independentes, que trabalham com base de dados, as agências. Eu não sei se é uma coisa estabelecida ou se é impressão minha de que as mídias tradicionais começam com esse movimento (*Folha, Estadão*) e, hoje, a gente vê um crescimento muito grande de coletivos que estão fazendo um jornalismo de dados mais independente. Você acha que isso cresce mais e o tradicional, de certa forma, fica para trás - não é para trás, obviamente... Mas o protagonismo mudou?

[00:26:08] **Entrevistado:** Eu acho que sim. Tem uma disseminação dessa cultura de dados. Acho muito interessantes essas novas iniciativas desvinculadas das grandes redações. Eu fui jurado agora do Prêmio Cláudio Weber Abramo de jornalismo de dados e fiquei muito bem impressionado com a qualidade dos trabalhos que vieram, e não necessariamente ligados a redações grandes. O prêmio principal acabou indo para um repórter de uma redação grande, mas teve muita coisa interessante vindo de redações pequenas. Eu acho que tem outro fenômeno também, que é: hoje, ainda, o jornalismo de dados é muito nicho, ele tem uma equipe dedicada e tal. Eu acho que isso vai continuar. Precisa ter essas equipes focadas nisso e com uma formação multidisciplinar. Mas eu acho que mais e mais, jornalistas do campo tradicional vão se aventurar a fazer pautas de dados, provavelmente se associando a essas pessoas, fazendo parcerias e absorvendo um pouco dessa cultura de como trabalhar

com dados. Isso já vem mudando. Já vejo que tem gente que antes pedia para a gente fazer algumas coisas e, agora, já aprendeu e já faz sozinho e faz bem. Vejo essas duas tendências caminhando juntas: a necessidade de ter alguém especializado e as pessoas que fazem o jornalismo tradicional se aventurando mais e mais a fazer pautas de dados também.

[00:28:26] Entrevistador: Você vê como uma comunidade colaborativa?

[00:28:27] Entrevistado: Vejo! Muito colaborativa. A comunidade de dados é, provavelmente, a que mais colabora no jornalismo hoje. Você tem uma troca de experiência e informação muito interessante.

[00:28:47] Entrevistador: Você acha que isso se dá por quê?

[00:28:49] Entrevistado: Eu acho que vem um pouco talvez da cultura do software livre, os próprios desenvolvedores podem ter trazido essa cultura para dentro da redação. Eu acho que não é difícil que essa cultura se firme, a partir do momento que ela tenha um ponta pé inicial, porque ela é muito benéfica para todo mundo. Ninguém que ensina o outro está perdendo alguma coisa. Não tem uma coisa de competição pelo furo... Claro que tem! Mas não é uma coisa como: “Eu vou fazer e não vou contar para ninguém como faz”. Parte do fazer é, justamente, mostrar o passo a passo, deixar o dado público, aceitar críticas (“Veja aqui se eu errei ou não”). Todo mundo cresce nesse processo. É uma coisa que não exige muito esforço. A partir do momento em que essa coisa começa a rolar, os benefícios são tão evidentes que essa cultura se fortalece.

[00:30:14] Entrevistador: E acaba fortalecendo o campo, né?

[00:30:16] Entrevistado: Sem dúvidas!

[00:30:18] Entrevistador: Se a gente falasse um pouquinho de autodeclaração, você se autodeclara “jornalismo de dados”? Eu sempre a faço porque ela é bem interessante. Tem gente que diz: “Eu só sou jornalista” ou “Não existe jornalista de...”. Ou “Eu me vejo como jornalista de dados, porque eu tenho habilidades para atuar nessa área”. A gente tem uma mesclagem bem interessante. Você se declara como?

[00:30:47] Entrevistado: Eu diria que, quando eu estava em uma equipe como o *Estadão Dados*, multidisciplinar, fazendo jornalismo de dados, eu me consideraria ali um jornalista de dados mesmo. Nesse momento, eu dedico 90% da minha energia do trabalho para outra coisa, que acabou sendo incorporada ao meu guarda-chuva, que é o *fact-checking*. É uma área que cresceu muito e que tem um impacto mais imediato para os leitores (impacto imediato no sentido de que a gente está fazendo checagem por WhatsApp: o cara manda um vídeo, a gente checa e responde para o cara em horas). É uma coisa também que me deixa a salvo das crises, porque é uma área monetizável: a gente consegue fazer parcerias com outras empresas, com plataformas. Fizemos parcerias com o WhatsApp, com o Facebook, com o *TikTok* (essa a gente nem anunciou ainda). Com isso, a gente consegue bancar uma equipe com recursos próprios. A gente consegue escapar do contingenciamento de recursos provocado por queda de receitas publicitárias e tal. Nesse momento, eu estou muito mais dedicado ao *fact-checking* do que qualquer outra coisa, mas também de novo com o plano de reavivar o *Estadão Dados* e voltar a pensar em pautas que me davam muito prazer. Eram pautas investigativas que vinham de uma curiosidade minha e que eu percebia que era algo compartilhado com muitos leitores. Tem uma coisa que a gente não falou ainda é que tem esse paralelo entre o jornalismo de dados e a Ciência. Você elabora uma hipótese no seu processo de investigação e você vai aos dados para comprovar aquela hipótese ou para derrubar aquela hipótese. Muitas vezes, as duas coisas dão matéria: quando você comprova, você faz uma matéria; quando você derruba a hipótese, você faz outra. Isso é muito legal! O processo de investigação científica... Mais um fator é que você precisa da leitura dos pares, da crítica dos pares, para ver se aquilo está correto. É mais um fator que fortalece o espírito colaborativo e aberto do jornalismo. É muito interessante! Resumindo a resposta: naquele momento, de 2014 até 2016, eu me declararia, sim, como jornalista de dados em tempo integral; hoje não mais.

[00:34:11] **Entrevistador:** Entendi! Quando você fala “Eu quero trazer o *Estadão Dados*”, você tem uma projeção de carreira no jornalismo de dados? Você vê esse caminho quando você pensa na sua carreira, para frente?

[00:34:28] **Entrevistado:** Eu não tenho muitas ambições de evolução de carreira. Eu já estou como editor. A minha ambição mesmo é, de fato, ter uma equipe maior e produzir coisas para o jornal e para o público.

[00:34:52] **Entrevistador:** São quantos anos de carreira já?

[00:34:55] **Entrevistado:** São quase 30 anos. Eu comecei a trabalhar dentro de um jornal ainda na faculdade. Logo no começo da faculdade, eu já entrei em um trabalho, que não era jornalístico, mas era dentro da redação, que era na Zero Hora. De jornalismo mesmo, vamos colocar que eu comecei em 92, então são 26 anos. Bota uns 25 aí, porque teve um intervalo, em que eu fiquei um tempo fora.

[00:35:47] **Entrevistador:** Você nem me falou por que escolheu jornalismo.

[00:35:52] **Entrevistado:** Eu sempre tive muita facilidade e as pessoas sempre me estimularam muito a escrever. A minha redação era boa. Mas eu acho que isso nem foi o principal. O principal é que eu sou curioso e o jornalismo me permite saciar essa curiosidade e compartilhar o fascínio da descoberta com terceiros: isso é o que eu acho que é o bacana da profissão para mim. Se eu fizesse qualquer outra coisa, eu ia aproveitar qualquer brecha para ler um jornal e procurar entender o que está acontecendo no mundo. Fazer isso como profissão é algo que me agrada muito.

[00:36:53] **Entrevistador:** Você se considera um dos pioneiros do jornalismo de dados no Brasil?

[00:38:58] **Entrevistado:** Eu acho que o pai do jornalismo de dados no Brasil... Tem dois, na verdade. O Cláudio Weber Abramo fazia isso de uma maneira exemplar. Ele tinha a percepção de que era preciso dar acesso aos dados a jornalistas para que eles fizessem a devida fiscalização do poder público, e ele criou ferramentas para isso. Ele criou aquele projeto Excelências, que foi super premiado; ele criou a primeira grande base de dados de financiamento eleitoral; ele criou a ong dados.org, que foi a última iniciativa dele antes de falecer. Ele fazia um jornalismo de dados muito mais com viés de interesse público e de fiscalização do poder público. O Toledo, que foi o cara que trouxe isso para dentro de uma redação mesmo. Esses dois são os pioneiros. Eu sou da segunda leva, digamos assim. Mas tive a sorte de ser puxado pelo Toledo logo no início.

[00:38:30] **Entrevistador:** Pois é! Ele coloca você como pioneiro também nessa leva.

[00:38:35] **Entrevistado:** Generosidade dele.

[00:38:39] **Entrevistador:** É interessante perceber os olhares de quem iniciou esse processo e essa ponta que está hoje. A gente vê que tem muitos - pelo menos dos que eu já entrevistei -, com uma força muito grande, do pessoal de 20 e 30 anos. Está crescendo muito a atuação dessa faixa de idade. Consegue enxergar isso?

[00:39:02] **Entrevistado:** Sim, sim, sim. Sem dúvida! É um pessoal que vem com outra capacidade, porque eles já vêm muito mais “alfabetizados” (entre aspas) na parte de programação. A gente não consegue fazer isso sozinho. Os “pioneiros” (entre aspas) têm as ideias e conta com alguém que faz essa parte da programação na prática. Esse buraco na minha formação, por exemplo, eu nunca consegui suprir. Eu nunca consegui parar para aprender programação. É uma coisa que tem uma curva no começo, principalmente, uma curva de aprendizado muito íngreme e que demanda um tempo e uma dedicação que eu não tenho.

[00:39:57] **Entrevistador:** Pelo o que eu já entrevistei, eles procuram muito. “Eu não tive uma formação direta na universidade, mas eu estou procurando”. A força dos coletivos, da Abraji, do

Knight Center... Eles procuram muito esses cursos no sentido de atualização. A gente vê um pouquinho esse buraco da formação também quando, em paralelo, você tem que buscar e se atualizar para acompanhar aquele mercado.

[00:40:29] Entrevistado: Isso é fato! Primeiro: você não para de aprender nunca. É curioso! É uma coisa que sempre exige que você esteja aprendendo, aprendendo, aprendendo, mas as barreiras de entrada vão caindo. Tem ferramentas específicas para trabalhar com mapas, que são pensadas para jornalistas; ferramentas de criação de gráficos, pensadas para jornalistas. Hoje você faz com três ou quatro cliques do mouse, mas que, no passado, exigia um trabalho gigantesco, programação e tal. Essa queda na barreira de entrada técnica é muito importante porque o diferencial não vai ser quem consegue fazer; o diferencial vai ser quem consegue fazer melhor a partir da elaboração e da leitura jornalística do fato, do evento, do fenômeno. Essa coisa meio clichê que todo mundo deve falar, que é entrevistar o dado, isso é muito real! Você pode ter uma entrevista com a melhor fonte do mundo, mas o que vai definir a qualidade do trabalho final, muitas vezes, é a qualidade das suas perguntas; não é a qualidade da fonte. São as suas perguntas que vão definir se vai sair algo interessante dali. Do mesmo jeito é o trabalho com dados: você pode botar dez pessoas, botar a mesma base de dados para eles, e o cara que fizer as melhores perguntas vai fazer o melhor trabalho.

[00:42:35] Entrevistador: A gente vê os princípios defendidos do jornalismo, da boa apuração, da boa pesquisa, você vê que ele tem uma fortificação muito grande no jornalismo de dados?

[00:42:52] Entrevistado: É essencial. Você tem que ter um rigor de trabalho muito alto. Você tem que ter um compromisso ético de trazer à luz um fato que tem um pé na realidade e se questionar muito: “Eu estou fazendo a leitura certa?”, “Esse dado é confiável?”. Teve investigação que demandou meses e que a gente jogou fora por não acreditar no que estava aparecendo. “Isso não está sólido. O dado original tem falhas, tem limitações que são incompatíveis com o trabalho jornalístico. Não vamos publicar”. Era um puta investimento, que não publicou.

[00:44:00] Entrevistador: Você sente essa ligação do jornalismo de dados com a transparência? Isso é fato?

[00:44:05] Entrevistado: Sim! Sem dúvida. As duas coisas andam juntas e se retroalimentam: quanto mais transparência, mais você consegue fazer jornalismo de dados e quanto mais jornalismo de dados mais você torna transparente o que antes era opaco.

[00:44:25] Entrevistador: Entendi! Tem alguma coisa que a gente não tenha colocado ou citado aqui que você acha importante de colocar?

[00:44:34] Entrevistado: Eu acho que passou tudo. É isso aí. Foi uma conversa bem ampla. Não tem nada que me ocorra agora, não.

[00:44:42] Entrevistador: Para mim também foi bem rico. Ajuda muito nesse processo do objetivo da tese. Eu queria só confirmar contigo - eu sempre confirmo com todos os entrevistados: idade e se você tem alguém para me indicar que eu possa conversar.

[00:45:00] Entrevistado: Você já conversou com o R. M.?

[00:45:02] Entrevistador: ...

[00:45:05] Entrevistado: É uma pessoa que não está, nesse momento, fazendo jornalismo de dados, mas ele fez parte do *Estadão Dados*, o R. B.

[00:45:18] Entrevistador: Ele ainda não. Vou colocar aqui. Alguém já tinha me indicado o Rodrigo. Vou tentar entrar em contato com ele.

[00:45:27] **Entrevistado:** Ele era jornalista, mas ele tinha feito um bom tempo de faculdade engenharia e aprendeu programação na faculdade. Ele é um profissional muito completo, porque ele escrevia bem, ele sabia onde estava a pauta e ele programava. Ele tinha uma autonomia. Para mim, ele era o cara que mais tinha autonomia no *Estadão Dados*. Ele conseguia fazer a pauta da concepção à execução, à visualização. Não que ele trabalhasse sozinho. A gente estava sempre em volta, colaborando e dando palpites. Dois profissionais muito completos que eu vejo: B. e o M, Os dois têm essa qualidade. Eles têm essa capacidade de... É como se fosse uma equipe multidisciplinar em uma pessoa só. São profissionais muito raros por isso: eles têm uma formação muito diversa e conseguem associar isso de uma forma muito bacana. Uma pessoa que tem um pé muito mais na transparência e que fez algumas coisas bacanas de jornalismo de dados, mas que não chegou a fazer parte do *Estadão Dados*, apesar de ter trabalhado no *Estadão*, é o L. F. T., que tem o projeto “Fique Sabendo”. Não sei se alguém já falou dele também.

[00:47:15] **Entrevistador:** Já! “L. T.”.

[00:47:28] **Entrevistado:** Eu não lembro se ele passou pela *Folha*, não.

[00:47:34] **Entrevistador:** Vou ver se é o mesmo.

[00:47:38] **Entrevistado:** Ah! É que tem o M. T.

[00:47:40] **Entrevistador:** Está certo!

[00:47:41] **Entrevistado:** Tem três T. no jornalismo de dados. É uma máfia, é um nepotismo.

[00:47:49] **Entrevistador:** Todos estão lá naquele grupo.

[00:47:54] **Entrevistado:** O L. T. acho que não está, mas eu posso ver com ele e te passar o WhatsApp dele.

[00:48:01] **Entrevistador:** Maravilha, maravilha. Me confirma só sua idade, por favor.

[00:48:05] **Entrevistado:** 51.

[00:48:09] **Entrevistador:** Ok! São Paulo, né?

[00:48:12] **Entrevistado:** Eu nasci no Sul. Eu nasci em Passo Fundo, comecei a trabalhar lá, fui para Brasília em 94 e, de Brasília, eu vim para cá, no ano 2000. Estou em São Paulo desde o ano 2000.

[00:48:29] **Entrevistador:** Ok! Gratidão pela sua disponibilidade, pela conversa, muito boa, agradável. Eu vou te mandar o termo agora com consentimento por e-mail. Depois, se você puder dar uma assinada e me devolver, eu agradeço. Obrigado por ter se colocado nessa conversa.

[00:48:47] **Entrevistado:** Imagina! Estamos à disposição. Obrigado por tudo. Estava ótima a entrevista.

[00:48:54] **Entrevistador:** Obrigada! Até mais.

[00:48:56] **Entrevistado:** Tchau, tchau!

[00:48:58] **Entrevistador:** Tchau!

Entrevistado 14:

[00:00:32] **Entrevistador:** Pronto? Me escuta?

[00:00:52] **Entrevistado:** Pronto!

[00:00:55] **Entrevistador:** Estou te ouvindo. Você está me ouvindo, né?

[00:00:59] **Entrevistado:** Estou ouvindo, estou ouvindo.

[00:01:02] **Entrevistador:** Está dando um eco para mim, mas está tranquilo.

[00:01:09] **Entrevistado:** Acho que está cortando um pouco o seu áudio.

[00:01:10] **Entrevistador:** Está dando um *delay*?

[00:01:16] **Entrevistado:** Será que se eu tirar a imagem resolve? Deixa eu ver aqui. Vê se está tranquilo para ti.

[00:01:29] **Entrevistador:** Será que melhorou?

[00:01:33] **Entrevistado:** Está cortando para você ainda ou está bom?

[00:01:36] **Entrevistador:** Está cortando. Está cortando.

[00:01:38] **Entrevistado:** Nossa!

[00:01:40] **Entrevistador:** Você quer tentar pelo Google Meets.

[00:01:43] **Entrevistado:** Pode ser, pode ser. Vou te chamar lá.

[00:01:46] **Entrevistador:** Ou pelo Zoom.

[00:01:47] **Entrevistado:** Pode ser pelo Google. Vou te chamar lá.

[00:01:53] **Entrevistador:** Está bom! Acho que agora vai, hein?

[00:07:41] **Entrevistado:** Agora, sim. Vamos lá!

[00:07:43] **Entrevistador:** Vamos lá então! Eu agradeço a sua participação e a sua disponibilidade. Isso é importante para a pesquisa. Está cortando?

[00:07:57] **Entrevistado:** Não, não. Está tudo ok.

[00:08:00] **Entrevistador:** A *outra entrevistada* te indicou e eu fiquei feliz do seu “sim”. A pesquisa fala sobre jornalismo de dados, mas a partir da perspectiva dos atores que compõem esse campo, sendo jornalista ou não, por formação, mas quem trabalha nessa área. É uma entrevista aberta, então você fica à vontade para responder da forma que você quer. Eu te mandei por e-mail o termo de consentimento, porque o comitê de ética da universidade pede. Quando a gente faz entrevista, a gente pede que o entrevistado assine para que a gente possa usar a entrevista na tese. Depois, se você puder dar uma lida e assinar... Eu começo sempre com uma pergunta aberta, que é sobre formação: qual é a sua formação, como você escolheu o curso? Eu sei que você é formado na área de ciência da informação, mas como chega isso e como acontece a construção da sua carreira até você chegar no jornalismo de dados. A gente começa por aí.

[00:09:03] **Entrevistado:** Na verdade, desde a minha adolescência, eu já sabia que queria trabalhar como programador. Mas eu sempre sentia uma falta de propósito naquilo que se fazia. Era muito um trabalho comercial, de lidar com nota fiscal, compras e vendas, então me dava essa sensação de falta de propósito de algo maior. Muitas vezes eu descobria informações e, simplesmente, queria que aquilo fosse público e transformar aquilo em algo mais relevante do que simplesmente usar uma informação comparativa. Acabei deixando a programação por um lado e fui fazer outra coisa da minha vida. Lá para 2015, eu entrei no curso de jornalismo da Universidade Federal de Alagoas. Eu estou no oitavo

período. Já era para ter terminado, mas teve a pandemia. Dentro do curso de jornalismo, eu já tinha esquecido um pouco dessa coisa de programação. Mas me veio essa possibilidade de começar a unir o conhecimento de programação que eu tinha, de lidar com dados, com o jornalismo. Aí, se abriu esse mundo do jornalismo de dados, que eu não conhecia. Eu não entrei no jornalismo pensando já nisso. Eu entrei mesmo para mudar da carreira e para fazer outra coisa, mas acabou que isso me encantou - essa possibilidade de ajudar as pessoas a entender melhor dados, a princípio, bem complexos, e tirar dali informação, tirar dali valor, não para negócios, mas algo que as pessoas pudessem utilizar para exercer a sua cidadania. Isso é o que me motiva até hoje a estar fazendo esse trabalho.

[00:11:22] Entrevistador: O seu primeiro contato com jornalismo de dados, como foi?

[00:11:29] Entrevistado: Como muita gente, foi por aqueles cursos do *Knight Center*. Eu já tinha feito o curso deles de jornalismo de dados, mas tinha feito bem por alto e tals - foi mais para ver que caminho era esse. Pouco tempo depois, surgiu a oportunidade de fazer um curso de Python para jornalistas. Com esse eu fui até o fim e reaprendi a programar, porque, na verdade, eu já não lembrava mais como programava. Mas é como andar de bicicleta: você treina um pouco, vai lembrando de vários elementos, aí não precisa partir do começo. Houve uma seleção e aqueles que se destacaram poderiam fazer um minicurso em São Paulo. Eu fui um dos selecionados. Lá eu encontrei o L. T., que hoje é meu sócio na Agência Tatu. Esse mundo se abriu para mim, com uma gama de oportunidades. Entrei no grupo do DDJ nessa ocasião também e comecei a descobrir que tem uma comunidade ao redor do jornalismo de dados e vi que não era uma coisa de improviso nem nada assim.

[00:13:07] Entrevistador: Quando você encontrou o T., a agência já existia? Ou isso surgiu de vocês dois?

[00:13:15] Entrevistado: Não! Eu ainda não conhecia a G. A G. entrou um ano depois. Quando eu entrei na agência, na verdade, a agência já existia há alguns meses, aí eu fui chamado para o Projeto Matrizes. A G. entrou um ano depois.

[00:13:46] Entrevistador: Como é essa experiência de fazer jornalismo de dados? O jornalismo de dados é muito situado no sul e sudeste do país. Como é essa prática para você, estando no Nordeste, um eixo diferente?

[00:14:05] Entrevistado: Aqui, a gente sente muita falta de jornalismo que seja diferente do declaratório e que não apenas reproduza o que os políticos e as grandes empresas dizem, mas que tente ir atrás e tente ir mais a fundo, que tenha que cobrir por conta própria. Também pelo tamanho das redações - que são muito pequenas... Eu tenho a sensação de que teve grande jornalistas aqui, mas as redações ficaram ainda menores. Praticamente todos os antigos acabaram sendo demitidos. Por outro lado, isso foi interessante, porque criou-se um mercado alternativo, já que esses jornalistas precisavam trabalhar e criaram alguns veículos independentes. Então, hoje, a gente tem uma gama grande de veículos independentes, tentando fazer um trabalho um pouco mais aprofundado, um pouco melhor, um pouco mais apurado. Mas a experiência tradicional daqui é de jornalismo declaratório, de reproduzir aquilo que é escrito pelas assessorias de comunicação. O interessante do jornalismo de dados é que a gente nem parte disso. A gente parte de um novo caminho para construir as nossas pautas e as nossas reportagens.

[00:15:39] Entrevistador: Você diria que o jornalismo de dados acordou novamente a questão da programação novamente, para você?

[00:15:39] Entrevistado: Eu não entendi.

[00:15:40] Entrevistador: Você acha que a prática do jornalismo de dados - você ter tido esse contato, a partir dos cursos que você fez - reacendeu a programação para você, que era algo que você já tinha deixado e agora trouxe novamente?

[00:15:55] Entrevistado: Ah, com certeza! Mas me trouxe também outra perspectiva. No jornalismo de dados, eu não preciso ser o mestre Jedi da programação, porque o objetivo não é esse. A programação não é o fim, em si. O fim, em si, é a história. A programação é uma ferramenta que eu posso utilizar, uma ferramenta importante e que ajuda para caramba, mas é só uma ferramenta para eu conseguir contar uma história.

[00:16:26] Entrevistador: O que você acha que precisa hoje para praticar o jornalismo de dados, em relação à ferramenta, às habilidades profissionais?

[00:16:36] Entrevistado: Não precisa programar. Saber programar é um *plus*, mas dá para fazer sem programar a maior parte das coisas. A maior parte das coisas dá para fazer sem programar. Eu acho que é mais difícil fazer sem programar. É mais fácil aprender a programar do que resolver um problema, mas eu não acho fundamental. Eu acho que o fundamental é ter essa curiosidade mesmo de olhar aqueles números e: “Eu quero descobrir o que tem aí”. Eu acho que o ponto central é a curiosidade.

[00:17:15] Entrevistador: Entendi! E como você se autodeclara? Como você se vê? Você se vê como jornalista de dados? Como você se declara?

[00:17:26] Entrevistado: Eu prefiro me ver como jornalista - ponto - ou até como repórter, sabe? A ideia é contar uma história. A ideia é usar os dados para contar uma história que as pessoas leiam e que tenha um impacto. O objetivo final sempre tem que ser a história.

[00:17:54] Entrevistador: Você está fazendo o curso de jornalismo, né? Está praticamente perto de terminar o curso. Como você vê essa formação, em relação às grades curriculares das universidades? Elas preparam para o mercado, por exemplo, que você vai se deparar com o jornalismo de dados?

[00:18:13] Entrevistado: Não! As universidades federais não estão preparadas para isso. Agora, durante a pandemia, que foi um período especial, colocaram um professor do Instituto de Computação para tentar ensinar princípios de ciência de dados na comunicação, mas acabou que ficou sem alunos. Todos desistiram, porque ele ensinava ciência de dados em outro nível que os alunos de comunicação não iriam acompanhar e nem teria interesse em acompanhar e nem faria sentido entender todos aqueles conceitos próprios da ciência da computação quando esse não é o seu objetivo final. Então, eu acho que a universidade precisa dialogar com a comunidade, para tentar entender como funciona essa dinâmica. Eu acho que as universidades ainda estão buscando sobre como as pessoas aprendem o jornalismo de dados na prática e como é a atuação profissional. Eu acho que falta diálogo mesmo.

[00:19:16] Entrevistador: Entendi! Quando você pensa nos atores que compõem esse campo de jornalismo de dados no Brasil, você vê como um caminho interessante para essa prática e colaboração que existem entre pessoas formadas em jornalismo e pessoas não formadas em jornalismo? Como você enxerga isso?

[00:19:44] Entrevistado: Eu acho fundamental ter essa comunidade, até porque uma das primeiras coisas que eu aprendi, no meu primeiro dia de aula de jornalismo, é que jornalista não é especialista. No jornalismo de dados, a gente tenta dar uma ultrapassada nessa barreira. “Está aqui o dado e eu não preciso chamar um cientista da computação para fazer essa conta para mim”. Você mesmo vai fazer. Mas em algumas situações, a gente precisa de alguém que realmente entenda daquele assunto, que realmente possa tirar algumas dúvidas. A gente precisa melhorar isso. Não é só interesse do jornalista levar informação; é interesse do acadêmico também, de maneira geral. Na pesquisa, ele quer que as pessoas entendam. Então, acho que faz sentido ter esse diálogo e eu espero que seja cada vez mais intenso, e não pegar o acadêmico apenas para fonte, mas manter um diálogo [inaudível] o jornalista consegue ajudar a divulgar pesquisas e informações, mas também tem essa troca de compreender melhor essa dinâmica.

[00:21:12] Entrevistador: Você faz esse paralelo do jornalismo de dados com a transparência? Você acha que isso se encontra realmente?

[00:21:22] Entrevistado: Com certeza! Sem a transparência, seria bem mais complicado fazer qualquer trabalho de jornalismo de dados. Acho que sem a transparência seria complicado fazer qualquer apuração jornalística. A gente ficaria dependente da informação que a assessoria te passa. Eles vão dizer: “A violência diminuiu 99% no último ano”. Se você não tem informação para ver outros recortes e entender como isso funciona, é a única coisa que você pode relatar. Eu acho que as pessoas perdem a capacidade e o poder de reagir.

[00:22:12] Entrevistador: Você falou de programação, aí eu me lembrei que uma pauta que a gente sempre fala e que os entrevistados trazem é a questão da estatística: a estatística é de fundamental importância. Se a gente fosse pegar entre programação e estatística, a estatística seria mais primordial para se conduzir o jornalismo de dados. O que você pensa sobre isso?

[00:22:40] Entrevistado: Eu não tenho uma experiência grande com estatística. O que eu tenho é o fundamental. Na verdade, é uma área que eu queria aprender mais e que eu preciso aprender mais. Mas tem alguns lugares da estatística, que está além do que eu sei até agora. Eu não vou me meter nessa seara por enquanto. Você tem que saber quando usar uma média ou quando usar uma mediana, ou quando a média não significa nada - por exemplo, quando você pega alguém lá na ponta que acaba puxando isso para cima. Isso é importante, ainda que seja para dizer para o leitor. “Essa média é assim porque a gente tem um sujeito que foge do gráfico. Ele acaba jogando isso para um lugar que não é verdade”. Por exemplo, eu vou pegar uma cidade e vou ver o PIB per capita: ele é altíssimo, enquanto a maioria da cidade é paupérrima. Discute: tem um sujeito lá que é bilionário, que puxa tudo para cima. Temos que entender esses fenômenos para conseguir relatar para o leitor.

[00:24:00] Entrevistador: Entendi! Você hoje está atuando só com jornalismo de dados?

[00:24:08] Entrevistado: Atualmente, sim. Atualmente, sim. A Tatu, além do jornalismo de dados, está fazendo matérias um pouco mais apuradas, que eu não sei se chamaria de jornalismo de dados, mas são matérias que demandam um pouco mais de tempo, demandam uma apuração um pouco mais rigorosa, mas não necessariamente demandam cálculos e análises. Uma das matérias que eu escrevi foi sobre o perfil dos eleitos para vereador aqui na capital. É trabalhoso, mas não necessariamente é jornalismo de dados, mas utiliza várias das ferramentas que o jornalismo de dados utiliza também: visualização, organizar isso na planilha. O jornalismo de dados ajuda a fazer mesmo que isso não seja necessariamente jornalismo de dados. Essas ferramentas colaboram com o resultado.

[00:25:16] Entrevistador: Você está satisfeito nesse campo de atuação que você está hoje?

[00:25:24] Entrevistado: Se eu disser que eu estou satisfeito, é tipo que eu já cheguei no topo. Eu prefiro estar insatisfeito. Eu acho que dá para fazer mais, acho que dá para melhorar, acho que dá para ir mais a fundo, acho que dá para produzir mais, dá para tocar na ferida com mais afinco. Eu acho que dá para fazer muito mais.

[00:25:50] Entrevistador: Você projeta a sua carreira no jornalismo de dados?

[00:25:25] Entrevistado: Sim! Hoje eu projeto minha carreira aqui. É onde eu quero estar atuando. Se você me perguntar onde eu quero estar daqui a cinco anos, eu vou te responder que eu quero estar fazendo um trabalho melhor. Eu quero ter mais gente que entenda de jornalismo de dados, para conseguir trocar, para conseguir colaborar. Eu acho que tudo indica que vai acontecer isso. As pessoas estão buscando, sim, mais isso. Eu tenho visto até nas redações locais: muita gente está vindo da universidade não com o que aprendeu na universidade, mas porque descobriu esse mundo e aprendeu por conta própria. Eles começam a usar os elementos do jornalismo de dados para fazer matérias diferentes, coisas que a gente não costumava ver. Eu acho que o caminho que está sendo traçado pelas pessoas é esse, nesse sentido. Imagina alguém do jornalismo literário, que seja muito bom nisso,

buscando elementos do jornalismo de dados para criar histórias, narrativas. Eu acho que tem muitos caminhos por aí.

[00:27:15] **Entrevistador:** Entendi! Você pode me confirmar a sua idade?

[00:27:20] **Entrevistado:** Eu tenho 33.

[00:27:23] **Entrevistador:** Tem alguma coisa, na entrevista, que eu não falei, mas que você acha importante ressaltar?

[00:27:36] **Entrevistado:** Eu acho importante ressaltar as dificuldades que as pequenas redações têm, economicamente falando. Muitas vezes elas recebem publicidade pública, estatal, de grandes empresas, mas não conseguem bastante, então têm o orçamento muito pequeno. Tem redações muito pequenas e muito limitadas, no sentido de ter que seguir algumas pautas e tocar em alguns assuntos. Então, acaba sendo mais cômodo, no sentido econômico, manter essas pequenas redações, só reproduzindo o que as assessorias produzem, porque é economicamente mais viável. Eu acho que o mais importante para o jornalismo é descobrir um caminho financeiro, de como se sustentar economicamente e manter a independência dos governos e dos grandes poderes econômicos. Eu acho que, mais do que o jornalismo de dados, o importante aí é a origem do recurso: como manter independência e sobreviver ao mesmo tempo nesse mercado. Eu acho que é uma chave que a gente precisa ainda virar.

[00:29:01] **Entrevistador:** Entendi! Você me indicaria alguém que você acha que seja interessante entrevistar para a pesquisa? Eu sempre faço essa pergunta também.

[00:29:13] **Entrevistado:** Você deveria entrevistar o L. T., aqui da agência também. Não sei se você já falou com ele.

[00:29:17] **Entrevistador:** Não! A G. me passou o contato dele. Vou tentar marcar com ele também.

[00:29:22] **Entrevistado:** Está certo!

[00:29:23] **Entrevistador:** Muito obrigada pela sua disponibilidade, pela sua fala. Se você puder dar uma olhada no termo, no e-mail, e me devolver assinado, eu agradeço muito, para eu poder usar essa entrevista na tese. Qualquer dúvida, eu entro em contato.

[00:29:40] **Entrevistado:** Agora, Patrícia! Eu que agradeço pela oportunidade e eu vou assinar o termo, está bom?

[00:29:47] **Entrevistador:** Está bom! Obrigada. Até mais.

[00:29:53] **Entrevistado:** Por nada. Tchau, tchau.

Entrevistado 15:

[00:00:01] **Entrevistador:** ... responder o e-mail. Eu preciso que você assine, lá no final, o termo (tem um espaço para assinatura), senão eu não consigo usar a entrevista.

[00:00:09] **Entrevistado:** Como eu devo fazer? Eu não tenho impressora aqui. Não teria como imprimir em casa.

[00:00:13] **Entrevistador:** Você não tem assinatura digital, né?

[00:00:17] **Entrevistado:** Eu posso fazer uma. Deixa eu ver aqui...

[00:00:20] **Entrevistador:** Se for dar muito trabalho, eu mando o Word. Mas ia ficar a mesma coisa, né?

[00:00:27] **Entrevistado:** Se você puder mandar o Word... É mais fácil de editar. Pode ser?

[00:00:34] **Entrevistador:** Pode, pode. Mas você consegue colocar uma assinatura, né?

[00:00:38] **Entrevistado:** Consigo! Eu coloco uma imagem então.

[00:00:40] **Entrevistador:** Beleza! Combinado! Quando a gente acabar, eu te mando ele em Word.

[00:00:47] **Entrevistado:** Beleza! Está ótimo!

[00:00:48] **Entrevistador:** Antes de mais nada, eu quero agradecer a sua disponibilidade de estar aqui comigo, agora, nessa tarde, e de poder contribuir com a pesquisa, com a tese. Essa tese tem uma proposta de abordar o jornalismo de dados a partir da perspectiva de quem atua nesse campo ou de quem já atuou nesse campo, seja jornalista ou não (por formação), então ela parte da perspectiva dos atores. É uma entrevista aberta: eu vou fazendo as perguntas e você fique à vontade para ir respondendo, tá? Tudo o que for falado é usado estritamente para a tese, tá? Então, fique à vontade.

[00:01:29] **Entrevistado:** Beleza!

[00:01:30] **Entrevistador:** Eu sempre começo com uma pergunta sobre formação: a escolha da formação e depois partindo para a construção de carreira, “por onde passei”, “o que já fiz” e como para no jornalismo. Se você puder alinhar essa trajetória para mim...

[00:01:48] **Entrevistado:** Beleza! Eu, na verdade, não tenho graduação, porque não cheguei a completar. Eu comecei a programar quando eu tinha 14 anos e fui mergulhando no mundo da computação. Sempre gostei muito de aprender e sempre fui muito curioso. Também sempre gostei muito de automatizar coisas. Eu vi na computação e na programação essa possibilidade de automatizar coisas do nosso dia a dia (tarefas que a gente faz no computador e tudo). Cheguei a cursar muitos anos de Engenharia de Telecomunicações, na Federal Fluminense. Acabei decidindo não me formar, porque, na época, eu já trabalhava desenvolvendo softwares profissionalmente na FGV, na Escola de Matemática Aplicada. Depois, eu até fiz vestibular para Computação, mas... burocracias! Não consegui dispensa das matérias. Como eu já trabalhava com isso e já tinha bastante experiência e, no Brasil, eu não preciso de um diploma para trabalhar com isso, eu acabei decidindo não me formar. Isso não quer dizer que eu não continuo estudando e aprendendo sempre. Todo dia muda alguma coisa, então tem que estar sempre em dia. Eu comecei a trabalhar mais com dados mesmo na época em que eu trabalhei na FGV. Eu cheguei a trabalhar em outras empresas também (empresas de tecnologia). Cheguei a ter uma empresa também, uma *startup*, que foi até incubada pela incubadora da Universidade Federal Fluminense. A gente trabalhava, na época, com tv digital. Mas eu acabei indo mais para a área de desenvolvimento e, na época, eu estava na FGV, então eu acabei voltando os meus olhares para essa parte de dados. Por interesse pessoal, eu comecei a estudar dados públicos: comecei a pegar dados do IBGE e de vários lugares. Só para te contextualizar: eu entrei na FGV em 2011. Eu já morava em Niterói. Eu nasci no interior do Rio, em Três Rios, na divisa com Minas; daí eu me mudei para Niterói por conta da faculdade, fiquei lá por oito anos. Já estava de saco cheio do Rio. Como eu nasci em uma cidade pequena, o Rio tinha muitos problemas de trânsito, violência, custo de vida, calor absurdo. Eu já estava de saco cheio de lá. Eu comecei a pegar dados públicos sobre os municípios brasileiros para avaliar: “se eu fosse me mudar daqui, para onde eu iria?”. Na época, eu trabalhava remotamente na FGV e isso acabou sendo facilitado, de certa forma: eu poderia sair de Niterói e continuar trabalhando normalmente. Aí, eu comecei a lidar com dados públicos. Foi por volta de 2013, mais ou menos, que eu comecei a ir atrás desses dados. Quando eu fui atrás disso, eu vi que esses dados não estavam muito fáceis de serem trabalhados. Eles estavam disponíveis... Alguns dados que eu queria não estavam disponíveis, então eu teria que fazer o pedido de acesso à informação. Esses estavam disponíveis, sim, mas não era aquela coisa que você já baixa e já usa. Você tem que juntar vários arquivos e tals. Eu comecei a criar programas para auxiliar nesse processo, automatizar esse processo de coleta. Eu comecei a divulgar esses programas na internet. Eu já estou envolvido com

software livre há muito tempo (desde 2004 mais ou menos). Um resumo: software livre é uma forma colaborativa de se desenvolver software em que o código fica disponível para todo mundo e os próprios usuários do software acabam colaborando para que aquele software cresça e amadureça. É uma dinâmica muito mais colaborativa do que o modelo de grandes empresas, que desenvolvem um software e vendem para o usuário e os usuários não têm como interferir no desenvolvimento. Eu já estava muito engajado nisso há bastante tempo, então tudo o que eu fiz - nesse sentido -, eu liberei os dados (não só os dados, mas os códigos também). Com isso, eu acabei já embarcando nesse movimento de dados abertos. Eu comecei a me articular mais com as pessoas envolvidas nessas discussões sobre dados abertos. Por volta de 2014 ou 2015, eu conheci a N. M., que já estava trabalhando no jornalismo de dados. Ela começou a me convidar para fazer as análises de dados de algumas matérias. Na época ela estava na Gênero e Número. Daí, eu comecei a trabalhar junto com ela, fazendo toda a parte de captura e análise de dados das matérias que elas estavam publicando, sobre eleições e sobre um monte de coisas. A partir de então, eu só fui me envolvendo mais com jornalismo de dados: eu entrei para a Escola de Dados, dei vários cursos para jornalistas (tanto de programação quanto de outras coisas, como análise de dado), já participei de vários eventos de jornalismo de dados, já ajudei diversas análises para matérias. Em 2018, eu lancei o Brasil.IO, que é uma plataforma que tem o objetivo de tornar os dados públicos mais acessíveis. A ideia é que, com todo esse trabalho que eu faço, eu consiga ter um lugar para disponibilizar esses dados para que outras pessoas consigam filtrar esses dados, baixar, sem ter um conhecimento técnico. A ideia é, justamente, facilitar, não só para que jornalistas possam trabalhar com dados sem que precisem aprender muito sobre tecnologia, mas também para que outras pessoas (cidadãos, pesquisadores) que estavam interessadas nos dados possam também ter acesso mais facilmente a isso. A ideia do Brasil.IO surgiu lá em 2013 ou 14, quando eu já tive essas dificuldades. Eu consegui superar porque eu sei programar, então eu sei automatizar essas coisas, mas eu percebi que eu tinha essa capacidade de automatizar e superar esses problemas, mas nem todos os cidadãos têm essa capacidade. Aquele dado que estava lá como um dado aberto não era acessível para todo mundo. A ideia surgiu por volta de 2014, mas eu efetivamente coloquei em prática, do jeito como ele é hoje, a partir de 2018. Acho que esse é o resumo.

[00:08:09] Entrevistador: Qual é a diferença, para você, em relação ao jornalismo de dados e o jornalismo tradicional - vamos dizer assim?

[00:08:22] Entrevistado: Uma das principais, na minha visão, eu acho que é trazer o jornalismo para mais perto da tecnologia. Isso eu consigo notar muito, por exemplo, em pessoas que, em geral, já trabalham com dados há muito tempo. Elas, em geral, têm o entendimento melhor sobre tecnologia. Eu acho que hoje não tem como a gente trabalhar em uma área que lida com dados, com formação, como é o jornalismo, sem entender de tecnologia. Não estou dizendo que todo mundo tem que saber programar, mas que é algo muito importante essa aproximação porque, querendo ou não, se a gente for pensar, por exemplo, sobre as mídias sociais, o que acaba pautando o debate muitas vezes é a forma como essas mídias fazem os algoritmos que vão privilegiar um ou outro ou uma ou outra publicação de uma pessoa. Entender sobre tecnologia e conseguir lidar com a quantidade de dados que a gente tem hoje eu acho que é super relevante para jornalistas que cobrem essas coisas. Não acho que todo jornalista tenha que ser jornalista de dados, mas eu acho que é muito importante essa aproximação, inclusive porque eu acho, em certo sentido, que o jornalismo ficou parado um pouco no tempo, com relação à adoção de tecnologia. Eu tenho diversas críticas a veículos de notícias sobre a forma como eles usam a internet. Tem alguns tweets em que eu explico mais sobre isso. Por exemplo, muitos veículos utilizam a web, que foi criada, justamente, para ser uma teia entre páginas que têm links (o conceito de web vem disso: “teia”), mas não colocam links nas matérias. Eles citam o estudo, mas não colocam os links para o leitor poder acessar e ter mais detalhes. Nesse sentido, acho que vão até na contramão da web, com regras de “a gente não vai querer tirar o usuário do nosso *site*” ou “a gente não vai poder linkar um concorrente”. Se for um concorrente que deu um furo e você só está recuperando aquilo, que dê os créditos a ele. Acho que passa um pouco por isso: o não entendimento da tecnologia. Na minha opinião, isso é danoso, inclusive, para a credibilidade do jornalismo. Eu acho que essa aproximação do jornalismo com a tecnologia, através do jornalismo de dados, é importante para que tenha algumas mudanças estruturais na forma como o jornalismo é feito. Essa é uma crítica até sensível de ser feita. Hoje, com muita divulgação de *fake news*, tem muita gente que ataca os

jornalistas profissionais. Eu não estou nesse time! Mas eu acho que algumas coisas têm, sim, que serem revistas para que a gente possa fazer jornalismo em 2020: usando a tecnologia que a gente tem disponível, para, inclusive, aumentar a credibilidade do próprio jornalismo, que eu acho que é algo que está em xeque. Já pensando nisso, tem várias coisinhas que eu acho que o jornalismo pode aprender com o mundo do desenvolvimento de software. Como tem muito jornalista aprendendo a programar, tem muito jornalista exposto a esse mundo de compartilhar o código, de fazer um trabalho em cima do trabalho de uma outra pessoa. De certa maneira, se você for pensar, esse mundo que eu comento, do software livre, está muito ligado à forma como a ciência funciona, como o método científico funciona. Se um pesquisador foi capaz de publicar um artigo, provavelmente, foi porque ele fez um trabalho em cima de outros artigos sobre aquele tema. É super importante, inclusive, citá-lo e citar os artigos anteriores. Por que isso também não pode ser contemplado no jornalismo? Só para finalizar essa questão... Deixa eu tomar água, porque minha garganta está coçando. Só para finalizar essa questão: eu acho que um ponto muito importante que eu acho que a gente ainda vai ter que bater muito na tecla é em relação à transparência do jornalismo. Muitas vezes, em uma matéria publicada, não por mal, o leitor não fica sabendo da metodologia por trás daquilo. Muitas vezes, aquilo ali envolveu você fazer diversas análises estatísticas (quando se fala de dados). A gente vê isso claramente em pesquisas eleitorais que, em geral, as metodologias - acho que até por uma questão legal - têm que ser descritas. Por que isso não pode extrapolar para as outras matérias? Um exemplo: na época da Gênero e Número, a gente baixou todos os logradouros do Brasil inteiro - "Rua Qualquer Coisa" ou "Praça Qualquer Coisa" - e a gente fez uma classificação por gênero de mais de um milhão e cem mil logradouros. Eu criei um programa para fazer isso. A partir disso, a gente chegou a algumas conclusões: quais eram os estados e as cidades que mais homenageavam mulheres, por exemplo, em nome de logradouros. Uma das coisas que a gente fez, ao publicar essa série de matérias, foi a gente publicou uma "meta matéria" sobre como a gente classificou esses logradouros e como a gente chegou naqueles números e por que a gente fez da forma que a gente fez. Isso eu acho que é super relevante, porque, na minha visão, além de trazer mais transparência e confiabilidade para o trabalho jornalístico, eu acho que fica mais fácil também agregar algo naquilo ali. Se alguém faz alguma coisa que deixa aquela coisa fechada e não conta como fez, além de trazer dúvidas sobre aquilo, dificulta que alguém possa fazer um trabalho em cima daquilo, agregando naquilo ali e até dando visibilidade para o seu próprio trabalho. Eu acho que essa aproximação do jornalismo com a tecnologia, a partir do jornalismo de dados, pode trazer algumas mudanças. Eu acho que elas são difíceis, porque, infelizmente, você está falando de redações de vários tamanhos e de empresas que existem há décadas. Não é fazer só essa mudança cultural, mas envolve outras coisas também: tem a própria questão de saber lidar com tecnologia, de saber lidar com segurança da informação. Tem um monte de coisas envolvidas. Eu acho que as redações antes não se viam como empresas que têm a tecnologia como algo importante na vida delas. Hoje, eu acho que está cada vez mais explícito que não dá para ignorar a tecnologia.

[00:15:43] Entrevistador: Sim, sim. O que você pontua é super importante para a gente perceber inclusive esse tipo de jornalismo de dados que algumas empresas colocam que estão fazendo, né? Por vezes, já vi algumas críticas como: "Fiz um infográfico e eu estou chamando isso estritamente de jornalismo de dados". São algumas preocupações que você coloca aqui. Você percebe que o jornalismo de dados traz esse entrelaçamento ou essa propagação na questão da transparência? Eles se cruzam, de fato?

[00:16:19] Entrevistado: Creio que sim. Uma das bases do jornalismo de dados são os dados públicos, né? Óbvio que dá para fazer o jornalismo de dados sem dados públicos. Mas é até incoerente você questionar o governo por transparência e você mesmo não dá transparência ao seu processo. Eu acho que uma hora essa ficha vai cair: "Como eu estou questionando e reclamando que o governo não liberou esses dados se o meu próprio processo metodológico não está liberado?". Eu acho que essa mudança de chave na transparência metodológica do jornalismo vai ser super importante para que o jornalismo tenha como mostrar sua credibilidade. Fazer um gráfico qualquer, seja ele com dados oficiais ou não, mentiroso ou não, e compartilhar isso nas mídias sociais, no WhatsApp, é relativamente fácil. Entender que você pode confiar naquilo vai muito além - e talvez as pessoas estejam se questionando cada vez mais isso - do que confiar em uma instituição, do tipo: "Essa instituição aqui é confiável ou não". Eu acho que, na verdade, a gente vai acabar... Como os debates

estão muito polarizados e a gente tem essa guerra de narrativas, eu acho que, cada vez mais, o leitor vai querer entender se “Nessa matéria aqui, será que eu posso confiar?”, no sentido de “Faz sentido essa metodologia?”. Eu acho que vai ser mais no escopo de análises pontuais, do que talvez de organizações como um todo.

[00:18:03] Entrevistador: Quando você fala de habilidades, competências, você enxerga que o jornalista, porque eu vejo que o jornalista corre atrás da formação complementar do que propriamente isso é uma preocupação dos veículos... Você acha que, de fato, para atuar nessa área, está precisando ainda ter esse pensamento computacional, de programação ou de estatística, por exemplo? Eu já escutei: “Eu não preciso programar em alto nível. Eu preciso entender o raciocínio da programação, mas eu vejo que a estatística pesa mais”. O que você acha dessas áreas afins que entram nessa percepção do jornalismo de dados?

[00:18:49] Entrevistado: Eu acho que depende muito do que você vai fazer. Eu não acho que todo jornalista ou todo jornalista de dados deva saber programar, mas, com certeza, os que souberem, mesmo que não utilizem a programação no dia a dia, vão ter uma visão de mundo diferente. Quando você aprende a programar e - sei lá - aprende a fazer um *site*, você passa a entender como os *sites* funcionam, aí vai ficar mais fácil talvez de você automatizar algum processo de coletar algum dado de algum *site* que você precise. Entender como essa máquina - esse mecanismo - funciona pode ajudar a forma de pensar, e não só no dia a dia mesmo (nas tarefas), porque você vai entender melhor como a tecnologia funciona. Se a gente ainda for linkar com outras questões que não são do jornalismo de dados no sentido mais puro da palavra, vai ajudar inclusive em matérias que, de certa forma, vão cobrir esse universo de dados. Por exemplo: tivemos recentemente a publicação sobre o vazamento de dados no Ministério da Saúde. Se as pessoas envolvidas em apurar isso não entenderem como funciona (“O que vazou? Por que vazou?”), se não entenderem o mínimo do que está acontecendo, vai ser difícil, inclusive, reportar sobre isso. Hoje, com a Lei Geral de Produção de Dados e a gente tendo cada vez mais dados e isso se tornando muito relevante no mundo, eu acho que é importante que os jornalistas entendam mais de tecnologia. Eu falo até por questões de segurança mesmo. “O que é seguro e o que não é seguro você fazer online?” - dependendo da comunicação com a sua fonte. Não precisa ser um jornalista de dados; pode ser alguém que está cobrindo Política. Eu acho que eu fugi um pouco da pergunta. Estou divagando...

[00:20:59] Entrevistador: Fugiu não. Como você vê a sua experiência com o jornalismo? O que é isso, para você?

[00:21:07] Entrevistado: Eu tenho sido muito demandado, por conta do trabalho que eu faço, para coisas que eu acho que são um pouco pontuais, tipo fazer uma análise específica. Eu tento focar muito em fazer com que os jornalistas possam trabalhar mais facilmente com os dados. Ultimamente, por conta desse projeto da Covid, eu não tenho tido tempo de fazer outras coisas, de parar para contribuir em matérias. O meu trabalho tem sido mais em fazer o esforço para coletar e disponibilizar os dados da covid de maneira estruturada e consistente. Isso tem tomado bastante o meu tempo. Eu me vejo mais como um colaborador ou facilitador para que isso possa acontecer, seja, de alguma forma, fornecendo os dados, os programas ou até o conhecimento técnico (ensinando os jornalistas), do que fazendo matérias diretamente.

[00:22:12] Entrevistador: Pegando esse gancho: você não se vê como jornalista de dados, mas como um colaborador dessa comunidade?

[00:22:22] Entrevistado: Então, eu acho que tem momentos e momentos, sendo bem sincero. Tem algumas coisas que eu acho que eu acabo até descobrindo analisando essas bases de dados que, eventualmente, podem gerar matérias. Eu acho que fazem parte de um processo investigativo e de apuração. Nesse sentido, eu acho que eu me sinto, sim, jornalista. O que eu quis dizer é que o meu dia a dia não é o dia a dia de um jornalista que tem que escrever matérias e tudo, entendeu? Por conta disso, o que eu costumo fazer no dia a dia, que é programar, acaba ajudando para que o jornalismo de dados aconteça, do que sendo a minha finalidade produzir jornalismo de dados.

[00:23:10] Entrevistador: Entendo, entendo, entendo. O que você acha dessa perspectiva da colaboração no jornalismo de dados de você ter vários atores, alguns por vezes que não são jornalistas e outros são de áreas totalmente distintas, mas que estão nessa comunidade, nessa atuação? Como é para ti essa perspectiva? Você acha que isso traz crescimento para a comunidade? Você acha que isso é importante ou não é? Qual é o seu posicionamento?

[00:23:37] Entrevistado: Eu acho que traz, com certeza, bastante pontos positivos, mas eu acho que tem também desafios muito interessantes, por exemplo... Quando a gente fala dessa interdisciplinaridade... Tem, inclusive, estudos que dizem que quanto menos hierárquico é o ambiente, é mais propício a surgir inovação. Então, se você tem um ambiente muito rígido e hierárquico, com regras de comportamento muito rígidas, você não tem diversidade e você tem setorização muito grande (“Aqui é o RH, aqui é a redação...”), eu acho que você acaba limitando muito a inovação. Por outro lado, se você tem equipes mais multidisciplinares, com programadores, designers, jornalistas, estatísticos, cientistas políticos, acho que você acaba facilitando florescer coisas mais inovadoras. Só para não perder o ponto: a pergunta foi sobre?

[00:24:37] Entrevistador: A colaboração, os vários atores e a interdisciplinaridade.

[00:24:41] Entrevistado: Beleza então! Nesse sentido, eu acho que é super importante a colaboração, não só em termos de interdisciplinaridade, mas eu acho que é super relevante a colaboração com até possíveis concorrentes. A gente tem exemplos, como o *Panamá Papers*, que mostra que não seria possível que um veículo reportasse aquilo. Digamos que a colaboração foi meio que obrigatória, ou não existia aquilo. Eu acho que ainda precisamos mudar um pouco a mentalidade do jornalismo de entender que a colaboração é um meio também, e que não deve ser só usada quando não tem outra opção. Eu acho que o padrão deveria ser colaborar. Isso passa por tudo aquilo que eu falei de você publicar o código, de você apresentar a metodologia, de você ser mais transparente. Isso tudo ajuda muito no processo. Você tem, por exemplo, uma tecnologia. Tem grandes empresas que desenvolvem softwares que são usados pelo mundo inteiro e esses softwares estão disponíveis para que os concorrentes delas utilizem, mas não só utilizem, como também melhorem aquele código. Se ele é concorrente e está fazendo algo diferente, os clientes vão escolhê-lo porque o serviço é melhor, e não porque o software é diferente, porque o software é o mesmo. Eu acho que isso ajuda não só a você ter mais concorrência, mas, na minha visão, ter um mercado um pouco mais justo. Eu acho que esse fator colaboração é importante tanto a nível micro, do trabalho e no dia a dia do jornalista com outras pessoas (isso com certeza!)... Só de você estar exposto ao trabalho de outra pessoa, você começa a entender um pouco melhor como funciona. Eu já experienciei muito isso: sentar do lado de alguém e estar fazendo, no meu computador, alguma coisa e a pessoa entender. “Opa! Então é assim que funciona?”. Isso acaba abrindo um pouco a mente. Mas eu acho que ela tem que ser pensada a nível macro também: as próprias redações, como dá para colaborar entre si? Como dá para colaborar com o mesmo código? Eu acho que poderia evitar retrabalho, mas evitar o que eu chamo de “trabalho burro”, que é aquele tipo de trabalho que facilmente pode ser automatizado por um software. Tem muita coisa no jornalismo hoje que poderia ser feita por um programa e os profissionais poderiam focar em fazer trabalhos intelectuais, mais relevantes do que tarefas chatas e manuais.

[00:27:38] Entrevistador: Você diria que estamos aproveitando pouco do que essa tecnologia oferece para essa atuação?

[00:27:44] Entrevistado: Com certeza! Eu acho que isso é muito por conta da falta de conhecimento do que dá para fazer com a tecnologia. Eu percebo muito a nível de pessoas e nas aulas que eu dou: você vê os olhos brilhando dos alunos quando você ensina a fazer alguma coisa que vai fazer com que ele não precise mais fazer aquela tarefa manualmente. Mas imagine uma pessoa que está lá na direção de uma grande redação que não tem nem noção de que isso é um problema. Às vezes a pessoa está em um nível hierárquico tão grande que não consegue saber quais são os problemas que os repórteres passam. Se a pessoa não consegue identificar que existe um problema que precisa ser melhorado, como você muda isso? É mais difícil ainda.

[00:28:37] Entrevistador: Como você enxerga o jornalismo de dados no Brasil, se você fosse fazer um parâmetro? Como você enxerga esse tipo de jornalismo no Brasil?

[00:28:52] Entrevistado: É óbvio que tem diferenças grandes, principalmente se a gente comparar com os Estados Unidos. Pela forma como o jornalismo se dá e o dinheiro disponível para o jornalismo, facilita você a contratar desenvolvedores, designers, o que custa caro. Quem trabalha na tecnologia tem o salário muito caro para uma instituição, principalmente comparando com o mercado jornalístico. Nesse sentido, eu vejo que o Brasil ainda tem muito o que “correr atrás”, talvez até do conhecimento e não dá valor para a tecnologia e toda a questão financeira e do financiamento do jornalismo. Esse é um diferencial grande: a gente precisa aprender como financiar isso direito. É óbvio que existem projetos acontecendo, mas eu acho que esse é um passo que a gente ainda tem que dar. Fora também a questão de quem já trabalha com jornalismo e que se especializa, quer aprender mais sobre dados. Eu acho que é difícil você encontrar uma redação que invista nisso, do tipo: “Vamos pagar um curso”. Em geral, a iniciativa é própria do jornalista. Isso eu acho que também acaba atrasando um pouco o processo. Mas pensando a nível global, eu acho que o movimento de jornalismo de dados no Brasil é um movimento bem forte. A gente tem congressos sobre isso, tem muita gente trabalhando em cima disso. No Brasil, especialmente, tem muitos dados disponíveis, o que eu acho que é incrível. Se você for comparar inclusive com países mais desenvolvidos que a gente, a gente tem muita informação disponível que os outros países nem sonham em ter. Você pode chegar para qualquer jornalista de fora e falar: “A gente tem, no *site* da Câmara, as transcrições dos discursos quase em tempo real. Você consegue buscar ali...”. O pessoal mal tem urna eletrônica, né? Eu acho que tem muitas coisas em termos de dados abertos que o Brasil está muito à frente. Por conta disso, o nosso jornalismo de dados também está à frente dos outros países. Mas essa questão do financiamento é algo relevante que eu acho que a gente precisa trabalhar. Isso eu estou falando, obviamente, sob o ponto de vista da minha bolha, que lida no dia a dia com jornalista. O país é muito heterogêneo e vai ter jornalista que mal vai saber lidar com tecnologia e vai ter locais em que o jornal impresso é super prioridade e o online quase não se dá destaque. Eu não estou dizendo que o impresso é melhor e o online pior. Mas priorizar o impresso em relação ao *site* é, de certa forma, negligenciar a tecnologia, até um certo ponto. Eu acho que, por um lado, a gente tem esse desafio de financiamento, mas, por outro, acho que a gente tem um desafio que tem mais a ver com a própria população do Brasil e a tecnologia, do que com o jornalismo, especificamente.

[00:32:13] Entrevistador: Quando você fala em “financiamento”, me veio aqui a questão de que a gente percebe um movimento no Brasil muito forte de jornalismo de dados independente, então você vai ter muitas agências, muitos portais, muito mais do que as redações tradicionais que, inclusive, começaram com o movimento de jornalismo de dados no Brasil, ainda pela Reportagem Assistida pelo Computador. Será que isso tem um gancho nesse financiamento que você fala ou eu estou saindo fora da caixa?

[00:32:52] Entrevistado: Eu creio que sim. Como eu comentei, eu acho que a inovação acaba surgindo muito de grupos que são diversos e que têm uma certa liberdade até hierárquica - realmente, tem estudos sobre isso. A forma como as pessoas se organizam... Se tem um chefe, outro chefe embaixo, outra pessoa - quanto mais rígida essa hierarquia, mais difícil de surgir a inovação. Se a gente pensar no jornalismo de dados e nos produtos jornalísticos que podem surgir com a internet (os *new apps*), eu acho que você vai ter muito mais facilidade de fazer com que isso surja em um ambiente pequeno, onde talvez as pessoas vão estar ali de igual para igual com o seu chefe - do que em redações maiores, que tem uma inércia muito grande. “Alguém tem que aprovar isso aqui, depois tem que falar com o jurídico. Depois tem que ver o custo...”. Eu acho que dá para você experimentar mais se você for menor. Com certeza, eu acho que tem um link aí. Inclusive, redações que são nativas digitais... O pessoal é de uma redação nativa digital? O pessoal lá não deve entender nada de papel, ao contrário das outras redações que talvez entendam muito de papel, de impressão e tal. A mentalidade é outra! Se você pega pessoas mais jovens, que já estão desde sempre imersas na tecnologia, a forma de lidar com a tecnologia vai ser outra. Tem estudos até sobre gerações também: como as gerações encaram questões de trabalho e tudo. Se você for ver, as gerações mais novas vão ter outras prioridades com relação a isso. Eu acho que, com certeza, esse movimento de pequenas redações e de agências

independentes tem tudo a ver com a inovação do jornalismo e, de certa forma, com a melhoria ou o aumento do jornalismo de dados.

[00:34:58] Entrevistador: Quando a gente pensa em carreira, futuro de carreira, trajetória, projeção, você se vê fazendo isso que você está fazendo? Como você se enxerga daqui a alguns anos?

[00:35:13] Entrevistado: Eu vejo que o trabalho que eu faço com dados pode beneficiar não só jornalistas, mas outras áreas. No Brasil, muitos advogados acessam a plataforma. Muitos pesquisadores também. Dependendo do *data setting*, você vai ter muito pesquisador de epidemiologia e você vai ter pesquisador de economia, com os dados das empresas e CNPJs que a gente tem lá. Eu me vejo talvez impactando até outras áreas além do próprio jornalismo. Eu acho que eu já tenho uma contribuição legal no mundo do jornalismo, mas eu acho que essas outras áreas poderiam ser impactadas positivamente com o trabalho que eu faço hoje. Isso eu acho que é um ponto. Outro ponto é que eu acho que ainda dá para colaborar com o jornalismo nessa transformação digital. Eu acho que eu consigo ajudar, por exemplo, redações seja dando ideias, seja trabalhando (prestando um serviço através da minha empresa), nesse processo de automatizar pequenas tarefas, de você ter alguns processos de coletas de dados, de atualizações que são relacionadas a dados, mas que não eram tão automatizadas. Todo esse tipo de coisa é coisa que na tecnologia a gente já tem meio que dado. Deixa eu só te dar um exemplo que eu acho que talvez fique um pouco mais claro. Quando a gente começou a coletar os dados da covid em março, eu vi que não dava para automatizar a coleta rapidamente, porque cada secretaria publica em um formato e a gente precisava dos dados o quanto antes. Então, eu fui pelo método mais tradicional: vamos coletar manualmente, mas vamos estruturar em um formato em que a gente consiga ter a mesma metodologia para chegar naqueles números, que a gente consiga publicar esses dados estruturados para o Brasil inteiro. Aí, a gente começou automatizando alguns pequenos processos. Um dos problemas que os voluntários tinham no começo era que eles não sabiam que horas que ia sair o boletim dos estados que eles eram os responsáveis. Aí, a gente criou um programa para ficar monitorando o *site* da secretaria e publicar no nosso *chat* interno e marcar o arroba dos voluntários responsáveis por aquele estado quando o boletim for publicado. O robô fica checando de cinco em cinco minutos os *sites* das secretarias e, assim que o boletim é publicado, ele avisa. Então, o processo ainda é manual, mas já tem pequenas automações, que a gente faz meio que naturalmente no mundo da tecnologia, que ajudam demais. Imagina: você não vai precisar ficar de cinco da tarde às oito da noite dando F5 no *site*, para ver se saiu, porque agora você tem um robô que te avisa. Aí, você faz o seu trabalho e você para ali cinco minutos para coletar os dados... Você não precisa ficar pendente com aquilo. Com esse tipo de pequenas automações, eu acho que eu consigo contribuir também. Não é diretamente uma forma de analisar os dados, mas que tenha um pouco dessa transformação digital do jornalismo.

[00:38:37] Entrevistador: Tem alguma coisa que a gente não falou aqui, mas que você acha que é importante colocar?

[00:38:46] Entrevistado: Vou pensar!

[00:38:49] Entrevistador: Pense! Enquanto você pensa, me fala a sua idade?

[00:38:51] Entrevistado: Eu tenho 33 anos. Bom, a gente passou por essa parte do financiamento, falamos da questão até da confiança do jornalismo (acho que o jornalismo de dados pode trazer de volta essa confiança ao jornalismo), falamos da questão de colaboração. Eu não sei até que ponto tem relação: é a questão da transparência do governo. Eu acho que o jornalismo de dados acaba sendo importante também para isso. A gente está vivendo em um mundo em que os governos, eventualmente, estão liberando menos dados. Eu acho que os jornalistas que trabalham com dados vão ser os primeiros a ver isso e brigar por isso. Então, eu acho que tem um aspecto democrático do jornalismo de dados que também é importante. Querendo ou não, se a gente não tivesse a Lei de Acesso à Informação, provavelmente a gente teria muito menos matéria de jornalismo de dados. Quando esses pedidos são negados, eu acho que isso é um termômetro importante também para a sociedade. Então, eu acho que tem esse aspecto também que eu não tinha comentado antes do jornalismo de dados, que eu acho super relevante. Querendo ou não, o jornalista de dados é aquele que

está de olho em tudo. O jornalista que não trabalha com dados talvez não esteja assim tão em cima dessa transparência. Eu acho que é um ponto relevante também, como eu falei. Eu acho que é isso! Acho que talvez não tenha mais nada que eu me lembre agora.

[00:40:38] Entrevistador: Para mim, está bem bacana! Eu acho que conseguimos passar nos temas que eu tenho ideia também. Acho que foi super rico, super rico mesmo. Muito obrigada pela sua colaboração. Daqui a pouco eu te mando o termo lá no modelo em Word, para a sua assinatura. Qualquer coisa, você pode também me contactar. Se eu tiver alguma dúvida, eu te mando um WhatsApp, está certo?

[00:41:04] Entrevistado: Maravilha! Beleza! Me mantenha informado sobre o trabalho.

[00:41:09] Entrevistador: Claro! Assim que sair tudo certo - como reza a lenda -, quando a defesa acontecer e já tiver ido para a biblioteca e tiver tudo ok, eu vou mandar uma via para cada um que contribuiu com esse grande pedaço da tese.

[00:41:24] Entrevistado: Legal! Muito bom!

[00:41:25] Entrevistador: Obrigada, viu?

[00:41:27] Entrevistado: Estou à disposição, se eu puder ajudar em mais alguma coisa.

[00:41:29] Entrevistador: Você tem mais alguém para indicar, que acha que seria bacana?

[00:41:37] Entrevistado: Só para eu entender: tem algum perfil específico que você esteja procurando?

[00:41:44] Entrevistador: Não! É quem atua, mas não tem um perfil específico.

[00:41:51] Entrevistado: Tem algumas pessoas que eu acho que foram importantes para a popularização do jornalismo de dados no Brasil - não sei se você já está com elas na sua lista - provavelmente, sim. Tem o próprio M. T.

[00:42:09] Entrevistador: O M. eu ainda não entrevistei.

[00:42:11] Entrevistado: Tem a N. M. Foi N. que acabou me puxando para essa área.

[00:42:17] Entrevistador: Você poderia me dar uma força com N.? Eu conversei com N. há uns meses. Eu estava no processo de passar pelo comitê de ética e antes de passar pelo comitê de ética, eu não posso realizar nenhuma entrevista. Agora, eu estou mandando mensagem e não está me respondendo, acho que é por causa das eleições e por causa de todo esse período meio caótico que a gente estava. Você poderia me dar uma força?

[00:42:46] Entrevistado: Pode ser! É que eu não falo com N. diretamente. Mas eu posso falar: "Passei o seu contato para uma pesquisadora".

[00:42:53] Entrevistador: Com o M. T., eu ainda não tinha entrado em contato. Acho que é uma boa mesmo.

[00:43:00] Entrevistado: Não sei se você sabe, mas eles são casados.

[00:43:03] Entrevistador: Ah é?

[00:43:05] Entrevistado: Resolvendo com o M. T., acho que você consegue resolver com N.

[00:43:10] Entrevistador: Bom caminho! Boa dica!

[00:43:13] Entrevistado: Eu sei que recentemente assumiu a coordenação de jornalismo do Insuper.

[00:43:19] **Entrevistador:** Com certeza! Vou mandar uma mensagem para ver se dá certo.

[00:43:26] **Entrevistado:** Beleza! Eu faço parte e acabo estando junto da Escola de Dados e a gente já formou muita gente em jornalismo de dados. Talvez você possa falar com outras pessoas da Escola de Dados também. Tem o A. B., que é jornalista, mas que também já tem um *background* de tecnologia (talvez até um pouco maior do que os dos jornalistas em geral). Não sei se você já chegou a falar. Tem várias pessoas que atuam no jornalismo de dados, com vários projetos interessantes. Lembrando aqui: tem a B. L.

[00:44:08] **Entrevistador:** Já falei com L.

[00:44:11] **Entrevistado:** Não sei se tem mais alguém.

[00:44:14] **Entrevistador:** São esses, né? Mas aqui já tem uns nomes interessantes.

[00:44:17] **Entrevistado:** Recentemente, o S. S. lançou o Núcleo Jor, que a ideia é fazer jornalismo baseado em dados. Além da N., tem também a G., que fundou a Gênero e Número, que é uma revista que trabalha com questões de gênero usando dados, e já tem bastante tempo (muitos anos). Talvez a G. também possa ser uma boa. Deixa eu ver se eu tenho o contato. Eu acho que eu não tenho o celular. O nome dela é G. B. Eu posso te mandar aqui. Estou escrevendo aqui no WhatsApp para você. Te mandei três nomes. Não sei se são suficientes, mas tem uma galera. Tem bastante gente!

[00:45:33] **Entrevistador:** Sempre que eu entrevisto, um indica outro, que indica dois ou três. Aí, vai aumentando o corpo.

[00:45:40] **Entrevistado:** Talvez seja interessante também ter alguém de alguma instituição que não seja exatamente uma redação, tipo Abraji. No caso da Abraji, eu recomendaria você falar com o R. C.

[00:45:58] **Entrevistador:** Eu marquei! Eu e o R. íamos conversar hoje, mas ficou para quinta!

[00:46:04] **Entrevistado:** Ah tá! O R. é bem legal.

[00:46:11] **Entrevistador:** Ótimo! Muito obrigada!

[00:46:14] **Entrevistado:** Te mandei no WhatsApp os nomes. Fico aguardando o doc para eu assinar.

[00:46:17] **Entrevistador:** Mando agora. Obrigada, viu?

[00:46:20] **Entrevistado:** Por nada! O que é isso?

[00:46:21] **Entrevistador:** Até mais!

[00:46:23] **Entrevistado:** Até mais. Boa tarde!

[00:46:25] **Entrevistador:** Boa tarde!

Entrevistado 16:

[00:00:01] **Entrevistador:** Antes de mais nada, é um prazer. Eu quero te agradecer pela sua disponibilidade de falar comigo. É muito importante para a pesquisa. Na pesquisa do doutorado, a gente traz na tese uma discussão sobre o jornalismo de dados a partir dos atores que compõem esse campo de atuação do jornalismo, seja jornalista ou não por formação, mas todos que estão nesse fazer. Várias pessoas me indicaram conversar com você e eu fico muito feliz que a gente esteja conseguindo agora realizar essa tarefa. Muito obrigado pela sua disponibilidade. A entrevista é uma entrevista aberta. Você fique à vontade. A gente vai conversando a partir dos pontos que eu vou colocando e você também for colocando. Eu sempre começo com uma pergunta que é a pergunta norteadora da

entrevista, que é sobre formação. Como veio a escolha pela área? Se você quiser já ir passando pela sua carreira e sua experiência no jornalismo e como você chega no jornalismo de dados... É mais ou menos por aí que a gente começa a nossa conversa. Pode ficar à vontade.

[00:01:16] Entrevistado: Eu comecei a trabalhar no interior de São Paulo com jornalismo, cobrindo Economia. Eu me formei no interior também, na cidade de Bauru, em uma universidade católica de Bauru, Universidade do Sagrado Coração. Meu primeiro trabalho foi em um jornal que nem existe mais, chamado *Jornal Bom Dia*. Eu cobri Economia por uns cinco anos. Lógico que, no interior e até em uma cidade maior, mesmo se você é setorista, às vezes você cobre outras coisas também (Política, Esportes). Eu acabei vindo para São Paulo. O jornal onde eu trabalhava era do mesmo empresário do *O Diário de São Paulo*, então eu vim para cá e comecei a trabalhar também com Economia e um pouco de Política também. Depois eu fui para a *Folha* e trabalhei também com Economia e Política também. Depois eu fiquei um tempo “freelando” para a *Folha*. O jornalismo de dados foi meio que uma necessidade. Durante o meu trabalho, eu sempre trabalhava com planilha, estudava informações de relatórios financeiros ou de institutos que cobrem grandes indicadores, como o IBGE. Na época em que eu saí da *Folha* e eu estava com pouco trabalho, eu comecei a ouvir essa... Nem era tão novo. Antes era chamado de CAR - *Computer-assisted-reporting*. Isso, nos Estados Unidos, vem lá dos anos 80. Mas isso foi se popularizando lá e aqui também, até chegar em um estágio em que há jornalistas que se especializam em ferramentas e, no estágio que a gente está hoje, em coisas muito mais técnicas - estatística, linguagem de programação, algoritmo. Eu comecei a trabalhar e a estudar sobre isso, como eu disse, por uma necessidade. Primeiro, foi pelo fato de ser novo - isso sempre chama a atenção. Também, eu, como tantos outros, rapidamente percebi que o Brasil tem uma qualidade de transparência de dados, principalmente no âmbito federal, muito grande, então tem um campo muito interessante para trabalhar com estatística, com informações cruzadas, como análises rápidas. Aí, naturalmente, eu fui atrás das pessoas que já tinham experiência com isso, aqui no Brasil. Fui fazer cursos, a maioria online. Isso é outra característica. Como é uma área muito próxima à tecnologia da informação, a gente recebeu isso da tecnologia da informação. Praticamente tudo você encontra na internet em relação a tutorial de jornalismo de dados. No começo era só em inglês, mas atualmente tem muita coisa em português. Esses tutoriais, esses cursos online, essas conversas com essas pessoas mais experientes, acho que tudo isso vai moldando a minha escolha e eu fui percebendo que, para investigações mais aprofundadas, para coisas que não dependem tanto de fontes primárias (não que isso não seja importante, mas isso sempre vai ser jornalismo), há novas possibilidades para você descobrir informações relevantes, informações de interesse público, que você não tem uma dependência de “fontes normais” (entre várias aspas). Fontes normais são pessoas e fontes que você cultiva pessoalmente no seu meio de trabalho. Eu acho que uma coisa puxa a outra. Como é uma área nova, se você conhece um grupo, você acaba conhecendo outros grupos e esses grupos se ajudam entre si. Essa é outra característica da tecnologia da informação que a gente recebeu. Tirar dúvidas de jornalistas de dados é algo comum. Você tira tanto com outros jornalistas quanto com outros programadores. Eu mesmo criei, junto com a *Open Knowledge*, um grupo de dúvidas de jornalismo de dados. Nem sei quantas pessoas tem agora, mas eu acho que são mais de 200. As pessoas respondem para pessoas que elas não conhecem e talvez nunca conheçam pessoalmente. Na tecnologia da informação, isso existe há muito tempo. Nesses fóruns de dúvidas, você fala com alguém da Índia, da China. Então, esse conhecimento foi sendo aprofundado pela própria comunidade e também pelos trabalhos que eu fui realizando. Cada trabalho que eu fiz, um era mais difícil que o outro; um demandava coisas novas que eu tive que aprender no meio do processo. Com esses projetos, eu fui indicado para outros, aprendi a propor outros tipos de trabalhos, outros tipos de abordagens usando jornalismo. Jornalismo de dados também é isso. Ele é muito amplo em relação ao que você pode fazer: informações geográficas, cruzamentos, estatística, gráficos, visualizações, previsões do que pode acontecer em cima de cenários de estatísticas de um período longo ou recente, redes sociais - que é um campo enorme de informação, análise de texto, análise de sentimento. Eu acho que é difícil. Eu sei um pouco de tudo, mas a gente já está chegando em uma época em que já há especialistas nessas subáreas, pessoas que só trabalham com aquilo. Eu acho que pode ser um caminho para um futuro próximo do jornalismo de dados: você só trabalhar com algum setor específico dentro do jornalismo de dados. Tem também o que eu faço hoje em dia, que é gestão de projetos. Isso existia em outras áreas também. Você controla equipes, controla conteúdo, controla parcerias com outras instituições, controla

orçamento, controla o projeto técnico em si. No meio desse processo todo, você tem que tomar decisões para resolver problemas financeiros, técnicos, comportamentais, institucionais, para chegar em um projeto, no caso, que envolve jornalismo de interesse público para a defesa de certos direitos humanos e constitucionais ou de liberdade de expressão, que envolvem o jornalismo.

[00:13:01] Entrevistador: Essa atuação hoje é na Abraji, né?

[00:13:04] Entrevistado: É! Eu faço “freela” também, de vez em quando, mas 80% é Abraji.

[00:13:12] Entrevistador: Eu vou pegar esse gancho da Abraji e depois eu volto em outros pontos a partir da sua fala: como você vê o papel da Abraji em relação ao desenvolvimento do jornalismo de dados no Brasil?

[00:13:28] Entrevistado: É muito importante! O cargo que eu ocupo antes foi ocupado pelo Tiago Mali, que também é um dos pioneiros do jornalismo de dados no Brasil e, antes dele, o Cláudio Abramo - esse, sim, pode ser considerado pioneiro e talvez o grande pioneiro no Brasil. Ele nunca foi diretor da Abraji, mas ele sempre circulava na Abraji ajudando seus projetos. Até hoje um projeto que eu faço é derivado de um projeto dele no passado. Então, eu acho que, como associação, a Abraji sempre teve, entre as suas propostas de atuação, o fortalecimento do conhecimento e das informações necessárias para fazer um jornalismo investigativo de qualidade. Antes de mim, as pessoas que estavam na Abraji já perceberam que isso era importante para o desenvolvimento do jornalismo de dados e que, mais e mais, as redações e os jornalistas *freelancers* iriam usar ferramentas de análise de dados e depois de linguagem de programação para fazer jornalismo. Então, a Abraji passou a oferecer cursos no passado, para usar planilhas, para saber limpar base de dados, para orientar fontes de informação (base de dados no âmbito federal, estadual e municipal) e mostrar o potencial disso para os jornalistas de que existe um oceano de informações disponíveis. Obviamente é difícil, porque são informações, na maioria das vezes, sem contexto ou sem explicação do que cada linha e coluna significa e até informações com qualidade ruim - aí até por isso precisa do jornalismo de dados. Depois que isso é compreendido, é analisado, é limpo e estruturado, a chance de você obter informação relevante para a sociedade é muito alta. Basicamente, todo dia tem uma reportagem de dados hoje em dia, no Brasil, principalmente nos grandes veículos de mídia. Isso já é algo visto como natural. É tanta informação e, hoje em dia, com profissionais capacitados, já é possível traduzir tudo isso em pauta.

[00:17:12] Entrevistador: Você falou da sua formação: você mexia com planilhas. Eu vi também essa questão da atuação em Economia e Política. Quando você chega no jornalismo de dados, você fez algum processo de atualização, de busca por programação, estatística, linguagem e ferramentas, que são diferentes da formação jornalística? E você acha que isso é importante para quem quer atuar no jornalismo de dados?

[00:17:44] Entrevistado: Existem duas formas de ver isso. Primeiro, talvez eu tenha sido privilegiado porque eu fiz colegial técnico de processamento de dados. Tudo bem que eram outras linguagens, mas eu sei que com certeza isso me ajudou, apesar de eu nunca ter trabalhado. Eu acho que só por seis meses eu trabalhei como programador e aí já fui fazer universidade de jornalismo e fiquei 15 anos ou mais sem programar. Mas eu acho que, hoje em dia, qualquer jornalista pode trabalhar com dados. Infelizmente, a gente vê todos os dias que há jornalistas que não sabem abrir um arquivo no Excel, não sabem filtrar uma tabela dinâmica no Excel (muita gente não sabe). O CSD, que é um arquivo muito tradicional da área de dados aberto... O número de pessoas que sabem abrir corretamente o CSD é muito baixo. Apenas você saber isso (usar um programa de planilha, fazer um filtro, fazer uma tabela dinâmica) já abre um monte de possibilidade para você encurtar caminhos e ver coisas que não estão disponíveis, se você obviamente não souber como fazer isso. Agora, se você quer realmente ser um jornalista de dados, eu acho que é imprescindível você ter fundamentos de matemática: saber o que é média, mediana, desvio padrão, calcular o mínimo e o máximo, porcentagem. Tudo isso que eu estou falando nem é matemática avançada. Quem sabe matemática mesmo sabe que isso é básico, mas, infelizmente, a gente sabe que a qualificação... Todo ano a gente vê isso nos testes de matemática que

o Brasil faz: a qualificação em matemática no Brasil é baixa. Muita gente não sabe. Tudo isso é muito importante se você quer, realmente, trabalhar com jornalismo de dados. Isso vai te permitir ser muito mais ágil, muito mais crítico, ter uma percepção muito maior de pauta, de informação relevante, quando você sabe matemática. Aí, se você quer se especializar mais ainda, você tem que aprender matemática mais ainda e entrar em matemática mais avançada (modelos matemáticos, estatística). Mas eu acho que entender base de dados e entender planilhas, todo jornalista deveria saber. Hoje em dia é igual saber português e até, para muitas cidades, saber inglês ou espanhol. Não é um *plus*; é o básico. Se você não sabe isso, alguém vai conseguir um trabalho na sua frente. Se você quer ser um jornalista de dados, eu acho que o mínimo é ter fundamentos de matemática.

[00:22:20] Entrevistador: Quais áreas ou expertises você buscou?

[00:22:28] Entrevistado: Em planilha, eu sempre soube mexer. De matemática, eu também sempre gostei. Eu acho que eu fui aprender... Tem isso também, né? É importante dizer: essas informações de matemática que você deve saber, não é que você vai fazer isso no papel, em uma calculadora; é o computador que vai fazer. O que eu aprendi foi traduzir o conhecimento matemático para comandos. Isso foi o que eu aprendi, no *SQL*, no *Python*, no *R*, até no programa de limpeza de base de dados que quase todo mundo usa - o *Open Refine*, e até no Excel e no *Google Sheets*. Eles têm muitas formas para usar planilhas. Então, o que eu aprendi foram os comandos para traduzir os conhecimentos matemáticos. Obviamente, quando você conhece os conhecimentos matemáticos, é muito mais fácil aprender esses comandos. Você entende a necessidade deles e internaliza isso em você muito mais rápido, quando você já sabe o que é uma mediana. Nem precisa falar que é importante decorar, e, além de decorar, eu vou saber como usar também.

[00:24:24] Entrevistador: Facilita o trabalho, né?

[00:24:26] Entrevistado: É! Como você já sabe o que usar, isso já entra na sua mente quase automaticamente.

[00:24:37] Entrevistador: Você se vê ou se autodeclara “jornalista de dados”?

[00:24:46] Entrevistado: Sim! Eu me declaro. Eu acho que, todo dia, eu abro planilhas. Até na nossa estrutura na Abraji: apesar de a gente fazer muita coisa, é uma associação pequena. Como uma empresa pequena, todo mundo faz tudo, então muitas tarefas de analista de dados eu continuo fazendo. Se eu preciso fazer um estudo sobre um projeto que eu estou desenvolvendo, eu mesmo abro o *Python* ou abro o *R* e faço o código necessário. Recentemente, eu fiz um projeto que a gente tem, que envolve um banco de dados de processos judiciais de políticos brasileiros. Nesse projeto, a gente tem checagem colaborativa: pessoas, voluntariamente, checam processos para a gente, para ver se são projetos de homônimos ou não. Só que muita gente, por esses motivos que eu mencionei, não sabem abrir o banco de dados de informações de políticos que a gente tem, que a gente pegou do TSE. Ou eles também - aí é outro impedimento e isso é importante dizer por que eu acho que é parte de um investimento de um jornalista de dados - não têm um computador com memória suficiente para abrir um arquivo de 50 mil linhas. Eu criei um programa em *R* que transfere essa planilha de 50 mil linhas para um *site* interativo. O *R* tem isso, o *Shine*, que é um pacote do *R*. Você pode construir uma apresentação online de uma base de dados. Eu fiz isso e eles podem abrir na internet, sem precisar abrir no Excel. Por lá, eles podem filtrar, podem pesquisar. Isso eu fiz sozinho, sem ter um analista me ajudando.

[00:27:25] Entrevistador: Só uma informação... uma pergunta que eu sempre coloco, porque é notória a faixa etária de alguns jornalistas que se declaram jornalista de dados, que estão no campo, e que não tiveram a formação universitária mínima para atuar nessa área. “Eu fiz uma disciplina de computação gráfica básica”, mas não teve nada de visualização, nada de estatística ou algo desse tipo. Você acha que isso impacta nos profissionais que estão hoje no mercado de jornalismo de dados? De certa forma, essa busca constante por cursos, participação em eventos e esse aprendizado constante,

você acha que vem desse processo formativo das grades curriculares dos cursos de jornalismo no Brasil?

[00:28:23] Entrevistado: Eu acho que isso é uma corrida que talvez nunca tenha uma solução fácil porque o mercado sempre vai estar na frente do ensino e da universidade, sempre, em qualquer disciplina, e não só no jornalismo. Mas eu acho que as grandes universidades deveriam sempre tentar se aproximar disso. Talvez o que atrapalha - e isso eu já vivi - porque algumas pessoas já me procuraram para eu dar aula em universidades, mas eu não posso. Eu não tenho mestrado. O máximo que eu fiz foi uma pós-graduação de Jornalismo Econômico. Eu me considero, sem ser pretencioso, um dos grandes jornalistas de dados do Brasil, mas eu não tenho mestrado, então eu não posso dar aula em universidades. Aí, não sei se essa pessoa encontrou, mas eu espero que sim, uma pessoa que tenha essas duas coisas: grande experiência de mercado e mestrado ou doutorado, para dar essa aula. Eu acho que a gente percebe: tem coisas que eu aprendo fazendo curso online, curso que não tem nenhuma ligação com universidade e *sites* que até as pessoas de TI usam, de Ciências de Dados (*Datacamp, Udemy, Knight Center* - esse, sim, ligado à Universidade do Texas). Nada disso - até onde eu sei - é tão disseminado em universidades brasileiras ainda. Eu até dei uma palestra na Universidade Federal Fluminense, e eles tentam juntar isso: o aluno de jornalismo tem uma disciplina optativa para fazer aula de programação junto com a turma de tecnologia da informação da universidade. Eu acho que isso já poderia ajudar. Eu não sei como resolver isso, mas eu acho que é uma área que ainda se aprende muito sozinho, ou você faz o curso de jornalismo que, sem dúvidas, é extremamente relevante para nossa profissão. A questão ontológica, a questão dos grandes autores do jornalismo brasileiro, o método jornalístico, tudo isso você aprende em uma universidade de jornalismo. Mas eu acho que, para complementar isso, você tem que sair fora do jornalismo - pelo menos na minha área - e fazer coisas que, ainda hoje, muitos jornalistas ainda pensam que não é jornalismo. Eu ainda passo por isso hoje. Para os meus pais, com certeza, eu não sei explicar o que eu faço e eles não entendem também. Mas eu conheço muitos jornalistas também da minha idade ou um pouco mais velhos que eu, que também não entendem o que eu faço. Eles falam: “O que você faz é TI. Você não é mais jornalista então?”. Eu acho que as pessoas pensam que jornalismo é só aquilo: é só extremamente ligado às Ciências humanas ou Ciências Sociais Aplicadas. Hoje em dia, como tantas outras profissões, o campo de atuação é enorme. A gente viu na pandemia, colegas fazendo jornalismo científico extremamente detalhista, técnico. Essas pessoas devem ter se especializado ou feito cursos sozinhos ligados à ciência (Ciências Exatas, Ciências Biológicas). Isso você ainda vê pouco ou não vê em muitas universidades brasileiras.

[00:34:32] Entrevistador: Sim. Como você vê a interdisciplinaridade, essa cooperação que existe nesse campo, onde você encontra programadores, pessoal da área de direito, biologia, Ciências de Dados? Esse encontro com várias áreas, como você avalia, dentro desse campo do jornalismo de dados?

[00:35:01] Entrevistado: Eu acho que é fundamental. Eu fiz grandes trabalhos na Abraji e fora da Abraji, com advogados, estatísticos, economistas, pessoas que não são jornalistas. Mas essas pessoas têm esse conhecimento específico de cada área, que me ajuda a fazer o meu trabalho. Como eu disse, isso já é natural há muito tempo da tecnologia da informação. Os grandes programadores, os grandes desenvolvedores, eles são multidisciplinares: eles trabalham com outras carreiras em cada projeto. O cara, em cada projeto, aprende um pouco daquela área, junto com o especialista daquela área para fazer o produto dele. Isso também - lógico - existe no jornalismo: em cada trabalho, a gente aprende um pouco daquele assunto. Mas, no jornalismo de dados, eu acho que isso é ainda mais fundamental. Não é como no jornalismo tradicional, no qual talvez você só entrevista aquela fonte, aprende com ela e faz a sua reportagem. No jornalismo de dados, você tem que desenvolver uma solução, uma análise junto com aquela pessoa. Talvez (na maioria das vezes) ela mesma não sabia fazer aquilo. Mas tendo essa visão de como aquilo pode ser de interesse público, a gente também ajuda essas pessoas. Eu tive projetos em que as pessoas me ensinavam o lado técnico da informação e, dentro das opções que eram me dadas, eu falava: “Essa daqui tem relevância pública para direitos humanos, para conformidade. Tem interesse público. É um lead, então vamos trabalhar nisso”. Eu acho que esse tipo de conhecimento é uma coisa que o jornalismo já tem e sempre teve e agora no jornalismo de dados ainda

continua sendo usado. A diferença é que agora a gente constrói mais isso com pessoas de outras disciplinas, que não o jornalismo. A gente constrói isso, principalmente, se você faz trabalhos grandes de jornalismo de dados. Você tem que ter outras pessoas de outras áreas te ajudando. Eu acho que é natural trabalhar com outras áreas e é fundamental. Sem isso, o trabalho não sai mesmo.

[00:39:29] Entrevistador: Como você enxerga o jornalismo de dados brasileiro? Onde a gente está? Onde você acha que a gente vai chegar? Qual é o seu panorama?

[00:39:40] Entrevistado: Eu acho que o que a gente faz aqui é, sem dúvida... Um dos grandes centros mundiais de jornalismo de dados do mundo é o Brasil. Isso a gente vê pelos prêmios que o Brasil recebe. Tem o Sigma, que é o antigo *Data Journalism Awards*. Todo ano tem algum brasileiro indicado ou ganhando esse prêmio. Os trabalhos que são feitos aqui, muitos são traduzidos para o inglês, para o espanhol, para serem replicados ou vistos pelas pessoas lá fora. Eu acho que é um centro mundial do jornalismo de dados, sem dúvidas. Na Abraji a gente vê isso: muitos colegas são chamados para parcerias, até para dar cursos lá fora, principalmente quando existia os eventos. Agora ainda tem, mas tudo online e, de certa forma, um pouco mais resumido. Até pela questão que eu mencionei: estão no ranking *Open Knowledge* mesmo. O Brasil é o sétimo ou oitavo país que mais tem abertura de dados no mundo. A gente tem o recurso para fazer jornalismo de dados, que são os dados, mesmo com todos os problemas que eu falei. Tem países que isso é ridículo! Você não tem Lei de Acesso à Informação, os governantes não divulgam nada de forma espontânea, não tem empresas que usam essas informações. Tem isso também: usar dados, usar *big data*, trabalhos orientados a dados, isso não é só relevante para o jornalismo. Isso tem inúmeros usos comerciais para o mundo inteiro. Empresas bilionárias cresceram com isso, usando dados. No Brasil já se tem essa cultura de criar empresas ou melhorar empresas com o uso de dados. Isso - lógico - repercute no jornalismo. O problema do Brasil é o que envolve o jornalismo como um todo. A gente fala que o Brasil é referência nos grandes centros, mas no local ainda falta popularizar esse tipo de conhecimento, popularizar a oportunidade que isso traz. Muito disso ainda fica restrito para grandes capitais brasileiras ou redações maiores do Brasil. No interior do Brasil ainda o uso de Excel é um luxo para muitas redações. A gente sabe! Tem que melhorar, sem dúvidas, a abrangência do jornalismo de dados fora dos grandes centros do Brasil.

[00:43:48] Entrevistador: Como você projeta a sua carreira? Você já parou para pensar nisso? Onde você quer caminhar? Você quer permanecer no jornalismo de dados? Você se vê nessa área ou sua carreira sendo traçada por esse campo?

[00:44:07] Entrevistado: Eu acho que sim. Eu acho que vai continuar tendo demanda aqui e até fora do Brasil. Hoje em dia, como os outros colegas já estão no Brasil, a gente vê que a gente cria projetos, cria produtos, cria possibilidades de uso, que expandem o jornalismo, que são outras coisas além do jornalismo. A Abraji também faz *advocacy* por meio de base de dados. O trabalho que eu fiz esse ano do portal *AzMina*, sobre os direitos das mulheres no congresso brasileiro. Isso não é só jornalismo. Isso é usado como poder transformador também, você entender... É como eu disse: isso já é usado de forma comercial. Mas também podemos usar isso para direitos humanos, fortalecimento de instituições, para fortalecimento da democracia. Dá para usar isso da mesma forma! No meu caso, a raiz é jornalismo, mas poderia ser outras coisas. Já tem pessoas que trabalham com dados, mas que começaram em outras carreiras. Eu acho que criar projetos, criar soluções, criar formas de os dados serem relevantes para a sociedade... Isso talvez nem tenha nome. Talvez seja por isso que é difícil explicar o que eu faço, porque o que a gente faz a gente aprende durante a criação do que a gente faz, vendo outros trabalhos importantes aqui e fora e em contato com outras instituições, em contato com outros profissionais. Todo dia a gente cria oportunidades, dentro do jornalismo e fora do jornalismo. Então, eu me vejo trabalhando no jornalismo e nessas intersecções que o jornalismo sempre teve, mas eu acho que agora é nítido que há possibilidade de ter muito mais, com várias outras instituições e profissões que a gente tem no mundo, muitas delas ainda estão sendo criadas. Isso - eu reconheço - é outra dificuldade: o que eu faço eu aprendi com a minha experiência, os meus estudos, o apoio de quem trabalha comigo, mas são coisas que foram criadas durante o trabalho que a gente fez em equipe. Não existe um manual ou uma universidade para isso. Eu compreendo que, realmente, para uma

universidade deve ser muito difícil acompanhar isso. Mas eu acho que é isso: eu me vejo no meio dessa grande intersecção, que é criada todo dia.

[00:48:42] **Entrevistador:** Tem alguma coisa que a gente não falou aqui e que você acha que é importante colocar ou frisar?

[00:48:51] **Entrevistado:** Não. Acho que não.

[00:48:54] **Entrevistador:** Passamos por tudo, né?

[00:48:55] **Entrevistado:** É isso o que eu costumo falar sobre jornalismo de dados. Como eu disse, sempre vai estar em aperfeiçoamento, em mudança. Além do que eu mencionei, tem isso da tecnologia. Quando eu comecei em jornalismo de dados, há uns três ou quatro anos, a disponibilidade de informação já era enorme e hoje não existe nenhuma palavra para classificar isso; é muito além do enorme. Tem também a tecnologia disponível. Já tem projetos sobre isso, projetos de jornalismo, que captam a informação com sensores. São coisas que a gente não pensava: trabalhos ambientais, por exemplo, que pegam informações de poluição, de movimentação e, em cima disso, fazem trabalhos. Então, a tecnologia também vai se expandir e vai mudar o jornalismo de dados naturalmente. Para onde isso vai, não dá muito para saber ainda. Depende muito do que for criado em termos de tecnologia, de comunicação. A tendência é que tudo isso seja aprimorado a cada ano. Todo ano máquinas ficam obsoletas e novas são criadas com uma capacidade de processamento e de tecnologia que não existia no ano anterior. Isso vai impactar o jornalismo também.

[00:51:08] **Entrevistador:** Sim, certamente! Você me confirmar só a sua idade, por favor?

[00:51:15] **Entrevistado:** 43.

[00:51:16] **Entrevistador:** Ok! Eu quero te agradecer. Foi muito boa a nossa conversa. Ela traz muitos olhares, muitos parâmetros para o que a gente está pesquisando. Eu te mandei por e-mail um termo de consentimento, que é um protocolo do comitê de ética da universidade. Eu só posso usar a entrevista com a sua assinatura naquele termo. Se você puder dar uma olhadinha por e-mail e assinar, eu agradeço.

[00:51:43] **Entrevistado:** Uhum! Claro, claro. Eu tenho que colar uma assinatura minha, é isso?

[00:51:49] **Entrevistador:** É, pode ser. Se você quiser, eu o tenho em Word, se for mais fácil para você.

[00:51:56] **Entrevistado:** É, eu acho que é melhor. Eu não sei se eu tenho um editor de PDF fácil aqui.

[00:52:02] **Entrevistador:** Tá! Eu te mando, aí você só coloca o nome em cima e a assinatura embaixo. Eu vou te mandar agorinha. Quando a gente encerrar aqui, eu te mando o Word. Muito obrigada. Boa semana para a gente. Assim que a tese estiver toda certinha, eu te mando uma via.

[00:52:23] **Entrevistado:** Tá. Obrigado!

[00:52:24] **Entrevistador:** Por nada! Obrigada a você.

[00:52:25] **Entrevistado:** Obrigado, Patrícia. Tchau, tchau!

[00:52:26] **Entrevistador:** Tchau, tchau!

Entrevistado 18:

[00:00:01] **Entrevistador:** ...jornalista ou não. Então, a gente fala um pouquinho de carreira, trajetória profissional. Enfim, a gente vai nesse viés, para falar um pouquinho do jornalismo de dados, mas a partir dos atores sociais que estão nesse universo.

[00:00:11] **Entrevistado:** Você está fazendo doutorado onde?

[00:00:14] **Entrevistador:** Na UFSC, na Federal de Santa Catarina.

[00:00:17] **Entrevistado:** Qual é o problema que você está investigando? Essa é a parte descritiva. O problema é qual?

[00:00:22] **Entrevistador:** O problema vai se fazendo, refazendo, fazendo, refazendo. São quatro anos de pesquisa. A gente está partindo do problema de que... Eu trabalho com o conceito de Mundo Social, que vem da Sociologia Interacionista, do Becker. Mundo social é o jornalismo e, dentro desse mundo, o micromundo é o jornalismo de dados. O jornalismo de dados seria esse segmento desse mundo maior da prática jornalística. A partir das perspectivas e das atuações desses atores, a gente consegue compreender esse mundo, a partir de quem o faz. A gente tem uma observação a partir também dos não-jornalistas, que atuam nesse campo, que são personagens multi e interdisciplinares. Isso explicaria todas essas perspectivas ou configurações do jornalismo de dados. Vamos ver se isso é sim ou não, se de fato a gente consegue compreender essa atuação.

[00:01:30] **Entrevistado:** Acho que, como método, sim, porque, como você falou, é a ideia de que somos seres sociáveis. A interação produz direção. Acho que, como método, é isso aí. Agora, tem outras questões que eu não sei se vão aparecer.

[00:01:50] **Entrevistador:** Exatamente!

[00:01:56] **Entrevistado:** Mas diga aí: você que vai entrevistar. Não sou eu que vou te entrevistar, não.

[00:01:58] **Entrevistado:** Mas como você é professor, né?

[00:02:01] **Entrevistado:** Pois é! Sou professor, jornalista. Quem fez doutorado acaba...

[00:02:11] **Entrevistador:** Está dando umas travadinhas para mim. Para você, também está travando ou não?

[00:02:14] **Entrevistado:** Está! Está dando umas travadinhas também. Deixa eu ver se eu coloco o meu cabeamento. Só um minuto. Eu estou no WiFi. De repente pode ser isso.

[00:02:41] **Entrevistador:** Está me ouvindo? Acho que não...

[00:03:06] **Entrevistado:** Pronto! Agora eu estou. Espere aí! Eu agora estou no cabo. De repente, fica mais estável.

[00:03:13] **Entrevistador:** Está! Eu acabei não enviando e peço desculpas, mas vou te enviar o termo de livre consentimento, que é do comitê de ética. Eu só posso usar a entrevista se você o assinar. Assim que terminar aqui, eu te passo por e-mail, tá? Então, a proposta da tese é essa. A gente também parte de uma entrevista que é aberta, então você pode falar, porque ela vai a partir das nossas interações e das nossas falas. Eu sempre tenho uma pergunta norteadora nessas entrevistas, que é em relação a formação (o porquê do jornalismo) e um pouco da construção de carreira (como você começa, o mercado por onde você passou e como você encontra o jornalismo de dados nesse processo de carreira). Então, fique à vontade. Pode falar. Eu vou te ouvindo aqui e a gente vai interagindo.

[00:04:11] **Entrevistado:** Eu fiz graduação em Comunicação, na faculdade particular, que foi a Estácio, nos anos 90. Aí, eu comecei estagiando no *Jornal do Brasil*, ainda em 1999, quando o *Jornal do Brasil* ainda existia, lá na Avenida Brasil. Isso cobrindo Cidades, que é geral. Depois eu fui chamado para ir para *O Globo*, para trabalhar na editoria de Bairros. *O Globo* tem uma subseção que

cobre bairros exclusivamente, que é Geral, só que é específica de bairros. Fiquei uns dois anos ali. Depois, fui para Geral, que é Rio. Aí, fiquei um ano fazendo Geral (ou um ano e meio, sei lá). *O Globo* tinha uma equipe de setoristas: administração pública, segurança, meio ambiente. Eu era de administração pública, que cobria, efetivamente, a prefeitura, a Assembleia. Eu fui cuidar da Assembleia Legislativa inicialmente. Ali, eu tive que lidar muito com cobertura de orçamento (matemática financeira, aquelas coisas todas) e entender um pouco de legislação. Acho que fiquei uns dois anos ali. Depois, fui cobrir Governo do Estado, o próprio governador Cabral, Pezão. O Pezão eu não peguei. Peguei um pouco do Garotinho, Rosinha inteiro, depois os dois governos do Cabral: isso eu cobri tudo. É política. Tem muita coisa financeira também, mas era menos orçamentária e mais política. Como eu fui parar no jornalismo de dados? No doutorado, a gente tinha uma cadeira no Iesp (ainda tem), que eles chamam de Análise de Dados, mas era LEGO 1 e LOGO 2. Era aprender a fazer ciência política a partir de análise de dados. Você aprendia muitos princípios de estatística [inaudível]. Eu estava no *O Globo* e no meio do doutorado da [inaudível]. Nesse momento, eu estou cobrindo o governo, quando eu estou no doutorado. Está aí ainda?

[00:07:03] Entrevistador: Estou, sim. Está dando uma falhadinha aqui, aí eu vou desativar aqui.

[00:07:09] Entrevistado: Aí, no meio do doutorado, eu estava cobrindo Governo e fazendo doutorado. Ali em 2009 - acho que foi em 2009 ou 10 -, eu propus ao *Globo* (o nome “jornalismo de dados” ainda não existia naquele momento)...

[00:07:26] Entrevistador: Isso era que ano mais ou menos?

[00:07:27] Entrevistado: Eu propus ao *O Globo* uma cobertura que fosse baseada em dados, em estatística, na qual a gente pudesse usar algumas bases, fazer alguns cruzamentos. Eu fiquei muito encantado com a análise de dados da ciência política e vi que era possível usar no jornalismo. Mas não havia, no Brasil, “jornalismo de dados”, esse termo, nem no mundo. O *The Guardian*, quando vai criar isso, leva um tempo para isso ganhar escala. *O Globo* não embarcou nisso e nem acreditou muito. A razão é sempre uma razão muito conhecida: o jornalismo terceiriza o saber, porque ele tem muito medo de assumir essa produção de saber. São as fontes que produzem [inaudível]. Aí, a *Folha de S. Paulo* veio. O *Estadão* já estava nascendo em 2009 inclusive. O *Estadão Dados*, *Folha* e outros veículos começaram a fazer. *O Globo* ficou para trás nisso. Em 2014, entrou um editor-executivo novo, que tinha vindo da Europa e que sabia que isso era um valor do ponto de vista noticioso. Mesmo não tendo essa ideia de cobertura baseada em dados, eu continuava fazendo uma cobertura de política baseada em dados. Indiretamente, eu estava fazendo ali. Fiz algumas matérias. Uma delas, que eu acho que foi uma das mais impressionantes - não minha, porque foi uma equipe inteira - foi quando a gente não tinha núcleo de dados no *O Globo* e o *O Globo* não tinha essa pegada e a gente conseguiu pegar a API dos ônibus do Rio de Janeiro, da capital... Era uma API onde tinha tudo registrado (horário, velocidade, velocidade média). Eram 7.500 ônibus. A gente baixou essa API, a gente baixou esses dados, a gente trabalhou com esses dados e construiu vários mapas de calor da cidade, mostrando onde os ônibus aceleravam e onde os ônibus desaceleravam. A gente concluiu que vários não respeitavam a velocidade limite da cidade. Esse é um puta trabalho de jornalismo de dados. Depois eu fui descobrir que essa matéria foi mencionada na Alemanha, em um congresso, porque teve jornal da Alemanha que fez um pouco depois. Eles acharam muito impressionante a... Eu estou só mostrando que a expertise estava um pouco espalhada no *O Globo*, mas não tinha um núcleo nem era direcionado. Então, eu vinha ou participando ou fazendo individualmente algumas coberturas muito focadas em dados, mas não tinha núcleo. Eu também não era destacado para isso e participava da cobertura de Governo. Em 2014, trouxeram esse executivo, que tinha interesse nisso e achavam que isso era um valor para o jornal. Então, logo depois, propôs a gente criar esse núcleo de jornalismo de dados (em 14). A gente já fez a cobertura de 14 com muito mais dados. Já existia o Núcleo de jornalismo de dados do *O Globo* - assim que ele foi batizado. A gente ganhou uma tagzinha. Eu fui destacado: ficava literalmente só cuidando disso e saí do Geral e de Política. Aí, sim, era uma ideia de núcleo. Em 18, a *FGV* me chamou para ir para o Centro de Tecnologia e Sociedade, que era um centro de pesquisa que trabalhava com *big data*. Eu fui para lá e saí do *O Globo*. Não fiquei mais vinculado ao jornalismo diário. Cuidava também da Comunicação do CTS, mas muito também dando suporte nas pesquisas, ajudando ali a dar um *driver*, ajudando a pensar, junto com a galera de matemática aplicada. Esse

projeto da *FGV* durou um ano, acabou e não deu certo, então trocaram a direção e eu saí e fui dar aula. Minha função principal hoje é ser professor. Sou professor da UERJ. [inaudível]. Três meses que eu fiz, especialmente, para a cobertura eleitoral baseada em dados. A linha editorial era diferente. Eu tinha mais autonomia para fazer análise no *O Globo*. No *GI*, era mais produção de *hard news*: informação, número, número, número. No *O Globo*, eu dava preferência mais para análise, cruzamentos. Eu fiz matéria no *O Globo* de um teste estatístico. Quando é que você iria imaginar isso? No *GI*, era uma linha editorial um pouco diferente, porque o *GI*, como tem que lidar com o Brasil inteiro e é o portal da *Globo*, é mais... “Esse ano terão cinco mil candidatos com vínculo militar, sendo que em 2016 foram quatro mil”: mostrava o aumento. Era uma coisa mais dados, mas mais simples. Não tinha tanto aprofundamento. Eu fui jogado para a cobertura orçamentária e tive que começar a lidar um pouco melhor com matemática. Nunca foi o meu forte a matemática. Eu fui descobrir a estatística no doutorado, aí eu vi que tinha um valor e que era muito mais divertido e interessante trabalhar com dados pela dimensão estatística. Enfim, acho que eu aprendi ali o básico. Obviamente eu não sou estatístico, mas alguma leitura crítica eu sei fazer para poder trabalhar no jornalismo. Automaticamente, a gente produz demais e produz muita coisa de jornalismo de dados nesses três ou quatro anos no *O Globo*. É isso! Eu acho que a trajetória tem um pouco dessa combinação de braço acadêmico, que estimula a visão estatística; tem um braço profissional, que me jogou em uma cobertura que me exigia produzir alguma compreensão de números, de dados, de tabelas, etc. É isso! Internamente, antes de lidar com estatística no doutorado... Era muito engraçado! *O Globo* tem - ou tinha - uns cursos internos (*in company*) para os seus funcionários. Eram vários cursos ou micro cursos (três ou duas semanas, uma semana). Você tem muita coisa de marketing. Lá dentro, você sai escolhendo e vai fazendo - se quiserem fazer, porque não são obrigados a fazer. Eu me lembro disso: que eu tinha dificuldade com planilha, porque eu nunca tinha trabalhado com planilha. Aí, eu fui buscar os cursos e tinha um curso de Excel dentro do *O Globo*: Excel 1, 2 e 3. Era “cedão” (oito da manhã) e depois tinha que trabalhar o dia inteiro. Eu ia fazer esses cursos e, chegando lá, só tinha gente do financeiro - não tinha ninguém do jornalismo. Era muito engraçado, porque as bases de dados nas quais eu trabalhava eram base de dados do financeiro. Não tinha nada a ver! Eu achava aquilo chato demais. Mas eu queria entender o mínimo de planilha e como funcionava. Era muito engraçado! Eu me lembro! Não tinha ninguém de redação. Era só eu e o pessoal do financeiro ou de RH. Eu acho que é importante destacar isso: no jornalismo de dados tem muito autodidatismo. Tem uma galera com o perfil de ser autodidata de saber estudar e aprender a estudar. Você aprende a estudar. Então, eu acho que o autodidata tem esse perfil. Ele sabe estudar, então ele vai caçar e vai aprender. Lá no doutorado, eu tive um contato muito rápido... Eu já tinha terminado o doutorado, mas tive um curso, seis meses depois, de R. Era um curso de verão. Eu fui lá, fiz o curso de verão (porque eu sabia que tudo estava mudando para essa plataforma *open*), entendi a lógica, mas no jornal você não tem muito tempo para lidar com o tempo que um R precisa de aprendizado. Então, isso ficou meio de lado ali. [inaudível], então passou a usar um pouco mais. Eu diria que não usava - é melhor classificar assim. Eu já não tinha o estranhamento com a linguagem e sabia o que era porque eu fui buscar, entender, etc. Agora, no *GI*, eu falei: “Vou retomar o R. Vou inverter a lógica”. Eu usava - sei lá - 70 ou 80% de Excel, planilha eletrônica e uma outra ferramentinha lá e 0% de R. Eu falei: “Cara, quero terminar essa eleição fazendo o contrário: 70 ou 80% de R, e o resto são as outras ferramentas”. E fiz! Fiz várias matérias nas quais a estrutura por trás está toda organizada em análise de dados em R. É um processo de auto aprendizado. Não tem para onde sair. Eu acho que é isso do ponto de vista de trajetória. Aí me formei em jornalismo. Estando no *O Globo*, fiz mestrado em Comunicação na UERJ e depois, estando no *O Globo*, fiz doutorado em Ciências Políticas no IESP.

[00:16:36] Entrevistador: Traz uns pontos bem interessantes na sua fala, quando você fala desse perfil autodidata, né? Uma pergunta que eu sempre acabo fazendo para os entrevistados é em relação à formação. A gente vê que quem trabalha ou que tem contato com essa área procura muito um aperfeiçoamento, desenvolver habilidades com programação, com visualização de dados, com estatística - entender um número assim ou de onde ele sai, para que ele possa olhar para a planilha e ter um *start* de onde ele vai começar. Eu vou aproveitar e já entro na formação. Eu já entrevistei jornalistas que estão formados e que têm 22 anos ou 24 anos, que estão nessa área de jornalismo de dados, ou seja, jornalistas jovens de formação, mas que não tiveram contato nenhum com a disciplina ou com a matéria de jornalismo de dados ou com estatística e o máximo que fez foi uma disciplina de

webdesign ou alguma coisa nesse sentido. Como você vê, inclusive como professor, esse panorama do ensino no Brasil, quando a gente pensa nessas novas expertises ou quando a gente pensa nesse mercado?

[00:17:55] Entrevistado: Eu acho fraco. Eu vou falar dos dois universos que eu participo: a pública e a privada. Na pública, é fraco. Eu não sei se é uma especificidade da UERJ. A gente tem um departamento com vários problemas. Como eu posso dizer? Acho que a função de ensinar ficou em segundo plano. A gente está muito mais envolvido em questões sindicais, em questões [inaudível]. Tem uma questão geracional - é um departamento relativamente velho, no sentido de faixa etária, então isso dificulta [inaudível], mas eu não sei como. Muitas vezes, existe uma visão radical de tudo aquilo que eles carimbam como mercado: “Isso é mercado!”. Então, já existe uma rejeição de cara. “Não temos que seguir o mercado”. Eu acho isso estranho. Não que não tenhamos que ter visão crítica sobre essas dinâmicas de mercado. [inaudível]. Na pública, hoje, o curso de Comunicação do qual eu faço parte, que é em Jornalismo, não temos. Eu dou aula lá, mas dou aula de Técnicas de Reportagem, que é onde eu consigo trazer alguma coisa para os alunos, para eles não saírem tão... Mas não tem uma disciplina de jornalismo de dados ou um disciplina de estatística focada em comunicação. Só tem estatística focada em mercado, por exemplo, que quem dá é o pessoal de economia. É meio esquizofrênico isso! A leitura é diferente. Na privada, estão acontecendo alguns movimentos. São extremamente lentos, mas estão acontecendo. Eu já dava jornalismo de dados dentro da disciplina de Técnicas de Reportagem, mas era um módulo ou dois, que eram muito elementares, porque os alunos chegam, de fato, sem saberem absolutamente nada de uma planilha eletrônica. Você não precisa pagar uma faculdade para saber o que é uma planilha eletrônica, no entanto, a gente tem que explicar o que é uma planilha eletrônica e como ela funciona. É o perfil do curso: os alunos procuram Comunicação porque não gostam de exatas. “Isso não faz parte da Comunicação”. É uma leitura ultrapassada inclusive de Comunicação. Eu acho que na PUC do Rio Grande do Sul, quando eu conversei com o T. uma vez, eles estavam dando. Na PUC do Rio, eu não sei dizer, porque não tinha ninguém lá com esse perfil. Pode ser que tenha algum professor dando alguma coisa. A ESPM deve estar criando alguma coisa. Em 2022, entra uma grade nova - está em transição e mudando agora - e vai ter jornalismo de dados. Então, você dá um semestre inteiro de jornalismo de dados. Eu tenho dado muito curso em pós, ou em pós de Comunicação ou em pós de jornalismo ou - olha só que curioso - em assessorias de imprensa que querem [inaudível] alguma coisa com jornalismo de dados. É uma visão muito particular: as públicas estão muito atrás nessa aplicação; as privadas estão em um momento de transição (já perceberam que precisa colocar isso na grade e que precisa explicar para os alunos como funciona); no meio do mercado, ou seja, quem já está trabalhando está recorrendo à pós-graduação (a pós contrata o professor de jornalismo de dados e bota lá para ensinar) ou os profissionais que estão no mercado (no caso, em redação ou assessoria de imprensa) vão fazer cursos paralelos ou contratam o profissional para ir lá dar o curso. Eu já dei uns dois ou três cursos para assessores de imprensa. Também palestras e outras várias coisas para explicar como funciona e o que é isso exatamente. É um momento de transição agora. Está muito lento, porque o mundo acelerou bastante essa ideia de utilização de dados, até com os problemas éticos que envolvem a utilização de dados. [inaudível]. Por isso que eu digo: o perfil de quem de fato quer ser e atuar com jornalismo de dados é um perfil de constante busca, porque os softwares não sobrevivem - raramente um sobrevive muito - a dois ou três anos. Eles estão sempre trocando. Tem sempre uma coisa nova, de visualização ou de análise ou de linguagens. Quando eu comecei a fazer jornalismo de dados, a linguagem era Excel. Depois, ela foi para o SQL. Agora é R e *Python*. A gente está em um nível de programação. O termo que se fala já é “jornalismo computacional”, que é o jornalista que já domina não só a produção de conteúdo como a linguagem computacional de programação. A gente está encaminhando para esse terceiro ou quarto nível, que é um perfil que seria computacional.

[00:23:41] Entrevistador: O Lima Júnior trabalha com isso, com essa proposta de jornalismo computacional - o pensamento computacional usado no jornalismo de dados. Você teve que procurar algum curso nesse sentido de programação, visualização?

[00:24:04] Entrevistado: Visualização eu nunca fiz. Curso para visualização eu nunca fiz. Eu estudei muito os aplicativos. No *O Globo*, eu ficava alocado na [inaudível] de Infografia e Arte. Eu não ficava

na redação padrão. Lá no *O Globo*, a parte de infografia e arte, na sede antiga, eu me sentava do lado do infografista e eu me sentava ao lado do *webdesigner*. De alguma maneira, eu tenho compreensão de cores, de linguagem, de equilíbrio. Eu aprendi vendo. Não sou web designer, não faço que nem eles, mas eu resolvo. Se eu tenho que construir uma linguagem aqui, eu sei os parâmetros básicos. “As coisas não vão brigar” [inaudível] é a informação. Eu acho que eu aprendi o básico, vendo eles fazendo do meu lado e também ajudando. Com o software, não. Eu fui metendo a mão: o *Datawrapper*, o Tableau. Todos eles foram no dia a dia. Com o Tableau, eu tinha um amigo no *O Globo* que sabia um pouco mais. A gente foi trocando bola. “Como faz isso?”. Toda hora tem um problema novo. Vi alguns vídeos. No próprio Tableau tem alguns editoriais. Tem tutorial do *Flourish*, tem tutorial do Data. É isso o que eu estou te falando: tem um autodidatismo, que me parece o perfil - eu vejo alguns colegas e participo de alguns fóruns de jornalismo de dados - comum. Parece uma coisa que conecta todo mundo: uma vontade, um desprendimento e um não medo de aprender sozinho, mas trocando e perguntando. É comunitário. Às vezes é muito comunitário.

[00:26:07] Entrevistador: Eu ia te fazer essa pergunta: você vê como uma comunidade de fato colaborativa, nesse sentido de se ajudar e de descobrir alguma coisa? É um perfil colaborativo?

[00:26:19] Entrevistado: É um perfil! Do ponto de vista geracional, eu não estaria nesse grupo, porque eu tenho 45 anos. Esse grupo colaborativo é uma galera bem nova - até 30, no máximo. Eu participo do grupo de WhatsApp de jornalismo de dados do Brasil, que é bem grande. Eu vejo eles trocando o tempo inteiro, trocando, pedindo sugestões, etc. Fora isso, você tem vários fóruns na internet também. R, por exemplo, tem uma comunidade bem poderosa. Se você senta lá, tem lá uma solução de um problema que alguém já enfrentou e mostrou como solucionou. Eu diria que é meio a meio: tem uma gana pessoal de aprender e até prazer em aprender (eu gosto disso) e os outros 50% é troca. “Fulano, por que você fez isso quando deu aquilo? Como resolve?”. É uma comunidade, do ponto de vista cultural, muito aberta. Não é do conhecimento restrito; é do conhecimento dividido, compartilhado. Acho que isso é muito claro. Do ponto de vista cultural, isso é muito novo no jornalismo. O jornalista lida, justamente, com o contrário: é da competição e do saber enclausurado, fechado. Essa é uma linguagem totalmente diferente. [inaudível] 19, 20, 21 e 25, tudo da matemática aplicada, todo mundo utilizando Python. Eu lidava muito bem com essa turma. Ele é geracional, mas você também pode ter uma geração à frente que, na verdade, entende o valor disso e convive muito bem. Eu aprendi muito com eles. Do ponto de vista de [inaudível] e *insights*, eu acho que eles aprendiam também. Eu cheguei a usar o Python algumas vezes, mas me identifiquei mais com o R. Acho que a comunidade científica usa mais R e eu fiquei mais à vontade. Mas também não é um mistério, porque eu vi fazendo, vi como eles compartilhavam, cheguei a fazer alguns cursos e olhar alguns tutoriais online. Eu fiz algumas brincadeiras. A parte do *data analytics* era deles. Eu ficava mais com [inaudível] e vejo como, para eles, isso é completamente resolvido. Não há barreiras para a troca de conhecimento. Na verdade, tem que dividir e compartilhar com todo mundo. Eu acho que a cultura do *open source* fica bem evidente aí.

[00:28:54] Entrevistador: Sim! Você também, nesse sentido e pela sua experiência de carreira, essa questão de equipes multidisciplinares e essa junção de várias áreas e de atores que não são jornalistas por formação, mas que estão atuando nesse campo... Como você avalia essa multidisciplinaridade ou essa interdisciplinaridade?

[00:29:27] Entrevistado: Eu acho ótimo, eu acho ótimo. Já fiz engenharia. Você tinha gente das Ciências Políticas, gente do Direito. Estava tudo misturado ali. Eu aprendi várias coisas por causa dessa mistura. Eu acho que, em algum momento, alguém tem que bater o martelo. Você tem o coordenador para isso. Mas a mistura é muito boa. No *O Globo*, eu fiz jornalismo de dados muitas vezes - não sempre, porque tem os grandes projetos - e eu conversava com o pessoal da programação, com o pessoal do *webdesign*, com o design, então tinha muita conversa, muito diálogo, para montar a página. “Como vai ser? Abre por onde? Qual cor?”. Tinha muito diálogo nisso e cada um cuidava do seu papel e das suas expertises lá. Como a gente tinha um blog, eu fiquei à frente do blog e eu produzi muita coisa sozinho. Eu fazia desde capturar o dado, localizar a pauta, fazer análise, escrever o texto e fazer a infografia. Eu fazia também a visualização, que era uma visualização básica (um gráfico de barra etc). Como tinha uma característica de blog, eu tinha que carregar ele e fazer ele andar e ganhar

visibilidade e ele ganhou, né? Na eleição de 2016 ou de 2014, o diretor-executivo veio falar comigo e me elogiar: “Cara, é tanta publicação que eu recebi um comentário do comando da *Globo*, que eles queriam saber quantas pessoas faziam parte do blog”. Na verdade, no blog eram dois: uma colega que ficava cuidando de projetos mais a longo prazo e eu tocando ele no dia a dia, com pautas mais quentes e produzindo análises. Então, eu diria que [inaudível] multidisciplinar, porque já tem o domínio do cara do *webdesign*, tanto do ponto de vista técnico quanto da própria leitura melhor para as matérias. Então, acho que se ganha demais. Isso, de novo, é mais uma ideia que vai contra a visão do jornalismo, que cada um cuida do seu. No jornalismo computacional ou jornalismo de dados, essa ideia é muito mais fácil de ser aplicada, ela é muito mais rica e ela funciona, porque você consegue colocar projetos mais robustos na rua por causa disso.

[00:31:47] Entrevistador: Trazendo mais para você, você, nesse momento ou em algum momento, já se autodeclarou ou se considera “jornalista de dados”?

[00:32:00] Entrevistado: Sim, sim. Me identifico, sim. Sou apresentado assim. Agora, depende se é do projeto que eu estou tocando. Outro dia eu estava fazendo um trabalho de consultoria na área de comunicação. Ali eu estava como um especialista em comunicação, que, obviamente, acaba utilizando dados ou a linguagem de dados. Não era notícia. Era um plano de comunicação. Eventualmente, tenho que dar cursos. Os cursos geralmente me chamam ou para a comunicação política ou para jornalismo de dados. Então, eu me autodenomino - ou pela comunidade também - como jornalista de dados.

[00:32:39] Entrevistador: Quem você acha que é essa figura do jornalista de dados? Por que eu faço essa pergunta? Muitos dizem assim: “Eu não sou jornalista de dados, porque eu não tenho determinadas expertises e eu não sei fazer determinadas coisas”. Ou então: “Eu sou jornalista de dados por isso e por isso”. Geralmente, há um porquê dessa autodeclaração. Quando você se autodeclara como jornalista de dados, como você vê quem é esse profissional?

[00:33:13] Entrevistado: Eu vejo esse profissional como o sujeito. Tem um artigo que eu publiquei com um colega, que é “Problematizando a definição de jornalismo de dados”. Já tem um tempo. Ele foi em 2016, se eu não me engano. Eu defino “jornalista de dados” como o sujeito que tem uma habilidade com base de dados. Ele consegue localizar, ele consegue trabalhar com uma base de dados, seja criando uma variável nova, seja limpando... esse sujeito é capaz de fazer isso. Posso estar falando de uma simples planilha como posso estar falando da utilização de R. Então, é o sujeito que tem essa expertise e que consegue fazer isso. Você poderia falar: “Então o cara que é analista de dados pode ser jornalista”. Pode, desde que ele domine a linguagem jornalística. É aí que vai entrar a outra expertise: contar histórias. Jornalistas sabem contar história. “Qual é o valor notícia quando eu cruzo uma base de três variáveis e gero um percentual tal?”. “Isso não gera uma história, mas isto gera uma história”. Esse “gerar história” e saber identificar histórias vêm do próprio jornalismo. Ele não vem do analista de dados. O analista de dados é o cara que domina aquilo para a análise de dados. O jornalista de dados domina alguma análise de dados (não todas), que possibilita fazer ou orientar o seu trabalho, que é o de contar história a partir de dados. Eu diria que o jornalista de dados é esse sujeito. Por trás, tem uma habilidade analítica. Para além da habilidade de contar histórias, tem uma habilidade analítica, de saber algumas coisas básicas de dados para dizer se é possível contar uma história, se isso é uma tendência, se isso é uma variação muito pontual. Leitura crítica de dados é uma capacidade analítica. Eu diria que o jornalista de dados é isso: uma pessoa que junta uma habilidade com bases e análises de dados a uma habilidade de contar histórias (no modelo jornalístico: histórias que possam ser do interesse público e que sejam interessantes de serem reveladas). Eu acho que está nesse meio termo. Eu já trabalhei com colegas que eram analistas de dados, que tinham enorme dificuldade de identificar pontos que são realmente interessantes do ponto de vista jornalístico e também não tinham o domínio da linguagem jornalística. Eu acho que é essa combinação o que eu definiria como perfil profissional, além da coisa do autodidatismo, de buscar, de aprender, de sempre querer inovação. Você pode buscar inovação do ponto de vista narrativo, do ponto de vista de visualização, do ponto de vista analítico.

[00:36:16] Entrevistador: Isso vai dentro daquele artigo que vocês escreveram sobre a diferença de jornalismo com dados e jornalismo de dados?

[00:36:23] Entrevistado: A denominação “de” e “com” nem era muito boa, mas foi a falta de criatividade nossa naquele momento. Mas eu diria que é essa a divisão, é essa a separação. Uma coisa é o que o jornalista sempre fez, que é contar histórias a partir de dados. São dados que vêm do IBGE pronto, que vêm de um release pronto. Você vai contar história porque tem um número que a assessoria está informando ou o órgão está informando: esse é o jornalismo com dados. Você está fazendo matérias a partir de dados. O jornalismo de dados, eu acho que ele dá um passo adiante, procedimental, se assim a gente pode falar. Você vai na base bruta. Você vai lá no TSE e pega toda a base eleitoral de anos e anos, e você vai fazer os cruzamentos e vai tentar encontrar os *insights*. Aí existe independência analítica, independência editorial, existe independência profissional. É essa a diferenciação para a gente.

[00:37:22] Entrevistador: O que você acha desse termo “guiado por dados”? Eu estou te perguntando isso porque eu já usei em artigos várias vezes. Eu estou um pouco nesse mesmo raciocínio que você fala. Às vezes eu tenho muita dificuldade de colocar na caixinha ou no mesmo lugar desse “jornalismo guiado por dados”, sabe?

[00:37:44] Entrevistado: É a mesma coisa! Só tem uma prevalência de ora “guiado por dados” e ora “jornalismo de dados”, mas é a mesma coisa. Não tem diferenciação nenhuma. Simplesmente, é a dificuldade de acordar um termo comum, o que é normal dentro de uma comunidade. O “guiado por dados”, me parece, é uma tradução do inglês. Uma simplificação desse termo é “jornalismo de dados”. Eu não vejo diferença nessa conceituação. É a mesma coisa. Já estive lendo, já vi. O “guiado por dados” é uma tradução do inglês. Tem uma definição do inglês, que eu não me lembro agora. Como era?

[00:38:42] Entrevistador: “Jornalismo de precisão”, não, né?

[00:38:45] Entrevistado: Hãn?

[00:38:46] Entrevistador: Não é “Jornalismo de precisão”, não, né?

[00:38:48] Entrevistado: Não. “Jornalismo de precisão” é anterior. É um conceito, é uma ideia. Ele está, inclusive, no nascedouro do jornalismo. Antes do “Jornalismo de precisão” você tem o... Como é o nome?

[00:38:59] Entrevistador: “Reportagem assistida por computador”.

[00:39:00] Entrevistado: Exatamente! Era o *Reporting Assisted by Computer*, em inglês. Em inglês também tem um para dados. *Data Journalism*? Não me lembro, mas me parece que “Jornalismo guiado por dados” é uma tradução literal do termo inglês. Mas fora você vê vários artigos que o pessoal fala “*data journalism*”. Ninguém especifica o “guiado”.

[00:39:27] Entrevistador: É um dilema, inclusive, nas teses e nas dissertações que a gente vai fazer. “Eu uso qual?”. Como você vem de um traço conceitual, você fica... porque a banca talvez vai perguntar. Eu estou no “jornalismo de dados”.

[00:39:43] Entrevistado: Eu acho que, conceitualmente, tem uma prevalência acadêmica mais pelo “guiado por dados”, pelas coisas que eu vejo. Parece que, conceitualmente, sim. Do ponto de vista informal, *lato sensu*, é o “jornalismo de dados” simplesmente, entendeu?

[00:40 01:] Entrevistador: Sim, eu também percebo isso. É visível. Parece que, para o mercado, é “jornalismo de dados”. Quando a gente vai mais para a questão acadêmica, é “jornalismo guiado por dados”.

[00:40:15] Entrevistado: Na tese da Suzana, lá da USP - eu não sei se você leu -, ela chama de um outro termo, que é “Jornalismo em Base de Dados” - alguma coisa assim.

[00:40:25] Entrevistador: Isso, isso.

[00:40:26] Entrevistado: Eu não gosto. É um termo que eu não gosto. Quando ela fala, naquele momento, ela está pensando na empresa e na gestão do negócio do jornalismo. Passa mais por isso, porque ela vai falar de acervo e vai falar de uma série de outras coisas, que não eram restritas à redação, então eu acho que, naquele momento, ela está falando desse modelo mais agregado, mais estrutural. Foi a interpretação que eu tive. Eu li há algum tempo a tese dela e me chamou a atenção a forma como ela denominava e aí eu fui ver que ela estava tratando de muito mais, para além de conteúdo: era de gestão de memória e uma série de outras coisas. Posteriormente, [inaudível] jornalismo guiado por dados ou jornalismo de dados que, a mim, soa e é a mesma coisa. Eu não vejo diferença.

[00:41:16] Entrevistador: Como você vê o jornalismo de dados no Brasil hoje?

[00:41:22] Entrevistado: É muito difícil, porque não tem uma definição que englobe as diferentes características. A gente fez um artigo, o qual a gente tentou publicar, mas a gente não conseguiu publicar, que era sobre a frequência com que o jornalismo de dados... Era se existia jornalismo de dados no Brasil (a gente mapeou os veículos, em 2013 ou 14) e a gente encontrou o seguinte: a gente fez a diferenciação entre jornalismo de dados com jornalismo com dados. A maior frequência é “com dados” e quando tem “de dados” está na região Sudeste. Isso foi até 2014. Pode ter mudado bastante. Estava concentrado na região Sudeste e muito concentrado na região Sudeste. A gente fez o recorte [inaudível] locais ou nacionais, e era mais nacional. Tinha uma cobertura menos local do jornalismo de dados e mais nacional. Parte disso é explicado pela disponibilidade de fontes e de base de dados, que localmente não havia tanto. Algumas capitais têm mais hoje. Do ponto de vista de estrutura, era isso. Muito raro (acho que dava 16% de toda a base - duas mil e tantas publicações) a gente podia denominar como “jornalismo de dados”. O que aconteceu? Você tem vários cenários acontecendo que são às vezes contraditórios: *O Globo* acaba com a equipe de dados dele em 2017 - quando eu saio, praticamente, já não tinha, porque estava tendo um redirecionamento para *fake news* e para criar uma equipe para *fake News*, etc etc etc. Até me botaram coordenando, mas eu não queria. Não era o que eu queria fazer. Coincidiu de a FGV me chamar e eu fui. Em 2017 [inaudível], que estavam estagiando comigo, ficaram lá. Um continuou fazendo as coisas individualmente e o outro acabou saindo também. Hoje está desarticulado. *O Globo* acaba com isso. *O Estadão* praticamente acabou - e já tem uns três anos. Você tem lá profissionais que fazem jornalismo de dados, mas você não tem uma equipe. Essa desarticulação atrapalha muito. A *Folha de S. Paulo* faz vários movimentos: ela termina a equipe de dados dela em 17 e 18, se eu não me engano, e retoma em 19 e 20, com uma equipe de dados bem boa que faz um trabalho bem interessante. O *Nexo* também está fazendo um trabalho interessante em jornalismo de dados, bem, bem interessante. Tem uma galera no *Correio da Bahia*, fazendo alguma coisa legal também - tem uns dois garotos muito bons, mas eu não sei se eles conseguem publicar, porque eu não vejo no jornal. Eles são bons, estão lá e são super antenados em jornalismo de dados. Tem também essa parte das empresas. Então, eu vejo sinais contraditórios: empresas que acabaram literalmente e outras que se fortaleceram.

[00:44:24] Entrevistador: Você consegue enxergar, inclusive... Oi? Está me ouvindo?

[00:44:40] Entrevistado: Estou ouvindo. Pode falar.

[00:44:42] Entrevistador: Você estava falando das empresas... Você consegue ter uma percepção do crescimento das agências, dos veículos independentes? Me parece que há uma atuação muito mais forte nessa linha do que, propriamente, dos grandes veículos de imprensa do Brasil.

[00:45:04] Entrevistado: Esse é o ponto onde eu ia chegar, que é mais um sinal de como está o mercado. Você tem as grandes empresas, com dois sinais, desarticuladas, e você tem o terceiro setor e os grupos independentes, que pegam uma garotada - tem muita gente desse grupo que eu participo, inclusive - que vão criar as minas [inaudível], mas não conseguem se manter financeiramente. Tem muitas dificuldades em se manter, mas é para onde vai escapar muita gente que não consegue entrar nas redações ou não tem interesse comercial nisso. Essa galera vai criar esses núcleos: ou vai participar de grupo de pesquisa, apoiando, ou vai criar canais muito específicos, segmentados. O próprio Sérgio, que é de Curitiba... Qual é a agência dele?

[00:46:00] **Entrevistador:** É a Volt.

[00:46:03] **Entrevistado:** *Volt!* Vão criar agências, vai prestar serviços, vai produzir matéria e vender para um veículo e tem arranjos também acontecendo. É um grupo que está fora das grandes marcas, que vai buscar uma garotada que domina jornalismo de dados, que vai produzir nesses canais segmentados: você tem isso também. É isso! Acho que esse é o modelo. Eu não consigo apontar - e acho que isso não é um problema do jornalismo de dados, mas do jornalismo, de uma maneira geral - uma tendência. “A tendência está para cá”. Ao mesmo tempo que o *O Globo* desarticula e o *Estadão* acaba praticamente, o *GI* vai criar, a *Folha* vai recriar o seu grupo e vai fortalecer. É confuso do ponto de vista da empresa. Por outro lado, tem o paralelo das agências, dos canais segmentados, que vão investir em jornalismo de dados, mas que têm problemas de financiamento, como o jornalismo em geral tem. Surgiram enquanto outros desapareceram. Tem esse momento de indefinição, eu diria.

[00:47:14] **Entrevistador:** Pensando em carreira, como você projeta a sua carreira?

[00:47:27] **Entrevistado:** A minha?

[00:47:28] **Entrevistador:** É! Principalmente quando a gente pensa em jornalismo de dados. Eu vejo que, na academia, você já tem algo muito direcionado, né?

[00:47:38] **Entrevistado:** Eu voltei a fazer o diário agora, com o *GI*. Profissionalmente, eu acho que não me interessa o jornalismo de dados diário. Essa pressão do fechamento, essa coisa do conteúdo (“Vamos! Tem que ter!”) é apavorante, porque você comete erros. Você não tem tempo de fazer validação de dados. É uma loucura! Acho que esse é um campo que eu não tenho muito interesse. A formação - trabalhar como tutor, formando - me interessa. [inaudível] uma ferramenta nova para ensinar, então você acaba aprendendo. Essa parte me interessa. Me interessa um jornalismo de dados que fosse analítico. Eu já estava me esquecendo: a Piauí tem um pessoal de dados que tem um domínio e faz algumas coisas de dados. [inaudível]. O *Poder 360* tem veículos. O *JOTA* - não sei se você conhece - é um *site* específico de Direito, que cobre Supremo, etc. Eles têm uma equipe ótima de dados lá. Olha como as coisas são dispersas. Eu acho que tem equipes que se propusessem a fazer um jornalismo de dados analíticos, que não ficasse a reboque da pauta diária e dos temas diários (não que isso não seja importante)... Eu sinto muita falta e acho que tem espaço para mais jornalismo analítico, que usa o dado como análise, para dar perspectiva, para interpretar melhor os fenômenos, etc: isso eu sinto falta. Uma vez ou outra a *Folha* faz alguma coisa, o *Nexo* faz algumas coisas, que ajudam o leitor a interpretar fenômenos políticos, sociais, etc. O *news*, aquele quente, ele tem muitas possibilidades [inaudível]. Ele é informativo. Eu acho que esse é um segmento que tem, que vai existir e que é possível fazer. Agora, para mim, eu acho que eu gostaria de estar em um canal que eu pudesse colaborar - ou dividir com alguém - essa percepção mais analítica, utilizando dados [inaudível] e que também se propõe a fazer jornalismo de dados. É um *site* lá de São Paulo. Mas é um *site* muito posicionado: é um *site* de Economia, super direitosa. Eles queriam fazer jornalismo de dados, mas, na verdade, eu descobri que era visualização. Você pega qualquer base lá e gera uma visualização bonita no *Flourish* e, para eles, isso é jornalismo de dados, mas não é. Isso é visualização de dados. É diferente! É isso! Do ponto de vista de carreira, se eu tivesse que escolher, esse é um caminho interessante. Acho bem interessante, não do ponto de vista pessoal só, mas do ponto de vista do produto. Você ter um produto na praça... É interessante: você tem vários canais que são analíticos, mas são segmentados. As Minas falam do gênero, tem um que é de cor e de raça (Dados e Raça), o outro é coisa de quê? É mais de gênero e de cor. A abordagem segmentada [inaudível]. Eu gosto de poder variar. [inaudível]. Você tem vários problemas de governabilidade, você tem eleições. Você tem uma série de temas que você pode incluir dados e que você pode agregar análise com linguagem jornalística. Eu acho que você vai ficando velho e você quer pensar mais nisso do que no *hard news*.

[00:51:53] **Entrevistador:** Você se considera um pioneiro do jornalismo de dados brasileiro?

[00:51:59] **Entrevistado:** Eu acho que não. Eu acho que tinha o pessoal do *Estadão Dados* que é pioneiro nisso. Eles começam antes. Eu fazia muita coisa que, hoje vendo, eu falo: “Cara, tal coisa é jornalismo de dados”. Eu não sabia. A denominação “jornalismo de dados” vai surgir depois. A

denominação é dada pelo blog do *The Guardian*, em 2011 - se eu não me engano. Algum tempinho depois. Não é imediatamente, não. Eu não me considero, não. Quem tem que me considerar são as pessoas, e não eu mesmo. Eu acho que, no nascedouro, eu já estava fazendo, pelo *O Globo*, matérias que eram relativas à busca própria, à análises próprias de [inaudível]. O *Estadão* já fazia naquela época - eu me lembro de alguma coisa. Muito coladinho, a *Folha* também. O M... Como é o nome dele?

[00:53:05] Entrevistador: S.?

[00:53:08] Entrevistado: S.! Ele é meu amigo. Eu acho ele um pioneiro. Eu olho para o M. e o vejo como um pioneiro. Embora ele não seja um manuseador de dados, eu acho o T. um pioneiro. Ele não é um cara que faz análise de dados, mas ele sabe ler dados. É também um pioneiro. Em 2008, 09, 10, estava todo mundo mais ou menos fazendo sem saber que estavam fazendo jornalismo de dados, porque não tinham a denominação. Mas eu acho que eles são pioneiros.

[00:53:41] Entrevistador: Eu fiz essa pergunta para você porque alguns que eu entrevistei, que estão nessa faixa que você coloca (“A gente começou a fazer, mas nem sabia que o nome era esse”), lhe consideram como pioneiro no jornalismo de dados. O núcleo que eu já entrevistei, todo mundo: “Você tem que conversar com ele, porque ele é um pioneiro no Brasil e você vai conseguir ter um diálogo muito bom com ele”. A comunidade lhe considera!

[00:54:15] Entrevistado: Eu acho, na verdade, que eu tive a sorte de estar em um veículo grande, então você ganha mais visibilidade. Talvez seja por isso! Eu já vi o pessoal da - eu tenho pouco contato - *Gazeta*... Como é o nome? É lá do Paraná ou do Rio Grande do Sul - eu não me lembro agora. Eu sou péssimo de nome, infelizmente. Mas fica a referência aqui: o pessoal da *Gazeta*... ai, Jesus! Eu fui ver o material dos caras e era um material fantástico e eles estavam fazendo há bastante tempo. Eu tive a sorte de estar no *O Globo* e tinha uma galera no *Estadão*... Esses são mais visíveis, mas não necessariamente eram os únicos. Talvez estivéssemos todos pioneiros, fazendo coisas simultaneamente, se vendo e aprendendo um com o outro, mas eu acho que tinha gente de fora desse metiê, fazendo coisas legais, que estavam fora do eixo, mas dominando uma linguagem visual bem legal. Hoje eu vejo muita gente. Por exemplo, aparece cada nome no *Twitter*. O cara do *Nexo* - eu nem sabia - está fazendo coisa bem bacana, mas é uma geração mais nova. Eu diria que a geração do Toledo... Toledo é um pouco mais velho. Ele tem 10 anos a mais do que eu, se eu não me engano. O Toledo já estava na busca avançada pelo computador, que é um precursor do jornalismo de dados. Ele vai mostrar como usa, etc. Eu fiz cursos com o Toledo - para você ver - na Abrajji, em 1900 A.C (antes de Cristo). O Toledo estava dando aula de busca avançada de computador, entendeu? Em alguns congressos da Abrajji eu fui e tinha uma galera dando ali. Acho que é isso. Dessa busca avançada, cada um foi com os seus percursos próprios para o que viria a se chamar de jornalismo de dados depois. Acho que é isso! Hoje eu não estou vinculado a um veículo. Eu faço eventualmente um freela ou alguma coisa que envolva o jornalismo de dados. Eu estou utilizando mais a expertise de dados para a área da comunicação como um todo; por exemplo: pensar a comunicação institucional, pensar em estratégias de comunicação a partir de análises de dados. Você tem outras variantes que não estão exatamente no *front* de produção de notícias, mas que você pode usar a expertise de dados para construir estratégias. Está caminhando um pouco nisso. [inaudível] usar a ciência do que é notícia e dados para pensar estratégias e ir para o outro lado do balcão - isso é o que eu quero dizer - e pensar a comunicação institucional a partir de dados. Eu já conversei com umas duas agências de comunicação aqui do Rio. Ou eu dei um curso treinando o pessoal ou pensando nessa ideia de ter um núcleo que fosse capaz de... Não é só o *social media*. É mais do que isso! É usar o dado para gerar algo mais estratégico. O jornalismo de dados está preocupado com a notícia, a informação. Nesse outro campo, você usaria para construção de estratégias mais eficientes que, de alguma maneira, já existiam. O pessoal de *BI* já faz isso há algum tempo, mas talvez seja cientista de dados demais e jornalistas de menos. A gente, quando se forma em jornalismo e vai para uma assessoria de imprensa, por exemplo, você é jornalista só. Você domina a linguagem, mas você não tem ou raramente tem a expertise para usar dados na sua construção de estratégia. Esse pode ser um caminho interessante.

[00:58:11] Entrevistador: Sim, sim, sim, sim. Muito obrigada. Acho que, para mim, está ótimo. Se tiver alguma coisa que eu não perguntei ou que eu não coloquei aqui e que você acha importante, fique à vontade para falar, para pontuar. Mas eu já te agradeço. Foi muito bom! Rendeu muito bem sobre o que a gente precisa para a pesquisa. Agradeço a sua disponibilidade demais, viu?

[00:58:34] Entrevistado: Valeu! Qualquer dúvida, você manda por e-mail, que eu te respondo lá.

[00:58:39] Entrevistador: Beleza! Eu vou te mandar o termo agora por e-mail, se você puder assiná-lo para mim, para eu poder usar a entrevista.

[00:58:47] Entrevistado: Tá, valeu.

[00:58:49] Entrevistador: Tchau, tchau!

[00:58:51] Entrevistado: Tchau!

Entrevistado 18:

[00:00:08] Entrevistador: Pronto! Eu acredito que já esteja gravando. Quero te agradecer pela disponibilidade da nossa conversa e por estar aqui hoje para a gente bater um papo sobre jornalismo de dados, sobre carreira profissional. O intuito exatamente é só a pesquisa, ou seja, é uma entrevista para fins acadêmicos. Meus agradecimentos a você. Obrigada mesmo pela contribuição. Eu sempre começo com uma pergunta que é norteadora da pesquisa, que é sobre como você chega ao jornalismo de dados, mas começando da sua escolha profissional, de quando você começou o jornalismo, os primeiros contatos. É para você me fazer uma linha do tempo até o jornalismo de dados. Pode ficar bem à vontade.

[00:01:04] Entrevistado: Eu me formei em Santa Maria, na Federal de Santa Maria. Eu entrei em 2004 e acabei me formando em 2008, em março de 2008. Depois de Santa Maria, eu não tinha tanta experiência profissional. Era um federal em Santa Maria, então eu não tinha tanto contato com programação, então resolvi trabalhar em jornais do interior. Eu comecei em Santa Maria. Eu não sei se você conhece as cidades. De Santa Maria, eu fui para Lajeado, que é mais perto de Porto Alegre. Em Lajeado, eu fiquei mais ou menos dois anos e meio. Depois dali eu fui para Porto Alegre. Eu fui morar em Porto Alegre, mas, no começo, eu não trabalhava em Porto Alegre. Eu comecei a trabalhar em um jornal, O Sul, que era ligado à Rede Pampa. Eu não sei se existe ainda, porque eles passaram para a versão digital. Eu fiquei pouco tempo porque eu não gostei da dinâmica. Eu tinha saído da faculdade e queria muito ir para a rua, mas era um jornal que ficava muito dentro da redação. Era um sistema que eu não gostava, que era cozinhar matéria de outros veículos. Eu fiquei trabalhando por quatro meses lá, mas, nos últimos dois meses, eu comecei a trabalhar em outro jornal, era o Região Metropolitana, em São Leopoldo. Foi ali, nesse jornal, o VS, que eles apresentaram para a gente capacitações. Na época era Reportagem Assistida por Computador. Foi ali o meu primeiro contato com jornalismo de dados, inclusive a Stephanie, que é professora da UFSC, também participou dessa capacitação. Eu me lembro bem porque eles falaram de vários sistemas de como a gente podia conseguir dados, tanto por transparência ativa quanto por transparência passiva. Eu me lembrei que a primeira matéria que eu fiz a partir disso foi uma matéria sobre exportações. São Leopoldo é conhecido por ter muita indústria e muita fábrica. A partir dali eu fiz matéria sobre um dado de exportação, o *MC Web*, que agora até mudou de nome. Foi esse o primeiro contato que eu tive. Comecei a fazer mais matérias sobre isso e fui caindo no jornalismo policial. No próprio *UVS*, eles tinham certa planilha para a gente ficar contabilizando o número de homicídios, encontro de cadáveres. Era bem rudimentar. Não era nada em Excel ou em outro sistema. Era tudo em um papel que a gente ficava preenchendo, com uma atualização diária que a gente tinha que fazer. Não foi um contato grande que eu acabei tendo, porque era uma coisa mais rudimentar. Mais para frente foi quando eu comecei a ter contato com o jornalismo de dados. Mas ali foi o começo. Foi logo um ano depois que a Lei de Acesso à Informação entrou em vigor. Eu comecei a usar, mas não usei tanto. Saindo dali, eu fui para o Correio do Povo, em Porto

Alegre. Uma coisa que eu vi é que é uma briga entre “fazer matérias mais trabalhosas com dados” e o dia a dia. Sempre foi uma briga constante. No Correio do Povo, não fugia disso. Eu fui contratado como jornalista policial. Era aquela correria! No primeiro dia, eu já fui para um cárcere privado. Era horário reduzido também: só seis horas de trabalho. Do Correio do Povo, eu fui para o *GI*. No *GI*, eu percebi que eu tinha um pouco mais de abertura para poder fazer essas matérias com dados. Teve uma que eu me lembro que eu fiz sobre gasto com cafezinho e copeiro no governo do estado, que eu vi em uma matéria nacional e resolvi fazer uma coisa local. Ali, eu comecei a fazer bastante coisa. Tem muito daquilo de construir base de dados. Você vai montando a base de dados e vai fazendo. Era bacana que às vezes - eu me lembro de um caso específico - a RBS se interessava pela matéria do *GI*, pela produção que eu estava fazendo e pedia para fechar. Teve um que eu fiz que era para o JA e para o *GI*. Eles fechavam em parceria e, quando saía na RBS, a gente entregava no *GI*. Ali eu senti que dava mais espaço para fazer esse tipo de coisa. Eu acho que eu fiquei ali quase dois anos no *GI* e depois eu pedi transferência para a *Zero Hora*, em Porto Alegre. É o mesmo grupo, então eu só troquei de prédio. Na *Zero Hora*, sim, tinha uma pegada bem de dados - era uma coisa que eles pediam bastante. Ao mesmo tempo em que pediam, eles não davam muito espaço para fazer muita coisa, por causa da correria do dia. Eles também não entendiam muito a questão de prazos. No final, antes de eu sair, eu estava trabalhando muito com Lei de Acesso à Informação. Eu comecei a ter muitos retornos pela Lei de Acesso e a minha rotina de pautas se baseava bastante nisso. Eu me sentia confortável porque é ruim ficar só na mão do editor, sabe? Então, era uma forma de eu fugir desses pedidos de cima para baixo e fazer produções próprias. Eu acho que quando a gente faz produções próprias, a gente se sente mais entusiasmado, mais impulsionado a fechar pauta. Como tu produziu, como tu sugeriu, eu acabo ficando mais entusiasmado. Eu acho que eu fiquei lá por quase dois anos também. Depois eu saí. Saí no final de agosto de 2019. Eu saí na quinta ou na quarta e comecei como freelancer no *UOL* na segunda. Bem rápido! Ali eu percebo ainda mais, sabe? Eu não trabalho especificamente em uma editoria. Eu vou oferecendo conteúdo ou eles me fazem pedidos de pautas. No começo, eram as coisas que eu ia sugerindo. Só que é muito *hard news*, é *hard news*, *hard news*. Teve uma das pautas que eu fiz, que eu acho bem bacana, que era uma coisa que eu estava fazendo ainda na *Zero Hora*, mas demorou bastante para receber retornos, aí eu consegui emplacar no *UOL Esportes*. Se eu estiver falando demais, você me fala.

[00:09:01] Entrevistador: Pode ficar à vontade. Fica à vontade!

[00:09:03] Entrevistado: Eu tenho mania de falar muito. Durante a Copa do Mundo, os estados receberam caminhões para dispersar multidões. Teve uma capacitação - eu não me lembro direito - para a Copa América, em 2019, quando eu estava na *Zero Hora* ainda. Um oficial falou que o caminhão do estado do Rio Grande do Sul era o único que estava em funcionamento. Eu fiquei intrigado com aquilo e resolvi perguntar diretamente para o Governo Federal onde estavam esses caminhões. Daí, eu recebi o retorno e alguns foram devolvidos. A partir daquilo, eu pedi para os governos estaduais. Demorou horrores! Foi uma boa experiência, porque eu sempre trabalhei muito com o estado do Rio Grande do Sul. Quando eu comecei a trabalhar no *UOL*, era uma coisa de abrangência nacional. Foi muito bom isso, porque eu comecei a trabalhar mais com transparência. Eu sempre fiz pedidos no Governo Federal, mas eu comecei a fazer pedidos para outros estados, além do Rio Grande do Sul. Tive que entrar no Ministério Público para denunciar atrasos. Isso é só para te dizer: o jornalismo de dados que eu trabalho é muito ligado à transparência, ou ativa ou passiva. Eu falo esse exemplo, porque, aos poucos, eu vou tentando incluir na minha rotina isso. Ser freelancer, às vezes, é lidar com uma avalanche de coisas que vêm, e eu não consigo parar. Transparência é uma coisa que você precisa parar, responder recurso. Agora, por exemplo, eu fiz um pedido para a Polícia Rodoviária Federal e tive que recorrer; eles responderam. Vieram 15 mil registros de uma pauta que eu estou propondo ainda. Às vezes, é tatear no escuro. Além de eu fazer matérias mais nacionais, eu também faço matérias para editorias diferentes. Eu fiz essa para Esportes; fiz uma bacana para Economia também, sobre aqueles aumentos de preço do arroz e do feijão. A editora falou: “Veja o que você consegue achar...”. É sempre assim: “Veja o que você consegue achar de estoques”. Eu nunca tinha mexido nisso. Eu pedi ajuda para uma colega que trabalhava diretamente com rural. Ela me disse: “Lá tem uma série histórica”. Eu achei a série histórica e, a partir daquilo ali, analisei durante dez anos a diminuição do estoque de alimentos - esses estoques federais, no caso. Foi uma experiência

bacana, porque eu não conhecia muito disso. Outra coisa - que eu até comentei com os alunos para quem eu dei uma palestra um dia desses: foi tudo por transparência ativa. Os dados estavam ali. Claro que não estavam da melhor forma, porque estavam em PDF, aí eu tive que sair dali. Mas eu achei bacana a experiência de poder ter contato. Foi esse o caminho que eu percorri: um treinamento lá no começo e, por último, só nesse meio do caminho, eu acabei fazendo mestrado - eu achava que eu precisava voltar para a academia de alguma forma. Eu trabalhei 11 anos de redação direto e, depois, eu vim para o *home office*. Eu percebi que eu precisava voltar para abrir os horizontes. Eu também tenho uma visão de futuro - vamos dizer assim - de, com 40 anos, tentar me voltar mais para a questão acadêmica e virar professor ou, de alguma forma, entrar na academia. Foi esse o caminho que eu percorri. No mestrado, eu analisei como os jornalistas de dois jornais nacionais - *Folha de S. Paulo* e *Estadão* - estavam utilizando a Lei de Acesso. Era, basicamente, análise de rotina o que eu fiz. Claro que teve entrevistas com eles. A ideia não era fazer um negócio quantitativo, mas qualitativo, por isso que a gente escolheu quatro. Foi bacana ter um pouco das percepções de como eles estavam usando. Inclusive, sobre programação, é uma das coisas que eu ainda me cobro muito de ainda não ter entrado tanto, mas eu vejo que as coisas que eu consigo fazer muito vai por Excel. Então, eu consigo lidar. Mas eu sei que às vezes não dá certo! Quando é uma planilha muito grande. Nossa! Eu apanhei muito nas eleições. Como teve eleições esse ano, o *UOL* me chamou para ficar trabalhando com eles por dois meses. Era aquela coisa: todo dia tinha pauta. A editora sabia que eu trabalhava com dados, aí ela me pedia para eu analisar várias tabelas. Agora que eu peguei um pouco mais de macete para limpar um pouco mais essas tabelas antes de abrir no Excel. Esse é mais ou menos o meu caminho.

[00:14:50] Entrevistador: Você acha que, para atuar no jornalismo de dados - você falou de programação e algumas dificuldades - é necessária uma formação para além do que foi ensinado na nossa formação acadêmica? O jornalismo de dados requer esses conhecimentos específicos em ferramentas, em plataformas? O que você acha?

[00:15:18] Entrevistado: Eu vou comentar que a minha graduação foi muito deficitária. Eu venho de uma época - acho que foi no primeiro governo do Lula - em que a faculdade estava muito sucateada. Então, teve muita coisa que a gente não aprendeu na faculdade. Essas questões de Excel e de ter esse *feeling* ("Como eu vou fazer tabela dinâmica?") foram muito pelos cursos (*Abraji*, *Open Knowledge*). É uma coisa que às vezes é boba, porque você faz um curso e você extrai uma coisinha que te ajuda bastante. Uma das coisas que eu uso bastante é a tabela dinâmica do Excel para poder facilitar o trabalho. Respondendo a sua pergunta: eu acho que vai um pouco do interesse de cada um. Essa questão de programação, em específico, ajudaria bastante e ajuda bastante, ainda mais se você não tem um computador muito potente para poder fazer essa limpeza de dados. Essas formações complementares ajudaram bastante, mas eu não criei o caminho da programação. Eu preferi seguir a limpeza de dados por Excel, de uma maneira que o meu computador pudesse processar.

[00:16:48] Entrevistador: Você acha que é um investimento mais pessoal do jornalista ou as redações já enxergam o jornalismo de dados ou elas não enxergam e elas não entendem e, na verdade, o próprio profissional, dentro de uma construção de carreira tem que se "virar nos 30" ("eu vou atrás e eu procuro formação", "eu invisto tempo, aprendizagem")?

[00:17:18] Entrevistado: Eu acho que vai mais por esse primeiro caminho, do jornalista perceber que precisa correr atrás. Quando eu trabalhava na UBS, foi a primeira empresa que me possibilitou fazer uma capacitação. Depois, nunca teve curso de capacitação voltada para essa área. Então, eu acho que é muito da vontade própria do jornalista de perceber que é uma coisa que pode facilitar o trabalho, que pode abrir leque de pautas. Eu acho que tem muito isso da possibilidade: você pode trabalhar de uma maneira mais ampla. Mesmo na Zero Hora, que hoje eu acho que é ainda considerado o quatro maior veículo do país, eu não percebia valorização. Um pouco antes de eu sair, eles criaram uma equipe de jornalistas de dados, mas era aquela coisa muito sazonal. Logo depois que eu saí, eles pegaram e diminuíram muito a questão de programação. Tinha programadores específicos que nos auxiliavam. Teve uma matéria que eu fiz que eu precisava usar Python. Eu tive acesso a 2.500 ocorrências relacionadas a motoristas de aplicativos lá em Porto Alegre e Região Metropolitana. Era muita coisa! Eu resolvi criar categorias para facilitar a análise de dados. Das quatro categorias, em duas o

programador me auxiliou. Em uma delas eu queria ter ideia de como aconteceu os assaltos e o tipo de arma utilizada. É mais fácil: pelo *Python* você coloca ali o nomezinho (faca, arma, pistola) e daí ele filtra. Isso foi pela Lei de Acesso. No pedido, eles colocam o nome da operadora (Uber, Capify, 99Pop), então pelo *Python* ele também conseguiu filtrar. Os outros dois, não. Eu queria saber onde tinha acontecido (se era no interior do carro ou fora) e se era passageiro ou se era terceiro. Isso é meio difícil de fazer por programação, então eu tive que fazer um por um. Eu acabei me perdendo no raciocínio.

[00:20:15] Entrevistador: Fica tranquilo! Era em relação às empresas e se as empresas jornalísticas de fato percebem o jornalismo de dados ou se é muito mais um investimento solitário do próprio jornalista.

[00:20:27] Entrevistado: Até lá na Zero Hora, quando eu entrei, eles tinham uma espécie de Raio X da Violência, que era só para homicídios e latrocínios em Porto Alegre. Eles também tinham uma segunda planilha que eles usavam para homicídios, latrocínios, da Região Metropolitana. O responsável por isso pediu para sair e, depois que ele saiu, não continuou; ele se tornou descontinuado. É só para mostrar que existem essas cobranças de audiência ou cobranças externas ou mudanças na equipe, quando estão ligadas com a continuidade ou não de um projeto. Era uma equipe pequena de repórteres de polícia - eram quatro ou cinco repórteres, no máximo, contando com um estagiário. Daí, resolveram ficar só com Porto Alegre. Eu nem sei se agora ainda está funcionando, porque a gente sempre tinha que ficar atualizando os dados e não tinha braço para fazer tudo isso, porque tinha que ir às delegacias e ficar atualizando de três em três meses. Ainda vinha muita pauta no dia a dia e tinha sempre que fechar uma pauta por dia. Daí esse repórter saiu e ficou eu e uma colega. Aí, ficou mais com a estagiária alimentando esses dados e, mesmo assim, não manteve.

[00:22:15] Entrevistador: O que te chamou atenção no jornalismo de dados? O que foi a mola propulsora que te puxou?

[00:22:25] Entrevistado: Eu acho que foi ter um diferencial, de certa maneira - pensando lá no começo. Acho que foi uma coisa de ter um diferencial, porque eu trabalhava em um jornal pequeno e queria ter um conhecimento além do que eu já tinha. Eu tinha - claro - projeções de carreira para ir para um lugar maior, então eu queria, de alguma maneira, ter um conhecimento a mais. O próprio jornal me forneceu esse treinamento. Claro que, no decorrer da carreira, esse meu entendimento foi mudando, de ter um conhecimento a mais para perceber que conseguia, de alguma maneira, dados de interesse público e que poderiam reforçar as apurações. Isso foi muito importante. Essa que eu te falei dos caminhões blindados para a Copa do Mundo, eu pedi para os estados e um dos estados que estava com o caminhão inoperante me mandou um relatório com fotos, de 12 páginas. Dá um fôlego a mais para a reportagem ter esse embasamento. Hoje - eu fico impressionado - parece que a gente tem que provar ainda mais que a gente está apurando. Documentos oficiais, quando vêm por esse sistema, reforçam ainda mais. “Essa apuração só conseguiu isso, isso e aquilo outro”. Também tem uma questão de exclusividade. Quando é por transparência passiva, na qual tem que fazer o pedido, é você que fez o pedido, é você quem vai fazer o acesso, então é só você quem vai ter aquelas informações ali por um período. No Governo Federal, tem um sistema onde você pode consultar os dados de outras pessoas. Eu já fui “furado” inclusive. Mas seriam essas as duas etapas que eu percebi.

[00:24:31] Entrevistador: Você acha que a LAI é um marco do jornalismo de dados no Brasil?

[00:24:54] Entrevistado: Pode ser considerado um marco! Mas eu não sei direito os marcos anteriores. Como um marco recente, eu acho que pode ser considerado. Tem muita gente utilizando hoje também. Nessa pesquisa que eu fiz, foi por um período bem delimitado, de dois anos, a ideia não era ser quantitativa, mas a gente conseguiu identificar o uso da Lei de Acesso por cem repórteres. Mesmo sendo de jornais grandes, foi um número considerável de pessoas, passados mais de cinco anos - já é de longo prazo.

[00:25:42] Entrevistador: Como você vê o jornalismo de dados brasileiro hoje? Qual é o panorama que você consegue enxergar? Nós vamos caminhar nessa direção? Ele ainda se sustenta ou não?

[00:25:59] Entrevistado: Você sabe que quando o Bolsonaro assumiu, eu e outras pessoas ficamos bem preocupados, porque muita coisa passa pelo Governo Federal. A gente ficava preocupado com restrições de acesso. Quando veio a covid, foi uma confirmação de que as coisas ficaram um pouco mais restritivas. Volta e meia a gente acaba se deparando com isso de restrições. Eu acho que a gente tem muito a caminhar, mas a gente já faz bastante coisa de jornalismo de dados. De certa maneira, as empresas percebem isso, mas, ao mesmo tempo, percebem que pode demandar muito mais tempo do que elas têm disponível. Tem essa cobrança de fazer mais para poder render audiência. Eu valorizo bastante os jornais que têm equipes próprias para fazer isso. O *Estadão* teve por um bom tempo o grupo de dados. Eu valorizo isso! Não dá para dizer que é uma tendência, mas de certa maneira valoriza mais aquele jornalismo de garimpar coisas, de ir atrás de informações mais detalhadas e não ficar só naquilo de que a fonte passou, então “vamos ficar só no declaratório”. Acho que pode ser isso.

[00:27:38] Entrevistador: Como você vê a sua carreira - uma pequena projeção? Eu sei que, aos 40, você já tem uma meta, que é a academia. Mas você pretende continuar no jornalismo de dados, trabalhando com Lei de Acesso à Informação ou isso é só um período da carreira? Como você projeta essa caminhada no mercado?

[00:28:03] Entrevistado: Eu acho que eu pretendo continuar, mesmo se for para a academia, fazendo esses pedidos de Lei de Acesso. Mas é como eu tinha comentado: demanda tempo. É uma coisa que demanda tempo. Nesse vai e vem da carreira, eu já usei muito mais do que eu estou usando hoje, por exemplo. Hoje eu faço pedidos pontuais. Antes eu fazia disparos para vários órgãos. Tem um termo que se usa até, mas eu não me lembro agora - eu até usei na dissertação, mas não me lembro agora - que é quando você faz vários pedidos sem saber se vai vir ou não o retorno. Eu acho que eu vou continuar utilizando, talvez não para fazer conteúdos jornalísticos, mas para ensinar outras pessoas a utilizar. É uma das coisas que eu gosto bastante de falar sobre Lei de Acesso é que tem certas estratégias para a gente ter a resposta mais efetiva. É uma coisa que eu sempre falo: como deixar mais efetivos esses pedidos. Eu já consegui bastante coisas por ali. Se não for fazendo pedidos para fazer reportagens, eu acho que seria esse o outro caminho. Eu não acho que seja uma fase. Eu sempre usei, mas com altos e baixos, ou mais ou menos. Por exemplo, hoje eu estou muito no *home office*. Quando eu estava na Zero Hora, eu ia nos órgãos para poder fazer essa limpeza das tabelas, porque alguns órgãos não permitem que você saia com os arquivos. Agora eu não consigo. Esses órgãos estão fechados por causa da pandemia. Mas seria isso.

[00:30:16] Entrevistador: No jornalismo de dados, em algumas entrevistas, inclusive, eu entrevistei alguns profissionais - se você tiver algum para me indicar, eu já peço não jornalistas, mas que atuam na área (advogados, biólogos, estatísticos, programadores). A gente tem uma atuação de atores para além de jornalistas. Como você vê isso? Isso é um ponto positivo para o campo, você ter essa diversidade de pessoas que são formadas em áreas diferentes com o mesmo objetivo ou não, esse campo deveria só ser formado por jornalistas? Como você vê essa diversidade de atores dentro dessa atuação específica do jornalismo?

[00:31:06] Entrevistado: Tem um cara que eu sigo e que, inclusive, está no DDJ, que é o A. J. Ele é programador. Eu acho bacana o trabalho que ele faz, porque ele não é jornalista. Um dos trabalhos que ele fez era alguma coisa de salário de magistrados. Ele entrou em 27 portais e reuniu essas informações. Eu acho bacana isso. Eu fico imaginando que, de certa maneira, ele faz o que algumas fontes fazem com a gente. “Faz esse pedido pela Lei de Acesso à Informação, que daí você pode conseguir contrato ou alguma denúncia”. São pessoas de fora da nossa área que acabam tendo acesso ou reunindo aqueles dados e disponibilizando. O Álvaro faz isso: ele disponibiliza muita coisa. Eu acho bacana isso! Quando se deu essa questão do coronavírus e o Governo Federal começou a não passar os dados ou passou a colocar às dez da noite (para o Jornal Nacional não passar), o Álvaro, junto com outras pessoas, estava fazendo antes do consórcio de jornalistas, reunindo das secretarias estaduais. A gente pode pensar que não são jornalistas que estão fazendo isso, mas de certa maneira eu

considero como uma fonte, uma pessoa que vai dar o caminho ali para conseguir o acesso à informação ou o dado específico. Eu vejo com bons olhos. Mas tem muita gente que vai dizer: “Não é jornalista que está fazendo”. Mas nem tudo a gente vai ter acesso ou vai ter conhecimento específico para poder ter aqueles dados ali.

[00:33:18] Entrevistador: Quando você pensa em autodeclaração, você se autodeclara jornalista de dados? Você se vê nesse lugar? Ou não? Uma coisa que eu percebi muito durante essas entrevistas é que muitos dizem: “Ah não! Eu só sou jornalista. Ninguém chama ‘jornalista x’ ou ‘jornalista w’”. Mas tem jornalistas que não: “Eu sou jornalista de dados por isso e por aquilo. Eu tenho uma formação específica nessa área e eu atuo nessa área” e defendem essa nomenclatura e essa autodeclaração. E você?

[00:33:54] Entrevistado: Pois é! Eu coloquei “jornalista de dados” na assinatura do meu e-mail. Toda vez que eu mando e-mail, eu fico pensando: “Será que eu não estou exagerando?”. Eu fico pensando se, de fato, eu me considero jornalista de dados. Como você deve ter percebido, a minha experiência com o jornalismo de dados é muito focada em Lei de Acesso. Daí, eu fico pensando: “será que de fato eu sou jornalista de dados?”. Tem gente que acha que não é. Tem gente que acha que é manjado e que é um trabalho tranquilo. Ao mesmo tempo, eu penso que não, porque eu não faço só os pedidos: eu tenho que analisar, encontrar uma ponte em comum e dali sair um lead, por exemplo (ainda mais agora nessa minha atividade de freelancer, que eu tenho que tirar lead de coisas). Mas eu fico nesse “sim ou não”, sabe? Eu me considero jornalista de dados, mas mais com esse foco de Lei de Acesso. Acho que seria o mais adequado de dizer. Tem uma repórter que eu sigo, que também está no grupo, a J. C., que ela se questiona muito. Ela diz assim: “Será que eu não estou me passando por uma coisa que de fato eu não sou?”. Há muito esse questionamento se a gente é ou não jornalista de dados. Para mim, eu fico com essa impressão.

[00:35:38] Entrevistador: Mas o que seria jornalista de dados?

[00:35:42] Entrevistado: Eu me questiono muito por que eu não tenho tanto conhecimento em programação. Quando a gente vê a definição de Jornalismo Guiado por Dados, é uma quantidade enorme de coisas que abrange: reportagem assistida por computador, infografia/visualização, fazer bancos de dados. Algumas dessas coisas eu faço, mas tem certas coisas que eu não faço. Respondendo a sua pergunta: eu acho que é aquela pessoa que tenta, de alguma maneira, acessar os dados e disponibilizar os dados de uma maneira acessível. Talvez seja uma boa definição. Não adianta só você conseguir os dados; você tem que deixar aquilo atrativo para a pessoa ver. É chato, sabe? Uma das coisas que eu trabalho bastante... Eu sou muito de texto. Eu nunca trabalhei muito tempo em TV ou rádio. Eu sou de texto. “Um mil (1.000)” é uma coisa que barra a leitura, então era uma coisa que eu sempre diminuía muito nos textos, para não interromper a leitura. Imagina se você enche de número o texto ou fazer uma visualização ruim... Eu acho que essa seria a definição para mim: alguém que consiga ter acesso a dados, faça essas relações e torne elas visualmente interessantes ou textualmente interessantes.

[00:37:36] Entrevistador: Para mim, eu acho que foi ótimo! Se falta alguma coisa, que você acha que é importante, que de repente eu passei ou não perguntei, por favor coloque. Eu sempre também deixo aberto no final, porque às vezes a gente passa e o entrevistado tem alguma coisa que ele acha que é importante sobre esse campo de atuação. Então, você pode falar. Eu queria só confirmar a sua idade e, claro, pedir a sua dissertação, se você puder compartilhar.

[00:38:09] Entrevistado: Sim, sim. Já está publicada, inclusive. Eu tenho 35 anos. A dissertação eu te passo pelo link. Eu tenho pelo *site* da UFRGS. Uma das coisas que eu queria destacar, que eu até falei para uma estudante de graduação, é em relação a essa diferença: antes eu era CLT bonitinho e fiquei 11 anos trabalhando dessa maneira, mas depois eu virei PJ e freelancer. Eu trabalho diretamente com o UOL porque foi o veículo que eu tive acesso. Mas eu percebo, hoje, que eu uso base de maneira mais pontual. Antes, era disparo. Eu tinha te falado antes disso. Era disparar para tudo quanto era lado e ver o que vai vir, ver o que vai cair na rede. Agora, não. Eu faço pedidos mais pontuais ou que eu fico

matutando e penso o que eu posso conseguir de dados a partir daquilo ali. Muitas das minhas angústias da correria do dia a dia acabam me batendo agora. Eu trabalho com uma diretoria que é de *hard news*, então eu estou pensando em focar mais em outros trabalhos mais demorados com dados, porque é uma coisa que me dá um pouco mais de satisfação em fazer. Eu até gosto de fazer. Fui repórter de polícia e tive que fazer bastante matérias policiais. Mas de certa maneira eu vou tentando fazer pedidos e fazendo matérias com esse foco.

[00:40:14] Entrevistador: Eu acho que está ótimo! Eu agradeço demais, pela contribuição. Quando tudo passar, eu entro em contato e te mando a tese certinho. O termo de livre consentimento está no seu e-mail. É um protocolo do comitê de ética. Eu não posso usar essa entrevista sem você assinar aquele termo.

[00:40:44] Entrevistado: Hoje à noite eu te mando.

[00:40:45] Entrevistador: Maravilha, maravilha! Eu acho que é isso. Gratidão mesmo pelo papo.

[00:40:51] Entrevistado: Deixa eu te perguntar: você já se qualificou, então você já está no finalmente?

[00:40:56] Entrevistador: Sim! Eu defendo esse ano. Eu tenho até dezembro para defender.

[00:41:03] Entrevistado: Gente! Eu sei bem como é isso.

[00:41:09] Entrevistador: A gente que estuda e trabalha sabe como é. Eu ainda sou docente, então é um trampo pesado. Tenho que defender até dezembro. Vai dar certo!

[00:41:29] Entrevistado: Vai dar certo!

Entrevistado 19:

[00:00:01] Entrevistador: ...sou paraibana, morando em Brasília e faço doutorado no Sul. Vai entender os percalços da vida.

[00:00:10] Entrevistado: Mas agora dá para fazer, com trabalho à distância, o que quiser e onde quiser.

[00:00:14] Entrevistador: Isso, isso, isso. Ajuda bastante, sim. Pronto! Coloquei aqui para gravar. Quero te agradecer pela sua disponibilidade em participar da nossa pesquisa. Obrigada também por ter assinado o termo de consentimento. Eu só posso usar a entrevista com aquele termo - são normas do comitê de ética. Embora a entrevista seja aberta, nós sempre temos uma pergunta norteadora. A nossa pergunta norteadora é sobre a questão da formação: como você começa a sua história, se você tem um mestrado. Enfim, narra para mim esse contexto até você chegar no jornalismo de dados e como você começa a atuar nesse campo.

[00:01:08] Entrevistado: Eu não sei o que você viu do meu currículo, mas a minha formação é em Ciências Sociais. Eu fiz Ciências Sociais na USP, que é uma área mais relacionada a humanas. A gente trabalha muito com interpretação de informações, interpretação de contextos dentro da sociedade, então não é uma área tão distante do jornalismo em alguns aspectos. Nas Ciências Sociais, eu fiz iniciação dentro das Ciências Políticas, que é uma área dentro das Ciências Sociais. As Ciências Políticas, normalmente, têm uma abordagem mais quantitativa, então enfatiza um pouco mais a questão da estatística, de metodologia de pesquisa quantitativa, com inferência, probabilidade, essas coisas todas. Acho que foi na iniciação científica que eu comecei a ter contato com instrumentos para trabalhar com dados. Não adianta você saber estatística ou saber alguma coisa do tipo, se você não

sabe usar as ferramentas para você conseguir produzir um gráfico, produzir uma análise, produzir uma tabela, um produzir uma relação. Na iniciação, eu comecei a mexer com o *Stata*, que é um software que é muito usado na economia, que serve para fazer análise de dados, mas ele tem o propósito muito específico de ser mais acadêmico. Quando eu entrei no mestrado, também nas Ciências Políticas, eu tive a oportunidade de fazer uma matéria que é só de R - foi quando eu aprendi a programar para conseguir produzir essas coisas de dados. Eu sempre gostei muito de mapas, sempre gostei muito de análises com dados, de gráficos, ilustrações, mas eu nunca soube produzir. Quando eu comecei a ter essa oportunidade de mexer com R, foi uma coisa muito legal, porque eu saí desse papel de só consumir e assumi o papel de também produzir as coisas. Foi a conversão do *Stata* para o R nessa matéria. Eu tinha vários trabalhos de pegar alguma coisa e produzir alguma visualização, produzir alguma análise. Eu fazia tudo isso e postava tudo no meu Facebook. Eu me lembro que uma vez eu fiz um era um robzinho, um *web scraping*, para pegar todos os discursos do Temer no *site* do Planalto e fazer uma análise das falas do Temer: quais eram as palavras mais frequentes, os vícios de linguagem dele. Eu me lembro que eu postei isso no meu Facebook e um amigo meu marcou a minha antiga chefe nesse *post*. Na época, uma vaga do *Nexo* estava aberta. Quem trabalhava no lugar antes era o Daniel Mariani, que está hoje na *Folha*. Ele tinha saído para a *Folha* e estava com essa vaga aberta. Eu nem sabia do processo seletivo nem nada, mas essa antiga chefe viu o meu perfil e pediu para alguma pessoa entrar em contato comigo para fazer o processo seletivo. Então, foi uma coisa meio inesperada. De primeira, eu não fui chamado porque tinha esse receio de chamar alguém que estivesse fazendo mestrado. Você sabe como são essas coisas. Eu estava no mestrado que, em teoria, era dedicação exclusiva. Então, existia esse receio, por parte do *Nexo*, de contratar alguém que estava no meio do mestrado e de isso acabar atrapalhando. Eles acabaram não me escolhendo, mas a pessoa que eles escolheram não ficou também. Aí, me chamaram e também me deram possibilidade de ter mais flexibilidade de horários e rotinas, para eu poder cumprir as obrigações acadêmicas. Eu falei “eles”, mas são todas elas. Isso foi uma coisa muito boa lá no sentido de que eu tive muita flexibilidade, no sentido de folga, de poder sair para aula e tudo mais. Também teve aquela decisão de ter que abrir mão da bolsa, mas não foi uma decisão tão difícil assim. Na época, a bolsa do CNPq era de R\$1.500,00. R\$ 1.500,00 aqui em São Paulo é no limite. Em Brasília também, né? Mas, em São Paulo, o custo de vida é elevado, então, com R\$ 1.500,00, você vive muito no limite. Então, não teve muito o que pensar. Claro que o orientador não gosta muito, mas não tinha muito o que fazer também. Foi uma experiência bem bacana. Eu não imaginava: “Vou ser jornalista de dados e vou trabalhar com dados”. Mas era uma coisa que eu gostava de fazer, então meio que uniu o útil ao agradável.

[00:07:12] Entrevistador: Entendi! Qual foi o cargo, quando você teve esse contato com o *Nexo*?

[00:07:17] Entrevistado: É um dos cargos que tem até hoje, que é de cientista de dados. Lá não tem uma posição de “jornalista de dados”. Nossa equipe de jornalismo de dados dá para dividir em dois segmentos: um segmento que é de mais dados, que sou eu e o meu assistente; e um segmento que é de design. Quem trabalha comigo é o Lucas Gomes. Ele é designer. Ele trabalhava no jornal *O Globo* e está trabalhando no *Nexo* faz um ano e meio. Ele tem uma assistente e uma estagiária. Então, a gente é uma equipe que tem um lado de dados e um lado de design. A gente não tem um cargo de jornalista de dados, mas a gente tem essa divisão entre dados e design, que é complementar.

[00:08:14] Entrevistador: Tem também, inclusive, o editor assistente de gráfico, então seria essa dupla.

[00:08:21] Entrevistado: É! O *Nexo* fez uma reformulação, porque a nossa editora, que nos acompanhava - a minha antiga chefe que eu mencionei -, tinha funções mais administrativas. O cargo dela não era fazer isso, nem era ficar acompanhando gráficos. Ela era meio coringa lá dentro. Sempre que precisa, ela está cumprindo essas funções, mas o cargo dela é mais administrativo. Na reestruturação que foi feita recentemente, ela ficou só no administrativo, aí eu acumulei a função de cientista de dados com a função de editor assistente.

[00:09:17] Entrevistador: Editor assistente de gráficos, né? Pode falar.

[00:09:20] Entrevistado: Tem um cargo também, que é de editora, que é da R., mas R. também é nesse esquema: a Renata é uma das sócias do jornal, então ela tem muitas funções. Não é a função principal dela ficar editando gráficos, mas é ela quem responde oficialmente como editora da nossa equipe. Ela é doutora em economia, então ela entende bastante de dados e dessa parte. É uma pessoa que soma muito para a gente nessa questão de revisão.

[00:10:05] Entrevistador: Como foi esse encontro com o jornalismo? Você teve que aprender alguma lógica dentro do processo produtivo do jornalismo ou não? Como é essa dinâmica com o jornalismo?

[00:10:23] Entrevistado: Eu acho que tem algumas coisas que são novas e tem algumas coisas que, por eu ter vindo de um curso de humanas, são mais fáceis. Ter vindo de um curso de humanas faz com que eu tenha habilidade de escrita maior do que alguém que tenha vindo de um curso talvez de Ciências Exatas. Estou generalizando, mas é porque a gente tem mais familiaridade. Então, a parte de escrever um texto não foi tão difícil (escrever as coisas no português correto e tudo mais). Acho que o que tem de adaptação é para você pensar: você não pode fazer um parágrafo de cinco linhas sem nenhum ponto; você não pode fazer um texto que você faria em um artigo acadêmico ou em uma dissertação.

[00:11:25] Entrevistador: Tem uma estrutura de texto própria, né?

[00:11:26] Entrevistado: Mas acabou tendo o efeito contrário: acho que no meu mestrado eu acabei tentando fazer um texto mais do jornalismo. Eu acho que o ideal do acadêmico é que não seja uma coisa incompreensível. Isso é uma discussão dentro das Ciências Sociais: tem alguns autores que acham que o texto tem que ser difícil mesmo. Mas eu acho que a linguagem tem que ser a mais simplificada possível. Não é você infantilizar ou deixar o negócio simples, no sentido negativo, mas simples no sentido de limpeza do texto, de clareza. Tem também uma questão de pauta, que às vezes pega no jornalismo: às vezes o que a gente acha que é bacana e interessante não é o que é bacana e interessante em um contexto de jornalismo. Às vezes a gente quer uma coisa que só a gente gosta. Mas, ao mesmo tempo, para essas coisas de pauta, eu acho que não existe uma fórmula mágica; é um pouco de experimentação: eu acho que vale à pena experimentar umas coisas diferentes. Acho que as coisas mais diferentes, para mim, eram isso. Eu acho que, como eu disse, se eu tivesse vindo de um curso de exatas talvez eu tivesse “penado” mais nessa parte de escrever, usar os tempos verbais corretamente.

[00:13:13] Entrevistador: Quando a gente fala em identidade, você é um cientista de dados que está trabalhando na área do jornalismo? Como você se vê, dentro de uma identidade? “Eu sou cientista de dados que trabalha em uma empresa jornalística”? Você se sente também um pouco jornalista? Você se sente jornalista de dados? Como é essa questão para você?

[00:13:40] Entrevistado: É um pouco de tudo. Oficialmente, eu tenho um cargo de edição e um cargo de cientista de dados. Você fica no meio de várias coisas. Eu gosto dessa coisa do “cientista de dados”, em um sentido de marketing. É uma coisa que está na moda, então te ajuda com um certo marketing, para algumas coisas. Eu também acho que uma das coisas que eu faço, fora do Nexo, é que eu pego muito freelancer de consultoria, com muita coisa de análise e comunicação visual. Eu peguei bastante ano passado, justamente com o meu colega, o Lucas. A gente fez vários materiais e peças de comunicação para o *GreenPeace*. A gente não pode fazer para outros veículos de imprensa, mas para o *GreenPeace*, como é uma ong, deu para fazer. Dá para fazer o que a gente faz mesmo (mapas, diagramas, gráficos, análises) e ainda tira uma remuneração extra. Você sendo jornalista de dados ou cientista de dados, você pode ter outras atuações de consultoria que são bem interessantes também. Também tem uma coisa de remuneração. O jornalismo não é uma carreira super precarizada, mas também não é uma carreira super bem remunerada. Você não vai ganhar rios de dinheiro trabalhando em um jornal. Esses dias eu vi a Maju. A Maju ganha R\$ 60 mil na *Globo*. Um médico mediano ganha R\$ 60 mil, se for um médico que já tenha mais experiência. Eu digo que, no jornalismo, você tem que ser muito destacado para você ganhar rios de dinheiro. Mas também não é mal remunerado. Acho que essas consultorias permitem a possibilidade de remuneração extra. Eu acho que é uma coisa que tem

bastante demanda hoje em dia. Na imprensa e no mercado privado tem bastante demanda por análises que sejam baseadas em dados.

[00:16:17] Entrevistador: Estava nos seus planos entrar para o jornalismo ou não, isso foi um processo mesmo da vida?

[00:16:32] Entrevistado: Eu me lembro que eu já acompanhava o *Nexo* antes de trabalhar lá. Eu sempre que eu vivia falando: “Se tiver oportunidade, eu mando o meu currículo”. Não é um negócio que eu pensei: “Eu vou parar nisso”. Eu fui “parado” nisso. Eu não tive muita agência nisso. É um tipo de trabalho que eu gosto muito. Se um banco me ligasse amanhã e falasse: “Você vai ganhar ‘x’ mil reais”, eu acho que eu não ia querer ir porque eu gosto do que eu faço.

[00:17:28] Entrevistador: Você tem uma identificação.

[00:17:29] Entrevistado: Oi?

[00:17:30] Entrevistador: Você tem uma identificação, então, com o jornalismo de dados.

[00:17:34] Entrevistado: É. Eu acho que é um trabalho bacana. Tem algumas coisas que são meio frustrantes: você gostaria de ter um impacto maior em certas coisas ou às vezes a gente tem ideias que demandam muita estrutura, coisas que às vezes não dá para fazer e nem é viável. Uma coisa que também me incomodava, mas agora está melhorando: às vezes você fica em uma rotina. A gente publicava três gráficos por semana e era aquilo. Toda semana era a mesma coisa, mesma coisa, mesma coisa. Acho que uma coisa boa de ter esse cargo de edição é poder pensar coisas novas. A gente pode entregar o feijão com arroz, mas pode pensar em uma guarnição. Dá para pensar em coisas diferentes, inovar e não ficar na mesmice. Mas eu acho bem bacana, no geral, o trabalho.

[00:18:45] Entrevistador: Eu queria pegar um gancho pensando ainda em carreira, quando você pensa na sua carreira, você gosta de onde está e você quer permanecer nisso? Você vê projeções nesse lugar, nesse espaço do jornalismo de dados? Ou não? Como é essa projeção de carreira profissional?

[00:19:14] Entrevistado: Eu acho difícil fazer planos de muito longo prazo. Eu tenho o sonho de trabalhar em um jornal grande desses de fora, tipo *The Guardian*, *New York Times*, *The Economist*. Seria tipo um sonho. Mas eu também sei que é muito difícil. Seria uma coisa muito bacana, mas eu também não fico pensando nisso como uma possibilidade real. Ir para outras áreas é como eu te falei: teria que ser por muita grana, porque trocar uma coisa que você gosta de fazer por uma coisa que você não sabe como vai ser. Eu não queria trabalhar para uma empresa privada ou para uma coisa privada. Eu acho que seria mais legal fazer consultoria, porque, com a consultoria, você faz porque dá dinheiro, aí, no seu trabalho, você faz o que você gosta. Eu acho que eu também estou empolgado com a ideia de ter esse cargo de coordenação da equipe para poder pensar em coisas novas. Só deixa eu cancelar o alarme aqui. Estava, justamente, me lembrando da entrevista.

[00:20:44] Entrevistador: Deixa eu te perguntar: como você vê essa questão, por exemplo, dos processos de interações e negociações entre esses atores que você convive no dia a dia? Você cita muito o Lucas de criação, dos gráficos. Como você vê essas várias formações e vários atores que vêm de áreas diferentes, mas que estão dentro do jornalismo? Isso é bom para o jornalismo? Como você vê esse aspecto?

[00:21:22] Entrevistado: Eu acho que é positivo. Essas pessoas têm formações diversificadas. Na nossa equipe tem uma pessoa do jornalismo, uma pessoa do design, eu (que vim das Ciências Políticas), tem uma da geografia, tem um da oceanografia. Eu acho que ter essas formações diferentes acrescentam elementos de diversidade e de conhecimento que são bem positivos. Ter uma pessoa focada no design, por exemplo, é extremamente importante. Uma coisa é você fazer um gráfico que você faz em um programa qualquer e só colocar lá. Se a parte visual não é tão importante, tudo bem, mas, se você tem um foco bastante grande na parte visual, você precisa ter um designer, uma pessoa

que entenda dos conceitos de cores, harmonias, hierarquia dos elementos e tudo mais. Então, eu acho que ter uma pessoa com essa formação - pode até ser um jornalista - e com entendimento de design, é bem importante. Eu acho que, para todas as áreas, a pessoa não precisa ser, necessariamente, jornalista, mas eu acho que o jornalista também pode ter essas funções. O jornalista que sabe programar consegue atuar nessa área mais pesada de dados ainda. Mas acaba que vem muita gente de fora justamente porque muitos jornalistas não têm essas ferramentas e técnicas. No caso de vir de uma área mais quantitativa, das Ciências Humanas, eu acho que ajuda um pouco. Mas, no geral, eu avalio isso como positivo.

[00:23:26] Entrevistador: Pegando o gancho da sua fala, a gente vê vários jornalistas correndo, nesse sentido de atualização (procurar o curso de R, de entender de programação básica), porque, na formação como jornalista, a gente não teve. Agora que os currículos se preocupam em ter uma disciplina que discuta jornalismo de dados. Mesmo assim, a gente vê nas ementas, que elas são bem teóricas e ainda não tem esse contato prático que deve ter com linguagens que não são propriamente da formação do jornalista. Então, o jornalismo de dados traz também essa discussão e, para os cursos de jornalismo, esses desafios de pensar disciplinas e pensar matérias que escapam um pouco desse currículo que a gente já conhecia. Então, a gente vê uma corrida muito forte de jornalistas querendo ter esse nível de formação, investindo em cursos e também essa participação efetiva de pessoas de áreas diferentes, que não seja o jornalismo - isso está bem na configuração do jornalismo de dados.

[00:24:41] Entrevistado: Eu acho que estatística e inferência são algumas das coisas mais importantes. Não, necessariamente, é uma técnica, como o R ou programas de edição de imagens, mas eu estatística e inferência é algo que deveria... O problema é que, pelo menos na USP, quando eu fiz estatística, era a faculdade de estatística que dava a matéria, né? Mas era uma coisa muito pensada para a realidade do curso. Acho que os próprios departamentos precisam internalizar essas matérias, para dar uma abordagem que é focada na prática jornalística, e não uma pessoa falando de estatística de um modo genérico.

[00:25:19] Entrevistador: Sim! Ter uma formação de estatística para o uso no jornalismo, né? É visível a carência dessa formação, e você deve perceber isso fortemente porque convive dentro desse meio.

[00:25:37] Entrevistado: Eu vejo que os jornalistas têm muita dificuldade de pensar com a cabeça de inferência. Você fazer uma análise ou fazer um cruzamento de dados não quer dizer que aquilo é; você não pode tomar aquilo como uma realidade científica. Se você não pensar com a cabeça de inferência, você faz o cruzamento e pensa que aquilo é realidade.

[00:26:08] Entrevistador: Aí ocorrem os erros, né?

[00:26:12] Entrevistado: É! Alguns erros de cravar coisas mesmo. Uma coisa comum - que está dentro da corrida por leads - é: “Descobriram que tal coisa emagrece” ou “Descobriram que tal coisa aumenta o câncer”. Tem sempre algumas coisas assim, que são relações muito fracas e a imprensa repercute aquilo como se fosse uma verdade científica. Eu não consigo pensar em outras coisas de cabeça. Eu acho que a gente tem que ter muito cuidado, por conta da responsabilidade que você tem, enquanto imprensa.

[00:27:09] Entrevistador: Como você enxerga o jornalismo de dados no Brasil? Até onde a gente já caminhou? O que falta, quando a gente pensa em uma perspectiva dessa atuação no Brasil?

[00:27:22] Entrevistado: Eu acho que é uma área bem promissora no Brasil. Tem uma comunidade bastante organizada aqui. Tem bastante gente que está entrando nisso. A comunidade é realmente bem viva. Em poucos países do mundo isso é parecido que nem a gente. Claro que os Estados Unidos é outra história. Mas eu acho que o Brasil está bem nessa questão de jornalismo de dados. Tem muita gente que está discutindo isso, que está interessado. Tem muita gente pesquisando isso, como você. Eu só acho que alguns veículos de imprensa - os mais tradicionais - ainda têm um pouco de dificuldade de

entender a importância disso. Não é raro ver algumas equipes de jornalismo de dados que se desestruturam do nada. Não foi culpa das equipes. Foi culpa dos jornais, que não veem valor naquilo como algo primordial. Você também vê casos de jornais que você tem uma equipe de jornalismo de dados, mas a função dela é ficar alimentando o resto da redação; ela não tem nenhuma autonomia de produzir coisas. Então, você tem um pouco de um pensamento tradicional em redações. Eu acho que o Nexa, por ser um veículo mais novo, nossa equipe tem muita liberdade. A gente não está muito submetido à hierarquia editorial do jornal. A gente é como se fosse uma equipe própria, separada do editorial.

[00:29:10] Entrevistador: Inclusive, está no relato de jornalistas que trabalham em redações tradicionais, que o jornalismo de dados é uma ação do próprio jornalista. Não há um núcleo de dados ou uma parte só para dados. As empresas de fato não investem. Elas não veem isso como... Quando pensam, não há, inclusive, uma estruturação ou uma valorização dessa prática dentro das redações.

[00:29:48] Entrevistado: Exatamente! Eu acho que esse é um dos maiores desafios.

[00:29:51] Entrevistador: Você acha que o jornalismo de dados de fato promove transparência?

[00:29:57] Entrevistado: Eu acho que ajuda. Só pelo simples fato de você estar discutindo isso - transparência, replicabilidade... Claro que tem muitas dificuldades para essa questão de transparência. As dificuldades - eu diria - são de ordem mais prática mesmo. Por exemplo, sempre pedem para a gente abrir os nossos códigos e os nossos dados, mas isso é uma coisa que não é tão simples de fazer, porque é uma equipe pequena. Implica em aumento de carga de trabalho e de demandas que às vezes não tem como absorver aquilo. Mas eu acho que, em geral, aumenta a transparência, mas eu acho que não está em um nível de transparência que é exigido, por exemplo, no meio acadêmico. O meio acadêmico, no Brasil, ainda está um pouco mais atrás nisso, mas já está ganhando força. No meio acadêmico, você não consegue publicar uma pesquisa se seus dados não são abertos, se as pessoas não podem replicar. Pegando, por exemplo, essas análises das vacinas. Uma vacina não é aprovada se ela esconde os dados. Você não pede para as pessoas acreditar nos resultados (“Acredite no que eu estou falando”). O meio acadêmico, em geral, é rigoroso, então espera que você tenha métodos replicáveis, transparentes e dados abertos. Mas o jornalismo eu acho que ainda está um grau a menos. Eu acho que também esbarra um pouco nessas questões de ordem técnica. Uma outra coisa que eu percebo é um certo público que se interessa por transparência, e não é uma coisa que o público em geral está interessado. É só um certo público que valoriza isso. É um pouco difícil, às vezes, no sentido de você ter que fazer alguma coisa, pensar uma mudança de trabalho, de coisas, que não vai ser para o seu público geral, mas para um nicho específico que valoriza isso. Mas também posso estar errado no que eu estou falando. É só impressão mesmo.

[00:32:18] Entrevistador: Qual é a sua idade?

[00:32:24] Entrevistado: Eu tenho 25.

[00:32:30] Entrevistador: Bom, eu acho que eu perguntei tudo o que está dentro desse contexto da pesquisa. Se você quiser colocar alguma coisa que, de repente, eu não perguntei, mas que você acha que é importante ponderar aqui, fique à vontade. Eu já te agradeço pelo seu tempo.

[00:32:49] Entrevistado: Eu acho que é isso mesmo. Se você tiver alguma questão, você pode me mandar a questão adicional ou alguma dúvida. Pode me mandar um e-mail, que eu te respondo por escrito.

[00:33:03] Entrevistador: Tá! Muito obrigada pela sua disponibilidade, viu?

[00:33:08] Entrevistado: A sua pesquisa é sobre algum aspecto específico do jornalismo de dados?

[00:33:14] **Entrevistador:** Sim, sim. É um aspecto específico que é os profissionais que atuam nessa área. É a gente entender o jornalismo de dados, a partir desses atores, sejam eles jornalistas ou não. É entender esses arcos de carreira, como as pessoas chegam no jornalismo de dados e como essa comunidade reflete esse próprio jornalismo.

[00:34:48] **Entrevistado:** Sim. Beleza!

[00:33:49] **Entrevistador:** Quando a tese estiver pronta, eu te envio.

[00:33:51] **Entrevistado:** Obrigado!

[00:33:53] **Entrevistador:** Obrigada você.

[00:33:54] **Entrevistado:** Até mais. Tchau!

[00:33:55] **Entrevistador:** Até mais! Tchau, tchau!

Entrevistado 20:

[00:00:01] **Entrevistador:** Queria agradecer a sua disponibilidade, que eu sei que é corrido e não é fácil.

[00:00:03] **Entrevistado:** Imagina! É um prazer estar aqui.

[00:00:05] **Entrevistador:** Vai ser uma grande contribuição para a pesquisa, dentro dessa perspectiva que a gente está tentando estruturar uma tese sobre o jornalismo de dados, a partir dos profissionais que atuam nessa área, sendo jornalistas ou não. A nossa ideia é pensar esse campo de atuação do jornalismo a partir de quem faz esse campo. Vários jornalistas que eu já entrevistei me indicaram - eu sempre pergunto se eles indicam alguém, no final - conversar contigo, diante da trajetória de jornalismo de dados no Brasil, com a agência. Eu dei uma olhada no seu histórico, obviamente, e na sua trajetória profissional. A ideia é que seja uma entrevista aberta, em que a gente vai fazer as perguntas de acordo com a nossa conversa. Eu tenho uma pergunta norteadora, que é em relação à formação (porque escolheu jornalismo) e um pouco sobre a carreira até chegar no jornalismo de dados, resgatando também a carreira profissional.

[00:01:17] **Entrevistado:** Está bom! Eu acho que a minha jornada é muito parecida com a de muitas pessoas que acabaram entrando nessa área. Eu me sinto parte de um movimento que aconteceu em um momento específico do jornalismo - não foi só no Brasil, não, mas depois que eu fui descobrir que isso estava acontecendo com mais pessoas também. Eu acho que o fato de a gente ter tido uma democratização da tecnologia, a *web* ter chegado em muitas indústrias diferentes, o fato de a gente estar usando mais os computadores, de estar chegando internet banda larga, isso acabou criando condições para pessoas que têm uma certa afinidade com a tecnologia, para acabar desenvolvendo essas habilidades também dentro do jornalismo. Eu fui uma dessas pessoas. Eu gostava muito de computador quando eu era menor e adolescente. Eu achei que eu fosse fazer ciência da computação e cheguei a cursar engenharia (eu fiz engenharia até o quinto período), mas depois eu mudei completamente e fui para a comunicação. Lá, eu acabei, também por acidente, entrando na área jornalística. Mas a minha trajetória sempre teve essa coisa da tecnologia me acompanhando. Qualquer carreira que a gente faça hoje tem essa coisa da tecnologia. Você tem como aplicar isso para qualquer área: para a medicina, para direito, engenharia, geografia, sociologia. A tecnologia causou uma ruptura em todas as indústrias e com o jornalismo não foi diferente. Eu fui estagiário na UFMG, dentro do Laboratório de Mídias; fui estagiário e depois contratado na TV UFMG. Eu sempre estava com o computador perto de mim. Isso começou a me dar sinais de que tinha alguma coisa ali, porque eu sempre me aproximava de atividades que tinham uma relação mais próxima com a tecnologia. Eu fiz o Curso *Abril* de Jornalismo. Eles estavam fazendo uma reformulação digital na *Abril* inteira e eles

estavam com um projeto digital grande da Veja. Eu entrei nessa leva de pessoas que foram contratadas para tocar esse grande projeto digital. Na Veja, eu entrei como repórter de ciência. Quando eu entrei lá, a *Abril* era um centro muito vibrante de discussão de práticas, então eles tinham uma rodada de palestras, traziam convidados. Trouxeram o - na época ele estava no *The New York Times* - Adam Pearce. Ele veio para falar da editoria que ele tinha fundado no *The New York Times* chamada de *interactive news*, ou, sei lá, jornalismo interativo ou notícias interativas, que era um nome novo que ele estava dando para o trabalho de jornalismo de dados que o *The New York Times* já fazia. Ele falou da trajetória dele como um cara que vinha da ciência da computação, que começou a fazer jornalismo. Eu me identifiquei muito com a história dele e fui conversar com ele depois. Eu falava desses anseios: “Eu gosto muito de tecnologia. Eu me vejo mais pegando planilhas. Eu tenho facilidade em lidar com essas coisas”. Eu tinha feito engenharia também, então tinha uma matemática mais sólida do meu lado e eu mexia com programação também. Ele me falou: “Tem muita gente fazendo isso, inclusive tem um evento anual, que acontece desde 94 nos Estados Unidos, que é a Conferência de Reportagem Assistida por Computador”, do *National Institute of Computer Science and Reporting*, que fica na Universidade do Missouri, que é um instituto que promove essa relação da matemática e das técnicas - *digital methods* - das ciências sociais (estatística, pesquisa e testes), dentro de investigações guiadas por dados no jornalismo. Ele me falou assim: “Você tem que ir nessa conferência. Você vai ver que você não está sozinho”. Eu me sentia lobo solitário na *Abril*. “Você não está sozinho”. Ele me falou: “Aproveita para você conversar com um cara no Brasil também, que é um dos veteranos”. Certamente, ele está no seu radar e você deve ter conversado, que é o M. S. Ele me falou: “Troca uma ideia com ele porque ele é um cara que está fazendo coisas também nessa área já tem algum tempo”. Eu comecei a ir nessas conferências. Era nos Estados Unidos, mas todo ano eu tentava ir. Fiquei completamente maravilhado! Isso foi, mais ou menos, em 2010 - tem uns 11 anos. Eu falei: “Eu tenho que ajudar a trazer isso para o Brasil. Tem muita pouca gente falando sobre isso no Brasil” (na época, era o T., o M. S.). Eram muito poucas pessoas olhando para essa área. Eu fui estudar um tempo nos Estados Unidos, em 2012. Quando eu voltei, eu já tinha pedido demissão da Veja. Eu visitei várias redações lá, comecei a estudar mais essa questão de dados, de visualização e do trabalho com dados no contexto do jornalismo, mesmo porque não se tinha muitos cursos estruturados, mesmo nos Estados Unidos ainda, quiçá no Brasil você ter alguma sistematização da academia para fazer formação desses profissionais. A gente ainda tinha um discurso muito distante: “Escolhi jornalismo, justamente, porque eu não quero pensar em matemática. Por que eu faria isso?”. Mas você tinha ali uma demanda muito grande, por causa da ruptura que a tecnologia causou nas diversas indústrias, e uma necessidade emergente de que o profissional jornalista também fizesse uma apropriação - digamos assim - das habilidades de outras áreas para poder exercer a sua profissão plenamente no mundo digital, senão a gente estaria perdendo pautas que estavam “debaixo do nosso nariz”, porque o jornalista não estaria preparado para fazer essas investigações. Historicamente falando, nada mais natural que isso acontecesse com o jornalismo. O jornalismo sempre foi muito vanguardista na adoção de tecnologias na condução da sua prática profissional, na arte do *trade*. Se você for olhar, teve a máquina de escrever, o próprio gravador, a câmera fotográfica, a câmera de vídeo, o bloquinho de anotação, o e-mail, o telegrama. Isso tudo são tecnologias e técnicas que foram sendo adicionadas à profissão. O jornalismo foi se apropriando dessas tecnologias para poder contar suas histórias, de forma a fazer o primeiro rascunho da história. Eu acho que nada mais natural de isso ter acontecido com o jornalismo: a computação e o pensamento computacional terem invadido a profissão jornalística. Se isso não acontecesse no jornalismo tradicionalmente instituído, isso aconteceria de fora: outras pessoas passariam a cumprir esse papel do jornalista, sem que os jornalistas da guarda vigente pudesse ter qualquer opinião sobre isso. Isso aconteceu em certa medida e vem acontecendo em certa medida. Eu acho que existem alguns grupos que tentam defender a profissão e o jeito de fazer, com uma certa sistematização de processos - que eu acho que é importante -, mas você tem um jornalismo acontecendo fora do jornalismo tradicionalmente instituído, hegemônico, que são os cientistas sociais, os cientistas da computação, essa garotada que está pegando essas bases de dados, fazendo projetos e investigando projetos do Ministério da Saúde e botando isso em discussão, que tem um papel jornalístico e você vê que qualquer redação podia estar fazendo isso. A gente tem essa defasagem de não estar acontecendo. Hoje o jornalismo, no lugar de estar na vanguarda da apropriação de habilidades, ele está correndo atrás - é isso o que está acontecendo por fora. Eu acho que é natural que a gente possa olhar para alguns episódios do passado e ver que o jornalismo rapidamente preencheu essa lacuna, mas eu acho que a

gente está tendo dificuldades no Brasil. Quando eu vim para cá, depois do meu estudo lá fora... Não foi nada demais. Eu fiz uma matéria eletiva na Universidade de Michigan sobre visualização de informações; depois fiz uma matéria (também à distância) no MIT em ciência da computação; e fui estudar na Primeira Universidade de Georgetown sobre gestão de projetos sociais. Quando eu voltei, a ideia era: “A gente precisa acelerar o movimento de jornalismo de dados no Brasil”. Foi quando a Escola de Dados surgiu - um pessoal muito bom - e a gente teve uma série de turmas de formação de jornalismo de dados. A gente ofereceu o primeiro curso de jornalismo de dados. Era um curso de 40 horas, o primeiro curso de jornalismo de dados para o Brasil. A gente formou uma galera que hoje está arrebrandando: o S. S. o pessoal que hoje está no Valor e que hoje está no *GI*, o pessoal que hoje está no *Estadão*. Era uma galera muito, muito boa, que ofereceu uma certa base, porque a gente começou a fazer encontros de comunidade, a Escola de Dados começou a fazer encontros anuais. Tem o Coda, que teve a primeira edição em 2016 (ou 2015, se eu não me engano). Desde então, começou a ter um encontro anual. A gente tem um prêmio de jornalismo de dados. Quando eu voltei, eu saí da Veja, ajudei a fundar a Escola de Dados, tivemos uma experiência não bem-sucedida fundando uma agência de jornalismo de dados. Depois eu passei a coordenar a rede global da Escola de Dados, aí depois eu fui para o Google, para poder trabalhar não só com jornalismo de dados, mas com essa questão do digital e do jornalismo, de forma mais ampla. É isso!

[00:13:27] Entrevistador: Entendi! Você falou uma palavrinha que eu escuto muito nas entrevistas, que é esse papel solitário. Embora a gente já tenha uma comunidade que, inclusive, é bem solidária, se ajuda, tira dúvidas... Eu estou naquele grupo do DDJ, então eu acompanho muito a troca e a cooperação que existe. É uma comunidade claramente cooperativa entre seus pares. Mas nos relatos, quando a gente vai para um contexto individual, a gente vê: “O veículo que eu trabalho não valoriza esse processo. Eu tenho que correr atrás sozinho. Eu tenho que participar de um Coda, eu tenho que fazer um curso, eu tenho que participar da Escola de Dados”. Isso vem, obviamente, de um processo formativo, porque os currículos dos cursos de jornalismo, da maioria desses jornalistas que atuam hoje... eu digo como jornalista, inclusive: a gente não teve essa formação; nós não passamos por uma matéria de estatística. A gente fez uma coisa muito básica. A gente vê hoje uma pequena atualização dos currículos universitários, em busca de colocar ali uma disciplina de jornalismo de dados, mas a gente vê que não é tão voltada para a prática - é mais uma questão discursiva-teórica, né? Eu vejo muito, e aí eu queria ver a sua opinião - essa perspectiva solitária, desse profissional que tem que buscar essas competências, que ele tem que se atualizar, que ele tem que saber o mínimo. O que você acha desse cenário que eu coloco?

[00:15:07] Entrevistado: Eu acho que tem melhorado. Eu acho que é natural um pouco esse distanciamento. A pessoa que tem mais afinidade para trabalhar com isso enxerga importância nisso. Acho que é uma coisa cultural. Acho que tem algumas redações que estão conseguindo atualizar esses processos culturais; outras estão mais distantes. Mas você vê um movimento claro da indústria nessa direção. Hoje, temos um evento, temos uma comunidade, temos coisas que acontecem em volta dessa comunidade. Está muito melhor do que há 11 anos, quando não tinha nada. Não tinha nada! Eu acho que ainda é natural. Como a gente não tem escolas (escolas no sentido de tradições), isso ainda vai levar um tempo, apesar que, se você for comparar com dez anos, hoje não há dúvida, que qualquer história de jornalismo hoje não reconheça a importância de se ter, pelo menos, uma cadeira de jornalismo de dados, quiçá uma especialização ou outros cursos maiores. Isso já é um avanço! A gente não tinha nem essa discussão. É complicado, porque a gente vive em um sistema que eu entendo muito pouco, mas, pelo o que eu entendo, eu entendo que existe uma certa perversidade no sistema brasileiro de atualização de currículo, porque, para a gente fazer atualização de currículo - meu corrija se eu estiver errado -, a gente precisa ter uma formação de massa crítica com doutores no Brasil (com publicações e tal). Para você ter essa massa crítica de doutores, você tem que ter orientadores, especialistas que vão orientar esses doutores. Esse movimento acontece de forma muito lenta. Como a gente não tinha especialistas no Brasil nessa área, esse pessoal precisou estudar fora primeiro, para ocupar posições de decisão nas universidades. Eles começaram a orientar os seus primeiros mestrandos e doutorandos. As pessoas começaram a publicar os seus primeiros artigos. Começou a se formar uma literatura do estado do jornalismo de dados e da discussão de prática no contexto brasileiro. Aí, sim, você passa a usar isso como base de fundamentação para poder sugerir alterações

no currículo para o MEC, que vão entrar em discussões em painéis para, em três, quatro ou cinco anos, isso ter algum impacto no jornalismo de fato. O processo é lento mesmo. Eu acho que esse descolamento do mercado com a universidade é um dos maiores entraves para a gente não ter uma movimentação mais rápida. Eu acho que quem está no mercado está no mercado! A gente não pode ficar esperando a academia se posicionar, até porque a academia também tem esse imperativo de ser um agente distante e crítico em algumas dimensões, para poder criticar com alguma independência e avaliar com independência o que está acontecendo no mercado, apesar que, em outras dimensões, a academia deveria ter uma relação mais próxima. Eu acho que essa dualidade precisa existir de forma saudável, mas eu acho que ela está desequilibrada hoje. A gente não pode ficar parado esperando as coisas acontecerem. A gente tem que se organizar, como comunidade. Vamos nos ajudar, sensibilizar os diretores de redações, mostrando que isso é importante e pode trazer mais assinantes, mostrar que isso tem significado no negócio jornalístico, mostrar que isso vai aumentar a qualidade e que vai criar diferenciais para tornar o nosso papel mais importante e vai criar vantagens competitivas, vai trazer mais prêmios, vai trazer mais visibilidade, vai trazer mais impacto. É responsabilidade nossa também trazer essa visão. Acho que às vezes tem um certo... Não é todo mundo, mas às vezes a gente acaba presumindo... “As pessoas não reconhecem o valor” e ficam esperando esse valor acontecer, como se esse valor tivesse sido dado. Não tem nada dado, não tem nada garantido! A gente tem que provar esse valor e a gente tem que correr atrás. Não me surpreende que esteja surgindo uma série de iniciativas legais, que estão tentando buscar e entregar esses valores. A gente tem uma safra de startups e de novas redações que estão surgindo que trazem os dados - ou a prática com dados - no centro das suas operações. Pega o *JOTA*, por exemplo. O *JOTA* é uma máquina de processamento de dados. Pega o *Poder360*, que tem o *Poder360Data*, que é uma parte importante da operação deles, geradora de receitas. Pega o Núcleo, que acabou de surgir. Pega a Gênero e Número, que é só para trazer a questão de gênero sob a ótica do jornalismo de dados. Pega os trabalhos de investigações profundas que a Pública vem fazendo e que a Amazônia Real vem fazendo. Você tem o Meio. Tem o *Nexo*, que já ganhou prêmio por causa disso. Se a gente for para além disso, a gente tem o *Delta da Folha*, a gente tem a equipe de dados do *GI*, a gente tem o *Estadão Dados* (que está meio apagado, mas a gente tem um trabalho forte). A gente tem uma série de organizações que já estão trazendo isso para frente do seu jornalismo. A *Globo* tem posições de jornalista de dados para tv. Lá hoje está o F. G. A gente tem uma movimentação muito importante e tem uma sinalização do mercado de que essas habilidades são apreciadas. Apesar de existir esse lance do lobo solitário... Eu senti isso em 2011 e a gente ainda sente isso hoje porque o movimento é lento mesmo, mas a gente tem uma comunidade. A gente não está sozinho completamente.

[00:22:09] Entrevistador: Sim, sim! Uma característica que é bem pertinente e interessante no jornalismo de dados é essa interação e participação de vários atores com formação diferentes. O que você acha disso? A gente vai encontrar gente formada em direito, biologia, estatística, computação. O que isso traz para o jornalismo?

[00:22:39] Entrevistado: Na minha visão, o jornalismo tenta lidar com a realidade. Ele vai contar e simplificar a realidade, contar as histórias mais importantes do nosso tempo, servir de almofada entre a sociedade e os governos para evitar essa opressão. Quando a gente fala de uma realidade que é muito complexa, a gente precisa de uma série de atores e agentes que representem essa complexidade. Eu sou completamente contra a ideia de que o jornalismo só pode ser feito por jornalistas que passam pela escola de jornalismo, porque a realidade é muito mais complexa do que isso. Os jornalistas são generalistas e a gente precisa de advogado, a gente precisa de biólogo, a gente precisa de historiador, a gente precisa de psicólogo. O jornalismo é o primeiro rascunho da história, uma representação simplificada da sociedade, mas a gente precisa que a sociedade nos ajude a contar essas histórias, por meio de práticas e uma ética que guie a atitude desses diferentes pontos de vistas e profissionais que estão ali. Eu acho que as habilidades que o jornalista necessita para que haja um bom jornalismo qualquer profissional pode aprender, qualquer profissional, que venha de qualquer lugar. O fato de ele vir de um lugar de autoridade, certificado por uma instituição superior... “Eu tenho um diploma de economia e eu vou fazer uma contribuição para o jornalismo dentro da área econômica”. Isso, para mim, é muito mais valioso do que um jornalista que estudou jornalismo e se especializou em economia depois. Eu acho necessário e fundamental. Quanto mais pluralidade de habilidades dentro do

jornalismo, melhor a gente vai conseguir ser um espelho ou fazer essa tradução da realidade, porque ela é uma realidade complexa; ela não é simples! Por mais que a gente ache e pense que ela é simples, ela não é. Ela é muito complexa! Eu vejo com muito bons olhos, por exemplo, a movimentação de jornais como a *Folha*, que faz questão de ter uma pluralidade de economistas, uma pluralidade de editorias e está tentando se reinventar o tempo inteiro (contrata matemático, contrato contador, contrata médico, contrata biólogo, para poder compor a redação). Se a gente não fizer isso, vai ficar uma coisa muito corporativista e vai ficar limitado. Então, eu vejo com muito bons olhos, sabe?

[00:25:27] Entrevistador: Pensando em transparência, você acha que a gente tem muito caminho pela frente, quando a gente fala em transparência, dados governamentais? Até onde isso impacta nesse jornalismo?

[00:25:43] Entrevistado: Quando você me fala em transparência, eu acho que ela é uma via de muitas mãos. Eu acho que falta transparência, primeiro, no jornalismo. Eu acho que a gente deveria estar fazendo um trabalho muito melhor - não estou dizendo que não acontece, porque acontece - em relação à transparência, às fontes que a gente utiliza, à metodologia que a gente utilizou para fazer aquelas matérias, aos dados que foram utilizados. É necessário fornecer os dados de forma bruta, contar as histórias de bastidor de como a gente chegou a tal conclusão. Usar links, fazer referências, citações. Eu acho que tem muitas redações no mundo que fazem um trabalho muito legal nessa parte, mas a gente ainda está muito longe de dar transparência para o trabalho jornalístico. Pessoas muito mais informadas e espertas do que eu nessa área argumentam que a transparência do jornalismo é a nova credibilidade. É um ambiente em que ele é extremamente rápido e dinâmico, em que todas as pessoas conseguem participar de alguma forma, e que você não tem mais aquela relação de um para muitos, em que o jornalismo não constrói a sua reputação puramente na qualidade do conteúdo que ele está construindo. “Acredite em mim por causa do meu histórico de boas notícias e de notícias bem fundamentadas que eu publiquei”. Essa reputação hoje passa a ser construída também a partir de um lugar de transparência. Foi um estagiário que escreveu essa nota? Quantas mulheres ou quantas pessoas pretas eu tenho na minha redação? Qual é o expediente? A gente tem endereço fixo? A gente tem política de correção? Quais são os nossos princípios editoriais? Quando você me fala em transparência, a primeira coisa que me vem à mente é isso: a transparência do jornalismo, propriamente dito, que eu acho que a gente não está preparado. Tem um pensamento muito protecionista de não contar como a mortadela é feita. Eu acho isso problemático! Por outro lado - uma vez que a gente está chegando ao fim, porque eu tenho uma reunião agora -, eu acho que o Brasil deu passos largos na direção de maior transparência. A gente tem muitas dificuldades ainda e os jornalistas que estão no dia a dia e na trincheira vão poder te falar dessas dificuldades o quanto o governo enrola para fazer a lei de informação valer. A gente já deu passos largos nessa direção, por causa da Lei de Acesso à Informação. O Fernando Rodrigues foi um dos grandes responsáveis por colocar essa lei de pé. Mas também por causa da criação da Controladoria Geral da União, do Portal da Transparência, das sessões de dados e transparência em todas as instâncias públicas que a gente tem hoje. A gente não é perfeito e nunca vai ser e a gente precisa do jornalismo para exercer essa pressão para que essa lei seja aperfeiçoada e melhorada. Mas em 2006 a gente começou com o Portal da Transparência, no governo Lula ainda. A Lei de Acesso à Informação foi promulgada em 2012 (aprovada em 2011). A gente tem muita dificuldade ainda por causa do governo da vez: a gente tem governos mais e menos transparentes. Mas a lei está aí. Eu acho que essa lei só faz sentido e a transparência só faz sentido se a sociedade a utiliza e o primeiro usuário dessa lei é o jornalista. A gente tem que usar e abusar e martelar e fazer ela acontecer, porque a gente está só na primeira década de transparência. Os Estados Unidos têm uma lei parecida desde a década de 70. Eles têm uma tradição de acesso à informação há 50 anos. O principal usuário dessa lei é o governo e o segundo principal usuário dessa lei é o jornalista. Vem acontecendo coisas parecidas no Brasil também: o governo está sendo um dos principais usuários, porque ele faz pedidos de Lei de Acesso à Informação... Sei lá, mas, por exemplo: o governo de Minas pede informação para o governo do Pará ou o Ministério de Economia pede para o Ministério de Ciência e Tecnologia, via Lei de Acesso à Informação. Então, eu acho que a gente tem que continuar exercendo pressão. O trabalho com dados amarra isso tudo, né? Como são importantes a escola e as tradições dentro das redações trazerem essa formação para que a gente tenha mais utilização. Eu acho que talvez eu traga uma perspectiva mais otimista, porque a gente não tinha nada.

Mas quando você vai olhar em relação a outros países também que não têm Lei de Acesso à Informação... A gente tem! A gente tem que usar! Ela não é perfeita, é muito frustrante, demora, mas ela existe e a gente tem que continuar usando e fazendo pressão, para que ela ganhe corpo e seja aperfeiçoada e isso vire costume.

[00:31:09] **Entrevistador:** Está bom! Deu aí o nosso horário?

[00:31:11] **Entrevistado:** Deu! Eu tenho que entrar em uma reunião agora.

[00:31:14] **Entrevistador:** Sem problemas! Foi ótimo. Eu agradeço demais a sua disponibilidade para o nosso bate-papo. Me confirma só a sua idade, por favor.

[00:31:22] **Entrevistado:** Eu tenho 36. Vou fazer 37 em um mês.

[00:31:26] **Entrevistador:** Já te dou os parabéns aí. Eu mandei no seu e-mail um termo de consentimento que o comitê de ética da universidade pede quando a gente faz entrevistas. Eu só preciso da sua assinatura. É só um proforma mesmo para estar na tese. Lá explica direitinho tudo, está bom?

[00:31:43] **Entrevistado:** Está bom! Obrigado, Patrícia. Boa sorte com a sua pesquisa. Depois me fala como foi.

[00:31:47] **Entrevistador:** Tá! Com certeza! Valeu! Um beijo! Tchau!

Entrevistado 21:

[00:00:05] **Entrevistador:** Se você não estiver conseguindo, não tem problema.

[00:00:11] **Entrevistado:** Deixa eu tentar sair e entrar de novo. Espera aí!

[00:00:50] **Entrevistador:** Agora sim!

[00:00:51] **Entrevistado:** É porque eu baixei esse aplicativo esses dias.

[00:00:59] **Entrevistador:** Agora, sim, eu consigo te ver.

[00:01:01] **Entrevistado:** Está vendo?

[00:01:02] **Entrevistador:** Sim!

[00:01:03] **Entrevistado:** Eu baixei esse aplicativo para você fazer apresentações, daí eu acho que ele conectou automaticamente.

[00:01:10] **Entrevistador:** É capaz!

[00:01:13] **Entrevistado:** Eu não sei nem como se mexe nesse negócio.

[00:01:18] **Entrevistador:** Estão aparecendo uns gifs agora.

[00:01:22] **Entrevistado:** Desculpa!

[00:01:23] **Entrevistador:** Sem problemas! Era um gatinho, mas saiu.

[00:01:29] **Entrevistado:** Ai, meu Deus do céu. Espere aí! Eu vou apagar esse aplicativo. Rapidinho! Vamos ver se agora foi. Deixa eu tentar entrar de novo.

[00:01:48] **Entrevistador:** Você está com duas contas. No caso, é o que aparece para mim.

[00:01:53] **Entrevistado:** Sério? Espera aí!

[00:01:55] **Entrevistador:** Agora foi! Agora deu! Está perfeito! Eu coloquei para gravar, tá? O que me interessa é o áudio, mas eu coloquei para gravar a nossa tela. Boa noite, primeiro. Obrigada pelo aceite ao nosso convite, para você agregar na nossa tese.

[00:02:42] **Entrevistado:** Imagina!

[00:02:43] **Entrevistador:** A proposta da tese é que a gente compreenda um pouco e discuta sobre o jornalismo de dados no Brasil, a partir dos atores que estão nessa área, sejam jornalistas ou não (as várias profissões que interagem nesse campo). Algumas pessoas me indicaram o seu nome e eu também acompanho o DDJ e resolvi te lançar o convite. Gratidão, tá?

[00:03:06] **Entrevistado:** Obrigada você. É um prazer poder participar. Tomara que eu possa contribuir um pouquinho.

[00:03:11] **Entrevistador:** Vai, sim! Olha só: a entrevista é aberta, mas a gente tem uma pergunta norteadora, mas ela vai fluindo de acordo com o que você for me contando. Eu sempre começo a entrevista perguntando sobre a carreira, a trajetória. “Eu escolhi Jornalismo por isso”. Aí, você pode me narrar até como você esbarra no jornalismo de dados, até como você chega nessa área.

[00:03:48] **Entrevistado:** É uma história meio longa. Vou tentar dar uma resumida. Quando eu era pequena, eu sempre gostei de escrever e sempre gostei de desenhar. Minha mãe é artista, então ela sempre me influenciou muito a desenhar, pintar. Ela me levava para estúdio de pintura, sabe? Quando chegou na época do vestibular, eu fiquei muito em dúvida entre design, jornalismo e até pensei em artes plásticas. Acabei fazendo jornalismo. Eu trabalhei, em alguns estágios, em assessoria de imprensa, mas não gostei. O meu primeiro emprego como repórter foi na Gazeta do Povo. Eu, na verdade, era repórter de gastronomia. Era bem diferente. Era uma pauta bem mais leve, obviamente. Era bem divertido. Mas chegou um ponto em que já não era tão desafiador escrever sobre tendências gastronômicas ou cobrir eventos locais e tal. Na época, eu estava namorando com uma pessoa que tinha passado para um curso aqui nos Estados Unidos. Essa pessoa falou: “Estou indo! Vou me mudar para lá. Você vai vir junto?”. Eu falei: “Por que não?”. Eu não tinha nada para fazer aqui, daí eu meio que arranjei um curso para fazer em uma escola nada a ver, bem pequenininha. Era um curso de *business* (de negócios). Nunca foi do meu interesse, mas eu queria ocupar o meu tempo aqui. Era em Nova Iorque isso. Comecei a fazer esse curso, mas não gostei muito. Não era muito a minha praia e também não tinha muito a ver com jornalismo. Não era *business* para jornalismo, mas, enquanto eu estava fazendo esse curso, eu comecei a ir em vários eventos de jornalismo, que eram gratuitos, na cidade. Um dia, eu encontrei um evento, que era um *meet-up*. Era uma série de eventos que eles fazem frequentemente e esse *meet-up* era de jornalismo de dados. Eram várias pessoas apresentando os projetos, gráficos, de jornalismo visual, que elas tinham trabalhado, e pessoas de veículos grandes - *The New York Times*, *LA Times*. Inclusive, tinha um brasileiro lá, que era o Gabriel... Agora eu esqueci o sobrenome dele, mas ele é designer no *The New York Times*. Tinha também o Adam Pearce, que era uma celebridadezinha do *The New York Times*. Ele tinha acabado de fazer uma matéria sobre o atentado de Las Vegas, naquele hotel. Tinha uns gráficos que tinham som, daí você conseguia ver a frequência dos tiros. Eu achei muito poderoso. Daí, depois que eu saí desse evento, eu falei: “Nossa! É perfeito! É uma combinação de tudo o que eu gosto e é uma coisa que eu nem sabia que existia antes”. Isso foi em 2017. Eu falei: “É isso o que eu quero fazer”. Aí, eu fui atrás de cursos para aprender a fazer isso, porque, querendo ou não, exige muita técnica e conhecimento de software. Eu até troquei uma ideia com o G. do New York Times. Eu perguntei para ele alguns caminhos para quem está começando. Mas eu achei esse programa na Columbia, que é o mesmo que o M. fez, de jornalismo de dados. Eu comecei a falar com pessoas que tinham feito. Eu resolvi aplicar, acabei passando e foi a melhor coisa que eu fiz. Foi um *twist* na minha carreira. Lá eu aprendi tudo o que eu sei da base do jornalismo de dados e jornalismo visual. Enfim, conheci pessoas muito legais, do mundo todo e que

também estão nessa área. Depois, logo que eu me formei nesse curso, eu consegui um emprego na Reuters, no time gráfico deles, em Nova Iorque. Daí, fiquei trabalhando lá por um ano. Foi muito legal porque eles queriam alguém para cobrir América Latina. Aí, eu acabei me encaixando também nessa subárea, né? Daí, eu me encontrei total, porque era uma coisa que eu gostava de fazer sobre um tópico que eu gostava de cobrir. Eu tive vários problemas com o meu visto, então eu acabei saindo da Reuters e passei um tempo no *The Atlantic*. Eles lançaram o *Covid Tracking Project*, no ano passado. Eu comecei como voluntária, mas, depois de alguns meses, eles começaram a pagar o pessoal da equipe. Lá também eu trabalhei com a equipe de visualização de dados e elaborando toda a marca e a identidade visual para o projeto. Em janeiro deste ano, eu entrei no Washington Post, como repórter gráfica. Lá, eu estou na edição de vídeos... É por temas, dentro do time gráfico. Eu estou na editoria de notícias internacionais, dentro do time gráfico. Lá eu também sou responsável por cobrir América Latina, Canadá, Rússia e Caribe. Eu estou lá há alguns meses - é bem recente ainda, mas está sendo muito incrível. É um time bem maior do que eu trabalhei com a Reuters, por exemplo. Tem uma pessoa para tudo. É muito legal! Eu estou curtindo bastante. Essa é a história resumida. Não sei se era isso. Se tiver alguma dúvida, pode perguntar.

[00:11:22] Entrevistador: Era isso! Dentro da sua fala, você falou uma frase que é bem interessante e pertinente quando a gente pesquisa jornalismo de dados, que são essas novas competências. “Na minha formação, eu não passei por uma matéria de estatística ou de programação, mas eu me descobri, fui parar no jornalismo de dados e tenho que buscar um pouco”. Como foi o seu processo? Você buscou quais cursos? Quais foram as novas competências que você adquiriu para essa jornada?

[00:11:56] Entrevistado: No começo foi muito frustrante - confesso. Tinha dias que eu confesso que eu queria chorar de tão frustrante que era, porque realmente era uma coisa que eu nunca tinha visto, na minha vida, na faculdade (eu não tinha uma matéria de HTML). Então, era tudo totalmente novo. Também tem uma questão que é inerente à programação, que é você falha muitas vezes - até quando você tem muita experiência em programação. Para você conseguir fazer alguma coisa certa, tem muitos erros antes. Eu acho que demorou um pouco para eu entender isso, mas depois disso se tornou parte do processo. Depois, eu senti que as minhas vitórias eram muito mais comemoradas. Era muito mais legal quando eu conseguia fazer alguma coisa porque eu tinha sofrido para conseguir, sabe? Com relação a cursos, eu fiz o IT, que é o programa da Columbia, que é o mesmo que o Rodrigo fez. Agora, eu acho que ele não existe mais. Ano passado foi o último ano. Foi um programa muito legal. Era um programa muito intensivo. A gente aprendeu sobre a fundação da análise de dados e do jornalismo de dados, no primeiro semestre (a fazer gráficos estáticos e tal); no segundo semestre, a gente focou em interatividade, *javascript* e tal. Ele tinha esse foco de programação para jornalistas - o que eu achei legal. Partia do pressuposto de que você nunca tinha visto aquilo na vida antes. Isso foi ótimo! Ainda foi bem difícil, mas foi bem mais didático do que um curso online, por exemplo, de ciência de dados. Com esses, até hoje eu tenho dificuldade, para ser bem sincera. Eu: “Vou aprender”. Aí, eu começo a ver os cursos e vejo que eles são feitos para cientistas de dados mesmo. Então, eu acho que essa parte didática ajudou muito.

[00:14:36] Entrevistador: Eu entrevistei alguns jornalistas e sempre que a gente fala de jornalismo de dados no Brasil, eles falam do cenário do Brasil. É notório que, dentro desse parâmetro de América Latina e América do Sul, o Brasil tem um destaque nesse desenvolvimento de jornalismo de dados. Todo mundo diz uma frase: “A gente está longe dos Estados Unidos... O que é feito lá é outra coisa, é outro parâmetro. A transparência já existe há muito tempo”. De uma jornalista que está nesse lugar que todo mundo diz que a gente está muito distante ainda, você consegue fazer essa linha e esse parâmetro do que é feito aí e o que é feito no Brasil? Como é o jornalismo de dados do Brasil? Você consegue enxergar e você acompanha esse processo?

[00:15:37] Entrevistado: Com certeza! Eu não posso falar muito sobre o processo interno do Brasil, porque eu nunca trabalhei com jornalismo de dados aí. Mas acompanhando de fora - eu acompanho bastante os veículos maiores do Brasil, eu vejo que tem crescido muito nos últimos anos. Tem todo um investimento em tornar as notícias mais visuais e investir em análise de dados, principalmente *GI*, *Folha*, *O Globo*, o *Nexo* - que é um veículo relativamente novo. Eles lançaram alguns anos antes de eu

começar e foi uma referência muito legal para mim. Eu vi que era uma coisa que estava nascendo naquela época. Achei muito legal ter esse investimento. Eles estão firmes e fortes, ganhando prêmios a torto e a direito. Mas, em comparação com os Estados Unidos, eu diria que talvez exista um investimento maior da parte dos jornais nessas áreas. Eu acho que talvez aqui as pessoas já tenham... Ainda existe uma resistência muito grande a visuais, eu diria, especialmente em redações mais antigas, mais tradicionais. Por exemplo, no *The Post*, eu vejo que alguns repórteres mais antigos acham que gráfico é uma editoria de serviços. “A gente precisa fazer um mapa (*locator*). Pede para o gráfico”. Eu acho que muita gente ainda não entende a dimensão e o potencial das histórias visuais, mas, ao mesmo tempo, eu acho que essa compreensão é muito maior aqui nos Estados Unidos atualmente do que no Brasil. Isso gera um certo ciclo: você percebe o potencial que essas matérias têm; você investe mais nelas; você tem profissionais mais qualificados procurando os seus veículos; isso também dá mais visibilidade. Também tem a questão da verba, que aqui os veículos talvez tenham mais verba para investir nesse ramo, que é relativamente novo. No Brasil talvez exista uma certa resistência, no sentido de não querer arriscar, porque se não der certo, o investimento é perdido. Mas eu vejo o Brasil como um mercado que tem um potencial muito grande para crescer nessa área, ainda mais quando eu vejo iniciativas vindo de individuais ou de indivíduos por si só, tipo o Brasil.IO, que traz essa questão do *open source* e tal. Eu tenho visto isso cada vez mais no Brasil. Eu acho que isso é um ótimo sinal.

[00:19:30] Entrevistador: Você falou duas palavrinhas, que conseguem definir muito bem: editoria de serviço. Eu juro para ti que eu ficava tentando encontrar um nome, porque é um relato de todos os entrevistados. “O pessoal da redação acha que com a gente é assim: eu preciso disso daqui, então faz aí para mim” ou “Eu preciso de um gráfico” ou “Eu preciso de um infográfico” ou “Eu preciso fazer uma quantificação de dados”. Eu acho que “editoria de serviço” é mais ou menos esse processo mesmo que as redações ainda enfrentam, com esse preconceito, de não saber bem onde o jornalismo de dados se situa nesse processo. As redações avançam ainda para isso, né?

[00:20:21] Entrevistado: Com certeza! Eu diria também que a maioria das pessoas pensam que jornalismo de dados e jornalismo visual é um componente adicional para as matérias, como se fosse um extra, quando, na verdade, é uma coisa que pode se sustentar por si só. Você vê matérias completamente visuais e com análise de dados incríveis. Eu acho que vai muito além de escrever ao redor dos gráficos ou incluir alguns gráficos só porque quer incluir um visual. Eu acho que tem muito mais potencial do que isso.

[00:21:08] Entrevistador: Quando a gente pensa em carreira, como você projeta a sua carreira? Você vai continuar no jornalismo de dados? Você vai continuar com o que você está fazendo? Você se sente realizada nesse processo? Você pensa em vir para o Brasil para trabalhar no mesmo segmento? Como é, para você, a carreira, em termos de projeção?

[00:21:33] Entrevistado: Então, eu estou bem feliz aqui, por enquanto. Eu estou gostando bastante! É uma experiência muito legal estar em um jornal maior. Eu sempre tive curiosidade. Na Reuters foi parecido, mas era um pouco diferente, porque era uma agência de notícias, então a gente trabalhava para outros clientes basicamente. Eu estou curtindo bastante. Uma das coisas que eu gosto muito no meu trabalho é a chance de poder dar voz para comunidades que não têm tanta voz. Eu sei que eu estou em uma posição privilegiada de ter muita visibilidade, em um dos maiores jornais do mundo, então eu acho que eu tenho uma responsabilidade para falar por pessoas que não têm esse reconhecimento e essa voz na mídia. Isso é uma coisa que eu tento incorporar. Uma das coisas que me traz mais gratidão e o sentimento de realização é cobrir o Brasil. Eu sinto uma responsabilidade. É como se fosse retribuir. Querendo ou não, eu vim do Brasil, eu me formei lá em jornalismo. Tem tantas coisas que precisam ser ditas sobre o Brasil e tem tantas pessoas no Brasil dizendo essas coisas, mas não ganha a mesma visibilidade. Eu estou tentando fazer isso no meu trabalho: escrever sobre comunidades quilombolas, indígenas e localidades que estão sendo muito afetadas pela pandemia. Eu quero continuar fazendo isso por algum tempo. Não sei se eu vou voltar para o Brasil algum dia. Talvez volte como correspondente ou algo assim. Agora também, com a pandemia, trabalhando remotamente, fica mais fácil. Eu acho que, depois disso, vai se tornar mais normal. Eu não sei, mas, por enquanto, eu estou bem realizada aqui.

[00:24:07] **Entrevistador:** Em relação a autodeclaração, você se declara e você diz: “Eu sou jornalista de dados”?

[00:24:16] **Entrevistado:** Eu me defino como jornalista visual, porque, na escala de jornalismo visual e jornalismo de dados, eu estou mais para o lado do visual. Mas, ao mesmo tempo, lido muito com dados - o tempo todo. Eu não diria que eu sou a pessoa na minha equipe que é procurada quando precisam montar uma base de dados enorme ou trabalhar com SQL ou para fazer uma análise de dados muito complexas. Eu não sou essa pessoa. Mas eu faço análise de dados diariamente, mas é mais focada na parte gráfica, até porque no Washington Post tem uma equipe de dados. Eles são responsáveis por essa parte mais complexa.

[00:25:16] **Entrevistador:** Entendi! Bom, eu acho que eu tenho aqui todo o material que eu precisava. Se eu não falei alguma coisa que você acha que é importante ponderar ou pontuar, fique à vontade. Eu acho que é importante. Uma coisa que é importante e que eu lembrei agora: possivelmente, você deve trabalhar dentro desse contexto de equipes que são multidisciplinares, então você vai ter jornalista, você vai ter designer (aqui no Brasil a gente tem biólogo, advogado), uma série de profissionais que atuam nesse campo. Como você enxerga essas interações? É importante para o jornalismo de dados? Qual é a sua opinião?

[00:26:14] **Entrevistado:** Nossa! Eu acho que é muito importante. Isso é uma coisa que eu vejo muito por aqui. Na verdade, a maioria das pessoas da minha equipe, por exemplo, não tem um *background* em jornalismo - ou são cientistas de dados ou têm *background* em matemática ou são cartógrafos. Eu acho que isso é muito importante porque uma pessoa não consegue aprender todas as coisas. Jornalismo envolve muitos temas diferentes, mas também muitas técnicas. Agora, mais do que nunca! Então, eu acho que é muito legal você ter especialistas que possam contribuir com coisas específicas (mapas, programação, *machine learning*). Eu acho que isso é muito importante, com certeza.

[00:27:13] **Entrevistador:** Você só me confirma a sua idade.

[00:27:16] **Entrevistado:** É 25. Vou fazer 26 na semana que vem. É capaz que vai ser publicada depois.

[00:27:23] **Entrevistador:** É, vai ser publicada depois. Parabéns já!

[00:27:25] **Entrevistado:** Obrigada!

[00:27:27] **Entrevistador:** Nossa pesquisa tem um termo de consentimento, que é um processo natural das universidades e dos comitês de ética, quando a gente trabalha com seres humanos. Eu vou te mandar via e-mail. Se você puder assinar... Quando a tese for defendida e estiver pronta, eu te envio, para você dar uma lida.

[00:27:50] **Entrevistado:** Ótimo! Eu vou adorar! Obrigada!

[00:27:53] **Entrevistador:** Obrigada pela contribuição.

[00:27:54] **Entrevistado:** Muito obrigada e boa sorte com a tese. Vamos nos falando.

[00:27:59] **Entrevistador:** Obrigada! Eu vou te mandar agora por e-mail, está bom?

[00:28:01] **Entrevistado:** Beleza! Obrigadão!

[00:28:03] **Entrevistador:** Obrigada você. Tchau, tchau!

[00:28:05] **Entrevistado:** Até mais!